

EDITORIAL

A ESPERA DAS ESPERAS

José Miranda Rocha, D. Min.

Editor-associado da revista *Kerygma*

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho, SP

jose.rocha@unasp.edu.br

Em um de seus memoráveis sermões, o pastor Enoch de Oliveira, ex-presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia para a América do Sul, lembrava a letra de uma música popular que contava a história de “Pedro Pedreiro”, um homem que tinha a vida marcada por esperas. “Ele espera o sol, espera o dia, espera o trem, o aumento do salário para o mês que vem. A mulher de Pedro Pedreiro espera um filho, para ele esperar também. Pedro Pedreiro espera a sorte, espera o dia de voltar para o norte. Pedro Pedreiro espera a morte”. Mas, concluía o pastor Enoch, “na vida de Pedro Pedreiro não há espaço para a espera das esperas”, querendo com estas palavras referir-se à espera da segunda vinda de Cristo.

Genuínos cristãos de todos os níveis culturais, enquanto aguardam o retorno de Cristo, estão a indagar a causa da demora. Alguns eruditos procuram a explicação através de uma atitude revisionista das declarações de Cristo e dos apóstolos. Outros apostam que a causa da demora poderia achar-se em novas chaves exegéticas que expliquem o texto bíblico. Dentre as tentativas mais conhecidas de explicar a demora do retorno do Senhor, pode-se destacar aquela que estabelece relação com o atraso na missão de proclamar o anúncio da segunda vinda. Cristo não teria voltado por culpa dos cristãos e da Igreja que não cumpriram a tarefa da pregação do evangelho. Não se deve esquecer também a visão de alguns perfeccionistas extremados que colocam toda a responsabilidade do atraso da *parousia* na imperfeição da Igreja em refletir o caráter de Cristo.

O cristão e a Igreja vivem de certezas e esta é a maior de todas: “Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir” (At 1:11). Toda pesquisa teológica, bíblica ou aplicada visa deixar essa convicção muito clara na mente dos seus leitores. A *Kerygma* não tem outro objetivo mais excelente, senão este. A “espera das esperas” não decepciona os seguidores de Cristo. Pelo contrário, abre oportunidades para estudos aprofundados sobre os desígnios do Senhor ao amar de tal maneira o pecador, a ponto de arriscar-se a ser mal interpretado.

Por isso, essa edição de *Kerygma* traz reflexões sobre vários temas de relevância para aqueles que aguardam o Senhor. Aos interessados em ética educacional, o professor Adolfo Suárez escreve com o objetivo de destacar a questão dos valores em sala de aula. O tema é relevante para educadores em geral, bem como para pais e alunos. Para ambos os segmentos envolvidos na tarefa educacional, “a questão dos valores em sala de aula” é um tópico de significado pertinente e relevante. Dentro da mesma temática, o professor Renato Stencil apresenta um estudo biográfico sobre Frederick Griggs, um dos pioneiros da educação adventista. O leitor perceberá a convergência, ainda que não planejada, entre os dois artigos, e certamente concluirá que os valores em sala de aula, em discussão no texto de Suárez, foram uma experiência verificada na vida de Griggs.

Deve o cristão, particularmente o cristão adventista, isolar-se do processo político cujo debate invade lares, instituições religiosas e espaços educacionais? Responder a esta questão no ambiente dos adventistas do sétimo dia é uma necessidade urgente. Através do artigo “A responsabilidade do adventista e da IASD no contexto político” o tema é tratado de forma equilibrada, com o objetivo de esclarecer até que ponto é recomendável a participação política do membro, quer como eleitor ou candidato, sem ferir o compromisso desse com Cristo.



Nesta edição, o leitor ainda terá a oportunidade de refletir sobre “O Gênesis nos documentos mesopotâmicos” em artigo escrito pelo Dr. Rúben Aguilar. Embora o tema não seja inusitado àqueles que se interessam por essa área do conhecimento, certamente será uma contribuição excelente para ampliação cultural e consolidação teológica sobre a tese criacionista, fundamentada nas Escrituras Sagradas.

Na seção de teses, *Kerygma* oferece dois textos relevantes. O primeiro, trata da moralidade sexual para adventistas solteiros, dissertação de doutorado em teologia pastoral defendida pelo pastor Natanael Bernardo Pereira Moraes, em maio de 2000. O segundo, é um estudo na área bíblico-exegética que procura analisar o significado de *sêmeron* em Lucas 23:43. Com a apresentação deste trabalho em defesa pública na Pontifícia Faculdade Nossa Senhora de Assunção, o professor Rodrigo Silva doutorou-se no ano de 2001.

Já no espaço destinado à produção dos alunos do nosso seminário, essa edição traz uma seleção de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) e monografias apresentados nos últimos anos. Esse material se mostra interessante como subsídio para pesquisas em áreas do conhecimento bíblico-teológico e da teologia aplicada. Os temas publicados nesse número contribuem para que o leitor perceba, desde o comportamento da imprensa escrita em relação ao fenômeno religioso, conforme monografia de Wendel Lima, até à reflexão do significado da expressão “espíritos em prisão” de 1 Pedro 3:19, texto do TCC de Alex da Silva e Alexandre Catalano.

Quanto a ao retorno de Cristo, o certo é que, se quase desfalecemos de tanto esperar pelo retorno do Senhor, Ele espera de modo longânimo a todos, tanto os que professam fé em Sua promessa, como os que ainda a desconhecem. Assim “a espera das esperas” é mais Dele do que nossa, pois assim o faz “não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento”. (2 Pedro 3:9).

O corpo editorial deseja a todos uma boa leitura.

ARTIGOS

A QUESTÃO DOS VALORES EM SALA DE AULA

Ms. Adolfo Semo Suárez

Professor de Psicologia e Metodologia do Ensino Religioso do curso de Teologia do Unasp
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho
adolfo.suarez@unasp.edu.br

RESUMO: Este trabalho discute brevemente os valores na sala de aula da Educação Básica, fundamentado numa prática pedagógica cristã.

Palavras-chave: valores, educação cristã, sala de aula.

The issue of values in the classroom

ABSTRACT: This work shortly discusses the issue of values in a classroom of Elementary Education, based on a Christian pedagogical practice.

KEYWORDS: values, christian education, classroom.

INTRODUÇÃO

É cada vez mais freqüente o conceito de educação integral ou *Educação Holística* (Yus, 2002, p. 16). A Educação Integral ou Holística considera

todas as facetas da experiência humana, não só o intelecto racional e as responsabilidades de vocação e cidadania, mas também os aspectos físicos, emocionais, sociais, estéticos, criativos e espirituais inatos da natureza do ser humano (Ibidem).

Ainda no entender de Yus, a educação integral possui oito características fundamentais: Considera a globalidade da pessoa, desenvolve a espiritualidade, promove as inter-relações, busca o equilíbrio, facilita a cooperação, pretende alcançar a inclusão, busca a experiência e deseja atingir a contextualização (2002, p. 21-25).

No entender de WHITE, “a verdadeira educação significa mais que um curso de estudo” e “inclui o desenvolvimento harmônico de todas as aptidões físicas e das faculdades mentais” (2000, p. 64).

Portanto, entendemos que educar não é apenas transmitir informação, desenvolvendo meramente a capacidade intelectual do indivíduo. O processo educacional é completo quando o estudante aprende a aprender, aprende a fazer, aprende a viver junto e aprende a ser (ASMANN e JUNG, 2000, p. 211).

Como educador, tenho notado que muitas escolas, pressionadas pelo concorrido vestibular, têm trabalhado pouco o *aprender a ser*, talvez porque isso não é “cobrado” no vestibular, ou porque a maioria dos professores tem pouca habilidade para tratar desse quarto pilar da educação, preferindo apenas desempenhar o papel técnico de professores “conteudistas”.

Motivado por esse desafio, quero discutir brevemente neste ensaio a questão do ser, mais especificamente os valores em sala de aula. Creio que é um assunto oportuno porque no momento histórico em que vivemos, a Escola não pode se dar ao luxo de apenas transmitir informações. A Escola Cidadã da qual hoje tanto se fala, precisa formar cidadãos conscientes, ativos, que ajam fundamentados em valores.

Esta é uma pesquisa bibliográfica e se compõe de três partes. A primeira parte ocupa-se com definições, modelos e classificação de valores. Depois faço uma rápida revisão da



sugestão de alguns autores a respeito de quais valores devem ser ensinados. Finalmente, discorro sobre a transmissão de valores.

1. DEFINIÇÕES, MODELOS E CLASSIFICAÇÃO DE VALORES.

1.1. DEFINIÇÕES

Valores são qualidades ou aspectos que ocupam a parte central da personalidade humana. Os valores são determinantes do comportamento do ser humano, tanto de sua conduta pública quanto de sua conduta particular (BUXARRAIS, 1997, p. 82). Ou seja, valores são qualidades abstratas em seu enunciado (*verdade*, por exemplo), independentes do sujeito (a verdade última está fora do ser humano, em Deus) e de caráter absoluto (existe verdade suprema, absoluta).

Quintana Cabanas (*apud* MARQUES) apresenta a seguinte definição:

Um valor é a qualidade abstrata e secundária de um objeto, estado ou situação que, ao satisfazer uma necessidade de um sujeito, suscita nele interesse ou aversão por essa qualidade. O valor radica no objeto, mas sem o interesse de um sujeito o objeto deixaria de ter valor. Os valores ideais são idéias consistentes e objetivas do mundo racional humano (2001, p. 44).

No que diz respeito à educação em valores, parafraseando Maria Rosa BUXARRAIS, pode-se afirmar que

numa sociedade democrática como a nossa, educar em valores significa encontrar espaços para a reflexão individual e coletiva, a fim de que o aluno seja capaz de elaborar de forma racional e autônoma os princípios de valor, os quais lhe permitirão enfrentar criticamente a sociedade. Além do mais, a educação que promove valores aproxima os estudantes a condutas e hábitos coerentes com os princípios e normas que eles próprios tornaram seus, de maneira que as relações com o seu semelhante estejam orientadas por valores como a justiça, a solidariedade, o respeito e a cooperação.

Educar em valores consiste em criar as condições necessárias para que cada estudante descubra e faça sua livre escolha entre aqueles modelos que o conduzam à felicidade (1997, p. 79).

1.2. MODELOS DE VALORES EM SALA DE AULA

Há três modelos possíveis que a educação pode adotar nesta temática dos valores: Valores absolutos, valores relativos e construção racional e autônoma de valores (BUXARRAIS, 1997, p. 84 a 86).

1.2.1. VALORES ABSOLUTOS

Este modelo se baseia numa visão de mundo que conta com um conjunto de valores e normas de caráter indiscutível e imutável. Os valores são colocados por uma autoridade e têm como objetivo regular todos os aspectos da vida pessoal e social dos indivíduos. Neste modelo, parte-se do princípio de que a pessoa se aperfeiçoa à medida que se aproxima da idéia ou imagem representada por um padrão previamente estabelecido. A transmissão de valores absolutos se faz através dos meios mais adequados a cada situação: instrução, convencimento, catequização ou imposição.

O risco de assumir um modelo de valores absolutos é o uso da coerção, da força, para conseguir com que todos os estudantes cumpram com o que foi estabelecido a fim de que os valores adotados pela Escola sejam obedecidos.

1.2.2. VALORES RELATIVOS

Neste modelo se entende que a adoção de valores é uma questão de preferência e está baseada em critérios puramente subjetivos, como: "pratico a verdade porque gosto da verdade"; "pratico a honestidade porque ela me faz bem"; "não minto porque acho feio mentir". Os valores ou normas relativos tornam impossível dizer que esta ou aquela prática é melhor,



porque esse “melhor” depende, é relativo: depende da circunstância pessoal, depende da preferência do momento, depende das oportunidades, etc.

A adoção de valores relativos dificulta a educação moral, porque se tudo é relativo, o que ensinar? O único que se ensinaria e aprenderia seria a habilidade de escolher, de tomar decisões; a Escola ensinaria a cada pessoa a escolher o que lhe convém no momento, pois a decisão será sempre individual, independente do que os outros possam pensar.

1.2.3. CONSTRUÇÃO RACIONAL E AUTÔNOMA DE VALORES

Baseado nas idéias de Lawrence Kohlberg e Jean Piaget, este modelo defende o trabalho da dimensão moral da pessoa, assim como o desenvolvimento de sua autonomia, sua racionalidade e o uso do diálogo como forma de construir princípios e normas. Trata-se da construção de princípios cognitivos e de conduta, os quais possam orientar os estudantes diante das diversas situações em que estão envolvidos os valores.

Teoricamente, este modelo repudia toda postura autoritária e heterônoma que determina o que é bom e o que é mau (valores absolutos). Também não aceita a postura que afirma serem os critérios subjetivos e estritamente pessoais os que definem a escolha dos valores (valores relativos).

Para operacionalizar este modelo, deve-se oferecer a cada estudante os conhecimentos, procedimentos e atitudes que tornem possível a construção de critérios morais próprios, derivados da razão e do diálogo. Defende-se uma educação moral que leve em conta as conseqüências universais de determinados comportamentos; defende-se a valorização do bem e das virtudes públicas, especialmente a justiça, que atribui direitos de igualdade e liberdade para todos. Por isso, a construção racional e autônoma de valores preocupa-se em orientar os valores pessoais e coletivos, com a finalidade de encontrar valores comuns.

1.3. CLASSIFICAÇÃO DE VALORES

Max Scheler, filósofo alemão (*apud* SILVA, 1995, p. 59), classificou os valores da seguinte maneira, numa escala ascendente:

- (a) **Valores úteis:** adequados, inadequados, convenientes, inconvenientes, etc.
- (b) **Valores vitais:** forte e fraco, decadente, criativo, etc.
- (c) **Valores lógicos:** verdade, falsidade, demonstração, etc.
- (d) **Valores estéticos:** belo, sublime, gracioso, feio, etc.
- (e) **Valores éticos:** justo, injusto, misericordioso, etc.
- (f) **Valores religiosos:** sagrado, profano, etc.

De acordo com PATRÍCIO (1991), os valores podem ser classificados em:

(a) **Valores práticos.** Referem-se aos valores úteis, utilitários, que proporcionam rentabilidade, que sejam proveitosos: fazer, fabricar, construir, produzir, criar.

(b) **Valores hedônicos.** Como Hedon era o deus grego do prazer, esta designação é dada aos valores que se relacionam com o prazer/desprazer (agradável/desagradável, satisfação/insatisfação, saúde/doença, prazer/dor, alívio/sufrimento, etc.). Para Patrício há dois tipos de prazeres: *Prazeres do corpo* (essencialmente prazeres dos sentidos): visuais, auditivos, gustativos, olfativos, cenestésicos (prazeres orgânicos gerais), cinestésicos (movimento), da mesa, do sexo e decorrentes dos tóxicos; e *prazeres espirituais*: estéticos (desfrutar do belo), lógicos (desfrutar da verdade), éticos (desfrutar do bem) e religiosos (desfrutar do santificado).

(c) **Valores lógicos.** São os valores da verdade, sendo o raciocínio lógico o mecanismo pelo qual se procura a verdade. A verdade é a qualidade daquilo que é autêntico, real, exato (verdade/mentira, autêntico/falso, real/ilusório, leal/desleal, exato/inexato, boa-fé/má-fé, etc.).

(d) **Valores estéticos.** Tem a ver com o belo (belo/feio, estético/inestético).

(e) **Valores éticos.** São os valores de natureza social: Leis e regras, consciência, autoridade, direitos civis, contrato, confiança e justiça, nas trocas, punição, o valor da vida, valores e direitos de propriedade, verdade, justiça, propriedade, relações pessoais, etc.

(f) **Valores religiosos.** Fé/descrença, divino/humano, sagrado/profano.



1.4. CONCLUSÃO PARCIAL

Nesta parte vimos que os valores são qualidades abstratas determinantes do comportamento do ser humano, tanto de sua conduta pública quanto de sua conduta particular. Também vimos que há três modelos possíveis que a educação pode adotar nesta temática dos valores: Valores absolutos, valores relativos e construção racional e autônoma de valores. Comentamos ainda que os valores podem ser classificados em valores úteis, vitais, lógicos, hedônicos, estéticos, éticos e religiosos.

A continuação, vamos focalizar nossa atenção em alguns valores que determinados educadores propõem como fundamentais para serem ensinados.

2. VALORES QUE DEVEM SER ENSINADOS

2.1. ALGUMAS PROPOSTAS DE CUNHO NÃO CRISTÃO

Se ensinar valores é importante, devemos descobrir quais valores devem ser ensinados. Em seu livro *Os Dez Mandamentos da Ética*, Gabriel CHALITA (2003a), atual Secretário de Estado da Educação de São Paulo, apresenta dez valores úteis para serem ensinados ou discutidos com as crianças, com as pessoas em geral. Esses valores, que CHALITA chama de mandamentos, são os seguintes:

(a) **O bem.** A finalidade ou busca de toda atividade humana é (ou deveria ser) fazer o bem.

(b) **A moderação.** A moderação é o modelo, guia para uma boa conduta ética. Moderação é o equilíbrio adequado entre razão e emoção, conhecimento e esperança.

(c) **A boa escolha.** Escolher bem é importante, porque as escolhas revelam o nosso caráter.

(d) **As virtudes.** Virtudes como contentamento (não ser escravo do dinheiro), equilíbrio entre pretensão e ambição; bom senso, sensibilidade, veracidade, bom humor e recato (sentimento de ter vergonha daquilo que é errado).

(e) **A justiça.** A justiça é a excelência no viver público e privado.

(f) **A razão.** Devemos aprender a ter um intelecto preciso e aguçado. Devemos amar a ciência, o conhecimento, a técnica. Acima de tudo, devemos equilibrar a inteligência com a sabedoria.

(g) **A emoção.** Devemos conhecer e procurar entender as forças interiores que agem em nós, pois elas determinam grandemente nosso sucesso pessoal e profissional.

(h) **A amizade.** Ser amigo é uma qualidade de valor inestimável. A amizade deve ser motivada pela excelência moral, e não apenas porque ela nos proporcionará coisas úteis ou prazeres.

(i) **O amor.** Devemos cultivar o bom convívio, o companheirismo, o amor próprio (sem cair no narcisismo) e o amor pelos outros.

(j) **A felicidade.** A verdadeira felicidade está fundamentada no bem. Nunca seremos felizes fazendo o mal ao nosso semelhante. A felicidade é o prazer de estar bem com tudo e todos.

O próprio Gabriel CHALITA sugere a discussão de outros valores em seu livro *Pedagogia do Amor* (2003b). Resgatando clássicos da literatura universal, CHALITA diz que essas histórias universais podem contribuir para a formação de valores das novas gerações. A lista é a seguinte: amor, amizade, idealismo, coragem, esperança, trabalho, humildade, sabedoria, respeito e solidariedade.

Outra lista interessante é oferecida por Victoria CAMPOS (2003), professora de Filosofia Moral na Universidade Autônoma de Barcelona, na Espanha. Ela apresenta os seguintes valores e temas daquilo que pais e professores devem ensinar às crianças da atualidade, considerando que os costumes, as idéias e os conteúdos da educação mudaram e precisam mudar, adaptando-se às novas realidades: Felicidade, bom humor, caráter, responsabilidade, dor, auto-estima, bons sentimentos, bom gosto, valentia, generosidade, amabilidade, respeito, gratidão, trabalho, mente crítica diante da TV, liberdade e obediência.

Ramiro MARQUES (2001), educador português, sugere a seguinte lista dentro da temática de valores: felicidade, virtude, tolerância, respeito, continência e temperança, coragem, generosidade e magnificência, gentileza e magnanimidade, bem-querença e



harmonia, polidez, auto-domínio, prudência, inteligência e conhecimento científico, compreensão e sabedoria e emoções.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) volume 8 (2003), referente às quatro primeiras séries da Educação Fundamental, quando se fala de ética, o Ministério de Educação e Cultura lista quatro valores importantíssimos a serem ensinados e transmitidos em sala de aula: respeito mútuo, justiça, diálogo e solidariedade.

Nilson José MACHADO (2000) afirma que seis itens devem constar em todo projeto que pretenda falar sobre valores, e eles são: cidadania, profissionalismo, tolerância, integridade, equilíbrio e personalidade.

2.2. ALGUMAS PROPOSTAS DE CUNHO CRISTÃO

Tendo como base pressupostos bíblico-cristãos, Paul LEWIS (2001) sugere o ensino-aprendizado de 14 valores: honestidade, criticidade diante da TV, sexualidade, direito, família, dar valor às coisas, conhecer suas raízes, respeitar a privacidade, coragem, apreciar obras de arte, hábitos saudáveis, gostar de ler, união familiar e perspectiva de eternidade.

Num documento intitulado *Currículo Para a Matéria de Ensino Religioso Para as Escolas Adventistas de 2º Grau*, publicado pelo Instituto Adventista Para o Ensino Cristão, do Departamento de Educação da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, nas páginas 9 e 10, se sugerem mais de uma centena de valores como os mais importantes no ensino da Bíblia e na Educação Cristã em geral. Esses valores foram escritos no contexto do Ensino Médio da Educação Básica, mas eu creio que se aplicam à Educação Básica como um todo:

| | | | |
|--------------------------------------|----------------------------|----------------------------|--------------------------------------|
| Aceitação | Descanso | Independência (ação) | Perdão |
| Adaptabilidade | Determinação | Independência (eleição) | Perfeição |
| Adoração | Devoção | Independência (pensamento) | Previsão |
| Administração | Devoção ao lar e à família | Individualidade | Propósito |
| Afeto | Dignidade | Influência | Pontualidade |
| Afirmção | Dignidade na escola | Ingenuidade | Pureza |
| Agradecimento | Diligência | Iniciativa | Racionalidade |
| Altruísmo | Direção | Inocência | Realização própria |
| Amizade | Disposição a atuar | Integridade | Recreação |
| Amor | Eficiência | Integridade moral | Retidão |
| Ânimo | Empatia | Interdependência | Religião |
| Abertura | Entusiasmo | Interesse | Respeito |
| Apreciação | Esperança | Justiça | Respeito próprio |
| Arrependimento | Espiritualidade | Laboriosidade | Responsabilidade |
| Autocontrole | Espontaneidade | Lealdade | Responsabilidade por decisões morais |
| Auto-estima | Estabilidade | Liberalidade | Reverência |
| Auto-motivação para desenvolver a fé | Estilo de vida | Liberdade | Saúde |
| Autonomia | Família | Louvor | Santidade |
| Benevolência | Fé | Mansidão | Segurança |



| | | | |
|--|------------------------------|------------------|-----------------------|
| Bondade | Fé em Deus | Matrimonia | Sensibilidade |
| Caridade | Fidelidade | Mordomia | Sensibilidade ética |
| Carinho | Flexibilidade no juízo moral | Meditação | Sentido de comunidade |
| Cuidado | Formalidade | Mente aberta | Serviço |
| Compartilhar | Franqueza | Misericórdia | Simpatia |
| Compaixão | Generosidade | Missão | Sobriedade |
| Compreensão da verdade última | Gentileza | Modéstia | Solenidade |
| Consciência da herança | Genuinidade | Nobreza | Sufrimento |
| Consciência dos assuntos morais e religiosos | Gratidão | Obediência à lei | Tato |
| Confiabilidade | Gozo | Otimismo | Temperança |
| Confiança em Deus | Honestidade | Ordem | Ternura |
| Confiança própria | Honradez | Organização | Tolerância |
| Consideração | Hospitalidade | Paciência | Tranqüilidade |
| Contentamento | Humanidade | Participação | Humanidade |
| Cooperação | Humildade | Paternidade | Valorização pessoal |
| Cortesia | Humor | Patriotismo | Veracidade |
| Crescimento pessoal | Igualdade | Paz | Virtude |
| Cumprimento dos deveres | Imparcialidade | Percepção | Visão positiva |

2.3. CONCLUSÃO PARCIAL

Nesta segunda parte vimos dois tipos de propostas de valores a serem ensinados: os que se fundamentam em idéias não cristãs, e os que se baseiam em idéias claramente cristãs. Percebemos que ambos os tipos tencionam formar cidadãos responsáveis, cultivando características que lhes permitam conviver bem consigo mesmos e com a sociedade.

A seguir, quero tratar da questão da transmissão de valores em sala de aula, um importante ofício para todo educador.

3. A TRANSMISSÃO DE VALORES

Ensinar ou transmitir valores é um desafio para as Escolas, considerando que vivemos numa época de valores relativos, numa época em que o realmente importa é a quantidade e agilidade das informações, e não necessariamente a ética e valores morais envolvidos em todo esse processo.

Creio, então, que ao entrarmos na questão da transmissão de valores, seria conveniente pensar em três perguntas: Como se aprendem os valores? Quais os níveis ao se instruir em valores? e, Qual a relação entre a idade e o ensino de valores?

3.1. COMO SE APRENDEM OS VALORES?

Como é que as crianças e pessoas em geral captam o internalizam os valores que demonstram em sua prática cotidiana? Isso acontece pelo menos de quatro maneiras (MARQUES, 2001, p. 44).



(a) Aprendemos e assimilamos valores vivendo num ambiente onde esses valores são apreciados.

(b) Aprendemos e assimilamos valores pelo exemplo, ou seja, observando sua prática em pessoas que de alguma maneira nos causam impacto.

(c) Aprendemos e assimilamos valores por recusa, numa espécie de reação contra os valores desprezíveis. Por exemplo, como desprezamos ou recusamos a desonestidade, assimilamos a honestidade.

(d) Aprendemos e assimilamos valores pela razão e cognição, mediante processos lógicos e discursivos.

3.2. OS NÍVEIS DE INSTRUÇÃO DE VALORES

O ensino-aprendizagem de valores normalmente envolve três níveis de instrução: (1) o factual, (2) o relacional e (3) o pessoal (LEWIS, 2001, p. 127-128).

O nível *factual* se processa mediante o constante acúmulo de informações na mente da criança. Por exemplo, se os pais ou professores desejam inculcar numa criança o valor da veracidade, continuamente lhe falarão a respeito dela, lhe contarão histórias para exemplificá-la, etc.

Mas falar sobre veracidade nem sempre resolve. É necessário que pais e professores demonstrem na prática o que é a veracidade, de maneira que a criança ouça sobre a veracidade (nível *factual*) e tenha um modelo para imitar a veracidade (nível *relacional*), alguém que ela admire e de quem receba boa influência mediante o relacionamento próximo.

O terceiro nível consiste em tornar concreto o discurso sobre o valor pretendido; consiste em *personalizar* o assunto em discussão. No caso da veracidade, o nosso exemplo aqui citado, pais ou professores devem colocar a criança ou estudante numa situação que imite a realidade a fim de que haja uma postura em relação a não mentir e sempre dizer a verdade. São úteis exemplos do tipo: "Você mentiria para seu pai sobre sua nota vermelha em matemática? Por que?"; "Vale a pena mentir para ganhar dinheiro? Por que?"

3.3. A IDADE E O ENSINO DE VALORES

De acordo com LEWIS (2001, p. 127-128), as crianças pequenas (até cinco ou seis anos de idade) ainda não aprenderam a noção de certo ou errado; elas obedecem por medo das conseqüências ou para agradar os pais. O raciocínio ou discurso ético ainda não tem muita influência.

Mais ou menos a partir dos sete anos de idade, a criança já possui uma consciência moral em amadurecimento, de maneira que é capaz de julgar suas ações e as ações dos outros através de um padrão interno de moralidade. Nessa idade, a criança obedece não apenas pela motivação de agradar pais e professores; ela obedece porque isso é correto e lhe traz felicidade pessoal.

Aproximadamente a partir dos 11 anos de idade a consciência moral está bem desenvolvida, permitindo aos pais e professores um diálogo mais abstrato e sólido sobre valores. O juvenil está preparado para identificar as motivações por trás dos atos.

3.4. CONCLUSÃO PARCIAL

Nesta última parte vimos que se aprendem valores vivendo num ambiente onde esses valores são apreciados, observando-os nas pessoas e até pela recusa.

Observamos rapidamente que o ensino-aprendizagem de valores normalmente envolve três níveis de instrução: o factual, o relacional e o pessoal.

Finalmente, vimos que o aprendizado de valores começa pela heteronomia (os outros são o padrão de valor da pessoa), chegando à autonomia (a pessoa forma o seu padrão de valores).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira parte deste ensaio vimos que os valores são qualidades abstratas que determinam o comportamento humano. Afirmou-se que há três modelos possíveis que a educação pode adotar nesta temática dos valores: Valores absolutos, valores relativos e



construção racional e autônoma de valores. Foi também afirmado que os valores podem ser classificados em valores úteis, vitais, lógicos, hedônicos, estéticos, éticos e religiosos.

Na segunda parte tratei de dois tipos de propostas de valores a serem ensinados: os que se fundamentam em idéias não cristãs, e os que se baseiam em idéias claramente cristãs. Ambos os tipos têm por objetivo formar cidadãos responsáveis, que saibam conviver bem consigo mesmos e com a sociedade.

Finalmente, aprendemos valores vivendo num ambiente onde esses valores são apreciados, observando-os nas pessoas e até pela recusa deles. Também foi dito que o ensino-aprendizagem de valores envolve três níveis de instrução: o factual, o relacional e o pessoal, cada um deles relacionado com a idade da pessoa.

Este espaço é pequeno para poder abordar questões relevantes que surgem em função desta pesquisa embrionária, como por exemplo: Qual é o papel da Escola na transmissão de valores? Qual é o papel do professor na transmissão de valores? Existe um perfil apropriado para a postura do professor na transmissão de valores? Se a educação humanista, não cristã, preocupa-se em transmitir valores aos estudantes, qual então a diferença da educação cristã?

Essas e outras questões são fundamentais na educação escolar, e podem até servir de motivação para trabalhos posteriores. Todavia, ainda devo afirmar o seguinte: existe uma preocupação crescente – pelo menos na literatura – com a educação em valores. Isto é um bom sinal, pois demonstra que educar apenas a mente não é suficiente. Precisamos educar o estudante plenamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASMANN, Hugo; MO SUNG, Jung. **Competência e Sensibilidade Solidária: Educar Para a Esperança**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais, Ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BUXARRAIS, Maria Rosa. **La Formación del Profesorado en Educación en Valores. Propuesta y Materiales**. Bilbao, España: Desclée de Brouwer, 1997.
- CAMPOS, Victoria. **O Que se Deve Ensinar aos Filhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CHALITA, Gabriel. **Os Dez Mandamentos da Ética**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003a.
- _____. **Pedagogia do Amor: A Contribuição das Histórias Universais Para a Formação de Valores das Novas Gerações**. 2ª ed. São Paulo: Gente, 2003b.
- LEWIS, Paul. **40 Princípios na Formação da Criança: Um Manual Prático Para Pais e Professores**. São Paulo: Vida, 2001.
- MACHADO, Nilson José. **Educação: Projetos e Valores**. 3ª ed. São Paulo: Escrituras, 2000.
- MARQUES, Ramiro. **O Livro das Virtudes de Sempre: Ética Para Professores**. São Paulo: Landy, 2001.
- PATRÍCIO, M. F. **Curso de Axiologia Educacional**. Évora: Universidade Évora, 1991.
- SILVA, Sônia Aparecida Ignacio. **Valores em Educação**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- YUS, Rafael. **Educação Integral: Uma Educação Holística Para o Século XXI**. Tradução de Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ARTIGOS

A RESPONSABILIDADE DO ADVENTISTA E DA IASD NO CONTEXTO POLÍTICO

José Miranda Rocha, D.Min.

Professor de Ética Cristã do curso de Teologia do Unasp
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho
jose.rocha@unasp.edu.br

RESUMO: No que tange a política, as perguntas mais comuns que chegam aos pastores e líderes da Igreja são: devem os adventistas votar na escolha de seus legisladores e governantes? Não seria uma forma de traição ao compromisso com o Reino de Deus esse tipo de participação no processo político? Pode algum membro da igreja tornar-se candidato a cargos eletivos sem contrariar os interesses da Igreja? Este artigo tem o objetivo de oferecer uma resposta tais questões, à luz da Bíblia e dos escritos de Ellen White.

PALAVRAS-CHAVE: política, adventista, Igreja Adventista, Estado, voto.

Adventist and the SDA responsibilities in the context of politics

ABSTRACT: In relation to politics, the most common questions that come from pastors and Church leaders are: Should a Adventist vote for the election of their representatives and of government? Would not this kind of political involvement be a treason to our commitment to the Kingdom of God? May a SDA member run for election without posit himself against the interest of the Church? This article will deal with these questions in an essay to draw answers on the light of the Bible and of the writings of Ellen White.

KEYWORDS: politics, Adventist, Adventist Church, State, vote.

INTRODUÇÃO

O cenário político nacional brasileiro mudou desde o anúncio oficial da candidatura de Geraldo Alckmin à presidência da república pelo PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira). Outros nomes já haviam sido anunciados para a disputa ao posto de presidente da nação, e outros ainda serão conhecidos. No Brasil, estamos em tempo de decisão e cada cidadão é chamado a participar no processo de escolha.

A necessidade e a presença de liderança política na sociedade são realidades com as quais o ser humano se depara desde que se torna consciente para a vida social. No primeiro nível de consciência social, essas realidades são vistas no governo que mantém a ordem e promove o desenvolvimento. No segundo nível, elas existem como legisladores sociais; são os senadores, deputados e vereadores. Um terceiro nível identifica-as naqueles que zelam pela lei e a interpretam nas diversas situações da vida. São os magistrados do poder judiciário. Esses três grupos de liderança social têm sido denominados como os três poderes nas nações democráticas: executivo, legislativo e judiciário.

Há nações que, desde os séculos da Renascença, souberam combinar no executivo uma espécie de dupla representação de autoridade: A autoridade de Deus, vista na pessoa do rei ou rainha (a Inglaterra é um bom exemplo); e a autoridade humana, governando com um representante da autoridade do povo, nesse caso, o primeiro-ministro. Esse modelo governamental também é visto em repúblicas parlamentaristas (a França, segue esse modelo), diferindo no que diz respeito à natureza da autoridade do presidente e do primeiro ministro, pois ambos são representantes do povo. O conceito de representante da autoridade divina tem sido excluído nos modelos republicanos de governo, restando apenas a dimensão secular de



autoridade que governa um estado laico. As ditaduras e regimes totalitários ainda existem, mas constituem regimes de exceção e em minoria hoje.

Ao refletir sobre a realidade da política, enquanto atividade humana, Marciano VIDAL declara:

A política [enquanto atividade humana] se compõe da dupla vertente de realidade humana e de ciência. Como realidade humana, a política tem especial densidade de conteúdo; é ao mesmo tempo, ação e estrutura, ou melhor, é a relação dialética entre a liberdade e as mediações objetivas do poder. No que diz respeito à ação, a política é conjugação de arte, de técnica e de saber. As estruturas políticas, por sua vez, tendem a ampliar cada vez mais seu âmbito de atuação. Como ciência, a política pertence ao quadro dos saberes.... das leis [que regem o] fenômeno da politicidade.¹

A definição de VIDAL é, porém, secular e incompleta, quando analisada da perspectiva cristã. Ao referir-se aos governantes de sua época, Paulo surpreendeu os cristãos de Roma por identificá-los como ministros de Deus (Rm. 13:6), constituídos em favor da ordem social. Jesus Cristo declarou, diante da arrogância expressa por Pilatos, enquanto autoridade imperial romana, o princípio sobre o qual a teologia política de Paulo se apoiava, ao dizer: "Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada" (Jo 19:11).

Assim, ao nos depararmos com a necessidade de assumirmos uma posição contra ou a favor dos governos estabelecidos ou diante daqueles que postulam suas candidaturas a funções políticas mediante o reconhecimento do voto do povo, o cristão acredita que Deus, em última instância, é quem governa. Daniel deixou bem claro esse princípio em sua fala a Nabucodonosor: "Tu, ó rei, rei dos reis, a quem o Deus do céu conferiu o reino, o poder, a força e a glória, a cujas mãos foram entregues os filhos dos homens, onde quer que eles habitem, e os animais dos campos e as aves do céu, para que dominasses sobre todos eles, tu és a cabeça de ouro". (Dn. 2:37-38).

O profeta disse explicitamente ao rei: "o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens; e o dá a quem quer e até ao mais humilde dos homens constitui sobre eles" (Dn. 5:19). Poderíamos chamar isso de teologia política? Certamente, mesmo que alguém pense na aparente ou real incompatibilidade entre os dois termos. O que todo genuíno cristão precisa fazer é uma pausa para pensar nessa relação e em sua responsabilidade individual no ambiente político que influencia sua vida e a da sociedade.

Como Igreja, os adventistas do sétimo dia, não raras vezes, têm-se defrontado com algumas pertinentes questões relacionadas com o ambiente político e os deveres da denominação e dos membros, enquanto indivíduos e cidadãos dentro da sociedade. Algumas destas questões estão ligadas ao direito e uso do voto, outras põem em juízo o direito de um adventista postular um cargo eletivo na estrutura do governo, quer como legislador de câmaras municipais, estaduais ou federais, quer como candidato a cargos do executivo em qualquer das esferas mencionadas. As perguntas mais comuns que chegam aos pastores e líderes da Igreja são: devem os adventistas votar na escolha de seus legisladores e governantes? Não seria uma forma de traição ao compromisso com o Reino de Deus esse tipo de participação no processo político? Pode algum membro da igreja tornar-se candidato a cargos eletivos sem contrariar os interesses da Igreja?

Este artigo objetiva a busca de uma resposta para tais questões. Para alcançar esse propósito, três importantes perguntas precisam ser constantemente lembradas e refletidas à luz das Escrituras Sagradas, dos escritos de Ellen G. White e da situação sócio-política presente: o que a Bíblia e os escritos de Ellen White dizem sobre política? Qual o papel da Igreja no mundo da política? O que é esperado do membro da igreja em relação ao processo político?

A primeira coisa que o cristão adventista precisa fazer, antes de responder a estas questões, é definir de maneira apropriada o termo política. Isto se torna necessário porque há conotações positivas e negativas na definição dessa palavra que podem alterar a compreensão do problema. Portanto, faz-se necessário clarificar o que política quer dizer em seu sentido original e derivado.

O QUE É POLÍTICA?

Do dicionário, temos as seguintes definições da palavra política: "Ciência do governo dos povos"; "Ciência ou arte de dirigir os negócios públicos"; "Ramo das ciências sociais que



trata da organização e do governo dos Estados”; “Arte de dirigir as relações entre os estados”; “Princípios políticos”; “Civilidade”; “Maneira hábil de agir”; “Astúcia, artifício”. Como se pode notar, desde as próprias definições, há conotações positivas e outras negativas no uso do termo. Mas a origem do vocábulo “política” vem do grego *politikê* e do latim *politicus*.²

De acordo com Solange Vergnières, na Grécia, a arte de fazer política adquiriu o tom do discurso a partir dos filósofos sofistas do final do quinto século antes de Cristo. Os sofistas provocavam reações diversas: Uns eram seduzidos por eles; outros se mantinham em atitude de desconfiança. Eram filósofos estrangeiros, não identificados com lugar nenhum e que iam para toda parte. Viajavam por toda a Grécia, mas foram mais bem acolhidos em Atenas, uma cidade rica, hospitaleira e que assegurava o direito de decisão aos seus habitantes. Esta era a época do apogeu de Atenas e seu marcante debate público; uma cidade aberta à arte, ao luxo e às idéias novas; era a *polis* habituada a debater os seus próprios problemas. O movimento sofista era um movimento popular da filosofia, que se caracterizava pela dessacralização do saber, até então acumulado pela elite de sábios jônios, conhecidos como fisiólogos. O saber passou a ser a *techné* profana, eficaz e útil, uma mercadoria que se vende, acessível a todos.³

Para Vergnières, os sofistas eram

Professores itinerantes, conferencistas da moda, os sofistas põem as idéias em circulação, inventando uma espécie de mercado de idéias. Utilizando múltiplos recursos da palavra e do discurso, concorrem para o desenvolvimento da inteligência argumentativa e crítica, ao enriquecimento do debate público.⁴

Protágoras foi certamente o sofista mais sutil. Para ele o avaliador da realidade era o próprio homem coletivo, a *polis*, constituída por aqueles capazes de avaliar o que era de valor útil (pragmático) para a sociedade. Mas os sofistas inclinaram a população a fazer avaliações erradas ao produzirem ilusões com seus discursos. Protágoras dizia que a natureza da cidade é artificial e leva o homem coletivo ao abandono individualista e, em conseqüência, à guerra. A única salvação do homem encontra-se no laço político, definido pela justiça (*dikê*) e pelo pudor (*aidos*). Todos devem participar do laço político para serem dignos da justiça (uma virtude transcendental da cidade dada por Zeus).⁵

A origem grega da filosofia política sofista ainda parece ser o ideário da política partidária de muitos países, incluindo o Brasil. Mas o cristão adventista deve estar alerta para o conteúdo filosófico que se encontra por trás dos discursos e tendências políticas. Não é demais lembrar que a única norma de fé e prática para os adventistas é a Palavra de Deus. Os escritos de Ellen White estão solidamente baseados na Palavra e ajudam a Igreja e os adventistas do sétimo dia a aplicarem princípios bíblicos na vida real.

BÍBLIA: NORMA CRISTÃ DE CONDUTA POLÍTICA

Embora a Bíblia não entre em detalhes de como deve ser a conduta política da Igreja e de seus membros, oferece idéias diretoras, leis e normas, exemplificados na vida e ministério de Jesus – o nosso exemplo normativo – e de dezenas de outros personagens do Antigo Testamento e Novo Testamento. Apesar das deficiências de sua humanidade pecadora, pessoas comprometidas com Deus viveram tais princípios, leis e normas, os quais fornecem sentido de orientação e motivação para as sucessivas gerações de seguidores de Cristo. Os nomes de José, Daniel, e outros, são constantemente lembrados e citados como modelos de participação política para o cristão contemporâneo.

O que a Bíblia ensina sobre política? Ao recorrer ao Antigo Testamento, podemos afirmar que ordem política é a crença no monoteísmo da fé judaico-cristã. Porque Ele é o governante do universo, outorgou ao homem esse direito, em âmbito limitado (Gn 1:26-31). Há necessidade de governo humano para que seja possível a existência da sociedade entre os homens. Essa é uma realidade ontológica que aparece desde o Gênesis. Deus é o Senhor ativo da história da humanidade e das nações. Daniel declarou a Nabucodonosor que este seria abatido de seu trono e poder real “... até que conheças que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer” (Dn 4:25)”. Segundo E. Clinton Gardner, “cada profeta dirigiu sua mensagem tanto a reis como a súditos, pois todos viam os homens sob o julgamento divino e a comunidade no seu todo como responsável perante a vontade de Deus”.⁶



ENSINO DO NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento ensina com explícita clareza que os governantes recebem autoridade de Deus (Jo 19:10-11), são constituídos por Ele para o bem da sociedade (Rm 13:1-6). Pedro é imperativo ao ensinar que os cristãos devem estar sujeitos às instituições governamentais por causa do Senhor. Não importa que o governo seja constituído pelo “rei, como soberano”, ou por “autoridades como enviadas” de Deus “para castigo dos malfeitores, como para louvor dos que praticam o bem” (I Pe 2:13-14). O apóstolo enfatiza que esta é a vontade de Deus: “Porque assim é a vontade de Deus, que, pela prática do bem, façais emudecer a ignorância dos insensatos” (I Pe 2:15).

Jesus apoiou condicionalmente esta atitude cristã ao estabelecer limites da autoridade humana em relação a Deus como a suprema autoridade: “Daí a César o que de César e a Deus o que é de Deus” (Mc 12:17).

No caso em que haja conflito entre o que Estado exige e o que Deus ordena, o cristão deve assumir sua posição com base na declaração apostólica, conforme registrada no livro de Atos: “Então, Pedro e os demais apóstolos afirmaram: ‘Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens’”. (At 5:29).

De acordo com Oscar CULLMANN, “a missão que cabe à Igreja de todos os tempos diante do Estado é, segundo isto, clara: Deve dar realmente ao Estado tudo o que for necessário para sua existência. Deve combater todo anarquismo e todo zelotismo dentro de suas fileiras”.⁷

CULLMANN clarifica a posição política da Igreja ao atribuir-lhe a função de vigilante do Estado:

[A Igreja] deve cumprir diante do Estado a função de vigilante, isto é, permanecer, por princípio, em posição crítica diante de todo Estado e preveni-lo para que não transgrida seus limites. Deve negar ao Estado que ultrapassa seus limites o que este dela pede no terreno da transgressão religioso-ideológica e deve qualificar esta transgressão, corajosamente, como contrária à divindade. A Igreja cumprirá esta função, se permanecer fiel à sua posição escatológica fundamental do Novo Testamento. Poder-se-ia mostrar como a Igreja, no decorrer da história, tem tomado atitude errada diante do Estado, sempre que se tem esquecido de que o tempo presente já é cumprimento, porém ainda não consumação. ... ou, então, o Estado é aceito pura e simplesmente – sem levantamento de problemas e sem crítica – em tudo o que faz. Por parte do Estado, o pressuposto é não que ele seja necessariamente cristão, mas que saiba onde estão seus limites – e isto ele pode fazer, como vimos na carta aos Romanos. Em segundo lugar, o Estado tem de se esforçar para entender a atitude de seus súditos cristãos da melhor maneira possível. A este respeito, a cruz de Jesus deve ser o sinal de aviso.⁸

Ele afirma a teologia Paulina acerca da relação Igreja-Estado ao declarar que o Estado “corresponde à ordem de Deus de que existe um Estado mesmo agora e enquanto esta era perdurar. O Estado é determinado por Deus [sic] mas não de natureza divina... é uma instituição temporária” que encontra a sua lógica “na expectativa do Fim”.⁹

ATITUDES A REJEITAR

A Igreja deve, porém, estar vigilante também quanto às suas atitudes. Há atitudes políticas que devem ser rejeitadas e outras que devem ser cultivadas. Aquelas, porque comprometem a natureza da Igreja e destroem a sua unidade. Estas, porque mantêm a Igreja em sua missão de ser a luz do mundo e mediadora das relações sociais.

(1) “Entreguismo moral”. Dentre as atitudes políticas que devem ser repudiadas, encontra-se o que poderia ser identificado de “entreguismo moral”. Isto corresponde à ausência de participação na vida política da sociedade, tendo diversos motivos como pano de fundo. Um dos motivos é a repulsa de tomar parte no processo político para escolha de representantes do povo como legisladores e líderes para cargos do executivo por julgar política como “jogo sujo”.

Ao assumirmos esta atitude, pode haver, no fundo das intenções, uma boa dose de individualismo burguês e farisaísmo moral. Outros cristãos adventistas podem estar refletindo uma repulsa anarquista que nasce do sindicalismo operário e que desconfia de forma absoluta diante de todas as formas de poder. É possível que a teologia política do grupo que se recusa



a participar do processo político seja influenciada, conscientemente ou não, pela repulsa marxista ortodoxa que julga as estruturas de poder como pertencentes à etapa alienada da humanidade; na etapa final, tais estruturas alienadas desaparecerão, quando a sociedade civil (proletariado) encontrar sua perfeita identificação.

Há uma parcela de adventistas que pode estar citando a Bíblia para expressar, neste caso, a sua repulsa teológica de qualquer envolvimento do cristão no ambiente da política. Desta forma, os que se assim orientam declaram que o seu compromisso moral é com o Reino de Deus e não com os reinos deste mundo. Mas, diante da obrigatoriedade sobre o eleitor, vêem o voto como uma questão de “não podes, mas deves”.

(2) “Realismo político”. Esta segunda atitude a ser evitada pelo cristão adventista coincide com o “entreguismo moral” ao considerar ética e política como irreconciliáveis. Enquanto o entreguismo moral opta pela ética, o realismo político prefere sacrificar princípios morais em benefícios de interesses políticos. É como se alguém se posicionasse da seguinte forma: sendo que política é um inescapável jogo sujo, mas com grandes benefícios aos que dela fazem exercício, por que não tirar vantagens das “riquezas da injustiça” em favor do Reino de Deus? Afinal, concluem os que assumem essa posição, muito podemos fazer pela causa do evangelho se o Estado financiar nossos projetos eclesiais.

ATITUDES A ADOTAR

(1) Responsabilidade. Somos mordomos deste mundo e deveremos prestar contas pelo direito de domínio concedido, exercido ou não. O mundo será sempre pior sem a nossa participação sócio-política. O cristão deve saber que o interesse pelos problemas políticos da sua nação e comunidade social é perfeitamente coerente com a fé cristã. Se tivermos o poder político do voto, deixar de participar no processo de escolha da liderança da sociedade estabelecida poderia ser considerada irresponsabilidade de nossa parte para com os nossos semelhantes, visto que a omissão de nosso voto pode significar falha no exercício do governo com conseqüente prejuízo de recursos e vidas.

(2) Participação. O cristianismo não promove o individualismo isolado ou a introversão social, mas uma expressão religiosa de comunidade. Dons e virtudes cristãs têm implicações sociais. Devoção a Jesus Cristo significa amor aos semelhantes como filhos de Deus. “Devoção gera responsabilidade pelo bem-estar de outros”.¹⁰ Paulo VI declarou em sua visita à África: “Não salvaremos o mundo ficando fora dele”.¹¹ Sempre que os cristãos considerem uma lei ou ação política injusta têm a obrigação de fazer o que estiver ao seu alcance dentro dos limites da ordem estabelecida para participarem nos processos normais e legais pelos quais leis e ações venham a ser modificadas ou rejeitadas.¹²

GARDNER é bem direto ao apontar a ampla responsabilidade política do cristão, dentro de uma sociedade democrática:

Nos países em que cidadãos têm oportunidade de participar do processo de governo, a obediência a Deus não é a mesma coisa como submissão pura e simples àqueles que estão constituídos em autoridade e poder numa determinada época. Pelo contrário, isso envolve a responsabilidade de colaborar com as autoridades na realização de suas tarefas pelo apoio dado a elas, pela crítica contínua de seus atos e pelas providências para substituí-las quando for evidente tal necessidade no interesse de melhor governo.¹³

Embora não haja um conselho claro para orarmos em favor dos governantes, como seguidores de Cristo, somos chamados a orar diariamente para que a vontade de Deus seja feita, “assim na terra como no céu”. (Mt 6:10). Entre outros elementos que constituem a vontade de Deus em relação à Terra é que “haja paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem” (Lc 2:14). É dessa perspectiva de responsabilidade bíblica que GARDNER acentua a participação do crente como colaborador “com as autoridades na realização de suas tarefas” quer manifestando apoio ou expressando seu desagrado “pela crítica contínua de seus atos”, tendo em vista sempre o melhor e legítimo governo que sustente justiça e liberdade como expressão da vontade de Deus.¹⁴

Essa visão bíblica do tema é, ao mesmo tempo, um desafio e um convite para que todo cristão entre no processo político e pratique a cidadania pelo exercício do voto, buscando informar-se e educar-se politicamente. Há necessidade de o cristão perceber que a ignorância



em relação à política não aumenta a felicidade espiritual individual, nem favorece o crescimento da Igreja enquanto comunidade. Pelo contrário, é no caos gerado pela ausência de participação política dos cristãos que se estabelece desordem social e decadência moral.

Esta é a posição que a Igreja Adventista do Sétimo Dia vem desenvolvendo sobre as questões políticas desde os seus primórdios como denominação. Em 1863, a Associação Geral declarou que o ato de votar, “quando exercido em favor da... humanidade, e da justiça”, era isento de culpa e “altamente apropriado”.¹⁵ Mas, desde então, não havia nenhuma posição oficial apoiando política partidária, visto, como escrevera Tiago White, em 1860, “votar era um assunto pessoal”, ficando a escolha de exercer ou não esse direito sem qualquer censura ou pressionamento por parte da denominação e igrejas locais.¹⁶

Quando os adventistas da Califórnia e Michigan tentaram quebrar essa posição de não envolvimento em ativismo político durante a questão da temperança, na década de 1880, a princípio Ellen G. White advertiu dos riscos de tal envolvimento e aconselhou que “a obra de temperança deve começar na família”. Mais adiante, ao perceber o perigo de estabelecimento de leis que liberavam a venda de bebidas alcoólicas, Ellen G. White aconselhou que os adventistas exercessem o seu direito de voto contra essa liberação, mesmo que a votação acontecesse no sábado, se isso fosse absolutamente necessário para manifestar nossa posição quanto ao assunto em debate.¹⁷

CANDIDATOS ADVENTISTAS A CARGOS ELETIVOS

Quanto à candidatura a posições na estrutura de governo, mediante voto, parece haver posições contrárias e excludentes entre os adventistas do sétimo dia. Ambos os grupos buscam apoio em declarações de Ellen G. White. Os que se posicionam a favor de membros da Igreja como postulantes a cargos eletivos dentro da política citam as seguintes declarações: “Muitos jovens de hoje, que crescem como Daniel no seu lar judaico, estudando a Palavra e as obras de Deus, e aprendendo as lições do serviço fiel, ainda se levantarão nas assembléias legislativas, nas cortes de justiça, ou nos palácios reais, como testemunhas do Rei dos reis”.¹⁸

Em outra declaração, Ellen G. White exorta a juventude, ao indagar:

Querida juventude, qual é o alvo e propósito de vossa vida? Tendes a ambição de educar-vos para poderdes ter nome e posição no mundo? Tendes pensamentos que não ousais exprimir, de poderdes um dia alcançar as alturas da grandeza intelectual; de poderdes assentar-vos em conselhos deliberativos e legislativos, cooperando na elaboração de leis para a nação? Nada há de errado nessas aspirações. Podeis, cada um de vós, estabelecer um alvo. Não vos deveis contentar com realizações mesquinhas. Aspirai à altura, e não vos poupeis trabalhos para alcançá-la.¹⁹

Membros da Igreja que aspiram ser eleitos para tais posições pontuam que a votação expressa a vontade de Deus. Logo, buscar votos favoráveis à sua candidatura não fere nenhum princípio, pois estaria nesse caso abrindo caminho para que ele exerça o desejo de Deus de colocar seguidores de Cristo em cargos onde trabalhem pela pregação do evangelho e da ação da Igreja.

Há, porém, uma outra ala de membros da Igreja que também busca apoio em textos de Ellen G. White para defender a não participação no processo político.

O Senhor quer que Seu povo entere as questões políticas. Sobre esses assuntos, o silêncio é eloquência. Cristo convida seus seguidores a chegarem à unidade nos puros princípios evangélicos que são positivamente revelados na palavra de Deus. Não podemos, com segurança, votar por partidos políticos; pois não sabemos em quem votamos. Não podemos, com segurança, tomar parte em nenhum plano político. Não podemos trabalhar para agradar a homens que irão empregar sua influência para reprimir a liberdade religiosa, e por em execução medidas opressivas para levar ou compelir seus semelhantes a observar o domingo como sábado.²⁰

É evidente que o problema que estava motivando esta posição de Ellen G. White, conforme exposta na declaração acima, era uma luta partidária para dar validade às pretensões dos fanáticos observadores do primeiro dia da semana de perseguir qualquer opositor que se levantasse contra a lei dominical que pretendiam impor sobre a sociedade.



Será imprudência, portanto, tomar esta declaração como base para sugerir a não participação no processo de votação em situações normais da sociedade para a escolha de seus líderes?

Outros tentam apontar para o exemplo de Cristo que “conservou-se afastado dos governos terrestres. Não porque fosse indiferente às misérias do homem, mas porque o remédio não residia em medidas meramente humanas e externas. Para ser eficiente, a cura deve atingir o próprio homem, individualmente, e regenerar o coração”.²¹

A ênfase contrária à participação política do cristão aponta para as inúmeras recusas de Cristo. Dizem os defensores da não participação dos adventistas em política que Jesus, quando solicitado a decidir sobre “questões políticas e jurídicas”, recusava-se a “interferir em assuntos temporais”.²²

Nessa linha de argumento, esse mesmo grupo de pessoas se define contrário ao exercício do direito do voto, ao declarar que a “nossa ocupação consiste em preparar um povo para estar em pé no grande dia de Deus. Não devemos desviar-nos para procedimentos que provocam polêmica, ou suscitem oposição nos que não são da nossa fé”.²³

EM BUSCA DE CONCILIAÇÃO

As duas posições deveriam ser conciliadas com base no ensino da Palavra de Deus. Há histórias e exemplos normativos que serão de auxílio aos adventistas que desejam conhecer e obedecer à vontade de Deus no tocante à responsabilidade política no mundo. A partir dos exemplos de José e Daniel, o primeiro como governador do Egito (Gn. 45:7-8), e o segundo como o primeiro-ministro de Babilônia e Medo-Pérsia (Dn 2), pode-se concluir que é vontade de Deus que Seus servos assumam o controle político como executivos e ou legisladores em determinadas situações sociais ou econômicas.

Em 1928, o pastor F. M. WILCOX publicou a seguinte posição, aceita como declaração oficial dos adventistas sobre o direito ao voto:

É privilégio de cada indivíduo exercer o direito de voto. Ninguém tem autoridade para negar-lhe este privilégio. A Igreja Adventista do Sétimo Dia não procura ditar a seus membros como devem votar, ou se devem votar. Isto é deixado a critério de cada um para agir dentro de seu próprio julgamento no temor de Deus. Foi-nos dito pela serva do Senhor que não devemos unir-nos a partidos políticos, e que não devemos agitar questões políticas em nossas escolas e instituições. Por outro lado, temos sido instruídos pela mesma autoridade que quando certas questões morais, como a proibição [de venda de bebidas alcoólicas], estão envolvidas, os defensores da temperança deixam de cumprir seu inteiro dever a menos que exerçam sua influência por preceito e exemplo – pela voz, pela pena e pelo voto – em favor da abstinência total... esta instrução não é obrigatória; ainda é deixado a critério de cada um determinar por si próprio o que ele deve fazer.

Embora o membro individual da igreja tenha o direito, se assim ele quiser, de votar, a igreja em si deve manter-se inteiramente fora da política. É uma coisa os membros individuais da igreja votarem, e outra coisa estes mesmos membros em suas capacidades da igreja procurarem influenciar medidas políticas.²⁴

Esta é a posição sustentada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, conforme declaração oficial. O alvo é manter uma posição ativamente neutra em face à sua participação como organização não-política. A Igreja respeita os vários processos políticos existentes em diferentes formas de governo, mas não se envolve em aconselhar seus membros para dar suporte a um partido em detrimento de outro. A Igreja também não interfere na decisão de um de seus membros em candidatar-se a cargos eletivos, exceto quando tal pessoa porte credencial de obreiro.²⁵

Em setembro de 2000, a mesa diretiva da União Central Brasileira (sede administrativa da IASD para o Estado de São Paulo) estabeleceu o seguinte voto, divulgado em circular enviada aos funcionários em geral:

Pondo em prática a posição da Igreja no que concerne a atividades políticas em relação aos que trabalham como obreiros na causa do Senhor, a União tomou e promulgou o seguinte voto: (1) Em caso de um obreiro se candidatar a cargo eletivo, ele deve deixar seu trabalho na Obra, e entregar sua credencial de obreiro logo que se



efetue seu registro como candidato. (2) A administração do Campo ou Instituição deve ser responsável pela execução do voto.²⁶

O mesmo documento que divulgou este voto concluiu que o cristão adventista pode assumir cargos eletivos, desde que ele (1) não exerça cargos na Igreja; (2) não faça de maneira alguma campanha na Igreja; e (3) não use o nome da Igreja para se promover.²⁷

É mister lembrar os perigos a que estão expostos os candidatos a cargos políticos. Pode-se resumir estes riscos em cinco pontos: (1) envolvimento em procedimentos imorais, mentir, roubar, manipular a opinião pública; (2) enriquecimento ilícito por meios políticos; (3) forçar o apoio da Igreja à sua política partidária e gerar divisionismo no “corpo de Cristo”; (4) perder de vista a missão de Cristo: evangelizar e servir; (5) perder a salvação e a entrada no Reino.

Quanto à Igreja, enquanto denominação, deve ser descartada, de modo absoluto, a sua participação em política partidária. Nossa posição oficial é apolítica. Pastores e líderes da Igreja, em funções pastorais distritais ou em outro nível da estrutura organizacional da denominação, farão certo em precaver-se de qualquer manifestação de apoio em nome da Igreja a um determinado candidato em detrimento de outros. Ninguém está autorizado por Deus a servir de consciência a outro.

Dois conselhos de Ellen G. White pertinentes ao assunto deste artigo devem ser constantemente observados, principalmente em momentos de extrema polarização política. O primeiro: “Mantenha sua votação para si. Não sinta como seu dever insistir para que todos façam como você”.²⁸ O segundo: “Não é empenhando-nos em polêmicas, seja do púlpito ou fora dele que agradamos a Deus”.²⁹ **NOTAS DE REFERÊNCIA**

¹ Marciano Vidal, *Para Conhecer a Ética Cristã* (São Paulo: Edições Paulinas, 1993), p. 409.

² “Político”, em Antônio Geraldo da Cunha, *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982), 621.

³ Solange Vergnières, *Ética e política em Aristóteles* (São Paulo: Paulus, 1999), p. 24-25.

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem.

⁶ E. Clinton Gardner, *Fé bíblica e ética social* (São Paulo: Aste, 1965), p. 364.

⁷ O. Cullmann, *The State in the New Testament* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1955), pp. 105-106.

⁸ Ibidem.

⁹ Idem, *Série Encontro e Diálogo: Cristo e Política* (São Paulo: Paz e Terra, 1968), 6:54.

¹⁰ Diálogo, 9:1-1997, p. 5

¹¹ José Bessa, “O Ministério de Visitação”, *Revista Adventista*, fevereiro de 1974, p. 8.

¹² Gardner, *Fé bíblica e ética social*, p. 369.

¹³ Ibidem, pp. 369-370.

¹⁴ Ibidem, pp. 369 e 371.

¹⁵ Yvonne D. Anderson, “The Bible, the Bottle and the Ballot”, *Adventist Heritage*, outono de 1982, vol. 1, nº 2, p. 41.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Ibidem, p. 44.

¹⁸ Ellen G. White, *Educação*, 3ª edição (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, n/d), p. 262. (Itálico acrescentado).

¹⁹ Idem, *Fundamentos da Educação Cristã* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), p. 82.

²⁰ Idem, *Obreiros evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1969), p. 391.

²¹ Idem, *O Desejado de Todas as nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), p. 509.

²² Idem, *Obreiros evangélicos*, p. 396.

²³ Idem, *Testemunhos seletos* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985), 3:45.

²⁴ F. M. Wilcox, “A Igreja e a Política”, *Review and Herald*, 13 de setembro de 1928.



²⁵ Ver Public Affairs and Religious Liberty Department of the Seventh-day Adventist Church, *The Religious Liberty Leader's Handbook*, p. 30. Consulta realizada no dia 23/04/2006, no site http://www.adventist.org/mission_and_service/religious_liberty.html.em.

²⁶ "Deve o cristão assumir cargos políticos eletivos", circular enviada aos obreiros pela administração da União Central Brasileira. Material não publicado.

²⁷ Ibidem.

²⁸ Ellen G. White, Carta 4 de 1898.

²⁹ Idem, *Testemunhos para ministros e obreiros evangélicos* (Tatuí, SP: casa Publicadora Brasileira, 1993), p. 332.

ARTIGOS

FREDERICK GRIGGS: HIS LIFE, WORK AND INFLUENCE AS A SEVENTH-DAY ADVENTIST EDUCATIONAL LEADER

Renato Stencil, MaEd

Professor de História e Filosofia da Educação no Curso de Pedagogia
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho
renato.stencil@unasp.edu.br

ABSTRACT: Formal educational system was the last major segment to be established within the Seventh-Day Adventist Church (SDA) institutional development process. Several different reasons combined to cause that delay in this religious denomination. In its developmental process, some characters played a key role, such as Frederick Griggs, who was one of the most prominent leaders, and he is best known in SDA educational history as a moderate educator.

KEYWORDS: Frederick Griggs, SDA education, history, educational leader.

Frederick Griggs: sua vida, obra e influência como líder da educação adventista do sétimo dia

RESUMO: O sistema de educação formal foi o último grande segmento a ser estabelecido dentro do processo de desenvolvimento institucional da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD). A combinação de diversos fatores causou esta tardança dentro da denominação religiosa. Em seu processo de desenvolvimento, alguns personagens exerceram um papel preponderante, tal como Frederick Griggs, que foi um dos mais proeminentes líderes, e se tornou conhecido no campo da história da educação adventista como um educador moderado.

PALAVRAS-CHAVE: Frederick Griggs, educação adventista, história, líder educacional.

1. THE EARLY YEARS

It seems that Christian education always exercised an important role in the development of our church, but this kind of reasoning is far from truth. "Formal education, in fact, was the last major institutional development within the denomination".¹ When we start talking about Seventh-Day Adventist (SDA) educational development we have always to consider that, there were several individuals who played a very crucial role in the process of establishing a formal denominational system of education within the Church. Without any hesitation we could affirm that Frederick Griggs was one of the most prominent of all.

This research paper purports to analyze two major facets of Griggs' career. Firstly, to identify his major contribution as an educational administrator, and secondly, it intends to analyze its impact upon the SDA education from its formative period till nowadays.

Historians claim that the past is always present. Assuming this premise, we could say that, if we want to understand Frederick Griggs and the qualities he brought as an educator and administrator, we must look into his ancestral background in order to identify the formative influences that he developed from his environment and training.

Frederick Griggs was born on March 23, 1867, at St. Charles, Michigan. The Adventist message came to his family through Reuben Griggs, his grandfather, who had attended meetings conducted by Ellen and James White at Tyrone, Michigan, in 1853. "Reuben later accepted the Sabbath under the ministry of M. E. Cornell, thereby becoming one of the earliest converts to Seventh-day Adventism in Michigan".² His father Ezra Griggs, served as a self supporting minister in eastern Michigan. He was a convicted believer in the gift of prophecy as revealed through Ellen White, and the same conviction expressed by his father made a lasting impression on the outlook of his son.

Talking about his father's influence, he stated: "My father purchased, read, and studied in our home, each publication of the Testimonies as it came from the press. He sought to obey



their counsel. It was then but natural that his children should believe that God was thus speaking to us".³ Since his early childhood, Griggs displayed both, an attitude of loyalty to the Seventh-day Adventist Church and to the Spirit of Prophecy. These two characteristics were perceptible during his entire life.

His father Ezra, "who was convicted that every person should have an opportunity to improve his abilities, took the lead in getting a public school established in his district".⁴ Opened in 1875 that school provided Frederick with his basic education through the eighth grade. After the end of his elementary school, Griggs enrolled at St. Charles High School. During the years of the secondary school, Griggs decided that after his graduation he would enter into a farming partnership with his father, but after a last minute decision, he came to conclude that he should do an examination for a teacher's certificate. The positive results of that examination convinced him to become a teacher.

Near the end of his second year as a teacher at Swan Creek, Frederick decided to visit his sister at Battle Creek College. During his visit, two important incidents exercised a crucial impact upon his future life: "first, he caught sight of a very beautiful and dainty young lady named Blanche Eggleston, and second, he was invited by W. W. Prescott, president of the college, to take the principalship of the college's preparatory department. Griggs accepted the later and pursued the former".⁵

Frederick Griggs passed through different stages in his life. "Griggs was in part the product of each and every phase through which his life passed. Not the least in importance were the years from childhood through youth spent in St. Charles, Michigan".⁶ Basically, we can affirm that Frederick was brought up in a pioneering type of environment with its emphasis on industry, self-reliance, and optimism.

2. GRIGGS BECOMES A STUDENT AT BUFFALO UNIVERSITY: SCHOOL OF PEDAGOGY

In 1896, Prescott, while on a trip east from Battle Creek, visited the Franklin model school which was affiliated with the newly established University of Buffalo School of Pedagogy. There he met its director, Frank M. McMurray. During the course of their conversation, "Prescott discovered an affinity between his thinking and the principles and methods of education expressed by McMurray".⁷ According to Osborne, "McMurray was in turn impressed with Prescott and offered three scholarships at the School of Pedagogy for selected preparatory-department teachers".⁸ Recognizing that he and his preparatory-department faculty at Battle Creek College were ill-prepared, Griggs proposed to the college board that he and several of his staff be granted leave to undertake further study.

In its three years of operation from 1895 through 1898, the University of Buffalo School of Pedagogy provided a quality professional training. The school's philosophy was basically committed to Herbartian psychology and Pestalozzian methodology. "McMurray, the director and key figure in the school, had obtained his Ph. D. in Germany and had been exposed firsthand to the influences of Herbart and Pestalozzi".⁹ During his year at Buffalo, Griggs completed twelve courses equivalent to five and three-fifths full credits, but he did not, therefore, complete the requirements for the diploma, but he gained exposure to fields of study hitherto denied him".¹⁰

At this point we could ask: To what extent was Griggs influenced by the scholars of Buffalo University? Was it a positive influence? In his dissertation, Dr. Reye presents four pieces of evidence that may be cited: "First, when Griggs wrote several articles for the *Review and Herald*, he based his series on child study on materials first presented by O'Shea, who was his teacher. Second, in a paper on "The Training of Teachers" presented to the Battle Creek College faculty early in 1897, Griggs expressed a number of concepts consistent with Herbartian psychology and Pestalozzian pedagogy. Third, when Griggs structured the teachers' courses he appeared to have followed the School of Pedagogy model. Fourth, Griggs borrowed the idea of model school that required teacher trainees to spend time in a practicum situation under the guidance of experienced and successful teachers".¹¹

2.1. THE FIRST CONTRIBUTIONS OF GRIGGS: A THEORY OF EDUCATION

After concluding his studies at Buffalo University, Griggs began to share his ideas on educational matters. During 1897 and 1898, he wrote thirty-five articles published in the *Review and Herald* and *The Christian Educator*. In these articles, Griggs gave a demonstration of what he understood of educational theory. The articles are concerned with eight major educational



points: "The aim of education, the nature of the child, moral training, discipline, a theory of learning, methodology, child study, and the curriculum".¹²

In search of describing Griggs' theory of education, let us present some of his ideas: (a) Character development was perceived by Griggs as being one of the greatest aims of education. His thought was a logical extension of his belief that education must concern itself with two worlds: the here and now and the world to come. (b) The nature of the child was clear and unequivocal to Griggs. Every child is born with the fallen nature of man. To this issue he stated: "The home, the church, and the school were commissioned to facilitate the exposure of the child to spiritual influences".¹³ (c) Griggs perceived the Bible as the strongest agent in moral education. About the Bible he said: "Through its stories the child could identify right and wrong and make appropriate value judgements, thereby learning skills applicable to meeting the choices faced in life".¹⁴ (d) Discipline was always to be positive in direction; it was to strengthen the good. "Sound discipline was an important function of the school, but the home had the first and principal role in developing the disciplined and self-respecting child".¹⁴ (e) On teaching methods and learning theory he urged that, "learning by discovery-learning only those things which were relevant to life at each stage of development, making the known the starting point for venturing into the unknown, and developing skills only insofar as they facilitated communication and computation".¹⁵ (f) About curriculum Griggs did not directly address himself, except as curriculum issues became a part of his discussion on aims, methods, and the needs of the child. However, he stated some very interesting points about this topic:

1. Language study should be an important element of curriculum.
2. Natural science should be included in the curriculum.
3. Religious instruction is essential as the medium through which God's love as the unifying principle of the universe can be presented to students.
4. Teachers should plan their curricula around participation and activity by the students.
5. The curriculum should be constructed around the interests of each age-group.

In spite of not making any attempt to present an ideal curriculum, Griggs demonstrated that his view on this particular issue was well-balanced and coherent. Griggs' basic educational theory originated from a number of sources: Adventist, American Herbartian, and Francis Parker. "This theory of education provided cohesion and consistency to his efforts in such areas as goal specification, curriculum development, and teaching-learning strategies".¹⁶ His theory of education was not a fixed one, during subsequent years he made some changes, modifications and additions to his educational schema. Finally, it would be worth mentioning that, it was in the 1890s that Griggs emerged with a conceptual base that would drive the whole course of his career as a teacher, educator and educational administrator.

3. THE RISE OF A NEW EDUCATIONAL LEADER

Without having a formal training in leadership or any experience in administrating a grade school, Griggs assumed the principalship of the Preparatory Department at Battle Creek School in 1890. During the nine years that he worked in that position he accomplished several goals in a very successful way. "The successes he achieved over the nine years he was at Battle Creek were the product of his personal qualities, his insight, and his capacity to learn from the role models provided by Prescott, Caviness, Sutherland, Kellogg, and Jones".¹⁸

In spite of limited documents for this early period of Griggs' life, the general record of his performance at Battle Creek College gives some idea about his behaviour as a fledgling administrator. First of all, it is important to mention that Griggs was a builder. "He possessed the foresight, ambition, and drive to want to improve what had been placed in his charge".¹⁹ In addition to that, he revealed another crucial component in the qualification of a leader, 'flexibility of mind'. This was perceived firstly when he decided to break away from the classical tradition and subsequently when he attempted to adapt the curriculum to the emerging Adventist philosophy of education.

Another important point that we ought to know is that, in his career as an administrator, Griggs was willing to learn something from the progressive theorists of his time. Absorbing their valuable ideas Griggs applied them within SDA education. This fact can be observed during his principalship at Battle Creek preparatory school where he established some personal and organizational goals. (a) He searched for improved organizational structures; (b) He made some



efforts in order to revise the curriculum; (c) He implemented some compatible innovations; (d) He established a normal department; (e) He demonstrated his willingness for self-improvement through study, and encouraged his staff to improve their professional capacities. "He strongly advocated the establishment of a teacher-training school, with the result that he became the first head of such a school connected with SDA colleges".²⁰

In the process of establishing organizational goals, Griggs proved to be a very effective leader in the task of persuading others to work with him and to accomplish his plans. Without losing sight from the organizational goals, Griggs demonstrated a special care for the individual's needs. "In his efforts to build and strengthen the preparatory department he moved out into the church community and visited the homes of Battle Creek. Participation in the life of his church, for example, gave opportunity for parents and students to see him as an active and involved member of the church community".²¹

Griggs was perceived by others to be a leader. Prescott had noticed definite evidences of leadership qualities in the young man. In 1894, a local publication entitled *Educators of Michigan*, made a comment about Griggs: "Although young in the profession, he exhibits all the characteristics which constitute the progressive and painstaking teacher".²²

In one of his morning talks that was addressed to the students of South Lancaster Academy, Massachusetts, Griggs stated his view on 'Leadership'. "A true leader is one who believes in his work with every atom of his being, and who puts every ounce of his strength into it. He knows that his cause will win because it is just. He is a leader because of his purity of heart and life. A leader is one who has learned how to obey. The acme of leadership is found in sympathetic ministry for others".²³

At that moment, there was emerging a new educational leader who was willing to serve God's cause with all his strength and determination. "Griggs found that educational administration could, on the one hand, be exhilarating and rewarding, and on the other hand, frustrating and professionally threatening. If he was to become a successful administrator, Griggs would have to learn to cope with both rewards and frustrations".²⁴

4. THE REMARKABLE ACHIEVEMENTS OF GRIGGS AS GENERAL CONFERENCE EDUCATIONAL SECRETARY

Griggs made his greatest contribution to Adventist education during his first term as General Conference Educational Secretary (1903-1910). As educational secretary, he was a key element in the successful functioning of the developing Adventist educational system. His contribution through that seven year period was twofold: "first, he was instrumental in guiding the development of Adventist education into a unified international system; and second, through his desire for both quality education and spiritual commitment, he facilitated a move away from the extreme reforms that had characterized Adventist education at the turn of the century".²⁵

Some criticism emerged at the 1903 General Conference session concerning the department's lack of effectiveness. Sutherland, the previous secretary, made an attempt to explain that problem. Writing to Daniells he stated: "there is no policy outlined by this department". And three months later he confessed to Griggs that, "I was in only one year, and I was put in merely to fill the place nominally. They did not expect me to do very much".²⁶ Griggs was chosen by the General Conference leaders as the right person to change this situation. It was voted in that session that the new secretary of the education department would exercise his function on a full-time basis, but a lack of qualified educational leaders made Griggs to retain his post as principal of South Lancaster Academy until 1907.

A tremendous challenge was ahead of Griggs. Apart from establishing the functions of the educational committee of the Department of Education, he had also to define the basic roles of the secretary. In order to accomplish this, Griggs would have to face some opposition, considering that the majority of the educational leaders had long been accustomed to the idea of working and making decisions independently. At that point, Griggs began to show his qualities as an effective administrator. "He realized that the best way to make progress was to involve his fellow educators in a collaborative effort to establish a system of education".²⁷ In 1907, he wrote a letter to Daniells saying: "In my work as chairman of the Department, I must get everybody doing something".²⁸ It is clear that 'cooperative spirit' was a key note in his leadership style, and it worked very well.

Basically, there were five major functions and responsibilities that Griggs had to face as the General Conference Education's Secretary: "(1) communicating the purposes, activities, and



achievements of the system to his fellow educators; (2) Clarifying the goals of the system and thereby providing direction to the efforts of educator and administrators; (3) promoting excellence and quality within the system through a supervisory role which encompassed the assessment of school plant, instructional programs, and the competence of personnel; (4) promoting plans and strategies for identifying and meeting the needs of the system; (5) extending his usefulness to the church by acting as a problem solver and counsellor in a variety of non-educational settings".²⁹

Another meaningful contribution that was given by Griggs as secretary of the department of education was to implement the educational convention. The main purpose for that was to foster group discussion and to activate the process of decision making. "Furthermore, they provided a forum for collegial discussion of issues of central concern to educational leaders as they wrestled with the need to clarify goals, establish structure, and bring cohesion to the growing system".³⁰ These meetings brought together a large number of Adventist educators, teachers, and church administrators. In 1904, Griggs wrote to Daniells: "The only way to get our work organized is to hold such gatherings until we get our plans into better working order".³¹ Three major educational conventions were promoted by Griggs, they were held in 1903, 1906, and 1910.

The outcomes of these educational conventions were crucial to the denomination's educational development. "One important outgrowth of the 1903 meetings was a series of teachers' manuals set forth the curriculum in the light of the church's educational philosophy, gave practical suggestions on how to implement the recommended curriculum, and standardized the curriculum by grade level up through grade ten".³² As a result of the 1903 convention, it was established a standing committee under the leadership of C. C. Lewis to develop denominational textbooks. "These efforts resulted in a large number of new textbooks especially geared to the needs of Adventist schools".³³ A second outgrowth of the 1903 and 1906 conventions was the establishment of a unified system of education with a well-defined administrative structure.

Frederick Griggs played a key role towards another central issue, the financing Christian education. "He realized that the development of a sound plan of financial support was foundational to the establishment of a system of Seventh-Day Adventist education".³⁴ Under Sutherland's leadership, it was decided to adopt a universal system of education that would be supported from a second tithe. Since there were no educational fees, this project would allow every Adventist child to study in a church school. By 1909 Griggs also formulated a plan in which academies and colleges would receive regular financial support from their conferences and union conferences.

In partnership with E. R. Palmer, secretary of the publishing department, Griggs developed a scholarship plan that would help the students and would promote enrolment. "Under this plan a student who sold denominational literature during the summer vacation not only received the 50 percent commission on sales, but also a 15 percent discount on school fees".³⁵ This scholarship plan has been applied today to the benefit of students who spend their holidays selling denominational literature.

Another major contribution that Griggs made during his secretaryship was to edit a forty-eight-page journal that specialized in education. The first issues of the *Christian Education* came off the press in September 1909. The journal has been published since that time, and today it is known as *Journal of Adventist Education*.

We could summarize Griggs' secretaryship affirming that, "beyond the general development of a structure for Adventist education, a unified curriculum with supporting textbooks, and a sound financial plan, he became a communicator, general supervisor of Adventist education, planner, goal clarifier, and personnel developer".³⁶

5. CONCLUSION

Frederick Griggs dedicated fifty-nine years of his entire life to serve the Lord in the Adventist Church. During these years Griggs worked in several different places around the world and his contributions were offered while he exercised the various duties and responsibilities as an educational administrator. To this we must add that, Frederick Griggs played a fundamental role towards the development of Seventh-day Adventist education.

At the beginning of this century prior to Griggs' time, there was no formal education within the SDA Church. "Adventist education consisted of scattered and unrelated schools".³⁷



The process of establishing an educational system began right after his first day of work as General Conference education secretary. In the whole course of his career none of the years were more crucial to the development of Adventist education as were those from 1903 to 1910. As secretary, "Griggs was unique in the sense that he guided the department of Education in its most formative years".³⁸ During those seven years that he worked in the General Conference, Griggs achieved some remarkable results to the establishment of a solid education. The major contributions that he offered have in a sense stood the test of time. "The shape and the structure of Adventist education, the components of the system, the role of the Department of Education committee, and the functions of the educational secretary were largely forged under the direction and leadership of Griggs".³⁹ Since that time there has been little significant changes in these areas.

In order to conclude this research paper I should say that, Frederick Griggs was a pivotal figure in the establishment of an administrative configuration for the system of Seventh-Day Adventist schools that proved its effectiveness and solidity for more than eighty years.

REFERENCES

1. Knight, George R., (1985). *Myths in Adventism*, Review and Herald Publishing Association, Washington, DC.
2. White, J., Western Tour, *Review and Herald*, June 9, 1953, p.12.
3. Griggs, F., A Personal Testimony, *Review and Herald*, August 3, 1939, p.11.
4. Knight, George R., (1982). *Early Adventist Educators*, p.185, Review and Herald Publishing Association, Washington DC.
5. Ibidem, p.185.
6. Reye, Arnold C., (1984). *Frederick Griggs: Seventh-day Adventist Educator and Administrator*, p. 37, Ph.D. Dissertation, Andrews University, University Microfilms International, Ann Arbor MI.
7. Ibidem, p.p. 58-59.
8. Osborne, Jessie B., Teacher Education in the Early Days, *Journal of True Education*, p. 12, June, 1953. (As cited in Reye's dissertation, p.p, 59).
9. Collins, Charles R. J., The University of Buffalo School of Pedagogy 1895-1898, *Niagara Frontier*, p.p. 35-36, Vol. 19, Summer 1972. (As cited in Reye's dissertation p. 60).
10. School of Pedagogy, University of Buffalo, Catalogue: 1896-1897, p.p, 25-27; Register of Students, School of Pedagogy, University of Buffalo. (As cited in Reye's dissertation, p. 60).
11. Reye, Arnold C., (1984). *Frederick Griggs: Seventh-day Adventist Educator and Administrator*, p.p. 60-61, Ph.D Dissertation, Andrews University, University Microfilms International, Ann Arbor, MI.
12. Ibidem, p. 61.
13. Griggs, F., Punishment in Discipline, *Review and Herald* 75, January 25, 1898; p. 58.
14. Griggs, F., The Church and Its Schools, *Review and Herald* 74, July 13, 1897: p. 438.
15. Griggs, F., The Purpose of Discipline, *Review and Herald* 75, January 11, 1898: p. 27.
16. Parker, Francis W., (1894). *Talks on Pedagogics*, p.p. 57-58, New York: E. L. Kellogg & Co. (As cited in Reye's dissertation p.p, 64-65).
17. Reye, Arnold C., (1984). *Frederick Griggs: Seventh-day Adventist Educator and Administrator*, p. 66, Ph.D Dissertation, Andrews University, University Microfilms International, Ann Arbor, MI.
18. Ibidem, p. 75.
19. Ibidem, p. 75.
20. Neufeld, Don F., (1976). *Seventh-day Adventist Encyclopedia*, p. 540, Review and Herald Publishing Association, Washington D.C.
21. Ibidem, p.p, 77-78.
22. *Educators of Michigan* (Cited from Reye's dissertation, p. 78).
23. Griggs, F., (1951). *That Million-Dollar Moment*, p. 90, Pacific Press Publishing Association, Mountain View, CA.
24. Ibidem, p.p, 79-80.
25. Knight, George, R., (1982). *Early Adventist Educators*, p.p.188-189, Review and Herald Publishing Association, Washington, DC.



26. General Conference Bulletin, April 13, 1903, p.p. 178-180; E. A. Sutherland to A. G. Daniells, June 24, 1902, GCAR; E. A. Sutherland to F. Griggs, September 22, 1903, AUHR. (As cited in Reye's dissertation, p.p. 203).
27. Knight, George, R., (1982). *Early Adventist Educators*, p. 191, Review and Herald Publishing Association, Washington, DC.
28. General Conference Archives, Washington DC, F. Griggs to A. G. Daniells, March 1, 1907. (As cited in Reye's dissertation, p. 203).
29. Reye, Arnold C., (1984). *Frederick Griggs: Seventh-day Adventist Educator and Administrator*, p. 165, Ph.D Dissertation, Andrews University, University Microfilms International, Ann Arbor, MI.
30. Ibidem, p. 165.
31. General Conference Archives, Washington DC, F. Griggs to A. G. Daniells, March 8, 1904. (As cited in Reye's dissertation, p. 203)
32. Convention of the Department of Education, South Lancaster, MA, Teachers' Manual for the Home and School, Mountain View, CA: Pacific Press, 1904. (As cited in Reye's dissertation, p. 203)
33. Griggs, F., The Advance, *Review and Herald*, June 23, 1904, p. 21; F. Griggs, The Advance, November 17, 1904, p. 21.
34. General Conference Archives, Washington DC, RG 1.1: 1908-P, E. R. Palmer to Brethren Daniells, White, Ford, Eastman, and Harrison, January 10, 1908. (As cited in Reye's dissertation, p. 215)
35. Reye, Arnold C., (.1984). *Frederick Griggs: Seventh-day Adventist Educator and Administrator*, p. 263, Ph.D Dissertation, Andrews University, University Microfilms International.
36. Knight, George R., (1982). *Early Adventist Educators*, p. 193, Review and Herald Publishing Association, Washington, DC.
37. Reye, Arnold C., (1984). *Frederick Griggs: Seventh-day Adventist Educator and Administrator*, p. 468, Ph.D Dissertation, Andrews University, University Microfilms International, Ann Arbor, MI.
38. Ibidem, p. 469.
39. Ibidem, p. 469.

BIBLIOGRAPHY

Unpublished Materials:

Archives of the General Conference of the Seventh-day Adventists, Washington, D.C.

Theses and Dissertations:

Reye, Arnold C., *Frederick Griggs: Seventh-day Adventist Educator and Administrator*. Ph.D dissertation, Andrews University, 1984.

Published Materials:

General Conference Bulletin (Battle Creek, Michigan), 1890-1901; Washington, D.C.), 1903-18.

*The Journal of True Education*_(Takoma Park, Washington, D.C.), 1939-1960.

Niagara Frontier (Buffalo, New York), 1972.

Review and Herald (Battle Creek, Michigan), 1859-1903; (Washington, D.C.), 1903-25.

School of Pedagogy , University of Buffalo, Catalogue: 1896-97.

Books:

Griggs, Frederick. *That Million-Dollar moment*. Mountain View, CA: Pacific Press Pub. Assn., 1951.

Knight, George R., ed. *Early Adventist Educators*. Washington D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1982.



Knight, George R., *Myths in Adventism*. Washington D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1985.

Neufeld, Don F., ed. *Seventh-day Adventist Encyclopaedia*. Rev. ed. Washington, D;C. Review and Herald Pub. Assn., 1976.

Parker, Francis W. *Talks on Pedagogics*. New York: E. L. Kellogg & Co., 1894.

Story of the Convention. Washington, D.C.: General Conference Department of Education, 1906.

ARTIGOS

O GÊNESIS EM DOCUMENTOS MESOPOTÂMICOS

Rúben Aguilar dos Santos, Ph.D.

Professor de Arqueologia do curso de Teologia do Unasp
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho
ruben.aguilar@unasp.edu.br

RESUMO: Uma das maiores descobertas arqueológicas de todos os tempos foi o achado das ruínas da antiga cidade de Nínive. Naquele sítio arqueológico, foram desenterrados, entre outros, a biblioteca do palácio do rei Ashurbanipal. Nesse lugar foram achados muitos documentos escritos contendo relatos sobre as origens, na visão mesopotâmica. O conteúdo desses relatos é muito semelhante ao encontrado no livro bíblico do Gênesis. No presente artigo, são apresentados os relatos da criação do universo, o poema do Jardim do Éden, a queda do homem e o Dilúvio. Como conclusão se assevera que os relatos mesopotâmicos, como os semelhantes de outras culturas, tiveram uma origem única e comum.

Palavras-chave: Criação, Gênesis, jardim do Éden, queda do homem, Dilúvio.

The Genesis in the Mesopotamian Documents

ABSTRACT: One of the most important archeological discoveries was the finding of the remains of the ancient city of Ninive. In that archeological site, were uncovered, among others things, the library of king *Ashurbanipal*'s palace. In that place, were found many documents with stories related to the origins, from a Mesopotamian point of view. The contents of these stories are very closely related to the Biblical Genesis. In this present article the Biblical and Mesopotamian stories of the creation of the universe, the poem of the garden of Eden, the fall of man, and the Flood are presented. The conclusion of this work is that the mesopotamian accounts, related to the biblical Genesis, have an unique and the same time common origin with the biblical material.

KEYWORDS: Creation, Genesis, Garden of Eden, fall of man, Flood

INTRODUÇÃO

O conhecimento dos costumes e, sobretudo do pensamento filosófico religioso das antigas nações mesopotâmicas, tem sido incrementado com a contribuição proporcionada pelas escavações arqueológicas realizadas nessa região. Neste sentido, uma das maiores contribuições para se conhecer o pensamento cosmológico ou das origens, dos antigos mesopotâmicos, é sem dúvida o achado de documentos escritos, na biblioteca do rei Ashurbanipal, nas ruínas da cidade de Nínive.

1. A CIDADE QUE GUARDAVA OS SEGREDOS

Não é fácil determinar qual é a maior descoberta arqueológica, de todos os tempos. Cada descoberta tem seu valor pela contribuição que presta ao conhecimento histórico e social dos povos antigos. Mas, sem dúvida, uma dessas notáveis contribuições, foi a descoberta das ruínas da cidade de Nínive. Esse fato foi o resultado do persistente trabalho de vários pesquisadores que ao longo de décadas, dedicaram esforços e talentos, em procura de informação sobre a vida e pensamento dos antigos habitantes das nações antigas.

A descoberta das ruínas de Nínive contou com a participação e o trabalho de Claudius Rish, o qual em 1820 realizou um estudo sobre o relevo da região compreendida entre os rios Tigris e Eufrates, conhecida com o nome de Mesopotâmia. Esse pesquisador registrou, na sua



obra, a existência de duas colinas, na porção norte do rio Tigris, na outra margem e em frente da atual cidade de Mossul. Uma das colinas é conhecida com o nome de Kuyjundik, e a outra, com o nome de Nebbi Junus. Esta última, segundo Rish, era considerada pelos moradores da região, como cenário da história do profeta Jonas.

Com base nas informações deixadas por Claudius Rish, em 1842, Paul Emile Botta, que na ocasião exercia as funções de cônsul da França na cidade de Mossul, começou a realizar escavações na colina Kuyjundik. Os resultados do seu trabalho não foram promissores, por isso abandonou essa tarefa, para prosseguir escavando mais ao norte, na colina denominada Korsabad, onde alguns anos depois, encontrou os vestígios do palácio do rei assírio Sargão II.

A partir de 1845, as escavações na colina Kuyjundik prosseguiram, desta vez sob a direção do pesquisador inglês Austen Henry Layard. Mais afortunado que o anterior, Layard encontrou os vestígios de uma cidade soterrada nessa colina. Em 1849, foi descoberto o palácio do rei Senaqueribe; logo depois um documento importantíssimo para confirmar a história bíblica, o prisma de Senaqueribe, que relata o cerco de Jerusalém, na época do rei Ezequias. Assim, ninguém mais podia duvidar que aquelas ruínas eram da antiga cidade de Nínive. Porém o achado mais notável foi uma realização de Ormuz Rasham, assistente de Layard, o qual em 1850 deixou ao descoberto as ruínas do palácio do rei Ashurbanipal (669 a 627a.C.), e em 1852, a biblioteca construída por esse rei, com aproximadamente 18 mil documentos escritos em cuneiforme.

A descoberta das ruínas, objetos e documentos encontrados em Nínive, despertou grande interesse de instituições européias. Os documentos encontrados na biblioteca real foram, aos poucos, transportados para o Museu de Londres. Ali preservados, não assumiram seu real valor, até que em 1875, George Smith, depois de traduzir 20 “tabuinhas” de argila, pertencentes aos documentos de Nínive, deu a conhecer seu conteúdo. Tratava-se dos relatos do Dilúvio e da Criação, na visão dos antigos mesopotâmicos. No entanto, os relatos não estavam completos.

George Smith, após sua impressionante descoberta, comunicou o fato ao jornal inglês *Daily Telegraph*. A direção desse jornal, interessada no assunto, ofereceu uma recompensa de mil libras esterlinas para quem encontrasse o restante dos relatos. O agraciado foi o próprio Smith, quem, um ano mais tarde, em 1876, publicou um livro: *The Caldean Account of Geneses*, em que expõe a tradução dos relatos.

A divulgação do conteúdo dos documentos de Nínive despertou maior interesse em acadêmicos de outras nacionalidades. Nos anos seguintes, outros autores, versados na escrita cuneiforme, realizaram suas próprias traduções. Em 1890, Peter Jensen publicou em alemão, seu trabalho, sob o título *Cosmologia da Babilônia*. Em 1895, vem a luz, a publicação de outra versão em alemão de Heinrich Zimmerm. Anos mais tarde, em 1900, novamente P. Jensen é destaque ao publicar seu livro *Mitos e Epopéias Mesopotâmicos*. Em 1902, o americano L. W. King publica sua versão sob o título *As Sete Tabuinhas da Criação*.

2. A CRIAÇÃO DO UNIVERSO NA VISÃO MESOPOTÂMICA

As primeiras palavras do relato da Criação, encontrado entre os documentos da biblioteca real de Nínive, são *Enuma Elish*, “Quando lá no ...”. Essas palavras servem para titular o conteúdo do próprio relato, conforme o costume antigo. O conteúdo encontra-se escrito em sete “tabuinhas” de argila, distribuído em partes. Na primeira “tabuinha” é relatado o Caos primitivo; na segunda, o aparecimento da Luz; na terceira, a criação do Firmamento; na quarta, surge a Terra seca; na quinta, são criados os Luminares do céu; na sexta, a criação do Homem; e na sétima, é relatado o repouso da Divindade.

O conteúdo do relato sobre a Criação, na visão mesopotâmica, pode-se resumir da seguinte maneira. No princípio existiam: Apsú, deus das águas frescas e Tiamat, a deusa das águas salgadas. Os dois criam vários deuses, os quais geram desordem e caos. Devido a essa situação, Apsú decide destruir todos os deuses. O deus Ea, conhecedor do plano, mata o deus Apsú. A deusa Tiamat, cria outros deuses para constituir um exército comandado pelo deus Kingú, e vingar a morte de Apsú. Por sua vez o deus Ea, organiza outro exército e constitui ao deus Marduk, comandante do mesmo. As primeiras batalhas são favoráveis a Kingú; mas logo é derrotado. A deusa Tiamat é dividida em duas partes; da porção superior, Marduk cria os céus, sol, lua e estrelas; e da porção inferior, a terra. Kingú é degolado e seu sangue é misturado com barro para formar o Homem.



Outras pesquisas arqueológicas realizadas posteriormente, permitiram o descobrimento de outra versão mesopotâmica sobre a Criação. Essa versão é relatada sob o título de Athrahasis. Até o ano de 1965, só se conhecia uma quinta parte do relato; mas, escavações realizadas nas ruínas de Ashur, Nippur, Babilônia, e Bogashkoy (na Ásia Menor), permitiram recuperar quase a totalidade do conteúdo. Em essência os relatos são semelhantes e as diferenças em nada desvirtuam o conteúdo.

3. O JARDIM DO ÉDEN E O MITO DE ADAPA

Pesquisas históricas e análise de documentos arqueológicos apontam para claras evidências de que os antigos sumerianos, pessoas que habitavam a região sul da Mesopotâmia, tinham conhecimento de um lugar com as características do jardim do Éden, como descrito no livro bíblico de Gênesis. Essa asseveração é fortemente confirmada na existência de uma fonte literária, conhecida como “Epopéia de Emerkar”, em que aparece a descrição do “jardim dos deuses” ou “Terra de Dilmun”.

Autores que analisam o texto, reconhecendo as dificuldades de recuperação do conteúdo e de tradução do mesmo, concordam que esse relato mitológico não está completo. Porém, especialistas no assunto afirmam que se trata de um poema que procura descrever a queda do primeiro homem; e nessa tentativa, o poema épico relata claramente o ambiente original. O relato dá a entender que Enki, deus das águas, por uma razão difícil de se estabelecer, ficou zangado com o Homem, e pronunciou em forma de maldição, o surgimento de doenças e a própria morte.

Uma das “tabuinhas” que contém o texto sumeriano apresenta as seguintes frases do relato mitológico:

Em Dilmun, o Jardim dos deuses.
Aquele lugar era puro, aquele lugar era limpo,
O leão não caçava sua presa.
O lobo não roubava as ovelhas.
O cão não incomodava às crianças em repouso,
As aves não esqueciam seus filhotes
As pombas não eram postas a voar
Ali não havia doença nem dor...

Na seqüência do relato, a próxima “tabuinha”, descreve o surgimento da doença e morte no ambiente da “Terra de Dilmun”.

Sobre a “queda” do homem, existe outro relato mesopotâmico conhecido sob o título “Mito de Adapa”. O conteúdo desse relato encontra-se em quatro fragmentos babilônicos, dos quais, três pertenciam à biblioteca de Ashurbanipal e o quarto pertencia aos arquivos do faraó Amenhotep IV ou Akhenaten, que foram achados nas ruínas de Tell el Amarna, no Egito.

A versão mitológica sobre a queda do homem, encontra-se escrita na forma de poema, e pode ser resumida da seguinte forma: Adapa era um ser semideus, e exercia o cargo de sacerdote do deus Ea, em Eridu. O relato destaca sua sabedoria, e sua atividade como pescador. Certo dia, o vento sul provoca o naufrágio da embarcação de Adapa. Este, irado por esse fato, quebra as asas do vento e por sete dias não há nenhuma brisa. Devido ao calor excessivo, Anu, deus dos céus, manda chamar Adapa. O protetor de Adapa, o deus Ea, adverte seu protegido para evitar comer ou beber qualquer coisa que o deus Anu lhe apresentar. Durante o encontro, Adapa, fiel ao conselho do seu protetor, rejeita a comida e bebida que lhe é oferecida. Mais tarde, descobre que essa comida e bebida tinham o atributo de prover a vida eterna.

4. CASCATAS NO DILÚVIO

Entre os documentos encontrados nas ruínas da biblioteca de Ashurbanipal, e que foram traduzidos por George Smith, estavam textos que relatavam o dilúvio na versão mesopotâmica. O conteúdo desse relato, escrito em doze “tabuinhas” de argila, é conhecido como “Epopéia de Gilgamesh”.

Cópias dessa versão foram encontradas nas ruínas de cidades antigas como Ugarit, Bogashkoi e Megido; as quais confirmam a idéia de que esse relato era amplamente divulgado entre as populações do passado.



O relato, depois de descrever o cenário onde se desenvolve a história mítica, dá a conhecer a morte do deus Enkidu, protetor de Gilgamesh. Sem a proteção divina, Gilgamesh é acometido de intenso medo diante da possibilidade da morte, e dessa maneira inicia uma viagem em busca da imortalidade. Atravessa o perigoso “grande mar”, com o auxílio do monstro Siduri e, vence as dificuldades encontradas no “mar da morte”. Finalmente chega ao seu destino previamente fixado; a região onde mora Utnapistim, o ser que encontrou a imortalidade e tem lugar garantido na assembléia dos deuses.

Gilgamesh, desejoso de saber como é que Utnapistim encontrou a imortalidade, ouve com atenção o relato proferido por este último. Devido ao barulho produzido pelos homens, os deuses decidiram terminar com a humanidade. O deus Ea, dá a conhecer a Utnapistim a decisão tomada pelos deuses e aconselha construir uma embarcação com 30 mil cestos. Segue uma longa descrição das medidas da embarcação e seus compartimentos, e ali devem ser colocadas espécies de animais. Logo sobreveio uma intensa chuva com “cascatas” que causaram temor entre os deuses. Estes, acometidos de pavor, fogem ao céu de Anu com gritos como de cães feridos, e a deusa Ahstar, emite um grito doído semelhante à mulher em parto.

Terminada a chuva torrencial, Utnapistim aguarda que as águas baixem e após sete dias envia uma pomba, logo uma andorinha e finalmente um corvo que volta com um pequeno galho no bico. Então, era o momento de sair da embarcação. Utnapistim levanta um altar e oferece sacrifícios aos deuses. O cheiro das ofertas queimadas atrai os deuses que acodem como “moscas”. O deus Enlil, furioso indaga a razão de Utnapistim ter ficado vivo. O deus Ea, saindo em defesa de Utnapistim, explica as vantagens de um ser que ofereça sacrifícios aos deuses. Então, é declarada a sua condição de imortalidade e de participar na assembléia dos deuses.

CONCLUSÃO

A análise dos documentos arqueológicos encontrados nas ruínas de cidades do Antigo Oriente Médio, nos permite chegar às seguintes conclusões:

(a) Os relatos sobre as origens, encontrados em documentos procedentes das ruínas de cidades mesopotâmicas, são mais outros exemplos da extensa quantidade de relatos mitológicos semelhantes, existentes no pensamento filosófico-religioso de outras culturas.

(b) Os relatos sobre as origens, registrados em “tabuinhas” de argila, os quais são cronologicamente localizados em períodos posteriores, confirmam que seu conteúdo é de procedência anterior ou de um tempo primordial. Dessa maneira expressam as crenças que os membros dessa cultura manifestavam em relação às origens.

(c) O conteúdo desses relatos mostra notória semelhança e também diferença com os relatos encontrados na Bíblia, com uma particularidade: a essência é a mesma.

(d) Sendo essencialmente iguais, cabe afirmar que os relatos bíblicos e os de outras culturas eram os mesmos nos primórdios da civilização.

(e) Os relatos começaram a variar no seu conteúdo à medida que surgiam novas gerações, contando para isso unicamente com o recurso da transmissão oral.

(f) As diferenças mais marcantes ocorreram quando se constituíram grupos sociais organizados em ambientes diversos, os quais adaptaram esses relatos à realidade política social e religiosa de cada cultura.

BIBLIOGRAFIA

GRAY, John. **Archaeology and the Old Testament World**, Harper and Row Publishers
New York and Evanston, 1962.

HEIDEL, Alexander. **The Gilgamesh Epic**, The University of Chicago Press,
Chicago, 1963.

LA SOR, William Sanford. **Old Testament Survey**, William B. Eerdmans Publishing
Company, Grand Rapids, Michigan, 1983.

PRICE, Ira Maurice e outros. **The Monuments and the Old Testament**, The Judson Press,
Philadelphia, 1965.



PRITCHARD, James B. ed. **The Ancient Near East. A New Anthology of Texts and Pictures**, Vol. II, Princeton University Press, 1975.

SODEN, Wolfram von. **The Ancient Orient**, William B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, Michigan, 1994.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2005

ESTÁGIO DE EVANGELISMO PÚBLICO: A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DE TEOLOGIA DO UNASP DE 2002 A 2004

Alex Gonsalves de Oliveira

Bacharel em Teologia e Comunicação Social pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
TCC apresentado em novembro de 2005
Orientador: José Miranda Rocha, D.Min.
alexgonsalves@gmail.com

RESUMO: Essa pesquisa pretendeu avaliar a prática de evangelismo público vivenciada pelos alunos de teologia do Unasp em 2004, e compará-la ao mesmo estágio realizado nos anos de 2002 e 2003. A percepção dos alunos entrevistados aponta para uma avaliação geral positiva do programa de estágio. Boa parte dos estagiários reconhece a importância dessa prática para a própria formação pastoral. Porém, como pontos a melhorar na realização das séries evangelísticas estão o trabalho de envolvimento da membresia local na campanha e a assistência pós-batistal aos recém-convertidos.

PALAVRAS-CHAVE: evangelismo público, prática pastoral, projeto de continuidade.

The public evangelism training program: its perception by the Unasp theology students from 2002 to 2004

ABSTRACT: This research pretended to evaluate the practice of public evangelism experienced by the theology students of UNASP in the year of 2004, and to compare it with experience of the students of 2002 and 2003. The perception of the students interviewed points generally to a positive evaluation of this training program. A good number of students recognized its relevance to their own pastoral formation. Nevertheless, they pinpointed to the need to improve the involvement of the local members in these evangelistic series, and the post-baptismal follow-up of the new converted members.

KEYWORDS: public evangelism, pastoral practice, project for continuity.

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Curso de Teologia

ESTÁGIO DE EVANGELISMO PÚBLICO: A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DE TEOLOGIA
DO UNASP DE 2002 A 2004

por

Alex Gonsalves de Oliveira

Novembro de 2005

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Curso de Teologia

ESTÁGIO DE EVANGELISMO PÚBLICO: A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DE TEOLOGIA
DO UNASP DE 2002 A 2004

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
À Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

por

Alex Gonsalves de Oliveira

Novembro de 2005

ESTÁGIO DE EVANGELISMO PÚBLICO: A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DE TEOLOGIA
DO UNASP DE 2002 A 2004

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
À Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

por

Alex Gonsalves de Oliveira

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
José Miranda Rocha
Professor de Teologia Aplicada

Avaliação

Natanael Bernardo Pereira Moraes
Professor de Teologia Aplicada

Data da Aprovação

Amim Américo Rodor
Coordenador do Curso de Teologia

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 01 |
| Definição do Problema | 02 |
| Propósitos da Pesquisa | 02 |
| Delimitação do Estudo | 02 |
| Metodologia | 03 |
| Sumário dos Capítulos | 03 |
| CAPÍTULO I - HISTÓRICO DO ESTÁGIO DE EVANGELIZAÇÃO PÚBLICA | 05 |
| Missão IAense | 07 |
| Ampliação do Plano de Estágio | 08 |
| CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 10 |
| A Bíblia e o Evangelismo | 10 |
| Ellen G. White e o Evangelismo | 12 |
| Pregar no Contexto do Grande Conflito | 14 |
| Uma Tarefa Para os Jovens | 16 |
| Características Básicas da Equipe Evangelística | 17 |
| O Desafio da Etapa de Continuidade | 20 |
| Outros Autores e o Evangelismo | 24 |
| Entendendo Evangelismo | 25 |
| Focalizando o Início do Processo | 26 |
| Continuidade, Consolidação e Acompanhamento | 28 |
| CAPÍTULO III - ANÁLISE COMPARATIVA DAS TRÊS UNIÕES | 32 |
| Expectativas Anteriores | 33 |
| Pontos Fortes e Fracos | 34 |
| Desempenho dos Envolvidos | 34 |
| Prioridades Estabelecidas | 39 |
| Avaliação do Programa | 44 |
| Percepção do Evangelismo | 51 |
| CONCLUSÃO | 56 |
| BIBLIOGRAFIA | 60 |
| ANEXOS | 63 |
| ANEXO A - CONFERÊNCIAS DA UCB | 64 |

| | |
|--|------------|
| Expectativas Anteriores | 64 |
| Pontos Fortes e Fracos | 65 |
| Desempenho dos Envolvidos | 65 |
| Prioridades Estabelecidas | 68 |
| Avaliação do Programa | 71 |
| Percepção do Evangelismo | 75 |
| ANEXO B - CONFERÊNCIAS DA UCOB | 77 |
| Expectativas Anteriores | 77 |
| Pontos Fortes e Fracos | 78 |
| Desempenho dos Envolvidos | 78 |
| Prioridades Estabelecidas | 80 |
| Avaliação do Programa | 83 |
| Percepção do Evangelismo | 87 |
| ANEXO C - CONFERÊNCIAS DA USB | 89 |
| Expectativas Anteriores | 89 |
| Pontos Fortes e Fracos | 90 |
| Desempenho dos Envolvidos | 90 |
| Prioridades Estabelecidas | 93 |
| Avaliação do Programa | 96 |
| Percepção do Evangelismo | 100 |
| ANEXO D – QUESTIONÁRIO SOBRE O ESTÁGIO DE EVANGELISMO PÚBLICO | |
| 2004 | 102 |
| ANEXO E – RESPOSTAS DAS QUESTÕES SUBJETIVAS DO QUESTIONÁRIO | 105 |
| Anexo E1 – Respostas dos Estagiários da UCB | 106 |
| Anexo E2 – Respostas dos Estagiários da UCOB | 111 |
| Anexo E3 – Respostas dos Estagiários da USB | 113 |

GLOSSÁRIO DE TERMOS UTILIZADOS

Segue uma lista de termos utilizados no contexto da Igreja Adventista do Sétimo Dia e que são mencionados neste trabalho:

Membros – pessoas que foram batizadas na igreja e que tem o seu nome no livro de registro da secretaria da igreja.

Obreiros – pessoas que trabalham em prol da igreja, contratados pela administração da mesma. Geralmente têm a função de auxiliar em séries evangelísticas públicas e de ministrar estudos bíblicos para as pessoas na igreja ou em suas casas.

Evangelismo Público – programa em que são ministradas palestras de cunho evangelístico aberto para a comunidade com o envolvimento de pastores, membros e obreiros.

Conferências Públicas – geralmente equivalente a Evangelismo Público.

Evangelista – pastor que dirige Conferências Evangelísticas Públicas.

Distrito – órgão administrativo da Igreja Adventista do Sétimo Dia que administra uma região que engloba várias igrejas.

Associação – órgão administrativo da Igreja Adventista do Sétimo Dia que administra uma região que engloba vários distritos.

União – órgão administrativo da Igreja Adventista do Sétimo Dia que administra uma região que engloba várias associações.

Divisão – órgão administrativo da Igreja Adventista do Sétimo Dia que administra uma região que engloba várias Uniões.

UCB – União Central Brasileira.

UCOB – União Centro-Oeste Brasileira.

USB – União Sul Brasileira.

DSA – Divisão Sul-Americana

IASD – Igreja Adventista do Sétimo Dia

IAE-C1 – Instituto Adventista de Ensino – Campus 1 (São Paulo)

IAE-C2 - Instituto Adventista de Ensino – Campus 2 (Engenheiro Coelho)

Unasp – Centro Universitário Adventista de São Paulo

Missão IAEnse – departamento do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia do IAE/Unasp responsável por administrar os estágios dos alunos.

INTRODUÇÃO

Levar as boas novas de salvação para o mundo é tarefa de todos os crentes. Embora todos devam exercer parte ativa nesse processo, os líderes têm a função especial de treinar a igreja para que tenha êxito em tal missão. Esse treinamento se torna eficaz quando os treinadores contam com uma experiência positiva desde o início de seu próprio processo formativo.

Tal início se dá, geralmente, quando estes treinadores-pastores estão ainda no curso de teologia, principalmente quando conciliam a teoria com a prática no estágio de evangelismo público. Na proposta educacional do curso de teologia do UNASP, no segundo semestre do terceiro ano do curso, os alunos são preparados e participam de conferências públicas em alguma parte situada nos territórios das Uniões do Brasil. Os alunos são distribuídos conforme as propostas de estágio das Associações e o planejamento de equipes pelo professor de evangelismo.

Sobre tal experiência os alunos emitem declarações e considerações sobre problemas que enfrentaram e críticas quanto à estrutura. Torna-se imprescindível assim coletar estas informações para se fazer uma avaliação criteriosa, a fim de que esta contribua para a continuidade de tal projeto que tão útil tem se mostrado. Tudo o que se realiza, para que permaneça, precisa ser avaliado e, nos devidos aspectos, reestruturado.

Nas considerações ao professor da prática de evangelismo público, os alunos colocam os resultados e as leituras que fizeram da situação, mas não se chega muitas vezes às causas. Diagnosticar cada caso e compará-lo com outros, levantando diferenças e semelhanças, a partir dos contextos respectivos é o que vai delinear o desfecho desta pesquisa.

Definição do Problema

Findo o período do estágio de evangelismo público com os alunos do terceiro ano do curso de teologia, estes prestam relatório e avaliações simples que são entregues e analisados pelo professor. Mas não se tem um momento específico e suficiente para que as informações relatadas sejam objeto de análise, onde os resultados sejam compartilhados com os alunos que estagiaram, a fim de que juntos com o professor levantem forças e fraquezas das campanhas evangelísticas das quais participaram.

Propósitos da Pesquisa

Os propósitos da pesquisa foram: Identificar os pontos fracos e fortes nas práticas de estágio de evangelismo público ocorridas nas diferentes associações; comparar esses pontos, separando os mais freqüentes e a partir destes diagnosticar as possíveis forças e fraquezas do projeto de estágio; coletar declarações avaliativas dos alunos a fim de que pudessem ajudar tanto no diagnóstico e solução dos problemas, quanto na identificação dos aspectos positivos.

Delimitação do Estudo

Esta pesquisa objetivou apenas levantar dados sobre o estágio de evangelismo público, como praticado pelos alunos do curso de teologia do UNASP Campus Engenheiro Coelho de 2004, com acréscimo de alguns que participaram em anos anteriores (2002 e 2003). Não foi intenção estender a pesquisa a todos os anos desta prática, desde seu início em 1987. Quem aplicou o questionário foi o aluno que assina como autor este projeto.

Metodologia

A metodologia usada no presente estudo contemplou, em primeiro lugar, a leitura atenta das obras e documentos sobre o tema em questão. Em seguida, buscou-se obter informações dos alunos do curso de teologia, que fornecessem dados suficientes e pertinentes, com a maior fidelidade possível, a fim de se conseguir realizar um estudo aprofundado dos mesmos e assim chegar a um resultado satisfatório.

Assim, realizou-se uma pesquisa exploratória quantitativa, através de um questionário predominantemente objetivo, que foi aplicado aos alunos que participaram do estágio em 2004, e alguns que participaram em anos anteriores (2002 e 2003), que tornou possível levantar os primeiros indicativos por parte dos alunos, relativos às suas percepções da prática de evangelismo público. Tal questionário possibilitou uma tabulação de resultados que mostraram uma visão geral da turma. Isso foi viável devido ao universo limitado de aproximadamente setenta e cinco (75) alunos.

O projeto objetivou resultados indicativos ou prováveis, devido ao tempo limitado e às técnicas disponíveis. O método de coleta de dados foi através de fontes primárias, com aplicação do referido questionário objetivo. Algumas questões que exigiram respostas subjetivas estiveram presentes no questionário com o propósito de, unidas às respostas objetivas, permitirem uma análise mais abrangente, diminuindo as possibilidades de resultados indicativos não procedentes.

Sumário dos Capítulos

No capítulo um, foram estudados os fundamentos filosóficos do treinamento evangelístico oferecido pelo curso de teologia. Deu-se destaque para o ideal proposto nestes referenciais, com ênfase no preparo antecedente à campanha, e na continuidade, que sucede à campanha.

No capítulo dois, foi levantado um breve histórico do estágio de evangelismo público para o preparo ministerial, praticado desde o início do curso de teologia em 1915, em Santo Amaro, São Paulo.

O capítulo três focaliza os resultados da pesquisa quantitativa, tendo em vista a análise da estrutura, objetivos, resultados, pontos fracos, pontos fortes e possíveis causas, das conferências nas quais participaram os alunos entrevistados. Após ter feito a análise, foram cruzadas as informações destacando os pontos fracos e os pontos fortes em comum.

O estudo não pretendeu desconsiderar o trabalho avaliativo sistemático, efetuado anualmente pelo professor de prática de evangelismo público, que tem sido feito até o presente, mas oferecer um referencial a mais, partindo da percepção dos alunos que participam ativamente no processo.

CAPÍTULO I

HISTÓRICO DO ESTÁGIO DE EVANGELISMO PÚBLICO

No início do curso de teologia em 1915, a formação ministerial era mais voltada para a prática.¹ O treinamento em evangelismo, ministrado aos estudantes, seguia o enfoque da abordagem pessoal. A colportagem e a visitação eram os métodos mais empregados. Nesses primórdios, pouco se desenvolvia o aluno em relação à prática de séries de conferências públicas em grandes dimensões. Segundo Wolter, as primeiras tentativas de grandes séries de conferências ocorreram em 1914, lideradas por John Lipke, em Santo Amaro-SP.² E Wolter acrescenta: “nessa época havia poucos evangelistas de carreira para organizar grandes ajuntamentos de pessoas no Brasil. Não havia treinamentos, nem muitas técnicas, mas atendia-se à ordem: ‘Ide e pregai...’ numa boa vontade dos pioneiros”.³

Na década de 20, Walter Shubert se destacou como o primeiro evangelista público de renome no âmbito da América do Sul. Além de realizar as séries de conferências, sua preocupação era treinar outros pastores, para que pudessem realizar suas próprias conferências

¹ Berndt Dietrich Wolter, “Uma Avaliação do Treinamento Ministerial nos Estágios de Evangelismo Público do SALT – Sede Brasil-Sul”. Dissertação de Mestrado (Engenheiro Coelho, SP: SALT-IAE, 2000), 22-32.

² João Rabelo, “Biografia de John Lipke” (manuscrito, cedido gentilmente antes da publicação, 1998, 31-32), citado em Wolter, 22.

³ Ibid.

em suas respectivas regiões de atuação. “Schubert, um gago, iniciou sua carreira de evangelista em 1923”.¹

Walter Schubert teve grande influência no desenvolvimento do evangelismo público no Brasil, pois ele utilizou suas próprias séries de evangelização para ensinar os pastores, futuramente, a realizarem outras. “Durante a série não se preocupava [apenas] em ministrar as palestras, mas também em treinar os pastores que com ele trabalhava, capacitando-os para que fizessem suas próprias campanhas onde depois estivessem [trabalhando]”.² No plano de “cada cruzada evangelística surgia uma escola de evangelismo, onde estudos relevantes eram feitos, geralmente de manhã, cinco dias por semana, sob direção do próprio Schubert”.³ Wolter ainda informa que “o tempo era também despendido para discutir e solucionar as situações difíceis” que periodicamente surgiam em função das dúvidas com as pessoas interessadas no estudo da Bíblia.⁴

O modelo de Schubert, afirma Wolter, é usado até hoje no treinamento dos estudantes do curso de teologia, levando em conta algumas variações e atualizações. A estratégia de treinamento era convidar experientes evangelistas “para ministrar aulas no seminário”.⁵ Os estudantes eram envolvidos pelo próprio professor evangelista em sua série de conferências no território da região metropolitana de São Paulo. A participação dos alunos variava desde o envolvimento completo no ciclo de palestras ou em apenas algumas destas, “o que era considerada boa contribuição para a formação pastoral do estudante de teologia”.⁶

1 Salim Japas, “A Strategy for SDA Public Evangelism Within a Roman Catholic Society Context in Hispanic America”. Tese Doutoral (Berrien Springs, MI: Andrews University, 1978), 32. Citado em Wolter, 24.

² Murray, 17. Citado em Wolter, 25.

³ Ibid.

⁴ Ibid.

⁵ Wolter, 26.

⁶ Ibid.

Missão Iaense: Observação e/ou Participação

O modelo de Schubert foi, por muitos anos, praticado sempre que possível. O curso de teologia, ainda que não sistematicamente, procurou constantemente demonstrar preocupação quanto ao preparo dos seus estudantes para realizarem evangelismo público. O programa desenvolvia-se “de acordo com a iniciativa e capacidade organizacional do professor responsável ou do diretor do seminário. O professor de residência pastoral estimulava os alunos, por meio de palestras, convidados especiais e visitas esporádicas a uma série de conferências”.¹

A partir de 1968, os alunos de teologia começaram a participar em conferências públicas realizadas nas proximidades do então IAE². “Os estudantes iam normalmente às aulas no período da manhã, à tarde serviam às conferências como obreiros bíblicos e à noite assistiam às reuniões da mesma série”.³ Wolter informa que a parte teórica era dada por meio de evangelistas que “eram convidados a ministrar aulas separadas ou semestres inteiros, como foi o caso do Pr. Alcides Campolongo”.⁴

A Missão IAENSE teve um papel de destaque no campo da prática pastoral e desde 1976 passou a ter forte atuação na evangelização. Desde que assumiu a responsabilidade da prática pastoral e evangelística para os alunos do curso de teologia até 1981, o Pr. Joel Sarli⁵ dirigia os estágios por meio da “missão”, o que foi continuado pelo seu sucessor, Pr. Davi Bravo.⁶

1 Wolter, 27. “Residência Pastoral” é a nomenclatura até 2002 para designar a disciplina acadêmica hoje conhecida como “Prática Pastoral”.

² IAE é a sigla da entidade mantenedora dos três campi do UNASP. Na história desta instituição o campus 1, localizado em São Paulo, ainda é conhecido como IAE.

³ Entrevista com Aristarco Pinheiro de Mattos, então professor do SALT, Engenheiro Coelho, 7 de Julho de 1999, por telefone, citada em Wolter, 27.

⁴ Wolter, 27.

⁵ Entrevista com Joel Sarli, então coordenador da Missão IAENSE e dos estágios, Engenheiro Coelho, 1º de Julho de 1999, por telefone, citada em Wolter, 27.

⁶ Wolter, 28.

Ampliação do Plano de Estágio

Em 1987 houve uma mudança significativa no programa de treinamento dos futuros pastores. Nessa época a DSA, representada pelo Pr. Daniel Belvedere, evidenciou a preocupação de que os alunos do curso de teologia tivessem a oportunidade de estagiarem fora do território de responsabilidade da Missão IAEnse. O propósito era proporcionar aos alunos uma percepção mais ampla da realidade. Os esforços da organização superior para envolver os estudantes de teologia na prática evangelística ampla culminaram num voto do SALT – Divisão Sul-Americana, registrado naquele ano, que regulamentava o estágio de evangelismo público. Para assegurar “previsibilidade e controle, um professor, com formação acadêmica, deveria assumir a cadeira de evangelismo público. A finalidade era formar, como sempre havia se esperado, pastores distritais-evangelistas”.¹ O voto era extensivo a todas as sedes do SALT no território da DSA.

O professor de evangelismo público deveria dirigir uma série de conferências que seria financiada pela União, pela Associação, e pelo colégio que sediasse o Seminário. Os objetivos principais eram: Em primeiro lugar “atingir um número significativo de interessados, onde a União designasse”. Em segundo lugar “servir de sala de aulas e de laboratório prático para todos os alunos de teologia, quando cursassem o 3º ano”.²

No ano em que foi lavrado o voto pela Divisão Sul-Americana, 1987, foi chamado o Pr. Ricardo Cabero para implantar no curso de teologia do UNASP o novo programa de estágio. O Pr. Cabero coordenou o programa até 1991. A partir deste ano o Pr. José Miranda Rocha assumiu a coordenação do estágio e realizou séries de conferências em Ponta Grossa (1992) e em Campinas (1993).

1 Ibid.

2 Ibid., 29.

Em virtude do aumento do número de estagiários do terceiro ano de teologia, foi percebido que o professor de evangelismo ficava limitado à sua campanha evangelística sem poder dar atendimento aos alunos que haviam sido distribuídos nas demais frentes de trabalho.¹ Esta era razão suficiente para as uniões patrocinadoras do estágio tomarem consciência sobre as dificuldades para colocar em prática o plano sugerido pelo voto 87/493, como proposto originalmente. Um número muito maior de séries de conferências era capaz de atender a demanda de ofertas para todos os alunos. Elaborou-se então um plano modificado em relação ao original, proposto pelo voto 87/493, com decisões tomadas em conjunto com os campos das Uniões Sul e Central. A modificação recomenda que os alunos do terceiro ano de teologia sejam envolvidos nas séries de conferências que as próprias associações desenvolveriam normalmente; não haveria, assim, uma série projetada e liderada pelo professor de evangelismo.² Esta nova projeção do programa de estágio alterou a atuação do professor junto às uniões.

No sistema atualmente praticado, os alunos têm um mês (agosto) de aulas intensivas, para depois irem para o estágio em uma série de evangelização, iniciando-se em setembro e estendendo-se até ao final de novembro. O professor coordena os estagiários e visita em todas as frentes de prática de evangelismo no território das uniões mantenedoras do curso de teologia; isto é, nos territórios da USB, UCB e UCOB. Este plano está em vigência, sendo constantemente adaptado e melhorado em negociação amigável com os campos e uniões.

1 Ibid., 29-31.

2 Ibid., 31.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esse capítulo oferece a base para a análise que segue o presente trabalho. Nele serão destacados algumas explicitações bíblicas, acompanhadas de escritos de Ellen G. White e de outros autores sobre evangelismo. Na Bíblia, com ênfase especial no Novo Testamento, o evangelho é a essência da vida cristã. Nos escritos de Ellen G. White a importância do evangelismo é muito enfatizada, principalmente no que se refere à evangelização pública. O mesmo aspecto foi procurado em outros autores. Os pontos de destaque se referem ao preparo, relacionamentos e continuidade, sendo que são estes os que mais deixam a desejar na maioria das atuais conferências. A execução em si não será analisada, pois, no geral, tem sido considerada satisfatória, e há abundância de material produzido.

A Bíblia e o Evangelismo

Jesus, no início de seu ministério, revelou sua missão de anunciar o Reino de Deus (Mr. 1:14; Lc. 4:43; 7:22). Desde então, Sua vida foi em prol de tal missão. A pregação das boas novas (Mt. 11:5) a todos, em especial aos pobres e oprimidos, era a meta de Jesus, acima das curas e milagres. Estes eram, na realidade, executados em prol de dar força à mensagem pregada.

Se o evangelho era prioridade do próprio Jesus, os filhos dEle deveriam priorizá-lo também. Cristo colocou que o amor ao evangelho está intimamente ligado ao amor a Cristo (Mt. 10:29-30). Os cristãos deverão, a exemplo de Cristo viver e anunciar com alegria o evangelho

que Ele lhes deixou. A Grande Comissão (Mt. 28:19-20) é o chamado a experimentar o que Cristo viveu, seguindo o seu exemplo, anunciando Suas boas novas, levando pessoas a Ele e ensinando o que Ele deixou.

Uma grande referência para a compreensão da profundidade do evangelho e a missão do crente em anunciá-lo são os escritos de Paulo. Ele considerava a si próprio como separado para anunciar o evangelho (Rm. 1:1-7). Segundo a compreensão do apóstolo, foi por meio do evangelho que ele e todos que aceitaram também receberam graça, salvação, poder para vencer e justiça (Rm. 1:5,16-17). Assim, além de evidenciar a importância do mesmo, deu sustentação suficiente para que nem ele nem outros tivessem motivos para se envergonhar e/ou se intimidar em anunciar tais boas novas.

Pedro, ao escrever sua segunda epístola declarou que o anúncio do evangelho deve ser constante, tendo também o caráter de lembrar o que já se conhece, como que assegurando a lembrança das verdades essenciais, que continuam vigorando no presente (II Pe. 1:12-15). Pregar a mensagem de salvação vinda de Deus ao homem no contexto atual, é explicitado pelos seguidores de Cristo do Novo Testamento, mas também é percebida nos crentes do Antigo Testamento, que tinham mensagens fortes de salvação vindas de Deus, a ser anunciadas nos seus próprios contextos. Exemplos: Noé, Abraão, Davi, os sacerdotes do santuário, Daniel, José, etc.

Dessa forma, a mensagem de salvação está sendo anunciada desde seus primórdios, passando pelos patriarcas e profetas, ficando explicitada e intensificada em Jesus, continuada pelos apóstolos e discípulos, chegando até nós por meio da igreja. Fica evidente assim, que os cristãos da atualidade devem, com o mesmo empenho, motivação e vigor passar a mensagem adiante, seguindo a dinâmica até o retorno de Jesus.

Aos convictos do evangelho, a atuação do Espírito Santo veio a dar segurança e certeza de vitória (At. 1:8). Sempre que há o chamado para a proclamação das verdades há a preparação

antes, como no caso de Moisés no deserto antes de liderar o povo; a capacitação durante, como no caso dos discípulos, e um plano de continuidade e sustentação depois, como no caso dos cristãos convertidos no pentecostes (At. 2: 42:46). Elementos diversos de um processo de evangelização comprometida são notados nas diversas experiências bíblicas. Uma que merece destaque é o envolvimento dos mais experientes com os novos, como no caso de Elias e Eliseu. Elias educou Eliseu, auxiliando-o no fortalecimento pessoal e capacitando-o para levar adiante a missão.

Essas evidências bíblicas tornam nítida a certeza da importância do evangelho e da missão dos cristãos, identificados com Cristo, em anunciá-lo. Várias outras passagens podem ser acrescentadas, mas para o presente trabalho estas são suficientes para dar o destaque proposto. O estudo da forma como o evangelho era levado por Jesus e seus discípulos torna evidente a seriedade com que tratavam, o preparo anterior, a ênfase e vigor com que levavam e o envolvimento e preocupação com a continuidade daqueles que aceitaram. As epístolas são evidências fortíssimas de que evangelismo na compreensão dos apóstolos não era só levar as pessoas à decisão, mas também trabalhar em prol de mantê-las firmes após tal decisão.

Ellen G. White e o Evangelismo

Evangelizar é missão de toda a igreja, incluindo líderes e membros. De graça todos receberam, de graça todos devem dar. É o partilhar multiplicador oferecido pela dinâmica de Jesus, apresentada à humanidade, quando veio à Terra. A seguir, declarações de Ellen G. White a respeito do tema em estudo serão citadas com comentários adicionais elucidativos.

O limite da Grande Comissão é a Terra com todos os seus habitantes. Isso foi enfatizado pelo próprio Jesus aos seus discípulos: “Portanto, ide, ensinai todas as nações”. Mat. 28:19. Juntamente com a missão veio a promessa: “E eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos

séculos”. Mat. 28:20. Ellen G. White, analisando esse contexto das últimas palavras de Cristo diz “Ide aos mais afastados limites do globo habitável, e sabeis que aonde quer que fordes Minha presença vos assistirá”.¹

É desejo de Deus que os que receberam a salvação prontamente oferecida por Ele, também sejam prontos a contribuir para que outros também por ela sejam agraciados. “Deus deseja que os que recebem Sua graça sejam testemunhas do poder da mesma. A igreja, inteiramente consagrada ao seu trabalho, deve levar a mensagem ao mundo”.² Cristo espera que Seus filhos que foram achados pelo Evangelho ajudem no trabalho de encontrar a outros. “A ovelha perdida deve ser conduzida de volta, em segurança, para o curral. Quem se unirá aos que vão buscá-la? Quem erguerá a luz aos que tateiam nas trevas do erro?”³

Deve o cristão dedicar tempo crescente no envolvimento evangelístico. “A obra evangelística, de abrir as Escrituras aos outros, advertindo homens e mulheres daquilo que está para vir ao mundo, deve ocupar, mais e mais, o tempo dos servos de Deus”.⁴ Ellen White convoca os adventistas do sétimo dia a assumirem a responsabilidade: “Assumamos agora o trabalho que nos é designado, e proclamemos a mensagem que há de despertar homens e mulheres, levando-os a reconhecer seu perigo”.⁵ O crescimento da igreja depende desse envolvimento. “Se cada adventista do sétimo dia houvesse feito o trabalho que lhe foi confiado, o número de crentes seria hoje muito maior do que é”.⁶

¹Ellen G. White, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 15.

²Ibid. 15-16.

³Ibid.

⁴Ibid., 17.

⁵Idem, *Testemunhos Seletos*, vol. 3, 293.

⁶Ibid.

Pregar no Contexto do Grande Conflito

A forma de lutar contra os poderes das trevas é por meio da proclamação da mensagem. Esta é a estratégia divina. “O Senhor determinou que a proclamação desta mensagem fosse a maior e mais importante obra no mundo, para o presente tempo”.¹ É exatamente assim que deve o povo de Deus enxergar a proclamação do evangelho, como uma arma contra Satanás e seus aliados. O exército de Satanás é numeroso, por isso os seguidores de Cristo devem se espalhar pelo mundo e lutar “erguendo o estandarte da verdade nos lugares entenebrecidos da Terra e fazendo tudo quanto for possível para destruir o reino do demônio”.²

A obra missionária deve avançar de forma a fazer surgir novas igrejas, constantemente, expandindo a dimensão territorial de alcance. “Igrejas devem ser organizadas e planos formulados para o trabalho que se realizará pelos membros das recém-organizadas igrejas”.³ É evidente que a intenção é o crescimento significativo e contínuo onde a “obra missionária do evangelho precisa manter-se atingindo e anexando novos territórios, ampliando as porções cultivadas da vinha. O círculo deve ser estendido até que rodeie o mundo”.⁴

Lugares e pessoas novas devem ter prioridade no recebimento da mensagem. Ao mesmo tempo a mensagem a ser proclamada é solene e difícil, por isso é preciso otimizar a propagação da mesma. Ao invés de insistir em levá-la àqueles que já tiveram várias oportunidades de conhecê-la, o conselho é ir aonde o povo nunca ouviu, realizando “reuniões campais em cidades em que a verdade não foi proclamada. Alguns assistirão às reuniões e aceitarão a mensagem”.⁵ Essas devem ser as regiões mais procuradas para a proclamação, pois os lugares em que a verdade nunca foi proclamada

¹ Idem, *Evangelismo* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1959), 18.

² Ibid.

³ Ibid.

⁴ Ibid.

⁵ Ibid., 20-21.

são os melhores para trabalhar. O efeito será muito mais eficaz. Aqueles que nunca ouviram a verdade “verão a maldade do pecado, e seu arrependimento será completo e sincero. O Senhor atuará nos corações que, no passado, poucas vezes receberam apelos, corações que antigamente não haviam visto a enormidade do pecado”.¹

Todos os segmentos sociais precisam ser focalizados. O priorizar uma classe em detrimento a outra é atrapalhar o processo da abrangência universal, em que se busca levar a mensagem. Ellen White conclama: “Entrai nas grandes cidades e criai interesse entre os grandes e os pequenos. Tornai vosso trabalho o pregar o evangelho ao pobre, mas não pareis aí. Procurai alcançar também as classes mais elevadas. Estudai vossa localidade tendo em vista deixar a luz irradiar para outros”.²

Há muitas cidades que se encontram em situação de impenitência por falta de advertências. “Se tivesse havido diligente esforço na obra de tornar a verdade para este tempo conhecida nas cidades que não estão advertidas, elas não estariam agora impenitentes como se encontram”.³ Ellen White tem uma afirmação forte a respeito: “Da luz que me foi concedida, sei que poderíamos ter hoje milhares mais se regozijando na verdade, se o trabalho tivesse sido realizado conforme exige a situação, de muitas maneiras intensivas”.⁴

Quanto mais evidente for o Juízo Iminente, maior a dedicação. Ellen White exorta inclusive os pastores, líderes que estão à frente deste trabalho:

“Se nossos pastores considerassem quão brevemente os habitantes do mundo serão congregados diante do trono do juízo de Deus, a fim de responder pelos atos praticados no corpo, com que fervor não trabalhariam eles juntamente com Deus, no sentido de apresentar a verdade! Quão ardentemente não se esforçariam a guiar os homens a aceitarem a verdade! Quão incansavelmente não trabalhariam para desenvolver a causa

¹ Ibid., 21.

² Idem, *Testemunhos Para Ministros* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1984), 400.

³ Idem, *Evangelismo*, 21.

⁴ Ibid.

de Deus no mundo, proclamando, por palavras e atos, que ‘já está próximo o fim de todas as coisas.’ I Ped. 4:7”.¹

A comodidade deve ser eliminada. O tempo para o juízo está se esgotando. Todo esforço precisa ser feito. O máximo de pessoas deve se empenhar no trabalho missionário, “em toda parte há necessidade de obreiros para Cristo. Deveria haver cem trabalhadores diligentes e fiéis nos campos missionários nacionais e estrangeiros onde agora há só um”.²

Uma Tarefa Para os Jovens

O Senhor quer muitas pessoas trabalhando em proclamar o evangelho. E uma classe especial é a dos jovens. Deus os chama para serem sentinelas nos postos avançados. “O Senhor pede mais obreiros para trabalharem em Sua vinha. Foram ditas as palavras: ‘Fortalecei os postos avançados; mantende fiéis sentinelas em todas as partes do mundo.’ Deus vos chama, jovens”.³ Ele convoca os que têm “coração generoso e largueza de vistas, e que se achem possuídos de profundo amor a Cristo e à verdade”.⁴

Numa espécie de santa convocação, Deus está chamando os jovens a trabalharem. “O Senhor está atualmente pedindo jovens de ambos os sexos, que sejam fortes e ativos de mente e de corpo”.⁵ Eles estão no vigor da vida, e o melhor dela deve ser dedicado ao anúncio do evangelho. “Deseja que tragam para o conflito contra os principados e potestades e os exércitos espirituais da maldade nos lugares celestiais, as forças frescas e sãs de seu cérebro e corpo”.⁶

¹ Ibid., 17-18.

² Idem, *Fundamentos da Educação Cristã* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1975), 488.

³ Idem, *Obreiros Evangélicos* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1969), 63.

⁴ Ibid.

⁵ Ibid., 70.

⁶ Ibid.

Mas a necessidade e a urgência não são razões para realizar a obra com desdém. A educação e o preparo são elementares. “Eles precisam receber o necessário preparo. Estão-se esforçando por ter entrada na obra alguns jovens, que não têm para ela nenhuma aptidão. Não compreendem que precisam ser ensinados antes de poderem ensinar”.¹ Alguns argumentam que homens com pouco preparo têm tido sucesso no trabalho. Quanto a essa posição Ellen White adverte que “se esses foram bem-sucedidos, foi porque puseram na obra alma e coração. E quão mais eficientes haviam de ser seus esforços, se tivessem recebido primeiramente o devido preparo!”²

Características Básicas da Equipe Evangelística

Consagração ao Senhor. “Deus pede homens que se entreguem a Ele para serem possuídos por Seu Espírito... Que sejam fortes, valentes, aptos para toda boa obra, e façam com Deus um concerto com sacrifício”.³ O máximo, e não o mínimo, é o que se espera daqueles que trabalham na obra de Deus. “O ministério não é lugar para preguiçosos. Os servos de Deus têm de ser bem provados para seu ministério. Não serão indolentes, mas, como expositores de Sua palavra, desenvolverão a máxima energia para serem fiéis. Nunca devem deixar de aprender”.⁴ Santificação, que envolva determinado estudo e oração é o que deve ser buscado diligentemente por essas pessoas “a fim de que, em tempo algum e em nenhum lugar apresentem a Deus um sacrifício defeituoso, uma obra que não lhes tenha custado estudo ou oração”.⁵

Desenvolvimento Pleno. A busca pelo desenvolvimento das faculdades mentais e morais deve ocorrer com afinco “mas seu êxito será proporcional ao grau de consagração e abnegação com

¹ Ibid.

² Ibid.

³ Ibid., 63-64.

⁴ Ibid, 64.

⁵ Ibid.

que o serviço for feito, de preferência aos dotes naturais ou adquiridos”.¹ Tal esforço, em hipótese alguma sobrepõe a atuação de Deus “A graça divina, eis o grande elemento do poder salvador; sem ela, todo o esforço humano é inútil”.²

Se o objetivo é tornar o jovem eficiente na causa de Deus, é mister um trabalho ativo para que isso seja alcançado. Para atingir um aceitável nível de eficiência, o jovem precisa estar em ação. A prática molda o perfil do obreiro eficaz. Se a educação e o preparo são considerados essenciais para determinar o sucesso para os negócios comuns, “mais essencial é o inteiro preparo para a obra de apresentar ao mundo a última mensagem de misericórdia. Esse não pode ser adquirido meramente por se sentar e ouvir pregações”.³ As escolas adventistas, e podemos considerar inclusive o curso de teologia dentro desse contexto, tem um papel importante nesse preparo, aliando o conhecimento teórico à sua aplicação prática. Nessas escolas, professores de experiência devem trabalhar em prol de despertar nos jovens a responsabilidade para com o serviço de Deus. Esses jovens devem “fazer o melhor emprego possível de seu tempo no estudo, e pôr em prática os conhecimentos adquiridos. Estudo e trabalho árduos são exigidos para tornar um pastor bem-sucedido, ou dar a um obreiro êxito em qualquer ramo da causa de Deus”.⁴ A prática em evangelismo público, conforme o projeto de estágio oferecido pelo curso de teologia do UNASP, está adequadamente inserido na grade curricular e oferece a oportunidade para que o estudante use conhecimentos teológicos e gerais adquiridos durante dois anos e meio de estudos.

Diferentes Habilidades. “Conjuntamente com a proclamação da mensagem em cidades grandes, há muitas espécies de trabalho a ser efetuado por obreiros de vários dons. Uns devem trabalhar de um modo, outros de outro. O Senhor deseja que as cidades sejam trabalhadas mediante

¹ Ibid., 70.

² Ibid.

³ Ibid., 70-71.

⁴ Ibid.

os esforços unidos de obreiros de diferentes habilidades”.¹ Sempre que o esforço humano é destacado, vem junto um alerta para a soberania da atuação de Deus. “Todos devem buscar em Jesus a direção, não confiando na sabedoria dos homens, a fim de que não se extraviem”.² Cooperação é a palavra-chave e a atitude esperada. “Como cooperadores de Deus devem procurar estar em harmonia uns com os outros. Deve haver freqüentes concílios e fervorosa, sincera cooperação. Contudo, todos devem buscar em Jesus sabedoria, não dependendo só da direção de homens”.³

Reunir e Reter Grandes Auditórios. É muito necessário realizar trabalhos evangelísticos com multidões. Para isso, Deus dotou alguns pastores com habilidades especiais, seja por dom ou pela habilidade adquirida no exercício da função. “Que os nossos pastores e presidentes de associações exerçam seu tato e sua habilidade no sentido de apresentar a verdade diante de grande número de pessoas em nossas cidades”.⁴ Mais uma vez, ao deparar-se com a magnitude do serviço, o homem pode e deve contar com a capacitação e o êxito que vem de Deus. “Quando estiverdes diante de multidões nas cidades, lembrai-vos de que Deus é vosso ajudador, e que, com a Sua bênção, podeis apresentar uma mensagem de tal natureza que alcance o coração dos ouvintes”.⁵

Os esforços dos pastores que tem habilidade de reunir e conservar grandes congregações devem ser concentrados, com tato e habilidade, a fim de que chamem atenção das pessoas para aquilo que tem real valor, diante do emaranhado de atrações que oferece o mundo. “Os pastores designados por Deus não de achar necessário empenhar esforços extraordinários para atrair a atenção das multidões”.⁶ Mas tal empenho não se limita apenas à atração, mas também na manutenção do interesse. Sendo assim, “quando conseguem reunir grande número de pessoas, têm

¹ Ibid., 345.

² Ibid.

³ Ibid.

⁴ Idem, *Evangelismo*, 71.

⁵ Ibid.

⁶ Idem, *Obreiros Evangélicos*, 345.

de apresentar mensagens de caráter tão fora da ordem comum que o povo fique desperto e advertido”.¹

Isentos de Sensacionalismo. Um equívoco ocorre entre alguns pastores, ao pensar que para despertar a atenção do público é preciso fazer uso de sensacionalismo. A simplicidade e dignidade trazem resultados muito mais impressionantes. Esses homens devem trabalhar com afinco na busca de despertar e conservar interesse nos ouvintes, mas sempre precavendo-se do sensacionalismo. Os escolhidos de Deus devem trabalhar em oposição à extravagância e ostentação, que muitos julgam necessário para conseguir êxito. “Ao trabalharem com simplicidade, humildade e gentil dignidade, evitando tudo que seja de natureza teatral, sua obra fará duradoura impressão para bem”.²

O Desafio da Etapa de Continuidade

A continuidade constitui-se um dos maiores problemas enfrentados por aqueles que lideram evangelismo público não só na IASD, mas em toda a comunidade protestante e evangélica. Assim, deve-se enfatizar a importância desta parte que é essencial no trabalho. Como o próprio nome indica, não é um complemento, nem é um anexo ao trabalho de evangelismo público. É sim a continuação. Se ela não figurar no planejamento, ou não satisfizer o objetivo do projeto da campanha de evangelização, o trabalho estará incompleto.

Ellen G. White deixa claro a importância da continuidade no evangelismo público, terminadas as conferências públicas. Ela orienta de forma prática os métodos que asseguram a continuidade. A seguir são apresentados algumas das ênfases que aparecem em seus escritos.

A Segunda Série De Reuniões. Deve fazer parte do planejamento das conferências uma segunda série de reuniões que dê continuidade de relacionamento com os novos conversos já

¹ Ibid.

² Ibid.

batizados e outros ainda indecisos quanto ao batismo. Essa segunda série visa o aprofundamento doutrinário ao trabalho realizado. É difícil guardar na mente aquilo que se ouve apenas uma vez e “se bem que alguns vejam suficientemente para tomar uma decisão, apesar de tudo isto, há necessidade de repassar tudo outra vez, e fazer outra série de reuniões”.¹ Fixar os pontos destacados na série de conferências é elementar para que a continuidade da jornada cristã se dê com êxito. “A verdade é nova e surpreendente, e o povo necessita de que as mesmas coisas lhes sejam apresentadas pela segunda vez a fim de tornar os pontos distintos, e fixar as idéias na mente”.²

Instrução dos Novos Conversos. Para o crescimento dos novos conversos é preciso prover a eles instrução adequada, propiciando um ambiente adequado para o desenvolvimento espiritual dos mesmos. “Os novos conversos precisam ser instruídos por fiéis instrutores da Palavra de Deus, para que cresçam no conhecimento e no amor da verdade, e se desenvolvam até à estatura completa de homens e mulheres em Cristo Jesus”.³

Visitar Repetidamente Novos Membros. Quando termina a série de conferências não acaba o trabalho com os novos membros. “A obra não deve ser abandonada prematuramente. Vede que todos estejam esclarecidos na verdade, firmados na fé, e interessados em todo ramo da obra, antes de os deixar para ir a outro campo”.⁴ Não é só a instrução que é cabida nessa assistência, mas em especial a visitação. Visitação aos novos membros é tarefa tanto do pastor como dos membros mais experientes na fé. “E então, como o apóstolo Paulo, visitai-os com freqüência para ver como vão. Oh, a obra negligente que é feita por muitos que pretendem ser comissionados por Deus para pregar Sua Palavra, faz com que os anjos chorem!”.⁵

¹ Idem, *Evangelismo*, 334.

² Ibid.

³ Ibid., 337.

⁴ Ibid., 337-338.

⁵ Ibid.

A responsabilidade de auxílio dos membros antigos para com os novos na fé vai além da visitação apenas; estende-se também à instrução doutrinária. “Os crentes novos devem ser instruídos cuidadosamente, de modo a terem uma clara percepção dos vários ramos da obra confiada à igreja de Cristo. Um ou dois não devem ser deixados sozinhos com a responsabilidade de tal obra”.¹

A participação dos membros da igreja na série de conferências, apoiando os novos na fé, encoraja e ajuda a consolidar o interesse. O sucesso do programa em “muito depende da obra feita pelos membros da igreja em ligação com as reuniões da tenda a serem feitas em nossas cidades, e acompanhando-as”.² No transcurso da série de conferências, muitos são os que são tocados pelo Espírito Santo a iniciar uma nova vida com Cristo, “mas a menos que haja contínua vigilância por parte dos obreiros que permanecem para atender o interesse, as boas impressões causadas na mente do povo tornar-se-ão indistintas”.³

Quando os membros se envolvem com os novos conversos, passam a se ver como responsáveis por eles. E é este o sentimento que se espera de todos os membros. “Quando homens e mulheres aceitam a verdade, não devemos retirar-nos e deixá-los, sem sentir mais nenhuma responsabilidade por eles. Eles devem ser velados”.⁴ Deve haver preocupação por eles. Os membros mais antigos devem sentir que devem cuidar dos novos “como mordomos que por eles têm de prestar contas. Então, ao falardes ao povo, dai a cada homem sua devida porção de alimento ao tempo devido”.⁵

Tratados com Paciência. A paciência é um dos pontos mais importantes no trato das pessoas por ocasião do término de uma série de conferências, visto que há muita incompreensão dos

¹ Ibid., 338.

² Ibid., 338-339.

³ Ibid.

⁴ Ibid., 345.

⁵ Ibid.

membros mais antigos na fé a respeito do crescimento gradativo na prática do viver cristão por parte dos novos na fé. Estabelecem-se padrões de comportamentos rígidos e os novos na igreja são julgados como desobedientes por não aceitarem. A fé nascente dos recém-conversos é avaliada injustamente por pessoas espiritualmente despreparadas. No entanto, a atitude deve ser o extremo oposto. Paciência e bondade devem ser constantemente explicitadas pelos membros mais antigos e é dever destes “cogitar meios e modos para prover auxílio, simpatia e instrução para os que se retiraram conscienciosamente de outras igrejas por amor da verdade, separando-se assim dos cuidados pastorais a que estavam habituados”.¹ A igreja deve estar consciente de sua “responsabilidade especial quanto a atender essas almas que seguiram os primeiros raios de luz recebidos; e caso os membros da igreja negligenciem este dever, serão infiéis ao depósito a eles confiado por Deus”.²

Vigilante Atenção e Animação. Como os filhos dependem do zelo dos pais para que a própria inexperiência não lhes prejudique, assim os novos conversos precisam dos membros. Essa consciência deve estar presente especialmente nos líderes, mas “o zelo de muitos pastores esmorece assim que alcançam certa medida de êxito em seus esforços. Não compreendem que os novos conversos necessitam ser atendidos - vigilante atenção, auxílio, animação”.³ Deve haver uma relação de proximidade, onde os recém-conversos sejam instruídos, bondosamente tratados, conduzidos e visitados, recendo orações. Os que não forem submetidos a esses cuidados e atenções estarão vulneráveis aos ataques sendo que “Satanás se acha no encaço de todos. Envia seus agentes para levarem de volta a suas fileiras as almas que perdeu. Deve haver mais pais e mães para tomarem ao colo esses infantes na verdade, e animá-los e orar com eles, para que sua fé não se

¹ Ibid., 351.

² Ibid.

³ Ibid.

confunda”.¹ Esse conceito de pais e mães espirituais tem sido desenvolvido com razoável êxito através do plano de guardiões espirituais que hoje se implanta no término de muitas séries de conferências.

Ensinando-os a Trabalhar por Outros. Na medida em que vão desenvolvendo um relacionamento com Cristo e uma vida de comunhão, os novos membros, se bem instruídos, vão tornar-se ganhadores de almas, trazendo outros para o maravilhoso caminho que passou a seguir. “A graça divina nos recém-conversos é progressiva. É uma graça crescente, que é recebida, não para ser oculta sob o alqueire, mas comunicada para que outros sejam beneficiados”.² Trabalhar para salvar outros que se encontram em trevas é a meta. “Uma alma realmente convertida esforçar-se-á com fé para converter outra e ainda outra. Os que isto fazem são instrumentos de Deus, Seus filhos e filhas”.³ A orientação é que tão logo uma pessoa se converta, seja ela colocada imediatamente para trabalhar em favor da conversão de outros. Na medida em que trabalharem, se tornarão mais fortes. “É enfrentando as influências oponentes que somos confirmados na fé. Ao brilhar a luz em seu coração, difunda ela os seus raios. Ensinai aos recém-conversos que devem entrar em comunhão com Cristo, a serem suas testemunhas, e tornarem-nO conhecido ao mundo”.⁴

Outros Autores e o Evangelismo

Nessa seção serão destacadas considerações de autores de proeminência no assunto de evangelismo na Igreja Adventista do Sétimo Dia, a fim de somar seus conceitos e conselhos aos destaques feitos a partir dos escritos de Ellen G. White.

¹ Ibid., 351-352.

² Ibid., 355.

³ Ibid.

⁴ Ibid., 355-356.

Entendendo Evangelismo

Para uma análise de qualquer aspecto do evangelismo, é preciso primeiramente entender o que ele é, o seu porquê e como funciona. Evangelho “εὐαγγέλιον” significa “boas novas”. Os principais personagens do Novo Testamento, Jesus e Seus discípulos, aplicaram esse significado à salvação revelada e oferecida por Ele.¹ Assim, biblicamente o sentido primário de evangelizar é levar as boas novas de salvação em Jesus Cristo.

Evangelizar é trabalhar em prol dos outros a fim de que conheçam a Jesus como Salvador e Sua obra em favor do ser humano. Aeschlimann explicita este conceito ao dizer que todos devem trabalhar para resgatar os perdidos, “levá-los aos pés do Salvador, ensinar-lhes como podem receber o perdão de seus pecados, fazê-los seguir as pisadas do Mestre Divino e preparar um povo para o regresso do Senhor, isso é verdadeiro evangelismo”.² Assim, este mesmo autor conclui que “fica claro então que evangelizar não é privilégio ou tarefa de uns poucos, mas de todo aquele que aceita as boas novas de salvação, que é convertido. A tarefa de evangelizar é responsabilidade da igreja de Cristo e de cada um de seus membros”.³ A conceituação genérica de Aeschlimann apóia-se na Bíblia e não invalida a existência de diferentes abordagens de evangelização. A metodologia de evangelização pública que destaca a exposição das boas novas de Cristo pela pregação de um orador, biblicamente chamado de evangelista (Efésios 4:11), se desenvolve plenamente com a participação de todos os que já ouviram e aceitaram a mensagem da salvação.

A mesma ênfase é dada por Salim Japas ao afirmar que “Evangelismo é provavelmente o melhor dom de Deus dado à igreja relacionado com o seu crescimento. Este dom se fortalece quando

¹ Mt. 4:23; Mr. 16:15

² Carlos E Aeschlimann, *Evangelização Metropolitana*, (São Paulo, SP: SALT, 1982), 4.

³ Aeschlimann, *Evangelização Metropolitana*, 1.

é usado”.¹ Deve-se concordar que evangelizar “não é uma atividade própria apenas para ministros. Todos são chamados à tarefa de evangelizar quando se convertem ao Senhor. A Bíblia desconhece dicotomia entre clero e laicado desde que há um só ministério – o sacerdócio universal de todos os crentes”.²

Focalizando o Início do Processo

Lourenço e Estefânia Kraft salientam a importância do planejamento de uma campanha evangelística desde os primeiros passos, ao afirmarem que todo empreendimento de real importância precisa ser devidamente planejado. “Uma campanha de evangelismo público não pode ser diferente”, afirmam. E pontuam que “o primeiro passo de um planejamento consiste em buscar informações sócio-político-econômico-sociais do local e do público-alvo”.³ Como há muita produção literária a respeito desta parte inicial e também se tem realizado isso de forma satisfatória nas conferências da IASD, não serão considerados o como fazer o recenseamento, a coleta de dados, o conhecimento da igreja e da sociedade. Mas uma das partes iniciais do planejamento de uma campanha de evangelização pública precisa ser salientada. Esta diz respeito à preparação da igreja. “A marca do sucesso de uma campanha evangelística é o envolvimento e participação ativa dos membros da igreja onde o projeto se realiza”.⁴ Ellen G. White observa que a “obra de Deus nesta Terra nunca poderá ser terminada a não ser que os homens e as mulheres que constituem a igreja concorram ao trabalho e unam os seus esforços aos dos ministros e oficiais da igreja”.⁵

¹ Salim Japas, citado em Aeschlimann, *Evangelização Metropolitana*, 13-14.

² José Miranda Rocha, *Evangelização II – Métodos de Evangelização: notas de sala de aula* (Engenheiro Coelho, SP: SALT, 2002), 49.

³ Lourenço e Estefânia Kraft, *Espiando a Terra: como entender sua cidade* (São Paulo, SP: Sepal, 1995), 13.

⁴ Arteaga citado em Rocha, *Evangelização II – Métodos de Evangelização: notas de sala de aula*, 73.

⁵ White, *Obreiros Evangélicos*, 352.

Horne P. Silva compara o preparo da igreja para a obra da evangelização pública ao adestramento dos soldados para grandes batalhas. Silva ainda usa a símile da igreja de Deus semelhante a um exército que “tem uma batalha real a pelear contra o grande enganador e usurpador do homem, Satanás”.¹ Na visão deste autor, “a igreja não deve ser composta de soldados reformados, inativos, e nem espectadores”,² o que implica em sério planejamento dentro do qual todos estejam envolvidos.

Há freqüentes casos de campanhas evangelísticas onde, aparentemente, tudo foi executado com precisão, de acordo com o planejado. Mas frustração ocorre ao perceber os resultados em termos de permanência das pessoas batizadas como membros da igreja. Isso é conseqüência, em grande medida, do baixo envolvimento dos membros na campanha. Silva ainda observa que “nos esforços evangelísticos em que se pode contar com os membros da igreja, são maiores os resultados”.³ E continua dizendo que “uma igreja missionária é um fator decisivo no êxito de uma campanha evangelística. Por esta razão é preciso tomar algum tempo para preparar os membros da igreja a fim de que todos, se possível, participem eficientemente com a equipe evangelística”.⁴

Os que lideram a evangelização precisam envolver-se no preparo consistente da igreja antes de começar a campanha evangelística. Silva aponta a solução dos problemas internos da igreja como foco na fase de preparação. Ele assegura que tal cuidado é necessário para “levantar a temperatura espiritual da igreja”.⁵ Os problemas precisam ser identificados através de visitas pessoais aos envolvidos, prática esta que abre espaço para pregações de reavivamento, endereçados a toda comunidade. Silva recomenda até a remoção de alguns resistentes à reconciliação e reforma de estilo

¹ Horne P Silva, *Evangelismo Público* (Belém de Maria, PE: Educandário Nordeste Adventista, 1975), 49.

² Ibid.

³ Ibid.

⁴ Ibid.

⁵ Ibid.

de vida, para que a igreja esteja devidamente preparada para a campanha de evangelização. E conclui: “Depois de estudos, orações e jejuns por algum tempo apropriado, os membros compreenderão a sua responsabilidade e passarão por uma experiência que nunca esquecerão”.¹

Continuidade, Consolidação e Acompanhamento

Ao focalizar o plano de continuidade, consolidação e acompanhamento dos novos membros da igreja agregados através do trabalho de evangelização pública, Aeschlimann exorta que “a continuidade não é um apêndice do processo de evangelização. Não é um plano destinado a dar garantia ao êxito de um programa evangelístico em particular”. Para ele, esta parte final “é sim um plano de trabalho espiritual cuja meta principal é que todos os objetivos da evangelização sejam alcançados na vida de um crente”.²

Assim como planejar o envolvimento de toda a igreja no processo de continuidade da evangelização opera como uma força para todo o projeto, a negligência deste cuidado antecipado enfraquece a campanha no tocante à permanência dos resultados. A força do envolvimento opera no crescimento espiritual dos membros da igreja. Não existe neutralidade neste aspecto. Ou se está envolvido e cresce ou não se envolve e define. “Quando a continuidade não cumpre seus objetivos, muitos filhos de Deus se esfriam, deixam de colher e não amadurecem espiritualmente”.³

¹ Ibid., 49-50.

² Aeschlimann, *Evangelização Metropolitana*, 52-53.

³ Ibid., 54-55.

O evangelista precisa se envolver com a consolidação. “O evangelista deve planejar a consolidação como parte integral da campanha. Outrossim, antes de ir embora, deve assegurar de que há um bom plano de consolidação e insistir no assunto”.¹

O pastor local deve se envolver com o evangelista no sentido de planejar a continuidade do projeto e assegurar os resultados alcançados. O pastor local é o líder desta fase, pois “durante vários meses depois de uma campanha, a principal preocupação do pastor deve ser a consolidação dos novos membros”. Uma das estratégias dele é a de “traçar um plano definitivo de visitação dos novos conversos e cada semana os visitantes devem dar um relatório ao pastor ou aos anciãos ajudantes”.²

Como é um aspecto que deve abranger toda a esfera de envolvidos, a administração da associação deve assumir compromisso de apoiar o pastor local na consolidação dos resultados. O administrador do campo local precisa atuar como supervisor, certificando se “realmente está sendo levado avante o plano de consolidação no lugar em que houve a série de conferências. Por nenhum motivo deve ser transferido o pastor, até que os resultados da campanha tenham ficado firmemente estabelecidos”.³

Outro elemento que reclama o envolvimento do evangelista é a avaliação da execução do projeto de evangelização. Aeschlimann observa que avaliar “consiste em regressar ao lugar onde se realizou a campanha e fazer uma pesquisa muito objetiva dos resultados”⁴. O conselho de Aeschlimann é que o evangelista pessoalmente retorne e realize in loco a avaliação um ano após o encerramento da fase intensiva da campanha. Ele sugere outra boa prática que consiste em “fazer um relatório da avaliação da campanha no qual se informem clara e objetivamente: os pontos altos da

¹ Ibid., 206.

² Ibid.

³ Ibid.

⁴ Ibid., 206-207.

campanha; aqueles métodos e coisas que deram bom resultado; os assuntos que não funcionaram bem; os métodos que resultaram num fracasso”.¹ Isto inclui uma “avaliação do pessoal que colaborou com a campanha, com recomendações sobre como melhorar no futuro”.²

Muito se tem discursado sobre a importância do envolvimento dos membros antigos no recebimento dos novos, mas pouco se tem vivenciado tal ideal. Robert E. Coleman afirma que “na realidade, o problema inteiro da dedicação de atenção pessoal a cada crente individual, só pode ser resolvido mediante a compreensão completa da natureza e da missão da igreja”.³ Coleman lembra os princípios de envolvimento que Jesus empregou para mobilizar os doze, “mediante os quais cada crente é posto em comunhão permanente com todos os demais”, são os mesmos que mobilizam toda a igreja.⁴

Muitos evangelistas têm buscado incentivar os membros das igrejas onde realizam séries de conferências a “adotarem” os novos conversos. Mas, muitas vezes a intenção e iniciativa não passa de ideal. Coleman indica como “mister que se descubra algum sistema mediante o qual cada convertido tenha um amigo crente a seguir, até o tempo em que, por sua vez, possa guiar a outrem”. Coleman orienta que “o conselheiro deve permanecer junto ao novo convertido tanto quanto lhe for possível, estudando a Bíblia e orando com ele, ao mesmo tempo em que responde às suas perguntas, esclarece a verdade que, juntamente conselheiro e liderado procurem ajudar a outros”. Quando uma igreja local não dispõe de conselheiros para realizar esse serviço, deve-se treinar novos conselheiros.⁵

¹ Ibid.

² Ibid.

³ Robert E Coleman, *O Plano Mestre de Evangelismo* (São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2000), 49-50.

⁴ Ibid.

⁵ Ibid.

As considerações deste capítulo não intencionaram tratar de todos os aspectos do evangelismo, nem tão pouco descer à profundidade do tema. A intenção é apenas colocar em destaque pontos que, em geral, tem se constituído as maiores dificuldades na prática da evangelização pública, no Brasil. A exposição desses pontos que figuram negativo no planejamento dos projetos evangelísticos é suficiente para servir de embasamento teórico para a avaliação quantitativa que se descreve no capítulo seguinte.

CAPÍTULO III

ANÁLISE COMPARATIVA DAS TRÊS UNIÕES

Para esta pesquisa foram entrevistados, por meio de questionário objetivo/subjetivo, setenta e cinco (75) alunos do curso de teologia do UNASP que já participaram do estágio de evangelismo público. A maioria deles, cinquenta e nove (59) alunos, participou em 2004, mas também estão inseridos nesta pesquisa dezesseis (16) alunos que participaram do estágio de evangelismo público em anos anteriores (2002 e 2003).

Ao todo foram onze (11) associações que receberam esses alunos para suas práticas evangelísticas. Houve uma oscilação considerável no número de participantes em cada uma delas, ou seja, enquanto uma associação recebeu um (1) teologando, outra recebeu vinte e um (21), por exemplo. Por isso, é mais pertinente que a divisão para a análise não se dê por série de conferências ou campanhas de evangelização ou por associações, mas por divisões macro, ou seja, por uniões. Assim, os alunos estão divididos entre os que participaram de projetos evangelísticos na UCB, trinta e seis (36) alunos; os que participaram na UCOB¹, sete (7) alunos; e os que participaram na USB, trinta e dois (32) alunos.

¹ A UCOB já existia, mas ainda não operava oficialmente na ocasião em que se realizaram as séries de conferências analisadas neste trabalho, pois seu território ainda fazia parte da UCB e da USB. Decidiu-se considerar a UCOB para este trabalho porque: 1) facilita a distribuição geográfica dos alunos da pesquisa; 2) não interfere em aspectos administrativos dos respectivos campos; 3) este trabalho visa contribuir para as conferências que ocorrerão nos próximos anos levando em conta as atuais uniões.

Estes alunos trabalharam com vinte e cinco (25) pastores. Não é intenção nesta pesquisa fazer análise comparativa da atuação evangelística dos pastores-evangelistas ou evangelistas, isto para preservá-los. O que se pretende é avaliar o programa do estágio como um todo. Além do mais, considerando-se as implicações geográficas físicas e humanas, étnicas e religiosas em que cada um dos evangelistas operou, alinha-se outra razão para não compará-los.

A avaliação que se faz é baseada nas respostas dos alunos egressos do estágio nos referidos anos, conforme modelo de questionário em anexo.¹ Em anexo a este trabalho, também, são apresentados e analisados os dados das avaliações de cada uma das três Uniões separadamente, mas o que este capítulo propõe é uma análise comparada das mesmas. Assim, o universo amostral passa a ser de todos os alunos da pesquisa, setenta e cinco (75) alunos do curso de teologia do UNASP que já participaram do estágio de evangelismo público.

Expectativas Anteriores

Nas avaliações dos alunos, respondendo a questão referente às expectativas que tinham em relação ao estágio de evangelismo², a maioria absoluta afirmou que estas eram cultivadas positivamente. Destaques foram dados à grandeza do evento, ao desafio do novo, à experiência espiritual, ao desenvolvimento pessoal e profissional, à chance que a dinâmica de uma campanha de evangelização dá para o desenvolvimento de todos os envolvidos.

Os alunos que apresentaram expectativas negativas o fizeram destacando o medo e a ansiedade. Pode-se constatar isso nas respostas que deram à pergunta um (1) do questionário que responderam.³

¹ Ver questionário no anexo D.

² Ver respostas no anexo E, referentes à pergunta um (1) do questionário.

³ Ver respostas no anexo E, referentes à pergunta um (1) do questionário.

Pontos Fortes e Fracos

Quando compelidos a apontar um ponto forte no programa¹, a maioria destacou pontos referentes à organização e estrutura; e à participação da equipe; ao evangelista e sua mensagem; ao envolvimento dos membros; e à resposta do público.

Quando a resposta era relativa a um ponto fraco no programa², os destaques centrados nos mesmos aspectos destacados em relação aos pontos fortes.

Neste momento de avaliação geral e aberta, estas foram as impressões dos alunos, que explicitaram quais as ênfases que eles têm em relação ao evangelismo. Se em ambos, pontos fortes e fracos, o foco esteve em torno dos mesmos aspectos, significa que são estes que os teologandos percebem como relevantes em uma conferência.

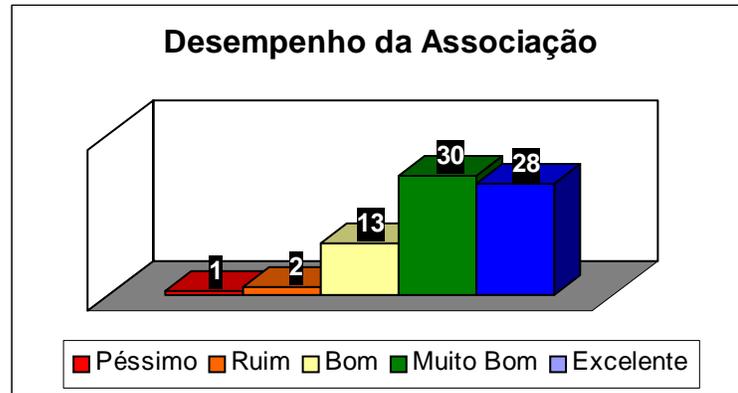
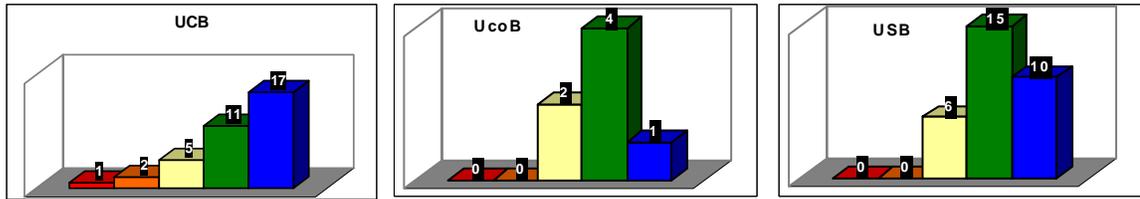
Desempenho dos Envolvidos

No momento seguinte, onde os alunos avaliam aspectos específicos, é possível um diagnóstico mais aprofundado relativo a tais aspectos. O primeiro deles é em relação ao desempenho das partes envolvidas. Os alunos avaliam o desempenho da associação, do evangelista, deles mesmos, enquanto teologandos, e dos membros da igreja. Cada um desses foi classificado entre péssimo, ruim, bom, muito bom e excelente.

Para maior compreensão do todo, os gráficos deste capítulo estão organizados da seguinte forma: gráficos das três Uniões colocados em paralelo, seguido por gráficos da média resultante deles. Isso permite com que se tenha idéia do todo e de cada parte em relação ao todo. Para fins de uma análise comparada esta disposição facilita.

¹ Ver respostas no anexo E, referentes à pergunta dois (2) do questionário.

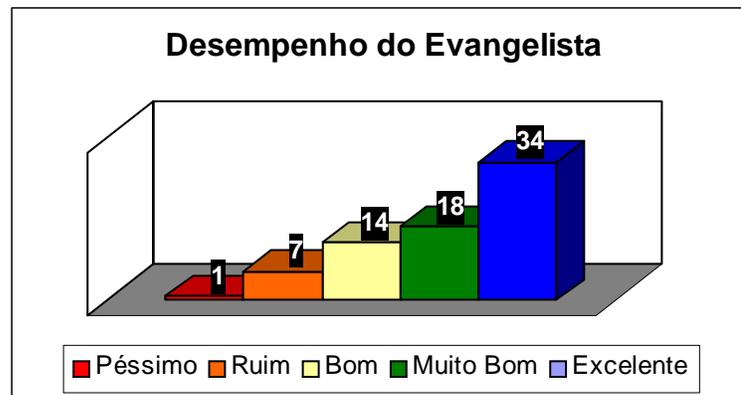
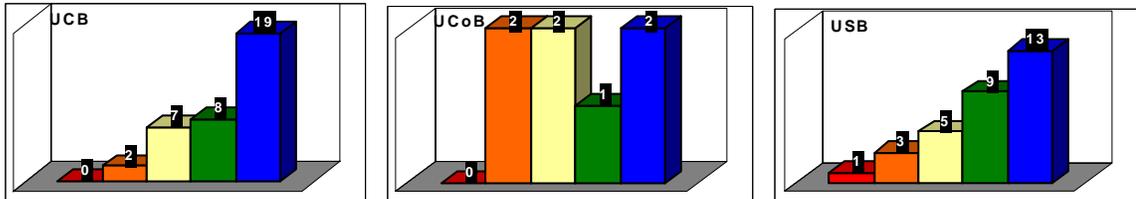
² Ver respostas no anexo E, referentes à pergunta três (3) do questionário.



O desempenho da associação foi excelente para vinte e oito (28) alunos, 37,84%; muito bom para trinta (30) alunos, 40,54%; bom para treze (13) alunos, 17,33%; ruim para dois (2) alunos, 2,70%; péssimo para um (1) aluno, 1,75%.

Assim, os que avaliaram o desempenho entre excelente e muito bom somam cinquenta e oito (58) alunos, equivalente a 78,38% dos que responderam. Os que avaliaram como bom, péssimo e ruim somam três (3) alunos que representam 21,62%. Por este resultado, o desempenho da associação foi muito bom.

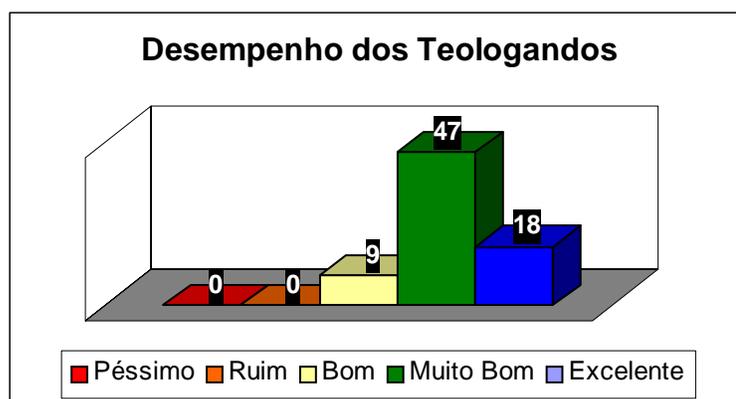
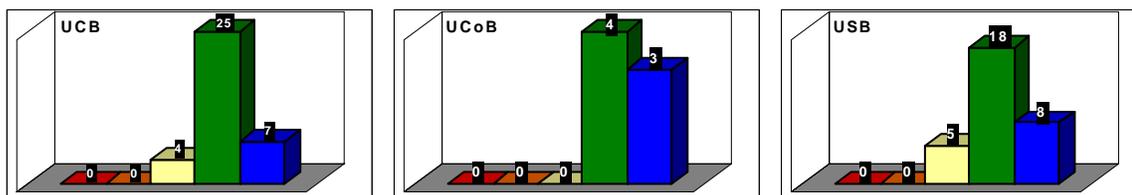
O desempenho do evangelista foi avaliado da seguinte forma:



O desempenho do evangelista foi excelente para trinta e quatro (34) alunos, 45,95%; muito bom, dezoito (18), 24,32%; bom para quatorze (14) alunos; ruim para sete (7) alunos, 9,46%; péssimo para um (1) aluno, 1,35%.

O evangelista, na percepção dos respondentes, teve um desempenho muito bom, uma vez que os que avaliaram como excelente, trinta e quatro (34), com os que avaliaram como muito bom, dezoito (18), somam cinquenta e dois (52) alunos, equivalendo a 70,27%.

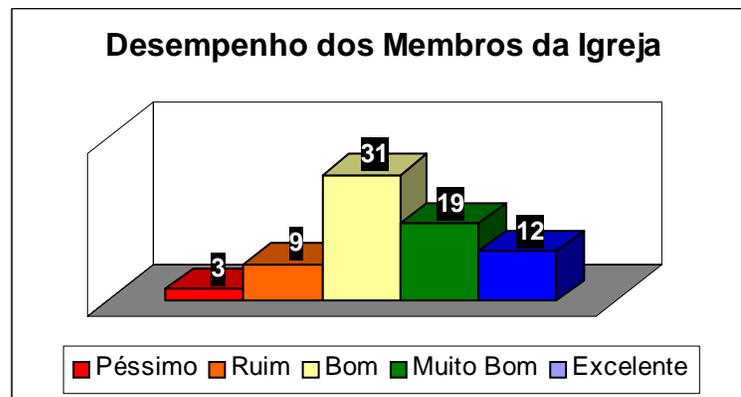
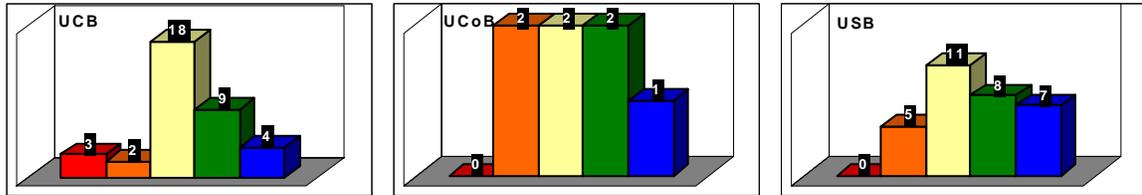
O desempenho a seguir na avaliação dos teologandos foi o relativo a eles próprios, ou seja, uma auto-avaliação. O resultado foi o seguinte:



O desempenho dos teologandos foi excelente para dezoito (18) alunos, 24,32%; muito bom para quarenta e sete (47) alunos, 63,51%; bom para nove (9) alunos, 12,16%. Nenhum aluno avaliou como ruim ou péssimo.

O desempenho dos teologandos, na visão deles próprios, foi muito bom. Somando os dezoito (18) alunos que avaliaram o desempenho dos teologandos como excelente com os quarenta e sete (47) que avaliaram como muito são sessenta e cinco (65), que representam 87,84%. Se for adicionar os nove (9) alunos que avaliaram como bom chega-se a 100%, pois nenhum avaliou como péssimo ou ruim.

A avaliação seguinte foi quanto ao desempenho dos membros da igreja.



O desempenho dos membros da igreja foi excelente para doze (12) alunos, 16,22%; muito bom para dezenove (19) alunos, 25,68%; bom para trinta e um (31) alunos; ruim para nove (9) alunos, 12,16%; péssimo para três (3) alunos, 4,05%.

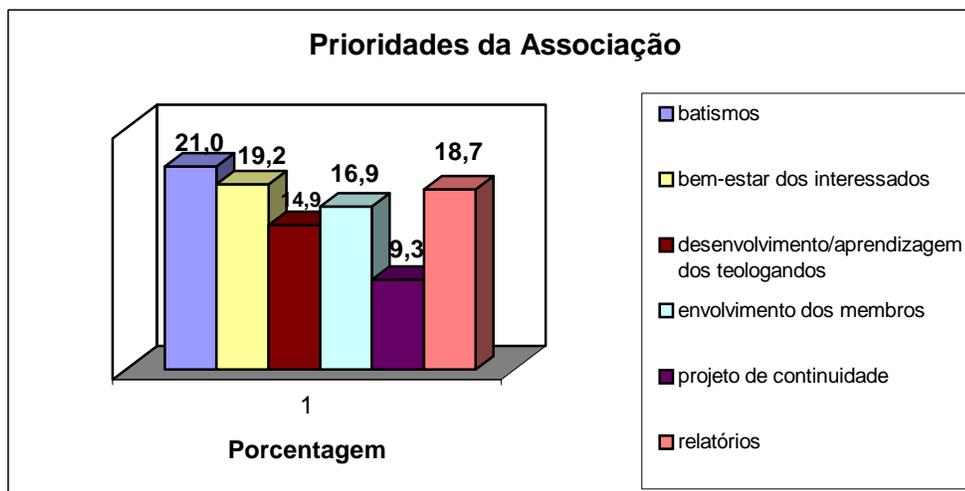
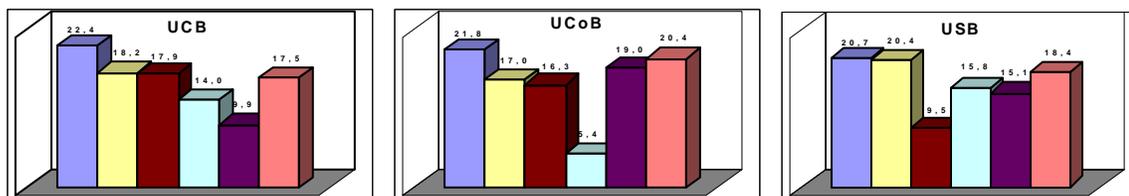
O desempenho dos membros da igreja, comparado ao desempenho das outras partes referidas foi o pior. Enquanto relativo ao desempenho da associação, do evangelista e dos teologandos, a avaliação ficou em muito bom, o desempenho dos membros da igreja foi bom. Trinta e um (31) alunos, equivalentes a 41,89% avaliaram o desempenho dos membros da igreja como bom. Foi a maior concentração de votos no bom de todas as avaliações de desempenho desta pesquisa

Prioridades Estabelecidas

Foi pedido que os teologandos classificassem por ordem de importância [1 a 6] o que é priorizado pela associação, pelo evangelista, pelos teologandos e pelos membros da igreja. Os elementos para a classificação foram: batismo; bem-estar dos interessados; desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos; envolvimento dos membros; projeto de continuidade; relatórios. Estes números: um (1), dois (2), três (3), quatro (4), cinco (5) e seis (6), foram colocados em relação para o cálculo estatístico.

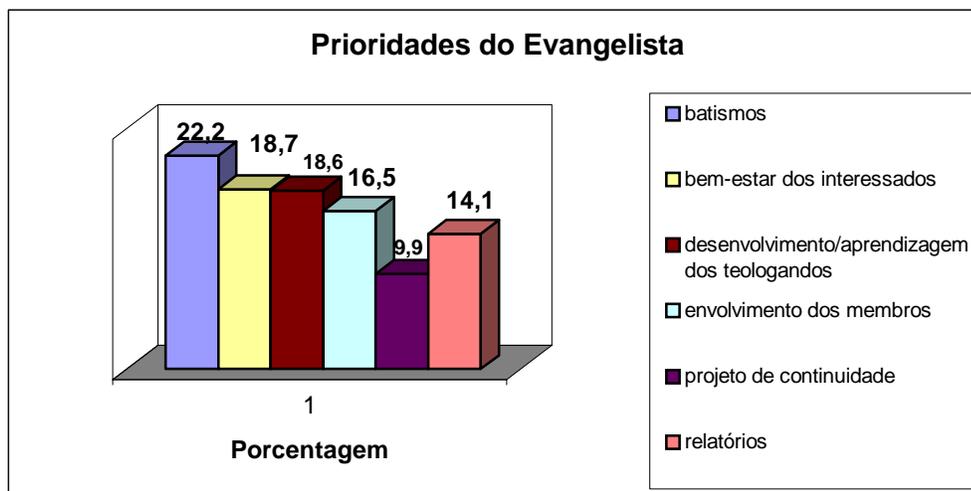
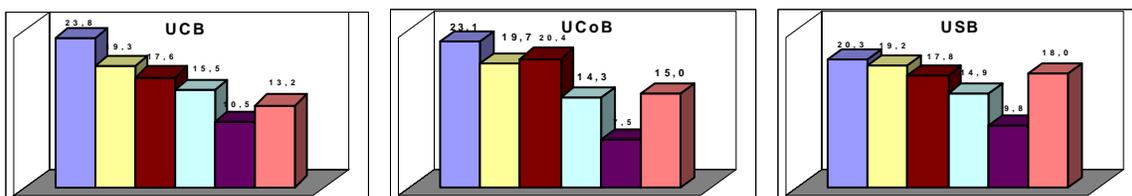
Para tabular os resultados desta parte do questionário foi necessário somar as notas classificatórias de cada elemento em separado, ou seja, somar os pontos dos questionários de todos os teologandos dados a cada elemento, em seguida fazer uma relação inversamente proporcional, uma vez que quanto maior o resultado da soma, menor a nota classificatória. A nota um (1) é a melhor e a nota seis (6) a pior. Feito isso, transformou-se o resultado em porcentagem.

Isso torna evidente que nesta seção de prioridades estabelecidas as questões não foram respondidas marcando uma alternativa, como nas questões das demais seções. Por estes fatores, a demonstração numérica que se faz nos textos explicativos que acompanham os gráficos não é feita por números de teologandos que responderam, mas por porcentagem de pontos de cada elemento. E o resultado foi:



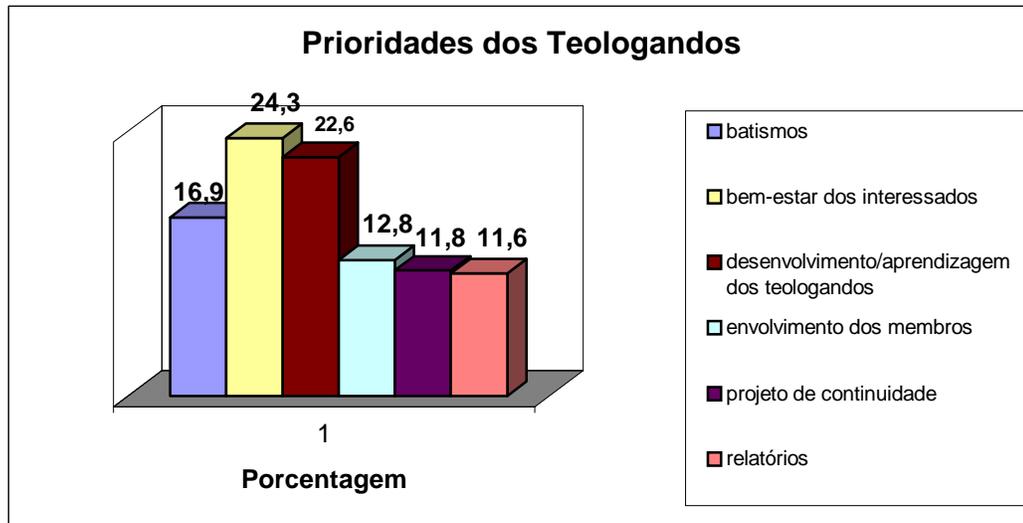
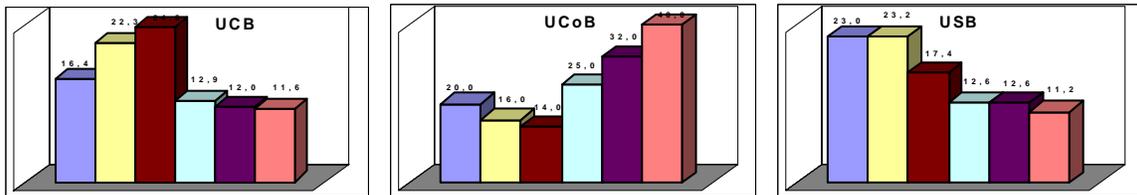
Na ordem de importância, a associação priorizou: 1º batismos 21%; 2º bem-estar dos interessados 19,2%; 3º relatórios 18,7%; 4º envolvimento dos membros 16,9%; 5º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 14,9%; 6º projeto de continuidade 9,3%.

Para a associação os batismos e o bem estar dos interessados são as prioridades máximas. Depois destas vem a preocupação com os relatórios, isso é compreendido pelo fato da associação ser o segmento administrativo, cujos resultados são mensurados por números. Mas chama atenção o fato de esta preocupação estar acima da preocupação com o envolvimento dos membros, do desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos e do projeto de continuidade.



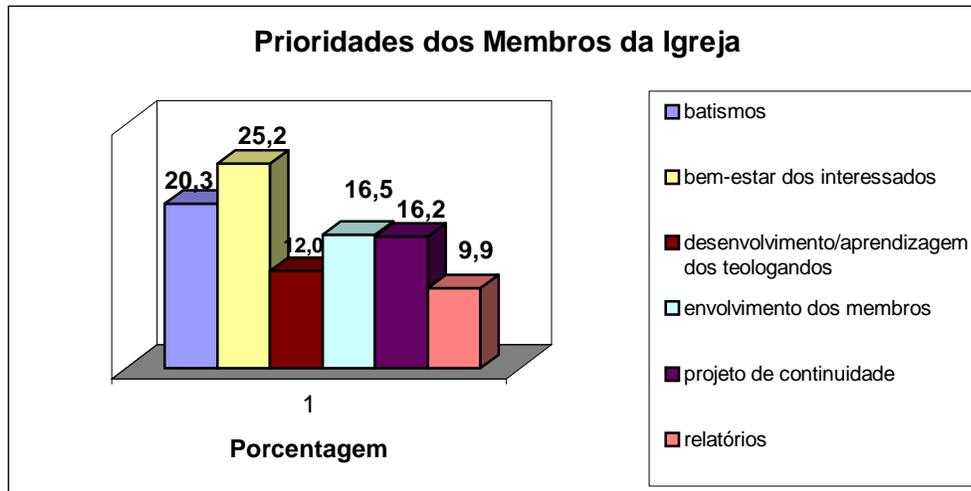
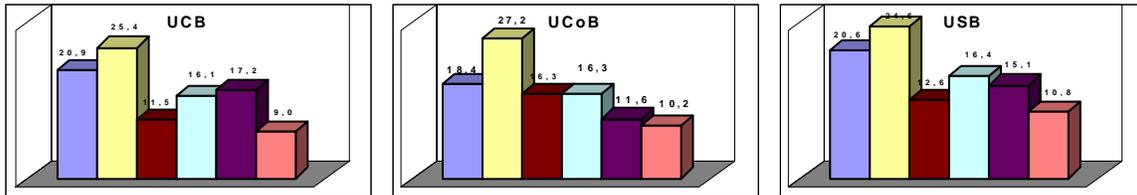
O evangelista priorizou: 1º batismos 22,2%; 2º bem-estar dos interessados 18,7%; 3º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 18,6%; 4º envolvimento dos membros 16,5%; 5º relatórios 14,1%; 6º projeto de continuidade 9,9%.

Como a associação, o evangelista também priorizou os batismos e o bem-estar dos interessados. Mas diferente da mesma, o evangelista esteve mais preocupado com o desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos e com o envolvimento dos membros do que com os relatórios. No entanto, o projeto de continuidade também ficou em último lugar.



Os teologandos priorizaram, na auto-avaliação que fizeram: 1º bem-estar dos interessados 24,3%; 2º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 22,6%; 3º batismos 16,9%; 4º envolvimento dos membros 12,8%; 5º projeto de continuidade 11,8%; 6º relatórios 11,6%.

O bem-estar dos interessados está em primeiro lugar na lista de prioridades dos teologandos. Em seguida vem a preocupação com eles mesmos e seu desenvolvimento/aprendizagem. Só então vem a preocupação com os batismos, contrastando com a associação e o evangelista, que colocam este elemento em primeiro. O envolvimento dos membros, o projeto de continuidade e os relatórios são colocados quase que no mesmo patamar de importância.

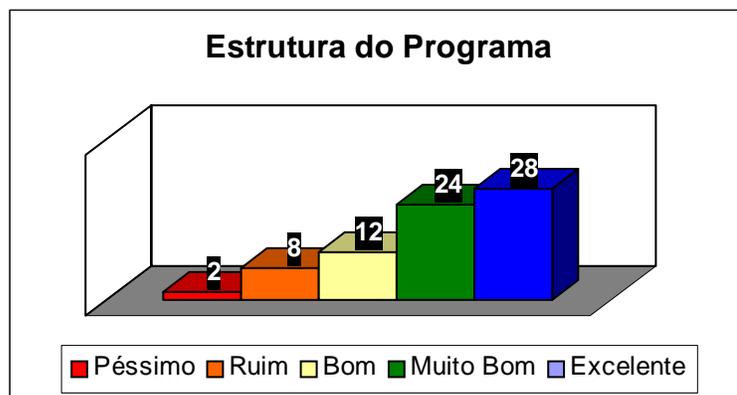
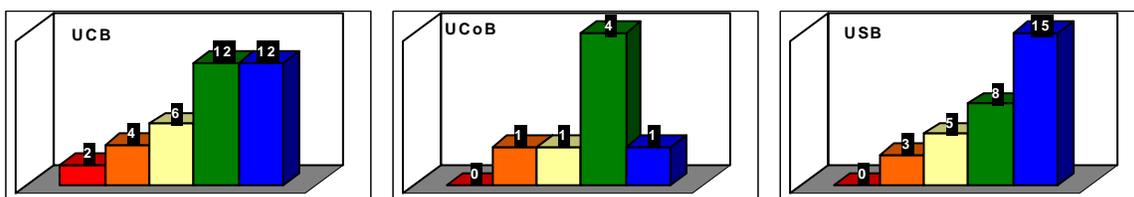


Os membros da igreja priorizaram: 1º bem-estar dos interessados 25,2%; 2º batismos 20,3%; 3º envolvimento dos membros 16,5%; 4º projeto de continuidade 16,2%; 5º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 12%; 6º relatórios 9,9%.

Na priorização dos membros da igreja, como os teologandos, estes colocam no topo o bem-estar dos interessados, e os batismos vêm a seguir. O envolvimento dos membros e o projeto de continuidade são as preocupações seguintes, estando acima do desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos. Juntamente com a associação, os membros da igreja não se preocupam tanto com os teologandos. Mas, embora se assemelhem nesse aspecto, se diferenciam em destaque na priorização dos relatórios. Enquanto para a associação os relatórios estão num percentual bem próximo do topo, os membros da igreja os colocam bem abaixo.

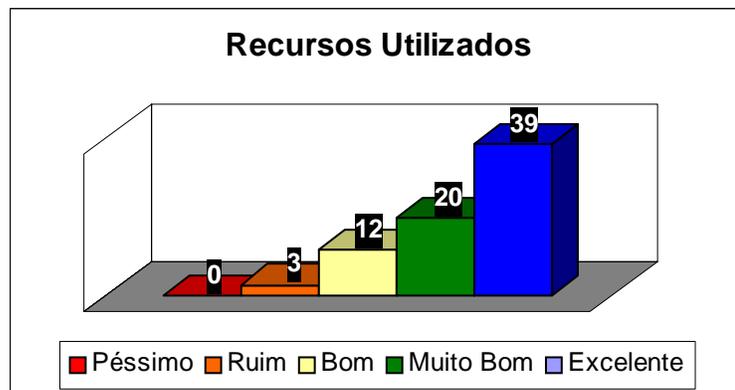
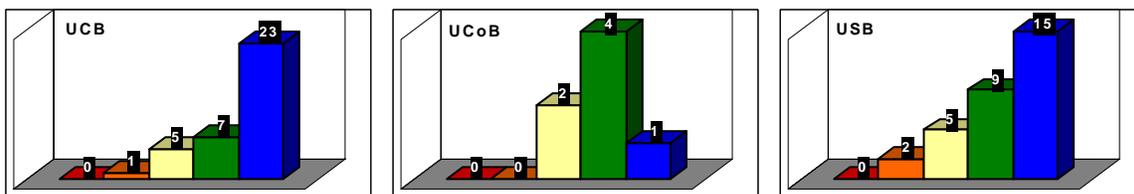
Avaliação do Programa

O programa foi avaliado nos diversos aspectos: sua estrutura, os recursos utilizados, a resposta do público, a resposta dos membros da igreja, a realização do programa, o projeto de preparo anterior dos membros da igreja e o projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados. Os resultados foram:



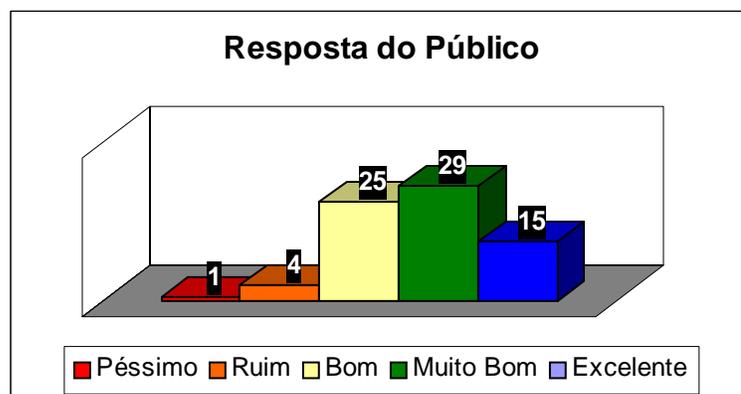
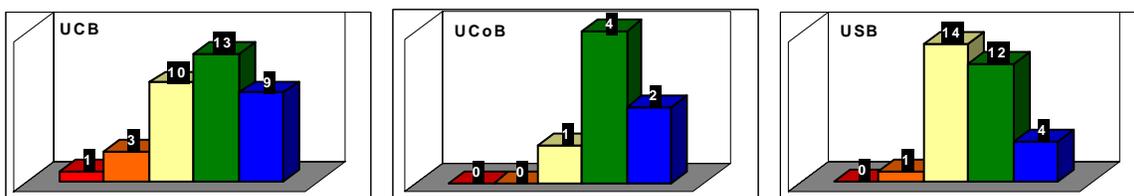
A estrutura do programa foi excelente para vinte e oito (28) alunos, 37,84%; muito bom para vinte e quatro (24) alunos, 32,43%; bom para doze (12) alunos, 16,21%; ruim para oito (8) alunos, 10,81%; péssimo para dois (2) alunos, 2,70%.

Na classificação da estrutura do programa, vinte e oito (28) alunos a classificaram como excelente e vinte e quatro (24) como muito bom, ou seja, juntos equivalem a 70,27%. Por isso pode-se perceber que a estrutura do programa foi muito boa.



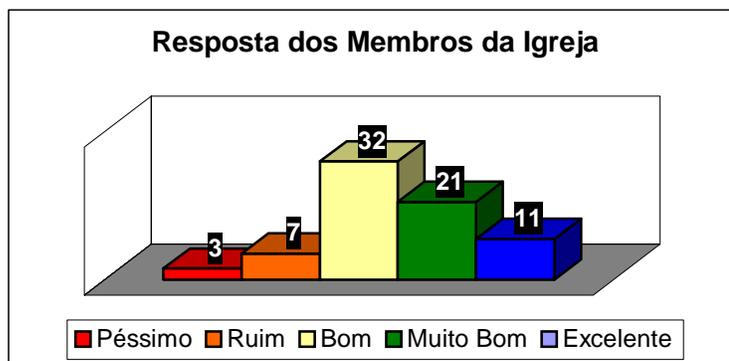
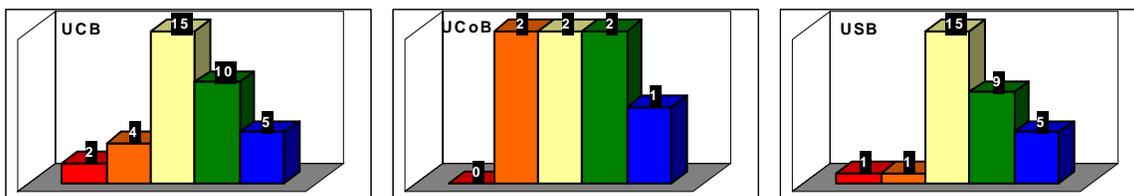
Os recursos utilizados, na avaliação dos teologandos, foi excelente para trinta e nove (39) alunos, 52,70%; muito bom para vinte (20) alunos, 27,02%; bom para doze (12) alunos, 16,21%; ruim para três (3) alunos, 4,05%. Nenhum aluno avaliou os recursos como péssimo.

Quanto aos recursos utilizados, na avaliação dos alunos, a classificação foi excelente. Mais da metade do total de alunos, trinta e nove (39), 52,7% apontaram como excelente. Dos demais vinte (20) alunos apontaram como muito bom e doze (12) como bom. Apenas três (3) classificaram como ruim e nenhum como péssimo. Isso aponta para a satisfação por parte dos teologandos relativa aos recursos utilizados.



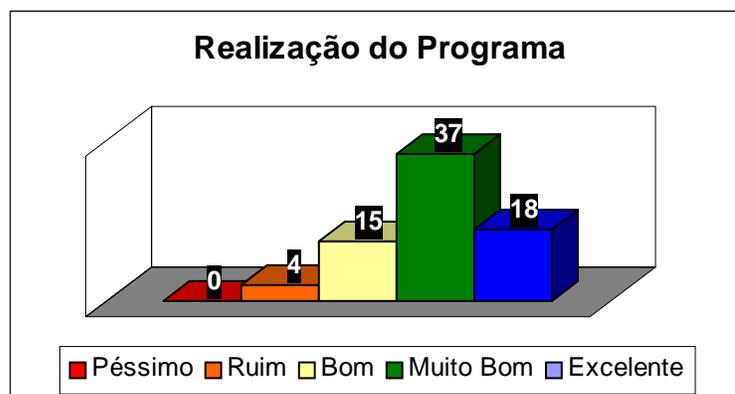
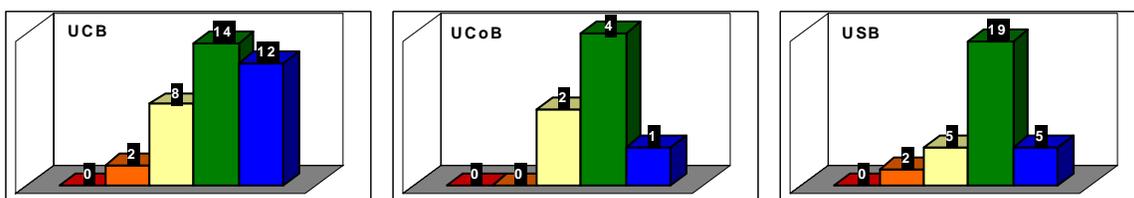
A resposta do público foi excelente para quinze (15) alunos, 20,27%; muito bom para vinte e nove (29) alunos, 39,19%; bom para vinte e cinco (25) alunos, 33,78%; ruim para quatro (4) alunos, 5,40%; péssimo para um (1) aluno, 1,35%.

Referente à resposta do público a avaliação a apontou como muito boa. Somando os que apontaram como muito bom, vinte e nove (29), e os como excelente, quinze (15), têm-se 59,46%. Se a soma considerar também os que classificaram como bom a porcentagem sobe para 93,24%. Um (1) aluno avaliou como péssimo e quatro (4) avaliaram como ruim. A soma destes dois é de 6,75%.



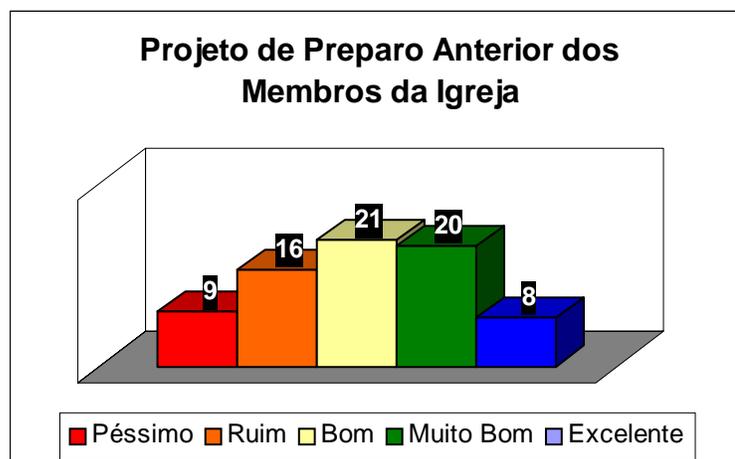
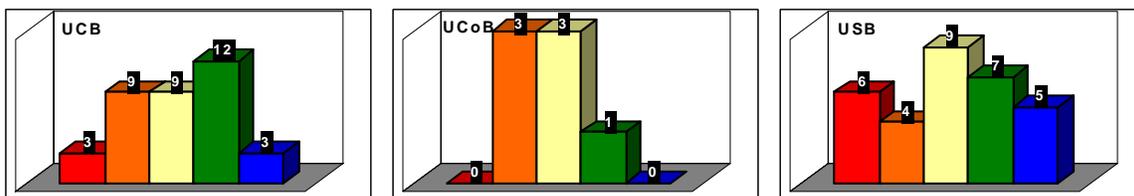
A resposta dos membros da igreja foi excelente para onze (11) alunos, 14,86%; muito bom para vinte e um (21) alunos, 28,38%; bom para trinta e dois (32) alunos, 43,24%; ruim para sete (7) alunos, 9,46%; péssimo para três (3) alunos, 4,05%.

Sobre a resposta dos membros da igreja onde a conferência se realizou, a avaliação foi boa, mas não tanto quanto a da estrutura do programa e a dos recursos utilizados. Os que avaliaram como bom somam 43,24%. Assim, não houve tanta concentração entre o excelente e o muito bom, que juntos equivaleram aos que avaliaram como bom.



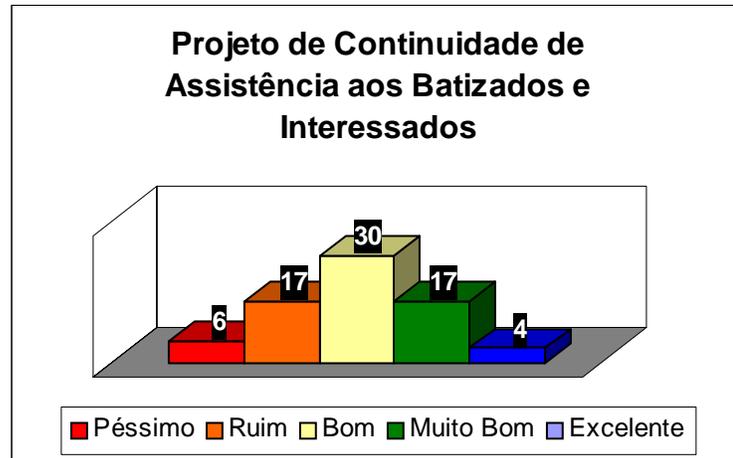
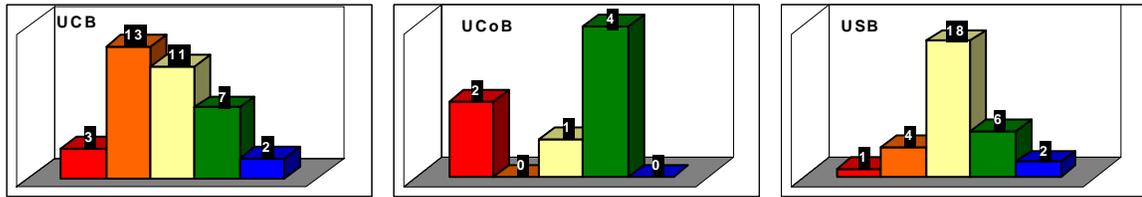
A realização do programa foi excelente para dezoito (18) alunos, 24,32%; muito bom para trinta e sete (37) alunos, 50%; bom para quinze (15) alunos, 20,27%; ruim para quatro (4) alunos, 5,40%. Nenhum aluno avaliou a realização do programa como péssimo.

A realização do programa também foi muito boa. Metade dos alunos, trinta e sete (37) classificaram como muito bom. Somando estes aos que avaliaram como excelente, dezoito (18), têm-se 74,32% contra 25,68% dos que avaliaram como bom, quinze (15), e ruim, quatro (4).



O projeto de preparo anterior dos membros da igreja foi excelente para oito (8) alunos, 10,81%; muito bom para vinte (20) alunos, 27,03%; bom para vinte e um (21) alunos, 28,38%; ruim para dezesseis (16) alunos, 21,62%; péssimo para nove (9) alunos, 12,16%.

O projeto de preparo anterior dos membros da igreja não teve um resultado tão satisfatório, uma vez que somando os que acharam bom, vinte e um (21) alunos, ruim, dezesseis (16) alunos, e péssimo, nove (9) alunos, temos 62,16% contra 37,84% dos que avaliaram como muito bom, vinte (20) alunos, e excelente, oito (8) alunos.



O projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados foi excelente para quatro (4) alunos, 5,40%; muito bom para dezessete (17) alunos, 22,97%; bom para trinta (30) alunos, 40,54%; ruim para dezessete (17) alunos, 22,97%; péssimo para oito (8) alunos, 10,81%.

Na avaliação dos alunos, o projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados foi o pior, com o maior índice de desaprovação. Somando os que acharam ruim, dezessete (17) alunos, e os que acharam péssimo, seis (6) alunos, são vinte e três (23) alunos, 31,08%. Isso é mais do que a junção dos que acharam excelente, quatro (4) alunos com os que acharam muito bom, dezessete (17), que somam vinte e um (21) alunos, 28,38%. Trinta (30) alunos, 40,54%, estão na linha divisória do bom.

Assim, reunindo todas essas informações relativas à avaliação do programa e suas respectivas partes, para os alunos, a estrutura do programa, os recursos utilizados, a resposta do

público e a realização do programa foram muito bons. A resposta dos membros da igreja foi boa. Os projetos, tanto de preparo anterior da igreja quanto o de assistência aos batizados e interessados foram bons também, mas numa intensidade menor. Estes projetos, na avaliação dos alunos, deveriam ter sido melhores.

Percepção do Evangelismo

Assim como no início foi perguntado aos alunos que participaram da conferência quais eram suas expectativas, no final do questionário se perguntou como eles percebem o evangelismo depois dessa experiência.¹

A maioria das respostas foi positiva quanto à percepção do evangelismo depois dessa experiência. Algumas foram negativas ou mostraram pontos positivos e negativos na percepção. Das respostas positivas, destacou-se que o evangelismo é um trabalho útil para o crescimento dos teologandos, tanto no aspecto espiritual como na experiência para exercer a função de pastor. Esse estágio é essencial para o preparo do teologando, tanto que alguns alunos afirmaram que é a melhor parte do curso de teologia. Colabora também para o crescimento tanto dos pastores, como dos membros e dos interessados, ou seja, da igreja como um todo. Uma força do evangelismo é o envolvimento. É um instrumento para atrair os que não conhecem, os que conheceram, mas abandonaram, e para reavivar os que conhecem a Jesus e Suas verdades.

Os que destacaram aspectos negativos na percepção o fizeram em relação, principalmente, à experiência vivida por eles. Criticaram o método e a estratégia.

Os números quanto às expectativas positivas e negativas das respostas da questão um (1) são aproximados com relação às percepções positivas e negativas da questão sete (7).² A grande

¹ Ver respostas no anexo E, referentes à pergunta sete (7) do questionário.

² Ver respostas no anexo E, referentes às perguntas um (1) e sete (7) do questionário.

maioria tinha expectativas positivas no início e no final tiveram uma percepção positiva. Não há correlação entre os que tinham expectativas negativas, referentes ao programa de evangelismo antes de ser executado, com os que destacaram pontos negativos, referentes à percepção do evangelismo depois de terem participado do programa.

Colocando em alinhamento todos os pontos levantados na pesquisa, conclui-se que os alunos que participaram das conferências públicas na UCB, UCOB e USB, para cumprir o requisito de estágio, tinham expectativas positivas quanto à experiência que viveriam e estas expectativas foram saciadas. Na avaliação deles as partes envolvidas, associação, evangelista, teologandos e membros da igreja tiveram um desempenho muito bom. As prioridades dessas variaram. Para a associação e o evangelista os relatórios têm um grau de importância considerável. Para os teologandos um pouco menos, e para a igreja é o ponto de menor importância.

Todas as partes dão destaque para a prioridade dos batismos. Mas enquanto para a associação e para o evangelista, este é o ponto máximo nas prioridades, para os teologandos e os membros da igreja, acima dos batismos está o bem-estar dos interessados. Isso pode ser pela razão de que os membros e os teologandos se envolvem mais diretamente com os interessados do que a associação e o evangelista. O fato de estes últimos estarem tão preocupados com os relatórios que têm que prestar para a organização da IASD, também contribui para tal ênfase, que coloca a preocupação com o batismo acima do bem estar do interessado.

O desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos é valorizado por eles mesmos e pelo evangelista. Mas nem a associação nem os membros da igreja têm valorizado tal desenvolvimento. Isso é indicativo de que a organização da igreja como um todo não tem uma preocupação de se comprometer devidamente com a formação líderes da igreja para o futuro. Para os administradores da organização, aquilo que tem resultados imediatos é mais importante.

O programa das conferências foi avaliado como muito bom, com exceção dos planos de preparo dos membros da igreja antes das conferências e do de continuidade de assistência aos batizados e interessados. Estes aspectos do projeto deixaram a desejar. Tiveram avaliação com ressalvas negativas de vários alunos. Isso também aponta para o imediatismo de resultados. É preciso refletir mais sobre os resultados de longo prazo. Não adianta crescer rápido, mas sem consistência. Preparar a igreja é imprescindível para se ter resultados positivos no final. Uma igreja com os membros devidamente preparados e envolvidos vão gerar resultados muito melhores. O benefício é para todos. O evangelista trabalha com mais facilidade, pois conta com uma grande equipe de colaboradores. Os membros das igrejas em si se fortalecem, pelo fato de estarem envolvidos e comprometidos. Sentem-se úteis e responsáveis pelos interessados. Entre eles a relação é mais positiva. Os interessados na mensagem que assistem ao programa das conferências são beneficiados também, pois sentem que não somente algumas pessoas estão interessadas neles por apenas um período de tempo, mas sentem-se aceitos por todos. Sentem-se inseridos na comunidade da igreja. Quando o evangelista e os teologandos vão embora, quando as conferências terminam, os interessados não vão embora também, pois terminou um programa, mas não terminaram os relacionamentos.

O plano de continuidade, consolidação e acompanhamento aos recém batizados e de atendimento aos candidatos interessados a participarem nos próximos batismos merece uma ênfase especial também. Primeiro porque os dois grupos permanecem abertos ao estudo da Bíblia e, em segundo lugar, porque o crescimento real da igreja é composto pelo resultado da relação entre os que são recebidos menos os que deixam a igreja. A fórmula do crescimento ideal pode ser assim enunciada: “Pessoas batizadas menos pessoas que apostatam (abandonam a fé e a igreja) é igual ao Crescimento Real”.

E para que o crescimento real aconteça não adianta agir apenas trazendo pessoas para a igreja. É preciso também agir para mantê-las. Uma pessoa que está freqüentando a igreja está em processo de familiarização, tanto ao conhecer melhor as pessoas, como ao conhecer melhor a mensagem. Quando uma pessoa conhece a igreja por meio das conferências, se ao terminar as reuniões, não perceber que a programação da igreja é uma continuação do programa que estava acontecendo, ela não se sente mais inserida. Com relação às dúvidas que ela têm, é preciso que sejam respondidas. É preciso ainda aprofundar-se naquilo que ela acaba de conhecer. Por isso uma classe bíblica forte, mantendo o nível de qualidade da conferência é imprescindível. É de pouco valor, nessas circunstâncias, ter uma classe bíblica em nível bem inferior de qualidade e totalmente descontinuada das conferências que acabaram de acontecer.

Um programa de visitação precisa ser executado e mantido por um bom tempo depois das conferências, pelo pastor local e os membros da igreja, pois a pessoa necessita continuar se sentindo aceita. O que acontece, muitas vezes, é que durante o programa das conferências as pessoas eram recebidas por uma equipe maravilhosa de recepção; o evangelista orava com elas e por elas; recebiam visitas dos obreiros, dos teologandos e até do evangelista; recebiam brindes. Depois, tudo isso desaparece quando a série de reuniões chega ao seu final.

Assim, é claramente percebida a ligação existente entre os dois planos, o de preparo anterior dos membros da igreja e o de continuidade de assistência aos batizados e interessados. Se os membros da igreja não se sentem comprometidos e envolvidos para preparar as pessoas e trazê-las às reuniões programadas, não será quando terminar as conferências que esse compromisso com a salvação das pessoas ocorrerá.

Apesar das ressalvas no tocante a pontos frágeis que precisam ser reparados para as próximas conferências, todos os alunos que participaram do estágio em 2004 percebem o mesmo como indispensável para a formação pastoral a que se propõe o curso de teologia do UNASP. Tal

posição é constatada inclusive entre aqueles que tiveram percepções negativas quanto ao projeto de estágio específico no qual participaram. Estes alunos também informam que passaram a ter uma visão positiva do evangelismo público, ainda maior do que antes de participarem.

Muitos destacaram, ao final das reuniões de evangelização, a ansiedade por fazerem e/ou por participarem de outras conferências. Esse destaque é uma comprovação de que o estágio contribui grandemente para o espírito de missão dos futuros pastores que estão sendo formados, na visão deles mesmos.

CONCLUSÃO

As diversas conferências evangelísticas públicas que ocorreram na UCB, UCOB e USB tiveram um resultado positivo, o qual de maneira geral agradou aos teologandos que delas participaram. O desempenho dos administradores das Associações, dos evangelistas e dos teologandos foi considerado muito bom. O dos membros da igreja, por sua vez, apesar de bom, não esteve no nível dos demais. As prioridades secundárias de cada uma dessas partes envolvidas no projeto variaram, mas na média das respostas todos esses segmentos também deram destaque aos batismos e o bem-estar dos interessados, segundo a visão dos teologandos estagiários do ano de 2004.

Que há preocupação com os interessados, isso é constatado, mas o planejamento de uma sistemática que supere esta preocupação é o que não ocorreu. Ou seja, enquanto o bem-estar dos interessados esteve no topo das listas de prioridades de todas as partes envolvidas nos programas evangelísticos, o projeto de continuidade de assistência aos membros e interessados esteve no outro extremo, como um dos pontos menos priorizados nas campanhas evangelísticas.

A análise comparativa dos resultados evidenciou uma relação direta entre a não priorização do projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados e a não priorização do projeto de preparo anterior dos membros da igreja. Uma vez que são os membros os que mais terão contato com os batizados e interessados no final dos programas de conferências públicas, deveriam ser estes os mais envolvidos. Mas não é isso que ocorre. Geralmente, o evangelista e os teologandos se envolvem diretamente com os interessados e os membros ficam num patamar de serem servidos pelas conferências. Os membros da igreja não se sentem tão responsáveis pelos interessados. Para

eles, os que têm tal responsabilidade são os que estão à frente, representados pela oficialidade da associação, do evangelista e teologandos. Tal postura parece ser consequência do baixo preparo da conscientização, envolvimento e treinamento dos membros das igrejas antes da execução dos programas evangelísticos.

Se houvesse realmente um preparo que buscasse primeiramente conscientizar os membros da igreja acerca da missão de evangelizar, de responsabilidade de todos os crentes, haveria perspectivas de sucesso. O preparo deveria envolver também o treinamento dos membros para o trabalho, passando-lhes noções de envolvimento, relacionamento, evangelismo por amizade, com fundamentação bíblica, e estudos e estatísticas que apóiam a mesma, estariam abertas as portas para a execução de um projeto consistente de continuidade. Nenhum projeto de continuidade pode ter qualquer perspectiva positiva, se os membros da igreja não estiverem preparados, envolvidos e comprometidos.

Na parte central do projeto de evangelismo público, a IASD, em sua prática está ótima. Essa parte é a do planejamento e execução das conferências evangelísticas públicas. A avaliação dos teologandos mostrou que a estrutura do programa, os recursos utilizados, a resposta do público são pertinentes e positivos. A reação dos membros da igreja, se envolvendo, não é tão boa. E o início e o final deixam a desejar, ou seja, o preparo dos membros, antes, e a continuidade do acompanhamento aos batizados e interessados, depois, estão aquém do esperado. Se estas partes melhoram, a parte central também, pois a resposta dos membros da igreja é de acordo com o envolvimento deles.

Para que o quadro mude, estas partes do projeto de continuação precisam deixar de funcionar independentes ou separadas. O todo do planejamento precisa ser mais evidenciado: preparo e envolvimento dos membros, execução do programa de conferências e continuidade de assistência aos batizados. São aspectos diferentes de um todo.

O programa de estágio de evangelismo público oferecido pelo curso de teologia aos seus alunos no terceiro ano constitui um passo importante na sua formação pastoral, conforme eles mesmos declaram e enfatizam. Há contratemplos, problemas, dificuldades, mas ao pesar na balança, os aspectos agradáveis e benéficos do estágio superam e muito o que é negativo do projeto. A avaliação do processo é componente indispensável a qualquer aprendizado. Os alunos já fazem tal avaliação diante do seu professor, durante e no final da prática. Mas tal análise que acaba de se realizar sugere um momento mais sistematizado, onde os alunos se reúnam com o professor da prática evangelística e compartilhem entre si as experiências, dificuldades e soluções, pontos fortes e fracos. Tal situação potencializa o acréscimo que a prática oferece. Uma sugestão, talvez, fosse uma disciplina de um crédito no semestre consecutivo ao da prática, onde semanalmente todos se reúnam numa avaliação sistemática de tais experiências.

Outra sugestão, embora fuja da alçada acadêmica, talvez fosse provocar de alguma forma os pastores evangelistas a avaliarem as conferências, incluindo o preparo dos membros da igreja, antes, e o projeto de continuidade, depois. O fato de estar aumentando a demanda de teologandos para estagiarem nas conferências, poderia, quem sabe, ser usado como trunfo para se criar uma espécie de contrato, como outras instituições fazem com as empresas que vão receber estagiários das diversas áreas, onde nos deveres do contratante, a associação e o evangelista, fosse necessário responder a uma avaliação escrita que constasse análises sérias das respectivas partes e suas execuções.

Como pré-requisito, para que o professor analisasse o pedido para o envio de estagiários para o programa evangelístico, o evangelista em conjunto com a associação poderia apresentar na proposta enviada, um plano incluindo uma estratégia consistente para o preparo anterior da igreja e outra para a continuidade de assistência aos batizados e interessados.

E para que nos anos posteriores a associação pudesse continuar dispondo de alunos estagiários para seus programas de conferências, essa poderia enviar, quem sabe um ano depois, um relatório apresentando os resultados da estratégia de continuidade de assistência aos batizados e interessados.

Tendo em vista a relevância, a complexidade e a abrangência destes dois aspectos do evangelismo público – o preparo anterior dos membros da igreja e a continuidade de assistência batizados e interessados após as conferências públicas – sugere-se pesquisas, outros trabalhos de conclusão de curso, monografias ou até teses específicas sobre estes aspectos. Se este trabalho conseguir provocar tais iniciativas, terá cumprido um papel importante.

O que foi apresentado nesta conclusão é baseado na avaliação dos alunos. Tais sugestões se constituem relevantes a fim de contribuir para a prática. A intenção não foi, em nenhum momento, de desprezar ou menosprezar o trabalho que tem sido feito com a notória seriedade e competência pelas respectivas partes. Mas somar as considerações dos alunos com as do professor e dos pastores evangelistas.

Os aspectos mais relevantes levantados pelos alunos não estiveram voltados ao programa de estágio, mas às próprias conferências. Assim, pode-se congratular o curso de teologia do UNASP, por com tão grande competência e comprometimento, proporcionar aos seus alunos a oportunidade e privilégio de participarem do programa de estágio de evangelismo público.

BIBLIOGRAFIA

- Aeschlimann, Carlos E. *Evangelização Metropolitana*. São Paulo, SP: SALT, 1982.
- Aldrich, Joseph C. *Amizade, A Chave Para a Evangelização*. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1987.
- Anderson, Roy Allan. *O Pastor Evangelista*. Santo André, SP: Casa, 1965.
- Casas, Alexandre L. Las. *Marketing*. São Paulo, SP: Atlas, 1997.
- César, Elben M. Lenz. *História da Evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais*. Viçosa, MG: Ultimato, 2000.
- Cervo, Amado L. *Metodologia Científica: para uso dos estudantes universitários*. 3Ed. São Paulo, SP: McGraw-Hill do Brasil, 1983. Cap. 3
- Coleman, Robert E. *O Plano Mestre de Evangelismo*. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2000. Conferência Internacional para Evangelistas Itinerantes (Amsterdã 83). *O Evangelista e o Mundo Atual*. São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 1986.
- Cook, Guilherme. *Evangelização É Comunicação*. Campinas, SP: United Press, 1998.
- Ford, Leighton. *A Igreja Viva*. São Paulo, SP: Imprensa Metodista, 1974.
- Hendricks, Howard G. *Aprenda a Mentorear*. Betânia, 1999.
- Howard, John A. *Mercadologia: comportamento do administrador e do comprador*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1969.

- Kraft, Lourenço e Estefânia. *Espiando a Terra: como entender sua cidade*. São Paulo, SP: Sepal, 1995.
- Lakatos, Eva M. & Marconi, Maria A. *Metodologia do Trabalho Científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. 3 Ed. São Paulo, SP: Atlas, 1990. Cap. 2 e 4
- Lima, Delcyr de Souza. *Doutrina e Prática de Evangelização*. Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1969.
- Mattar, Fauze Najib. *Pesquisa de marketing*. 5 ed. São Paulo, SP: Atlas, 1993
- Rocha, Angela & Christensen, Care. *Marketing – teoria e prática no Brasil*. São Paulo, SP: Atlas, 1995.
- Rocha, José Miranda. *Evangelização II – métodos de evangelização: notas de sala de aula*. Engenheiro Coelho, SP: SALT, 2002.
- Rodrigues, Samuel Eman. *Evangelismo Público no Brasil*. Dissertação de Mestrado em Teologia do SALT-IAE, 1984.
- Sarli, Joel. *Evangelismo: curso breve*. São Paulo, SP: SALT, 1982.
- _____. *Evangelismo Dinâmico*. São Paulo, SP: IAE.
- _____. *Um Curso Breve de Evangelismo Público*. São Paulo, SP: SALT, 1982.
- Silva, Horne P. *Evangelismo Público*. Belém de Maria, PE: Educandário Nordestino Adventista, 1975.
- White, Ellen G. *A Ciência do Bom Viver*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1984.
- _____. *Atos dos Apóstolos*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1984.

_____. *Educação*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

_____. *Evangelismo*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1959.

_____. *Fundamentos da Educação Cristã*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1975.

_____. *Obreiros Evangélicos*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1969.

_____. *Testemunhos Para Ministros*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1984.

Wolter, Berndt Dietrich. “Uma Avaliação do Treinamento Ministerial nos Estágios de Evangelismo Público do SALT – Sede Brasil-Sul”. Dissertação de Mestrado em Teologia do SALT-IAE, 2000.

ANEXOS

ANEXO A

CONFERÊNCIAS DA UCB

Do universo de alunos desta pesquisa, trinta e seis (36) participaram das conferências que ocorreram na região da UCB. Estes estudantes trabalharam com treze (13) pastores evangelistas.

A avaliação que se fez a partir de então foi baseada nas respostas que os alunos deram no questionário que responderam, conforme anexado neste trabalho.¹

Expectativas Anteriores

Dos que participaram das conferências nesta região, a maioria, vinte e nove (29) alunos, tinha expectativas positivas em relação ao estágio. Dentre estas destacaram-se a grandeza do evento, o desafio do novo, a experiência espiritual, o desenvolvimento pessoal e profissional. Quatro (4) alunos tinham expectativas negativas, relacionadas com o medo e a ansiedade. Dois (2) alunos tinham expectativas positivas e negativas ao mesmo tempo, ansiosos por uma experiência boa, mas com medo. Pode-se constatar isso nas respostas que deram à pergunta um (1) do questionário².

¹ Ver questionário no anexo D.

² Ver respostas no anexo E1, referentes à pergunta um (1) do questionário.

Pontos Fortes e Fracos

Quando solicitados a apontar um ponto forte no programa¹, a maioria destacou pontos referentes à organização e estrutura; e à participação da equipe. Outros apontamentos fizeram referência ao local, ao envolvimento dos membros e à resposta do público.

Com relação ao oposto, quando pedido para apontarem os pontos fracos no programa², os destaques também foram centrados em pontos referentes à organização e estrutura, com acréscimo de apontamentos referentes ao evangelista e mensagem. Houve referência ainda ao baixo envolvimento dos membros.

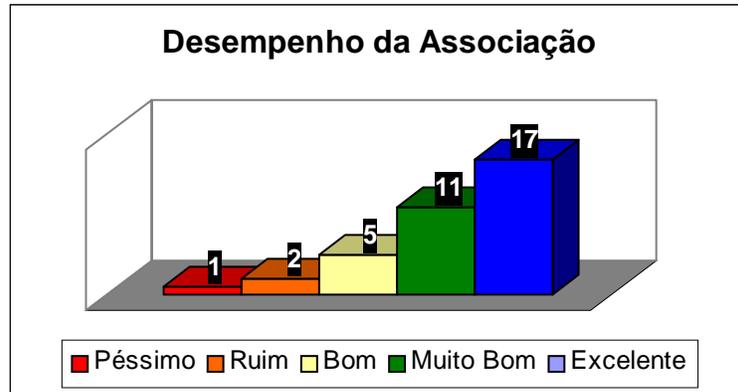
Neste primeiro momento de avaliação geral e aberta estas foram as impressões dos alunos. É percebida a ênfase referente à organização e estrutura, ao evangelista e mensagem, ao envolvimento dos membros e à resposta no público.

Desempenho dos Envolvidos

No momento seguinte, os estudantes avaliaram aspectos específicos. O primeiro deles foi o desempenho das partes envolvidas. Avaliaram o desempenho da associação, do evangelista, deles mesmos, teologandos, e dos membros da igreja. Cada um desses foi classificado entre péssimo, ruim, bom, muito bom e excelente.

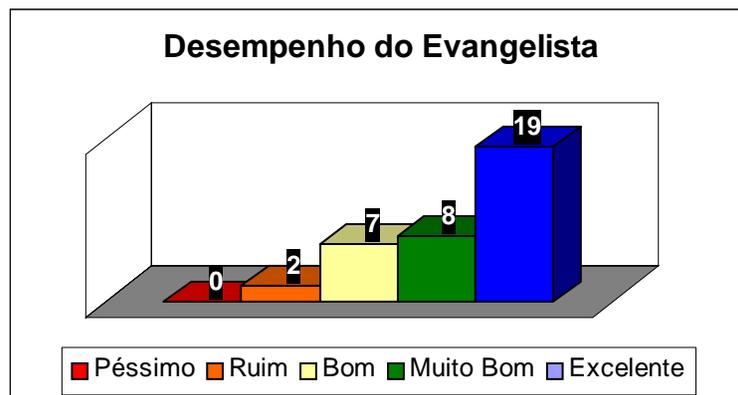
¹ Ver respostas no anexo E1, referentes à pergunta dois (2) do questionário.

² Ver respostas no anexo E1, referentes à pergunta três (3) do questionário.



Como se pode ver, o desempenho da associação nas conferências foi excelente para dezessete (17) alunos, muito bom para onze (11), bom para cinco (5), ruim para dois (2), péssimo para um (1), e dois (2) não responderam. Assim, os que avaliaram o desempenho entre excelente e muito bom somam vinte e oito (28) alunos, equivalente a 77,78 % dos que responderam. Os que avaliaram entre péssimo, um (1), e ruim, dois (2), somam três (3) alunos que representam 8,33%.

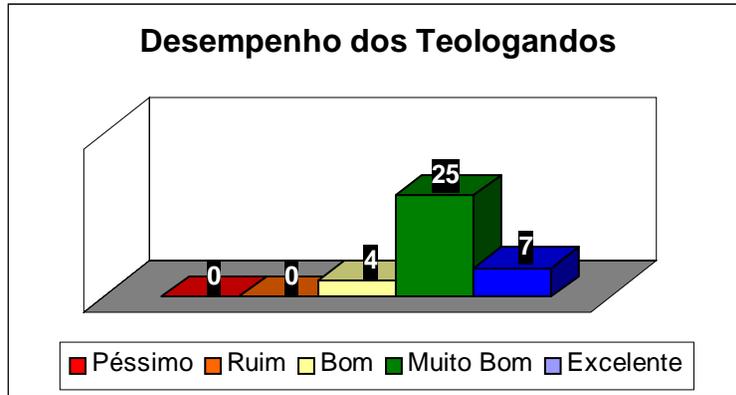
O desempenho do evangelista foi avaliado da seguinte forma:



O evangelista, na percepção dos teologandos teve um desempenho excelente, uma vez que os que avaliaram como excelente, dezenove (19), com os que avaliaram como muito bom, oito (8), somam vinte e sete (27) alunos que equivalem a 75%. Apenas dois (2) avaliaram como ruim, representando 5,5%.

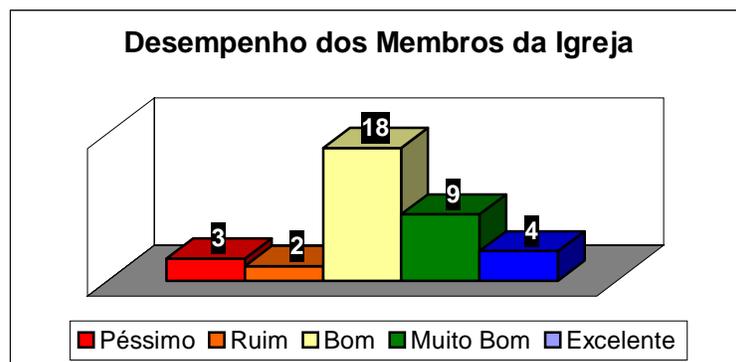
O desempenho a seguir na avaliação dos teologandos foi o relativo a eles próprios.

O resultado foi o seguinte:



O desempenho dos teologandos na visão deles próprios foi muito bom. Não tão bom como o desempenho da associação e do evangelista, pois a maioria apontou-os como excelente. Somando os vinte e cinco (25) alunos que avaliaram o desempenho dos teologandos como muito bom com os sete (7) que avaliaram como excelente somam trinta e dois (32), que representa 88,89%. Se adicionarmos os que avaliaram como bom totaliza-se 100%, pois nenhum avaliou como péssimo ou ruim.

A avaliação seguinte foi quanto ao desempenho dos membros da igreja.



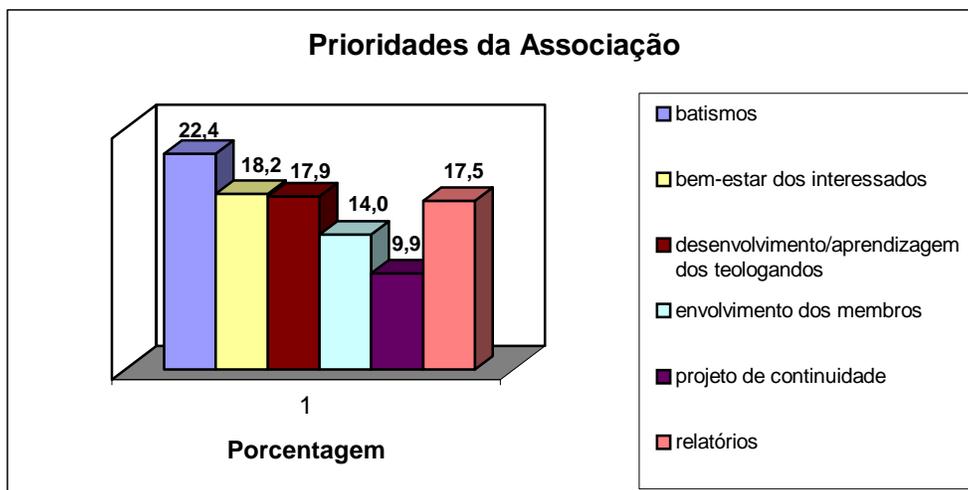
O desempenho dos membros da igreja, comparado ao desempenho das outras partes referidas foi menor. Enquanto o desempenho da associação, do evangelista e dos teologandos, na avaliação ficou entre excelente e muito bom, o desempenho dos membros

da igreja foi bom, conforme dezoito (18) alunos, 50%. Bom é a linha fronteira entre o muito bom e o ruim.

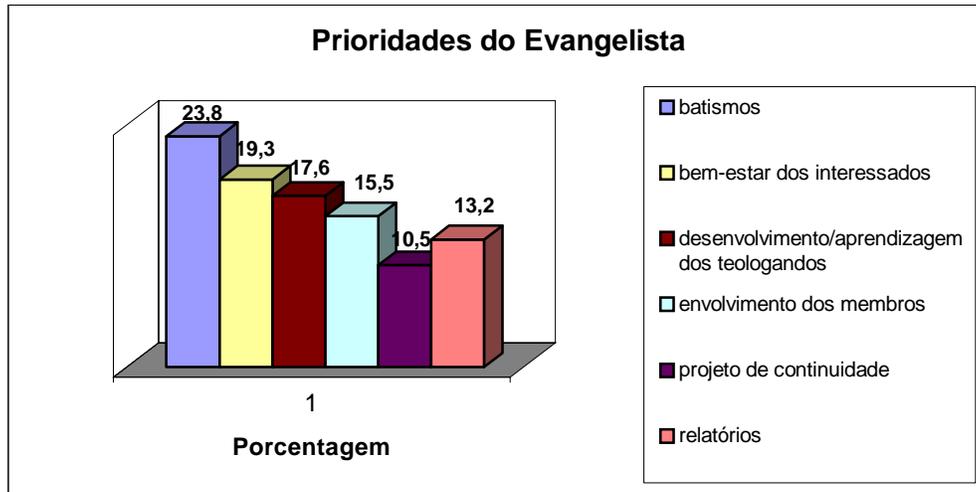
Prioridades Estabelecidas

Foi pedido que os alunos classificassem por ordem de importância [1 a 6] o que é priorizado pela associação, pelo evangelista, pelos teologandos e pelos membros da igreja. Os elementos para a classificação foram: batismo; bem-estar dos interessados; desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos; envolvimento dos membros; projeto de continuidade; relatórios.

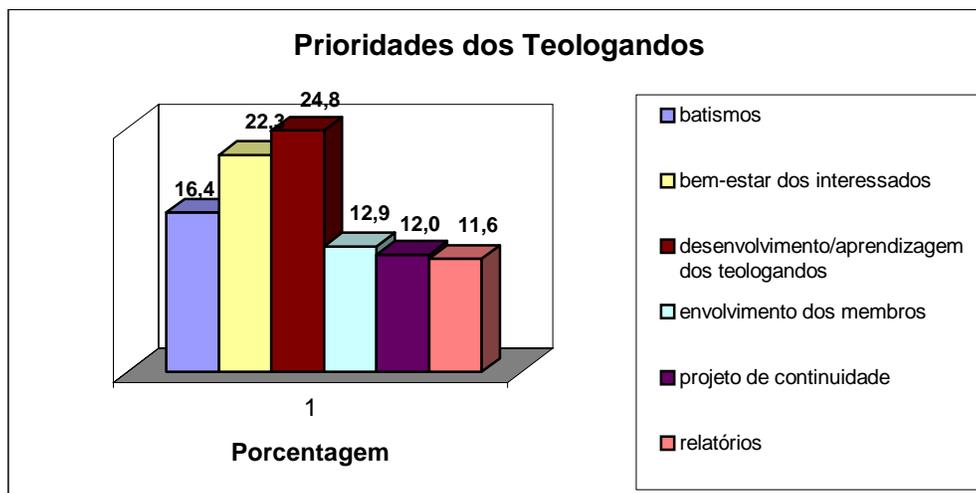
Para tabular os resultados desta parte do questionário foi necessário somar as notas classificatórias de cada elemento em separado, fazer uma relação inversamente proporcional, uma vez que quanto maior o resultado da soma, menor a nota classificatória. A nota um (1) é a melhor e a nota seis (6) a pior. Feito isso, transformou-se o resultado em porcentagem e o resultado foi:



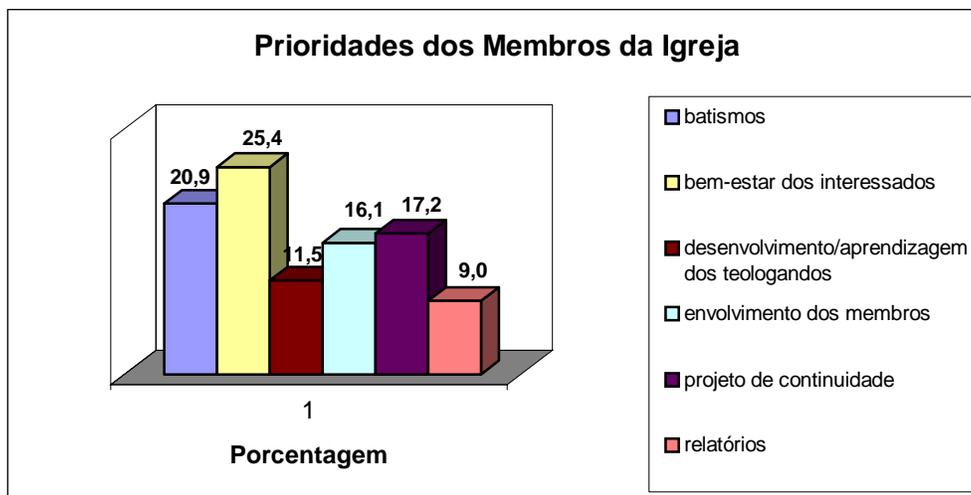
Na ordem de importância, a associação priorizou: 1º batismos 22,4%; 2º bem-estar dos interessados 18,2%; 3º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 17,9%; 4º relatórios 17,5%; 5º envolvimento dos membros 14 %; 6º projeto de continuidade 9,9%.



O evangelista priorizou: 1º batismos 23,8%; 2º bem-estar dos interessados 19,3%; 3º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 17,6%; 4º envolvimento dos membros 15,5%; 5º relatórios 13,2%; 6º projeto de continuidade 10,5%.



Os teologandos priorizaram: 1º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 24,8%; 2º bem-estar dos interessados 22,3%; 3º batismos 16,4%; 4º envolvimento dos membros 12,9%; 5º projeto de continuidade 12%; 6º relatórios 11,6%.



Os membros da igreja priorizaram: 1º bem-estar dos interessados 25,4%; 2º batismos 20,9%; 3º projeto de continuidade 17,2%; 4º envolvimento dos membros 16,1%; 5º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 11,5%; 6º relatórios 9%.

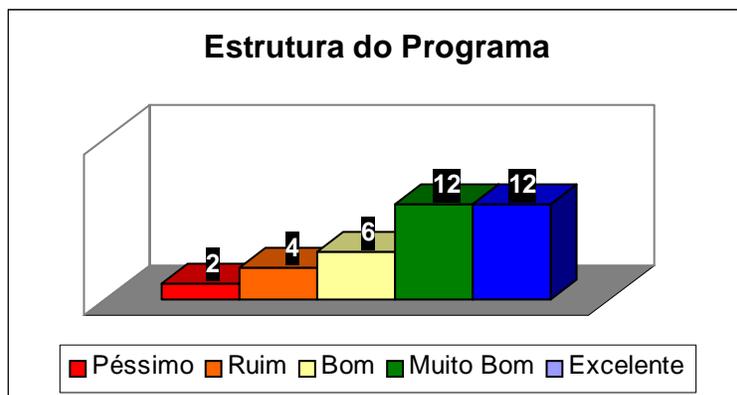
Referente a esta parte das prioridades foi percebido que a associação e o evangelista, até por estarem diretamente ligados, tiveram basicamente as mesmas prioridades.

Já os teologandos se diferenciaram, priorizando o próprio desenvolvimento. Para eles o bem estar dos interessados também foi prioridade máxima, e só então vieram os batismos.

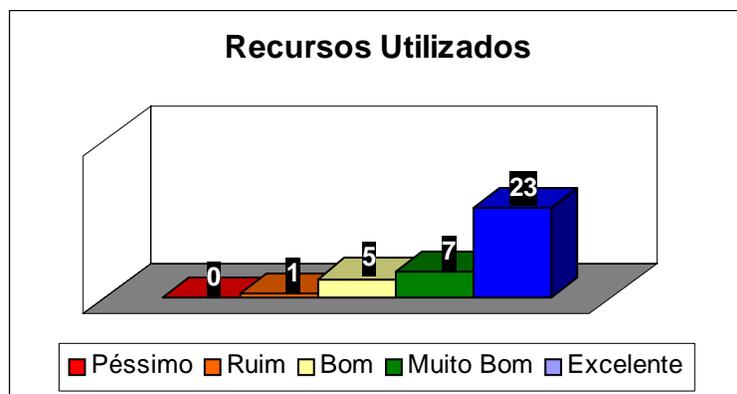
Quando vamos para as prioridades dos membros, uma terceira situação aparece. Para eles a prioridade máxima foi o bem-estar dos interessados, depois os batismos. Um aspecto também diferente dos demais é que para os membros da igreja o projeto de continuidade foi o terceiro mais importante. A preocupação dos membros foi com relação aos interessados, tanto durante como depois das conferências. Outra situação comparativa é que, diferente dos teologandos, os membros não priorizaram o seu próprio envolvimento ou desenvolvimento.

Avaliação do Programa

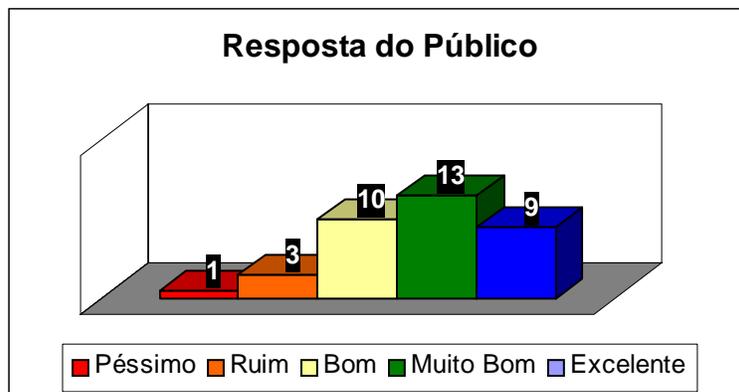
O programa foi avaliado nos diversos aspectos: sua estrutura, os recursos utilizados, a resposta do público, a resposta dos membros da igreja, a realização do programa, o projeto de preparo anterior dos membros da igreja e o projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados. Os resultados foram:



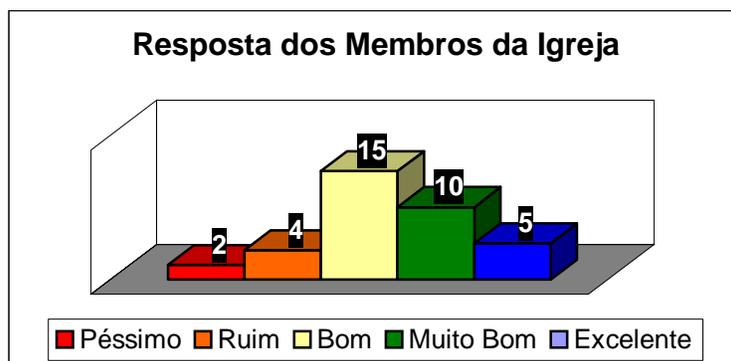
Na classificação da estrutura do programa, doze (12) alunos a classificaram como excelente e doze (12) como muito bom, ou seja, 66,67%. Pode-se perceber que a estrutura do programa foi muito boa.



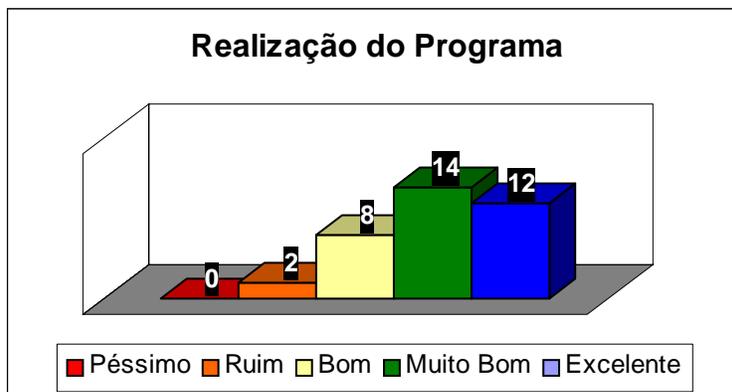
Quanto aos recursos utilizados, na avaliação dos alunos, a classificação foi excelente. Vinte e três (23) alunos, 66,89% apontaram como excelente. Apenas um (1) aluno classificou como ruim e nenhum como péssimo.



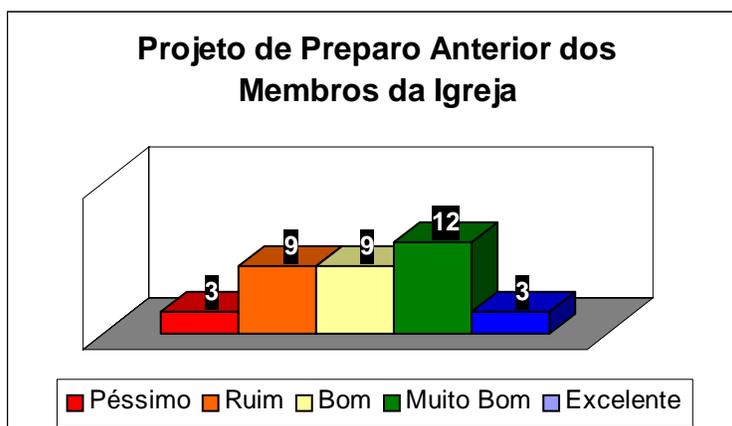
Referente à resposta do público a avaliação a apontou como muito boa. Somando os que apontaram como muito bom, treze (13), e os que apontaram como excelente, nove (9), têm-se 61,1 %. Se a soma considera os que classificaram como bom a porcentagem sobe para 88,89%. Um (1) aluno avaliou como péssimo e três (3) avaliaram como ruim, somando 11%.



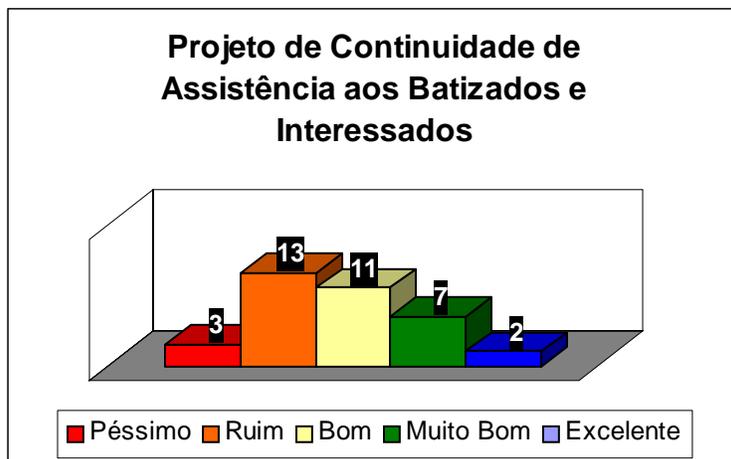
Quanto à resposta dos membros da igreja, 41,67% alunos classificaram tal resposta como excelente, cinco (5) alunos, ou muito bom, dez (10) alunos. 16,67% classificaram como ruim, quatro (4) alunos, ou péssimo, dois (2) alunos. Quinze (15) alunos, 41,67% classificaram na linha divisória do bom, a resposta dos membros da igreja. A avaliação foi boa, mas não tanto quanto a da estrutura do programa e a dos recursos utilizados.



A realização do programa também foi muito boa. Vinte e seis (26) alunos, 72,22% classificaram como excelente, doze (12) alunos, e muito bom, quatorze (14) alunos, a realização do programa. Apenas dois (2) alunos classificaram como ruim a realização do programa, 5,56%.



O projeto de preparo anterior dos membros da igreja não teve um resultado tão satisfatório, uma vez que somando os que acharam bom, nove (9) alunos, ruim, nove (9) alunos, e péssimo, três (3) alunos, temos 58,33% contra 41,67% dos que avaliaram como muito bom, doze (12) alunos, e excelente, três (3) alunos.



Na avaliação dos alunos, o projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados foi o pior, foi ruim. Somando os que acharam ruim, treze (13) alunos, e os que acharam péssimo, três (3) alunos, são 44,44%. Se a estes números somarmos os que acharam bom, onze (11) alunos, teremos 75% contra 25% dos alunos que acharam muito bom, sete (7) alunos, e excelente, dois (2) alunos.

Assim, reunindo todas essas informações relativas à avaliação do programa e suas respectivas partes, para os alunos, a estrutura, os recursos utilizados, a resposta do público e a realização foram excelentes. A resposta dos membros da igreja foi boa. Os projetos, tanto o de preparo anterior dos membros da igreja quanto o de continuidade na assistência aos novos batizados e interessados em continuar estudando a Bíblia, foram insatisfatórios, principalmente o último, que foi avaliado como ruim.

Percepção do Evangelismo

Assim como no início foi perguntado aos alunos que participaram da conferência quais eram suas expectativas, no final do questionário se perguntou como ele percebe o evangelismo depois dessa experiência.¹

Quanto à percepção do evangelismo depois dessa experiência, vinte e sete (27) respostas foram positivas, quatro (4) respostas foram negativas, quatro (4) respostas mostraram pontos positivos e negativos na percepção. Das respostas positivas, destacou-se que o evangelismo é um trabalho útil para o crescimento dos estagiários, tanto no aspecto espiritual como experiência para exercer a função de pastor. Foi uma experiência essencial para o preparo dos futuros pastores, tanto que alguns deles afirmaram que foi a melhor parte do curso de teologia. É uma experiência que colaborou também para o crescimento tanto dos pastores, como dos membros e dos interessados, ou seja, da igreja como um todo. Uma força do evangelismo é o envolvimento. É um instrumento para atrair os que não conhecem, os que conheceram, mas abandonaram, e para reavivar os que conhecem a Jesus e Suas verdades.

Os que destacaram aspectos negativos na percepção o fizeram em relação à experiência vivida por eles e não no evangelismo como um todo. Criticaram o método, a estratégia, a ênfase que na opinião deles foi errada, na experiência que vivenciaram.

Os números quanto às expectativas positivas e negativas das respostas da questão um (1)² foram aproximados com relação às percepções positivas e negativas da questão sete (7)³. A grande maioria teve expectativa positiva no início e no final teve uma

¹ Ver respostas no anexo E1, referentes à pergunta sete (7) do questionário.

² Ver respostas no anexo E1, referentes à pergunta um (1) do questionário.

³ Ver respostas no anexo E1, referentes à pergunta sete (7) do questionário.

percepção positiva. Na questão um (1), referente à expectativa antes das conferências, vinte e nove (29) alunos tinham expectativas positivas, quatro (4) expectativas negativas, duas (2) positivas e negativas, um (1) deixou em branco. Na questão sete (7), referente à percepção do evangelismo depois da experiência, vinte e sete (27) alunos perceberam o evangelismo público como positivo, quatro (4) como negativo, quatro (4) tem aspectos positivos e negativos na percepção e um (1) deixou em branco. Averiguados se coincidem os alunos que tinham expectativas negativas com os que perceberam o evangelismo público de forma negativa depois da experiência, constatou-se que não são os mesmos, ou seja, não há relação entre as respostas negativas.

Colocando em relação todos os pontos levantados na pesquisa, conclui-se que os alunos que participaram das conferências públicas na UCB, para cumprir o requisito de estágio, tinham expectativas positivas com relação à experiência que viveriam e estas expectativas foram saciadas. Na avaliação deles as partes envolvidas tiveram um desempenho muito bom. As prioridades dessas partes variaram. O programa das conferências foi muito bom, com exceção do projeto de preparo dos membros da igreja antes das conferências e do projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados. Esses projetos foram ruins. Tiveram avaliação negativa pelos alunos. Todos enxergaram o estágio como imprescindível para a formação pastoral a que se propõe o curso de teologia do UNASP.

ANEXO B

CONFERÊNCIAS DA UCOB

Do nosso universo de respondentes desta pesquisa, sete (7) participaram das conferências que ocorreram na região da UCOB¹. Estes alunos trabalharam com dois (2) pastores evangelistas. Não vamos relacionar uns com os outros a fim de preservá-los e porque o propósito deste trabalho não é avaliar indivíduos, mas o programa do estágio como um todo.

A avaliação que se fez a partir de então foi baseada nas respostas que estes estudantes deram no questionário que responderam, conforme anexado neste trabalho.²

Expectativas Anteriores

Dos alunos que participaram das conferências nesta região quatro (4) tinham expectativas positivas em relação ao estágio. Dentre estas se destacaram o desenvolvimento e o trabalhar na obra de Deus. Três (3) alunos tinham expectativas negativas relacionadas com dificuldades a serem enfrentadas e ansiedade³.

¹ A UCOB ainda não existia na ocasião em que se realizaram as conferências analisadas neste trabalho, pois seu território ainda fazia parte da UCB e da USB. Ela passou a atuar administrativamente em 2005. Mas, decidiu-se considera-la na divisão para este trabalho porque: 1) facilita a distribuição geográfica dos alunos da pesquisa; 2) não interfere em aspectos administrativos dos respectivos campos; 3) este trabalho visa contribuir para as conferências que ocorrerão após o período respectivo à ele, que acontecerá levando em conta a atual divisão.

² Ver questionário no anexo D.

³ Ver respostas no anexo E2, referentes à pergunta um (1) do questionário.

Pontos Fortes e Fracos

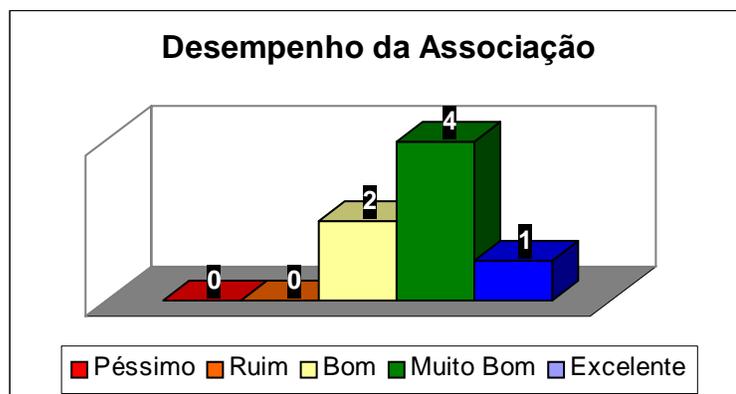
Quando pedido para apontar um ponto forte no programa¹, quatro (4) destacaram pontos referentes ao evangelista e o conteúdo de seu programa; três (3) destacaram pontos referentes à participação da equipe.

Sobre os pontos fracos no programa², os apontamentos dos alunos, referiram-se à organização e estrutura, ao evangelista e mensagem, ao envolvimento insuficiente dos membros.

Nesta avaliação geral e aberta estas foram as impressões dos alunos.

Desempenho dos Envolvidos

Na avaliação de aspectos específicos, o primeiro deles se referiu ao desempenho das partes envolvidas. Os alunos avaliaram o desempenho da Associação, do evangelista, deles mesmos, teologandos e dos membros da igreja. Cada um desses foi classificado entre péssimo, ruim, bom, muito bom e excelente.

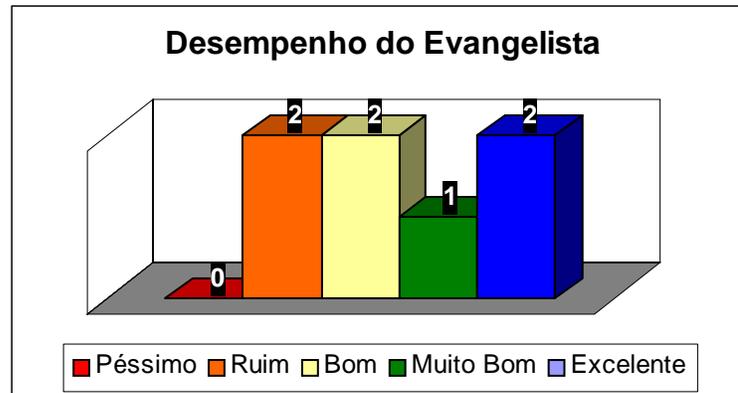


¹ Ver respostas no anexo E2, referentes à pergunta dois (2) do questionário.

² Ver respostas no anexo E2, referentes à pergunta dois (2) do questionário.

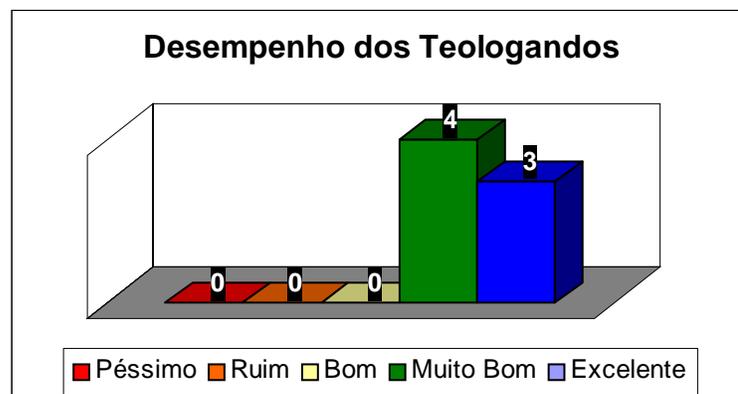
Conforme apresenta o gráfico acima, o desempenho da Associação nas conferências foi excelente para um (1) aluno, muito bom para quatro (4) e bom para dois (2). Notou-se, então que a Associação teve um desempenho muito bom na percepção dos estudantes.

O desempenho do evangelista foi avaliado da seguinte forma:



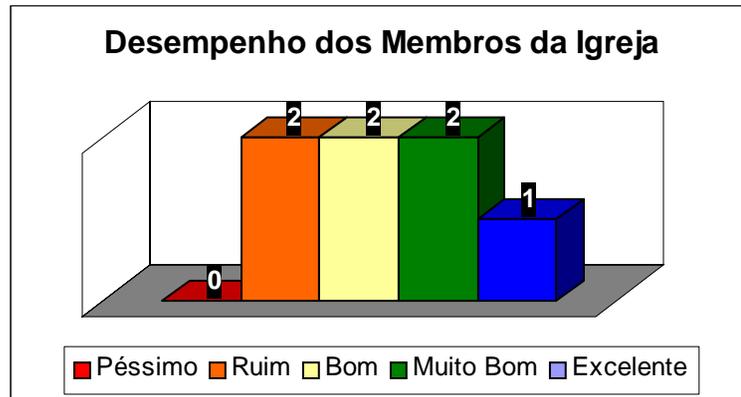
Sendo que dois (2) alunos avaliaram o desempenho do evangelista como excelente, um (1) como muito bom, dois (2) como bom e dois (2) como ruim, notou-se que não houve consenso na percepção dos alunos. Praticamente a metade avaliou o desempenho como ideal e a outra metade avaliou como deixando a desejar.

O desempenho a seguir, na avaliação dos teologandos, foi relativo a eles próprios. O resultado foi o seguinte:



O desempenho dos teologandos na visão deles próprios foi muito bom. Todos avaliaram como excelente, três (3) alunos, e muito bom, quatro (4) alunos.

A avaliação seguinte foi quanto ao desempenho dos membros da igreja.



Na avaliação do desempenho dos membros da igreja também não houve consenso. Um (1) avaliou como excelente, dois (2) como muito bom, dois (2) como bom e dois (2) como ruim.

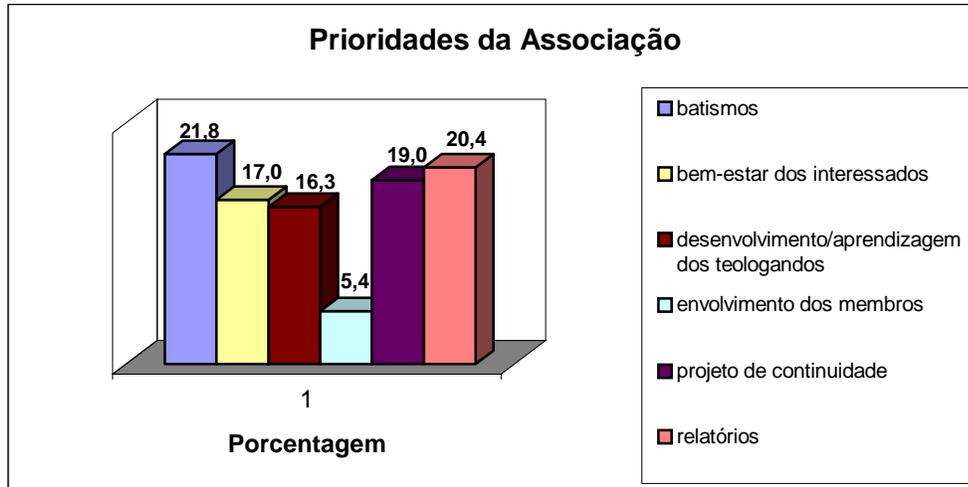
Pelos resultados da avaliação notamos um nível muito bom do desempenho da Associação e dos teologandos. Já o nível do desempenho do evangelista e dos membros da igreja não foi o mesmo, mas foi bom.

Prioridades Estabelecidas

Foi pedido que os respondentes classificassem por ordem de importância [1 a 6] o que foi priorizado pela Associação, pelo evangelista, pelos teologandos e pelos membros da igreja. Os elementos para a classificação foram: batismo; bem-estar dos interessados; desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos; envolvimento dos membros; projeto de continuidade; relatórios.

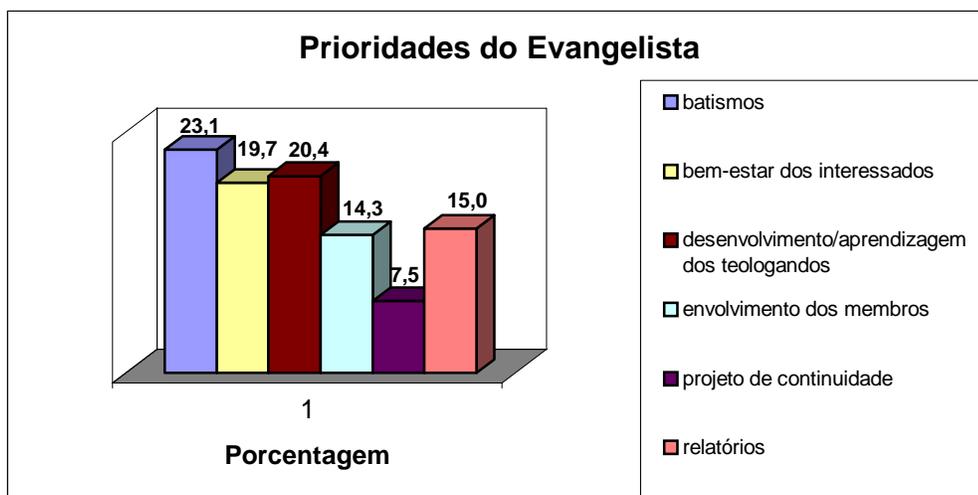
Para tabular os resultados desta parte do questionário foi necessário somar as notas classificatórias de cada elemento em separado, fazer uma relação inversamente proporcional, uma

vez que quanto maior o resultado da soma, menor a nota classificatória. A nota um (1) é a melhor e a nota (6) a pior. Feito isso, transformou-se o resultado em percentagem e o resultado foi:



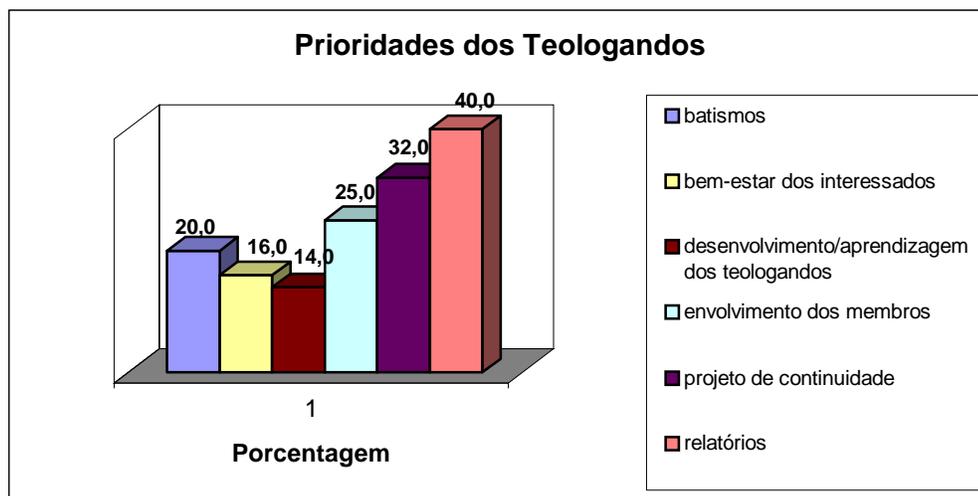
Na ordem de importância, a Associação priorizou: 1º batismos 21,8%; 2º relatórios 20,4%; 3º projeto de continuidade 19,0%; 4º bem-estar dos interessados 17%; 5º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 16,3%; 6º envolvimento dos membros 5,4%.

Nas prioridades da Associação, percebe-se uma proximidade entre elas, com exceção ao envolvimento dos membros, que mostrou ter sido o aspecto menos valorizado, 5,4%.



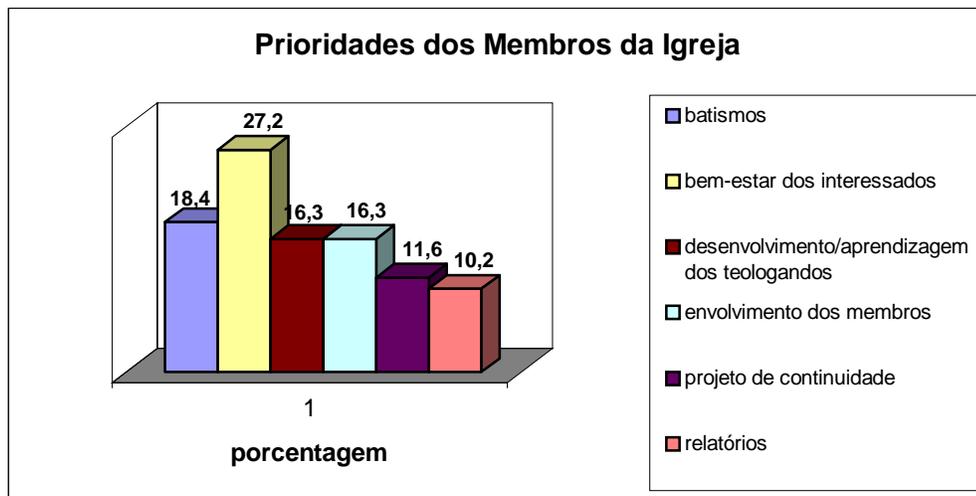
O evangelista priorizou: 1º batismos 23,1%; 2º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 20,4%; 3º bem-estar dos interessados 19,7%; 4º relatórios 15%; 5º envolvimento dos membros 14,3%; 6º projeto de continuidade 7,5%.

As prioridades do evangelista, apesar de trabalhar com a Associação, não foram as mesmas dela, com exceção do batismo. O menos priorizado foi o projeto de continuidade, com 7,5%.



Os teologandos priorizaram: 1º relatórios 40%; 2º projeto de continuidade 32%; 3º envolvimento dos membros 25%; 4º batismos 20%; 5º bem-estar dos interessados 16%; 6º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 14%.

Das prioridades dos estagiários destacaram-se preocupações intensas com os relatórios, 40%. Em evidência ficou também a baixa preocupação com o desenvolvimento/aprendizagem deles mesmos, 14%. Foi o menos priorizado.



Os membros da igreja priorizaram: 1º bem-estar dos interessados 27,2%; 2º batismos 18,4%; 3º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 16,3%; 4º envolvimento dos membros 16,3%; 5º projeto de continuidade 11,6%; 6º relatórios 10,2%.

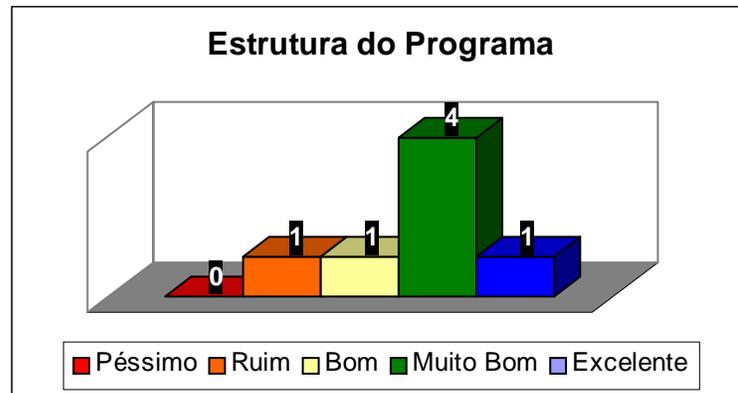
Este quadro mostrou uma situação esperada dos membros da igreja quanto às prioridades. A maior prioridade foi em relação ao bem-estar dos interessados, 27,2%.

O destaque na comparação entre as prioridades das partes foi do projeto de continuidade, que na UCOB foi foco de atenção para a Associação e para os teologandos. Mas para o pastor e os membros da igreja, que são realmente os que tratam diretamente com o assunto, não houve tal priorização. Para eles o grau de atenção ao projeto de continuidade foi de 7,5% e 11,6% respectivamente. Com relação ao envolvimento dos membros da igreja, os resultados mostram que não foi prioridade da Associação e do evangelista.

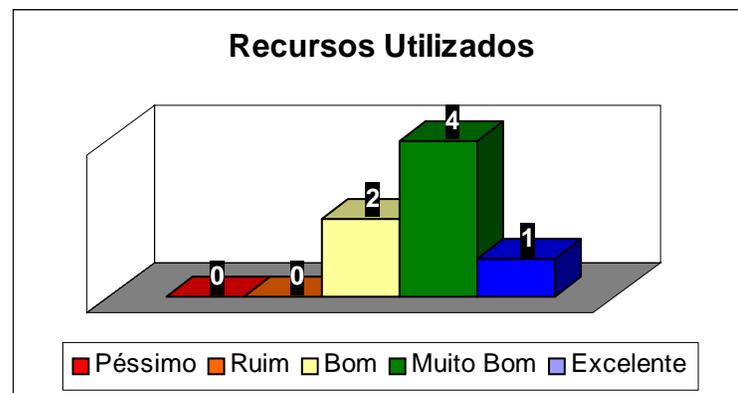
Avaliação do Programa

O programa foi avaliado nos diversos aspectos: sua estrutura, os recursos utilizados, a resposta do público, a resposta dos membros da igreja, a realização do programa, o projeto de

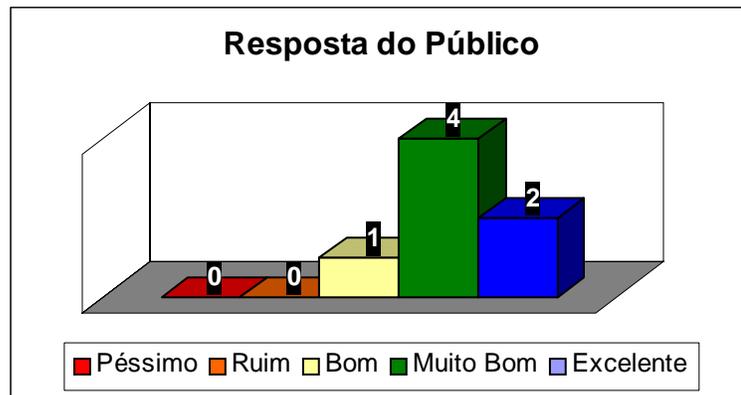
preparo anterior dos membros da igreja e o projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados. Os resultados foram:



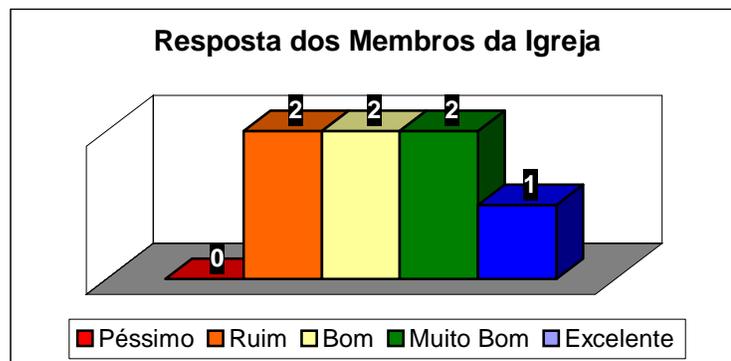
Na classificação da estrutura do programa, um (1) aluno classificou como excelente e três (3) como muito bom, um (1) como bom e um (1) como ruim. Por esse quadro pode-se perceber que a estrutura do programa foi muito boa.



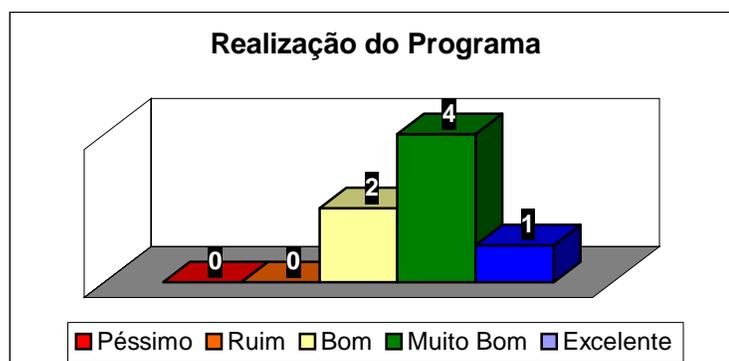
Quanto aos recursos utilizados, na avaliação dos alunos, a classificação foi muito boa. Um (1) aluno avaliou como excelente, quatro (4) como muito bom, dois (2) como bom. Ninguém avaliou com ruim ou péssimo.



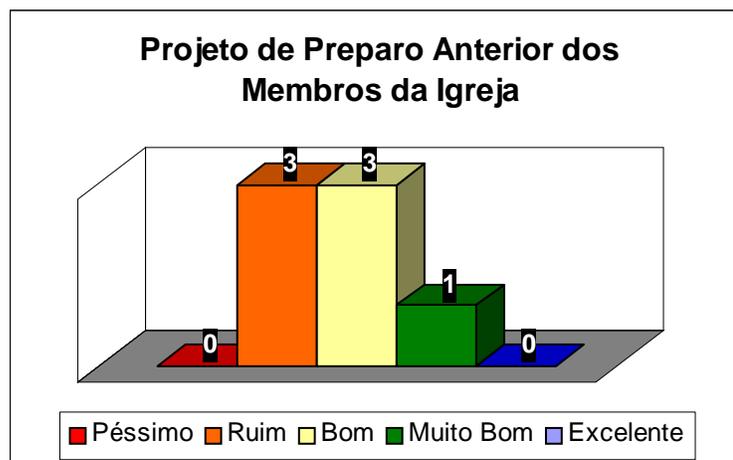
A avaliação também apontou a resposta do público como muito boa. Dois (2) apontaram como excelente, quatro (4) como muito bom, um (1) como bom. Não houve apontamento ruim nem péssimo.



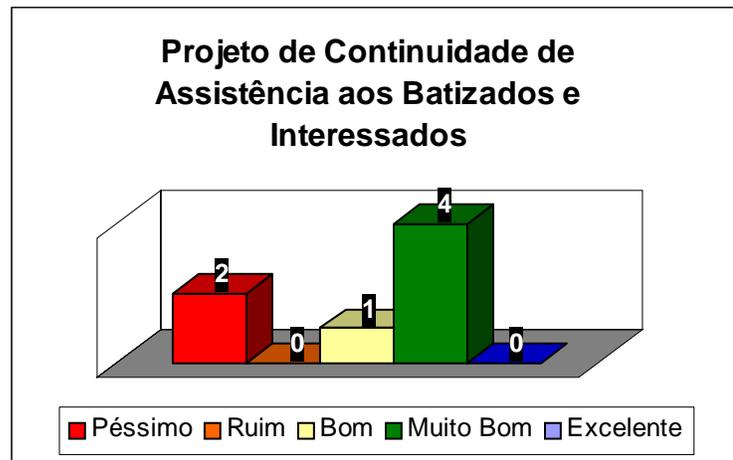
Quanto à resposta dos membros da igreja onde a conferência se realizou, um (1) classificou tal resposta como excelente, dois (2) como muito bom, dois (2) como bom e dois (2) como ruim. Essa parte não teve o mesmo desempenho das outras, embora tenha sido uma média boa.



A realização do programa também foi muito boa. Um (1) aluno classificou como excelente, quatro (4) como muito bom, dois (2) como bom, nenhum ruim e nenhum péssimo.



O projeto de preparo anterior dos membros da igreja recebeu uma avaliação negativa. Nenhum avaliou como excelente, um (1) como muito bom, três (3) como bom e três (3) como ruim. Isso aponta que provavelmente não houve tal projeto, tal preparo dos membros da igreja para as conferências.



Na avaliação dos estudantes, o projeto de continuidade recebeu nenhum excelente, quatro (4) muito bom, um (1) bom e dois (2) péssimo. Foi o único aspecto que teve péssimo marcado por alunos, mas por quatro (4) terem marcado muito bom, proporcionou um resultado médio de bom.

Assim, reunindo todas essas informações relativas à avaliação dos estudantes referente ao programa e suas respectivas partes, notou-se que a estrutura do programa, os recursos utilizados, a resposta do público, a realização do programa foram muito bons. A resposta dos membros da igreja e o projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados foram bons. O projeto de preparo anterior dos membros da igreja foi insatisfatório, avaliado como ruim.

Percepção do Evangelismo

Assim como no início foi perguntado aos alunos que participaram da conferência quais eram suas expectativas, no final do questionário se perguntou como eles percebem o evangelismo depois dessa experiência.¹

¹ Ver respostas no anexo E2, referentes à pergunta sete (7) do questionário.

Todas as respostas foram positivas quanto à percepção do evangelismo depois dessa experiência. Dessas respostas destacou-se que o evangelismo é envolvente, que é muito importante, que é uma experiência realizadora. Os alunos ressaltaram que estão ansiosos para realizar outras conferências.

Comparando as expectativas apresentadas nas respostas da questão um do questionário, com a percepção do evangelismo após a realização das conferências, notou-se um contraste. Três (3) dos sete (7) alunos tinham expectativas negativas, enquanto todos perceberam as conferências como realizadoras, marcantes e que querem participar de outras.

Colocando em relação todos os pontos levantados na pesquisa, conclui-se que os alunos que participaram das conferências públicas na UCOB, para cumprir o requisito de estágio, tinham expectativas positivas e negativas com relação à experiência que viveriam e estas expectativas foram superadas. Na avaliação deles as partes envolvidas tiveram um desempenho muito bom.

As prioridades dessas partes variaram. Dessas variações chamou a atenção as diferenças entre a Associação e o evangelista. O programa das conferências foi muito bom, com exceção do projeto de preparo dos membros da igreja antes das conferências, que foi ruim. O projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados foi bom, mas recebeu avaliações de péssimo de dois (2) dos sete (7) alunos. Tal situação refletiu a não priorização dada por parte daqueles que estiveram diretamente envolvidos, evangelista e membros da igreja, com relação aos projetos de preparo e de continuidade.

Houve unanimidade quanto à percepção positiva do evangelismo depois dessa experiência, superando algumas expectativas negativas que haviam antes das conferências serem realizadas. Para os alunos, o estágio de evangelismo público para a formação pastoral a que se propõe o curso de teologia do UNASP é muito importante.

ANEXO C

CONFERÊNCIAS DA USB

Dos respondentes desta pesquisa, trinta e dois (32) participaram das conferências que ocorreram na região da UCB. Um (1) dos alunos não quis responder ao questionário, por isso o universo para os cálculos foi de trinta e um (31) alunos ao invés de trinta e dois (32). Estes estudantes trabalharam com dez (10) pastores evangelistas.

A avaliação que se fez a partir de então foi baseada nas respostas que estes alunos deram no questionário que responderam, conforme anexado neste trabalho.¹

Expectativas Anteriores

Dos alunos que participaram das conferências nesta região, a maioria, vinte e seis (26) alunos, tinham expectativas positivas em relação ao estágio. Dentre estas expectativas positivas, destacaram-se a experiência espiritual, o desenvolvimento pessoal e profissional, a experiência de levar pessoas à decisão do batismo. Quatro (4) alunos tinham expectativas negativas, relacionadas com medo, insegurança e cobrança. Um (1) aluno tinha expectativas positivas e negativas ao mesmo tempo, ansioso, mas expectativo por uma experiência boa. Pode-se constatar isso nas respostas que deram à pergunta um (1) do questionário que responderam.²

¹ Ver questionário no Anexo D.

² Ver respostas no anexo E3, referentes à pergunta um (1) do questionário.

Pontos Fortes e Fracos

Quando compelidos a apontar um ponto forte no programa¹, a maioria, vinte (20) alunos, destacou pontos referentes à organização e estrutura; outros destacaram pontos referentes ao evangelista e conteúdo, ao público, à participação da equipe, ao envolvimento dos membros.

Com relação aos pontos fracos no programa², os apontamentos destacaram pontos referentes a aspectos das mesmas linhas dos pontos fortes, ou seja, referentes ao evangelista e conteúdo, à estrutura e organização, ao público, ao envolvimento dos membros.

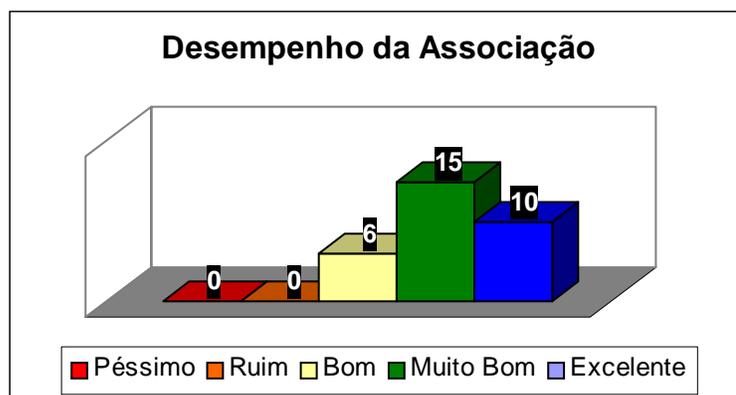
Neste primeiro momento de avaliação geral e aberta estas foram as impressões dos alunos. Percebeu-se ênfase principalmente na organização e estrutura, no evangelista e mensagem, tanto relativo a aspectos positivos quanto negativos.

Desempenho dos Envolvidos

No momento seguinte, os alunos avaliaram aspectos específicos. O primeiro deles foi o desempenho das partes envolvidas. Os alunos avaliaram o desempenho da Associação, do evangelista, deles mesmos, teologandos e dos membros da igreja. Cada um desses foi classificado entre péssimo, ruim, bom, muito bom e excelente.

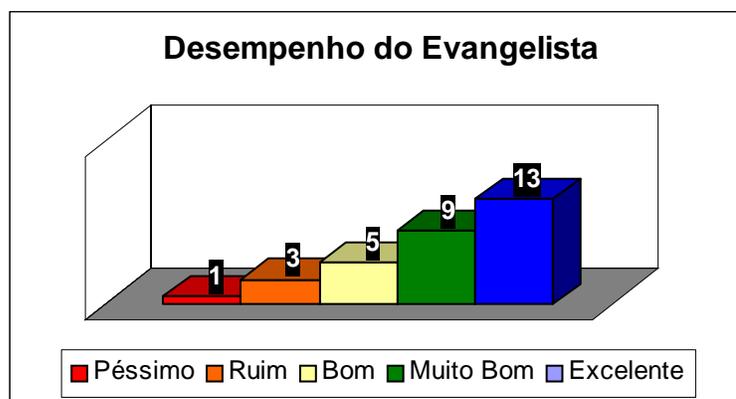
¹ Ver respostas no anexo E3, referentes à pergunta dois (2) do questionário.

² Ver respostas no anexo E3, referentes à pergunta três (3) do questionário.



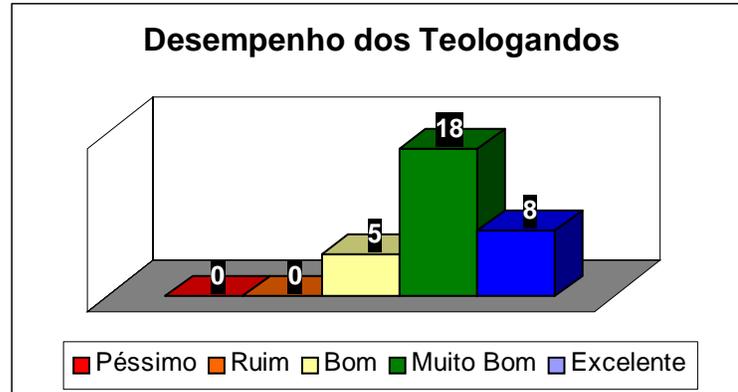
Como se pode ver, o desempenho da Associação nas conferências foi excelente para dez (10) alunos, muito bom para quinze (15) alunos, bom para seis (6) e nenhum aluno achou o desempenho da Associação ruim ou péssimo. Na média o desempenho da Associação nas conferências foi muito bom.

O desempenho do evangelista foi avaliado da seguinte forma:



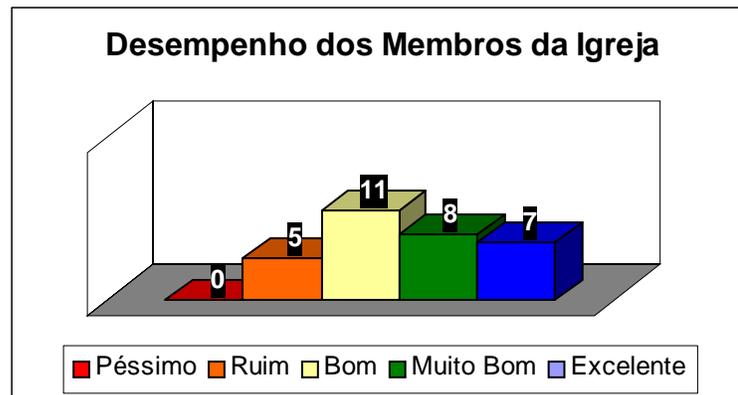
O evangelista, na percepção dos alunos, teve um desempenho muito bom, uma vez que os que avaliaram como excelente, treze (13), com os que avaliaram como muito bom, nove (9), somam vinte e dois (22) alunos que equivalem a 70,97%. Cinco (5) avaliaram como bom, se somarmos estes na porcentagem anterior teremos 87,1% contra 12,9% do quadro composto dos que avaliaram como ruim, três (3) alunos, e péssimo, um (1) aluno.

O desempenho a seguir na avaliação dos teologandos é o relativo a eles próprios. O resultado foi o seguinte:



O desempenho dos teologandos na visão deles próprios foi muito bom. Oito (8) avaliaram como excelente, dezoito (18) como muito bom. Os dois juntos 83,87%. Cinco (5) avaliaram como bom e nenhum aluno avaliou como ruim ou péssimo.

A avaliação seguinte foi quanto ao desempenho dos membros da igreja.



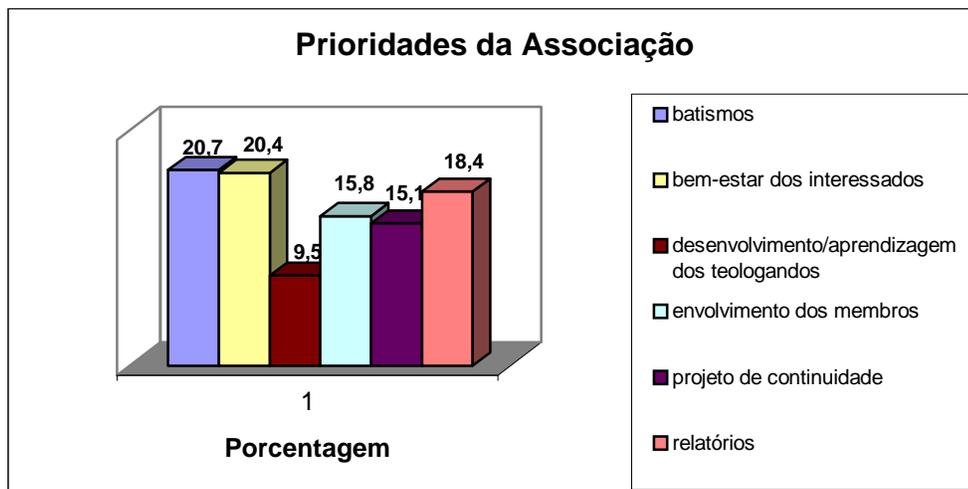
O desempenho dos membros da igreja, comparado ao desempenho das outras partes referidas foi menor. Enquanto relativo ao desempenho da Associação, do evangelista e dos teologandos, a avaliação ficou em muito bom, o desempenho dos membros da igreja foi bom. Sete (7) alunos avaliaram como excelente, oito (8) como muito bom, onze (11) como bom, cinco (5) como ruim.

Comparando o desempenho das diferentes partes na avaliação dos teologandos, o desempenho mais satisfatório foi o da Associação. Em seguida vem o dos teologandos e o do evangelista. Por último vem o dos membros da igreja, que teve um alto índice de bom e ruim na avaliação dos estudantes.

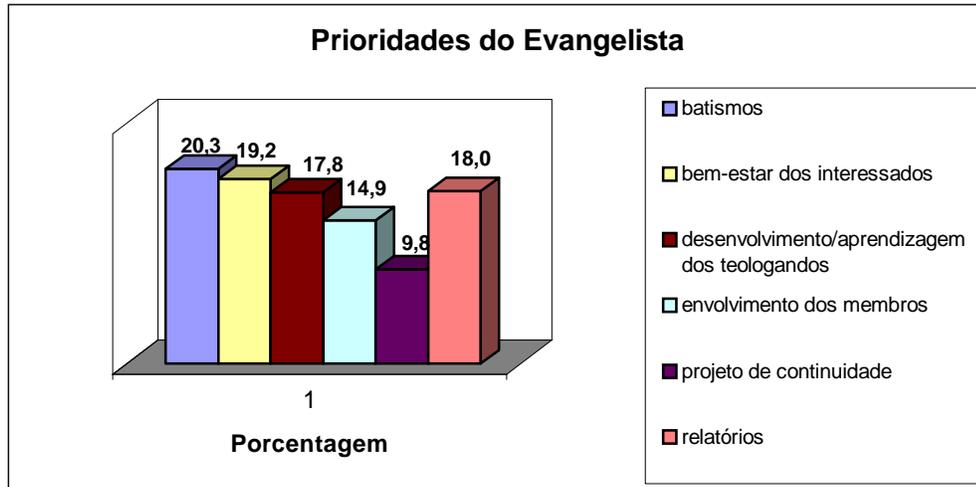
Prioridades Estabelecidas

Foi pedido que os teologandos classificassem por ordem de importância [1 a 6] o que foi priorizado pela Associação, pelo evangelista, pelos teologandos e pelos membros da igreja. Os elementos para a classificação foram: batismo; bem-estar dos interessados; desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos; envolvimento dos membros; projeto de continuidade; relatórios.

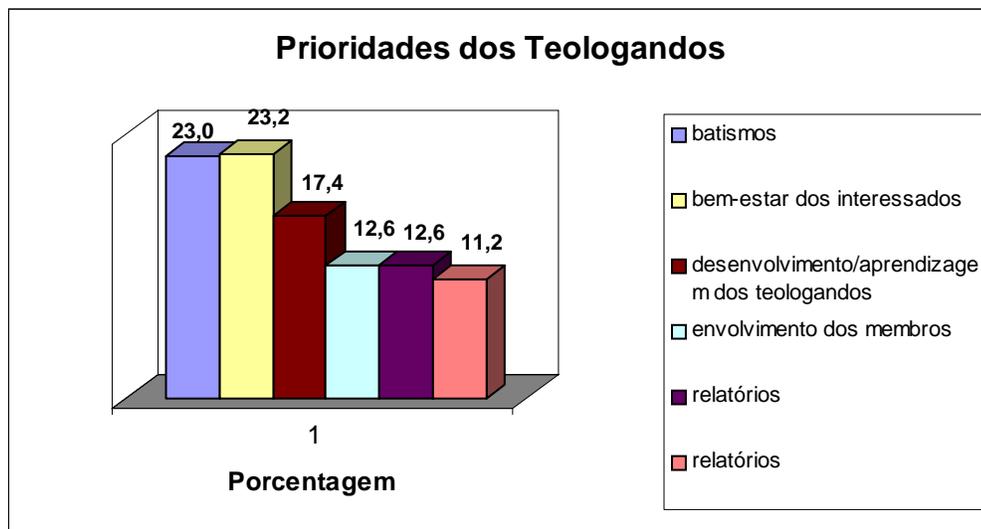
Para tabular os resultados desta parte do questionário foi necessário somar as notas classificatórias de cada elemento em separado, fazer uma relação inversamente proporcional, uma vez que quanto maior o resultado da soma, menor a nota classificatória. A nota um (1) é a melhor e a nota seis (6) a pior. Feito isso, transformou-se o resultado em porcentagem e o resultado foi:



Na ordem de importância, a Associação priorizou: 1º batismos 20,7%; 2º bem-estar dos interessados 20,4%; 3º relatórios 18,4%; 4º envolvimento dos membros 15,8 %; 5º projeto de continuidade 15,1%; 6º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 9,5%.

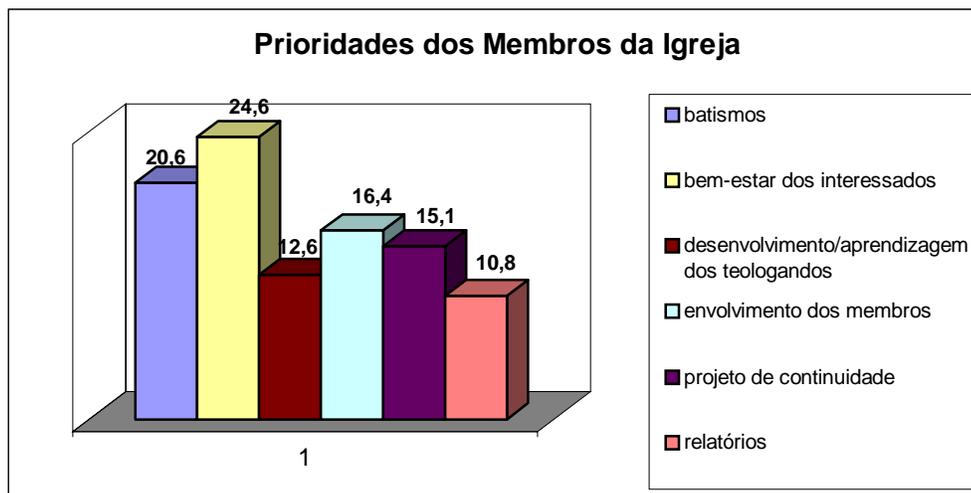


O evangelista priorizou: 1º batismos 20,3%; 2º bem-estar dos interessados 19,2%; 3º relatórios 18%; 4º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 17,8%; 5º envolvimento dos membros 14,9%; 6º projeto de continuidade 9,8%.



Os teologandos priorizaram: 1º bem-estar dos interessados 23,2%; 2º batismos 23%; 3º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 17,4%; 4º envolvimento dos membros 12,6%;

5º projeto de continuidade 12,6%; 6º relatórios 11,2%.



Os membros da igreja priorizaram: 1º bem-estar dos interessados 24,6%; 2º batismos 20,6%; 3º envolvimento dos membros 16,4%; 4º projeto de continuidade 15,1%; 5º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 12,6%; 6º relatórios 10,8%.

Referente à parte das prioridades foi percebido que a Associação e o evangelista, até por estarem diretamente ligados no trabalho, tiveram basicamente as mesmas prioridades, com exceção a dois pontos que se inverteram nos gráficos deles, o desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos, que foi mais valorizado pelo evangelista e o projeto de continuidade que foi mais valorizado pela Associação.

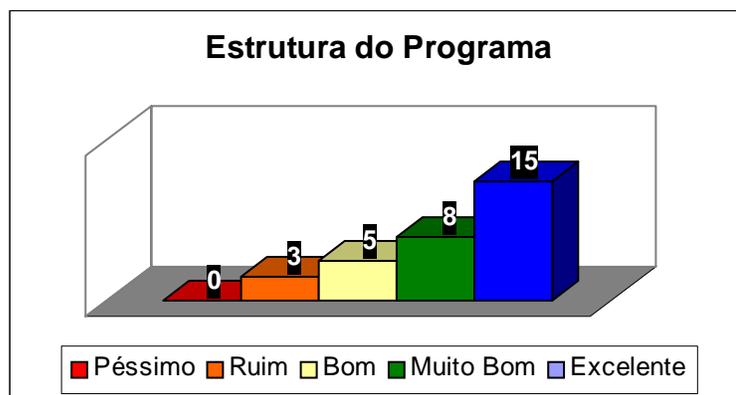
Os teologandos, como a Associação e o evangelista, priorizaram os batismos e o bem-estar dos interessados. Diferenciaram-se deles na prioridade dos relatórios. Para os teologandos foi a menor prioridade. Diferente da Associação, e como o evangelista, os teologandos colocaram o desenvolvimento/aprendizagem deles próprios em terceiro lugar nas prioridades.

Como a Associação, o evangelista e os teologandos, os membros da igreja também priorizaram mais o bem estar dos interessados e os batismos, mas numa ordem invertida. Como os teologandos, os membros da igreja também colocaram os relatórios no último lugar da lista de

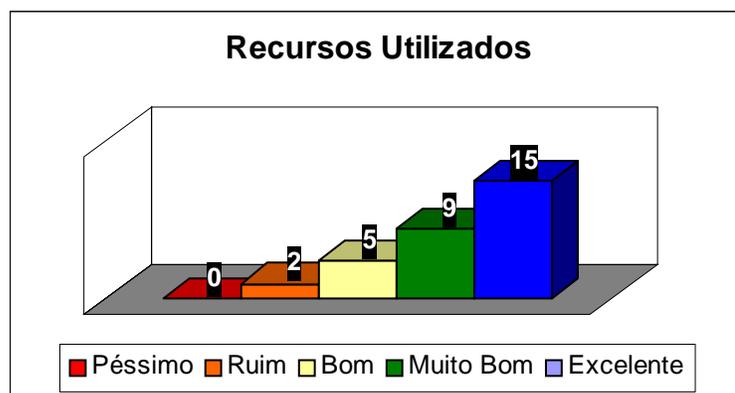
prioridades. Como o evangelista, os membros também não deram grande importância ao desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos.

Avaliação do Programa

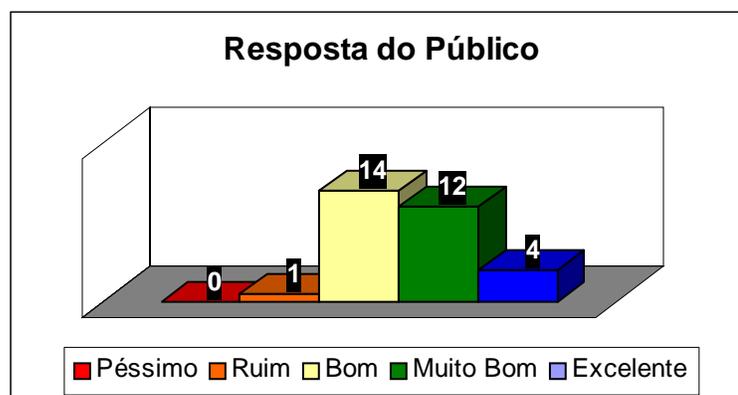
O programa foi avaliado nos diversos aspectos: sua estrutura, os recursos utilizados, a resposta do público, a resposta dos membros da igreja, a realização do programa, o projeto de preparo anterior dos membros da igreja e o projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados. Os resultados foram:



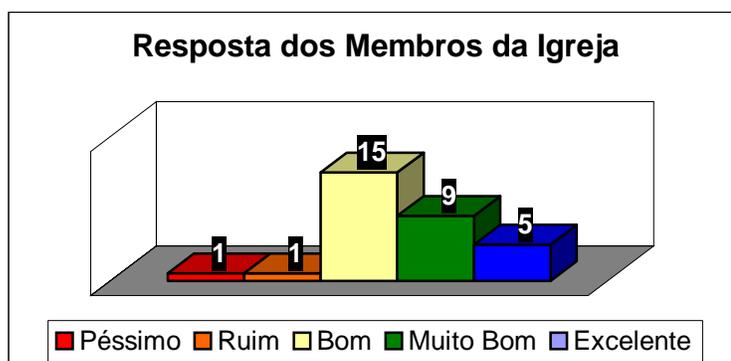
Na classificação da estrutura do programa, quinze (15) alunos a classificaram como excelente e oito (8) como muito bom, representando juntos 74,19%. Cinco (5) alunos avaliaram como bom, três (3) como ruim e nenhum como péssimo. Assim, a estrutura do programa pode ser considerada como muito boa.



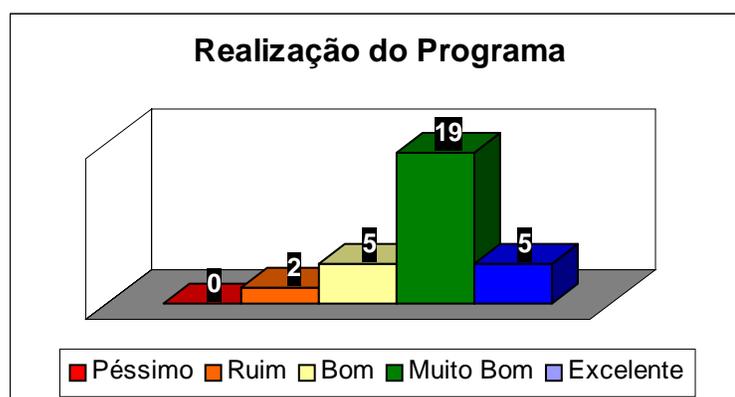
Quanto aos recursos utilizados, na avalia\u00e7\u00e3o dos alunos, a classifica\u00e7\u00e3o foi muito boa. Quinze (15) alunos apontaram como excelente, nove (9) como muito bom, totalizando 77,42%. Cinco (5) alunos classificaram como bom, dois (2) como ruim e nenhum como p\u00e9ssimo.



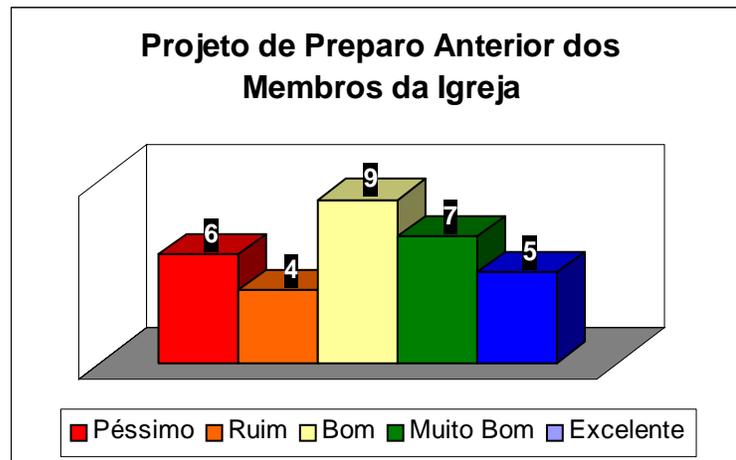
Referente \u00e0 resposta do p\u00fablico a avalia\u00e7\u00e3o n\u00e3o foi t\u00e3o positivamente intensa como nos aspectos anteriores, mas ainda assim pode ser considerada como muito bom. Quatro (4) alunos avaliaram como excelente, doze (12) alunos como muito bom, quatorze (14) como bom, um (1) como ruim e nenhum como p\u00e9ssimo.



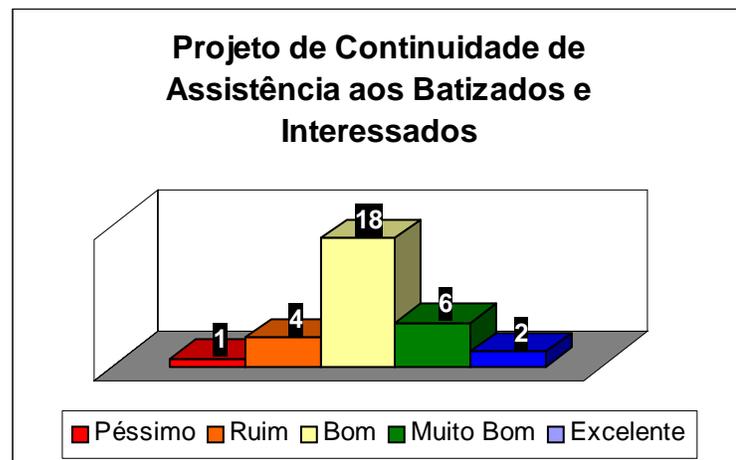
Cinco (5) alunos classificaram a resposta dos membros da igreja como excelente, nove (9) como muito bom, quinze (15) como bom, (1) como ruim, um como péssimo. Como a avaliação da resposta do público, a da resposta dos membros da igreja não foi tão positiva quanto a da estrutura do programa e a dos recursos utilizados. Na média, a classificação foi boa.



A realização do programa também foi muito boa. Cinco (5) alunos classificaram como excelente, dezenove (19) alunos como muito bom, montando 77,42%. Cinco (5) alunos classificaram como bom, dois (2) como ruim e nenhum como péssimo.



O projeto de preparo anterior dos membros da igreja não teve um resultado tão satisfatório, uma vez que somando os que acharam bom, nove (9) alunos, ruim, quatro (4) alunos, e péssimo, seis (6) alunos, temos 61,29% contra 38,71% dos que avaliaram como muito bom, sete (7) alunos, e excelente, cinco (5) alunos. Numa média geral podemos dizer que o desempenho foi bom.



Na avaliação dos alunos, o projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados foi bom. Dois (2) avaliaram como excelente, seis (6) como muito bom, dezoito (18) como bom, quatro (4) como ruim e um (1) como péssimo. A alta concentração de votos no nível bom equilibrou a situação, mas é uma situação de alerta porque bom é o limiar entre o muito bom e o ruim.

Assim, reunindo todas essas informações relativas à avaliação do programa e suas respectivas partes, para os alunos, a estrutura do programa, os recursos utilizados, a realização do programa e a resposta do público foram muito bons. A resposta dos membros da igreja, o projeto de preparo anterior dos membros da igreja e o projeto de continuidade de assistência ao batizados e interessados, ficaram na linha divisória da classificação, sendo considerados como bons.

Percepção do Evangelismo

Assim como no início foi perguntado aos alunos que participaram da conferência quais eram suas expectativas, no final do questionário se perguntou como ele percebe o evangelismo depois dessa experiência.¹

Vinte e seis (26) respostas foram positivas quanto à percepção do evangelismo depois dessa experiência. Quatro (4) respostas apontaram uma percepção positiva e negativa ao mesmo tempo. Diferente das outras duas Uniões, os alunos que participaram do evangelismo na USB, apesar de também terem percebido a experiência como positiva, foram mais intensos, mesmo nas colocações positivas, com relação a ressalvas. De modo geral perceberam a importância do evangelismo de forma positiva, essencial, como experiência espiritual extraordinária para todos os envolvidos, como oportunidade de desenvolvimento. Mas fizeram muitas referências à necessidade de planejamento, de maleabilidade de estratégias e métodos, de necessidade de preparo da igreja antes e de projetos de continuidade.

As expectativas positivas das respostas da questão um (1) foram supridas nas respostas à questão sete (7), referente à percepção de evangelismo após a experiência. A grande maioria tinha expectativas positivas no início e no final tiveram uma percepção positiva. Averiguados se

¹ Ver respostas no anexo E3, referentes à pergunta sete (sete) do questionário.

coincidem os alunos que tinham expectativas negativas com os que perceberam o evangelismo público com aspectos negativos depois da experiência, constatou-se que não são os mesmos, ou seja, não há relação entre as respostas negativas.

Colocando em relação todos os pontos levantados na pesquisa, concluiu-se que os alunos que participaram das conferências públicas na USB, para cumprir o requisito de estágio, tinham expectativas positivas com relação à experiência que viveriam e estas expectativas foram saciadas. Na avaliação deles as partes envolvidas tiveram um desempenho muito bom. As prioridades dessas partes variaram. O programa das conferências foi muito bom, com exceção do projeto de preparo dos membros da igreja antes das conferências, da resposta dos membros da igreja e do projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados. Esses projetos foram bons, mas com muitas ressalvas negativas. Tiveram avaliação relativamente negativa pelos alunos. Todos enxergam o estágio como imprescindível para a formação pastoral a que se propõe o SALT do Unasp, mas com aplicações, em muitos casos, de maneira diferente, em relação às estratégias, metodologias e prioridades.

ANEXO D

QUESTIONÁRIO SOBRE O ESTÁGIO DE EVANGELISMO PÚBLICO 2004

QUESTIONÁRIO SOBRE O ESTÁGIO DE EVANGELISMO PÚBLICO 2004

Conferência que você participou (local):

Nome do evangelista responsável:

1. Quais eram as suas expectativas com relação ao evangelismo antes de acontecer?

2. Destaque um ponto forte no programa.

3. Destaque um ponto fraco no programa.

4. Classifique o desempenho:

A) Da associação

Péssimo Ruim Bom Muito Bom Excelente

B) Do evangelista

Péssimo Ruim Bom Muito Bom Excelente

C) Dos teologandos

Péssimo Ruim Bom Muito Bom Excelente

D) Dos membros da igreja

Péssimo Ruim Bom Muito Bom Excelente

5. Classifique em ordem de importância [1 a 6] o que:

A) A associação prioriza:

batismos

bem-estar dos interessados

desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos

envolvimento dos membros

projeto de continuidade

relatórios

B) O evangelista prioriza:

batismos

bem-estar dos interessados

desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos

envolvimento dos membros

projeto de continuidade

relatórios

C) Os teologandos priorizam:

- batismos
- bem-estar dos interessados
- desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos
- envolvimento dos membros
- projeto de continuidade
- relatórios

D) Os membros da igreja priorizam:

- batismos
- bem-estar dos interessados
- desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos
- envolvimento dos membros
- projeto de continuidade
- relatórios

6. Classifique:

A) Estrutura do programa

- Péssimo Ruim Bom Muito Bom Excelente

B) Recursos utilizados

- Péssimo Ruim Bom Muito Bom Excelente

C) Resposta do público

- Péssimo Ruim Bom Muito Bom Excelente

D) Resposta da igreja

- Péssimo Ruim Bom Muito Bom Excelente

E) Realização do programa

- Péssimo Ruim Bom Muito Bom Excelente

F) Projeto de preparo anterior dos membros da igreja

- Péssimo Ruim Bom Muito Bom Excelente

G) Projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados

- Péssimo Ruim Bom Muito Bom Excelente

7. Como você percebe o evangelismo depois dessa experiência?

ANEXO E

RESPOSTAS DAS QUESTÕES SUBJETIVAS DO QUESTIONÁRIO

Anexo E1 - Respostas dos Estagiários da UCB

Segue respostas dos alunos que participaram da prática do Estágio de Evangelismo Público na UCB, referentes às questões dissertativas do questionário. São elas: Questões 1, 2, 3 e 7.

Os números da coluna à esquerda se referem aos códigos em que são denominados os alunos nesta pesquisa a fim de preservar seus nomes.

1. Quais eram suas expectativas com relação ao evangelismo antes de acontecer?

Respostas:

| | |
|----|--|
| 1 | Algo grande. |
| 2 | Muito boas. |
| 3 | Tinha um certo receio, medo de não me sair bem. |
| 4 | Que fosse a melhor parte do curso. |
| 5 | Ótimos, boas indicações, boa reputação. |
| 6 | Um enorme desafio. Um confronto com meus medos e inseguranças. |
| 7 | Alta experiência espiritual. |
| 8 | Estava motivado, ansioso e preocupado por ser uma experiência que eu não conhecia. |
| 9 | Que me permitisse ver o evangelismo como oportunidade para trabalhar as minhas próprias limitações. |
| 10 | Desenvolvimento pessoal, espiritual e acadêmico. |
| 11 | Já eram boas, pois conhecia o evangelista e sua equipe, mas esperava maiores resultados. |
| 12 | Crescimento espiritual. Envolvimento dos pastores e professores do UNASP. Conclusão dos estudos. |
| 13 | Boa e muita motivação. |
| 14 | Muito boas. |
| 15 | As melhores possíveis. Trabalhar bastante, levar o conhecimento de Jesus às pessoas. |
| 16 | |
| 17 | Medo da cobrança dos batismos. |
| 18 | Muito trabalho mesclado com aprendizado. |
| 19 | De crescimento. |
| 20 | Grandes. |
| 21 | Como fazer uma série de conferências. Aprender a fazer evangelismo dentro do distrito. |
| 22 | Ansiedade, pois não tinha trabalhado em um projeto puramente evangelístico. |
| 23 | Ter uma experiência que fosse edificante e me ajudasse na minha formação pastoral. |
| 24 | Era de ter uma experiência espiritual marcante. |
| 25 | Muito boas. Imaginava uma programação linda com muitas pessoas assistindo. |
| 26 | Grandes massas de interessados e muitas pessoas que aceitassem a Cristo. Aprender muito Com o evangelista. |
| 27 | As melhores possíveis. Muita animação. |

| | |
|----|--|
| 28 | Que seria um evangelismo grande, para milhares de pessoas, que seria dinâmico e que centenas de pessoas aceitassem a Cristo. |
| 29 | Um programa espiritual, com programas fortes e de repercussão marcante. |
| 30 | Ser bem sucedido, viver a experiência de levar pessoas a Cristo. |
| 31 | Positivíssimas. Queria confirmar se realmente tinha o dom do evangelismo. Pensava em algo grande e contagiante. |
| 32 | As melhores. |
| 33 | Que seria algo muito diferente com total envolvimento da igreja. |
| 34 | Nunhuma! Já havia participado de outras. |
| 35 | Adquirir experiência e desenvolver. |
| 36 | Boas. |

2. Destaque um ponto forte no programa.

Respostas:

| | |
|----|---|
| 1 | O envolvimento dos teologandos no programa. |
| 2 | Palestra dinâmica. |
| 3 | Conteúdo evangelístico (profético). |
| 4 | Conferência realizada na própria igreja. Desde o 1o dia não se escondeu a fé que professamos. |
| 5 | A organização. |
| 6 | O evangelista confiava totalmente em nós. |
| 7 | O ambiente espiritual que reaviva a igreja. |
| 8 | Organização da equipe. |
| 9 | O grande número de presentes nas reuniões. |
| 10 | A dedicação da equipe. |
| 11 | Testemunhos e experiências. |
| 12 | O envolvimento dos pastores jubilados. |
| 13 | O local e os meios visuais: "os recursos". |
| 14 | Mensagem do evangelista. |
| 15 | Apelo, conteúdo. |
| 16 | Apelo. |
| 17 | Prática. |
| 18 | A dedicação e vontade dos teologandos. |
| 19 | Visitação. |
| 20 | Contato pessoal com interessados. |
| 21 | Trabalho com o distrito. |
| 22 | Organização. |
| 23 | Organização. |
| 24 | O programa de recepção. |
| 25 | Recepção. |
| 26 | Recepção. |
| 27 | Recursos audiovisuais. |
| 28 | Alegria dos teologandos quando participavam, ou seja, poucas vezes. |
| 29 | A semana da colheita. |

| | |
|----|---|
| 30 | O grande apoio do presidente e administração, e do evangelista a nós teologandos. |
| 31 | Ter sido realizado na realidade de distrito. A semana da colheita. |
| 32 | A sua estrutura. |
| 33 | A comunicação com pessoas via TV. |
| 34 | A organização para tê-lo. |
| 35 | Suporte, organização. |
| 36 | A resposta dos membros e das pessoas interessadas. Muitos batismos. |

3. Destaque um ponto fraco no programa.

Respostas:

| | |
|----|--|
| 1 | A locomoção dos interessados para a igreja. Houve desorganização. |
| 2 | Os ônibus que precisavam vir os dois dias aqui não puderam vir por falta de dinheiro que haviam prometido e não deram. |
| 3 | Competitividade entre obreiros. |
| 4 | Poucos obreiros para visitar muitos interessados. |
| 5 | O local (falta de apoio local). |
| 6 | A igreja não estava preparada. |
| 7 | O pouco tempo para realizar um estágio completo. |
| 8 | A distância da família para os casados. |
| 9 | Deficiência na organização. |
| 10 | O relacionamento com o pastor da igreja local desgastou a equipe. |
| 11 | Envolvimento da liderança da igreja no programa. |
| 12 | Trabalho para conservar os conversos. |
| 13 | A falta de transporte para trazer os interessados para o UNASP. |
| 14 | |
| 15 | Distância (o campo de alcance da conferência de um extremo ao outro foi de +ou- 100 Km). |
| 16 | Nenhum. |
| 17 | Falta de apoio financeiro (associação). |
| 18 | A falta de organização e "profissionalismo" das conferências - o pastor não era adaptado ao Trabalho, por ser um distrital com pouco preparo para o evangelismo. |
| 19 | Assistência pastoral. |
| 20 | Estrutura do evangelismo. |
| 21 | Falta de atualização. |
| 22 | Pouco interesse pessoal dos membros em manter o trabalho. |
| 23 | Propaganda. |
| 24 | A data que começou. Poderia ser um mês antes. |
| 25 | Local não comportou a quantidade de pessoas. |
| 26 | Apresentação dos temas bíblicos. |
| 27 | Pouco envolvimento da igreja. |
| 28 | A didática do evangelista. Os seus métodos não foram os melhores. |
| 29 | As lições do seminário do Apocalipse. |
| 30 | A falta de preparo da igreja antes do evangelismo, que redundava em pouco acompanhamento depois do batismo. |

| | |
|----|--|
| 31 | Pregações muito extensas, fazendo o programa terminar muito tarde. |
| 32 | Nenhum. |
| 33 | Um relacionamento mais próximo com o evangelista. |
| 34 | Nenhum. |
| 35 | Acho que não teve. |
| 36 | A falta de envolvimento do pastor com os membros. |

7. Como você percebe o evangelismo depois dessa experiência?

Respostas:

| | |
|----|--|
| 1 | É muito importante, mas deve-se pensar em todos os detalhes para que tudo ocorra com Perfeição. Tive uma experiência muito boa em evangelismo. |
| 2 | Bom para o meu crescimento pessoal, pois percebo que muitas coisas no evangelismo público devem mudar, principalmente a ênfase em números e não na qualidade. E a falta de preparo antecipado da igreja é um ponto entoa de forma negativa. |
| 3 | Com certeza com melhores olhos. A experiência foi positiva; o contato com pessoas não adventistas e a oportunidade de abrir a Bíblia e estudar com elas fizeram muito bem pra mim, mesmo sem batizar muita gente, foi muito gratificante o crescimento pessoal, principalmente espiritual. |
| 4 | Superou minhas expectativas e na minha opinião é a melhor parte do curso de Teologia, pois coloca o aluno em contato com a ovelha. |
| 5 | Como algo muito importante para qualquer pessoa. Deve ser feito por pessoas que se apóiam em Deus somente. |
| 6 | O evangelismo é extremamente necessário, mas não poderia se concentrar em "campanhas", deveria estar diluído em tudo na igreja. Os membros não estão conscientizados dessa importância. Não levam a sério a continuidade... E ainda há um clima de cobrança por número de batismos em detrimento de qualidade dos estudos. |
| 7 | O evangelismo impulsiona a igreja a uma maior consagração (de todos), aumenta a espiritualidade, envolve as pessoas, diminui problemas internos e ajuda muito no cumprimento da missão. |
| 8 | Foi uma excelente experiência de aprendizado para o ministério. |
| 9 | Percebo que o evangelismo é essencial ao ministério. O pastor que não se envolve com o evangelismo cai no risco de perder o propósito do seu trabalho que é salvar almas e ensinar outros a fazê-lo. |
| 10 | Confesso que as únicas lembranças positivas em que me apego são: o batismo dos interessados e as amizades que desenvolvi com os irmãos da igreja local. |
| 11 | O evangelismo é fundamental para o pastor, e deve ser praticado tanto para trazer novos membros quanto para fortalecer os irmãos trabalhando. |
| 12 | Como uma obra de Deus. Visto que muitos pastores têm o dom de trazer, e outros de conservar, acredito que o evangelismo em conferências cumpriu o seu propósito. |
| 13 | É um pouco diferente do que imaginava. Só que pude aprender o que se deve fazer e o que não se deve. O evangelismo deve estar presente nas igrejas. Com o envolvimento dos membros. |
| 14 | O evangelismo é fundamental na vida do pastor e da igreja, deve acontecer a cada semestre em todos os distritos. |
| 15 | Minha experiência foi muito boa - fator de destaque: uma conferência grande dirigida pelo |

| | |
|----|---|
| | evangelista e uma conferência menor dirigida pelo aluno, duas experiências excelentes. |
| 16 | Um trabalho conduzido pelo Espírito Santo. O conhecimento acadêmico é importante, mas não transforma vidas. |
| 17 | Acredito ter sido chamado para este ministério. |
| 18 | Percebo que a qualidade de uma campanha evangelística depende do planejamento, da instrução, da verba, da localização da igreja/salão e da dedicação dos teologandos. Antes tinha uma idéia de que não importavam os fatores, tudo daria certo. Vejo que não é bem assim. Deus abençoa os estudos bíblicos, mas o trabalho precisa ser feito com ordem. |
| 19 | Não foi uma boa experiência. Ponto negativo. |
| 20 | Ele necessita de melhoria, principalmente por parte do pastor distrital. |
| 21 | O evangelismo é uma das prioridades do ministério, porém deve ser feito com organização, envolvimento da maioria dos membros e usando os recursos de atualização. |
| 22 | De maneira positiva, é uma das melhores maneiras de ganhar almas para Cristo, porém sempre podem haver correções. |
| 23 | Se houver um projeto de continuidade, é um ótimo meio evangelístico. |
| 24 | O evangelismo é um instrumento maravilhoso para o envolvimento da igreja e no agregamento de pessoas que deixaram Cristo em algum momento de sua vida, e principalmente de novos conversos para os braços de Jesus. |
| 25 | Uma poderosa ferramenta para ganhar pessoas para Cristo e também reavivar a igreja. |
| 26 | O evangelismo público deve ser bem planejado e não como se fez em _____. Eu tive uma má impressão do que é evangelismo. |
| 27 | Está em meu sangue. Plano e propósito de Deus para a Sua igreja. |
| 28 | É uma tremenda experiência, pois eu aprendi muito com os erros e com os acertos desta experiência que presenciei. Sinto-me mais útil à obra de Deus, e totalmente grato por Deus me dar essa experiência de poder levar pessoas à Cristo. |
| 29 | É um programa que pode dar certo, se feito de forma adequada com o envolvimento de todos. |
| 30 | |
| 31 | Maravilhoso. Mas precisa ser devidamente planejado. |
| 32 | Uma faceta necessária das atividades na igreja porque aviva os membros, os líderes e proporciona o crescimento da igreja. |
| 33 | Que é uma obra fundamental para o campo e o teologando. |
| 34 | A missão que Deus nos confiou. Envolve a igreja, os não adventistas, a missão de pregar o evangelho e o resultado de fazer novos conversos. |
| 35 | Agradável, é o melhor estágio do SALT. Resultado excelente para o meu crescimento espiritual. |
| 36 | Gostaria de trabalhar como evangelista. |

Anexo E2 - Respostas dos Estagiários da UCOB

Segue respostas dos alunos que participaram da prática do Estágio de Evangelismo Público na UCOB, referentes às questões dissertativas do questionário. São elas: Questões 1, 2, 3 e 7.

Os números da coluna à esquerda se referem aos códigos em que são denominados os alunos nesta pesquisa a fim de preservar seus nomes.

1. Quais eram suas expectativas com relação ao evangelismo antes de acontecer?

Respostas:

| | |
|----|--|
| 37 | Eram boas. Estava fazendo algo para Deus. |
| 38 | Aprender a gostar de evangelismo. |
| 39 | Boas. |
| 40 | Seria uma grande dificuldade. |
| 41 | Grandes. Bastante ansiedade. |
| 42 | Que seria duro mesmo, mas muito gratificante, pessoas batizadas. |
| 43 | Não era bom! |

2. Destaque um ponto forte no programa.

Respostas:

| | |
|----|---|
| 37 | As mensagens (sermonetes) |
| 38 | Pregações |
| 39 | O entusiasmo demonstrado por aqueles que participaram |
| 40 | A união do grupo |
| 41 | Carisma do evangelista |
| 42 | O louvor |
| 43 | A visitação |

3. Destaque um ponto fraco no programa.

Respostas:

| | |
|----|---|
| 37 | Membros da igreja não se envolveram tanto. |
| 38 | Músicas. |
| 39 | Os equipamentos às vezes nos deixavam na mão. |
| 40 | O evangelista deixou a desejar. |
| 41 | A ausência do evangelista em alguns dias. A acomodação. Ficamos na casa de um pastor. |
| 42 | Hora dos brindes. |
| 43 | O pastor _____ falava demais e cansava o público. |

7. Como você percebe o evangelismo depois dessa experiência?**Respostas:**

| | |
|-----------|---|
| 37 | Que é algo maravilhoso quando membros, pastores, e associação se empenham em realizar algo bem feito para honra e glória de Deus. |
| 38 | O evangelismo é uma expressão de amor. |
| 39 | Como algo necessário e de muita importância para o avanço da mensagem. |
| 40 | Estou preparado, em nome de Jesus para fazer este grande trabalho. |
| 41 | É uma experiência inigualável. |
| 42 | Excelente. Quero fazer muitas! |
| 43 | Foi uma coisa maravilhosa! |

Anexo E3 - Respostas dos Estagiários da USB

Segue respostas dos alunos que participaram da prática do Estágio de Evangelismo Público na USB, referentes às questões dissertativas do questionário. São elas: Questões 1, 2, 3 e 7.

Os números da coluna à esquerda se referem aos códigos em que são denominados os alunos nesta pesquisa a fim de preservar seus nomes.

1. Quais eram suas expectativas com relação ao evangelismo antes de acontecer?

Respostas:

| | |
|----|---|
| 44 | Esperava ter uma experiência marcante espiritualmente; um crescimento maior na prática pastoral. |
| 45 | Uma experiência que iria confirmar o chamado feito por Deus. |
| 46 | Melhor e maior aceitação das pessoas. |
| 47 | Esperava uma escola prática. Ter condições de realizar um evangelismo no futuro. Ter uma marcante experiência com Deus. |
| 48 | Muito trabalho, dedicação, alguns contra tempos e muita alegria ao ver pessoas se decidindo por Cristo. |
| 49 | Conseguir alcançar o alvo de batismo. |
| 50 | As melhores possíveis. |
| 51 | De encontrar uma seara pronta para colher, de viver parcialmente um momento do ministério e de salvar almas para o reino de Deus. |
| 52 | Aprender, evangelizar, tornar conhecido o meu trabalho. |
| 53 | Esperava batizar mais pessoas. |
| 54 | Que fosse bastante espiritual. |
| 55 | Grandes experiências espirituais, consagração e conhecimento prático. |
| 56 | Crescimento no conhecimento prático. |
| 57 | Insegurança quanto ao método de trabalho. |
| 58 | Imaginava ser fácil e mais simples, sem grandes custos. |
| 59 | Insegurança, expectativa. |
| 60 | Estava meio ansioso, pois nunca havia participado de uma conferência, mas também aguardava muito por esse momento. |
| 61 | Cheio de poder, um trabalho na linha de frente para Deus. |
| 62 | Estava muito ansioso, pois acreditei que era e é o ponto alto do curso de Teologia. |
| 63 | Que seriam o ponto alto de minha experiência no SALT. |
| 64 | As mais interessantes possíveis, pois iria realizar algo novo em minha vida. |
| 65 | |
| 66 | As melhores possíveis. Eu esperava um crescimento espiritual e uma grande experiência. |
| 67 | Aprender tudo possível sobre evangelismo e levar muitas pessoas à conversão. |

| | |
|----|---|
| 68 | Confirmação do chamado, alegria de levar o evangelho, satisfação ao ajudar as pessoas. |
| 69 | As melhores. |
| 70 | Realização de um bom trabalho. |
| 71 | De crescimento prático pastoral, de contribuição ao trabalho evangelístico e crescimento também espiritual. |
| 72 | Medo, ansiedade, achar que estava despreparado. |
| 73 | Muito bom. |
| 74 | Como seria o contato com os irmãos, a cobrança do evangelista, etc. |
| 75 | Que seria uma experiência muito abençoada e gratificante. |

2. Destaque um ponto forte no programa.

Respostas:

| | |
|----|---|
| 44 | Propaganda. |
| 45 | Planejamento bem feito. |
| 46 | Material: quantidade e qualidade. |
| 47 | Programa de manutenção dos interessados. |
| 48 | Organização muito boa. |
| 49 | Organização. |
| 50 | Interesse na salvação das pessoas. |
| 51 | A divulgação do evento. |
| 52 | Organização. |
| 53 | O planejamento. |
| 54 | Recursos audiovisuais. |
| 55 | Ajuda dos irmãos. |
| 56 | Palestras bem argumentativas. |
| 57 | Impacto na sociedade local. |
| 58 | A eloquência do evangelista. |
| 59 | Presenciar pessoas, com quem trabalhou, selando suas vidas com Jesus. |
| 60 | O modelo usado (tenda), foi algo que chamou bastante a atenção. |
| 61 | Envolvimento de todos, no programa (organização) igreja, obreiros, evangelista. |
| 62 | As experiências com as pessoas e a organização. |
| 63 | A "animação" do evangelista. Entusiasmo que se refletiu na programação. |
| 64 | A organização - início/ meio/ fim. |
| 65 | |
| 66 | Eu recebi o crescimento espiritual e experiência. |
| 67 | Muitos convites distribuídos. |
| 68 | Conteúdo evangelístico das mensagens. |
| 69 | Projetos. |
| 70 | Boa divulgação, lugar de realização, suporte. |
| 71 | Alta verba financeira e alojamentos. |
| 72 | As músicas e os vídeos. |
| 73 | Música e organização. |
| 74 | A participação dos membros auxiliando e enriquecendo a programação. |

| | |
|----|--|
| 75 | O trabalho em equipe e o envolvimento da igreja. |
|----|--|

3. Destaque um ponto fraco no programa.

Respostas:

| | |
|----|---|
| 44 | Conteúdo das mensagens. |
| 45 | Execução do planejamento em meu ponto de pregação - Igreja. |
| 46 | Programa de manutenção dos batizados. |
| 47 | Escolha do campo (bairro) do evangelismo. |
| 48 | Bairro de classe média. |
| 49 | Falta de planejamento do programa infantil. |
| 50 | Mudança do pregador no meio das conferências. |
| 51 | A dificuldade de unir as pessoas que estavam recebendo estudos bíblicos da igreja para a conferência. |
| 52 | Localização. |
| 53 | As prioridades (houve uma inversão). |
| 54 | Não houve. |
| 55 | Conservação das almas. |
| 56 | Troca do evangelista no meio da conferência. |
| 57 | Irrelevantes. |
| 58 | Palestras muito demoradas. |
| 59 | Promessas de brindes que não foram cumpridas. |
| 60 | Promessas não cumpridas. |
| 61 | A conservação que apesar de boa, não é a que para mim deveria ser, onde no evangelismo trabalharam obreiros na conservação apenas um. |
| 62 | Não teve. |
| 63 | Muitos "presentes" caros para os "alunos" da tenda. |
| 64 | A mudança do local evangelístico. |
| 65 | |
| 66 | Houve muitos atritos entre o Evangelista e os alunos, que desestimulavam o grupo. Não houve muita orientação. |
| 67 | Palestra sobre família antes da palestra sobre o cigarro. |
| 68 | Dificuldade na construção da igreja onde aconteceria a conferência. |
| 69 | Parte espiritual. |
| 70 | Tempo escasso, atraso no início do evangelismo (20 dias aproximadamente). |
| 71 | Liderança. |
| 72 | Ambiente para crianças. |
| 73 | O Evangelista. |
| 74 | De alguns membros não fazerem nada e só ficarem criticando. |
| 75 | Período muito curto. |

7. Como você percebe o evangelismo depois dessa experiência?

Respostas:

| | |
|----|---|
| 44 | Fundamental para o crescimento espiritual dos envolvidos e dos conquistados. Necessita maior preparação dos programas e continuidade. |
| 45 | Deus me confirmou o chamado mostrando-me que meu dom é ser pastor de Igreja e não pastor evangelista. O planejamento foi muito bem elaborado e executado na maioria dos pontos de pregação. A assistência aos teologandos foi excelente em todos os aspectos. A igreja a qual trabalhei prejudicou muito o resultado das conferências e a execução do plano de conservação dos batizados. |
| 46 | Algo difícil e que esperava mais tanto das pessoas, como dos resultados em números. |
| 47 | Um programa que não deve ser arquivado. Deve ser mantido e a este devem ser agregados novos métodos de evangelismo. Técnicas e programas paralelos. |
| 48 | Obra pela qual a palavra de Deus é apresentada e levada aos que ainda não O conhecem ou que não o aceitaram ainda. Portanto, foi muito bom de modo que se tivesse novamente teria o prazer e alegria em fazer. |
| 49 | Que é um programa indispensável dentro da igreja. É algo que fortalece espiritualmente tanto a igreja como o próprio pastor. |
| 50 | Meio eficaz de salvar pessoas para o reino de Deus. |
| 51 | Há um sentimento de realização pessoal e ao mesmo tempo uma vontade tremenda de logo estar trabalhando na causa do Senhor. Sem dúvida há um amor maior pelas almas e pelo evangelho de Cristo que restaura as pessoas. |
| 52 | Essencial para o crescimento da igreja, para o mantimento da doutrina e para o crescimento espiritual pessoal do pastor e dos membros. |
| 53 | Como uma obra com necessidade de reformas. |
| 54 | Como algo extraordinário. |
| 55 | Percebemos que as conferências é um bom estágio. Representa um marco para o teologando. |
| 56 | O mais importante de um evangelismo é o que ocorre antes e depois do mesmo. |
| 57 | Algo que bem feito proporciona resultados satisfatórios. |
| 58 | Incrível manifestação divina que deve ser usada dentro dos planos de Deus, com humildade de coração, pois Deus dará em sua misericórdia forte colheita. |
| 59 | Uma obra divina que tem sua importância e seu lugar, apesar de certas fragilidades que deve ser suprida com outras formas de evangelismo (não-público). |
| 60 | Pelo menos na conferência que realizamos, as pessoas recebiam o ensinamento de todas as nossas doutrinas, e os batismos não foram apenas um "banho" como alguns costumam dizer; porém percebi que é necessário um grande apoio pessoal, pois não são somente doutrinas que trazem pessoas para a igreja, mas também amizade, e alguns dos que não freqüentam mais a igreja saíram por esse motivo, não tinham mais aquele apoio, pois o número de batizados foi grande, porém apenas um obreiro ficou após o evangelismo e a igreja não sabia realizar esse trabalho. |
| 61 | O evangelismo é necessário, porém deve ser bem planejado e aplicado, como o que vimos em nosso estágio, onde uma igreja foi formada devido ao bom trabalho realizado pela associação, evangelista e obreiros teologandos. |
| 62 | Como uma forma importante e necessária para o desempenho de levar pessoas a Cristo. Vejo o evangelismo com saudades pois aprendi e cresci muito com essa experiência em minha vida. |
| 63 | Ainda vejo como uma obra muito especial de Deus, de resultado palpável, porém em diversas |

| | |
|----|---|
| | áreas me decepcionei e, se pudesse, faria diferentemente, mesmo percebendo que esse "ideal" não é o "ideal" da igreja em muitos locais. |
| 64 | 1) Com uma amplitude maior. Hoje eu sei o que devo fazer e o que não devo fazer. 2) Consigo amar mais as pessoas que não conhecem a Jesus. 3) Faria de forma correta e coerente evangelismo no meu ministério, porque ajudará a atingir pessoas que de outra forma não atingiria, devido a pré-conceito, assim usaria os temas saúde, família, etc. para trazê-los a Jesus. |
| 65 | |
| 66 | Eu acho um trabalho fantástico, quando feito de maneira correta. Tem que dar mais atenção aos interessados depois de entrarem na igreja (continuidade). |
| 67 | Deve ser algo muito bem planejado. Uma vez iniciado, deve haver harmonia entre os obreiros e O evangelista. |
| 68 | Como uma obra que deve ser feita pela igreja como um todo onde todos participem e ajudem na propagação do evangelho. |
| 69 | Graças a Deus a obra é Dele e não de um só homem... |
| 70 | O evangelismo é uma ferramenta de Deus para levar o evangelho com poder ao mundo. Mas necessita de preparação, envolvimento da igreja, e principalmente de acompanhamento pós-batismo. |
| 71 | O evangelismo é o coração do objetivo e missão da igreja. Felizmente Deus nos deu oportunidade para observar os erros e dificuldades e aprender a realizar um trabalho eficaz na obra evangelística. |
| 72 | Como muito bom! Uma grande escola prática, que o deixa envolvido com a Bíblia e o trabalho do pastor. Ele é muito importante pois fortalece biblicamente a igreja pois é rever tudo que um dia estudaram. Todo pastor deve realizar! |
| 73 | Bom. Aprendemos bastante. |
| 74 | Para mim foi algo muito bom. Ao término do trabalho saí mais que realizado. Foi um trabalho muito cansativo, mas com o resultado de 47 almas para Jesus foi algo que realmente me fez querer mais ainda ser um pastor e trabalhar para o Senhor. |
| 75 | Que é uma experiência extremamente gratificante, mas que deveria ser acompanhada de um projeto de continuidade mais eficaz. |

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2005

ESPÍRITOS EM PRISÃO: UMA PESQUISA SOBRE 1 PEDRO 3:19

ALEX ROBSON DA SILVA E ALEXANDRE CATALANO

Bacharéis em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP

TCC apresentado em novembro de 2005

Orientador: Wilson Paroschi, Ph.D.

alexrobsonteol@yahoo.com.br / acatalano@itelefonica.com.br

RESUMO: O texto de I Pedro 3:19 tem sido interpretado de diferentes formas. Algumas dessas interpretações afirmam que os “espíritos em prisão” são as almas dos antediluvianos presos no *hades*. Uma segunda corrente afirma que esses “espíritos” são anjos caídos presos ao pecado ou em algum lugar. Por fim, uma terceira interpretação entende os “espíritos em prisão” como sendo pessoas vivas que estavam aprisionadas ao pecado nos dias de Noé. Esse estudo propõe que esses “espíritos em prisão” eram os antediluvianos, e que Cristo pregou a eles mediante o ministério de Noé. Não eram seres humanos que estavam presos no *hades*, nem tão pouco, anjos caídos, mas pessoas vivas presas ao pecado e capazes de aceitar a salvação em sua época.

PALAVRAS-CHAVE: *hades*, espíritos em prisão, antediluvianos, anjos caídos, Pedro.

SPIRITS IN PRISON: A RESEARCH ON 1 PETER 3:19

ABSTRACT: The text of 1 Peter 3:19 has been interpreted in many ways. Some affirm that these “spirits in prison” are the souls of the antediluvian people that are in prison in the *hades*. Other see them as a reference to the fallen angels in prison to sin, or to some specific place. Finally, a third view proposes that the words “spirits in prison” are a reference to sinful people that were alive in the days of Noah. This study corroborates the third view, seeing the “spirits in prison” in 1 Peter as a reference to the antediluvian people, to whom Christ preached through the ministry of Noah. It is not a reference to dead soul locked in *hades*, neither to fallen angels, but to people who were alive but, because of their enslavement to sin, were unable to accept salvation in their time.

KEYWORDS: *hades*, spirits in prison, antediluvian, fallen angels, Peter.

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Curso de Teologia

ESPÍRITOS EM PRISÃO: UMA PESQUISA SOBRE I PEDRO 3:19

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como requisito parcial
à Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

por

Alex Robson da. Silva

Alexandre Catalano

Novembro de 2005

ESPÍRITOS EM PRISÃO: UMA PESQUISA SOBRE I PEDRO 3:19

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado em Cumprimento Parcial
dos Requisitos para o Título de
Bacharel em Teologia

Por

Alex Robson da Silva

Alexandre Catalano

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
Wilson Paroschi, Ph.D.
Professor de Novo Testamento

Avaliação

Rubens Aguilar, Ph.D.
Professor de Teologia Histórica

Data da Aprovação

Amin A. Rodor, Th.D.
Diretor do Curso de Teologia

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| Capítulo | |
| I. REVISÃO DE LITERATURA | 2 |
| Almas de Pessoas no Hades | 2 |
| Anjos Caídos | 3 |
| Pessoas Aprisionadas ao Pecado | 4 |
| Resumo e Conclusão Parcial | 5 |
| II PERÍCOPE E TRADUÇÃO | 7 |
| Delimitação da Perícope | 7 |
| Variantes Textuais e Tradução | 8 |
| III. CONTEXTO HISTÓRICO DO LIVRO | 9 |
| Contexto Histórico Geral | 9 |
| Contexto Específico | 10 |
| IV. ANÁLISE DO TEXTO | 11 |
| Análise Contextual | 11 |
| Análise Léxico-Sintática de Pneuma e Fulakē | 13 |
| O Significado de Pneuma em Relação a Fulakē | 15 |
| Conclusão Parcial | 21 |
| CONCLUSÃO | 22 |
| BIBLIOGRAFIA | 23 |

INTRODUÇÃO

O texto de I Pe 3:19 tem sido interpretado de diferentes formas. Algumas dessas interpretações afirmam que os “espíritos em prisão” são as almas dos antediluvianos presos no hades. Uma Segunda interpretação afirma que esses “espíritos” são anjos caídos presos ao pecado ou em algum lugar. Por fim, uma terceira interpretação entende os “espíritos em prisão” como sendo pessoas vivas que estavam aprisionadas ao pecado nos dias de Noé.

O objetivo deste trabalho é analisar detalhadamente o texto em questão a fim de determinar o que realmente Pedro quer dizer. Para isso, a pesquisa será dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo consiste numa revisão de literatura, em que as principais interpretações acima mencionadas, e seus respectivos defensores, serão apresentadas em detalhes. O capítulo seguinte visa a determinar os limites da perícopé, isto é, o contexto literário imediato da passagem, e eventuais problemas de tradução que possam afetar a compreensão do texto. A seguir, o capítulo três discorre sobre o contexto histórico do livro, tanto o contexto histórico geral quanto o contexto específico, ou seja, a situação específica em que tanto o autor quanto os seus leitores se encontravam no momento em que a epístola foi escrita. Por fim, no último capítulo, é oferecida uma análise minuciosa da passagem, seu contexto, problemas léxico-sintáticos, o tema, e implicações teológicas. Uma breve conclusão apresentando os pontos básicos do estudo é apresentada a seguir.

CAPÍTULO I

REVISÃO DE LITERATURA

Este primeiro capítulo consiste numa revisão de literatura. O propósito é apresentar as várias interpretações dos “espíritos em prisão” mencionados em I Pe 3:19.

Almas de Pessoas no Hades

Alguns autores dizem que a expressão “espíritos em prisão” em I Pe 3:19 significa as almas de pessoas presas no hades. Cristo pregou a eles quando visitou o inferno no intervalo entre Sua morte e ressurreição, pregando aos desobedientes dos dias de Noé (verso 20). Esses autores rejeitam a teoria daqueles que crêem ser esses espíritos em prisão anjos caídos, idéia retratada no livro de I Enoque (apócrifo). A alegação é que a melhor tradução de *pneuma* em português seria “espírito”, e não seres angelicais. Espírito aqui, portanto, deve se referir aos seres humanos que foram desobedientes nos dias de Noé e estavam mortos. De acordo com I Pe 4:6, esses também precisavam ouvir de Jesus o evangelho. Assim o pecador de todas as eras tem uma nova chance de ouvir as boas novas.

Tradicionalmente, baseada em I Pe 4:6, a Igreja Oriental Ortodoxa tem orientado que essa pregação ofereceu vida e liberdade do hades aos desobedientes mortos para viverem com Cristo no céu. Segundo Champlin, a revelação de Pedro é progressiva e vai além do Novo Testamento, trazendo cada vez mais nova luz ao que já foi revelado, não se detendo nas velhas concepções (o Antigo Testamento) do juízo. Trata-se de um novo

mistério. Ef 4:8-11 parece confirmar essa idéia, ao dizer que Cristo subiu às alturas e levou os cativos, que seriam os “espíritos em prisão”, pois já havia descido até às regiões inferiores da terra para conceder dons aos homens. Fazendo uma ligação deste texto com Ef 1:9 e 10, que fala sobre o mistério da vontade de Deus, pode-se notar uma harmonia e nova revelação acerca de uma dimensão nunca suspeitada da missão de Cristo no processo de salvação universal, preenchendo Ele toda a Sua plenitude.

Os que assim pensam se baseiam em escritores de várias épocas, até mesmo Clemente de Alexandria, que dizia que os apóstolos dão continuidade aos labores de Jesus naquelas regiões espirituais; Cristo abriu o Hades como campo missionário. Em I Pe 3 é evidenciado o sofrimento de Jesus. Portanto, não é preciso mais o pecador sofrer, mesmo os desobedientes dos dias de Noé¹.

Anjos Caídos

Os autores que defendem a idéia de ter Cristo pregado a anjos caídos em Sua ressurreição afirmam que Ele fez uma pregação em forma de proclamação quando ressuscitou. Eles afirmam que no verso 19 *pneuma* (espírito) é o mesmo que anjos caídos com possível adição da decadência dos anjos que tiveram filhos com as filhas dos homens. Jesus em Sua ressurreição teria ido à um lugar não-mencionado de anjos confinados, possivelmente nas regiões celestes. Não se pode precisar esse lugar, pois não aparece no texto nenhuma evidência conclusiva indicando que a prisão se refira ao inferno. A vitória

¹Russel Norman Champlin e João Marques Bentes, “Espíritos na Prisão (I Pedro)”, *Enciclopédia de bíblia teologia e filosofia* (São Paulo: Candeia, 1991), 2:517-518. Veja também Tomas de Aquino, *Sumas Teológicas* (São Paulo: Imprimeria Monsenhor Enesto de Paula, 1934), Vol. XXIV; 227-265.

da proclamação não relata o lugar, e I Pe 3:22 fala que Cristo foi para o céu.

O verbo grego *kerysso*, que quer dizer “proclamar” ou “pregar”, apresenta a Cristo como Aquele que proclamou Sua vitória aos anjos caídos; não proclamou aos espíritos humanos e nem foi à nenhum inferno. A importância deste verso está na proclamação da vitória de Jesus sobre os anjos caídos. Cristo não anuncia o evangelho no hades em I Pe 3:19, e nem prega salvação aos anjos caídos. Ele os vence na morte e ressurreição e agora proclama Sua vitória. II Pe 2:4 fala de onde Deus encerrou os anjos para o juízo, e é justamente esse juízo que Jesus proclama em I Pe 3:19, a vitória final sobre os anjos caídos (conforme é relatado no apócrifo de I Enoque)¹.

Pessoas Aprisionadas ao Pecado

Esta passagem de I Pe 3:19 também tem sido interpretada com referência a pessoas presas ao pecado. Existem três variações dessa interpretação básica.

A primeira explicação diz que Cristo foi vivificado “pelo Espírito” (final do verso 18) e é através deste Espírito que Cristo pregou aos “espíritos em prisão”, os antediluvianos (verso 19). Portanto, Cristo teria pregado mediante o Espírito Santo, por meio do ministério de Noé.

A segunda explicação, diz que Jesus foi vivificado “no espírito” ao invés de ser

¹Frank E. Gaebelien, “I Pedro”, *The Expositors Bible Commentary*, ed. Edwin A. Blum (Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1981), 12:242-243. Veja também “The spirits in prison”, [I Pet. 3:19], *The International Bible Commentary*, ed. F. F. Bruce (Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1986), 1558-1559; David A. Hulbard, “I Pedro”, *Word Biblical Commentary*, ed. J Ramsey Michaels (Waco, Texas: Word Books Publisher, 1988), 49: 205-211; Walter A. Elwell, “Espíritos em prisão (I Pedro)”, *Enciclopédia histórica teológica da igreja cristã*, Trad. Gordon Chown, ed. E. F. Harrison (São Paulo: Vida Nova, 1984), 2:72-75; David d. S. Dockery, ed., *Manual bíblico* (São Paulo: Vida Nova, 2001), 168-169.

pelo Espírito (final do verso 18), o que seria uma referência a Cristo em Sua preexistência espiritual, ou seja, a glorificação de Seu corpo reassumida na ressurreição. A idéia seria análoga à expressão “Deus é Espírito” de Jo 4:24. O Significado, portanto, é que também “no espírito” o próprio Jesus pregou aos “espíritos em prisão” (verso 19), aos antediluvianos, através do ministério de Noé.

A terceira explicação não é muito diferente da anterior. O que diverge é que além de Cristo pregar por meio de Noé aos “espíritos em prisão” “que outrora foram desobedientes”, Ele proclamou também “no espírito” (Sua natureza glorificada, verso 18), a salvação imediata através de Sua morte e ressurreição àqueles que foram salvos do dilúvio (verso 20); salvou-os da água, mas também do juízo vindouro (versos 18 e 20), e assim, salva através do batismo das águas a todos que O aceitarem¹.

Resumo e Conclusão Parcial

Essa rápida revisão de literatura nos permite entender mais facilmente os pensamentos que se têm construído em torno desta difícil passagem. As interpretações baseiam-se em opiniões já previamente formadas sobre a natureza do homem. Exemplo: a mortalidade da alma, defendida por aqueles que crêem ser os “espíritos em prisão” pessoas vivas que estavam aprisionadas ao pecado (os antediluvianos); “imortalidade da alma”, defendida por aqueles que crêem que esses espíritos são as almas de pessoas presas no

¹“Spirits in Prison”[I Pet. 19:3], *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, ed.F. D. Nichol (Hagerston, MD: Review and Herald Publishing Association, 1980), 7:574-576. Veja também: Clifton J. Allen, “I Pedro”, *Comentário Bíblico Broadman*, ed. Ray Summers, 3ª ed. (Rio de Janeiro: JUERP, 1990), 12:190-195; George E. Rice, *Una Esperanza Viva*, Trad. Gastón Clouzet (Buenos Aires: Asociacion Casa Editora Sudamericana, 1992), 92-94; W. Wilbert Welch, *A primeira epistola de Pedro*, Trad. Yolanda M. Krievin (São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1978), 68.

hades; e existe um terceiro pensamento segundo o qual os espíritos são os anjos caídos, que depois da morte e ressurreição de Cristo ouviram Sua proclamação de vitória sobre eles.

CAPÍTULO II

PERÍCOPE E TRADUÇÃO

Antes que o texto seja analisado, é importante que definamos o seu contexto literário imediato, ou seja, os limites de perícopes, e aspectos envolvendo a tradução do texto.

Delimitação da Perícopes

O estudo de I Pe 3:19 sugere que a perícopes poderia ser de 3:13 até 4:6, tratando do assunto do “sofrimento sob a promessa da vindicação”. Nesta perícopes observa-se uma mudança de tema ou assunto em relação à perícopes anterior (2:13-3:12), que trata das “normas para com os que vivem no mundo”. Nota-se que a partir 3:13 começa um novo assunto, o sofrimento dos cristãos por fazerem o bem, que se estende até o verso 17. Percebe-se também, que o assunto continua, uma vez que no início do verso 18 aparece a conjunção explicativa “pois” ou “porque” (*kreiton*), ligando o que fora dito antes com a nova ênfase no sofrimento de Cristo. Entende-se, então, que o cristão sofre por fazer o bem (3:13-3:17); e depois o autor faz uma alusão ao dilúvio falando da recompensa de Noé (3:19-20). Fala também da recompensa dos cristãos através do batismo (a nova vida), e da exaltação de Cristo como exemplo e certeza de que irão vencer também (3:18-22). À luz do verso 22, pode parecer que o assunto acaba ao falar de Cristo ir ao céu e estar a destra de Deus, mas ele continua no verso 1 do capítulo 4. Isto pode ser demonstrado pelo uso da conjunção conclusiva “portanto” (*oun*) em 4:1, o que indica que o que segue (4:1-6)

conclui o assunto anterior (3:13-22). A passagem de 4:1-6 é, portanto, uma subdivisão da perícopes; sua ênfase está no “viver sob a promessa da vindicação”. Já em 4:7, o autor muda de assunto, e passa a falar dos “deveres do amor mútuo dos crentes”¹.

Variantes Textuais e Tradução

Embora o aparato crítico apresente algumas variantes textuais em 3:13-4:6, nenhuma delas afeta a compreensão ou a interpretação do texto. Quanto à tradução, as diferenças entre as várias versões também não são significativas. A maior variação está em relação ao final do verso 18, que a Almeida Contemporânea traduz como “vivificado pelo Espírito”, e não como “vivificado no espírito”, como o faz a Almeida Revista e Atualizada. Como será visto mais à frente (capítulo IV), a tradução da Revista e Atualizada deve ser a preferida.

¹O autor J. Ramsey Michaels concorda com esta mesma delimitação da perícopes iniciando em 3:13 e terminando em 4:6 (Spirit, Word Biblical Commentary, ed. David A. Hubbard [Waco, Tx: Word Books Publisher, 1988], 49: 205-211). Há outros que não concordam e delimitaram a perícopes de forma diferente: Clifton J. Allen que delimita de 3:13 até 4:11 (“I Pedro”, *Comentário Bíblico Broadman*, ed. Ray Summers, 3ª ed. [Rio de Janeiro: JUERP, 1990], 12:190-195); F.F. Bruce, 3:13-4:19 (“The spirits in prison”, [I Pet. 3:19], *The International Bible Commentary*, ed. F. F. Bruce [Grand Rapids, Mi: Zondervan, 1986], 1558-1559); Edwin A. Blum, 3:18-22 (“I Pedro”, *The Expositors Bible Commentary*, ed. Frank E. Gaebelein [Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1981], 12:242-243); e o Comentário Bíblico Adventista, 3:14-22 (“Spirits in Prison” [I Pet. 19:3], *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, ed. F. D. Nichol [Hagerston, MD: Review and Herald Publishing Association, 1980], 7:574-576). Discordamos deles por motivos citados anteriormente na delimitação da perícopes.

CAPÍTULO III

CONTEXTO HISTÓRICO DO LIVRO

Antes de entrarmos na interpretação do texto propriamente dita, seria bom conhecermos um pouco mais acerca do autor de I Pedro e sua situação histórica.

Contexto Histórico Geral

Embora haja quem discorde, existe um consenso geral de que esta epístola foi de fato escrita pelo apóstolo Pedro (I Pe 1:1-12), provavelmente na década de 60 dC por ocasião do reinado de Nero, pouco antes da perseguição oficial desse imperador aos cristãos (64 dC). Essa informação está baseada em Papias que, no início do II século, usou passagens de I Pedro (segundo o bispo Eusébio)¹. Portanto, o livro teria sido escrito por volta de 63-66 dC.², em Roma que, em I Pe 5:13, é chamada de Babilônia, como um símbolo novo e oculto para a capital do império (idéia encontrada na literatura cristã e judaica dos séculos I e II; e no *Oráculo Sibilino* V, 159)³. A epístola, conforme a declaração especificada do autor, foi enviada aos forasteiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia (1:1). Com base em 4:3, parece que os leitores originais eram

¹Broadus Davd Hale, *Introdução ao estudo do novo testamento*, Trad. Cláudio Vital (São Paulo: Hagnos, 2002), 380.

²Russel Norman Champlin, *O novo Testamento Interpretado* (São Paulo: Hagnos, 2002), 6:88.

³Hale, 380.

gentios, pelo menos na sua maioria, e há indicações no texto de que os leitores pertenciam a uma classe social mais baixa (2:1-10,13 –17). Havia nessas regiões perseguições, em pequena escala, aos cristãos por não cultuarem o imperador e os patronos da cidade¹, e Pedro sabia que o pior estava ainda por vir. Isso foi evidenciado mais tarde, quando o imperador Nero, em julho de 64 dC, incendiou Roma com a intenção de construir uma nova cidade, e colocou a culpa nos cristãos. Os apóstolos Paulo e Pedro estavam lá e morreram nessa época.

Contexto Específico

A passagem trata do sofrimento cristão, e reflete a parte final da vida do autor e de seu ministério. Ao perceber a pressão social e a perseguição que os cristãos estavam experimentando nas terras gentílicas, Pedro os exorta a sofrer na prática do bem (3:13-4:6; 4:12-19), resistindo até o fim. Pedro também pede à eles que cumpram suas obrigações para com os não-crentes (2:13-312; 4:7-11; 5:1-11) mesmo sob injúrias (2:12; 3;16). Os gentios daquelas regiões também viviam em bebedices, glotonaria, adultérios e outros pecados. Pedro porém faz uma exortação para que os crentes se lembrassem o que haviam sido e não cedessem à tentação de voltar novamente àquela velha vida (4:1-6).

¹Enio R. Mueller, *I Pedro; Introdução e comentário*, Série Cultura Bíblica (São Paulo: Mundo Cristão, 1988), 38-39.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DO TEXTO

Neste capítulo, faremos uma exegese completa do texto, isto é, uma análise contextual, léxico-sintática, temática e teológica da perícopes (I Pe 3:13-4:6).

Análise Contextual

Os versos 13-17 exortam os cristãos da Ásia Menor à serem fiéis a Deus e “pacientes na prática do bem”, em face dos sofrimentos porque passavam. São exortados a praticar o bem como é feito em todo o livro. Naquele momento histórico, eles estavam sendo perseguidos pelos concidadãos. Entretanto, Nero estava por desencadear uma forte perseguição contra os cristãos, e Pedro, em Roma, estava ciente disso. Nesse período os cristãos eram obrigados definir sua posição em relação ao governador romano, pois eram confundidos como uma seita judaica. É válido ressaltar que os judeus eram odiados por todo o império devido às tentativas de rebelião que provocavam contra Roma. Qualquer que dizia cultuar o nome de Cristo era também identificado como de uma seita ligada aos judeus. Por essa razão, Pedro sabia dos sofrimentos que passavam e até o que poderia vir. Os versos 13-17 deixam claro essa questão do sofrimento.

O verso 18 contém a expressão “O Justo pelos injustos”. Pedro estava enfatizando que Cristo havia sofrido e morrido, garantindo a salvação a esses cristãos que outrora foram injustos, sendo um consolo e esperança para todos. Cristo morreu para que

eles fossem “conduzidos a Deus”. Ele “morreu na carne, mas foi vivificado no espírito”, ou seja, ressuscitou. Algumas versões, porém, dizem “vivificado pelo espírito”, que seria uma referência ao Espírito Santo. Segundo Enio R. Muller, “espírito” seria um dativo de referência¹. Sendo assim, a expressão não estaria indicando uma oposição entre o corpo e o espírito (alma) de Jesus. Trata-se apenas de duas esferas da existência de Cristo, “na carne”, referindo-se à Sua vida durante a encarnação, e “no espírito”, referindo-se à Sua natureza antes da encarnação, que Ele também reassume após a encarnação². Muitos crêm que Jesus passa a ter um corpo espiritual quando se diz “vivificado no espírito”. Essa natureza seria um corpo desencarnado como alma ou algo fantasmagórico. Porém, Cristo foi glorificado de acordo com o próprio relato de Lc 24:36-46, que narra o aparecimento de Jesus aos discípulos. Jesus pede para que eles apalpem Suas mãos e pés, dizendo “que tem carne e ossos” (Lc 24:50), e Ele até come com eles. Foi com esse corpo que Jesus ascendeu aos céus.

No verso 19, a expressão “no qual”, admite duas interpretações: pode ser uma continuação do final apenas do verso anterior, se entendermos “vivificados pelo Espírito” em lugar de “vivificados no espírito”. Seria então o Espírito Santo que vivificou a Cristo e pregou aos espíritos em prisão. A outra interpretação é que “no qual” seria uma continuação de todo o verso anterior e não somente do final (verso 18), se entendermos “vivificado no espírito” como-se referindo à natureza antes da encarnação. Dessa maneira,

¹Enio R. Muller, *I Pedro, Introdução e comentário*, Série Cultura Bíblica (Ed. Vida Nova: São Paulo, 1996), 213.

²Spirits in Prison”[I Pet. 19:3], *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, ed.F. D. Nichol (Hageston, MD: Review and Herald Publishing Association, 1980), 7:574-576.

a idéia é que Cristo em Sua preexistência (natureza glorificada), “foi e pregou aos espíritos em prisão”.

Há autores que adotam a seguinte interpretação: Cristo foi vivificado no espírito, desceu ao hades e pregou aos espíritos em prisão logo após a ressurreição. Há uma outra variação dessa idéia: essa pregação ocorreu no interlúdio entre a Sua morte e ressurreição. A expressão “foi”, em grego, é *poreutheis*. Em essência, seria o ato de ir, sem indicar o lugar ou a direção. Não está presente no texto grego a idéia de que Cristo “desceu ao inferno”. O termo “pregou” é *ekeryksen*, o qual vem de *kerigma*, uma palavra comum para se referir à pregação das boas-novas do evangelho, que teria sido destinada aos espíritos em prisão. A pergunta é: Quem realmente são eles?

Para sabermos quem são os tais espíritos, temos que fazer uma análise léxico-sintática das palavras espírito (*pneuma*) e prisão (*fulakē*).

Análise Léxico-Sintática de *Pneuma* e *Fulakē*

“Espírito” vem do grego *pneuma* (espírito, vento). A raiz “*pneu-*” denota o movimento dinâmico do ar. Seus derivados têm os seguintes significados: *pneo*, “soprar” (do vento e do ar em geral); “respirar” (também no sentido de ter vida); “fôlego de vida” ou “ar”. O sufixo *-ma*, que complementa a raiz, denota o resultado de colocar o ar em movimento. Portanto *pneuma* é usado para identificar o “fôlego de vida” do homem, por assim dizer, um “vento em movimento” (Mc 2:8; 8:13; 14:38; Lc 1:17; Jo 11:33; 13:21; At 8:16; 17:16; 19:21; 20:22; Rm 1:9; I Cl 4:21; 7:34; 14:14-15; 16:18; II Co 2:13; 4:13; 7:13;

12:18; Gl 6:1; Fl 1:27; Cl 2:5; Ap 1:10)¹. No NT aparece *pneuma* em todos os seus sentidos, com suas varias flexões, mais de 386 vezes². Estes textos citados estão em paralelo com *pneumasin* de I Pe 3:19, pois se refere ao homem como um todo, não fazendo uma dicotomia ou tricotomia; seguindo o pensamento hebraico e não o do grego clássico. No hebraico do AT *rûah* pode significar “vento”, sendo a “respiração”, ou seja, o ar em movimento, a expressão externa de força vital inerente em todo o comportamento humano. Ou seja, um espírito pode ser também um sinônimo de plano ou situação (Is 19:3); comportamento para com outros homens (Pv 16:9), sendo estado mental e emocional. O termo *rûah* aparece relacionado com o “fôlego de vida” em varias partes do AT (Jo 14:10; 32:8; Sl 31:5; 146:4; Ec 3:19-21; 12:7 etc). Também aparece como “mente do homem”, “estado emocional”, “consciência moral” e “êxtase mental” como levado em espírito a ter visão (Sl 78:8; Is 26:9; 29:10; 57:15-16; Ez 13:3; 18:31; 21:27; Dn 5:12). *Rûah* ocorre 377 vezes no AT; é usado também como anjos (Zc 1:9; Sl 10:4; I Rs 19;11;22:2); com maior freqüência é traduzida por “espírito”, “vento” ou “fôlego”³. São estas passagens citadas acima, paralelas a *pneumasin* de I Pe 3:19.

Fulakē no NT significa: “guardar”, “vigiar”, “lugar de guarda” ou “prisão de circunstâncias”. Não significa lugar somente, mas tempo também. Os romanos tinham a prática de dividir a noite em três períodos de tempo, até às 6 horas da manhã. Nesses

¹Lothar Coenen Colin Brow, “Espírito”, *Dicionário Internacional de Teologia do Nova Testamento*, Trad. Gordon Chow, 2ª ed. (São Paulo: Vida Nova, 2002), 1:713.

²Ibid., 219-221.

³Colin Brow, “Espírito”, 1:714-718.

períodos de tempo, cada vigia deveria ficar vigiando uma prisão, o que os colocava em uma prisão circunstancial¹. Da mesma forma, Satanás ficará neste mundo, durante mil anos, preso por uma cadeia de circunstâncias. Ele só será solto desta prisão depois do milênio” (Ap 20:7). Também pode ser a prisão do pecado, como os cativos (sinônimo de prisão) que Jesus veio pôr em liberdade em Lc 4:18.

O Significado de *Pneuma* em Relação a *Fulakē* em I Pe 3:19

Alguns acham que estes “espíritos (*pneumasin*) em “prisão” (*fulakē*) são os antediluvianos mortos no hades, no inferno. Outros acham que eram anjos maus. Mas, Pedro se refere a eles como pessoas vivas, usando duas figuras de linguagem: uma sinédoque ao se referir a “espíritos”. O autor se refere ao homem no seu todo (corpo e espírito) usando apenas a palavra “espírito”. Não há porque entender “espírito” como uma entidade destituída de um corpo, ficando claro que o termo espírito é o próprio homem. (ver I Co 16:18; Gl 6:18; Hb 12:22 e 23; Nm 27:15-16), pessoas vivas capazes de aceitarem a salvação. A outra figura seria uma metáfora pois o autor se refere à “prisão” como sendo uma palavra com o significado de outra, em vista de uma relação de semelhanças entre o que elas representam. O termo “prisão” deveria ser entendido como uma cadeia de circunstâncias onde o homem estaria preso, como o pecado, e não um lugar literal. A prisão em que estes “espíritos” se encontram é a prisão do pecado, em que se encontra a natureza não regenerada (ver Sl 147:7; Pv 5:22; Is 42:6-7; 61:1; Lc 4:18; Rm 6:1-23; 7:7-25).

O verso 20 diz: “os quais noutra tempo foram desobedientes, quando a

¹Colin Brow, “Guardar”, 1:929.

longanimidade de Deus os aguardava nos dias de Noé”. A expressão “noutro tempo” indica a época em que estes espíritos viveram; o texto diz que foram desobedientes nos dias de Noé. O texto também diz: “quando a longanimidade [paciência] de Deus os aguardava”. Foram cento e vinte anos oferecidos por Deus ao povo, através da pregação de Noé. Enquanto isso, “a arca era preparada” e somente oito pessoas se salvaram através das águas. As águas foram instrumentos de juízo e salvação para todos eles. Como o tema é vindicação, Pedro mostra aos cristãos da Ásia Menor que Jesus foi o exemplo daquele que é vindicado. “O justo morre pelos injustos” dando oportunidade de salvação a todos. Oportunidade foi dada aos antediluvianos, mas foi somente Noé e a sua família que aceitaram e foram salvos.

De acordo com as Escrituras, a oportunidade destes antediluvianos já havia se passado, pois não há uma segunda chance. “Aos homens está ordenado morrer uma só vez, vindo depois disso o juízo” (Hb 9:27; ver também Is 38:18-19 ; IICo 6:1-2 ; Hb 3:7-8; 6:4-6; Rm 2:6). Com base na relação da palavra espírito (*pneuma*) com a palavra prisão (*fulakē*), foi observado que a pregação se deu no passado, aos homens que tinham fôlego de vida e estavam presos ao pecado. Se tiveram fôlego nas narinas, também tiveram carne e ossos. O próprio texto de Gn 7:22 diz que “tudo o que havia em terra seca morreu, todos os que tinham fôlego em suas narinas”. Portanto, I Pe 3:19-20 faz uma alusão ao dilúvio. Negar essa idéia é ignorar o fato de que Noé foi um “pregador de justiça” para a sua geração (II Pe 2:5), e que essa geração rejeitou deliberadamente a mensagem de Deus enviada por intermédio de Seu mensageiro¹. Por essa razão, foram chamados por Pedro de

¹Pedro Apolinário, *Textos difíceis do Novo Testamento*, compilação feita pelo SALT (São Paulo: IAE, 1969), 216

desobedientes. No fim do verso 20, lemos que somente oito pessoas foram salvas através das águas (Noé e família). Salvas por aceitarem a mensagem de salvação oferecida por Cristo. Mensagem que foi aceita por Noé, e que ele pregou àquela geração (II Pe 2:5). Portanto Jesus pregou indiretamente, por intermédio de Noé.

As águas que literalmente salvaram Noé e família poderiam simbolicamente salvar os cristãos da Ásia através do batismo. Essa idéia é comprovada no verso 21 que diz: “como verdadeira figura, agora vos salva o batismo”. Assim como o exemplo da morte e ressurreição de Cristo (em paralelo com o verso 18) todos morreram para o pecado e ressuscitaram com Ele (através da cerimônia do batismo). Todos sepultaram (de maneira figurada) seus pecados nas águas para ficarem limpos para que um dia não sejam sepultados ou destruídos com o pecado, como os espíritos em prisão (os antediluvianos presos no pecado). Estes cristãos foram “salvos no batismo, não ‘das imundícias da carne’ (verso 21), significando um simples banho, ou os banhos cerimoniais judaicos, ou até mesmo o batismo cristão como um “ritual”, mas o autor fala de uma limpeza interna da mente, dizendo: “mas da indagação de uma boa consciência para com Deus pela ressurreição de Cristo” (final do verso 21)¹.

No verso 22, Pedro fala de Cristo “o qual depois de ir ao Céu, está à destra de Deus, ficando-lhes subordinados anjos, potestades e poderes”. Nesse verso, o autor trata da exaltação de Cristo. Agora Satanás e os seus anjos estão condenados e os poderes deste mundo que acham ter toda a autoridade de perseguir os cristãos também estão sob a Sua condenação. Em outras palavras, os cristãos não têm nada a temer, pois Cristo está no

¹Nichol, 7:574-576.

controle de tudo e julgará a todos pelo mesmo Evangelho que salva.

Alguns autores sustentam que o verso 22 está em paralelo com o 19, onde a pregação de Cristo foi feita a anjos, proclamando Sua vitória aos mesmos. No entanto, o verso 20 diz: “os quais foram desobedientes nos dias de Noé”, o que sem dúvida consiste numa referência aos antediluvianos. Portanto, o verso 19 refere-se a esses espíritos como sendo os antediluvianos e não aos anjos desobedientes, pois como podemos harmonizar esses “espíritos em prisão” desobedientes “no outro tempo” com o conceito bíblico que os anjos maus continuam desobedientes até hoje (Ef 6:12; I Pe 5:8)? Que necessidade teria Cristo de pregar aos anjos caídos sendo que estes já estavam perdidos e não tinham mais salvação (Judas 6)? Portanto, não podemos afirmar que o verso 22 é a prova de que Cristo ao ser exaltado pregou a anjos maus, os quais são os espírito em prisão do verso 19.

No capítulo 4:1-6, o autor continua o assunto da exaltação de Cristo dizendo que Ele também foi morto na carne; e os cristãos da Ásia Menor deviam se “armar desse pensamento”. “Aquele que morreu na carne, deixou o pecado”, ou seja, “o aniquilou”, não porque tinha pecado. É que o homem estava condenado a ser escravo do mesmo para sempre, mas Ele pôs fim a isso. Fez isso “para que o tempo que resta a eles (os cristãos) na carne (tempo de vida), não viviam de acordo com as paixões do mundo”. No capítulo 4:2, há uma prova da oportunidade de salvação oferecida. Portanto, não há segunda chance e o próprio contexto mostra isso.

No capítulo 4:3, o autor fala que “já basta o tempo decorrido”, ou seja, “o tempo em que vocês estavam praticando a vontade dos gentios”. Cometendo vários tipos de pecado. No verso 4 o autor diz: gentios “que difamam”, ou melhor, blasfemam, “achando estranho o bom procedimento” dos cristãos, por não praticarem o mesmo que

eles. No verso 5, Pedro continua: “os quais hão de dar conta ao que está preparado para julgar os vivos e mortos”, ou seja, Cristo. No verso 6, O autor termina o assunto da perícopes com um verso um pouco difícil, por isso devemos prestar atenção no significado de cada palavra ou expressão.

“Tem sido pregado o Evangelho” – a flexão do verbo indica claramente que essa pregação ocorreu antes de Pedro escrever essa epístola. Se Pedro estivesse se referindo a pessoas espiritualmente mortas, provavelmente teria escrito: “o Evangelho está sendo pregado”¹.

“Aos mortos” – provavelmente aos mortos, como sugere a última parte do versículo. O contexto torna improvável a idéia de que Pedro fale aqui em um sentido figurado dos que estão espiritualmente mortos. Os mortos de I Pe 4:5 são mortos literais, uma vez que os versos 5 e 6 falam dos mortos em relação ao juízo. Seguramente os mortos do verso 6 são também mortos literais. Se houvesse uma transição do sentido literal para o figurado, isso seria visto imediatamente pelo contexto. Sem dúvida, as Escrituras ensinam explicitamente o estado inconsciente dos mortos, e que o tempo de graça dos seres humanos termina com a morte. Pode a verdade ser pregada à mortos? O ensino das escrituras sobre o estado do homem na morte nos diz que isso não é possível, pois não há consciência do homem na morte (Sl 146:4; Ec 9:5; Sl 6:5; 115:14; Ec 9:6,10; 12:7; Mt 19:28; Jo11:11). “Deus formou o homem do pó da terra, e lhe soprou nas narinas o ‘fôlego da vida’ e o homem passou a ser alma vivente” (Gn 2:7); a palavra “alma” ou “ser” no

¹Ibid., 7:576.

hebraico é *nephesh* e se refere a uma pessoa. Se o homem veio do pó da terra e ao pó retorna, seu “fôlego” ou “espírito”(ruáh) volta a Deus que o deu (Ec 12:7), então se desfaz a “alma vivente”. É somente na volta de Jesus que os mortos ressuscitam e voltam a viver (Jo 11:20; I Co 15:21-22; I Ts 4:16-17). Portanto, os que estavam mortos quando Pedro escrevia haviam ouvido o Evangelho antes de morrer; “o Evangelho foi pregado aos que agora estão mortos”¹.

“Para que” – o apóstolo destaca os resultados da pregação do Evangelho aos seres humanos que viveram, mas que já haviam morrido.

“Sejam julgados” (Jo 5:29; II Co 5:10; Hb 9:27). Não poderiam ser tidos por responsáveis de responder ao Evangelho se nunca o houvessem ouvido (ver Ez 3:18-20; Jo 3:19; 15:22; At 17:30; Lc 23:34; I Tm 1:13), como os antediluvianos que também ouviram o evangelho através de Noé (3:20).

“Em carne” – quer dizer, como seres humanos vivos (ver cap. 3:18-19).

“Segundo” – os que estão mortos serão julgados tendo em conta como atuaram nesta vida. Serão julgados sobre a mesma base que os vivos, quer dizer, os vivos mencionados no versículo 5.

“Vivam” – Pedro se refere a cristãos que haviam morrido em Cristo, nos quais os crentes do NT tinham muitíssimo interesse (Is 15:12-14; I Ts 4 :13-17). Esses mortos que ouviram e aceitaram o Evangelho enquanto viveram serão, no juízo, considerados como dignos de viverem em espírito segundo Deus.

¹Ibid., 7:576.

“Em espírito” – quer dizer, com corpos glorificados e imortais, como o de Cristo quando ressuscitou (cap. 3:18; Jo 3:6; Rm 8:9)

“Segundo Deus” - poderia significar “como Deus vive”, ou seja, serão transformados em imortais (I Co 15:51-55; I Ts 4:16-17), “como Deus quer” de acordo com a vontade de Deus de que vivam segundo se decretou o juízo¹.

Conclusão Parcial

Depois desse estudo exegético chega-se à conclusão de que essa pregação foi Cristo quem fez mediante o ministério de Noé. Pedro nos versos 19 e 20 alude aos dias de Noé como uma ilustração a suas exortações servindo de consolo aos cristãos da Ásia Menor que sofriam perseguições, mas já haviam vencido em Cristo e não tinham nada a temer. Se Cristo foi paciente nos dias de Noé, seria também para com todos da época de Pedro dando oportunidade à eles. Se Cristo vindicou a Noé e condenou o mundo antigo, o mesmo Ele faria com todos os que maltratavam esses cristãos, pois está acima de todos eles.

¹Ibid., 7:576.

CONCLUSÃO

Este trabalho pretendeu analisar a difícil passagem de I Pe 3:19, e indicou que para uma correta compreensão deste texto ele precisa ser primeiramente compreendido como um tipo de consolo e exortação aos cristãos da Ásia Menor. O objetivo do autor era que eles fossem fiéis e pacientes na prática do bem e nas tribulações. Nos versos 18 a 20, Pedro faz uma alusão aos dias de Noé e a usa como ilustração para suas exortações. Ele mostra que a salvação foi oferecida ao povo antediluviano, mas que somente Noé e a sua família foram salvos. Cristo foi paciente com aquela geração, portanto também seria com todos os que viviam na época de Pedro e daria oportunidade para que eles se arrependessem. Se Cristo vindicou a Noé e condenou o mundo antigo, o mesmo Ele faria com todos os que maltratavam esses cristãos, pois Ele se fez dominador de tudo e está acima de todos eles. Todo este paralelo que Pedro apresentava trazia conforto e encorajamento para os cristãos.

Após um exaustivo estudo do contexto dessa passagem, chegou-se a conclusão geral de que esses “espíritos em prisão” eram os antediluvianos, e que Cristo pregou à eles mediante o ministério de Noé. Não eram seres humanos que estavam presos no hades, nem, tão pouco, eram anjos caídos, mas pessoas vivas presas ao pecado e capazes de aceitar a salvação em sua época.

BIBLIOGRAFIA

- Allen, Clifton J. “I Pedro”. *Comentário Bíblico Broadman*. Editado por Ray Summers 3ª edição. Rio de Janeiro: JUERP, 1990. 12:190-195.
- Apolinário, Pedro. *Textos difíceis do Novo Testamento*. Compilação feita pelo SALT. São Paulo: IAE, 1969.
- Aquino, Tomas de., *Sumas Teológicas*. São Paulo: Imprimitur Monsenhor Enesto de Paula, 1934. Vol. XXIV; 227-265.
- Bawer, Walter - Grichisch – Danker. *A Greek English Lexicon of The New Testament and Other Early Christian literature*. Publishing en The University of Chicago Press, 1957. 680-685.
- Blum, Edwin A. “I Pedro”, *The Expositors Bible Comemmentary*. Editado por Frank E. Gaebelein Grand Rapids. Mi: Zondervan, 1981 12:242-243.
- Brow, Lothar Coenen Colin. “Espírito”. *Dicionário Internacional de Teologia do Nova Testamento*. Traduzido por Gordon Chow. 2ª edição. São Paulo: Vida Nova, 2002. 1:713.
- Champlin, Russel Norman e João Marques Bentes. “Espíritos na Prisão. I Pedro”. *Enciclopédia de bíblia teologia e filosofia*. São Paulo: Candeia, 1991. 2:517-518.
- Champlin, Russel Norman. *O novo testamento interpretado* São: Paulo: Hagnos, 2002, 6:139-152
- Dockery, David d. S., ed. *Manual bíblico* São Paulo: Vida Nova, 2001.
- Elwell, Walter A.. “Espíritos em prisão I Pedro. *Enciclopédia histórica teológica da igreja cristã*. Traduzido por E. F. Harrison Editado por Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1984. 2:72-75.
- Hale, Broadus Davd. *Introdução ao estudo do novo testamento*..Traduzido por Cláudio Vital. São Paulo: Hagnos, 2002.

- Harris, Ralph W.. “Pneuma (Classical Greek)”. *The New Testament Greek-English Dictionary*. Springfield, Missouri: The Complete Biblical Library, 1986. 15: 227-228.
- Hulbbard, David A.. Espírito. *Word Biblical Commentary*. Vol. 1:49 Waco, Texas: Word Books Publisher, 1988. 205-211.
- Metzger, Bruce M.. *The Greek New Testament*. Nova Yorque: United Bible Societies, 1975. 794-798.
- Michaels, J. Ramsey. Spírit. *Word Biblical Commentary*. VI. 49. Waco, Tx: Word Books Publisher, 1988. 46.
- Mueller, Enio R. *I Pedro; Introdução e comentário*. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Mundo Cristão, 1988. 25.
- Rice, George E. *Una Esperanza viva*. Traduzido por GastónClouzet. Buenos Aires: Asociacion Casa Editora Sudamericana, 1992. 92-94.
- Robertson, Archibald Thomas. *Word Pictures in the New Testament*. Ground Rapids, Michigan: Baker House, 1933. 6:116-118..
- “Spirits in Prison”[I Pet. 19:3]. *Seventh-day Adventist Bible Commentary*. Editado por F. D. Nichol Hageston MD: Review and Herald Publishing Association, 1980. 7:574-576.
- “The spirits in prison”. [I Pet. 3:19]. *The International Bible Commentary*. Editado por F. F. Bruce Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1986. 1558-1559.
- Welch, W. Wilbert. *A primeira epistola de Pedro*. Traduzido por Yolanda M. Krievin São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1978. 68.
- Willians, Derek. “Hades I Pedro. *Dicionário bíblico vida nova*. Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2000, 151.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2005

VISITAÇÃO PASTORAL: UMA NECESSIDADE DA IGREJA

CLEYDSON OHNESORGE E RODRIGO DE SOUZA CONRADO

Bacharéis em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP

TCC apresentado em novembro de 2005

Orientador: José Miranda Rocha, D.Min.

cleydson.o@hotmail.com / rodrigoconrad@hotmail.com

RESUMO: Essa pesquisa tem por objetivo identificar como os membros adventistas avaliam as visitas pastorais. Para tanto, foram aplicados questionários à membresia de três igrejas adventistas do sétimo dia localizadas no Estado de São Paulo, uma na capital e duas em cidades do interior: Capivari e Monte Mor. Os resultados dessa pesquisa mostram que os membros valorizam muito a visita pastoral, mas dizem que a mesma tem sido negligenciada ou realizada de modo inadequado.

PALAVRAS-CHAVE: visitação pastoral, ministério, membros, Ellen White, Igreja Adventista.

Pastoral visitation: a church's need

ABSTRACT: This research's goal was to identify the perspective of Adventist members on pastoral visitation. Questionnaires were sent to members of three Seventh-day Adventist churches in the State of São Paulo, one in São Paulo city and the two others in the cities of Capivari and Monte Mor. The results of the research indicate that the members value very much a visit by the pastor. However, they claim that it has being usually neglected or done in inadequate ways.

KEYWORDS: pastoral visitation, ministry, members, Ellen White, Adventist Church.

Faculdade Adventista de Teologia
Centro Universitário Adventista de São Paulo
Campus 2

VISITAÇÃO PASTORAL:
UMA NECESSIDADE DA IGREJA

Um Estudo
Apresentado em Cumprimento da
Disciplina de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)
Estudo Dirigido em Grupo

Por
Cleydson Ohnesorge e Rodrigo de Souza Conrado

Novembro 2005

VISITAÇÃO PASTORAL:
UMA NECESSIDADE DA IGREJA.

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado em Cumprimento Parcial à
Obtenção da Graduação no
Bacharelado de Teologia

Por

Cleydson Ohnesorge e Rodrigo de Souza Conrado

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
José Miranda Rocha

Avaliação

Banca
Jorge Lucien Burlandy

Data da Aprovação

Amin A. Rodor
Diretor do SALT

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| CAPÍTULO | |
| I - A VISITAÇÃO PASTORAL SEGUNDO A BÍBLIA..... | 5 |
| Fundamento Bíblico-Teológico | 5 |
| Um Chamado Divino | 5 |
| A Visitação Através da Bíblia | 11 |
| Conclusão Parcial | 16 |
| II - A VISITAÇÃO PASTORAL SEGUNDO ELLEN G. WHITE | 17 |
| A Visitação e os Pioneiros | 17 |
| As Características Básicas do Visitador | 19 |
| A Visitação na Conclusão da Obra | 21 |
| Um Mandado aos Pastores..... | 23 |
| Conclusão Parcial | 25 |
| III - A VISITAÇÃO PASTORAL SEGUNDO A OPINIÃO DA IGREJA | 26 |
| Conclusão Parcial | 34 |
| CONCLUSÃO | 35 |
| BIBLIOGRAFIA | 37 |
| ANEXOS | 39 |

INTRODUÇÃO

A visitação pastoral encontra embasamento bíblico e nos escritos de Ellen G. White, como sendo essencial no trabalho ministerial. A grande ênfase para a realização deste ministério está fundamentada na necessidade que os pastores possuem de conhecer seu rebanho, poder suprir suas carências, atendendo suas debilidades e dificuldades.

Tendo em foco esta necessidade, este trabalho procurará mostrar os fundamentos bíblicos e nos escritos de Ellen G. White sobre o ministério da visitação pastoral e as características dessa atividade ministerial, como declaradas pelos membros das igrejas, conforme opinião expressa através de suas respostas a um questionário.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

No estudo da Bíblia e nos escritos proféticos, encontra-se descrita em conceitos e imagens simbólicas a necessidade de pastores apascentarem o rebanho do Senhor. Esta obra abrange uma variedade de atividades que devem ser realizadas. Dentre outras atividades, a visitação pastoral exerce função fundamental. Através da realização de estágios em prática pastoral¹ nas igrejas, foi percebido que a visitação pastoral não estava

¹ Os estágios de prática pastoral são realizados aos sábados pelos graduandos de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), nas igrejas circunvizinhas ao Campus Engenheiro Coelho, pertencentes à Associação Paulista Central (APaC) da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

sendo satisfatória em relação à expectativa dos membros das igrejas, visto que a grande maioria deles reclama da ausência deste cuidado por parte de seu pastor.

O trabalho de visitação é realizado por boa parte do mundo cristão, bem como entre os membros da IASD¹, tendo uma importância cada vez mais acentuada na mentalidade comunitária adventista.

Nos tempos atuais, segundo a visão bíblica, correspondente aos últimos dias da história de pecado, é necessário utilizar todos os meios disponíveis para levar pessoas a Cristo e mantê-los como membros da igreja (Apocalipse 14:6 e 7). Este trabalho assume que um destes meios é a visitação pastoral, sendo esta prática ensinada através da Bíblia.

DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

No entanto, um dos problemas que precisa ser solucionado é a caracterização de uma visita pastoral, visto que visitas sociais e administrativas podem ser confundidas por pastores e membros da igreja como visitas pastorais assim realizadas. A questão que este estudo, por conseguinte, visa responder é se haveria uma maneira de identificar uma visita pastoral de acordo com suas características bíblicas próprias? Seriam estas características idênticas, levando em conta as necessidades dos membros das igrejas?

Delimitação do problema

Através deste trabalho procura-se descobrir as características da visitação pastoral verificando o que este conceito bíblico significa e que amparo tem nos escritos de Ellen G. White. Membros de igrejas serão consultados para saber-se o que esperam de uma visita de seu pastor, isso nas IASD do bairro Jardim Gênova na cidade de Capivari – SP;

IASD Central Monte Mor e a IASD do bairro Jardim Alto da Riviera, na cidade de São Paulo.

O estudo não pretende analisar e nem oferecer modelos de visitação, nem mesmo descer à análise isolada de cada item percebido pelas propostas dos membros das referidas igrejas.

JUSTIFICATIVA

Este tema é importante para a vida da igreja, assim como é relevante e fundamental para o ministério pastoral, visto ser a visitação pastoral uma ferramenta essencial para manter espiritualmente bem, tanto os membros, como a própria igreja, assim como trazer novas pessoas.

A relevância desta pesquisa também pode ser vista diante da confiança depositada pela igreja no pastor, enquanto homens dignos de realizar a obra que Deus lhes confiou. Aos pastores foi entregue, como principal tarefa, o apascentar o rebanho do Senhor, saciando suas necessidades espirituais, o que só pode ser feito de modo eficaz quando o ministério da visitação é destacado em primeiro plano em sua agenda. Sendo que uma das formas do pastor identificar a saúde espiritual de sua igreja é através da visitação pastoral, verifica-se a necessidade de se adquirir uma visão correta do que isto quer dizer.

OBJETIVO

Neste contexto procura-se descobrir as características essenciais a exercer no trabalho de visitação pastoral aos membros das igrejas, bem como às demais pessoas que

¹ IASD é a sigla que abrevia o nome oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia e que doravante identificará esta denominação no curso do trabalho.

estão ao redor e necessitam deste cuidado pessoal do pastor. Esta pesquisa tem por objetivo identificar nos membros reações às visitas pastorais, que descrevam a sua importância e as características básicas que a identificam em sua eficácia.

METODOLOGIA

O método usado nesta pesquisa será, primeiramente, o da leitura acurada de textos da Bíblia e de obras e periódicos de Ellen G. White que aclarem direta ou indiretamente o tema em estudo.

Uma pesquisa quantitativa também será realizada, através do emprego de um questionário a ser respondido pelos membros das referidas igrejas.

ESCOPO E SUMÁRIO

O trabalho será dividido em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “A Visitação Pastoral Segundo a Bíblia”, estudará o tema, procurando descobrir a importância deste ministério do ponto de vista bíblico-teológico.

O segundo capítulo, intitulado “A Visitação Pastoral Segundo Ellen G. White”, tentará focalizar o tema pela ótica desta escritora adventista.

O último capítulo “A Visitação Pastoral Segundo a Opinião da Igreja” será a exposição dos resultados da pesquisa qualitativa com o fim de identificar o que os membros das igrejas esperam da visitação pastoral. As seguintes igrejas foram selecionadas, pelo critério da proximidade ao UNASP Campus de Engenheiro Coelho e pela situação urbana (igrejas localizadas em pequenas cidades em comparação com uma situada na cidade de São Paulo), para a aplicação do questionário a ser respondido por seus membros: IASD no bairro Jardim Gênova, na cidade de Capivari, SP; IASD Central na cidade de Monte Mor; IASD no bairro Jardim Alto da Riviera, na cidade de São Paulo.

CAPÍTULO I

A VISITAÇÃO PASTORAL SEGUNDO A BÍBLIA

FUNDAMENTO BÍBLICO-TEOLÓGICO

As Sagradas Escrituras não nos deixam na escuridão em referência ao significado e importância da visita pastoral. Fundamentado na revelação divina, está a necessidade de visitar os membros das igrejas, bem como o exemplo deixado.

Relacionado ao trabalho que deve desempenhar, verifica-se que Deus chama pastores para cuidar de Seu rebanho. Uma das formas de demonstrar este cuidado é a visita pastoral aos membros das igrejas, uma prioridade normalmente trocada pelos cuidados administrativos e de liderança eclesiástica. Glenn Wagner enfatiza a necessidade de voltar-se a dedicar pleno e completo cuidado a todas as ovelhas de Deus, que estão sob cuidado pastoral¹.

Um chamado divino

A ênfase de que esta obra de visitação é necessária se encontra “fundamentada tanto no exemplo como na comissão dada por Deus aos seus ministros”². A primeira razão que justifica as visitas pastorais é o fato de que só assim torna possível, e de maneira completa, o cumprimento da comissão de Jesus para apascentar e pastorear as Suas ovelhas (João 21:15-23). Como exemplo normativo de ministério pastoral, Jesus veio para viver

¹ Glenn Wagner, *Igreja S/A* (São Paulo: Vida, 2003), 131-145.

² José M. Rocha, “De casa em casa”, *Ministério*, maio/junho de 1998, 24.

como o homem vive, para sentir o que o homem sente, para ser provado e tentado como o homem é provado, para morrer em lugar de cada pessoa demonstrando Seu amor. “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade; e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai” (João 1:14). Em seu sacrifício pela humanidade, Jesus veio para salvar o perdido, onde quer que ele se encontre. (Marcos 10:45).

Igualmente hoje, as pessoas que professam seguir a Jesus não devem limitar-se apenas em dizer que amam ao seu próximo, mas devem seguir as pegadas e o exemplo de seu Mestre, Jesus, que não se preocupava apenas consigo mesmo, mas estava preocupado com os problemas de seu próximo.

Em destaque da importância da visitação a pessoas necessitadas, e sob um ponto de vista pastoral, o texto de Mateus 25.31-46¹ oferece também motivo para séria reflexão. O relato bíblico retrata os eventos do julgamento final, quando Cristo voltar à Terra para dar a posse do reino aos que o herdarão. Os herdeiros do reino são aqueles que tiveram uma vida abnegada de seus próprios interesses, procurando servir aos outros. No estudo destes versos, pode-se compreender claramente muitas das responsabilidades que há diante do próximo e de Deus. As declarações de Jesus, “estava nu e me vestiste-me; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me” (verso 36) apontam também claramente para o exercício da visitação pastoral.

Uma compreensão mais ampla a respeito do dever de cada ser humano e do juízo, correspondente às nossas ações, revelam que os atos de amor para com o próximo

¹ Os textos bíblicos citados são da *Bíblia de Estudo Almeida*, 2ª ed. (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000).

não requerem apenas mera doação de dinheiro, mas envolve algo muito mais precioso, entendido como o sacrifício de tempo, de força, de descanso e de conforto¹.

Muitos têm observado que esses atos de bondade não ensinaram necessariamente a cura da enfermidade, a solução de um problema, ou mesmo a soltura da prisão, mas envolve certamente a visita como expressão de simpatia, de atenção, de presentes de misericórdia, de palavras de compreensão. Essas expressões resultam da graça de Deus, atuando no íntimo através da obra do Espírito Santo.

É importante deixar claro também que o trabalho da visitação envolve sacrifícios e responsabilidades. É um dever não apenas para o pastor, mas para todo que professa ser um seguidor de Cristo. Não basta apenas falar do seu Salvador, é necessário agir como o exemplo, segundo aquele legado por Ele. No dia do juízo, os que não trabalharam para Cristo, que andaram em vida autocentralizada, apenas pensando em si e cuidando de seus próprios interesses, serão postos pelo Juiz de toda a Terra como os que fizeram o mal, e com os ímpios recebem a mesma condenação.

Caso esta obra seja negligenciada no ministério pastoral ou na vida do crente, ambos terão que prestar contas a Deus, pois serão acusados não apenas de terem rejeitado ou desprezado pessoas, mas o próprio Mestre. Jesus é negligenciado quando Seus seguidores desconhecem as necessidades dos semelhantes.

Portanto, “Um pastor que não visita pessoalmente os membros de suas igrejas, estará fazendo apenas parte do trabalho que lhe corresponde”.²

¹ Russel N. Champlin, *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo* (São Paulo: Candeia, 1997), 2: 584.

² Rocha, “De casa em casa”, 25.

A prática da visitação é essencial na vida do pastor e do verdadeiro cristão.

Tiago define que "a religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo". (Tiago 1:27). Esta obra deve ser um ministério voluntário e de amor ao próximo.

Visitar os doentes, os membros da igreja, as pessoas que sofrem necessidade, os presos, é fruto da comunhão com Cristo e resultado da obra da salvação. Cristo operava maravilhas por estar mantendo sempre comunhão com o Pai. Igualmente o ministério pastoral só conseguirá realizar uma obra digna de visitação, se estiver diariamente em comunhão com Deus.

Apesar das técnicas e dos manuais de visitação que são básicos e essenciais para um bom desempenho neste ramo de atividade, apenas a comunhão diária com Deus poderá dar a iluminação no momento certo para tocar os corações aflitos, capacitando o visitador a ser um instrumento nas mãos de Dele.

É a comunhão com Deus que dá segurança, traz esperança e certeza a todo aquele que visita e ao que recebe o visitador. O princípio do trabalho de visitação é a dependência de Deus a cada momento; é seguir seus passos e andar com Ele e como Ele andou.

Através da visitação, pode-se perceber evidências do grau de saúde espiritual da igreja, pois somente em interação com os membros da comunidade o visitador consegue identificar as necessidades das pessoas. O ministério da visitação se torna uma atividade imprescindível para que outras atividades pastorais, principalmente a pregação, achem seu significado. "Pregar sem conhecer o povo e suas necessidades, lutas, desafios e

expectativas é apresentar apenas teoria doutrinária do púlpito. As verdades de Deus, deste modo, não encontram aplicação na vida diária”.¹

A visitação pastoral nos lares é importante tanto para os pastores quanto para os membros da igreja que recebem esta atenção do ministro de Deus. Para os membros da igreja, porque precisam saber que o seu pastor tem interesse por elas e demonstra seu cuidado pastoral. “Por vezes é um benefício muito maior que a própria visita, o membro saber que é lembrado com afeto [pelo seu próprio pastor]”.²

Para os pastores, o benefício é porque precisam saber como seus membros vivem, quais são suas lutas diárias, e descobrir suas deficiências para assim saber o que é necessário enfatizar no púlpito e nutri-los espiritualmente. Desde o púlpito, o pregador alimenta o rebanho; porém, se não as tem visitado, não possui conhecimento de que alimento lhes convém.³ Por esta razão, é necessário alcançá-los, ainda que não em suas casas, em hospitais, fazendas e fábricas nas quais se encontram e convivem.

A visitação pastoral pode ter finalidade apenas social, demonstrando que o pastor está interessado na vida familiar e espiritual de cada lar. O pastor pode visitar também com o propósito de promover o aumento da frequência dos membros à igreja. Há também visitas com a finalidade de fazer um levantamento dos fundos financeiros para um projeto da comunidade. Entretanto, a visita que se caracteriza como pastoral deve, sobretudo, ser sempre espiritual e não ser confundida com qualquer outra finalidade. O ponto essencial é comunicar ao membro da igreja o interesse do pastor pela vida espiritual da pessoa visitada.

¹ Ibidem.

² Ellen G. White, *A Ciência do bom viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 222.

³ Donald T. Turner, *A prática do pastorado* (São Paulo: Imprensa Batista Regular), 165-166.

Ellen G. White observa que “a obra do ministro não consiste em meramente pregar. Ele deve visitar as famílias em seus lares, orar com elas, e lhes abrir as Sagradas Escrituras. O que realiza fiel trabalho fora do púlpito, conseguirá dez vezes mais do que aquele que restringe seus labores à escrivaninha”.¹

O contato pessoal através da visitação aos membros da igreja é parte importante na obra do ministro. “O ofício pastoral envolve não só apenas um simples encontro com o rebanho, mas contínua supervisão e nutrição das ovelhas. Essa é a razão porque a obra de pastorear não pode ser feita à distância, usando-se apenas o automatismo do telefone e secretárias eletrônicas, mensagens computadorizadas e cartas impessoais”.² Esta afirmação destaca que pastorear é estar pessoalmente presente com seu rebanho. Somente quando impossibilitado de visitar pessoalmente, como em casos de viagens, o pastor deve fazer este trabalho por telefone e outros meios.

O pastor que visita também estabelece uma ordem de importância para a execução deste trabalho, ao priorizar grupos especiais que necessitam mais da sua presença. Os “interessados despertados mediante evangelismo, os desanimados espiritualmente, doentes, enlutados, recém casados, casais com problemas conjugais, novos pais e pais cujos filhos estão saindo de casa, sendo que boa parte deste grupo pode ser visitado durante o dia”.³ Com a realização da visitação, membros e pastores crescem mutuamente em conhecimento próprio e em comunhão com Deus.

¹ White, *Testimonies for the church* (Califórnia, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948), 9: 124.

² Rocha, “De casa em casa”, 26.

³ Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, *Guia para ministros*, 5ª ed (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995), 154-155.

A Visitação Através da Bíblia

Nas Sagradas Escrituras encontra-se o ensino da vontade de Deus revelada aos homens. O plano de Deus aos cristãos é a abnegação do próprio eu, e uma vida em prol das pessoas ao redor. Os parágrafos seguintes procuram destacar evidências bíblicas para a construção de princípios teológicos que sustentam o ministério da visitação.

O Exemplo de Deus

A primeira evidência bíblica que vem em apoio ao ministério da visitação encontra-se no desejo de Deus em visitar o seu povo. Antes do pecado o próprio Deus falava face a face com o homem, em visitas regulares. Deus realizou a primeira visita a Adão e Eva após o pecado. “E, ouvindo a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim à tardinha, esconderam-se o homem e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim. Mas chamou o Senhor Deus ao homem, e perguntou-lhe: Onde estás?” (Gênesis 3:8-9).

O Antigo Testamento conta que Deus esteve presente com Seu povo mediante contato pessoal. Em Gênesis, lemos da visita do Senhor e Seus anjos a Abraão, junto aos carvalhais de Manre. (Gênesis 18:1-15). A presença de Deus foi tão real, a ponto dEle assentar-Se para comer a refeição servida pelo patriarca aos divinos visitantes. Que Abraão reconheceu a presença de Deus fica claro diante de sua atitude em prostrar-se em terra e dos dois anúncios feitos na ocasião: Primeiro, o nascimento do filho da promessa, contrariando a lei natural da esterilidade de Sara e da própria velhice de Abraão.

Anos mais tarde, o relato bíblico registra que “O Senhor visitou a Sara, como tinha dito, e lhe fez como havia prometido. Sara concebeu, e deu a Abraão um filho na sua velhice, ao tempo determinado, de que Deus lhe falara”. (Gêneses 21: 1-2). É importante

observar que há duas visitas, primeiramente a Abraão e, depois, à esposa. Uma é pessoal e visível, embora Deus estivesse envolto na figura de um homem. Na última, à Sara, parece que a visita significou mais a confirmação da promessa e não propriamente uma aparição pessoal do Senhor. O segundo anúncio que evidenciou a presença de Deus ao patriarca Abraão foi o da destruição de Sodoma e Gomorra (versos 16-33). Há várias ocorrências no texto bíblico que registra este episódio relatando que Abraão sabia com Quem estava conversando, tanto que insistiu na Sua graça para com os habitantes das cidades ímpias da planície.

Em Êxodo há a narração da visitou de Deus ao acampamento de Israel no Sinai: “Então subiu Moisés a Deus, e do monte o Senhor o chamou, dizendo: Assim falarás à casa de Jacó, e anunciarás aos filhos de Israel”. (Êxodo 19: 3).

Através de sua ação mantenedora, Deus também visita diariamente o nosso planeta: “Tu visitas a terra, e a regas; grandemente e enriqueces; o rio de Deus está cheio d'água; tu lhe dás o trigo quando assim a tens preparado”, como diz o salmista (Salmos 65:9).

Além destes exemplos, há outros que pelos quais podemos visualizar o ministério da visitação exercido pelo próprio Deus. Noé, Josué, Manoá, Gideão, Ana, Samuel, Elias, Eliseu, Daniel, e muitos outros personagens bíblicos foram visitados por Deus. Sabemos também que Ele também se utilizou, durante toda a história de Israel e de Judá, de profetas que receberam mensagens diretas do alto para serem transmitidas ao povo escolhido, revelando Sua vontade e propósitos.

Entretanto, o encerramento da inspiração do Velho Testamento não marcou o fim do programa de visitação de Deus. Quando Deus deu Seu Filho no calvário, foi

consumada a visitas das visitas, e desde aquele memorável dia a visitação cristã tem estado inseparavelmente associada à salvação¹.

A Visitação na Vida e Ministério de Jesus

Jesus não deu simplesmente o exemplo de visitação, Jesus em si é a visitação. Este é o grande feito de Deus cantado no cântico de Zacarias: “Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo”. (Lucas 1:68, 78). Na ressurreição do filho da viúva de Naim, Jesus foi saudado como o grande profeta que “se levantou entre nós e: Deus visitou o seu povo”. (Lucas 7:16). Infelizmente, a nação judaica não reconheceu e nem soube desfrutar “a oportunidade da tua [sua] visitação”. (Lucas 19:44).

No relato descrito sobre o ministério de Jesus na Terra, verifica-se que a eficiência e o poder dos ensinamentos de Jesus estavam em ser o que Ele pregava. “Ele era aquilo que ensinava. Suas palavras eram a expressão não somente da experiência de Sua própria vida, mas de seu próprio caráter. Não somente ensinava Ele a verdade, mas era a verdade. Era isso que lhe dava poder aos ensinamentos”².

Se Jesus não tivesse vindo a terra certamente não existiria motivo algum para se realizar qualquer ministério, seja de professor, pastor, evangelista, administrador ou qualquer outra atividade em favor do reino.

Mesmo que a vida de Jesus na terra tenha sido em si uma visita, Ele ainda fez numerosas visitas a pessoas específicas em Seu ministério terrestre. Jesus gostava de passar algum tempo em casa de Maria e Marta (Lucas 10:39-42). O interesse de Jesus para

¹ John T. Sisemore, *O Ministério da Visitação*, 4ª ed (Rio de Janeiro: Juerp, 1990), 12.

² White, *Educação*, 6ª ed (Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1996), 79.

com as pessoas necessitadas quebrava as barreiras do preconceito. Ele visitou a Zaqueu, um cobrador de impostos, visto como ladrão pela sociedade. (Lucas 19:1-10).

Jesus mudava Sua agenda para atender os necessitados. Assim, Ele foi à casa do chefe da sinagoga para ressuscitar sua filha. (Mateus 9:18-19 e 23-25).

Entretanto, assim como Cristo foi rejeitado e perseguido por muitos que chegaram a levá-lo à morte, demonstra que muitas vezes no trabalho da visitação, mesmo sendo um trabalho nobre, nem sempre os visitantes serão bem recebidos, é mister, porém, que o ministro cumpra seu ministério. “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam”. (João 1:11).

A Visitação no Ministério dos Apóstolos

A visitação ocupou um lugar de importância no ministério dos apóstolos. Esta afirmação pode ser exemplificada no trabalho de Paulo aos cristãos de Roma, quando escreveu a estes, demonstrando o desejo de visitá-los, e que o faria depois da visita a Jerusalém (Romanos 15:22-26).

Paulo, em muitas de suas cartas, expõe o desejo de visitar seus irmãos de igrejas distantes, para orientá-los, exortá-los e manter a ordem da igreja. Mas como nem sempre isso era possível, muitas vezes se comunicou através de cartas, um bom número delas incluídas na Bíblia. (Gálatas 4:6).

Desta maneira, deixou exemplificado que jamais havia deixado de anunciar coisa alguma proveitosa, ensinando publicamente e também de casa em casa a palavra de Deus. (Atos 20:20).

A Visitação no Ministério dos Anjos

Os anjos estão freqüentemente visitando a raça humana com o objetivo de consolar e mostrar o plano de Deus para a humanidade. Isto aconteceu com Daniel, ao suplicar a Deus, em oração e jejum, a compreensão da visão do capítulo 8 de Daniel. Deus respondeu seu pedido e enviou um anjo em respostas às suas orações.

Outra visita de seres angelicais, como aconteceu com Ló, quando foi resgatado por dois anjos antes da destruição de Sodoma e Gomorra conforme o relato bíblico em Gênesis 19:1.

Mesmo nos dias atuais, a presença dos anjos não é rara para o cumprimento da obra de redenção. Assim como aconteceu com Cornélio (Atos 10:3-7) no passado, o mundo obterá conhecimento de Deus também pela visita de anjos do céu¹.

A Visitação Através do Espírito Santo

O Espírito Santo é a pessoa da divindade que está constantemente com os seres humanos, confortando, auxiliando e tocando corações para que aceitem o plano de redenção. No desenvolvimento da IASD, em ocasiões de reuniões, Ellen G. White declarou que lhe foi “mostrado que algumas de nossas reuniões campais estão longe de ser o que Deus deseja que sejam. O povo vem despreparado para a visitação do Espírito Santo de Deus”.²

Vê-se, portanto, que na Bíblia o trabalho da visitação é realizado de forma constante desde o jardim do Éden até quando Cristo voltar a terra para novamente visitar o

¹ White, *Eventos finais*, 10ª ed (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 207.

² Idem, *Conselho sobre regime alimenta*, 2ª ed (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1975), 46.

planeta em rebelião a fim de executar juízo. Certamente quando os justos estiverem no céu para fazer juízo durante o milênio verão os amplos resultados deste trabalho e de seu diligente esforço para realizar a obra divina com dignidade.

Conclusão parcial

Conclui-se, assim, do conteúdo deste capítulo que o trabalho da visitação tem sido praticado por Deus pessoalmente e por profetas no Antigo Testamento, bem como por Jesus e os apóstolos, em seus respectivos ministérios. Para o pastor, enquanto visitador, e para os membros das igrejas que a recebem, a visitação oferece comprovados benefícios espirituais que se refletem no ministério pastoral e na vida do membro e da congregação.

Deus sempre desejou ter um contato direto com os seres humanos, porém após o pecado houve uma separação (Gênesis 3; Isaías 59:2). No entanto, isso não impediu que Ele se manifestasse entre nós no serviço do santuário terrestre, pela revelação de Sua Palavra através dos profetas e de seus mandamentos.

Portanto, tomando a iniciativa de Deus como fundamento e motivação, a obra de visitação é um mandado divino a todos que se sentem chamados a cuidar do rebanho de Deus.

No capítulo seguinte, será mostrado o que Ellen G. White declara sobre a visitação pastoral, sua necessidade e sua abrangência na obra divina da pregação.

CAPÍTULO II

A VISITAÇÃO SEGUNDO ELLEN G. WHITE

O capítulo anterior procurou destacar, através do texto bíblico, a importância da visitação como um conceito importante para o desempenho do ministério do pastor. A mesma posição de importância deste aspecto da obra pastoral também pode ser encontrada nos escritos de Ellen G. White. O objetivo do presente capítulo é estudar declarações desta escritora que tratem do assunto em estudo.

A Visitação e os Pioneiros

Desde os primórdios da formação da IASD, mesmo antes da escolha do nome e até do estabelecimento da formação doutrinária, como possuímos hoje, já era realizado o trabalho da visitação. Os pioneiros de nossa igreja tinham o costume de visitarem-se constantemente, onde juntos aprendiam e estudavam a Palavra de Deus, buscando novas verdades e compartilhando a mesma fé que já possuíam.

Entre os anos de 1843 e 1844 havia uma enorme ênfase dada na “visitação de casa em casa, e incansáveis esforços eram feitos para advertir o povo sobre o que estava escrito na Palavra de Deus”¹. Desta mesma forma que nossos pioneiros enfatizavam a visitação, “mais esforços deveriam fazer agora do que o fizeram os que proclamaram tão fielmente a mensagem do primeiro anjo”.²

¹ Idem, *Beneficência Social*, 3ª ed (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), 79-80.

² Ibidem, 79-80.

De acordo com a cosmovisão bíblico-escatológica, os ASD crêem que a terra está se aproximadamente do fim de sua história. Esta compreensão do fim da história coincide com a volta de Jesus e deve despertar os membros da igreja a trabalharem com muito esforço. Os ASD são convidados a fazer um alarme para o povo, sendo um dos métodos a visitação nos lares.¹

Ellen G. White pontua esta preocupação ao perguntar: “Como pode ser concluída a grande obra da mensagem do terceiro anjo? Em grande parte pode sê-lo mediante esforço perseverante e individual, pela visitação do povo em seus lares”. A ponderação que vem desta escritora é que “um dos meios mais eficazes de se comunicar a luz é pelo trabalho particular, pessoal”.² Ela aponta diversas circunstâncias nas quais esta metodologia de trabalho se torna adequada, desde o “círculo familiar, no lar do vizinho, à cabeceira do doente”, situações quando o visitante pode “de uma maneira tranqüila... ler as Escrituras e falar sobre Jesus e a verdade”.³

Vendo o trabalho de visitação através desta e outras declarações de Ellen G. White, os ASD precisam não apenas visitar-se entre si, mas, sobretudo os fracos na fé e os não crentes a quem deve ser anunciado a mensagem de Apocalipse 14.

O trabalho da visitação iniciado pelos pioneiros do movimento adventista deve continuar a ser utilizado e com maior freqüência, até o amadurecimento espiritual pleno, coincidente com o selamento para a vida eterna. Referindo às cenas dos dias que antecederão à segunda vinda de Jesus, Ellen G. White relata uma visão sobrenatural, na qual “viam-se centenas e milhares visitando famílias e abrindo perante elas a Palavra de

¹ Idem, *O Grande Conflito* (Tatuí – SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988), 34. ASD refere-se à Igreja Adventista do 7º Dia, sua cosmovisão estabelecida em Mateus 24:30 e 31, com a volta de Jesus a terra.

² White, *Beneficência social*, 97.

³ Ibidem.

Deus... Os corações eram convencidos pelo poder do Espírito Santo, e manifestava-se um espírito de genuína conversão... O mundo parecia iluminado pela influência celestial... Ouvi vozes de ações de graças e louvor, e parecia haver uma reforma como a que testemunhamos em 1844”.¹

As Características Básicas do Visitador

Em muitas de suas declarações, Ellen G. White observa que a visitação não deve ser feita de forma desleixada, ou de qualquer maneira como se não fosse planejada. Ela enfoca que a realização deste trabalho tão pouco deve ser de forma imposta sobre as pessoas, mas motivada pelo amor. Nesta direção, ela descreve as características que um visitador deve possuir. Assim ela diz que Deus “usará **cristãos devotados e humildes** que tenham **o amor da verdade no coração**. Empenhem-se no serviço por Ele fazendo o trabalho de visitação de casa em casa. Sentando-se na intimidade do lar, esses homens”.¹

Observando esta declaração, deve-se dizer que somente um cristão, ciente de sua responsabilidade para com seus semelhantes e que demonstre dedicação e piedade, conseguirá encontrar tempo para trabalhar em benefício do próximo. Outro traço destacado por White, que caracteriza o visitador, é a humildade. O visitador necessita humildade não apenas para dedicar tempo, mas também para dar atenção e afeto aos necessitados, e fazer isto sem demonstrar preconceitos.

Mas a mais importante de todas as características de um visitador é o amor à verdade, porque o amor é a grande fonte motivadora que impulsiona um pecador a visitar o seu semelhante em condições mais precárias do que a sua. Apenas o amor pela verdade é capaz de motivar-nos a que Deus nos use para a realização deste trabalho.

¹ Ibidem, 104.

Seis Habilidades de um Visitador

Dentre algumas habilidades que Ellen G. White sugere existir no perfil de um visitador que deseja realizar com eficácia este ministério, algumas das mais destacáveis serão mencionadas nos parágrafos abaixo.

1. Cantar hinos: “Aprendei a cantar os hinos mais simples. Eles vos ajudarão no trabalho de casa em casa, e corações serão tocados pela influência do Espírito Santo.

Cristo muitas vezes era ouvido a cantar hinos de louvor”.²

2. Compreender o semelhante: “Pode familiarizar-se com o povo e compreender suas verdadeiras necessidades; pode orar com eles e apontar-lhes o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”.³

3. Consolar: Os tristes devem ser consolados, os fracos fortalecidos e os aflitos confortados. Com a realização da visita, o pastor conhecerá as dificuldades que os membros passam, e poderá consolá-los.

4. Aprender a Mansidão: “As mulheres podem efetuar um bom trabalho para Deus, caso aprendam primeiro a preciosa e todo-importante lição da mansidão na escola de Cristo. Serão capazes de beneficiar a humanidade apresentando-lhe a perfeita suficiência de Jesus”.⁴

5. Demonstrar amor verdadeiro: “Visitai-os em seus lares, convidando-os para ir a vossa casa. Que eles vejam que os amais não só em palavra, mas em obra e verdade”.⁵

6. Saber ouvir: O pastor precisa antes de tudo aprender a ouvir o membro. Prestar atenção nas palavras, demonstrando interesse no que o visitado tem a dizer.

¹ Ibidem, 109.

² Idem, *Evangelismo*, 3ª ed (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997) 502.

³ Idem, *Testemunho Seletos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 2: 533.

⁴ Idem, *Evangelismo*, 3ª ed (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 471.

⁵ Idem, *Conselhos sobre escola sabatina* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 174.

A Visitação na Conclusão da Obra

A conclusão da obra da pregação do evangelho ocorrerá com a participação humana (Mateus 24:14). E isto “em grande parte pode sê-lo mediante esforço perseverante e individual, pela visitação do povo em seus lares”.¹

A visitação é, portanto, um dos recursos divinos que será utilizado para o cumprimento da obra de pregar o evangelho ao mundo. Perseverante esforço individual é tanto um requisito básico para a eficácia no trabalho da visitação, bem como a melhor abordagem para alcançar pessoas com a pregação do evangelho e confirmá-las em seu compromisso com Cristo e comunhão com a Igreja.

É através da visitação aos novos conversos que se estabelece o vínculo de trabalho entre o pastor local e o evangelista, um fato muito importante para a conversão de novas pessoas e sua formação como novos discípulos. Sem dúvida, o trabalho evangelístico realizado por pastores e evangelistas traz novas ovelhas para o aprisco divino. As pessoas que estão ingressando na fé precisam de maior apoio para superar as dificuldades que surgirão: “O pastor da igreja local e o evangelista, como os primeiros representantes públicos da nova comunidade de fé deveriam estar entre os primeiros amigos dos novos conversos”.¹

Os primeiros setores do trabalho adventista, desenvolvidos pelos líderes do movimento, foram fortemente marcados pelo exercício do ministério da visitação. Esta prática estava presente na obra médica e missionária, quer pela visitação aos enfermos e desamparados, ou na fundação de lares para órfãos e no empenho em favor dos

¹ Ibidem, 97.

desempregados. O ensinamento da verdade de casa em casa, a distribuição de literatura, e a promoção de classes sobre vida saudável eram frentes de trabalho cristão, promovidos e consolidados pelo ministério da visitação².

O trabalho da visitação, realizado pelos membros e pastores da IASD, era e hoje ainda pode ser utilizado como uma forma de romper preconceitos de vizinhos para com a mensagem e a comunidade adventista. Sendo realizada com simpatia e bondade no intuito de alcançar o coração das pessoas, muitas dessas serão levadas ao conhecimento de Deus.

Quando ocorre então um trabalho harmonioso entre pastores e membros, a visitação torna-se ainda mais eficaz. Isto porque quando o pastor visita o membro, pode descobrir interessados e assim orientar o membro para a ação missionária, dispõe-se em ajudá-lo no necessário, como estudos bíblicos, apelo e etc.

O estudo das habilidades de um visitador e da importância que Ellen G. White deu ao tema, possibilita ver quão amplo e significativo é este ministério para a igreja. Não se limita apenas aos pastores, mas a todos os que professam ser seguidores de Jesus. Ela insiste que “homens não chamados para o ministério do evangelho devem ser animados a trabalhar para o Mestre segundo suas diferentes habilidades”³, pois Deus usará tais cristãos devotados e humildes, que demonstrem ter o amor da verdade do coração, para que se empenhem no serviço por Ele fazendo o trabalho de visitação de casa em casa⁴.

¹ Rocha, *De casa em casa*, 27.

² White, *Beneficência Social*, 112.

³ *Ibidem*, 109.

⁴ *Ibidem*, 110.

Um Mandado aos Pastores

Ao tratar do tema da visitação, Ellen G. White afirma que este ministério não deve ser considerado como opção apenas, como se fosse possível aos pastores escolherem ser unicamente pregadores, mas nunca visitadores. Ela enfatiza a que os ministros dediquem tempo e esforço em visitar as famílias orar e estudar a Bíblia com elas. Assim fazendo estará beneficiando a família visitada e fortalecendo a obra que lhe foi designada.¹

Através da visita, o pastor tem a oportunidade de tomar conhecimento da aptidão do membro, o dom espiritual que o mesmo possui e possibilitá-lo que desenvolva este dom. Tem também a facilidade de fortalecer a vida devocional do membro, como leitura bíblica, cultos familiares, lição da escola sabatina, meditações matinais e revista adventista, fazendo um pacto com o membro que não possui algum destes itens que possa fazer a aquisição do material, pois fortalecerá sua vida espiritual.

Por meio do trabalho da visitação o pastor possui a oportunidade de descobrir interessados na própria família visitada, onde pode haver uma pessoa ainda não batizada como um filho, um irmão, ou mesmo uma pessoa que reside ou é amiga da família, mas que ainda não tomou a decisão pelo batismo.

O ministro deve visitar de forma planejada e constante, treinando e incentivando os membros da igreja para que também se visitem uns aos outros, onde o ancião pode estar preparado para realizar visitas pastorais, e que os membros aprendam a visitar seus vizinhos e pessoas distantes que estejam passando por necessidade, demonstrando interesse por elas. Este trabalho planejado pode ser desenvolvido com uma ficha de visitação, (conforme apresentada no anexo 2), onde o pastor terá um trabalho organizado detalhando o dia da visita e os itens para ajudar os membros em seu crescimento espiritual.

Para um trabalho mais organizado, o pastor pode ter também um cartão com alguns dizeres e um texto bíblico, que possa ser deixado na casa do membro caso este não

estiver em sua residência, mostrando que seu pastor esteve ali. Ao proceder desta maneira o ministro certamente estará cumprindo o propósito divino de seu ministério e ajudando para o avanço da obra.

“Visitai as famílias, orai com elas, privai com elas, examinai as Escrituras com elas, e far-lhes-eis bem. Demonstrai-lhes que buscais sua prosperidade, e quereis que sejam cristãos saudáveis”². Mesmo que ao visitar a casa o pastor encontre apenas as crianças, ele pode contar uma história bíblica para os filhos, demonstrando amor por estes pequeninos e com certeza, as crianças nunca esquecerão que o pastor contou-lhes uma história.

O trabalho de visitação apesar de ser nobre e de grande valor, como foi visto até aqui, não é um trabalho fácil de ser realizado. Muitas dificuldades poderão desanimar o visitador e desmotivá-lo a realizar tal obra. Mas, mesmo em meio às dificuldades, o visitador deve estar atento aos conselhos bíblicos e dos escritos de Ellen G. White, o que lhe dará a certeza do acompanhamento de anjos e do Espírito Santo nas visitas. O Consolador em Sua presença tocará os corações dos que são visitados para aceitarem as verdades. O ministério da visitação é abrangente a todos os necessitados da Palavra de Deus e não limitado apenas aos vizinhos socialmente simpáticos, ou parentes e amigos próximos. Este trabalho estende-se aos legalmente presos e reclusos da sociedade, aos doentes hospitalizados ou em casa.

Conclusão Parcial

Pelo estudo das declarações de Ellen G White, verifica-se que a obra da visitação esteve presente desde a formação do movimento adventista e permanece hoje

¹ Idem, White, *Evangelismo*, 320.

² Idem, *Evangelismo*, 3^a ed (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 348.

como um ministério imprescindível para o andamento e conclusão da causa da pregação da mensagem do advento.

Algumas características que um visitador deve possuir se tornam bem claras pela leitura dos escritos de Ellen G. White, apontadas, no entanto, como expectativa de Deus em relação a todos os cristãos, sejam ou não pastores. Sobre todos, o trabalho de visitar o rebanho e os interessados no estudo das Escrituras coloca-se como um mandato divino, mas uma responsabilidade ainda maior para todos os que foram chamados a exercer o ministério pastoral.

Vê-se ainda que a visitação deve ser utilizada pelos membros da igreja, tanto no tocante a que se visitem entre si, como também para que o façam a pessoas que ainda não possuem o conhecimento da verdade. A visitação é apontada por Ellen G. White como um importante método para se romper possíveis preconceitos de vizinhos e abrir corações levar-lhes o conhecimento da mensagem adventista.

O próximo capítulo procurará saber a opinião dos membros das igrejas sobre a visão que mantêm atualmente acerca da necessidade deste ministério.

CAPÍTULO III

A VISITAÇÃO SEGUNDO A OPINIÃO DA IGREJA

A Bíblia deixa claro que o ministério da visitação faz parte da missão da igreja, conforme Mateus 25:31-46. Os exemplos expressos na atuação sobrenatural de Deus e de inúmeros líderes de Israel, como juízes, profetas e reis no Antigo Testamento enfatizam esse grau de relevância da obra de visitação. Essa clareza da importância desta atividade para o ministério pastoral pode ser lida, principalmente, no exemplo normativo deixado por Jesus, e seguido pelos apóstolos no primeiro século da era cristã. O mesmo grau de significância desta obra aparece em tons nítidos na leitura dos escritos de Ellen G. White.

Ao observar-se, deste modo, o lugar de destaque da visitação para o ministério pastoral, como afirmado pela Bíblia e escritos de Ellen G. White, resta indagar qual a necessidade deste trabalho hoje para a igreja. Em busca desta resposta, o presente capítulo procura saber a importância presente da visitação para os adventistas do sétimo dia, considerando as dificuldades vividas pela igreja e as limitações impostas pelo agitado estilo de vida.

Com este objetivo em vista, foi realizada uma pesquisa de campo nas igrejas situadas nas seguintes cidades: Igreja central, na cidade de Monte Mor, com 68 membros batizados; igreja do Jardim Gênova, na cidade de Capivari, com 118 membros batizados; e, na cidade de São Paulo, a igreja Jardim Alto da Riviera, com 60 membros batizados. Considerando que as visitas pastorais são usualmente endereçadas às famílias, foram

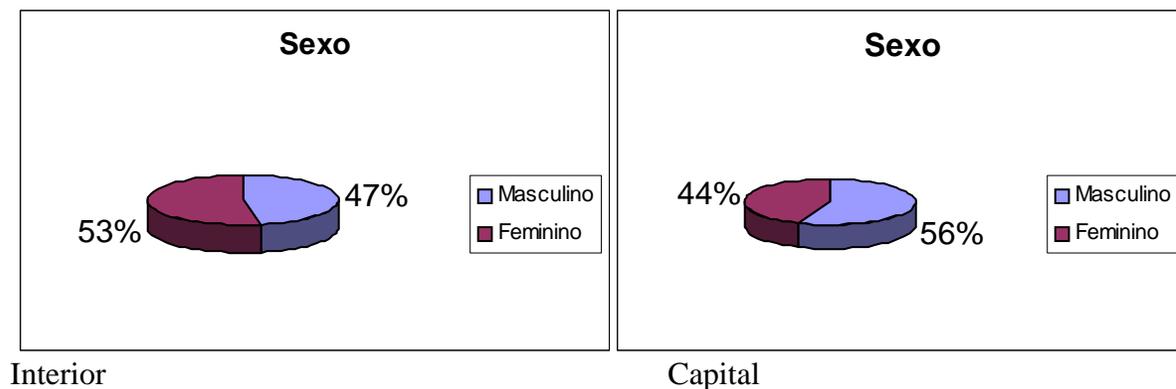
distribuídos questionários para um número de 90 famílias. Destes, um total de 75 questionários foram aproveitados para tabulação dos dados que figuram neste capítulo, o que indica um percentual de amostragem superior a 30% dos membros das igrejas. Para cada igreja acima mencionada, foram entregues, respectivamente, 20, 35, 20 questionários.

Através dos dados conseguidos pela leitura dos questionários aplicados e devolvidos, descobre-se qual a opinião dos membros das referidas igrejas com relação à necessidade e importância da visitação pastoral. O fato de figurarem na presente pesquisa duas igrejas interioranas e uma localizada na cidade de São Paulo é uma situação favorável para se perceber as diferenças de visão sobre o mesmo assunto.¹

A seguir, é apresentado o resultado da pesquisa, através de gráficos correspondentes ao conteúdo de cada pergunta do questionário e comentários explicativos.

Ao procurar identificar os membros batizados que responderam ao questionário constatou-se que o número de mulheres é superior (53%) nas igrejas do interior, fato talvez explicado pela facilidade de deslocamento dos homens em busca de oportunidades de trabalho na capital (56%).

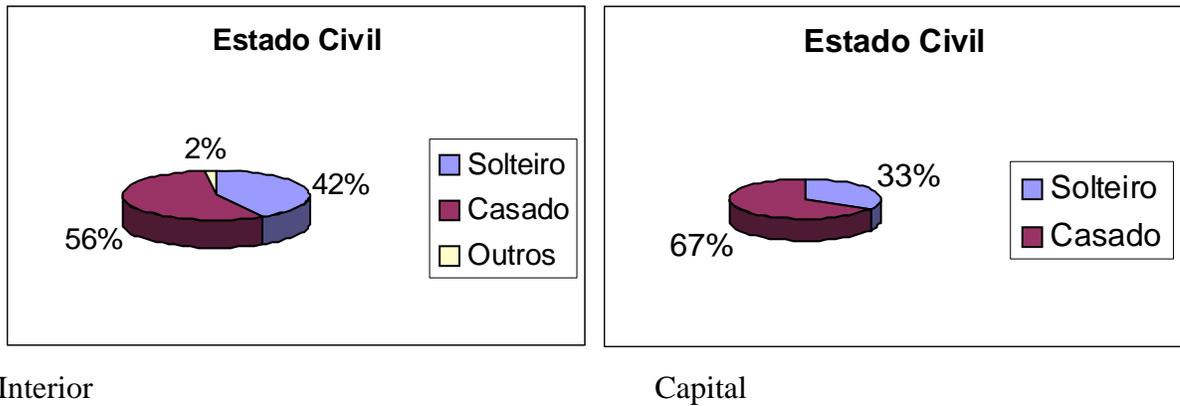
Gráfico 1 (Sexo)



¹ Ver modelo do questionário utilizado no anexo 1.

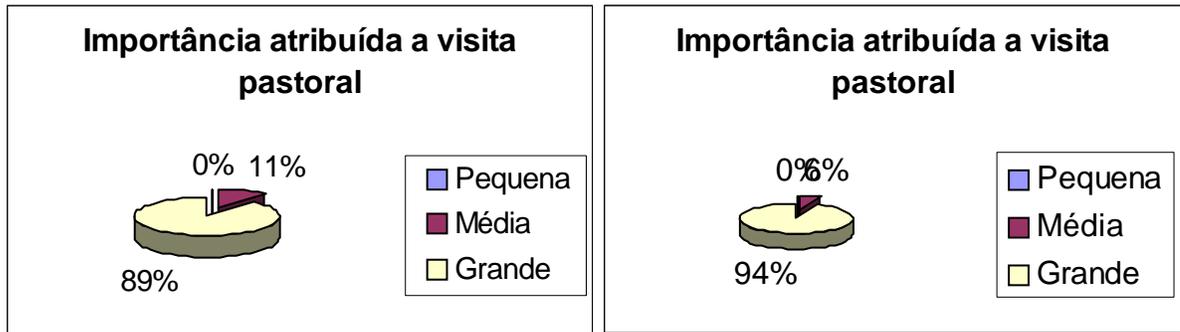
Na identificação do estado civil, percebe-se nas igrejas do interior um equilíbrio maior entre casados (56%) e solteiros (42%) do que na capital, onde 67% se declararam casados e apenas 33% são solteiros.

Gráfico 2 (Estado Civil)



A partir da resposta à terceira pergunta, começa-se a entrar na principal questão da pesquisa, ou seja, a importância atribuída à visita pastoral. Os números mostram que no interior (89%) atribuem grande importância a visita do pastor, mas um número maior ainda (94%) destaca a relevância deste trabalho na capital.

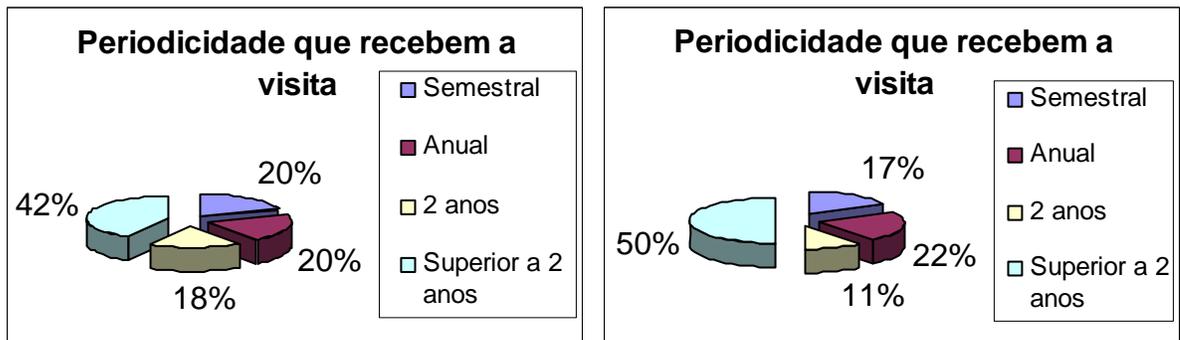
A explicação dessa atribuição de importância pode ser devido às necessidades pessoais de crescimento no campo da espiritualidade na qual o pastor pode auxiliar os membros de seus distritos pastorais. Outra explicação para a grande atribuição de importância da visita pastoral pode ser o desejo de novos conversos conhecerem pessoalmente o pastor de sua igreja, conforme visto nos dados seguintes.

Gráfico 3 (Importância atribuída à visita)

Interior

Capital

Apesar de, tanto na capital (50%) quanto no interior (42%), a maioria dos membros terem recebido a visita há mais de dois anos ou nunca receberam durante este período, a situação é de qualquer moda agravante para ambos tipos de igrejas –urbanas do interior ou da capital.

Gráfico 4 (Periodicidade em que os membros recebem a visita do pastor)

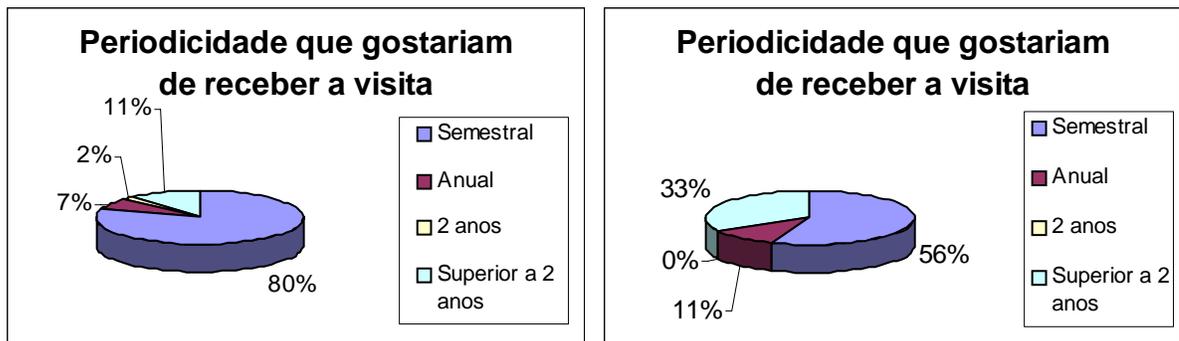
Interior

Capital

Há coerência entre a resposta anterior que informa a periodicidade da visita pastoral com a resposta seguinte que informa o desejo de parte dos membros de serem visitados pelo pastor em intervalos mais curtos. Em comparação com a periodicidade que os membros gostariam de receber a visita do pastor, a maioria informou que o melhor seria

ser visitado semestralmente, 80% no interior e 56% na capital. No entanto percebe-se em ambas as situações urbanas que a um contingente que deseja uma periodicidade acima de dois anos ou não sente a necessidade da visita pastoral.

Gráfico 5 (periodicidade em que os membros gostariam de receber a visita do pastor)

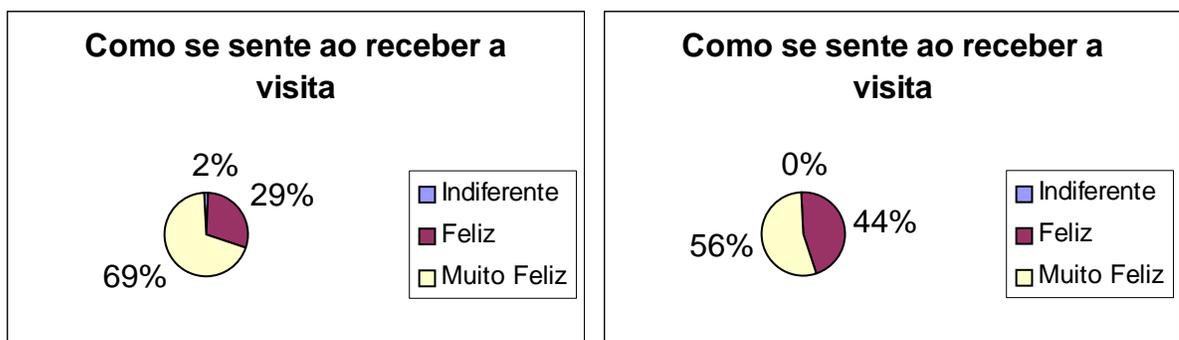


Interior

Capital

O gráfico 6 ilustra a resposta do membro da igreja em relação ao grau de satisfação ou de indiferença em relação à visita pastoral, variando da sensação de indiferença (2%) de felicidade (29%) e (69%) de maior felicidade, considerando-se as igrejas interioranas. Na capital, não há registro de indiferença (0%), o percentual de felicidade é maior do que do interior (44%), enquanto o de maior felicidade corresponde a um expressivo grupo majoritário da comunidade (56%).

Gráfico 6 (Como o membro se sente ao receber a visita do pastor)

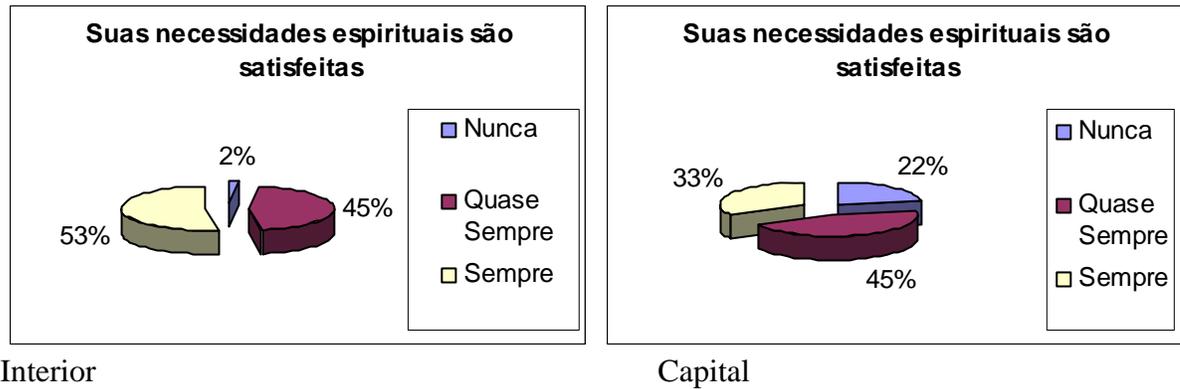


Interior

Capital

A seguir, a pesquisa procurou saber o grau de satisfação de necessidades pessoais sentido pelos membros ao receberem visitas pastorais. No interior, um grupo (53%) informa que sempre tem suas necessidades espirituais satisfeitas ao receber visitas do pastor, seguidos por aqueles (45%) que respondem com o “quase sempre”. A minoria restante (2%) dá sua resposta através do “nunca”. Esta minoria do interior torna-se bem mais expressiva na capital (22%). Os grupos seguintes respondem com “quase sempre” (45%) e “sempre” (33%).

Gráfico 7 (As necessidades dos membros são satisfeitas ao receber a visita pastoral)

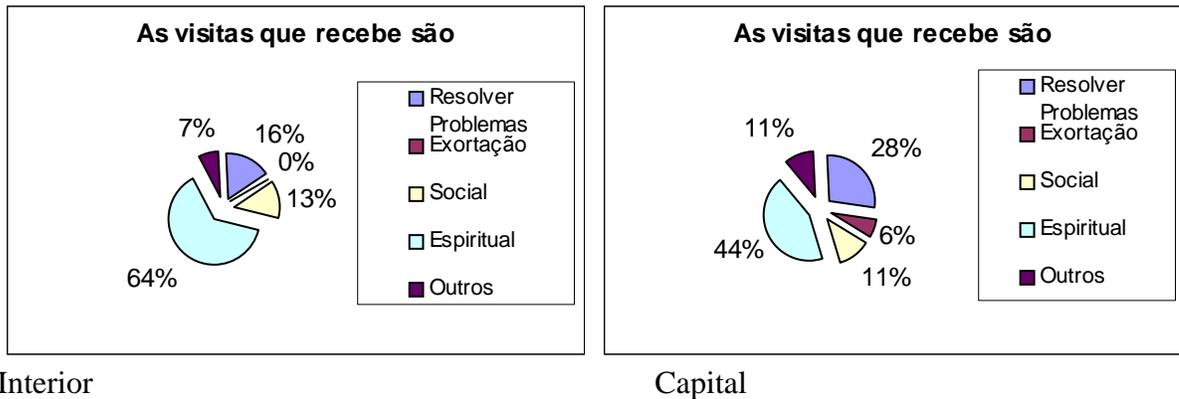


Na análise comparativa das respostas obtidas nos questionários, percebe-se que os 22% dos membros que informam nunca terem tido suas necessidades espirituais satisfeitas através da visitação pastoral corresponde àqueles que ou nunca receberam esta atenção por parte do pastor, ou tem dificuldade de perceber a visita como um fator de auxílio espiritual. Este ultimo grupo se compõe-se de pessoas na faixa etária entre 15 a 30 anos.

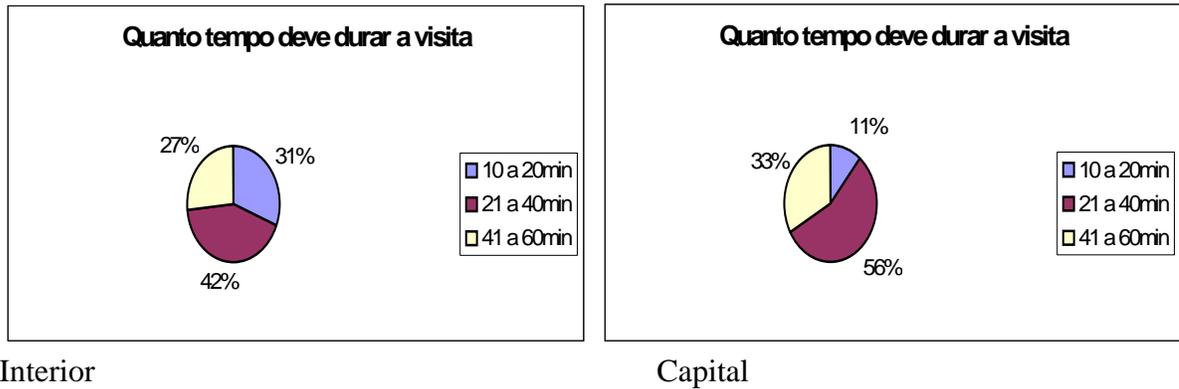
Os membros das igrejas interioranas informaram que as visitas recebidas são em grande maioria (64%) visitas espirituais, seguido de (16%) em resolução de problemas. Na capital, o percentual maior (44%) continuou sendo as visitas pastorais. Entretanto, percebeu-se que esta diminuição de 64% para 44% foi ocasionada por um aumento nas visitas para solução de problemas (28%).

Na análise dos questionários, observou-se que os membros mais jovens com idade entre 15 e 30 anos relataram que as visitas recebidas são geralmente para resolver problemas. Talvez o motivo pelo qual as necessidades espirituais desta faixa etária não estão sendo supridas será devido ao fato de os pastores visitarem estes membros mais jovens somente para resolver problemas e nunca para ajudá-los espiritualmente.

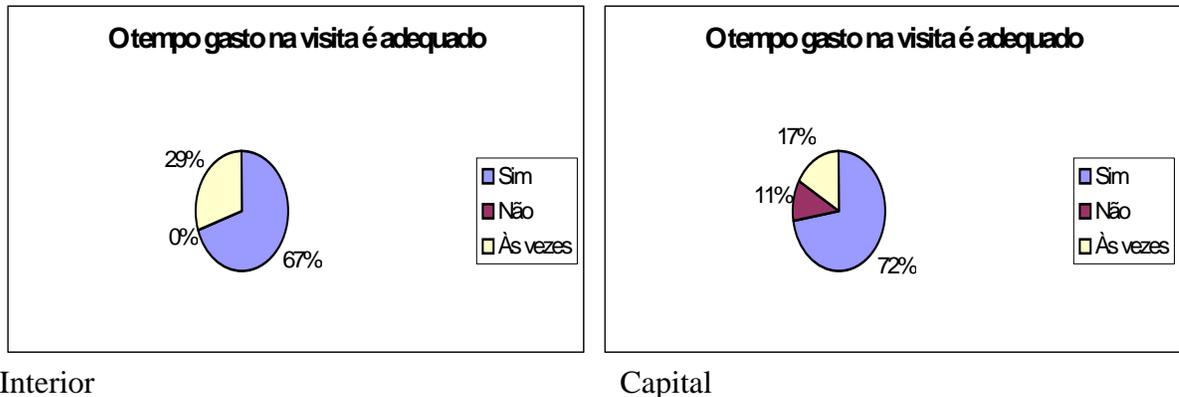
Gráfico 8 (As visitas que os membros recebem do pastor geralmente são para)



Ao informarem sobre o tempo ideal de duração de uma visita pastoral, os respondentes vararam as suas respostas entre 10 a 60 minutos no interior e na capital. No entanto a duração media aceitável que aponta a visita entre 21 a 40 minutos foi preferida por 42% no interior e 56% na capital.

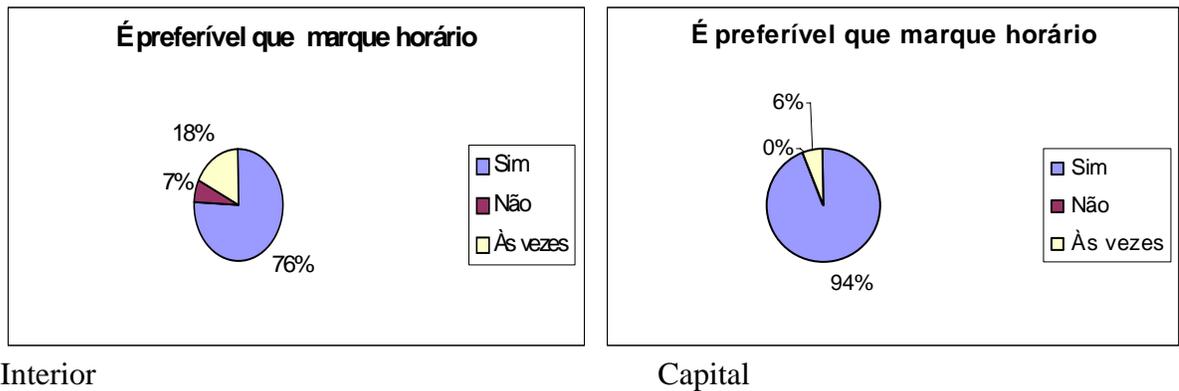
Gráfico 9 (Na concepção dos membros, quanto tempo deve durar a visita pastoral)

Os pastores tem tido bom senso quanto ao tempo de realização da visita, pois 67% dos respondentes no interior disseram que o tempo gasto é adequado e 72% deram a mesma resposta na capital.

Gráfico 10 (O tempo gasto pelo pastor na visita é adequado)

Ao se reportarem sobre sua preferência quanto à marcação de horário por parte do pastor para a realização da pesquisa os membros das igrejas em sua grande maioria responderam sim, tanto no interior (76%) como na capital (94%).

Gráfico 11 (É preferível que o pastor marque horário para a realização da visita)



Conclusão Parcial

Na análise dos gráficos mediante as respostas obtidas dos membros, observa-se que eles possuem uma grande necessidade de receberem a visita do pastor. Constatou-se que este ministério tem sido em grande parte negligenciado, ou não tem sido praticado regularmente, pois uma significativa percentagem de pessoas não recebeu a visita de seu pastor por um espaço igual ou superior a dois anos. Por outro lado, um grupo expressivo de membros das igrejas gostaria de que as visitas acontecessem dentro de uma periodicidade mais freqüente.

CONCLUSÃO

Conclui-se que o trabalho da visitação tem apontado e praticado por Deus pessoalmente e por profetas no Antigo Testamento, bem como por Jesus e os apóstolos, em seus respectivos ministérios. Portanto, tomando a iniciativa de Deus enquanto Visitador da raça humana é fundamento e motivação para o desempenho do ministério da visitação como tarefa de todos os que se sentem chamados a cuidar do rebanho de Deus.

Declarações de Ellen G White também sinalizam com clareza para a importância da obra da visitação desde o início do movimento adventista e permanece hoje como um ministério imprescindível para o andamento e conclusão da causa da pregação da mensagem do advento.

A pesquisa realizada nas igrejas selecionadas pelos autores deste trabalho aponta para grande importância da visita do pastor, segundo a opinião expressa dos membros daquelas comunidades da IASD. Ainda constatou-se que este ministério tem sido negligenciado, ou não tem acontecido de maneira adequada para alcançar e beneficiar a todos os que são objetos do cuidado pastoral.

Para o pastor, enquanto visitador, e para os membros das igrejas que o recebem, a visitação oferece comprovados benefícios espirituais que se refletem em resultados positivos para ministério pastoral, o desenvolvimento dos membros e da congregação. Visitar, além de ser parte da missão pastoral, é uma poderosa ferramenta para o próprio desempenho da missão da igreja.

Esta pesquisa não buscou a abrangência do tema em seus aspectos gerais, portanto é sugerido que outros trabalhos sejam realizados sobre a visitação, dando continuidade ao assunto, mas focalizando outros aspectos como:

- Visitação pastoral aos enfermos.
- Métodos da visitação pastoral.
- Como lidar com membros difíceis nas visitas pastorais.

BIBLIOGRAFIA

- Adams, Jay. *Shepherding God's Flock*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1974.
- Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. *Guia para ministros*. 5ª ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995.
- Champlin, R. N. *O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo*. São Paulo: editora e distribuidora Candeia, vol.2, 1997.
- Collins, Gary R. *Aconselhamento cristão*. São Paulo: Edição Vida Nova, 1984.
- Friesen, Albert. *O cuidado do Ser, treinamento em aconselhamento pastoral*. Curitiba: Editora evangélica Esperança, 2002.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio do Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- Gouveia, Éster. *A mulher e o ministério da visitação*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2002.
- Lepargneur, Hubert. *O enfermo, perspectivas pastorais*. CEPAS – Centro São Camilo de desenvolvimento em administração da saúde.
- Peterson, Eugene H. *Five Smooth Stones for Pastoral Work*. Grand Rapids, MI: W. B. Eerdmans, 1980.
- Rocha, José Miranda. *De casa em casa*. Revista Ministério maio/junho, 1998.
- Sisemore, Juan.T. *O Ministério da Visitação*. Rio de Janeiro: Juerp, 4ª ed., 1990.
- Turner, Donald T. *A prática do pastorado*. Brooklin – SP: Imprensa Batista Regular 165-166, 1989.
- Vassão, Eleny. *No leito da enfermidade*. Cambuci – SP: Editora Cultura Cristã, 4ª ed., 2002.
- Vila, Samuel. *Manual de visitacion pastoral*. Terrassa – Espanha: Talleres Gráficos, 1981.
- Young, Jack. *Cuidados pastorais em horas de crise*. Brasil: 3ª ed, convenção batista brasileira, 1991.
- Wagner, Glenn. *Igreja S/A*. São Paulo: Editora Vida, 2003.

- White, Ellen G. *Mente caráter e personalidade*. Tatuí – SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- _____. *O desejado de todas as nações*. Tatuí – SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- _____. *Ciência do bom viver*. Tatuí – SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- _____. *Testemunhos Seletos*. Tatuí – SP: Casa Publicadora Brasileira, vol. 2, 2001.
- _____. *Obreiros Evangélicos*. Tatuí – SP, Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- _____. *Eventos finais*. 10ª ed. Tatuí – SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- _____. *Evangelismo*. Tatuí – SP: Casa Publicadora Brasileira, 3ª ed., 1997.
- _____. *Educação*. Tatuí – SP: Casa Publicadora Brasileira, 6ª ed. 1996.
- _____. *Beneficência Social*, 3ª ed. Tatuí – SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996.
- _____. *O Grande Conflito*. Tatuí – SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988.
- _____. *Colportor Evangelista*. Santo André – SP: Casa Publicadora Brasileira, 7ª ed., 1983.
- _____. *Conselhos sobre Escola Sabatina*. Tatuí – SP: Casa Publicadoa Brasileira, 2001.
- _____. *Conselhos sobre regime alimentar*. Santo André – SP: Casa Publicadora Brasileira, 2ª ed., 1975.
- _____. *Testimonies for the church*. Califórnia, USA: Pacifc Press Publissing Association, Vol.9, 1948.

ANEXO 1

Questionário

1 – Sexo

Masculino Feminino

2 – Idade

15 a 25 26 a 35 36 a 45 Maior que 46

3 – Estado Civil

Solteiro Casado Outros

4 – Qual é a importância que você atribui à visita pastoral?

Pequena Média Grande

5 – Qual a periodicidade que você recebe a visita do pastor?

Semestral Anual 2 anos Superior a 2 anos
ou nunca recebeu

6 – Qual a periodicidade que você gostaria de receber a visita do pastor?

Semestral Anual 2 anos Superior a 2 anos
ou nunca recebeu

7 – Como você se sente ao receber a visita do pastor?

Indiferente Feliz Muito Feliz

8 – Suas necessidades espirituais são satisfeitas ao receber a visita pastoral?

Nunca Quase sempre Sempre

9 – As visitas que você recebe são geralmente para:

Resolver problemas Exortação Social
 Espiritual Outros

10 – Para você, quanto tempo deveria durar a visita pastoral?

10 a 20 minutos 21 a 40 minutos 41 a 60 minutos

11 – O tempo gasto pelo pastor na visita é adequado?

Sim Não Às vezes

12 – É preferível que o pastor marque horário para realizar a visita?

Sim Não Às vezes

ANEXO 2

Ficha de Visitação Pastoral

Igreja _____

Nome do membro _____ Batismo ___/___/___

Endereço _____ Fone: _____

Recebido na igreja em _____ ___/___/___

Membros da família:

1) _____

2) _____

3) _____

4) _____

Devoção pessoal:

Bíblia Hinário Lição Escola Sabatina

Devoção Matinal Revista Adventista

Livros de Ellen G. White: Quantos têm: _____ Quantos leu: _____

Atividades missionárias (interessados): _____

Aptidão (Dom Espiritual): _____

Mordomia

1) Dízimo _____

2) Pacto _____

Assinatura _____ Data ___/___/___

Assinatura _____ Data ___/___/___

Assinatura _____ Data ___/___/___

Assinatura _____ Data ___/___/___

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2005

BREVE ANÁLISE DO PROGRAMA JOVEM ADVENTISTA À LUZ DOS SEUS OBJETIVOS FILOSÓFICOS E TEOLÓGICOS

Elison Pereira da Silva e Wiliam Gomes Ferreira

Bacharéis em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP

TCC apresentado em outubro de 2005

Orientador: Emilson dos Reis, MTP

elisonps@ig.com.br / wgofer@hotmail.com

RESUMO: O objetivo desse trabalho é verificar se o culto semanal promovido para os jovens adventistas tem alcançado os objetivos idealizados pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. Para tanto, foram entrevistados jovens de 16 a 30 anos, de três congregações das cidades de Piracicaba e Limeira, no interior do Estado de São Paulo. A conclusão do trabalho é que existe uma distância entre o que a filosofia do ministério jovem adventista, “salvação e serviço”, e a prática das programações voltadas para os jovens. Parece que no afã de fidelizar a presença dos jovens na igreja, os líderes locais têm optado por uma programação mais voltada ao entretenimento.

PALAVRAS-CHAVE: programa J.A., ideais, ministério jovem, entretenimento, Igreja Adventista.

A brief analysis of adventist youth church meeting on the light of its philosophical and theological goals

ABSTRACT: The objective of this research was to verify if the weekly worship promoted for the Adventist youth is reaching the goals idealized by the Seventh-day Adventist Church. Young adventists between ages 16 and 30 were interviewed. They belonged to three churches located in the cities of Piracicaba and Limeira, in the State of São Paulo, Brazil. The conclusion reached is that it exists a noticeable distance between the goals posited by the philosophy of the Adventist Youth Ministry, i.e. that of “salvation and ministry”, and the actual practice that takes place in programs that target the young people. It seems that, in the quest to attract young people to church, local youth leaders have opted for programs that emphasize in advantage entertainment.

KEYWORDS: Adventist youth program, ideals, Youth Ministry, entertainment, Adventist Church.

Centro Universitário Adventista de São Paulo – Campus EC
Curso de Teologia

BREVE ANÁLISE DO PROGRAMA JOVEM ADVENTISTA À LUZ DOS SEUS
OBJETIVOS FILOSÓFICOS E TEOLÓGICOS

Um Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado em Cumprimento Parcial da
Disciplina TCC

Por

Wiliam Gomes Ferreira e Elison Pereira da Silva

Outubro de 2005

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| Capítulo | |
| I. O DEPARTAMENTO J.A. | 4 |
| Origem e Desenvolvimento..... | 4 |
| Primeiras Reuniões dos Jovens | 5 |
| Organização da Sociedade de Jovens | 6 |
| Formação do Departamento de Jovens | 7 |
| Acampamento de Jovens | 8 |
| O Congresso Jovem | 8 |
| O Programa de Estudantes Missionários | 9 |
| História das Classes J.A. | 9 |
| Ideais | 11 |
| Objetivo | 11 |
| Alvo | 11 |
| Lema | 12 |
| Voto | 12 |
| II. ESTUDO ANALÍTICO DA PESQUISA | 14 |
| Análise do Perfil do Grupo Pesquisado | 14 |
| Faixa Etária..... | 15 |
| Escolaridade | 15 |
| Tempo de Adventista | 16 |
| A Programação J.A. Atual | 17 |
| III. DIAGNÓSTICO E ALGUMAS SUGESTÕES | 27 |
| Diagnóstico da Programação Jovem da IASD | 27 |
| Algumas Sugestões | 31 |
| CONCLUSÃO | 34 |

| | |
|-----------------------------------|----|
| APÊNDICES | 36 |
| A - Pesquisa de Campo | 36 |
| B – Gráficos com Frequência | 37 |
| | |
| BIBLIOGRAFIA | 48 |

INTRODUÇÃO

Problema

A programação J.A. tem alcançado os objetivos expressos nos ideais do Ministério Jovem?

Delimitação

Será analisado o contexto atual da programação J.A. da Igreja Adventista do 7º Dia (IASD), envolvendo os jovens (16 a 30 anos). Essa pesquisa se restringirá a: IASD Central de Piracicaba; IASD Central de Limeira e IASD Gustavo Piccinine (Limeira).

Justificativa

É um verdadeiro desafio para a liderança jovem manter um ministério que satisfaça as necessidades e demandas sempre variáveis desta faixa etária. Num esforço de atrair a juventude muitos, freqüentemente, decidem proporcionar-lhes uma programação de entretenimento na esperança de que eles passem desta fase e canalizem suas ilimitadas energias para algo mais útil e significativo. No entanto, isto nem sempre corresponde a realidade.

De acordo com o Manual do Ministério Jovem da Divisão Sul-Americana da IASD¹, “o ministério jovem não é algo que existe ao lado do ministério da igreja. É parte integral da igreja e de seu ministério. Sua filosofia é baseada nos mesmos princípios que sustentam o ministério de toda a igreja.” Deve ser um ministério voltado para comunhão e missão. Desta forma, os programas J.A. não têm cumprido seu papel dentro do ministério da igreja.

Diante desse panorama, é de vital importância um estudo que venha ao encontro dessas inquietações e que se proponha a discutir causas e soluções viáveis para que o ministério jovem cumpra sua missão.

Objetivos

Objetivo Geral: Estabelecer um paralelo entre os ideais do ministério jovem e o contexto atual que envolve a programação J.A.

Objetivos específicos:

1. Pesquisar a origem e desenvolvimento do departamento J.A., bem como, seus ideais e propósitos.
2. Descrever a programação J.A. atual.
3. Analisar os programas J.A. na ótica dos jovens.

¹ *Manual do Ministério Jovem*, 1ª ed. (Brasília, D.F: Divisão Sul Americana da IASD, 1992), 10.

4. Propor discussões sobre as possíveis causas e soluções viáveis para um ministério jovem que cumpra sua missão

Metodologia

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e será realizada através da leitura bibliográfica pertinente e de pesquisa de campo, cujos dados serão coletados por meio de entrevistas, questionários e observações. O processo de análise dos dados será organizado através da tabulação de resultados, cálculos estatísticos, comparação de respostas e interpretação do conteúdo coletado.

CAPÍTULO I

O DEPARTAMENTO J.A.

Este capítulo apresenta um resumo da origem e desenvolvimento do Ministério Jovem a fim de se identificar e extrair seus propósitos para o programa J.A. atual.

Origem e Desenvolvimento

Bem no começo da história dos adventistas do sétimo dia, a escola sabatina, organizada pela primeira vez em 1852, ofereceu orientações sobre o que a organização faria para o cuidado do desenvolvimento espiritual das crianças e jovens. O companheirismo social, no contexto da instrução religiosa dirigida por pessoas nomeadas pela congregação, encorajava os jovens a levarem a sério a vida cristã.¹ As primeiras lições preparadas para os jovens apareceram no Youth's Instructor, uma revista publicada a partir de 1852, por Tiago White. Essas lições deram impulso para que surgisse um ministério adventista em favor dos jovens. Repetidos apelos vieram através dos escritos de Ellen White para que todos os jovens se organizassem em um “exército” que ajudasse a terminar a obra de levar a

¹ *Manual do Ministério Jovem*, 1ª ed. (Brasília, D.F., Divisão Sul Americana da IASD: 1992), 05.

mensagem adventista ao mundo. Ela declarou que “cada jovem, cada criança, tem uma obra a fazer para honra de Deus e erguimento da humanidade.”¹

Primeiras Reuniões dos Jovens

A primeira organização jovem numa igreja adventista local começou em 1879, quando Harry Fenner, de 16 anos, e Luther Warren, de 14, organizaram reuniões apenas para rapazes, em Hazelton, Michigan. As reuniões eram realizadas num pequeno cômodo da casa dos pais de Luther. O propósito deste primeiro grupinho de jovens era promover o trabalho missionário, levantar fundos para a literatura missionária e promover a causa da temperança. Mais tarde, as moças foram convidadas à participar, e as reuniões eram realizadas no grande salão de uma casa, com alguns dos membros adultos da família. Uma descoberta interessante sobre essa primeira organização jovem é que a idéia, embora concebida pelos rapazes, foi na realidade originada pela preocupação dos pais da igreja de Hazelton. Os velhos livros de registro da igreja indicam que numa comissão os pais discutiram como poderiam ajudar seus jovens, e perguntou-se ao irmão Fenner e outros como encorajar os rapazes e as moças.²

¹ Ellen G. White, *Educação*, 5ª ed. (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1977), 57.

² Artur Marski, *Análise do Encontro Semanal dos Jovens Adventistas nas Igrejas da União Sul-Brasileira da IASD e uma Proposta Alternativa do seu Conteúdo Programático*. Dissertação de Mestrado. (São Paulo, SP: Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, 1984), 9-11.

Um apelo do Espírito de Profecia para que a igreja fizesse algo por seus jovens foi escrito de Melbourne, Austrália, em 19 de dezembro de 1892. Dizia:

Temos um exército de jovens hoje que pode fazer muito se for adequadamente dirigido e encorajado. Queremos que nossos filhos creiam na verdade. Queremos que sejam abençoados por Deus. Queremos que desempenhem uma parte nos bem-organizados planos para ajudar outros jovens. Sejam todos treinados de tal forma que possam representar corretamente a verdade, dando a razão da esperança que há neles, e honrando a Deus em qualquer ramo da obra em que estejam habilitados a trabalhar¹.

Organização da Sociedade de Jovens²

Em 1891, uma sociedade de jovens foi organizada em Antigo, Wisconsin, sob a liderança do jovem Meade MacGuirre, com o encorajamento do ancião local que ajudou a obter um voto de aprovação da igreja local. Em 1893, foi organizada em Lincoln, Nebraska, a Sociedade de Serviço Cristão dos Jovens. Seus objetivos eram: aumentar a espiritualidade dos jovens, sua participação em todas as atividades missionária através dos canais de trabalho existentes, e sua elevação a um plano mais alto de viver e pensar.

A Associação de Ohio foi a primeira a organizar o trabalho de jovens oficialmente em abril de 1899. Em 1901, os jovens de Sigouney se organizaram em Iowa. Anos mais tarde, alguns grupos foram às terras de além-mar como missionários, um para Portugal e dois para a China. Neste mesmo ano, uma sociedade de jovens foi organizada em Des Moines, e pouco tempo depois a obra se expandiu em Iowa até atingir 14 sociedades com 186 jovens como membros.

¹ Ellen G. White, *General Conference Bulletin*, (Melbourne, Austrália: 29 e 30 de janeiro de 1893), 24.

² *Manual do Ministério Jovem*, 6 e 7.

No mesmo ano, a Associação Geral tomou medidas para a formação de uma organização de jovens oficial, aprovando o conceito da sociedade de jovens e recomendando que fosse formada uma comissão para estabelecer um plano de organização. Solicitou-se ao Departamento da Escola Sabatina, dirigido pela Sra. Flora Plummer, que cuidasse da obra entre os jovens a nível de Associação Geral. A Sra. Plummer ficou com essa responsabilidade até 1907.

Formação do Departamento de Jovens¹

O Concílio da Associação Geral realizado em Gland, Suíça, no início da primavera de 1907, aprovou a formação de um Departamento de Jovens na Associação Geral e elegeu M. E. Kern como diretor e Matilda Erickson como secretária. No verão daquele mesmo ano, cerca de 200 obreiros representantes se reuniram em Mount Vernon, Ohio, para uma convenção de jovens a fim de escolher um nome para o departamento e elaborar outras recomendações.

O nome finalmente escolhido para o departamento foi o Departamento dos Missionários Voluntários dos Jovens Adventistas do Sétimo Dia. Através dos anos ele passou a ser conhecido como o “Departamento MV”, e a organização de jovens da igreja local foi denominada a “Sociedade MV”. As reuniões públicas dos jovens passaram a ser designadas como Programas MV.” Os delegados do Concílio Outonal de 1920 votaram acrescentar um secretário (diretor) ao Departamento de Jovens da Associação Geral,

¹ Ibid., 7.

e elegeram Harriet Holt como secretário MV associado para promover a Sociedade de Missionários Voluntários Juvenis. Um ano mais tarde, este programa começou a ser promovido em todo o mundo.

O Acampamento dos Jovens¹

A Primeira Guerra Mundial retardou temporariamente o desenvolvimento do ministério com os jovens, mas depois da guerra os líderes de jovens adventistas usaram histórias, passeios a pé, jogos, artes, trabalhos manuais e acampamentos para atingir as necessidades dos jovens. Em 1922, foram introduzidas as Classes MV, e em 1928 foi iniciado um curso de treinamento para Líderes. Em 1926, em Twinline Lake, Michigan, Grover Fattic dirigiu o primeiro acampamento MV oficial realizado por uma Associação.

O Congresso Jovem²

O primeiro congresso jovem MV aconteceu em 1928 em Chemnitz, Alemanha, na Divisão Central-Européia, quando Steen Rasmussen era o líder dos jovens. O primeiro congresso de jovens da Divisão Norte-Americana, realizada em São Francisco em 1947, com E. W. Dumbler como diretor mundial dos jovens, atraiu milhares de jovens. Em 1969 o primeiro Congresso Mundial de Jovens foi realizado em Zurich, Suíça, quando Theodore Lucas era o diretor mundial de Jovens.

¹ Ibid., 8.

² Ibid.

Em 1972 o nome foi mudado para Departamento Jovem dos Missionários Voluntários, e os secretários MV das Associações receberam o título de diretores de jovens. Em 1978, o nome foi novamente mudado para Jovens Adventistas.

O Programa de Estudantes Missionários¹

O programa de estudantes missionários se iniciou em 1959 quando um estudante voluntário, patrocinado pela sociedade MV do colégio em que estudava, deixou o Colúmbia Union College para passar um verão no México. Alguns anos mais tarde o Departamento de Jovens e a Secretaria da Associação Geral assumiram a responsabilidade de manter o crescente programa e votaram regulamentos operacionais para dirigir seu funcionamento em todo mundo. Durante os anos subseqüentes milhares de estudantes missionários têm prestado serviços ao redor do mundo. Hoje, colégios adventistas de muitas divisões mundiais enviam dezenas de estudantes para servir neste esforço missionário de jovens.

História das Classes J.A²

À medida que os jovens se engajavam em atividades da Sociedade dos Missionários Voluntários Juvenis, alguns líderes sentiram a necessidade de ajudá-los a desenvolver um caráter cristão forte e a se prepararem para dar um testemunho eficaz de

¹ Ibid., 9.

² Ibid., 9 e 10.

forma que soubessem como fazer trabalho missionário. Os líderes estudaram as possibilidades, inclusive muitas sugestões úteis do Espírito de Profecia.

A partir desse estudo e através da observação de organizações similares que estavam emergindo naquela época, surgiu um sistema de classes. Os requisitos das classes incluíam o estudo da Bíblia e da Natureza, habilidades domésticas, atividades ao ar livre, primeiros socorros, saúde pessoal e familiar, aptidão física, serviço em favor da comunidade, e muitas formas diferentes de testemunho.

Durante a sessão da associação Geral em São Francisco, Califórnia, na primavera de 1922, a obra da Sociedade de Missionários Voluntários Juvenis foi grandemente fortalecida pela adição do que havia se tornado conhecido como Classes Progressivas. Na época, existiam dez classes, e os líderes de jovens retornaram a seus respectivos postos por todo o mundo trazendo nova inspiração aos jovens de muitas terras por onde o programa havia se espalhado.

O Concílio Outonal de 1927 da Associação Geral, em Chattanooga, Tennessee, ampliou as classes progressivas para três (Amigo, Companheiro e Camarada), destinadas aos juvenis e uma para os jovens e adultos. C. Lester Bond entrou para o Departamento MV da Associação Geral em 1928, e mais dois programas surgiram naquele ano - as insígnias MV e a Classe dos camaradas – Líderes – desenvolvida para jovens e adultos “que desejavam preparar-se para a liderança dos juvenis”. Os primeiros Camaradas – Líderes foram investidos em 1931.¹

¹ Ibid.

As Classes Progressivas MV (mais tarde JA) tinham o objetivo de ajudar os jovens física, mental, espiritual e socialmente e se provaram um fator decisivo na formação do caráter, tornando-se uma bênção na vida de milhares. A formação da Sociedade MV foi o início da resposta da igreja ao apelo inspirado de “fazer algo pelos jovens”. Também foi a resposta à necessidade dos jovens de envolvimento em atividades da igreja espiritualmente estimulantes.

Ideais dos Jovens Adventistas¹

Os ideais dos Jovens Adventistas são formados pelo Objetivo, Alvo, Lema e

Voto:

Objetivo

“Salvar do Pecado e Guiar no Serviço.” Trabalhando em favor de outros jovens, da igreja e de seu próximo eles serão beneficiados.

Alvo

O alvo é: “A Mensagem do Advento a todo o Mundo nesta Geração”. “A Mensagem do Advento” é o que os jovens levarão. Eles serão os veiculadores desta mensagem. Aonde ou a quem esta mensagem deverá ser levada? “A Todo o Mundo”,

¹ *Enciclopédia J.A.*, Um projeto do Departamento J.A da Divisão Sul Americana da IASD (Silcolor Gráfica e Editora: 1999), 99-101.

e quando será levada? “Nesta Geração”. Percebemos aqui uma preocupação da Sociedade Jovem com a missão da Igreja num âmbito global, irrestrito e urgente.

Lema

O Lema é: “O Amor de Cristo nos Constrange”. Este lema reflete o sentimento do apóstolo Paulo registrado em 2 Coríntios 5:14. É esse amor de Cristo que nos garante a vitória, pois se trata de um amor verdadeiro, transparente e incondicional. Por meio deste lema aliado aos objetivos e ao alvo é que os jovens adventistas são inspirados a seguirem avante na busca de almas para o reino de Deus.

Voto

O Voto é: “Amando o Senhor Jesus, prometo tomar parte ativa nos deveres da sociedade de jovens, fazendo o que puder para ajudar a outros e para terminar a obra do evangelho em todo o mundo.”

“Amando o Senhor Jesus.” O valor do serviço para o Mestre é medido pelo amor e dedicação com que os jovens adventistas O servem.

“Tomar parte ativa nos deveres da sociedade J.A”. Isso significa envolvimento nas atividades da sociedade J.A., bem como nos esforços missionários que ela promover.

“Fazendo o que puder para ajudar os outros.” Prontidão e dedicação em favor dos outros, isto é, fazer o melhor por uma causa, esforçando-se ao máximo para ajudar em todas as fases de atividade dentro da sociedade J.A. e da igreja.

“E para terminar a obra do evangelho em todo o mundo.” Os jovens adventistas podem ajudar de quatro maneiras diferentes a completar a tarefa vivendo uma vida consagrada; colocando-se à disposição de servir, sempre que surgir uma oportunidade; orando pela obra do Senhor; dando, com sacrifício, de seus próprios recursos financeiros para disseminar o Evangelho e terminar a obra de Senhor. Ingressam, assim, na verdadeira mordomia, dando seu tempo, talentos, tesouros e a si mesmos.

Concluindo, verificou-se através dessa breve análise histórica, que o principal objetivo da sociedade de jovens era o estudo da Bíblia e o testemunho missionário. O Manual da IASD, baseado nesses ideais, apresenta com muita propriedade, um direcionamento para a programação J.A.:

Nenhuma Sociedade de Jovens alcançará êxito se seu objetivo principal consistir em apresentar programas de entretenimento. Toda Sociedade, exceto as muito pequenas, deve estar integrada de grupos de serviço missionário e desta maneira a Sociedade pode prestar serviço mais completo à comunidade e ao mesmo tempo dar a cada membro melhor preparo.¹

¹ Manual da Igreja, (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1970), 124.

CAPÍTULO II

ESTUDO ANALÍTICO DA PESQUISA

Objetivando conhecer a realidade da programação J.A. atual, foi feita uma pesquisa de campo¹ com cerca de 45 jovens de três igrejas: IASD central de Piracicaba, IASD central de Limeira e a IASD do bairro Gustavo Piccinine, em Limeira. Este capítulo analisará os resultados obtidos.

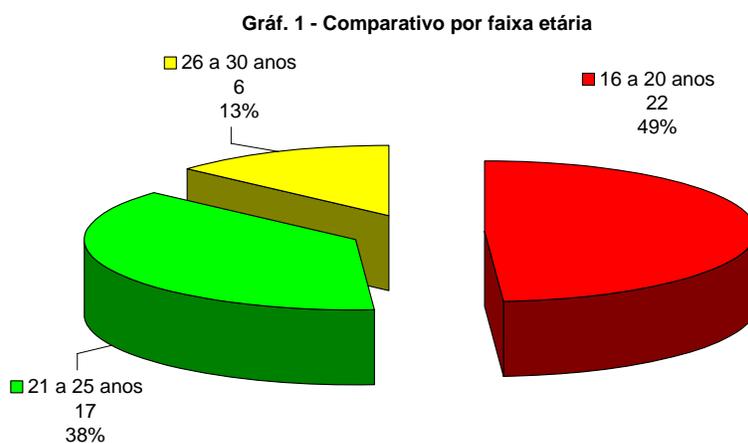
Análise do Perfil do Grupo Pesquisado

Dentre os itens mais relevantes destaca-se a faixa-etária, a escolaridade e o tempo de adventista. Os dados coletados pela pesquisa foram tabulados, agrupados e transformados em gráficos. Logo, não será analisado o grupo e a programação J.A. por igreja, mas de forma geral. Para facilitar a compreensão, os gráficos virão logo abaixo da análise e o valor sobre cada fatia do gráfico (tipo pizza) corresponde ao número de pessoas que responderam a questão. A porcentagem virá logo abaixo desse número.

¹ Para maiores detalhes sobre a pesquisa, consultá-la no Apêndice A, pesquisa de campo.

Faixa Etária

Dos 45 jovens pesquisados, 49% estão na faixa dos 16-20 anos; 38% tem entre 21-25 anos e finalmente 13% tem entre 26 a 30 anos. De acordo com o Manual do Ministério J.A.¹, o grupo considerado jovem está na faixa dos 16 a 30 anos. O gráfico abaixo revela que 100% dos envolvidos nesta pesquisa são jovens dentro dessa faixa etária.

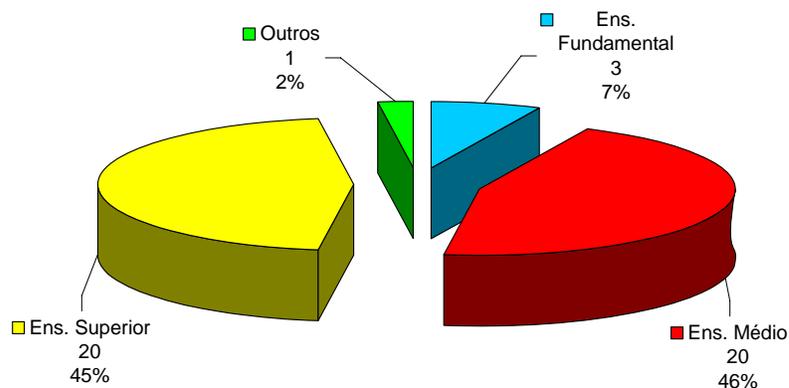


Escolaridade

Em relação ao grau de escolaridade, dos 44 jovens que responderam a questão, 9% cursam até o Ensino Fundamental, 46% cursam o Ensino Médio e 45% cursam o Ensino Superior. Um dado importante a ressaltar é que 91% desses jovens possuem o grau de escolaridade do ensino médio ao superior.

¹ *Manual do Ministério Jovem*, 05.

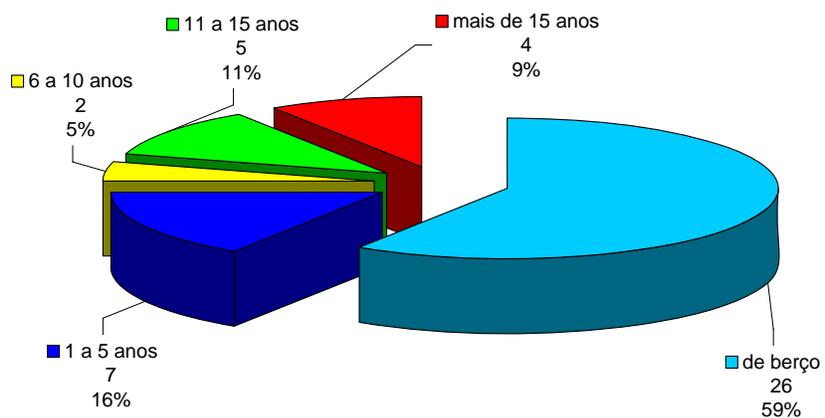
Gráf. 2 - Comparativo por grau de Escolaridade



Tempo de Adventista

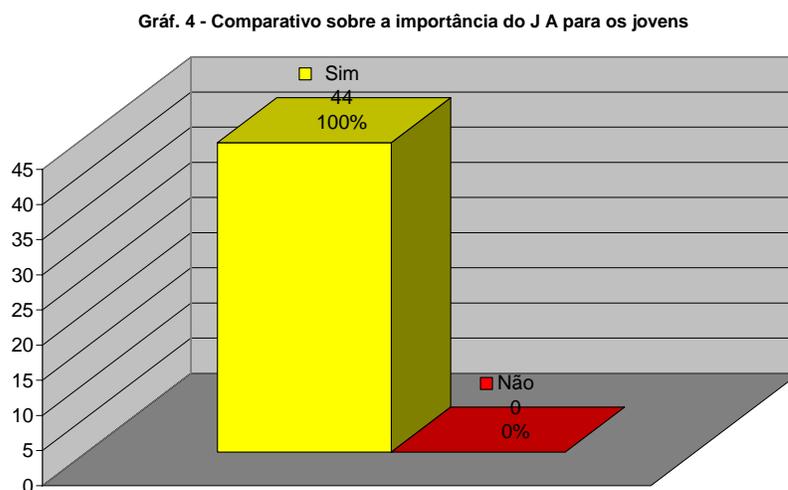
Dos 44 jovens pesquisados, 59 % são adventistas de berço; 16 % são adventistas de 1 a 5 anos; 5% são adventistas entre 6-10 anos; 11% são adventistas entre 11-15 anos e 9% tem mais de 15 anos de adventismo. Esses dados demonstram que mais da metade dos pesquisados são jovens nascidos em um lar adventista.

Gráf. 3 Comparativo em relação ao tempo de adventista



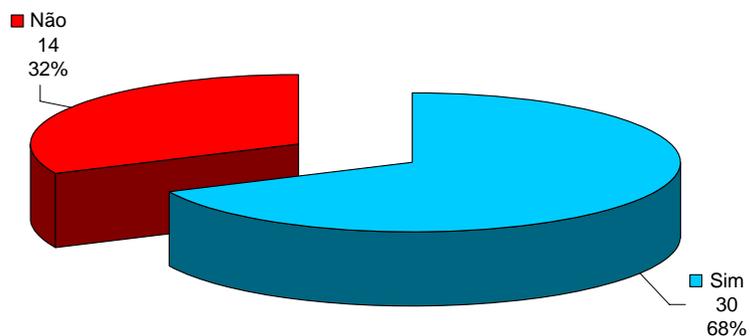
A Programação J.A. Atual

Dos 44 jovens pesquisados, 100% consideraram a programação J.A. importante para eles e para a igreja. Descobrir em que sentido ela é importante, será possível pela análise dos próximos gráficos. No entanto, o gráfico abaixo revela que o público jovem, de forma unânime, agrega importância à programação J.A. para a vida deles e para a vida da igreja.



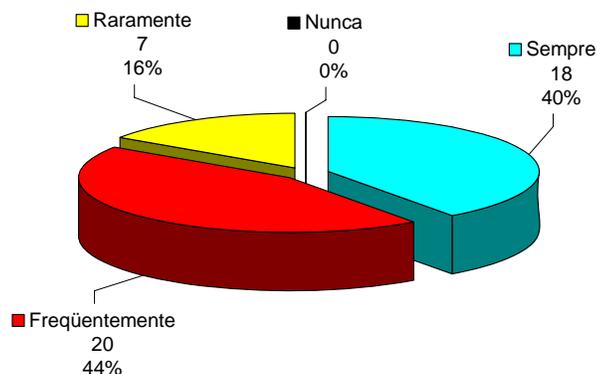
Quando perguntados sobre o conhecimento a respeito dos ideais J.A., 68% responderam que sim e 32% afirmaram que não conheciam. O primeiro capítulo apresentou que os ideais são compostos pelo objetivo: “Salvar do pecado e guiar no serviço”; Alvo: “A mensagem do advento a todo o mundo nesta geração” e o lema: “O amor de Cristo nos constrange”. Esses ideais falam de serviço e pregação. Percebe-se, por esses dados, que a maioria dos jovens demonstram conhecer os objetivos e filosofia do ministério jovem.

Gráf. 5 - Comparativo sobre os ideais, lema e voto JA



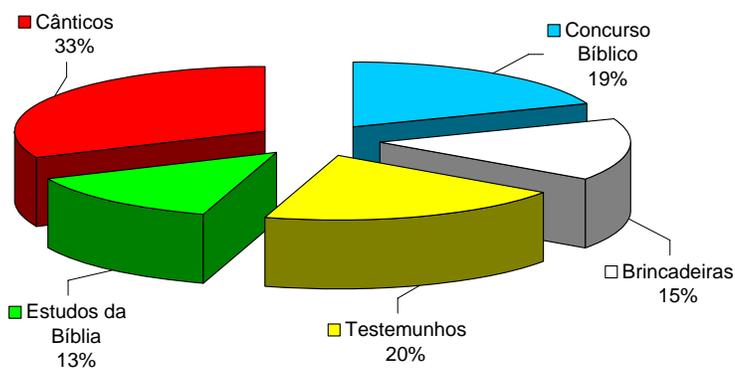
Sobre o uso da Bíblia no programa J.A., 40% responderam que sempre ela é usada; 44% responderam que ela é usada com freqüência e 16% disseram que raramente a Bíblia é usada na programação. Verificando os dois primeiros índices, é possível perceber que a maioria dos jovens (84%) tem notado a freqüência do uso da Bíblia na programação J.A. atual. A maneira e a dimensão em que a Bíblia é usada na programação talvez seja superficial, pois não está satisfazendo os 16% dos jovens que responderam que ela é raramente utilizada.

Gráf. 6 - Comparativo sobre o uso da Bíblia no JA



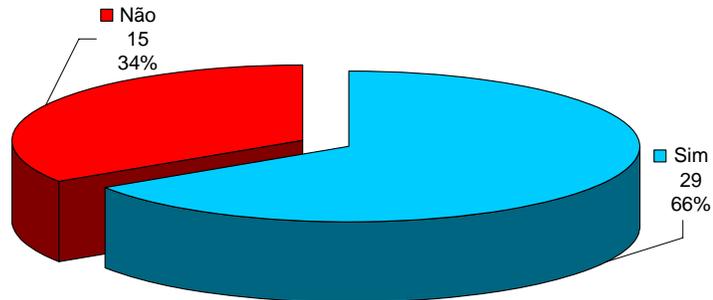
Quando perguntados sobre o que mais eles apreciavam na programação J.A. 33% responderam que apreciam mais os Cânticos; 20% apreciam os Testemunhos; 19% apreciam os Concursos Bíblicos; 15% apreciam as Brincadeiras e em último lugar 13% apreciam o Estudo da Bíblia. Sendo essa a apreciação dos jovens (72%), não será esse o motivo pelo qual muitos líderes, com o objetivo de manter um ministério que satisfaça essas necessidades, num esforço de atrair a juventude, estão decidindo proporcionar-lhes uma programação mais de entretenimento?

Gráf. 7 - Comparativo sobre o que o jovem mais aprecia no JA



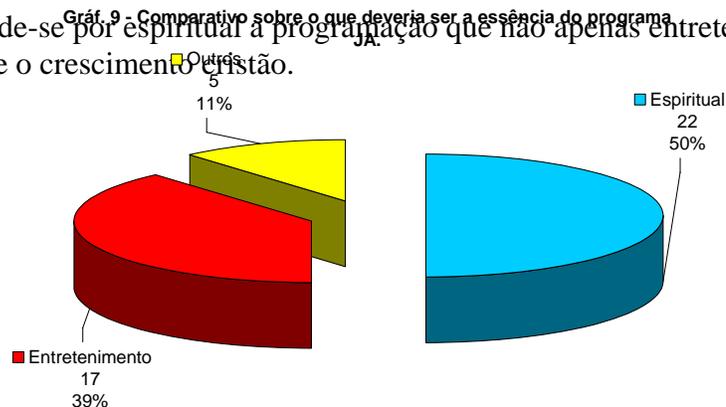
O gráfico 8 revelou uma importante informação. Quando perguntados se a programação J.A. precisava passar por alguma mudança, 66% disseram que sim e 34% disseram que não. Portanto, dois terços dos jovens percebem a necessidade de mudança na programação. Surge então a pergunta: Que tipo de mudanças precisam ser efetuadas na opinião da maioria dos jovens? Essa pergunta poderá ser respondida pela análise dos gráficos 9 e 10, nos próximos parágrafos.

Gráf. 8 - Comparativo sobre a questão se o programa JA deve passar por alguma mudança

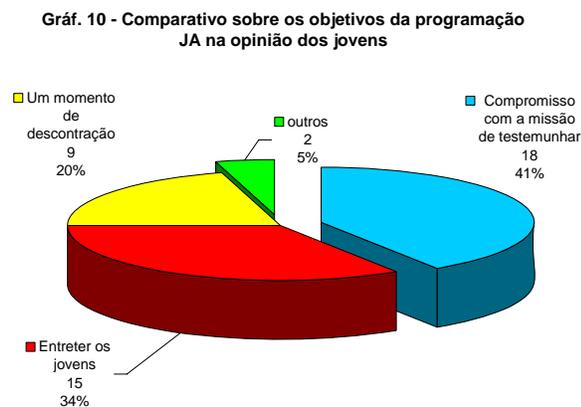


Quando perguntados sobre qual deveria ser a essência da programação J.A., 50% responderam que deveria ser mais espiritual¹, 39% responderam que deveria ser mais entretenimento e 11% disseram que deveria ser outra coisa (nem espiritual, nem entretenimento). Somando os dois últimos índices, é possível constatar que 50% dos jovens desejam uma programação menos espiritual e mais descontraída. A respeito desse assunto percebe-se que as opiniões estão divididas. Esses dados ficarão mais claros quando for analisada a próxima pergunta.

¹ Entende-se por espiritual a programação que não apenas entretém mas edifica o caráter e promove o crescimento cristão.



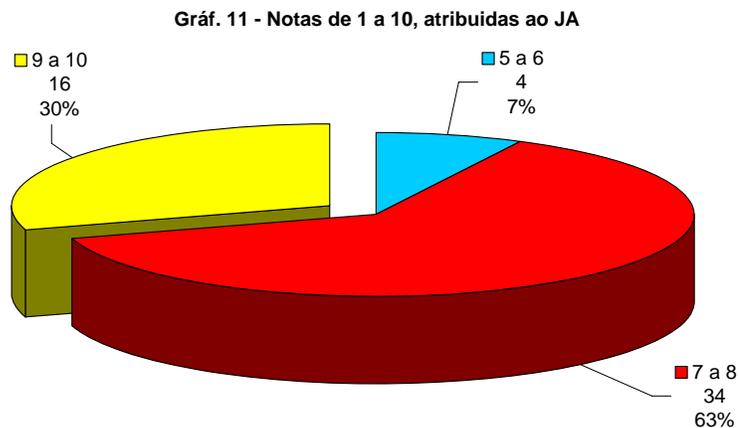
Quando questionados sobre os objetivos que a programação J.A. tem cumprido, 54% responderam que é entreter e trazer aos jovens um momento de descontração a fim de livrá-los das influências seculares dos sábados à tarde. 41% disseram que é manter os jovens comprometidos com a missão de testemunhar para ganhar almas. Veja o gráfico abaixo:



Destacando e agrupando alguns dados analisados anteriormente, constata-se que 100% dos jovens consideram a programação J.A. importante para eles e para a igreja; 68% conhecem os seus ideais missionários, 84% declaram que a Bíblia é usada com frequência, embora 16% não estão satisfeitos com a dimensão e o modo como ela está sendo usada; 72% apreciam uma programação mais de entretenimento; 54% crêem que o J.A. tem cumprido esse objetivo (entreter e descontrair), 50% disseram que a programação J.A. deveria ser mais espiritual e 66% opinaram que o J.A. precisa passar por mudanças. Como conciliar o gosto dos jovens com suas reais necessidades? Que mudanças precisam ser efetuadas para que o J.A. não seja um fim em si mesmo, mas um meio para atingir os

objetivos da filosofia e teologia do Ministério Jovem? Essas questões serão respondidas no próximo capítulo.

Na análise anterior (ver gráf. 04) todos os jovens, sem exceção, responderam que o J.A. é importante para eles e para a igreja. Porém, o interesse agora é saber se os programas J.A. estão correspondendo às expectativas desses jovens. A avaliação foi mediante nota de 1 a 10. A forma de avaliação por nota talvez não represente 100% da realidade, pois não é fácil mensurar algo subjetivo, todavia pode nos dizer muito. Os resultados da pesquisa nos revelaram que 63% dos jovens atribuíram nota de 7 a 8, enquanto que 30% classificaram os programas dentro da faixa de 9 a 10. Somente 7% atribuíram uma nota inferior a 7, mas a nota mínima foi 5.



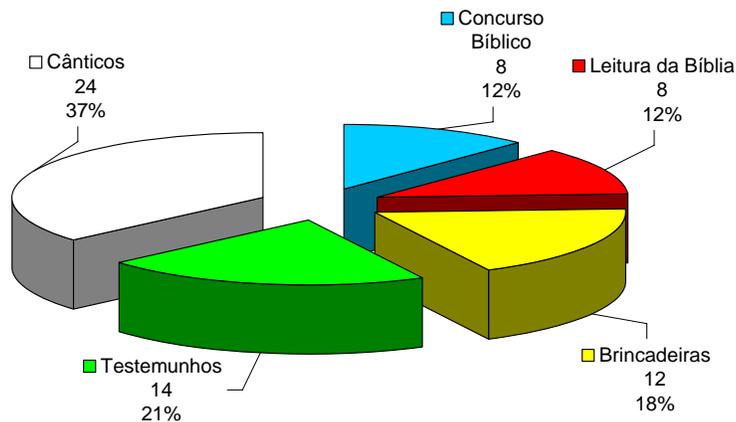
Os dados revelam que para a maioria dos jovens, ou seja, para 70% (ver fatia azul e vermelha do gráfico), os programas J.A. não estão correspondendo plenamente às suas expectativas. Na ótica desse grupo, o que está faltando então, para que o JA se torne

mais interessante? Qual a opinião deles no que diz respeito a um programa ideal? Essas questões serão analisadas mais adiante.

Com o objetivo de tornar os resultados mais fiéis à pesquisa, a fim de encontrar uma proposta mais coerente para o programa J.A., será verificado se há diferença de prioridade nos itens que compõem o J.A. entre a ala masculina e a ala feminina dos jovens, e quais são essas prioridades. Quais os três itens mais importantes para eles?

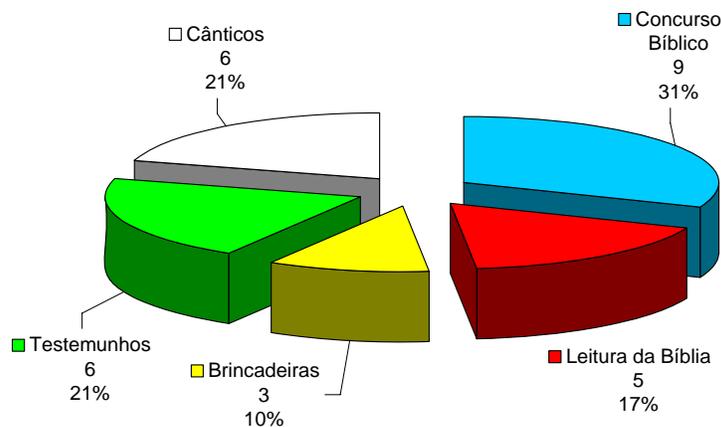
Primeiramente será analisada a ala masculina. Os itens mais importantes para eles são: Cânticos, com 37% ; em segundo lugar, com 21 %, aparece o item Testemunhos e em terceiro lugar, com 18%, aparece o item Brincadeiras. Para esse grupo os itens: uso da Bíblia e Concursos Bíblicos aparecem empatados com 12% cada um.

Gráf. 12 - O que é mais apreciado no JA pelos homens



Por sua vez, 72,41% das mulheres preferem em primeiro lugar o item Concursos Bíblicos. Os outros dois itens aparecem empatados. São eles: Cânticos e Testemunhos, ambos com 20,69%. O item Uso da Bíblia aparece em penúltimo lugar com 17,24% seguido de Brincadeiras, com 10,34%.

Gráf. 13 - O que é mais apreciado no JA pelas mulheres



Enquanto que para os homens o item que mais valorizam está relacionado com a música, as mulheres por sua vez, gostam mais dos Concursos Bíblicos. É interessante notar que o item uso da Bíblia para ambos os grupos parece não ter tanta relevância.

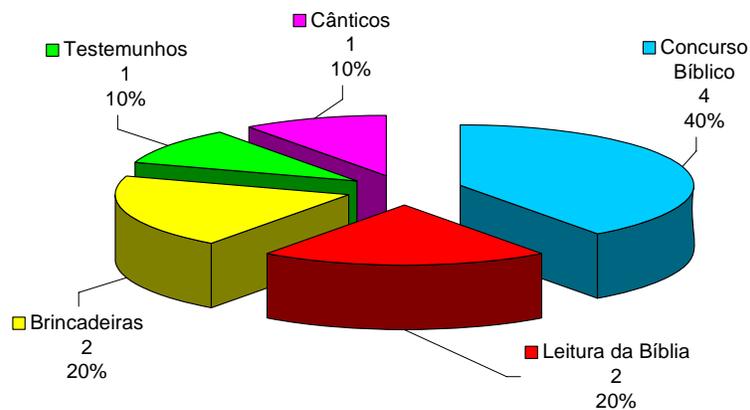
Esses dados chamam a atenção para alguns detalhes importantes. No gráfico 6, mencionado anteriormente, 83% dos jovens disseram que a Bíblia é usada sempre ou freqüentemente nos Programas J.A.. A nota que deram para esse tipo de programa entre 5 a 8 corresponde a 70% dos jovens (ver gráf. 11). Já os gráficos 12 e 13 revelam que este item não tem prioridade para os jovens. Estes resultados parecem indicar uma inversão de valores, mas esses detalhes serão ponderados no próximo capítulo.

A seguir, serão analisadas as prioridades levando-se em conta o grau de instrução do grupo pesquisado nos níveis de ensinos Fundamental, Médio e Superior. Os gráficos serão colocados um abaixo do outro, logo após a análise geral dos três gráficos.

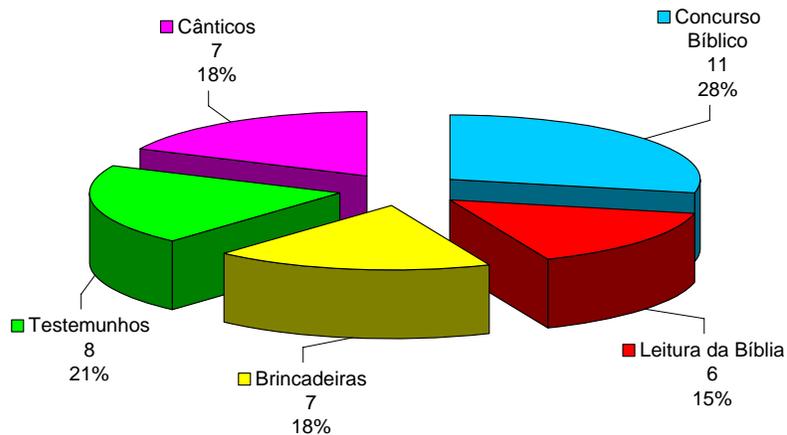
Os jovens no nível de ensino fundamental destacam como mais importantes os três itens seguintes: Concurso Bíblico em primeiro lugar, com 40%, e empatados aparecem Leitura da Bíblia e Brincadeiras ambas com 20% (gráf. 14). Por sua vez o

grupo de Ensino Médio destacaram em primeiro lugar Concursos Bíblicos com 28%, seguido de Testemunhos com 21% e Cânticos com 18% (gráf. 15). E, por último, o grupo de Ensino Superior destacam os Cânticos em primeiro lugar com 32%, seguido de Testemunhos com 27% e Brincadeiras com 16% (gráf. 16).

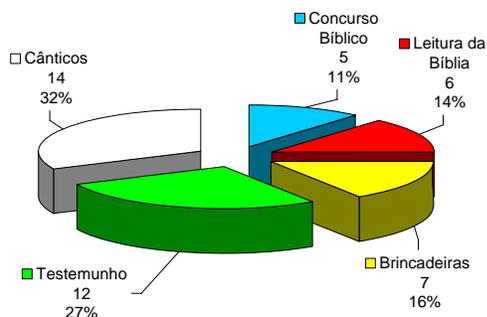
Gráf. 14 - O que é mais apreciado no JA pelo nível do Ensino Fundamental



Gráf. 15 - O que é mais apreciado no JA pelo nível do Ensino Médio

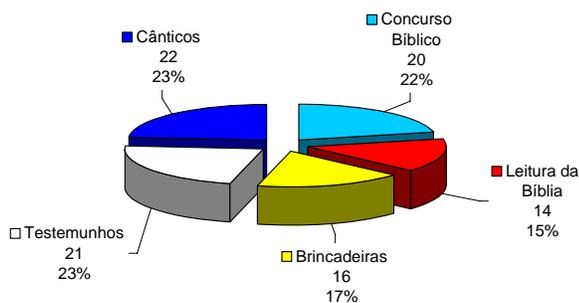


Gráf. 16 - O que é mais apreciado no JA pelo nível do Ensino Superior



Enfim, esses dados nos revelam de forma clara a apreciação dos jovens quanto à programação J.A.. Os itens de maior preferência entre eles são os Cânticos, os Testemunhos, os Concursos Bíblicos e as Brincadeiras. O grau de importância desses itens aparecem nos gráficos 14, 15 e 16. Cânticos aparece com 23% assim como os Testemunhos com 23%, ambos representam 46% da preferência. Em seguida os Concursos Bíblicos com 20% e Brincadeiras com 17%. O item Leitura da Bíblia aparece em último lugar com 15%. Veja em seguida a junção dos gráficos 14 a 16.

Gráf. 17 - Preferência dos jovens quanto a programação JA



CAPÍTULO III

DIAGNÓSTICO E ALGUMAS SUGESTÕES

O Ministério Jovem da IASD teve a sua origem fundamentada num propósito cujo objetivo visava não somente o desenvolvimento dos jovens da igreja, mas também a motivá-los a irem em busca de outros jovens. A seriedade desses jovens e a disposição de trabalharem em prol do cumprimento da missão da igreja os motivou, inclusive, “a arrecadarem fundos com o propósito de comprarem literaturas missionárias e promoverem a causa da temperança”¹. Historicamente, percebe-se que na filosofia do Ministério Jovem, desde sua origem, estavam presentes dois elementos essenciais e inseparáveis: comunhão e missão (ver capítulo 1).

Diagnóstico da Programação Jovem da IASD

Este capítulo revelará que o Ministério Jovem atual mantém os mesmos ideais estabelecidos no início.² Porém, parece que esse espírito missionário está se perdendo. A inspiração do jovem moderno parece estar mais balizada no convívio social do que nos ideais missionários. O programa J.A. atual não tem sido um programa motivacional que promove os ideais J.A., a fim de conduzir os jovens à ação. A programação jovem, mesmo

¹ *Manual do Ministério Jovem*, 05.

² *Enciclopédia J.A.*, 99-101.

usando a Bíblia, parece ser um fim em si mesma. Ela não projeta o jovem para a responsabilidade do cumprimento da missão. Num esforço de atrair a juventude, a liderança J.A. freqüentemente decide proporcionar-lhes uma programação de entretenimento, na esperança de que eles passem desta fase e canalizem suas ilimitadas energias para algo mais útil e significativo.

De acordo com o Alberto Timm, pesquisador e historiador da IASD:

Os programas de jovens de muitas de nossas igrejas perderam completamente de vista a centralidade das Escrituras em sua programação. Voltados mais à distração e ao entretenimento, tais programas não oferecem mais oportunidade para que os jovens esclareçam suas dúvidas sobre as doutrinas e o estilo de vida que professamos. O estudo seqüencial da Bíblia, os concursos bíblicos e as gincanas bíblicas são consideradas hoje, por muitos, como atividades obsoletas e destituídas de significado. Lamentavelmente, nunca tivemos uma geração de adventistas tão superficial em seu conhecimento bíblico-doutrinário como a atual.¹

O autor Malcolm Allen assinala que atualmente (no ano de 1999) a liderança jovem tem se espelhado nos ministérios paraeclesiásticos e procuram dar ênfase aos seus programas de acordo com a apreciação que fazem de cada grupo que formam esses ministérios, como por exemplo, a ênfase em músicas contemporâneas, recreações e liderança especializada. Mais adiante, o autor observa que a liderança não tem mais um padrão a seguir, pois perdeu o seu foco. Em seguida, o autor propõe a seguinte reflexão:

Em que medida temos sido fiéis à base bíblica para o nosso Ministério Jovem? Temos permanecido leais às nossas raízes históricas de orientação divina para o desenvolvimento de nosso ministério peculiar, ou somos culpados de nos termos deixado influenciar pelas pressões da sociedade e das mudanças na abordagem do Ministério Jovem nas igrejas populares e no mundo?²

¹ Alberto Timm, “Podemos ainda ser considerados o povo da Bíblia?”: *Revista Adventista*, junho, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 14-16.

² Malcolm J. Allen, *O Desafio do Ministério Jovem*, 1ª ed. (Artur Nogueira, SP: Gráfica da UCB, 1999), 40.

Malcolm destaca dois tipos de padrões que servem de base para o seu questionamento: a Bíblia e a sociedade. Qual dos dois padrões tem sido o norteador na elaboração dos programas jovens? Será que os programas jovens podem ser caracterizados como uma espécie de recorte e colagem do que é proposto pelos programas de entretenimentos, comuns nos programas de televisão? Será que essas influências têm de fato enfraquecido a busca pelos ideais propostos pelo Ministério Jovem?

De acordo com a pesquisa de Allan Novaes:

A primeira hipótese é a de que houve mudanças graduais no ministério jovem, que refletiram no conteúdo e propósitos das reuniões J.A., indicando um novo paradigma das reuniões jovens na Igreja Adventista. A segunda hipótese é que essas mudanças são mais bem compreendidas à luz da pós-modernidade como fenômeno sócio-cultural ocidental.¹

Baseados nos estudos de Malcom Allen², os ideais missionários que estiveram presentes na origem da história do ministério jovem da IASD receberam grandes influências sociais, culturais e religiosas da época. Foi o período em que havia uma grande ênfase das igrejas evangélicas nas missões estrangeiras. Até a década de trinta, todas as denominações experimentaram um crescimento sem precedentes nas atividades em países além-mar. No entanto, Malcolm diz que a segunda guerra mundial exerceu sua influência sobre a mentalidade das sociedades e a composição do grupo de líderes de jovens. Uma das conseqüências foi a substituição do interesse dos jovens pelo serviço missionário

¹ Allan Macedo de Novaes. *Breve Análise das Reuniões dos Jovens da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Revista Eletrônica Kerigma (www.unasp.edu/kerigma), 2005.

² Malcom J. Allen, *Conduccion divina o presion mundana? – El ministério joven em la Iglesia Adventista*. (Buenos Aires, Argentina: Asociacion Casa Editora Sudamericana, 1995), 126-128.

estrangeiro pela formação secular acadêmica e profissional, uma vez que as “instituições que preparavam para o serviço missionário se converteram em provedoras de educação para a formação de profissões liberais.”¹

De acordo com Malcolm², as décadas de 1950 a 1970 influenciaram o mundo com a invenção do cinema, da televisão e da música rock. Envolvida pelo liberalismo, a sociedade foi marcada pela descrença, por ideologias políticas e sócio-culturais. Com isso, as denominações cristãs dedicaram-se a abordar temas sociais que logo foram seguidas pelas sociedades de jovens adventistas.

Essas mudanças afetaram significativamente o propósito e o conteúdo das reuniões J.A. O lema “salvação e serviço” como guia das atividades e programações do ministério jovem e das reuniões J.A. foi enfraquecendo no decorrer das décadas com a penetração de influências seculares.

Nas igrejas onde foram feitas as pesquisas analisadas por esse trabalho, 83% dos jovens afirmaram que a Bíblia é usada sempre ou freqüentemente nos Programas J.A.(Ver gráf. 6, Cap. II). No entanto, a mesma pesquisa revelou que a preferência desses jovens se concentra mais em brincadeiras e cânticos, e em último lugar optaram pelo item “uso da Bíblia”. O que está errado? Será que os jovens foram tragados pelas influências externas do pós-modernismo a tal ponto de eles não conseguirem mais assimilar a importância dos valores espirituais? Está a igreja também sendo absorvida por esses problemas externos da sociedade?

¹ Ibid., 128.

² Ibid., 32.

O resultado das pesquisas evidenciam que o mero uso da Bíblia não significa que o programa se torne mais espiritual ou mais atraente, nem que o jovem se torne mais motivado a cumprir os ideais do Ministério Jovem. Entende-se que a forma como a Bíblia é usada e a falta de ênfase nos ideais propostos pela Sociedade J.A. consistem num dos maiores problemas do arrefecimento espiritual dos jovens e da perda do seu idealismo: o compromisso com a missão. Provavelmente a Bíblia esta sendo usada mais como cumprimento do dever, sugerido pelo manual J.A., do que para motivar e transformar vidas.

Algumas Sugestões

A proposta desse trabalho é que a liderança jovem faça uso da Bíblia não apenas como um cumprimento de obrigação, mas de forma contextualizada, dinâmica e com aplicações que levem o jovem à ação. Que o Programa Jovem se configure não como um momento de entretenimento ou passatempo, mas como uma atividade que leve os jovens a se conscientizarem da breve volta de Jesus, a refletirem qual o seu papel nesse cenário de conflito entre o bem e o mal, a fim de levá-los a sentirem mais e mais a necessidade de testemunharem e salvar almas.

Este trabalho sugere que o jovem tenha uma participação mais ativa nos programas J.A., pois ele precisa se sentir parte do programa e não um mero espectador. É lógico que se faz necessário um envolvimento criterioso com base na ordem e decência, a fim de não banalizar o programa e o ambiente da igreja. Postula-se a teoria de que no culto J.A. o jovem deva ser incentivado e motivado a cumprir com a sua obrigação espiritual diária concernente ao estudo sistemático da lição da Escola Sabatina, da Bíblia, do Espírito

de Profecia e de outras literaturas afins. Com respeito a brindes e premiações, ao invés de premiar o jovem pelo motivo de ter representado melhor um personagem bíblico ou porque conseguiu gravar o maior número de palavras, ou porque conseguiu mostrar maior habilidade e poder de concentração ao traçar uma linha na lousa sem cruzar com as outras linhas previamente desenhadas olhando apenas por um espelho. Seria muito mais proveitoso para o jovem e para a igreja que esses incentivos fossem destinados à equipe que trouxesse o maior número de visitas para a igreja, à dupla que houvesse conseguido o maior número de estudos bíblicos com um aproveitamento de pelo menos 50% das lições estudadas. Não seria coerente premiações de produtos alimentícios e muito menos de guloseimas, mas premiações na espécie de boas literaturas, CDs e DVDs que promovam valores, a ética e a moral cristãs. Se a liderança tiver condições ou algum tipo de patrocínio, é importante promover algum passeio para lugares históricos da memória adventista, do pioneirismo, seja no âmbito da educação, da colportagem ou da penetração da mensagem adventista em determinada geografia. Isto ajudaria muito no fortalecimento espiritual e social e no enriquecimento intelectual dos jovens. A liderança jovem pode promover palestras, cursos e treinamentos, ministrado por profissionais competentes, de acordo com as necessidades do grupo, como a descoberta dos seus dons e o desenvolvimento deles, sexo pré-nupcial e seus efeitos, uso da *Internet*, droga, alcoolismo, homossexualismo, baixa auto-estima, relacionamentos, profissão, etc.

Finalmente, esse trabalho sugere conscientizar o jovem do seu valor e importância para Deus e para a igreja. O programa J.A. deve imprimir na mente do jovem que nenhuma oferta mundana, tem mais valor do que o seu envolvimento com a missão da

igreja. Esse trabalho propõe que os líderes J.A. promovam os programas dentro do contexto jovem, mas com uma alta qualidade espiritual de forma que o jovem não veja outra alternativa se não compartilhar essas experiências com aqueles que o cercam. Dessa forma cremos que o J.A. passará a ser mais atraente e cumprirá com a sua missão. O jovem precisa de uma liderança forte e comprometida com os ideais, uma liderança que promova no coração dos jovens o prazer de servir a Cristo e o entusiasmo de testemunhar dessa experiência.

CONCLUSÃO

Não há dúvidas que o termo Missionários Voluntários (M.V.), que deu origem a Sociedade J.A. atual, expressa bem o propósito que a programação jovem deveria despertar na juventude adventista.

Verificou-se através dessa breve análise histórica, que os principais propósitos das primeiras Sociedades J.A. eram o estudo da Bíblia e o serviço missionário.

Este trabalho constatou que o Ministério Jovem atual tem procurado manter os ideais propostos pela Sociedade dos Jovens Adventistas desde a sua origem. Porém, as pesquisas revelaram que na prática, a programação J.A. não têm exercido o seu papel de inspirar e motivar os jovens ao cumprimento desses ideais. As pesquisas revelaram que o uso da Bíblia nos programas J.A. é o item menos importante na preferência dos jovens. Ora, se é a Bíblia que constitui o fundamento dos ideais J.A. e os jovens a classificam como o elemento menos importante, então no que estão fundamentados os programas J.A. atuais?

É possível que, no afã de querer agradar os jovens e mantê-los envolvidos em alguma atividade aos Sábados à tarde, a liderança jovem da igreja local esteja negligenciando os ideais propostos pelo Ministério Jovem, oferecendo um *mix* de atratividades composto de entretenimentos, brincadeiras, teatros e momentos musicais. Uma configuração muito parecida com a dos programas de auditório exibidos na tv.

O mundo oferece muitos atrativos aos jovens. Os seus programas cheios de cores e opções diversas de atratividades insinuam ser a única fonte de lazer e de felicidade. Muitos jovens de fato têm se deixado enganar por essas falsas atrações, e por isso têm perdido o gosto pelos assuntos espirituais e, por conseguinte, têm se tornado apáticos aos programas oferecidos pela igreja. Talvez seja por isso que alguns líderes de igrejas locais, na pretensão de segurar os jovens na igreja, tenha transformado os Programas Jovens de Sábado à tarde numa espécie de similares dos programas mundanos, usando uma roupagem “espiritual”. Parece que se pretende tornar esses atrativos um fim em si mesmo.

Em face do problema aqui diagnosticado e analisado, seria interessante haver um esforço conjunto do Ministério Jovem da Associação e dos órgãos superiores da IASD com a liderança jovem da igreja local, bem como do pastor distrital, a fim de proporcionarem à juventude da igreja programas que não sejam um fim em si mesmo, mas que projetem o jovem para o cumprimento da missão conforme estabelecidos nos ideais J.A.: “Salvar do Pecado e Guiar no Serviço.”; “A Mensagem do Advento a todo o Mundo nesta Geração”; “O Amor de Cristo nos Constrange”; “Amando o Senhor Jesus, prometo tomar parte ativa nos deveres da sociedade de jovens, fazendo o que puder para ajudar a outros e para terminar a obra do evangelho em todo o mundo.”

APÊNDICE A

Pesquisa de Campo

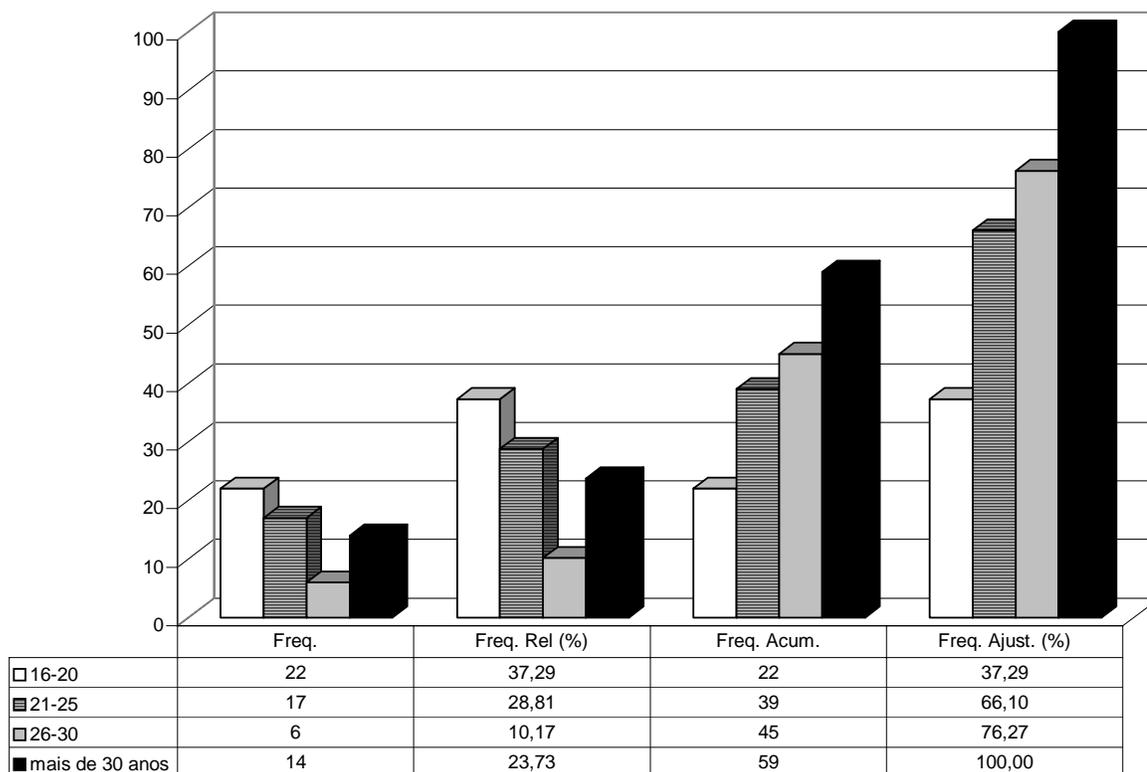
1. Idade: () de 16 a 20; () de 21 a 25; () de 26 a 30; () mais de 30.
2. Sexo: () M () F.
3. Escolaridade: () Fundamental; () Médio; () Superior; () Outros _____
4. Há quanto tempo é Adventista?
() de Berço; () 1-5 anos; () de 6-10 anos; () de 11 a 15 anos; () mais de 15 anos.
5. Para você o J.A. é importante pra a igreja e para os jovens? () Sim; () Não.
6. Você conhece os Ideais, o Lema e o Voto J.A.? () Sim; () Não.
7. Com que freqüência a Bíblia é usada no programa J.A. de sua igreja?
() Sempre; () Frequentemente; () Raramente; () Nunca.
8. O que você mais aprecia no J.A.?
() Concurso bíblico; () Brincadeiras; () Testemunhos; () Estudo da Bíblia; () Cânticos.
9. Vocês acham que os programas J.A. deveriam passar por alguma mudança?
() Sim; () Não.
10. O J.A deveria ser: () Mais Espiritual; () Mais Entretenimento; () Outros _____
11. Na sua opinião o J.A. tem cumprido qual objetivo?
() Manter os jovens comprometidos com a missão da igreja (testemunhar para ganhar almas)
() Entreter os jovens a fim de livrá-los das influências seculares dos sábados à tarde.
() Fazer do Sábado à tarde um momento de descontração.
() Outros _____
12. Classifique o programa J.A. da sua igreja dando a sua nota de 0 a 10 _____

APÊNDICE B

Gráficos com Frequência

Os gráficos relacionados abaixo são o resultado da pesquisa de campo (ver Apêndice A) realizada no dia 07 de maio de 2005 com jovens de 16 a 30 anos, nas Igrejas Adventistas do 7º dia (IASD), respectivamente: Central de Piracicaba, Central de Limeira, e do Bairro Gustavo Piccinine em Limeira.

Gráf. 1 - Comparativo por faixa etária



LEGENDA:

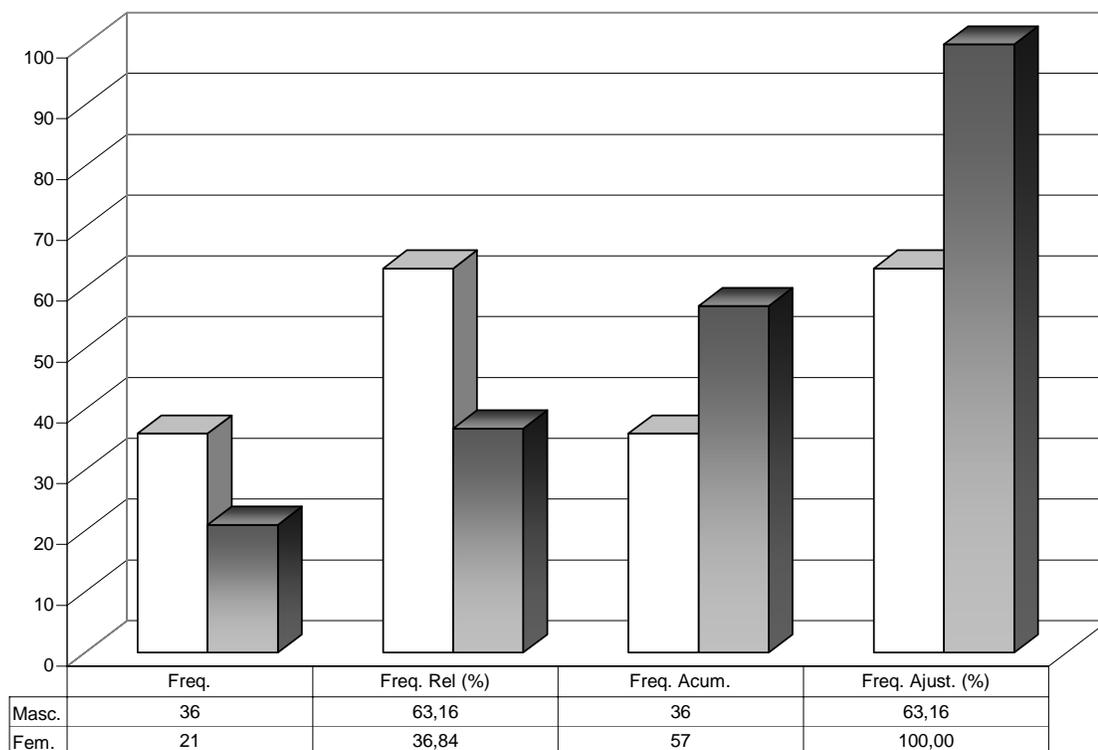
Freq. = Número de pessoas correspondente de cada item da horizontal.

Freq. Rel. (%) = Corresponde a porcentagem da frequência dos itens da horizontal.

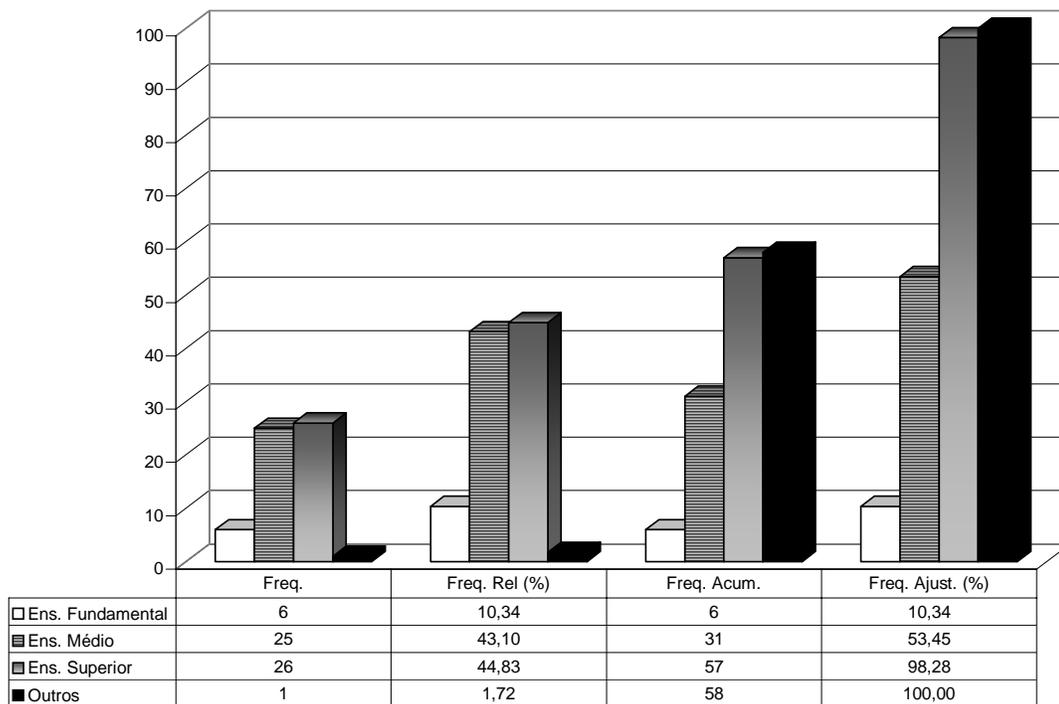
Freq. Acum. = Corresponde ao acúmulo dos itens da frequência.

Freq. Ajust. (%) = Corresponde a porcentagem da frequência acumulada.

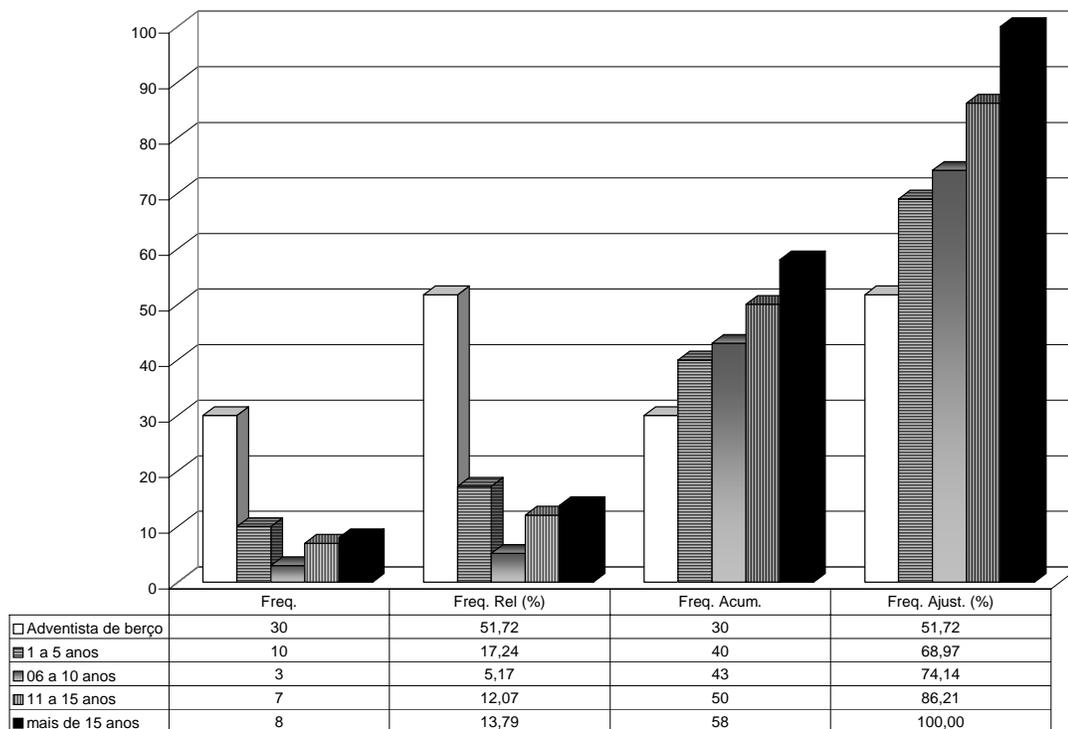
Gráf. 2 - Comparativo por Sexo



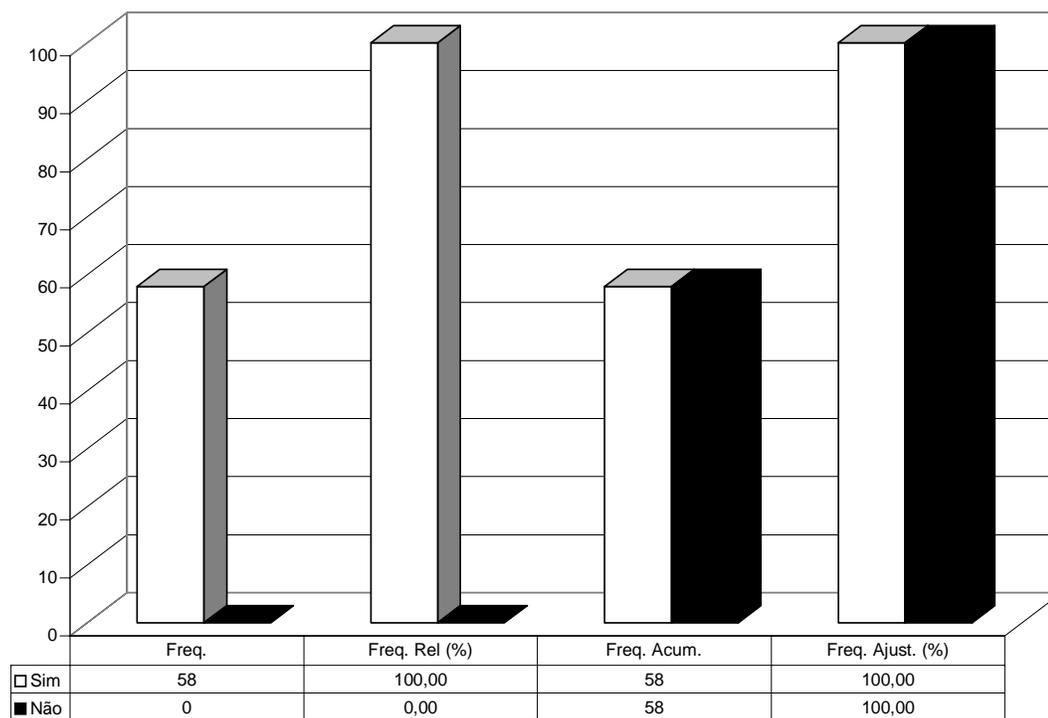
Gráf. 3 - Comparativo por grau de Escolaridade



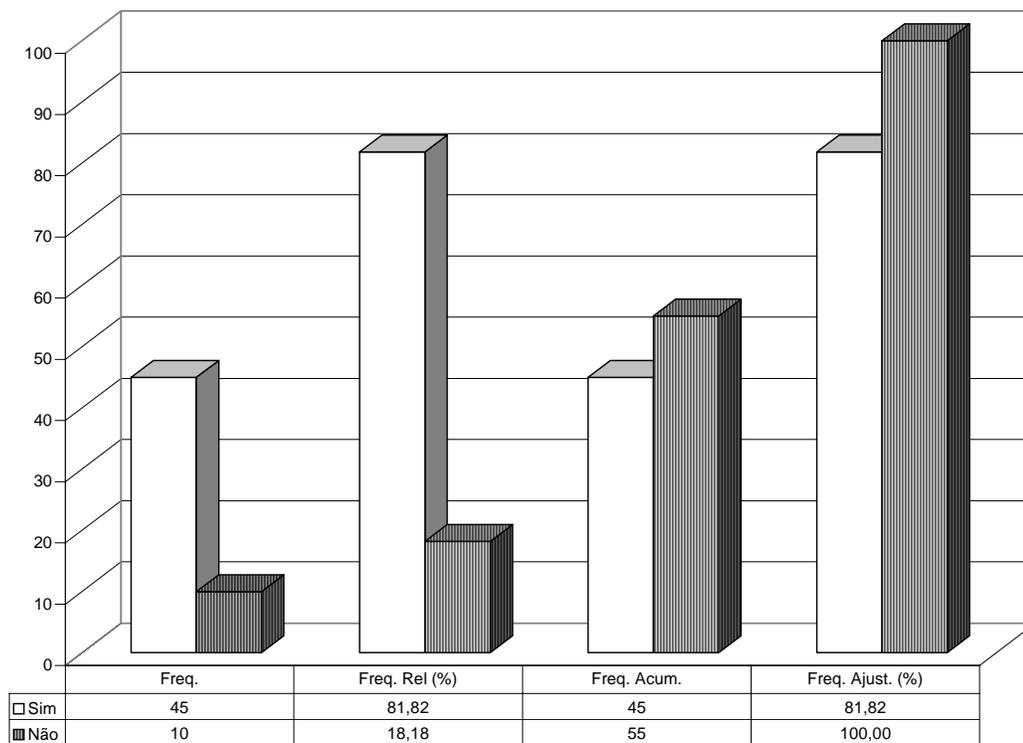
Gráf. 4 - Comparativo em relação ao tempo de adventista



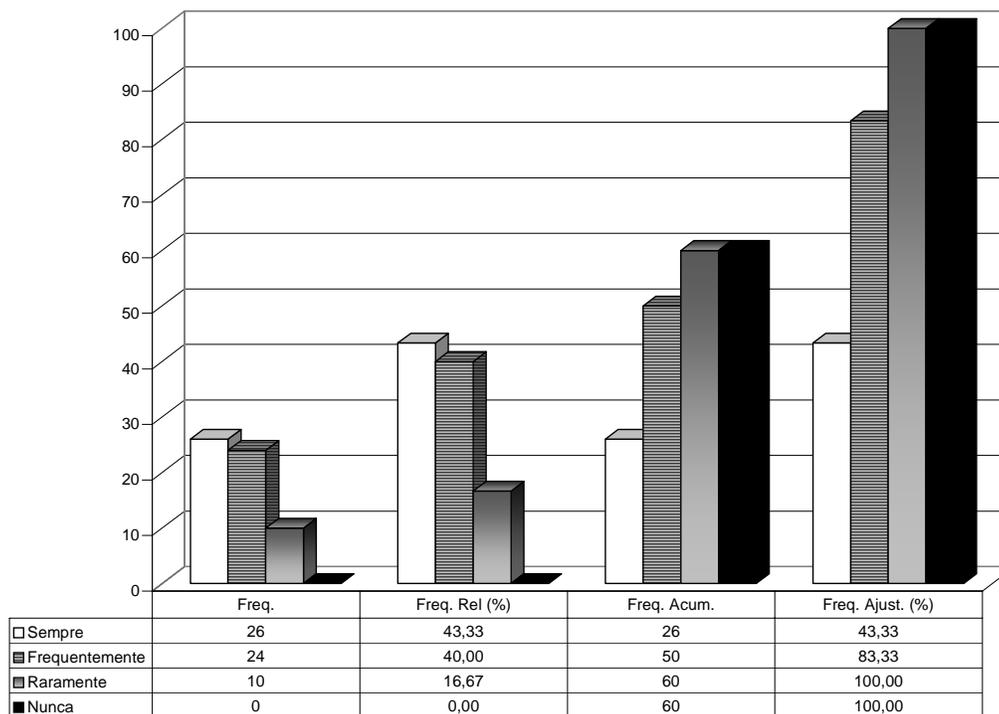
Gráf. 5 - Comparativo sobre a importância do J A para os Jovens



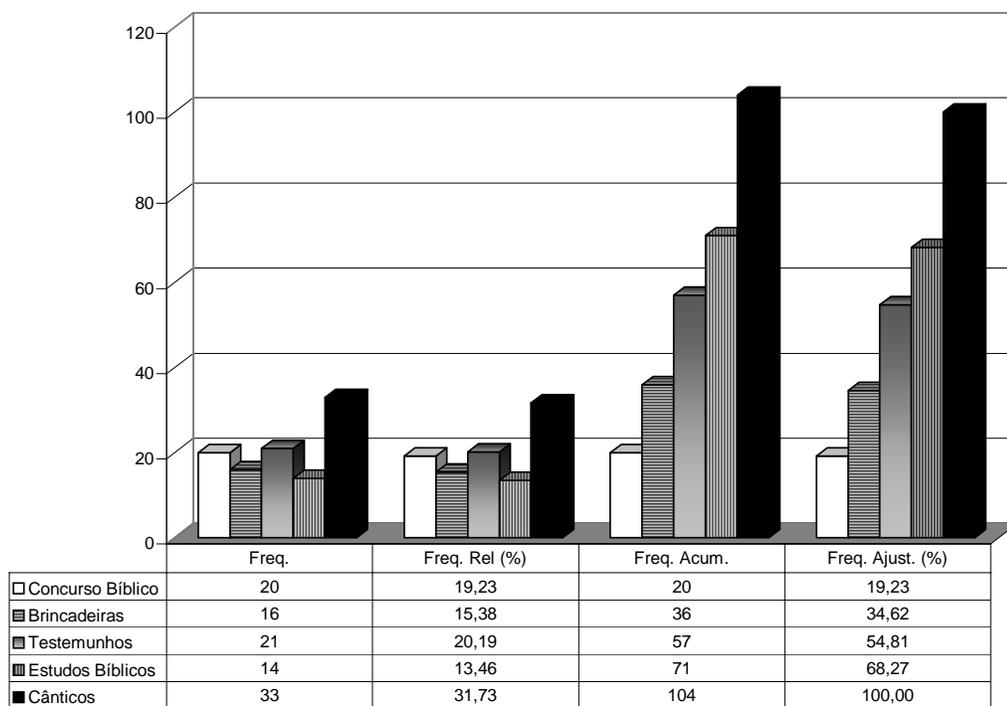
Gráf. 6 - Comparativo sobre o conhecimento dos Ideais, Lema e Voto J A.



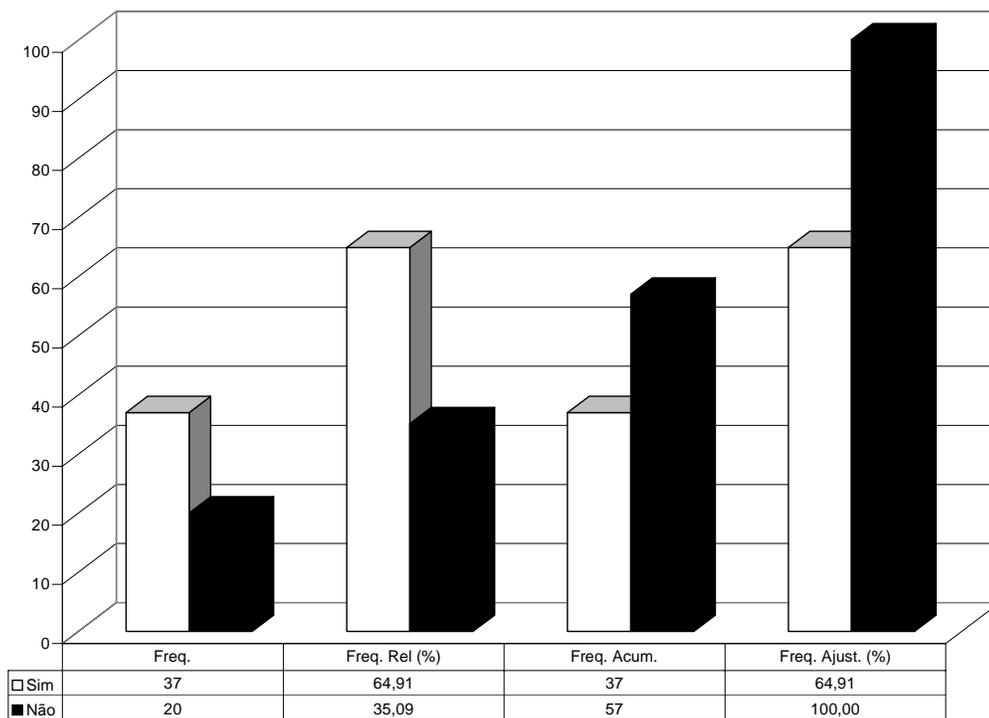
Gráf. 7 - Comparativo sobre o uso da Bíblia no J A.



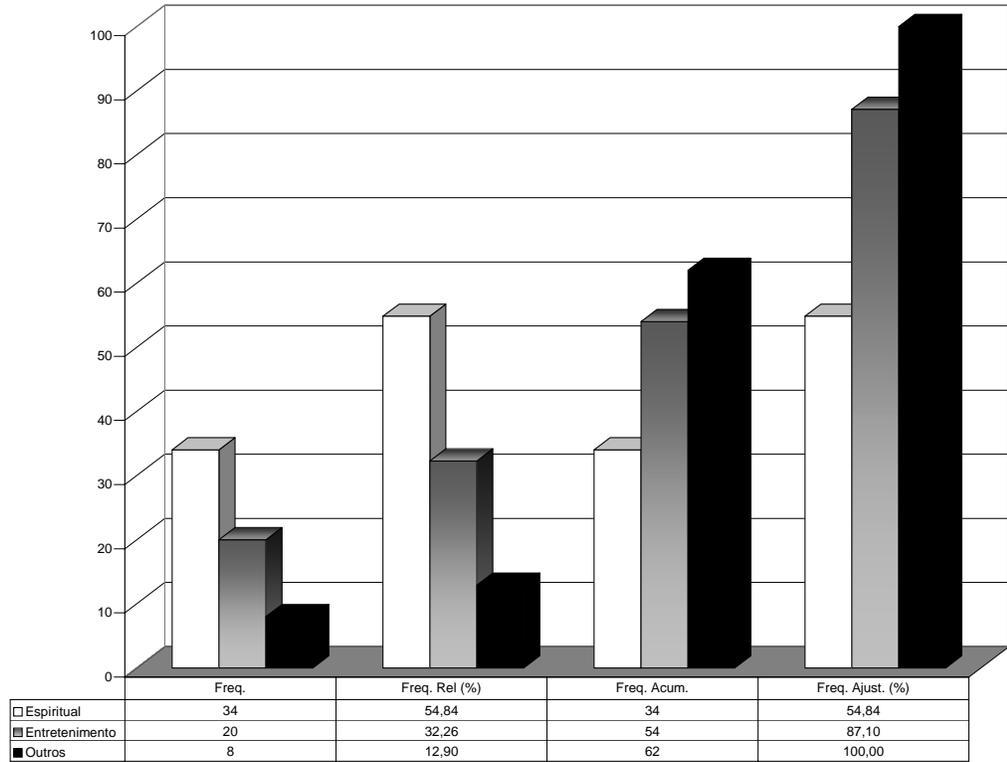
Gráf. 8 - Comparativo sobre o que o jovem mais aprecia no J A.



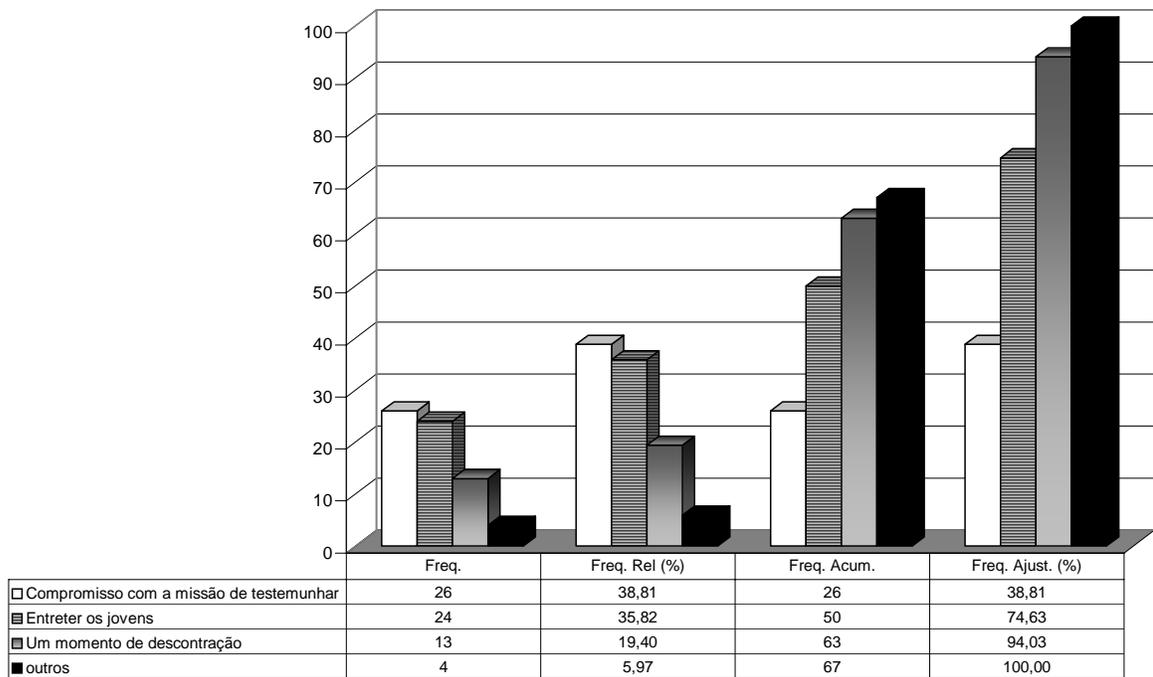
Gráf. 9 - Comparativo sobre a questão se o programa J A deve passar por alguma mudança



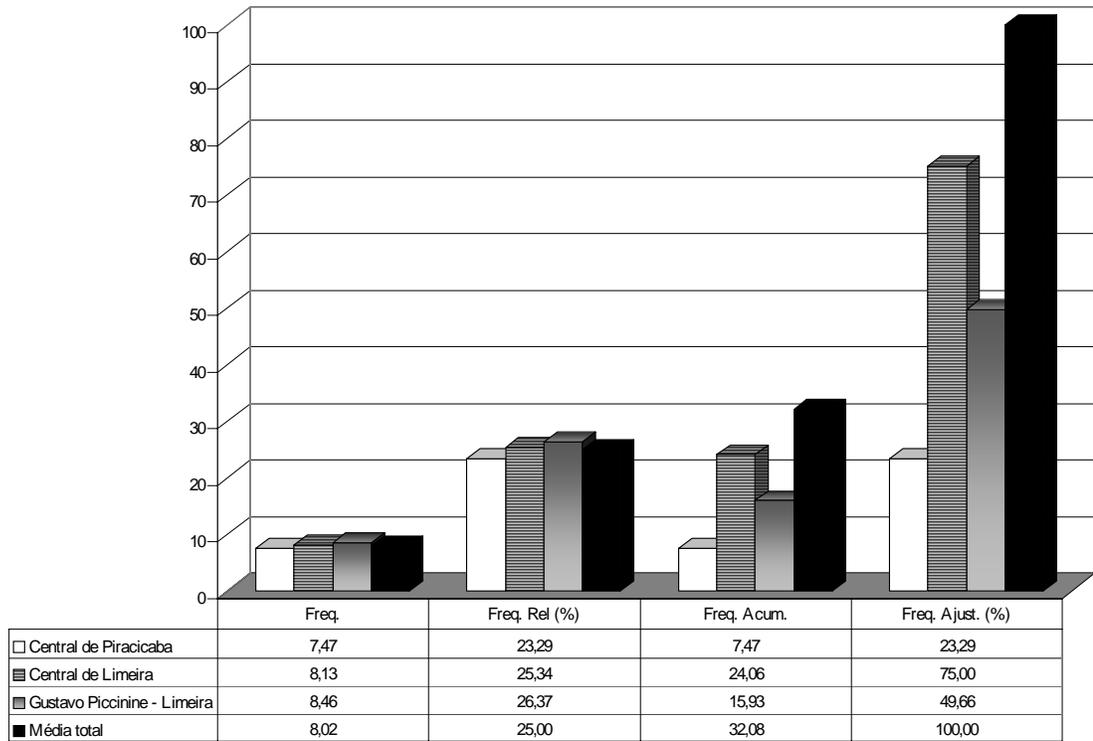
Gráf. 10 - Comparativo sobre o que deveria ser a essência do programa J A.



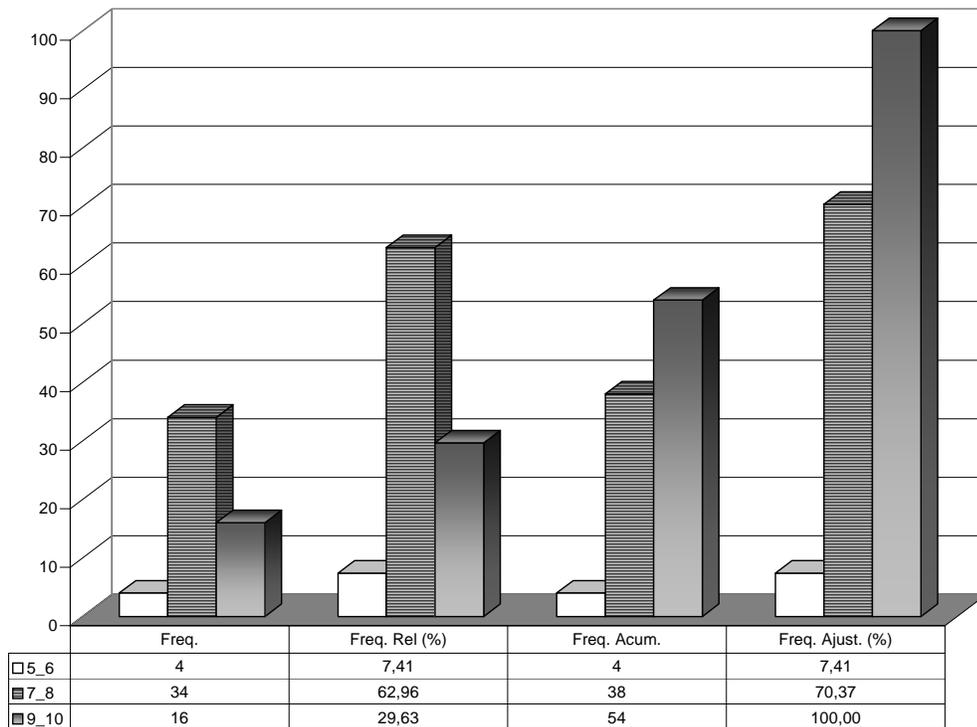
Gráf. 11 - Comparativo sobre os objetivos da programação J A na opinião dos jovens



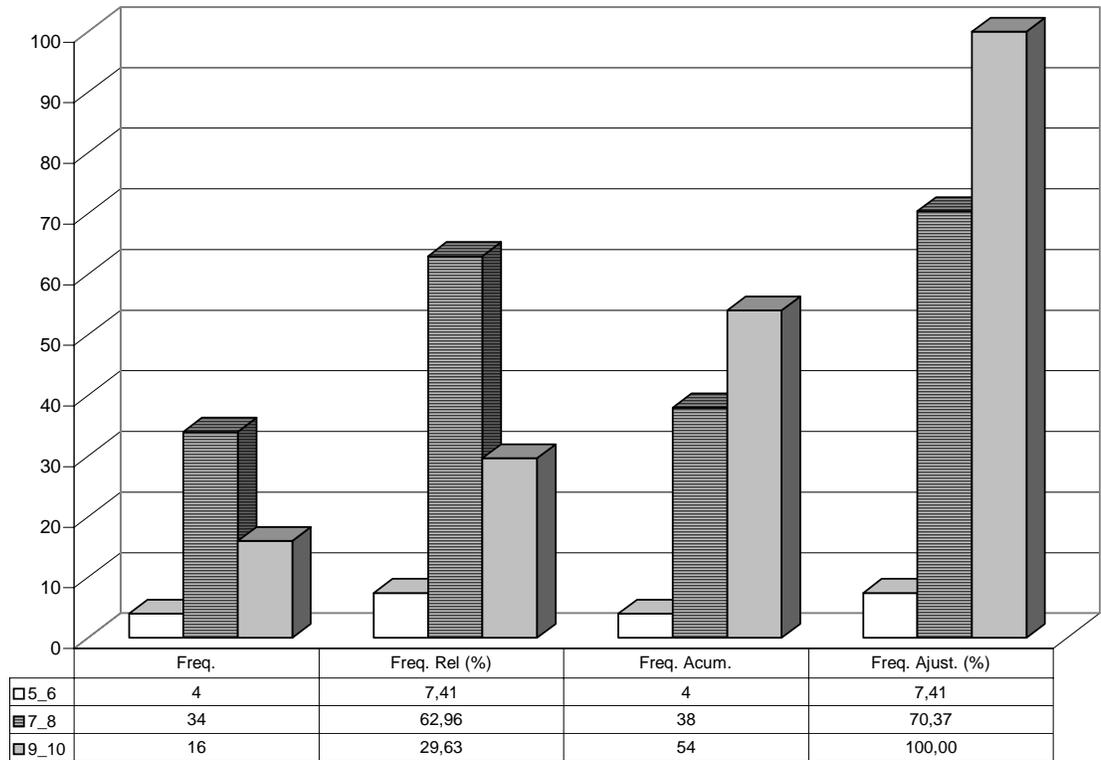
Gráf. 12 - Comparativo das notas dadas ao programa JA por igreja



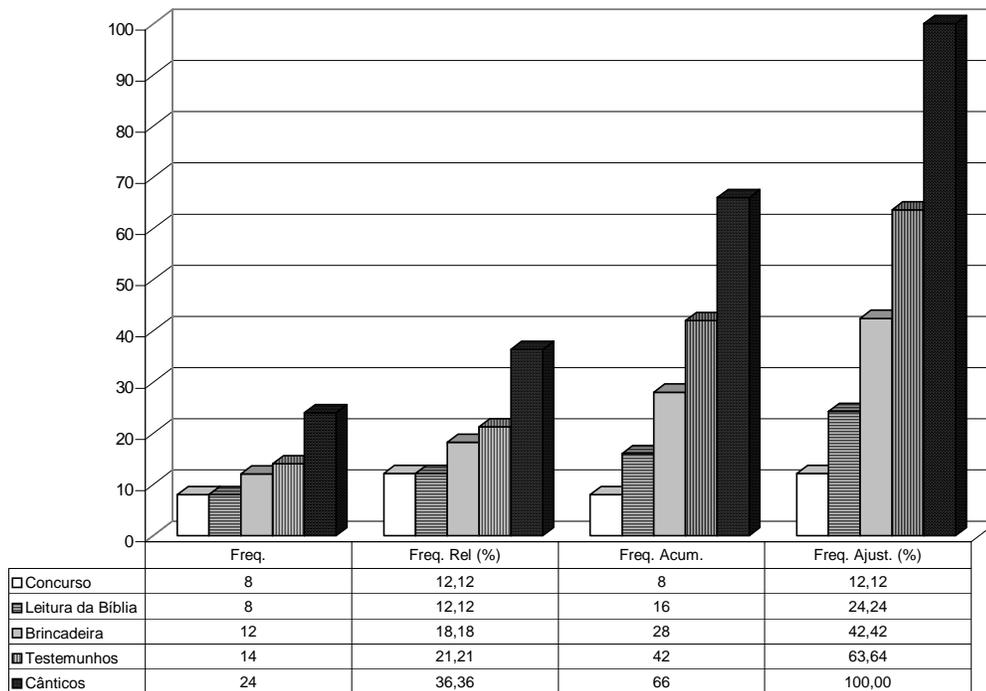
Gráf. 13 - Comparativo das notas e sua freqüência por igreja



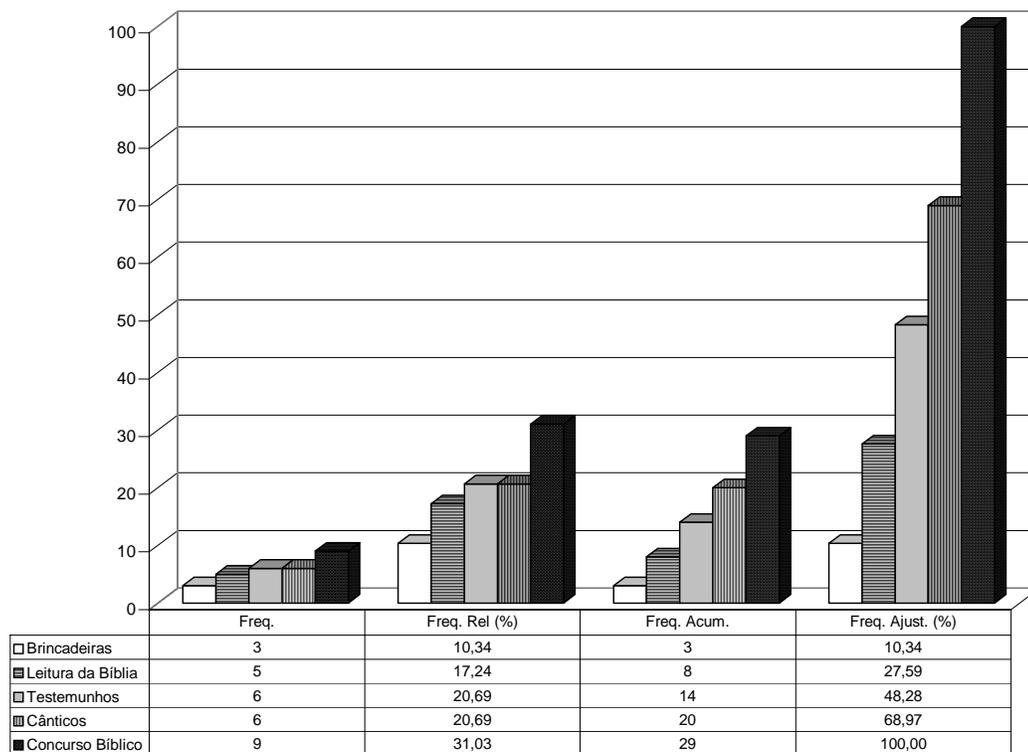
Gráf. 14 - Notas de 1 a 10 atribuídas ao JA



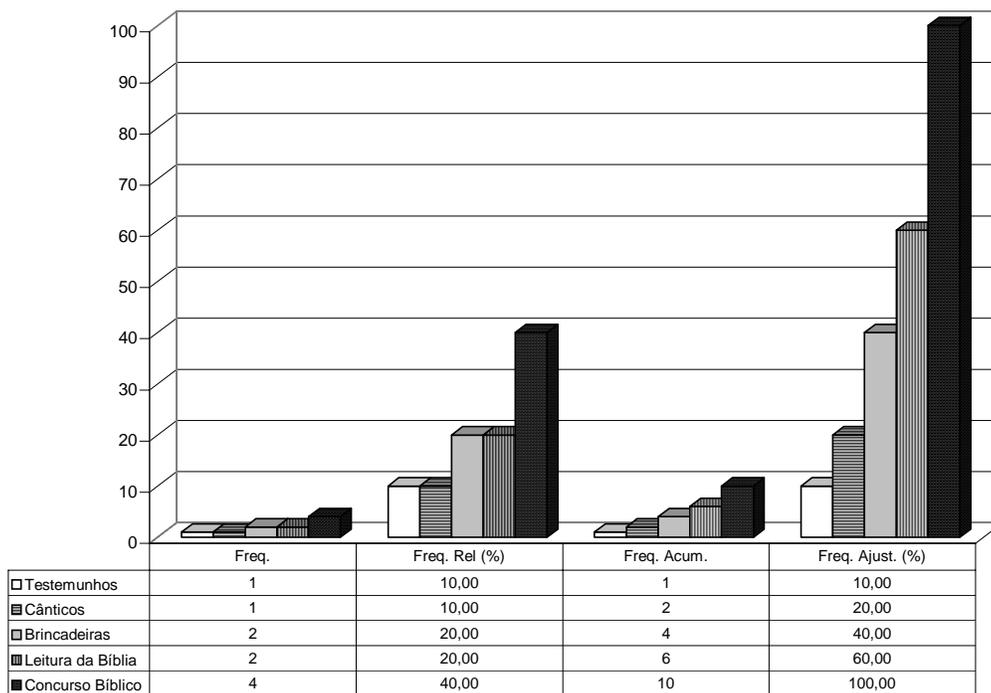
Gráf. 15 - O que é mais apreciado no JA pelos homens?



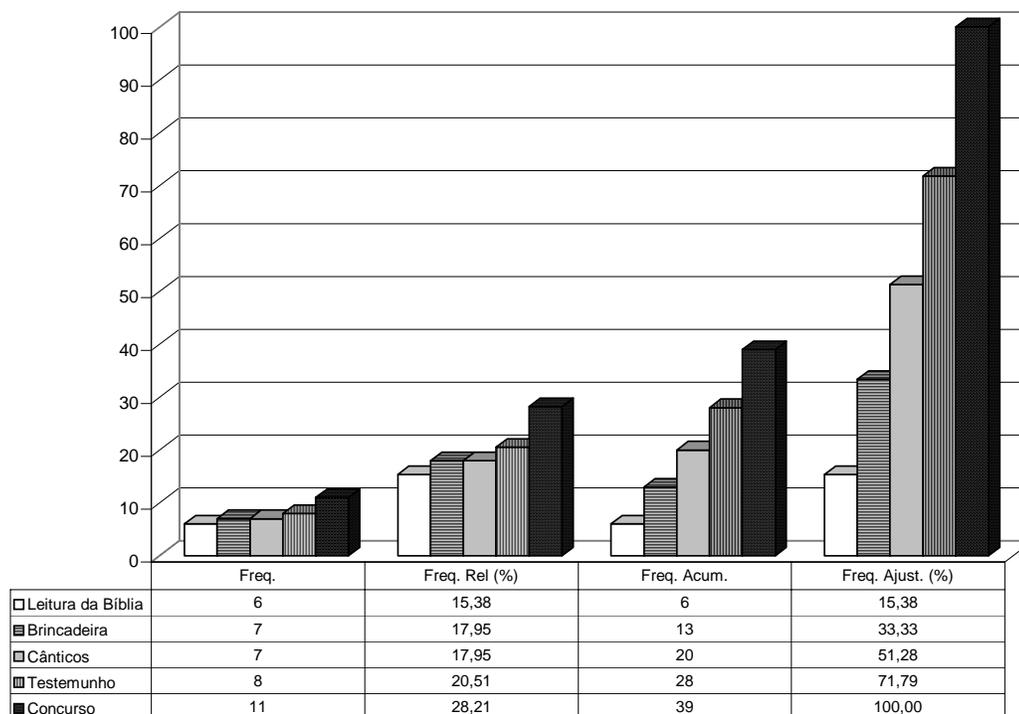
Gráf. 16 - O que é mais apreciado no JA pelas mulheres ?



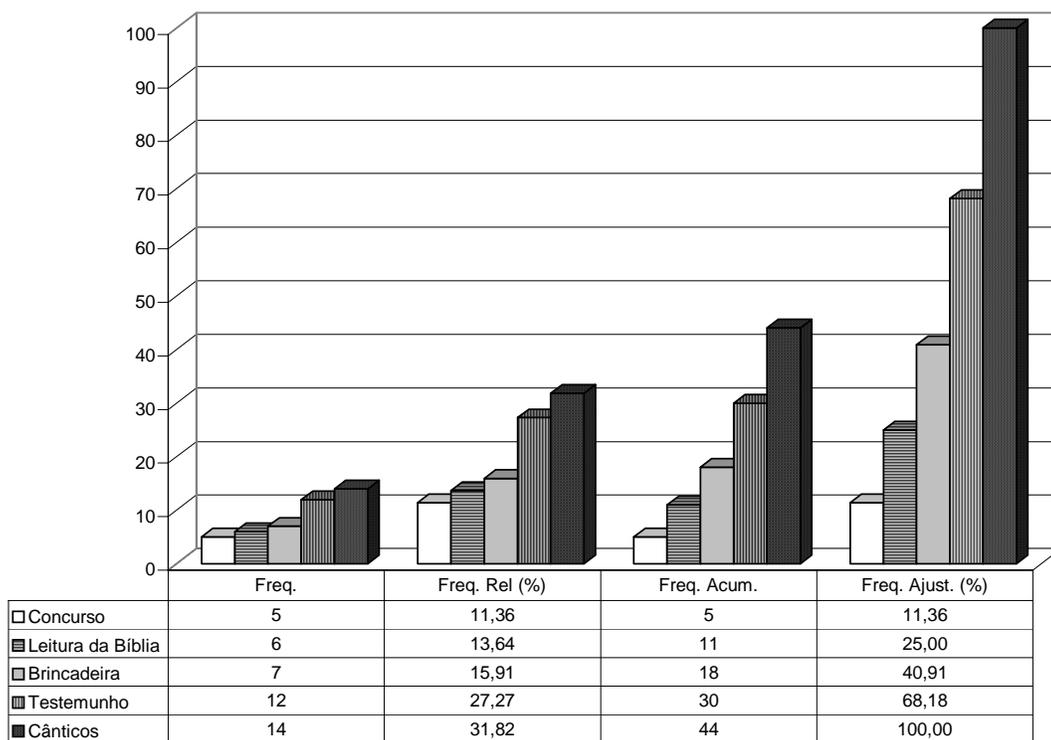
Gráf. 17 - O que é mais apreciado no JA pelo nível do Ensino Fundam.



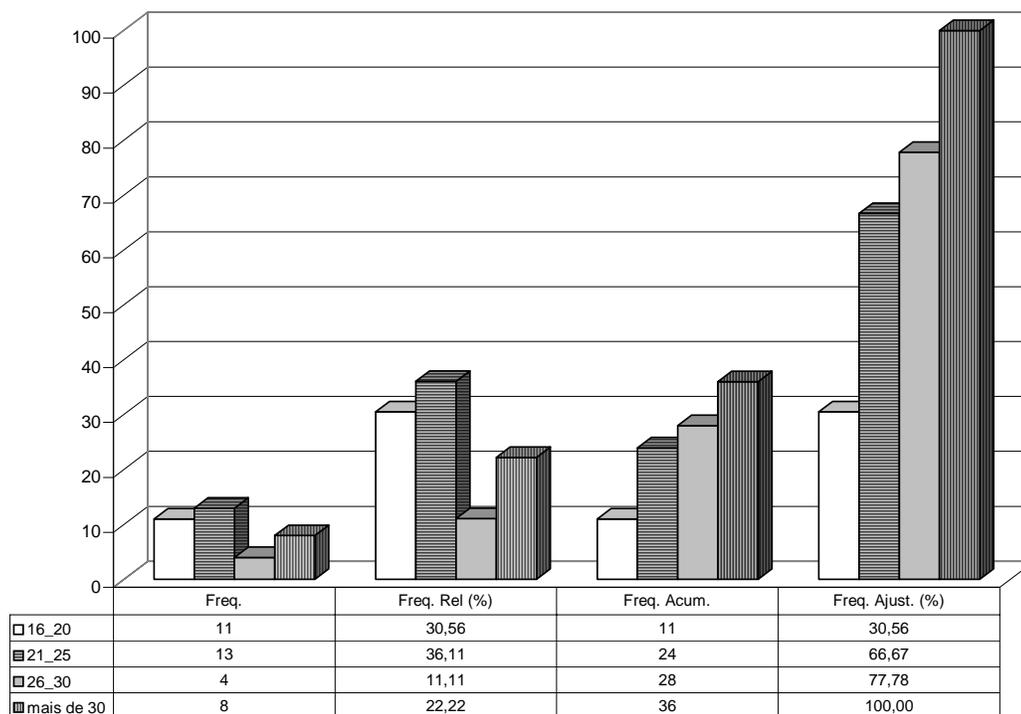
Gráf. 18 - O que é mais apreciado no JA pelo nível de Ensino Médio



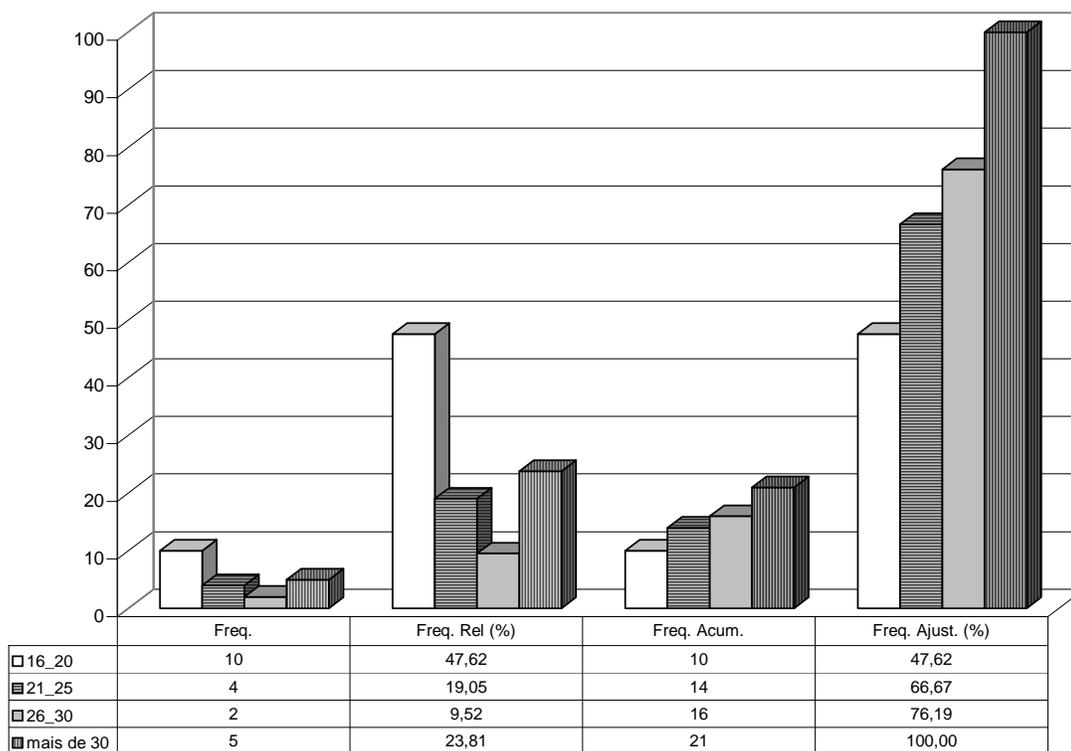
Gráf. 19 - O que é mais apreciado no JA pelo nível de Ensino Superior



Gráf. 20 - Comparativo de faixa etária entre o sexo masculino



Gráf. 21 - Comparativo de faixa etária entre o sexo feminino



BIBLIOGRAFIA

Allen, Malcolm J., *O desafio do ministério jovem*, 1ª ed. (Artur Nogueira, SP: Gráfica da União Central Brasileira, 1999).

_____. *Conduccion divina o presion mundana? – El ministério joven em la Iglesia Adventista*. (Buenos Aires, Argentina: Asociacion Casa Editora Sudamericana, 1995).

Enciclopédia J.A., (Brasília, D.F.: Departamento JA da Divisão Sul-Americana da IASD, 2000).

Entrevistas com os Jovens. (IASD Central, Limeira, 2005).

Entrevistas com os Jovens. (IASD Gustavo Piccinine, Limeira, 2005).

Entrevistas com os Jovens. (IASD Central, Piracicaba, 2005).

Manual da Igreja, (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1970).

Manual do Ministério Jovem, 1ª ed. (Brasília D.F., Divisão Sul – Americana da IASD, 1992).

Marski, Artur Elias. *Análise do encontro semanal dos jovens adventistas nas igrejas da União Sul-Brasileira da IASD e uma proposta alternativa do seu conteúdo programático*, 1ª ed. (Engenheiro Coelho - SP: SALT, 1984).

Novaes, Allan. *Breve análise das reuniões dos jovens da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. (Engenheiro Coelho-SP: Revista Eletrônica Kerigma, www.unasp.edu/kerigma, 2005).

Timm, Alberto. “Podemos ainda ser considerados o povo da Bíblia?”: *Revista Adventista*, junho. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001).

White, Ellen G. *Educação*, 5ª ed. (Santo André - SP: Casa Publicadora Brasileira, 1977).

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2005

COLPORTAGEM ESTUDANTIL: ORIENTAÇÕES DE LIDERANÇA

Gilberto Oliveira Basílio e Helearte Rodrigues de Moraes

Bacharéis em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP

TCC apresentado em outubro de 2005

Orientador: Emilson dos Reis, MTP

gilberto.palestra@bol.com.br

RESUMO: O trabalho de colportagem (evangelismo por meio da venda de literatura) desenvolvido pela Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil, tradicionalmente tem contribuído na manutenção financeira de um número significativo de estudantes universitários que passam pelos internatos adventistas. O objetivo desse trabalho é sistematizar as orientações sobre a liderança de colportagem estudantil, de modo a fornecer aos interessados uma espécie de pequeno manual. Os procedimentos recomendados nesse estudo são decorrentes da bibliografia disponível sobre o assunto, de entrevistas com administradores da colportagem adventista no Brasil e da experiência, de longa data, dos autores.

PALAVRAS-CHAVE: colportagem estudantil, liderança.

Student canvassing: orientations for leadership

ABSTRACT: Canvassing work (evangelism through the selling of literature), as developed by the Seventh-day Adventist Church in Brazil, has been a traditional way for a large number of university student to pay for their studies at an Adventist college. The goal of this study is to systematize the orientations on students' canvassing leadership in such a way to offer, to those who would be interested in, a sort of a guiding manual. The procedures presented here were taken from the bibliography on the topic, from interviews with the leadership of the Adventist canvassing program in Brazil, and from the many years of the authors' personal experience on the subject.

KEYWORDS: student canvassing, leadership.

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Curso de Teologia

COLPORTAGEM ESTUDANTIL:
ORIENTAÇÕES DE LIDERANÇA

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
À Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

Por

Gilberto Oliveira Basílio e
Helearte Rodrigues de Moraes

Outubro de 2005.

COLPORTAGEM ESTUDANTIL:
ORIENTAÇÕES DE LIDERANÇA

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
À Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

Por

Gilberto Oliveira Basílio e

Helearte Rodrigues de Moraes

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
Emilson dos Reis
Coordenador Acadêmico do SALT

Reinaldo Siqueira
Teologia Bíblica do SALT

Amin A. Rodor
Diretor do Curso de Teologia

Avaliação

.Data da Aprovação

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 1 |
| Capitulo | |
| I. A LIDERANÇA ESTUDANTIL NO BRASIL. | 3 |
| Breve História..... | 3 |
| Primeira Equipe Estudantil de Sucesso | 4 |
| Definição de um Líder Estudantil | 5 |
| Conclusão Parcial | 8 |
| II. O PERFIL DE UM LIDER DE UMA EQUIPE ESTUDANTIL | 10 |
| Chamado | 10 |
| Espiritual | 11 |
| Experiente | 12 |
| Planejador..... | 13 |
| Confiável | 14 |
| Perseverante | 14 |
| Honesto | 15 |
| Motivador..... | 16 |
| Treinador | 17 |
| Inovador | 17 |
| Conclusão Parcial..... | 18 |
| III O TRABALHO DE UMA EQUIPE ESTUDANTIL | 19 |
| Divisão do Campo..... | 19 |
| Escolha de Campo | 19 |
| Formação de Duplas..... | 20 |
| Colportores Abertos | 21 |
| Treinamento | 22 |
| Passos da Venda..... | 22 |
| Objeções..... | 25 |
| Maneiras de Lidar com Objeções..... | 25 |
| Esquenta Oferta..... | 25 |
| Horários..... | 26 |

| | |
|--|----|
| Retorno do Campo de Trabalho | 27 |
| O culto de uma Campanha Estudantil | 27 |
| <u>Sala de Culto</u> | 28 |
| Programa de um Culto Matutino | 28 |
| Cultos Especiais | 29 |
| Equipe Mista | 30 |
| Vantagem de uma Equipe Mista | 30 |
| Cuidados que Se Deve Ter | 31 |
| Limpeza | 32 |
| Programa de Motivação | 32 |
| Conclusão Parcial | 34 |
| | |
| IV. FINANÇAS DO LÍDER | 35 |
| Pessoais | 35 |
| Junto ao SELS | 36 |
| Junto aos Colportores | 38 |
| Cuidados a serem tomados.... | 39 |
| Acerto Final..... | 40 |
| Conclusão Parcial | 40 |
| | |
| CONCLUSÃO | 41 |
| | |
| APÊNDICE | 43 |
| | |
| APÊNDICE A | 44 |
| | |
| APÊNDICE B | 45 |
| | |
| APÊNDICE C | 48 |
| | |
| APÊNDICE D | 49 |
| | |
| APÊNDICE E | 51 |
| | |
| APÊNDICE F | 53 |
| | |
| APÊNDICE G | 54 |
| | |
| APÊNDICE H | 55 |
| | |
| APÊNDICE I | 57 |
| | |
| APÊNDICE J | 59 |

BIBLIOGRAFIA 63

INTRODUÇÃO

A colportagem estudantil é um trabalho desempenhado por alguns membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia com o propósito de divulgar a literatura publicada pela editora desta denominação e, ao mesmo tempo, levantar recursos que auxiliarão na realização dos seus sonhos acadêmicos. No entanto, muitos têm se frustrado neste trabalho e até mesmo os líderes das equipes estudantis não tem alcançado o resultado almejado. Diante desta realidade surge uma indagação: Quais seriam então as principais razões para este aparente fracasso? Estaria o estilo de liderança agindo de maneira imprudente, imatura, desorganizada e desmotivada, resultando assim, na perda de credibilidade diante dos seus liderados?

Como líderes de colportagem, percebemos que há uma necessidade dos líderes estudantis serem orientados sobre a melhor maneira de realizarem o seu trabalho, o que, por não ter sido feito, tem resultado num trabalho incompleto e ineficiente. Sugerimos, então, um programa modelo, que se embasará especialmente em entrevistas junto aos diretores de colportagem dos diversos níveis e campos do Brasil, acopladas à experiência que os autores tiveram durante sessenta e duas férias dedicadas à colportagem estudantil, sendo que em vinte e duas atuaram diretamente como líderes.

O objetivo deste trabalho é beneficiar os líderes e diretores de campo e por extensão os colportores estudantes e a própria obra da colportagem. Assim apresentaremos as qualidades necessárias em um candidato à líder; a maneira como organizar uma equipe; e

um programa que os ajude a realizar os acertos financeiros com os membros de uma equipe de modo eficaz.

Começamos nosso estudo analisando o contexto histórico da colportagem estudantil no Brasil, e verificamos que podemos dividi-la em dois períodos. O primeiro período, antes de 1972, é caracterizado pelo fracasso das equipes e de líderes inexperientes; já no segundo período, a partir de 1972, encontramos equipes e líderes mais motivados, organizados e capacitados, levando a um melhor resultado. Ainda no início do trabalho apresentamos algumas definições do que é ser um líder estudantil. Depois discorremos sobre as várias características necessárias na vida de um líder estudantil com o objetivo de delinear o perfil ideal de um líder de uma equipe estudantil. Sugerimos também o programa de trabalho de uma equipe estudantil no seu dia a dia e, por fim, buscamos apresentar os procedimentos corretos no trato das finanças de uma campanha estudantil.

Esta pesquisa não tem por propósito esgotar o assunto. Limita-se a apresentar um modelo de comportamento do líder estudantil diante das realidades de uma campanha de férias estudantis.

CAPÍTULO I

A LIDERANÇA ESTUDANTIL NO BRASIL

Breve História

No Brasil e em outros países da DSA, a implantação de equipes foi a mola propulsora das grandes mudanças ocorridas na colportagem estudantil no passado. As primeiras equipes não apresentaram resultados animadores. A razão por não terem alcançado tanto êxito, foi o fato de não terem sido liderados pelos próprios estudantes¹.

O modelo de equipe, a princípio, era mais parecido com um grupo de jovens, que colocados em um alojamento, não recebiam influência de uma liderança “24 horas por dia”. A maioria dos assistentes não pernoitava na campanha, os estudantes eram deixados à vontade, resultando em desânimo e perda de objetivos. Por isso várias equipes de colportagem estudantil fracassaram²

Para mudar este conceito foi necessário acertar na escolha do líder. Este foi o principal fator. O líder tinha que ser experiente e capaz de dirigir uma equipe com disciplina quase militar, com hora para acordar, realizar culto, sair para o trabalho, encerrar as ofertas e voltar para o alojamento.

¹Alberto R. Timm, ed., *A Colportagem Adventista no Brasil: Uma Breve História*, (Engenheiro Coelho: Imprensa Universitário Adventista, 2000), 85.

² Ibid.

Neste modelo de equipe, o estudante sente-se como em um internato, sob disciplina, com alvos previamente estabelecidos e também com forte espírito de unidade e consagração. Esta rígida disciplina foi o diferencial entre o sucesso e fracasso¹.

Primeira Equipe Estudantil de Sucesso

No ano de 1972, após muita oração e orientação divina, o Pr. Osvaldo Bonfim, que liderava o departamento de Publicações da Associação Paulista, escolheu o jovem estudante José Alves Araújo (conhecido pelos amigos como Mengo), que já tinha uma vasta experiência como assistente no Rio de Janeiro, para liderar na cidade de Guarulhos 12 estudantes do Instituto Adventista de São Paulo (IASP).

O modelo desta equipe e de sua liderança baseava-se na disciplina e motivação, o lema era esforço e trabalho de dez a doze horas de atividades diárias. Nesta ocasião foram instituídos o relatório diário de cada colportor estudante e o quadro comparativo onde o nome e resultado de cada estudante era apresentado diariamente².

Com este perfil de liderança, os alunos conseguiram voltar com dois estipêndios (cada estipêndio equivale a um semestre de estudo) cada um, e a colportagem estudantil começou a ter uma nova característica. Neste mesmo período nasceram as expressões:

- Oferta do Anjo: na rotina do trabalho, tanto no período da manhã, como no período³ da tarde, o colportor deveria encerrar com a Oferta do Anjo, nome que Jose Alves

¹ Ibid.

² Ibid.,99.

³ Ibid., 100.

deu à última visita e oferta do estudante (expressão que continua sendo usada até hoje).

- Gigante: Expressão criada para simbolizar a preguiça, o desânimo e a falta de coragem que desviam o colportor estudante de sua missão¹.

Definição de um Líder Estudantil

Para o Diretor de Publicações da Divisão Sul - Americana, Pastor Almir Marroni², liderar colportores evangelistas estudantes é um ministério que vai além do estimulante programa de bolsas e bonificações. Nesta atividade está envolvida a missão do evangelismo com publicações. Com o desempenho da missão vem a educação prática, o desenvolvimento humano e a construção do caráter. O líder tem o privilégio de testemunhar o crescimento, a transformação de um sonho numa realidade.

Conforme o Pastor Adilson Rodrigues de Moraes diretor de publicações da União Chilena³, um líder estudantil tem que ser alguém que já tenha sido um bom colportor de porta em porta, que tenha o desejo de servir; seja ordenado financeiramente, primeiramente em sua casa, mas também no colégio, na praça onde negocia, no banco e possua o respeito do Serviço Educacional Lar e Saúde (SELS) onde já tenha trabalhado. Além disso deve saber planejar com antecedência, e ser uma pessoa de oração.

¹ Ibid., 101.

² Almir Marroni, Diretor de Publicações da Divisão Sul-Americana da IASD, informações concedidas por E-mail em 30 de Setembro de 2005.

³ Adilson de Moraes, Diretor de Publicações da União Chilena da IASD, informações concedidas por E-mail em 25 de Setembro de 2005.

De acordo com o diretor de publicações da União Este Brasileira, Pastor Paulo Ademir Pinheiro¹, o líder de estudante é formador de opinião, pessoas e programa; trabalha com pessoas sem rumo, e as direciona para um caminho certo; ele é formador de discípulos; é visto como referência diante do grupo e é fundamentado em programa e resultado. Ser líder de estudantes é convidar, motivar e capacitar jovens para o cumprimento da missão.

O Pastor Charles Britis diretor de publicações da União Centro-oeste Brasileira², define que o líder estudantil deve ser alguém que apresenta mais do que uma proposta para as férias, ele apresenta um chamado, com ética, respeito e responsabilidade; ele é comprometido com o sucesso de cada um dos estudantes que foram recrutados; ele está lutando lado a lado com seus liderados para que os objetivos destes se transformem em realidade. Ele compreende que aqueles que recrutou, necessitam de seu apoio, dedicação e até sacrifício. Ele é alguém que faz um trabalho pastoral, acompanhando e se interessando por cada membro de sua equipe de maneira personalizada, o que vai significar muitas vezes dedicar tempo para conversar em particular, estabelecer metas com cada um, reanimar alguém que não foi bem naquele dia, orar com ele, sugerir alternativas, redefinir o programa de trabalho e motivar sua equipe a cada dia, entendendo que nem todos são motivados pelo mesmo método e que, portanto, diferentes maneiras deverão ser usadas para ter a equipe trabalhando com entusiasmo a cada dia e perseguindo objetivos elevados.

¹ Paulo Pinheiro, Diretor de Publicações da União Este Brasileira da IASD, informações concedidas por E-mail em 20 de Setembro de 2005.

² Charles Britis, Diretor de Publicações da União Centro-Oeste Brasileira da IASD, informações concedidas por E-mail em 01 de Outubro de 2005.

Para o gerente de vendas da Casa Publicadora Brasileira, Pastor João Vicente Pereyra¹, um líder estudantil é um verdadeiro ministro, um “pastor” muito mais que um promotor. Suas atitudes estão pautadas por sua visão evangelística; ele é comprometido com a filosofia delineada no Espírito de Profecia² e deve estar focado em resultados.

O diretor de publicações da União Sul Brasileira, Pastor Geraldo Magela O. Toste³, afirma que liderar uma equipe estudantil é também desenvolver talentos de liderança por meio de desprendimento, amor à colportagem e principalmente interesse nas pessoas e seu crescimento.

Conforme o diretor de publicações da União Nordeste Brasileira, Pastor Marcio Ciseski⁴, o líder estudante é alguém que anda a segunda milha; se preocupa com o avanço da obra; se torna servo; coloca-se na linha de frente; treinador; motivador; auto suficiente como colportor; contribui com o avanço da obra; honesto; crê em seu chamado; não usa as pessoas como trampolim para o seu sucesso e coloca-se nas mãos do grande líder que é Jesus.

¹ João V. Pereyra, Gerente de Vendas da Casa Publicadora Brasileiro, informações concedidas por E-mail em 04 de Outubro de 2005.

² Espírito de Profecia é um compendio de livros da escritora norte americana Ellen G. White, considerada pelos Adventistas do Sétimo Dia como uma Mensageira do Senhor, tendo recebido de Deus a revelação destes escritos a fim de transmiti-los ao Seu povo. Estes escritos são em diversas áreas: saúde, publicações, educação, comentários bíblicos, etc.

³ Geraldo M. O. Toste, Diretor de Publicações da União Sul Brasileira da IASD, informações concedidas por E-mail em 05 de Outubro de 2005.

⁴ Marcio Ciseski, Diretor de Publicações da União Nordeste Brasileira da IASD, informações concedidas por E-mail em 05 de Outubro de 2005.

De acordo com o Pastor Marco Aurélio diretor de publicações da União Central Brasileira o líder de estudante deve ter as seguintes características: inteligente, comprometido, estrategista, motivador, recompensador, focado, espiritual e formador de novos líderes¹.

Para o diretor de publicações da Associação Rio Grandense, Pastor Richard Figueiredo, o líder estudante é alguém que desenvolve habilidades de recrutamento, treinamento, acompanhamento, buscando assim extrair o Máximo de potencial de cada colportor estudante, fazendo deste um vitorioso².

João César Guariento é um colportor estudante do UNASP e afirma que o líder de estudante deve ser alguém espiritual, a ponto de ser o diferencial da equipe, buscando assim alcançar os objetivos dos alunos e não os seus pessoais. A honestidade deve sobressair a ponto de suas ações falarem mais que suas palavras³.

Conclusão Parcial

Diante do que foi exposto pudemos conhecer um pouco da história da colportagem estudantil no Brasil. Verificamos também que muitas equipes estudantis não alcançavam o sucesso por não terem um programa pré-estabelecido para o desenvolvimento de seus colportores. A falta de organização, de auto-motivação, e de um líder

¹ Marco Aurélio de Pinho, Diretor de Publicações da União Central Brasileira da IASD, informações concedidas por E-mail em 11 de Outubro de 2005.

² Richard Figueiredo, Diretor de Publicações da Associação Rio Grandense da IASD, informações concedidas por E-mail em 10 de Outubro de 2005.

³ João César Guariento, Educando do 2º de Comunicação Social no UNASP-C2, informações concedidas por entrevistas em 03 de Novembro de 2005.

com perfil de estudante são equívocos aparentemente simples, contudo, contribuíram para o fracasso de muitos líderes e equipes. Como apresentado pelos diretores de publicações concluímos que um líder estudantil é uma pessoa formadora de opinião, busca desenvolver suas habilidades para melhor atender e capacitar seus colportores, é comprometido com o grupo e está em comunhão com Deus.

CAPITULO II

PERFIL DE UM LÍDER DE UMA EQUIPE ESTUDANTIL

A fim de que um líder tenha êxito em seu trabalho ele necessita ter algumas características. São as seguintes: ser chamado, espiritual, experiente, planejador, confiável, perseverante, honesto, motivador, treinador e inovador¹.

Chamado

Em todas as épocas Deus escolheu líderes para levar avante Seus empreendimentos. No período antediluviano a terra havia se corrompido e Deus viu que a solução seria interromper a escalada do pecado, pondo um fim ao gênero humano e demais seres criados através das águas do dilúvio. “Porém, Noé achou graça diante do Senhor” (Gen. 6:8). Deus “preservou a Noé, pregoeiro da justiça, e mais sete pessoas, quando fez vir o dilúvio sobre o mundo de ímpios” (II S. Pe. 2:5). Noé tornou-se o responsável pela construção da arca, Deus o chamou para esse grande empreendimento.

Mais adiante Deus carecia de um líder apropriado para conservar a fé sobre a terra a escolha recaiu sobre Abraão – o pai da fé. De sua descendência surgiria o povo de Deus – Israel, ver Gen. 12:1-3. Quantos líderes foram utilizados por Deus para garantir a sobrevivência do seu povo com quem fizera um concerto de paz! Na historia de Israel

¹ Informações baseadas em nossa experiência de Líder Estudantil.

houve uma sucessão de líderes que formaram uma galeria de elite de homens excepcionais, dotados de capacidades de liderança, tais como: Josué, Samuel, Davi, Salomão, Isaías, Ezequias, Jeremias e etc., todos estes foram chamados por Deus.

No período neotestamentário nos deparamos com o maior líder que o mundo conheceu – Jesus Cristo – e este influenciou através de sua liderança doze homens inexpressivos aos nossos olhos, mas que se tornaram baluartes nas mãos de Deus e consequentemente influenciaram e continuam influenciando até nossos dias.

Vemos assim que os líderes sempre foram responsáveis pelos importantes cometimentos dos céus e usados por Deus como sustentáculos de sua causa na terra. Embora estejamos vivendo um período de carência, sempre alguém é chamado a comandar um grupo de pessoas importantes a um determinado fim.

Espiritual

Os que se empenham na obra da colportagem devem primeiro dar-se a Deus completamente sem reservas¹. Cristo os convida: “Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve”. Mt. 11: 28-29.

Um líder espiritual faz de Jesus seu modelo, aprende do Salvador o poder da bondade e a magia da compreensão, pois não encontra no mestre nenhum traço de aspereza e descortesia, e com Sua ajuda o líder espiritual enfoca os seus problemas com um espírito

¹ Ellen G. White, *O Colportor Evangelista*, (Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1983), 51.

de amor e mansidão. Não é de se admirar quando um colportor O procura para buscar um conselho e oração.

Um líder se torna consagrado não da noite para dia, mas pela constante busca do poder do Espírito Santo. Como escreveu Ellen G. White: “Consagre-se a Deus pela manhã. Faça disso sua primeira atividade. E ore: toma-me, Senhor, para ser Teu inteiramente”¹.

Experiente

Subordinados precisam de líderes capazes de navegar eficientemente. Diante de situações de vida ou morte, a necessidade é terrivelmente óbvia. Mas mesmo quando as conseqüências não são tão graves, a necessidade permanece grande. A verdade é que praticamente qualquer um pode pilotar o barco, mas só um líder pode mapear o percurso².

Um líder de experiência vislumbra mentalmente todo o período de férias mesmo antes de sair para o campo de trabalho. Ele deve vislumbrar o seu destino, saber o que será necessário para o sucesso de seu grupo, porque ele já passou pelo “campo de batalha”. A experiência adquirida pelo líder estudantil, aquele que teve sucesso e até mesmo fracassos como colportor estudante o habilitará no momento de projetar planos de férias.

Por isso a importância da experiência na pessoa do líder, porque se houver erros no percurso ele levará outros ao fracasso e conseqüentemente o trabalho de Deus não será

¹ Ellen G. White, *Caminho a Cristo*, (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1999), 70.

² John Maxwell, *as 21 Irrefutáveis Leis de Liderança*, (São Paulo: Mundo Cristão, 1999), 56

feito com eficácia. “O Senhor deseja que lancem mão da liderança estudantil os que são capazes de despertar em moças e rapazes promissores um interesse por este ramo, levando-os a empreender a obra da colportagem e fazê-la com êxito”¹.

Planejador

Certa ocasião Abraão Lincoln disse: se eu tivesse oito horas para cortar uma árvore eu gastaria cinco horas amolando o machado. Isso ilustra a importância de um planejamento.

O planejamento amplia a chance de dar certo e minimiza a chance de dar errado, ele é como um patamar de referência e serve para ordenar as ações. A origem dos problemas do projeto quase sempre está nos detalhes aparentemente insignificantes, não nos grandes acontecimentos².

Todo líder estudantil tem a responsabilidade de planejar o amanhã do seu recrutado. Ele tem que construir pontes entre o hoje e o amanhã, e mais, ele deve descobrir, reconhecer e assegurar o futuro de sua equipe. Quando se faz um planejamento, diminui as chances de fracasso.

No preparo de um planejamento, é de suma importância responder estas quatro perguntas.

1. Onde estamos agora?
2. Aonde queremos ir?
3. Como chegaremos lá?

¹ Ellen G. White, *Colportor Evangelista*, 60, Grifo meu.

² César Souza, *Você é do tamanho de seus sonhos*, (São Paulo: Editora Gente, 2003), 151.

4. Quando chegaremos lá?¹

Ao responder estas perguntas de forma satisfatória, o líder estudantil com certeza já estará indo na direção certa, buscando alcançar os propósitos estabelecidos durante o seu planejamento, diminuindo assim as horas perdidas tentando achar o rumo a seguir.

Confiável

A confiança é o fundamento da liderança. Para conquistar confiança um líder precisa se tornar modelo das seguintes virtudes: competência, coerência e caráter. As pessoas podem perdoar erros ocasionais por falta de capacidade, especialmente se percebem que o líder está se aperfeiçoando, mas não confiam em alguém que tenha desvio de caráter². Assim, quando um líder convida um estudante para ir com ele colportar em uma determinada região, ele deve lembrar que está confiando na pessoa do líder e espera que este cumpra suas promessas.

Perseverante

Um líder perseverante é aquele que persiste rumo aos objetivos que se esperam alcançar, a despeito das circunstâncias negativas. É a qualidade necessária para enfrentar e superar os obstáculos e o próprio desânimo. “Far-nos-ia bem encarar cada fracasso como mera derrota temporária, ao invés de fiasco permanente”³. “A derrota temporária só deve

¹ Emilson dos Reis, *Aprenda a Liderar*, (São Paulo: Privilégio Artes Gráficas, 2003), 51.

² John Maxwell, *as 21 Irrefutáveis Leis de Liderança*, (São Paulo: Mundo Cristão, 1999), 56.

³ Emilson dos Reis, 42.

significar uma coisa, a certeza de que há algo de errado no plano. Ninguém é derrotado até que desista *em sua própria mente*”¹.

“Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados, perseguidos, porém não desamparados, abatidos, porém não destruídos.” II Cor. 4: 8-9. Uma pessoa que se dispõe a ser um líder jamais estará livre de problemas e desalentos. O princípio da perseverança é o dom de Deus para a superação de dificuldades e problemas. Como diz um provérbio oriental: “Quando se busca um cume de uma montanha, não se dá importância às pedras no caminho”.

Honesto

As crises da vida não servem para criar o caráter de alguém, mas para revelá-lo. Muitos são honestos por conveniência, outros por princípios. As oportunidades na vida ajudam a revelar quem realmente a pessoa é. “A maior necessidade do mundo é de homens – homens que se não comprem e nem se vendam; homens que no íntimo da alma sejam verdadeiros e honestos”².

É importante que um líder estudante seja honesto, por que esta sobre sua responsabilidade uma grande quantia de livros, dinheiro e principalmente pessoas que estarão observando as suas atitudes. Líderes não deixe que o inimigo ganhe terreno em seu coração.

¹ J.R.W. Penteadó, *Técnica de Chefia e Liderança*, (São Paulo: Livramento Editora Pioneira, 1973), 18.

² Ellen G. White, *Educação*, (Tatuí: SP, Casa Publicadora Brasileira, 1997), 57

Motivador

Líderes de qualquer seguimento devem ser motivadores. O fato é, qual é a razão da motivação? A palavra *motivação* vem pela junção de duas outras: *motivo* mais *ação*, indicando o “motivo para agir”¹. Percebe-se atualmente, que há líderes estudantis motivados pelo motivo errado. Uma vez cômico de seu divino chamado, o líder estudantil deve focalizar na satisfação de seus liderados. O senso de sua obrigação diante de Deus e de seus liderados deveria despertar os novos e experientes líderes estudantis a motivação que havia em Jesus, servir por amor. Entendemos que o líder estudantil deve aprender a amar seus colportores e os auxiliar que cada um alcance seus objetivos.

Havendo a motivação correta, o líder estudantil será um agente motivador para seus liderados. Nenhum colportor estudante é motivado por um líder displicente. Como disse o profeta Ezequiel “... Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastores as ovelhas? Comeis a gordura, vesti-vos de lã e degolais o cevado, mas não apascentais as ovelhas. A fraca não fortaleceste a doente não curaste a quebrada não ligaste, a desgarrada não tornaste a trazer e a perdida não buscastes, mas dominais sobre elas com rigor e dureza” (Ez 34: 2-4). Por isso o líder é como um pastor está interessado pelas ovelhas e não pela lã e pela carne, isto é, o rendimento ou remuneração advinda de seus colportores estudantes não deve ser a motivação para o trabalho.

¹ Emilson dos Reis, 89.

Os colportores serão motivados pelo líder amigo.

Treinador¹

Há muitos colportores estudantes que poderiam desempenhar um ótimo trabalho, mas às vezes se sentem inseguros, se não somente forem eles capacitados serão encorajados a fazer um trabalho com resultados positivos. Na maioria das vezes o despreparo do colportor estudante reflete em resultados medíocres, por isso o líder estudantil preparado, deve sempre treinar sua equipe e cada colportor individualmente, dirimindo suas dúvidas e os encorajando. São necessárias reuniões de treinamento, na medida do possível, periódicas nas campanhas. As informações devem, imediatamente, ser acompanhadas da prática. Quando o colportor observa a teoria sendo executada em prática em seu território de trabalho, será extraordinariamente encorajado.

Assim, o líder deve estar desafiado a acompanhar cada um de seus liderados no próprio campo de trabalho. Este pode ser um dos fatores decisivos para a satisfação de ambos, colportor estudante e líder.

Inovador²

Um aspecto imprescindível para o sucesso de um líder estudantil é a inovação, tendo sempre informações e métodos atualizados. Procurando sempre aplicar na prática os mais eficientes. Por isso a importância do líder ser um pesquisador, reunir materiais e apresentar sínteses das novas literaturas, explorando o que for mais importante.

¹Informações baseadas em nossa experiência de Liderança Estudantil.

² Ibid.

Consideramos que o líder deve estar preparado para qualquer dúvidas possíveis de colportores estudantes. A qualidade da oferta dos colportores estudantes reflete sua capacitação, é de suma importância um colportor ter informações atualizadas, principalmente nas áreas de conhecimento humano, e de vendas. Há muitos clientes que apresentam objeções reais por falta de conhecimento, e uma simples informação atualizada poderia dissipar essas objeções e fechar com resultado positivo. Fazendo o possível para alcançar as pessoas, os resultados virão naturalmente.

Conclusão Parcial

Como foi discutido, para que uma equipe alcance seus objetivos é indispensável que o seu líder possua uma série de características e estas como foram citadas acima serão determinantes no resultado final da equipe.

CAPÍTULO III

O TRABALHO DE UMA EQUIPE ESTUDANTIL

Divisão de Campo¹

A divisão do campo de trabalho é muito importante para o êxito dos colportores estudantes. Ela compreende a escolha do campo, a formação das duplas e a atividade dos colportores abertos.

Escolha do Campo

Para que a escolha de campo seja realizada com eficácia é importante que o líder siga alguns passos:

- I- Tenha o mapa atualizado da cidade e região a ser trabalhada.
- II- Munido deste mapa e acompanhado por uma pessoa que conheça a cidade, visitar todos os bairros em especial aqueles que serão trabalhados.
- III. Ao visitar os bairros fazer anotações das características geográficas, sócio-econômicas, e outras.
- IV. Limitar geograficamente os bairros.
- V. Ver qual ônibus passa no bairro e seus devidos horários.
- VI. Tendo conhecido os bairros, estes devem ser alistados e classificados dentro de suas realidades sócio-econômicas.

¹ Ibid.

Por que deve o líder estudante ter estes cuidados mencionados acima? Em muitas ocasiões em que o líder designa um campo para o colportor estudante, alguns destes negligenciam o trabalho e fazem questionamentos em relação ao campo. Uns dizem que o campo é distante demais, outros que o campo é pobre de recursos e conseqüentemente de compradores, e outros dizem que campo já acabou em apenas poucos dias de trabalho, sendo que aquela área era suficiente para um mês ou mais de visitação.

Outro ponto importante é que cada colportor estudante tem as suas características de trabalho. Sendo que alguns se adaptam melhor à classe alta, outros à média e outros à classe baixa.

Formação de Duplas¹

Assim como é importante à escolha de um campo, mais importante ainda é a formação de duplas. O líder deve seguir alguns passos na formação de duplas:

1- Orar a Deus pedindo iluminação para tal.

2- Colocar um colportor estudante experiente com um não experiente.

3- A formação de duplas nos primeiros dias de trabalho não é garantia de que esta dupla ficara junta até o final das férias. O líder deve observar através da conversa diária com as duplas e seus relatórios se os mesmos estão em ascendência.

4- Outro ponto importante que deve ficar claro tanto para líderes como para colportores estudantes, principalmente para aqueles que realizam o trabalho de porta em porta quer seja no comércio ou residências e que o trabalho em dupla não consiste em dar

¹ Ibid.

ofertas juntos o dia todo, pois separados poderão alcançar o dobro de ofertas e resultados.

A finalidade de trabalharem em duplas é para orarem juntos, irem ao campo juntos, almoçarem juntos e se possível voltarem para casa juntos, principalmente se forem meninas. Poderá haver momentos que um ou outro venha a desanimar, então o que estiver melhor, mais motivado, deve orar e encorajar o outro em busca de seus objetivos.

Colportores Abertos¹

Geralmente em uma equipe de colportores estudantes, há aqueles que já colportam há mais tempo e os chamados novatos. Dentre os colportores veteranos há aqueles que sempre precisaram estar na campanha, junto com o líder, pois estes precisam de motivação diária para alcançar os seus objetivos pessoais, enquanto que outros preferem trabalhar só. Estes são enviados para as cidades próximas à sede da campanha, para realizarem um trabalho com maior amplitude, porque lá ele estará só, dando à oportunidade de se fazer a chamada nata da cidade, e depois ir em busca de outra.

Ao iniciar as suas primeiras ofertas na cidade designada, o colportor deve primeiramente visitar as autoridades por ordem de hierarquia: prefeito, vice-prefeito, secretários, vereadores, e, depois, médicos, dentistas, delegados, professores, advogados entre outros. Ao concluir as visitas, que com certeza resultarão em vendas, o colportor não deve deixar de pedir indicações para as próximas visitas.

Normalmente aos fins de semana estes colportores retornam à sede da campanha, onde ali realizam os depósitos e retiram mais material para a próxima semana de trabalho, e

¹ Ibid.

principalmente, recarregam suas energias compartilhando as experiências vividas no decorrer da semana, e ouvindo experiência de seus amigos de equipe

Treinamento¹

O treinamento é uma parte muito importante para que os estudantes comece bem. É necessário que ele conheçam o prospecto e aprendam a fazer a oferta diante do cliente.

Passos da Venda

I. Preparo Espiritual: “Os Colportores precisam converter-se diariamente a Deus, a fim de que suas palavras e ações possam exercer uma influência salvadora”². II. Preparo Pessoal: Roupas adequadas, sapatos engraxados, Cabelo, dentes, barba e banho em dia, Pasta, prospecto, revistas, livros, caneta, blocos... Tudo em ordem e limpo. “Não podemos esperar que o Senhor nos dê pleno sucesso... a menos que toda aparência e maneiras sejam de tal natureza que imponham respeito. A verdade é engrandecida mesmo pela impressão de asseio no vestuário”³.

III. Preparo e Conhecimento da Literatura: “Os Colportores devem familiarizar-se perfeitamente com o livro que vendem e estar habilitados a chamar de pronto a atenção”⁴

¹ Ibid.

² White, *Colportor Evangelista*, 52.

³ Ibid, 66.

⁴ Ibid, 58.

para os capítulos importantes”.

IV. Preparo e Conhecimento do Território: Tipo de Comunidade, Economia, Etnia, Filosofia Religiosa e ideológica.

V. Abordagem: Saudação: Bom Dia...! Logo após o colportor terá que responder de forma clara e objetiva as três principais perguntas de seu cliente, que são:

- A. Quem Você é?
- B. De Onde Vem?
- C. O Que Quer?

A sugestão é: Bom dia! é o Sr. Pedro? Meu nome é César, sou do estudante do UNASP-SP, estamos realizando um projeto sobre qualidade de vida, temos visitado as principais famílias desta cidade e venho para visitá-lo brevemente em sua casa, com licença?

VI. Tornando-se Amigo do Cliente: Fale ao coração, Elogie com sinceridade.

VII. Desperte Curiosidade no Cliente:

- A. Fale dos problemas;
- B. Use estatística e dados alarmantes;
- C. Incentive o cliente a falar.

VIII. Demonstração:

- A. Reúna e envolva toda a família.
- B. Esteja seguro de que todos estão participando.
- C. Mantenha os olhares da família numa só direção: o prospecto.
- D. Chame o cliente várias vezes pelo nome.
- E. Faça perguntas cujas respostas sejam afirmativas.

- F. Enfatize os benefícios.
- G. Exalte o valor da literatura.
- H. Antecipe o prazer da posse.

IX. Conclusão:

- A. Fixe Seus Objetivos.
- B. Resuma Os Benefícios.
- C. Apresente a Lista dos Compradores.
- D. Ofereça a Caneta.
- E. Identifique sinais de interesse: “Quanto Custa?”

X. Inquietações do Cliente:

- A. Quanto Custa?
- B. Como Receberei?
- C. Quando Receberei?
- D. Quando Pagarei?
- E. Quem Entregará?

XI. Como Fazer as Entregas:

- A. Peça a literatura ao SELS com a necessária antecedência.
- B. Organize-se para a entrega.
- C. Tenha à mão o prospecto e o talão de pedidos.
- D. Lembre-se do troco. Ofereça mais literatura.
- E. Seja pontual.
- F. Otimismo: “Conforme Combinamos...”.

G. Após a entrega e o recebimento, ofereça um curso bíblico.

H. Sempre que possível ore com o cliente. Semeie uma boa amizade.

Objecções

As objeções fazem parte do dia a dia da colportagem. Ainda que o colportor esteja bem preparado e sua apresentação de venda seja excelente, é inevitável que as objeções apareçam. Somente não escutarão objeções àqueles que não se empenham em persuadir alguém. Por isso, na arte de lidar com a mente humana é preciso encarar as objeções com naturalidade e aprender que elas não indicam o fracasso de uma venda, mas, tão somente o caminho para o êxito.

Maneiras de Lidar Com as Objeções:

- I Escute o provável comprador
- II Responda com uma pergunta.
- III. Responda a objeção.
- IV Utilize a técnica do “eu compreendo...”.
- V. Seja Breve.

Esquenta Oferta

Após a seqüência de treinamentos realizados na campanha os colportores são divididos de dois em dois, e saem para treinarem aquilo que foi lhes ensinado.

Geralmente o líder escolhe um bairro simples da cidade onde praticamente não há muita possibilidade de venda e juntos vão para o campo dar ofertas, treinar na prática. Isso proporciona ao colportor certa desenvoltura e confiança para ir ao seu campo definitivo.

Horários¹

Uma equipe de colportagem estudantil deve ser uma extensão de seu processo de aprendizagem. Não se consegue administrar uma campanha de colportagem estudantil sem um planejamento de horários. Mas o mais importante é a observação estrita dos horários estabelecidos. O líder estudantil deve planejar os horários levando em consideração às estações e o clima do local da campanha. Deve-se ficar afixado em lugares bem visíveis. Não deve haver tolerância, senão o líder perderá a ordem da campanha. Sugerimos um horário para as atividades, preferencialmente os colportores devem estar devidamente preparados para que após o culto saiam para o campo de trabalho.

06h00min h - despertar

06h10min h - higiene pessoal

06h20min h - devoção pessoal

06h45min h - desjejum

07h10min h - culto

08h00min h - saída para o campo

09h00min h - primeira oferta

12h00min h - almoço

13h30min h - retorno ao campo

20h00min h - retorno à campanha

I. 22h00min h - apagar as luzes

¹ Informações baseadas em nossa experiência de Liderança Estudantil.

Retorno do Campo de Trabalho¹

O líder deve orientar previamente seus colportores quanto ao retorno à campanha após o trabalho. O colportor deve fazer quatro coisas imprescindíveis, nesta ordem: 1) orar; 2) preencher relatório, anotando fielmente todas as informações decorrentes de seu dia bem como as experiências marcantes; 3) entregar o relatório ao líder juntamente com seus depósitos; 4) retirar o material necessário para o dia de trabalho seguinte e compartilhar as

Experiências daquele dia.

Esse procedimento deve ser realizado sempre à noite, por isso o líder deve, preferivelmente, aguardar com paciência até que último colportor retorne, isto evitará uma sobrecarga na manhã seguinte tanto para o líder e seus liderados.

O atendimento deve ser personalizado. Atender um de cada vez, demonstrando interesse pelo seu colportor e ouvir atentamente sua histórias, isto significa dignificá-lo. De maneira nenhuma se deve tratar bem aqueles colportores de êxito em vendas, em detrimento daqueles que obtiveram menor resultado. Os cálculos e medidas de Deus não são iguais aos nossos, todos devem ser ouvidos e valorizados. O líder deve orar com cada colportor em sua sala. Deve ser lembrado que o líder será o primeiro a acordar e o último a dormir. Isso é parte do preço da liderança.

O Culto em Uma Campanha Estudantil²

O culto de uma equipe estudantil deve ser sempre a maior preocupação de um

¹Ibid.

² Ibid.

líder estudantil. Na preparação do local do culto, deve o líder escolher o melhor lugar, “Nada do que é sagrado, nada do que está ligado ao culto deve ser tratado com negligência ou indiferença”¹. É obrigação do líder fazer todo o possível para tornar a hora do culto cheia de possibilidades para que haja uma comunhão com Deus na vida dos colportores estudantes.

Sala de Culto

Todo líder estudantil deve planejar o local da sala de culto, porque é ali que os colportores estudantes receberão o alimento espiritual e a motivação necessária para o seu dia de trabalho. As sugestões para esta sala são:

- Seja usada somente para as reuniões e cultos da equipe.
- Tenha um cantinho especial para oração individual, se possível neste lugar ter um tapete para o colportor fazer sua oração individual.
- Tenha cartazes com frases espirituais e motivacionais.
- Tenha o quadro comparativo de vendas da equipe.
- Tenha cadeiras para todos, pois os colportores passam a maior parte do dia em pé.
- Seja limpa e se possível fazer uma escala de limpeza.

Programação de um Culto Matutino

07h10min h - Momentos de louvor – dirigidas por pessoas espirituais e motivadas. Canta-se de três a quatro músicas, tendo como sugestão cantar o mesmo hino ao

¹ Ellen G. White, *Testemunho Seletos vol.II* (Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1995),193.

iniciar.

07h20minha Leitura da meditação, lição da escola sabatina e um texto selecionado do colporteur evangelista, logo em seguida oração.

07h35min h - O líder neste momento transmite os recados aos colportores e depois faz a entrega dos relatórios destacando as pessoas que superaram a si mesmas e os campeões do dia anterior (campeões em números de ofertas, horas de trabalho, vendas e alvos). Esse é o momento muito importante do culto onde o líder lança e reforça os alvos da semana.

07h50min h - mensagem espiritual, que pode ser realizada pelo líder, por um departamental ou por colportores selecionados pelo líder.

08h00min h - Oração final, cantar o hino “*Embora a Luta*”, grito de guerra e todos para o campo.

Cultos Especiais

Em um período de férias uma equipe recebe estudante de vários lugares, sendo às vezes de escolas de ensino médio, das universidades, igrejas, e infelizmente alguns destes jovens vem para uma equipe sem um nível espiritual adequado. Sendo assim se faz necessário um reavivamento espiritual, uma vez que este trabalho é uma luta contra os principados, contra potestade, contra os príncipes das trevas deste século. Quando se apresenta um livro que expõe o erro, Satanás se posta ao lado daquele a quem é oferecido e apresenta razões pelas quais não deve ser aceito¹.

¹ Ellen White , O Colporteur Evangelista, (Santo André: 1983), 115.

Diante desta realidade, é importante que no decorrer das férias o líder estudantil realize cultos especiais, tais como: Vigílias e Santas Ceias. Estes cultos especiais ajudarão no reavivamento espiritual destes jovens.

Equipe Mista

No ano de 1994, o Pr. Matos iniciou a sua faculdade de teologia no UNASP-EC-2, e como líder estudantil, tinha a responsabilidade de formar uma equipe para levar a Santa Catarina. Mas ao iniciar seu programa de recrutamento, ele sentiu uma grande dificuldade para recrutar os teologandos desta instituição, por não ser ainda um líder conhecido.

Para tentar amenizar o aparente problema da falta de estudantes em sua equipe, ele então resolveu levar as suas duas filhas, e aproveitou para convidar mais três moças para estarem com elas. No final das férias ao fazer um balanço das vitórias alcançadas o Pr. Matos conclui que equipe mista era uma benção, e a partir daquele ano até hoje as equipes mistas são uma realidade em todo o Brasil.

Vantagens de uma Equipe Mista

- A equipe se torna mais alegre e descontraída;
- As mulheres são mais organizadas, honestas e preocupadas com os acertos;
- São mais econômicas e estáveis (sinceras ao líder);
- Competição entre moças e rapazes.

- Tem mais facilidades em trabalharem de porta em porta e comercio¹;

Cuidados que Devem Ter

- Não permitir de forma alguma início de namoro dentro da equipe porque tal procedimento atrapalha o rendimento do colportor e, conseqüentemente, o rendimento da própria equipe.
- Para os casais de namorados, deve-se ter uma reunião especial explicando as regras pré estabelecidas pela equipe. Se o líder não for enérgico e cuidadoso no início da campanha ele perderá o controle da situação.
- Não permitir momentos de reflexão (orarem juntos) com sexo oposto nas madrugadas.
- Na hora de separarem as duplas para realizarem o seu trabalho, não faça duplas mistas, exceto os casados.
- Não enviar para uma mesma cidade, homens e mulheres.
- No alojamento, evitar a aparência do mal. Portanto cada um deve permanecer em seu local especificado, de modo que os rapazes não visitem os quartos das moças e vice – versa.

Os líderes devem lembrar que os vizinhos estão de olho em tudo que vai acontecer dentro de sua equipe, e o testemunho fala mais do que mil palavras. Com o início das equipes mista, cresceram as vendas, mas também cresceram as responsabilidades

¹ José de Matos, Diretor de Publicações da Associação Norte Paranaense, informações obtidas mediante entrevista aos 17 de Outubro de 2005.

de conduzir com eficiência e decência o grupo que Deus lhes confiou.

Limpeza

Os líderes estudantis, devem conservar a sua campanha e seus arredores limpos.

Toda a forma de desasseio tende à enfermidade, isso faz lembrar de um conselho muito útil:

Existem microrganismos produtores de morte nos recantos escuros e negligenciados, em apodrecidos detritos, na umidade, no mofo e bolor. Nada se deve permitir que permaneça próximo de casa, poluindo e envenenando o ar. Coisa alguma suja ou estragada se deve tolerar dentro de casa. Perfeito asseio, quantidade de sol, cuidadosa atenção às condições higiênicas em todos os detalhes da vida doméstica são essenciais à prevenção das doenças e ao contentamento e vigor dos habitantes do lar¹.

Sugerimos que a limpeza aconteça quinze minutos antes do culto da manhã, assim a campanha ficara agradável para receber qualquer pessoa durante o dia. É de suma importância preparar uma lista de limpeza diária e escolher um colportor estudante como responsável para cobrar o seu devido andamento. Nas sextas feiras é importante toda a equipe participando do mutirão da limpeza, assim a campanha terá um ambiente saudável e agradável para receber o sábado do Senhor.

Programa de Motivação²

Como já destacamos em capítulos anteriores, todo líder estudantil tem que ser auto motivado, porque muitas vezes os colportores buscarão nele a inspiração e segurança para o seu dia de trabalho. Os colportores estudantes são capazes de conquistas notáveis, muito além de seu desempenho atual, quando contam com um ambiente motivado e

¹ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 276.

² Informações baseadas em nossa experiência de Liderança Estudantil.

adequado, e principalmente quando se tem um líder motivado.

Existem diversos modos de oferecer incentivos que motivam uma equipe:

- Motive os colportores mostrando os resultados dos livros deixados nos lares de pessoas que ainda não conhecem a Jesus. Muitos dos livros Grande Conflito que forem deixados nesses lares, brilharam e as pessoas começaram a lê-los e se converteram aos mandamentos de Cristo.
- Estabeleça nomes para cada semana: Semana Arranque Total, Semana Força Total, Semana Máxima, Semana prá Racha chá, Semana Fogo Neles, Semana Reta Final, e coloque cartazes espalhados por toda a campanha, com o nome da semana e também cartazes com frases motivacionais.
- Estabeleça alvos semanais ou quinzenais, com premiações que venha beneficiar toda a equipe, assim todos sentirão a responsabilidade de trabalharem em equipe para conquistar o prêmio estabelecido pela liderança. Pode ser como prêmio: Um domingo no parque aquático, em uma chácara, na praia, uma grande pizzada, etc. não alcançando o alvo, este deve ser relançado.
- Crie também alvos individuais para cada um, assim se dará a oportunidade para todos participarem em busca de uma premiação.
- Crie um leilão, esta é uma festa que se realiza no ultimo final de semana da equipe. Neste dia estará a exposto vários brindes, onde o colportor poderá dar o seu lance conforme os pontos acumulados e adquiridos no decorrer das férias. O leilão será importante para toda a equipe e principalmente para aqueles que tenham dificuldades na área das vendas, pois todos serão avaliados em vários aspectos:

horas de trabalho; números de ofertas; vendas; entregas diárias de relatórios, sempre no retorno do campo; limpeza; pontualidade nos cultos e após o mesmo, estar com a pasta pronta para ir ao campo; devoção pessoal; higiene pessoal, tais como: banho tomado, roupas limpas e passadas, barba feita, arrumação de sua cama; e outros.

- Gincana: dividir a equipe em grupos menores, escolher um líder para cada grupo, criar um nome para esta equipe, ter um grito de guerra, após esta divisão, estabelecer regras de pontuação semelhante á pontuação do leilão.

Conclusão Parcial

O capítulo demonstrou que o líder deve planejar de forma inteligente o período de trabalho de sua equipe. Caso ele fracasse no planejamento e organização o trabalho da equipe ficará comprometido e o recrutado ficara bem aquém que poderia ocorrer.

CAPÍTULO IV

FINANÇAS DO LÍDER

“A obra de colportagem não deve ser conduzida de maneira desleixada, frouxa. Os que se empenham em obra que requer manejo de dinheiro devem conservar estritos conta de cada centavo recebido e pago. A educação assim obtida em exatidão prepará-los-á para maior utilidade”¹.

Pessoais

Quando se trata do manejo de dinheiro, todo líder estudantil tem que ser ordenado financeiramente, transparente e honesto. Ele precisa ser exemplo, manejando bem as finanças pessoais. Aliás esse deve ser um pré-requisito, pois a forma com que trata suas próprias finanças indica como tratará as de sua equipe, quando por elas for responsável. “Geralmente o líder que é desordenado com suas finanças pessoais será também com as finanças da equipe. Desta forma ele também estará influenciando seus liderados mesmo sem palavras, mas através de seu exemplo”².

Cabe ao líder estudantil a responsabilidade de administrar com seriedade a sua vida em particular e não se envolver em dívida. “Quando alguém voluntariamente se

¹ Ellen White, *O colporteur Evangelista*, (Santo André: 1983), 92.

² Adilson Morais, Diretor de Publicações da União Chilena, ver anexo.

envolve em dividas, está se embaraçando numa das redes de Satanás, que ele arma para as almas¹”.

Junto ao SELS²

Em um período de férias, uma equipe estudantil chega a vender 500 mil reais, e todo esse dinheiro passa nas mãos de um líder. Cabe ao líder estudantil, ser uma pessoa organizada cuidando de cada centavo. A seguir estão algumas orientações úteis para todo líder estudantil:

- Todo início de campanha o líder recebe certa quantia de dinheiro para pagar passagens, colocar combustível para a viagem, etc. Sempre que entregar dinheiro a um colportor deve ter um recibo com assinatura deste, para que não haja confusão na hora do acerto. Muitos líderes têm se passado por mentirosos por não terem um documento daquilo que entregaram a alguém.
- É recomendável que apenas uma pessoa fique responsável pelo caixa da equipe.
- Sempre deve haver uma sala separada para o estoque, e na ausência da pessoa responsável nesta sala, ela deve ser trancada, para evitar prejuízo financeiro.
- Ao receber o material do SELS o líder deve conferi-lo com a respectiva nota, antes de colocá-lo junto ao seu estoque. E no final de uma campanha, antes de enviar as caixas de devolução, deve conferir todo o material a ser devolvido. Em seguida, quando o material chegar ao SELS, deve haver outra conferência, desta vez

¹ Ellen White, *O colportor Evangelista*, (Santo André: 1983), 91.

² Informações baseadas em nossa experiência de Liderança Estudantil.

realizada pela pessoa responsável e o líder. O líder nunca deve deixar a pessoa responsável conferir sozinha, pois qualquer problema que apareça posteriormente, dificultará sua defesa, ao ser confrontado, sua palavra com a do responsável que conferiu. Assim, para não deixar margem para dúvida o líder deve fazer questão da realização dessa conferência em conjunto.

- Com relação aos colportores que trabalham em aberto, ou seja, aqueles que não ficam junto com os outros colportores na campanha, pois ficam em outras cidades da região, um cuidado especial deve ser tomado. Deve ser combinado com o gerente do SELS para que este não envie em hipótese alguma nenhum material para estes colportores sem antes avisar o líder. Isso evitará problemas que poderiam surgir prejudicando uma ou mais partes envolvidas.
- Ao receber um talão de notas de garantia o líder tem sobre ele uma grande responsabilidade, pois este talão é como um cheque em branco assinado pelo portador. É de total responsabilidade do líder saber nas mãos de quem foram entregues estas notas. Por isso deve ele anotar na conta corrente de cada colportor os números das notas a eles entregues.
- Todos os dias o líder deve fechar o seu caixa, conferindo todas as suas entradas e saídas. Ao fazê-lo estará anotando as suas despesas em uma planilha a parte para sempre ter um controle das mesmas. Isso evita surpresas desagradáveis por ocasião do acerto final junto ao SELS.

- Os cheques, ao serem encaminhados para o SELS, devem ser carimbados pelo líder, estar ordenados por data e somados. A soma deve estar constando em um relatório ou pelo menos em um papel que siga junto com os cheques.
- Os depósitos do líder junto ao SELS, devem ser feitos pelo menos uma vez por semana, para evitar eventuais assaltos ou furtos de pessoas conhecidas ou desconhecidas. Nestes casos, se o líder não fez os depósitos poderá se complicar.
- Fazer um pré-acerto com os colportores, antes de se apresentarem diante do gerente, isto facilitara o acerto e vai evitar muitos transtornos.
- Para o acerto final o líder deve levar as notas fiscais de materiais recebidos em ordem numérica, todos os comprovantes de recibo, notas fiscais de brindes, combustível, os adiantamentos recebidos dos SELS e etc.
- Geralmente o líder recebe certo valor ou um percentual que será destinado para investimento na motivação da equipe. Quando com este valor for comprar o material de incentivo, incluindo os brindes, deve sempre solicitar as respectivas notas para que no final preste contas, inclusive para a equipe. Deve ser criado um arquivo para guardar todas as notas: SELS, brindes, papelarias, pessoais, etc.

Junto aos Colportores

“Alguns colportores tem conduzido seus negócios de modo tão descuidado e frouxo que estão constantemente desequilibrando os fundos necessários para a prossecução da obra”¹. Todo líder estudantil tem que ajudar os colportores a ser uma pessoa organizada

¹ White, *Colportor Evangelista*, 92.

orientando em seus gastos. Esse cuidado beneficiará o próprio colportor em sua vida pessoal e profissional, a equipe que ele está inserido, o líder e o SELS, pois ninguém terá problemas com ele.

É por isso que o exemplo do líder é imprescindível, pois se ele é organizado terá autoridade para exigir de seus liderados a mesma organização. Além disso, quando o colportor percebe organização e rigidez nos detalhes ele se sente pressionado a agir de forma correta.

Cuidados a serem tomados¹

- Ao entregar material para o colportor deve ser feita uma requisição, somar e pedir a assinatura dele na mesma. Nunca deixar para depois, e se deixar por força maior, anotar em uma local seguro o material dado ou enviado e pedir a sua assinatura em tal anotação.
- Deve ser cobrado diariamente o depósito integral do que o colportor vendeu. Isso evitará que ele venha a gastar antes da hora o seu lucro e às vezes até mais, causando dívidas e estresse na hora do acerto.
- Os gastos de campanha (aluguel, água, luz, material de limpeza e reforma da casa) devem ser planejados antes do início da mesma. Feito isso, o líder deve fazer os vales que rateiam esses custos com os colportores, e entregá-los a eles para que assinem a autorização para que suas respectivas partes sejam debitadas em sua conta.

¹ Informações baseadas em nossa experiência de Liderança Estudantil.

- O colportor deve ser também orientado e receber planilhas periódicas de seus gastos diários e semanais (transportes, alimentação e outros), para que possa acompanhar sua situação.

Acerto Final¹

O acerto final entre o líder e o colportor deve ser feito de forma clara a fim de que não fique nenhuma dúvida. O colportor tem que ter entendido tudo e assinar seu acerto. Antes de se despedirem sempre devem terminar com um clima de paz e alegria, fazendo uma oração de agradecimento.

O clima de um acerto é resultado do que foi a campanha. Se ela foi planejada, organizada e executada com competência e responsabilidade do líder e dos seus liderados, o acerto acontecerá sem maiores problemas num clima de satisfação por ambas as partes. Por outro lado, se a campanha ocorreu em um clima de desordem o acerto apenas porá isso à tona, causando transtornos às partes envolvidas.

Conclusão Parcial

A experiência tem demonstrado que a falta de organização financeira é o motivo de alguns líderes fracassarem em seu trabalho. Por isso, é necessário que o líder tenha controle de todas as entradas e saídas de sua equipe agindo sempre com transparência, cuidado, honestidade e responsabilidade não só diante de seus liderados bem como do SELS e principalmente diante de Deus.

¹ Informações baseadas em nossa experiência de Liderança Estudantil.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa se baseou especialmente em entrevistas junto aos diretores de colportagem dos diversos níveis e campos do Brasil, acopladas à experiência que os autores tiveram durante sessenta e duas férias dedicadas à colportagem estudantil, sendo que em vinte e duas atuaram diretamente como líderes. Erros e acertos extraídos de experiências pessoais e de trocas de experiências com colegas que atuaram na mesma área.

Embora aja uma preocupação dos campos (são SELS espalhados por todo o Brasil e mundo) em relação ao sucesso de suas equipes. E se tenham estabelecido programas que objetivam o desenvolvimento de seus colportores. O sucesso esperado não tem acontecido porque há um descaso com a escolha do líder. Ao mesmo tempo em que se nota a preocupação com o desenvolvimento dos membros da equipe, se percebe o descaso com relação à escolha do líder. Frequentemente se parte de critérios equivocados como o bom êxito em algumas férias ou a boa socialização, o que são características positivas, mas que ficam muito aquém do que realmente é necessário para que alguém seja uma líder estudantil eficaz.

Sugerimos que a escolha do líder da equipe deve estar entre os primeiros passos para se estabelecer um plano de trabalho. Seu papel é imprescindível para o desempenho de uma equipe e, por isso, ele deve sentir que Deus o chamou para o trabalho e viver a altura de tal responsabilidade. Os que com ele trabalham devem notar as evidências disso.

Além das características espirituais, deve possuir características de administração eficaz adequadas à realidade do trabalho de colportagem estudantil. Deve planejar com competência, ter organização financeira tanto no aspecto pessoal quanto no que se refere ao trabalho com a equipe. Precisa manter sob seu controle todas as entradas e saídas financeiras da equipe com que está trabalhando. Seu trabalho deve ser guiado com transparência, cuidado, honestidade e responsabilidade. Tais características devem estar evidentes ao ponto de serem constantemente notadas por todos aqueles que se envolvem direta ou indiretamente com ele, incluindo os estudantes por ele liderados, o corpo administrativo do SELS e principalmente Deus.

Nossas sugestões talvez não sejam novidades, todavia com demasiada frequência não são observadas. Acreditamos que, se forem seguidas, assegurarão um maior êxito dos líderes estudantis e de suas equipes.

APÊNDICE

APENDICE A

Brasília, 30 de Setembro de 2005.

Liderar colportores evangelistas estudantes é um ministério que vai além do estimulante programa de bolsas e bonificações. Nesta atividade está envolvida a missão do evangelismo com publicações. Com o desempenho da missão vem à educação prática, o Desenvolvimento humano, a construção do caráter. O líder tem o privilégio de testemunhar o crescimento, a transformação de um sonho numa realidade. Semeia ideais e colhe milagres. Porém o maior milagre é ele mesmo: alguém que se entrega sem reservas a Deus e ao próximo!

Pr. Almir Marroni
Diretor de Publicações da Divisão Sul Americana da IASD

APENDICE B

Chile, 25 de Setembro de 2005

Um Líder Estudantil é alguém que:

1. **Tenha sido um colportor de êxito na colportagem de porta a porta, de casa em casa**, não somente palestras, não digo que esta ultima modalidade não seja importante, ela de fato e, porem não substitui o trabalho de casa em casa.(porque de um modo geral e no trabalho de casa em casa que um colportor vive a linda experiência de chegar ao coração das pessoas) Tendo esta experiência primeiro o líder poderá compartilhar com seus liderados com toda convicção e segurança de que se fizerem tudo o que ele lê fala por que ele viveu poderão conquistar o êxito.
2. **Tem o desejo de servir e não ser servido. Sentir o chamado de Deus** para amar, servir e ajudar a outros jovens a amarem e compreenderem de fato o que realmente e o Ministério de Publicações. Ter a consciência de que seu trabalho principal e único como líder e o de servir a eles e não ser servido por eles. Com isto quero dizer que o líder deve estar disposto a acompanhar seus colportores lá no campo, ensinando a eles como se faz o trabalho de uma maneira alegre, espiritual ao orar com cada cliente, dedicar tempo para escutar e orar com seus colportores, Eu diria

que o líder que não quer servir não deve querer liderar. Jesus disse: **“Eu vim para servir e não para ser servido... vim para dar a vida por eles”...** (você e eu)

3. **Seja ordenado Financeiramente, Ser transparente e honesto.** O líder precisa ser exemplo de como se manejar bem suas finanças pessoais, e posteriormente de sua equipe. Geralmente um líder desordenado com suas finanças pessoais o será também com as finanças da equipe. Desta forma ele também estará influenciando seus liderados mesmo sem palavras somente pelo seu exemplo a fazer o mesmo.

Onde ele deve dar o exemplo?

- Em sua casa primeiro;
- Não devendo para o colégio, Não devendo na praça;
- Ter um bom nome no banco (caso tenha conta corrente);
- Em sua campanha e
- Principalmente ter um bom nome e respeito no SELS que e a própria igreja.

4. **Saiba planejar sua campanha com antecedência: Trabalha com metas, quer resultados.** Por que estamos aqui e para onde vamos e como vamos chegar lá? , não se esqueça “qualquer um pode pilotar um navio porem somente o líder sabe traçar a rota”

5. Seja um leão e cordeiro: Ser manso firmemente e firme mansamente.

DISCIPLINA.

Existe 2 tipos de lideres :

Arão: o pessoal constrói bezerros(pura festa) e ele aceita tudo para ficar bem com todos não quero perder colportor então....sua equipe e uma.....

Moises, este destrói bezerros que levam seu grupo longe dos objetivos que uma campana deve ter sua meta e **construir colportores** com caráter. Sua campanha tem que ter regras claras. Elimine todo bezerro que os afastem da vitória.

6. E um homem (mulher) que ora: Um líder primeiro busca a Deus e depois busca o povo. Um líder intercede pelos seus liderados diante de Deus.

Pr. Adilson Rodrigues de Moraes

Diretor de Publicações da União Chilena da IASD

APENDICE C

Rio de Janeiro, 20 de Setembro de 2005.

No meu ponto de vista, o que é um Líder.

O líder de estudante é formador de opinião, pessoas e programa; ele pode usar sua influência para o bem ou para o mal.

O verdadeiro líder trabalha com pessoas sem rumo, e as direciona para o caminho certo. Ele formador de discípulos.

Ele é visto como referencia diante do grupo.

Faz o meio de campo, entre o líder e sua organização.

Sempre vai defender o correto, mesmo diante de ser seu amigo, ou não.

Há dois tipos de líderes, aquele que nasce líder, e aquele que é formado líder.

O verdadeiro líder é fundamentado em programa e resultado, estas duas coisas não podem ser separadas.

Um abraço,

Pr. Paulo Pinheiro

Diretor de Publicações da União Este Brasileira da IASD

APENDICE D

Brasília, 01 de Outubro de 2005.

Líder de Colportagem Estudantil

Ser líder da colportagem estudantil é convidar, motivar e capacitar jovens para o cumprimento de uma missão, de um ministério.

O líder portanto, é alguém que apresenta mais do que uma proposta para as férias, ele apresenta um chamado, com ética, respeito e responsabilidade.

Ser líder de colportores estudantes é estar comprometido com o sucesso de cada um dos estudantes que foram recrutados.

O líder neste caso está lutando lado a lado com seus liderados para que os objetivos destes se transformem em realidade. Ele compreende que aqueles que recrutou, necessitam de seu apoio, dedicação e até sacrifício.

Ser líder da colportagem estudantil é fazer um trabalho pastoral, acompanhando e se interessando por cada membro de sua equipe de maneira personalizada.

Isto vai significar muitas vezes dedicar tempo para conversar em particular, estabelecer metas com cada um, reanimar alguém que não foi bem naquele dia, orar com ele, sugerir alternativas, redefinir o programa de trabalho, etc.

Ser líder de colportagem estudantil é motivar sua equipe a cada dia, entendendo que nem todos são motivados pelo mesmo método e que, portanto, diferentes maneiras

deverão ser usadas para ter a equipe trabalhando com entusiasmo a cada dia e perseguindo objetivos elevados.

Ser líder de colportagem estudantil é dizer “vamos” e não apenas “ide”. Os líderes de destaque são aqueles que saem a campo com seus colportores com regularidade e constância. Eles fazem disso uma das grandes prioridades.

Ser líder de colportagem estudantil é administrar com responsabilidade e seriedade. Controles em dia, firmeza com os colportores no que diz respeito às finanças, fidelidade com o SELS e com o colportor são alguns dos pontos que um líder de sucesso terá em conta ao administrar sua equipe.

Ser líder de colportagem estudantil é treinar continuamente sua equipe. Já no colégio e depois durante as férias, esta será uma marca dos líderes de êxito. O estudante sai motivado para colportar sem saber muitas vezes como se faz o trabalho. Um bom líder vai se preocupar em fazer seu grupo saber o “como”.

Seguramente um líder de estudantes precisa tem muitas outras características, mas creio que estas são algumas das mais importantes.

Charles Britis
Diretor de Publicações União Centro Oeste Brasileira da IASD

APENDICE E

Tatuí, 04 de Outubro de 2005.

De todas as características que um líder deve possuir, três creio são as mais importantes e definitivamente fazem a diferença entre o sucesso e o fracasso.

1. Visão.

O verdadeiro líder é um ministro, um “pastor” muito mais que um promotor. Suas atitudes estão pautadas por sua visão evangelística. A colportagem para ele, não é apenas um meio de subsistência, mas um ministério. Para isto necessita ser um obreiro consagrado ao Senhor.

2. Comprometimento.

O líder é um individuo comprometido. Isto implica uma preocupação geral com o grupo de liderados, com detalhes de campanha, com seus superiores, com a filosofia de trabalho delineada no Espírito de Profecia e com as pessoas que estão a sua volta. Sua maior motivação é proporcionar o sucesso individual de cada um dos componentes de sua equipe.

3. Está focado em resultados.

O líder, avalia constantemente os resultados. Orienta e promove mudanças buscando maximizar os esforços de todos para o bem comum. Ao mesmo tempo, não teme ser avaliado, aliás busca por isto, pois sabe que em algo, sempre se pode melhorar.

Pr. João Vicente Gerente de Vendas da Casa Publicadora Brasileira

APENDICE F

Curitiba 05 de Outubro de 2005.

Líder Estudantil de Colportagem

“Liderar equipe de colportagem estudantil é também desenvolver o talento de liderança por meio do desprendimento, amor a colportagem e principalmente interesse nas pessoas e seu crescimento.”

Sucesso

Geraldo Magela O. Tostes

Publicações União Sul Brasileira da IASD

APENDICE G

Jaboatão dos Guararapes, PE, 05 de outubro de 2005.

O QUE É UM LÍDER DE ESTUDANTE

O líder de estudantes é alguém que anda a segunda milha na Igreja Adventista. Alguém que se preocupa com o avanço da obra, mesmo antes de ser obreiro; alguém que se torna servo, colocando-se na linha de frente, treinando, motivando, distribuindo literaturas em massa, porque crê nesta obra, e deseja ardentemente abreviar a volta de Jesus.

O líder de estudantes, geralmente é alguém auto-suficiente como colportor, que não necessitaria deixar seus ganhos seguros, também sua comodidade, mas que, por amor a obra torna-se líder, com o objetivo de colaborar com seus colegas e também contribuir com o avanço da obra de Deus.

Muitas vezes mal compreendido pelos seus liderados, mal recebido nos campos, mas, acima de tudo, é honesto em tudo o que faz, crê em seu chamado, é auto-motivado e não deixa que as pedras do caminho o façam desanimar.

Sabe aonde quer chegar, não faz das pessoas trampolim para o seu sucesso, mas é escolhido pela sua competência. Sabe colocar-se nas mãos do Grande Líder que é Jesus e sorver dele toda a sabedoria e competência necessárias para o sucesso em seu trabalho.

O líder de estudantes é acima de tudo um discípulo de Cristo, e sabe portar-se como tal.

Pr. Marcio Ciseski
Diretor de Publicações da União Nordeste Brasileira da IASD

APENDICE H

Artur Nogueira, 11 de outubro de 2005.

Líder de Colportagem Estudantil

Hoje se fala muito em liderança e até se escreve muito sobre liderança, mas na prática o que vem a ser um líder de colportagem estudantil?

Gosto muito de uma definição que li sobre ser um líder; “Líder é aquele que influencia pessoas a chegarem a lugares onde, por elas mesmas, nunca chegariam.”

Cataloguei algumas características de um líder de colportagem estudantil de sucesso:

1. Inteligente, o líder inteligente sabe que o sucesso de sua equipe depende do tempo que ele passa com ela, e que seu sucesso depende do sucesso de sua equipe.
2. Comprometido, o líder comprometido dá tudo de si para o sucesso de seus liderados.
3. Estrategista, o líder estrategista conhece bem o caminho para chegar onde tem que chegar e ensina o liderado a andar por ele.
4. Motivador, o líder motivador sabe dar motivos aos seus liderados para alcançarem o podium.

5. Inteligência emocional, o líder que possui inteligência emocional, sabe se relacionar com as pessoas e usa suas emoções sempre visando o bem do liderado.
6. Recompensador, o líder recompensador sabe elogiar os campeões, e usar esse momento para incentivar mais pessoas a se tornarem campeãs.
7. Focado, o líder sabe onde quer chegar, como vai chegar e faz todos chegarem com ele.
8. Formador de liderança: o verdadeiro líder faz líderes.
9. Espiritual, o líder de sucesso é aquele que busca do céu sabedoria para desenvolver um grande trabalho a favor dos liderados, como também para Deus.

Acredito que existam mais características para um líder estudantil de colportagem, porém essas que cataloguei, penso que são básicas. Também entendo que alcançar todas, em sua plenitude, é uma tarefa árdua, mas não impossível.

Pr. Marco Aurélio de Pinho

Diretor de Publicações da União Central Brasileira da IASD

APENDICE I

Porto Alegre, 10 de Outubro de 2005.

Liderança Estudantil

A IASD tem uma filosofia de liderança em todos os ministérios e dentro de seus regimentos, sendo que muitos de seus líderes administrativos vieram de instituições de educação, onde simples jovens, em frente a uma realização de tarefas, após um período, foram capacitados para liderar funções que até exigiriam uma formação superior ou específica para um ramo.

A liderança estudantil compreende uma destas áreas, onde jovens são modelados para um futuro de liderança, muitos dentro do ministério de Publicações. Com certeza após um ciclo de férias, onde centenas de jovens são conduzidos por este líder, este têm o aprendizado para lidar com questões de outros âmbitos dentro da IASD.

A cada férias o líder estudante tem que desenvolver habilidades de recrutamento, treinamento, acompanhamento dos estudantes, além de se envolver com pessoas de diferentes personalidades, buscando extrair o máximo de potencial de cada um dos liderados.

Analisando estas características podemos dizer, não é isto que a IASD busca em seus futuros líderes? Não espera deles que sejam pessoas capazes de recrutar novos conversos? Que possa treiná-los indicando o caminho do evangelismo? Não espera que um pastor possa acompanhar e ensinar na prática com se visitar ou dar um estudo bíblico? Tudo isto tendo um bom relacionamento e sabendo lidar com diferentes tipos de pessoas? E por fim, tendo resultados concretos e satisfatórios de batismo e acréscimo de congregações e aumento de dízimo?

Por estas razões é que vejo a importância da liderança estudantil, uma escola que tem uma realização na formação de líderes. Administrar uma equipe estudantil é uma tarefa tão quanto engenhosa como conduzir uma igreja. Sem contar nos acertos financeiros que se tem numa equipe, como também se procede na congregação.

O pastor Antônio G. Moreira possuía um provérbio um tanto interessante: “Conheço ótimos pastores que nunca passaram pela colportagem, mas nunca vi alguém de sucesso na colportagem ser um fracassado no ministério”.

Entendemos que um líder estudantil teve primeiro um sucesso na sua vida como colportor estudante e que pode também compartilhar os métodos e conceitos com outros colegas. Por isso vejo nestes líderes uma salvaguarda para a IASD no seu futuro com a concretização de resultados permanentes.

Pr.Richard Figueredo

Diretor de Publicações da Associação Sul Riograndense da IASD

APENDICE J

Maringá, 17 de Outubro de 2005.

EQUIPES MISTAS DE COLPORTAGEM

Em 1984 quando liderava os colportores efetivos em SC, começamos a trabalhar com equipe mistas. Notamos que parecia haver certa discriminação no bom sentido, não com relação ao trabalho das mulheres na colportagem, mas em relação a presença do sexo oposto na equipe masculina.

A idéia surgiu de um colportor, que um dia fez uma observação engraçada citando Gênesis 2:18, como o contexto desse verso não é esse, a princípio levei na brincadeira mas pensando bem achei que havia um certo fundamento em sua inquietação.

Este fato parecia refletir no recrutamento, em quanto se dava preferência aos homens às mulheres eram preteridas. Isto nos chamou atenção e começamos fazer algumas experiências, a pedido dos colportores solteiros que eram em grande numero, e achavam que faltava a simpatia e o dinamismo feminino na Equipe.

A princípio começamos com duas moças, e ao perceber que funcionava, fomos aumentando o número de mulheres, sempre com o cuidado de não ultrapassar 20% do grupo.

Porém para os líderes superiores, era como se a presença feminina sempre representasse um certo risco moral, que poderia levar as equipes fechadas ao declínio e ao fracasso. Idéia esta que ainda hoje predomina na mentalidade de alguns diretores. Porém a prática

demonstra que as vantagens são muitas e que as observações negativas nem sempre procedem.

Vantagens das equipes mistas:

Percebemos que com as mulheres fazendo parte ativa da equipe havia sempre um clima mais alegre e descontraído. As mulheres geralmente são mais organizadas, mais honestas e preocupadas com os acertos. Geralmente também parece serem econômicas e mais estáveis, principalmente nas equipes de estudantes, pois não se sentem seguras em ficar mudando de equipe. Tem mais facilidades na abordagem ao entrar nas casas ou estabelecimentos e conseqüentemente maior possibilidade de sucesso principalmente ao trabalharem no comércio.

Nossa equipe de efetivos se desenvolveu e cresceu muito quando passamos agregar mulheres. Em 1986 fomos campeões do estado de Santa Catarina, inclusive superando em vendas a equipe de revistas e os estudantes. Nesse ano na cidade de Indaial, no II mês máximo do ano, entregamos um caminhão de livros, logicamente que não foi uma carreta, mas um caminhão de médio porte, veio para nós carregado de livros. Esse material foi vendido somente de porta em porta. Um casal recebeu para essa entrega 22 caixas de livros, outro colportor recebera 17, esse colportor vendera – 380 coleções : “Cura e a saúde Pelos Alimentos, Andando por Onde Andou Jesus (Enc.), Caminho a Cristo e mais uma coleção de 4 revistas”. As caixas vinham com 42 volumes do livro cura e as saúde pelos alimentos.

As moças também tiveram sua participação nas vendas, havia 13 colportores e 5 colportoras no grupo. Dessa época em diante sempre mantivemos moças nas equipes.

Em 1994 quando iniciamos a faculdade de teologia no UNASP-2, ao chegar ao colégio procuramos formar uma equipe só de teologandos. Porém, mediante as dificuldades, em razão da concorrência, e como tínhamos duas filhas, uma com 12 e outra com 15 anos, recrutamos

mais três moças para fazer companhia a elas na equipe. Assim conseguimos aumentar o número de colportores em nossa nova equipe. Pois ainda éramos praticamente estranhos no colégio. Na ocasião começamos a dar um cursinho de colportagem, mas vinha poucos alunos. Finalmente conseguimos 20 nomes de teologandos, porém acabaram indo para as férias conosco apenas 11 destes, com as cinco meninas completamos a equipe de 18 colportores, dois desistiram ficamos, portanto, com 16 no grupo.

O resultado do trabalho foi excelente. A metade dos teologandos conseguiu a bolsa juntamente com duas das cinco moças, que conseguiram a bolsa do segundo grau. Nossa filha de 12 anos entregou 33 livros Vida de Jesus (Broc) e nas próximas férias vendeu 85 livros.

A equipe cresceu rapidamente. Nossa filha mais velha, a Márcia, e sua amiga, a Paulinha, conseguiam a bolsa em todas as férias. Nas férias seguintes contamos com oito moças. A vontade era levar mais moças, porém, sabíamos que essa forma de trabalho não agradava a liderança da União. As moças ficavam numa casa a algumas quadras da casa da campanha e vinham à equipe a noite e de manhã para as cultas prontas para o trabalho.

A despeito de enfrentarmos oposição em manter moças e rapazes numa mesma equipe, continuamos o trabalho. Nosso grupo cresceu como uma grande família, e rapidamente se transformou numa equipe vitoriosa e abençoada. Foi campeã em todas as férias seguintes, enquanto permanecemos no IAE. Estava fundada a equipe “Maranata” de SC.

Como resultados do trabalho dessa equipe, saíram muitos líderes. Após nossa formatura, continuamos com a mesma forma de trabalho. Ao perceber os bons resultados outros

diretores também optaram por trabalhar com equipes mistas, especialmente na USB, com os estudantes.

Em 2001 ao preparar nosso convite para ordenação, numa breve revisão de nosso ministério; encontramos 66 pastores que se formaram trabalhando sobe nossa liderança. Destes muitos hoje são distritais, departamentais, e entre estes, nove são vice-diretores ou diretores de colportagem. Portanto, ficou provado que homens e mulheres numa mesma equipe não dão problemas, se houver uma liderança responsável. E com certeza essa integração contribuirá muito para dinamizar o trabalho e aumentar a produção sem acrescentar nenhum risco daqueles normais que o mundo oferece.

Dessas centenas de jovens que trabalharam conosco ao longo dos anos, podemos citar dezenas de casais, que se conheceram na equipe, namoram, se casaram e hoje ambos são obreiro de valor na causa de Deus.

Portanto essa idéia de que, rapazes e moças numa mesma equipe, aumentam a possibilidade de imoralidade, não é verde. De acordo com nossa opinião isto é um paradigma que precisa ser quebrado. “Não é bom que o homem esteja só...” (Gen. 2:18).

Pr. José de Matos
Diretor de Publicações de Associação Norte Paranaense

BIBLIOGRAFIA

- Britis, Charles. Diretor de Publicações da União Centro-Oeste Brasileira da IASD. Informações concedidas por E-mail em 01 de Outubro de 2005.
- Ciseski, Marcio. Diretor de Publicações da União Nordeste Brasileira da IASD. Informações concedidas por E-mail em 05 de Outubro de 2005.
- Figueiredo, Richard. Diretor de Publicações da Associação Rio Grandense da IASD. Informações concedidas por E-mail em 10 de Outubro de 2005.
- Finzel, Hans. *Dez Erros Que Um Líder Não Pode Cometer*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1995.
- Guariento, João César. Educando do 2º Ano de Comunicação Social no UNASP-EC. Informações concedidas por entrevistas em 03 de Novembro de 2005.
- Marroni, Almir. Diretor de Publicações da Divisão Sul-Americana da IASD. Informações concedidas por E-mail em 30 de Setembro de 2005.
- Matos, José de. Diretor de Publicações da Associação Norte Paranaense. Informações obtidas mediante entrevista aos 17 de Outubro de 2005.
- Maxwell, John. *As 21 Irrefutáveis Leis Da Liderança*. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.
- Morais, Adilson de. Diretor de Publicações da União Chilena da IASD. Informações concedidas por E-mail em 25 de Setembro de 2005.
- Penteado, J.R.W. *Técnica de Chefia e Liderança*. São Paulo: Livraria Editora Pioneira, 1973.
- Pereyra, João V. Gerente de Vendas da Casa Publicadora Brasileiro. Informações concedidas por E-mail em 04 de Outubro de 2005.
- Pinheiro, Paulo. Diretor de Publicações da União Este Brasileira da IASD. Informações concedidas por E-mail em 20 de Setembro de 2005.
- Pinho, Marco Aurélio de. Diretor de Publicações da União Central Brasileira da IASD. Informações concedidas por E-mail em 11 de Outubro de 2005.

- Reis, Emilson dos. *Aprenda a Liderar*. São Paulo: Privilégios Artes Gráficas, 2003.
- Rocha, Ruth e Hindenburg da Silva Pires. *Minidicionário Ruth Rocha*. São Paulo: Editora Scipione, 2001.
- Souza, César. *Você é do tamanho de seus Sonhos*. São Paulo: Editora Gente, 2003.
- Timm, Alberto R., ed. *A Colportagem Adventista no Brasil: Uma Breve História*. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitário Adventista, 2000.
- Toste, Geraldo M. O. Diretor de Publicações da União Sul Brasileira da IASD. Informações concedidas por E-mail em 05 de Outubro de 2005.
- Wagner, Glenn. *Igreja S/A*. São Paulo: Editora Vida, 2003.
- White, Ellen G. *O Colportor Evangelista*. Santo André: Editora Casa Publicadora Brasileira, 1983.
- _____. *Testemunhos Seletos vol. 2*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995.
- _____. *Mente, Caráter e Personalidade*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996.
- _____. *A Ciência do Bom Viver*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997.
- _____. *Educação*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997.
- _____. *Caminho a Cristo*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999.
- _____. *Mensagens aos Jovens*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2005

FATORES DE MOTIVAÇÃO DA RELIGIOSIDADE DOS ALUNOS ADVENTISTAS, RESIDENTES E NÃO-RESIDENTES, DO ENSINO MÉDIO DO UNASP, CAMPUS ENGENHEIRO COELHO (SP)

Gilmar Kefler

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
TCC apresentado em setembro de 2005
Orientador: Emilson dos Reis, MTP
gilmar.kefler@unasp.edu.br

Resumo: Esse trabalho objetivou responder a três perguntas: (1) quais são os fatores motivadores da religiosidade dos adolescentes? (2) existe um método-mestre, que pode ser eficaz para motivar os adolescentes no que se refere aos assuntos religiosos? (3) a experiência de morar num internato, como o Unasp, faz diferença na espiritualidade dos adolescentes adventistas? Foram entrevistados 170 alunos, residentes e não-residentes, do Unasp, Campus Engenheiro Coelho (SP). Os resultados mostraram que, ao contrário da hipótese desse estudo, o que mais motiva espiritualmente os adolescentes não são os amigos e a música, mas o desejo pessoal e a satisfação religiosa. Assim, chega-se à conclusão que a religiosidade dos adolescentes é inata, e que, embora algumas vezes incompreendidos, possuem padrões religiosos até mais rigorosos que um adulto. O importante é que sejam vistos como são, tenham mais espaço e liberdade para expressarem suas idéias e mais oportunidades de participação.

PALAVRAS-CHAVE: adolescentes adventistas, Unasp, aluno residente, aluno não-residente, motivação, religiosidade.

Motivational factors for religiosity among resident and non-resident academy adventists students at Unasp, Campus Engenheiro Coelho (SP)

ABSTRACT: This research aimed to answer three questions: (1) what are the factors that motivates religiosity among teenagers? (2) Is there a guiding method that would be efficient in motivating teenagers in relation to religious matters? (3) Does the experience of being a student living in a board academy, such as the Unasp Academy, make a difference for the spirituality of an Adventist teenager? 170 resident and non-resident Unasp Academy students, at Campus Engenheiro Coelho (SP), were interviewed. The results showed that, contrary to working hypothesis of this research, the factors that motivate teenagers the most were not friends or music, but rather the student own personal desire and religious satisfaction. The conclusion reached is that religiosity is an innate factor, and many of them possess higher religious standards than adults, although they may be very often misunderstood. What is important is that a teenager should be taken as he is, and be given more space and freedom to express his or her ideas and more opportunity to participate.

KEYWORDS: Adventist teenagers, Unasp, resident student, non-resident student, motivation, religiosity.

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Curso de Teologia

**FATORES DE MOTIVAÇÃO DA RELIGIOSIDADE DOS ALUNOS ADVENTISTAS,
RESIDENTES E NÃO-RESIDENTES, DO ENSINO MÉDIO
DO UNASP, CAMPUS ENGENHEIRO COELHO (SP)**

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
À obtenção da Graduação de
Bacharel em Teologia

Por
Gilmar Kefler
Setembro de 2005

**FATORES DE MOTIVAÇÃO DA RELIGIOSIDADE DOS ALUNOS ADVENTISTAS,
RESIDENTES E NÃO-RESIDENTES, DO ENSINO MÉDIO
DO UNASP - CAMPUS ENGENHEIRO COELHO**

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
À obtenção da Graduação de
Bacharel em Teologia

Por:

Gilmar Kefler

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador:
Emilson dos Reis

Avaliação

Wilson Paroshi

Data da Aprovação

Amin A. Rodor
Diretor do Curso de Teologia

“A mais bela obra já empreendida por homens e mulheres é lidar com espíritos jovens. O máximo cuidado deve ser tomado na educação da juventude, para variar de tal maneira a instrução, que desperte as nobres e elevadas faculdades da mente. Pais e mestres acham-se igualmente inaptos para educar devidamente as crianças, se não aprenderam primeiro a lição do domínio próprio, a paciência, a tolerância, a brandura e o amor. Que importante posição para os pais, tutores e professores! Bem poucos há que compreendam as mais essenciais necessidades do espírito, e a maneira por que devam dirigir o intelecto em desenvolvimento, o pensar e sentir crescentes dos jovens.”

Conselhos a Pais, Professores e Estudante, P. 73.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 01 |
| Capítulo | |
| I. O ADOLESCENTE..... | 03 |
| Desenvolvimento Físico | 04 |
| Desenvolvimento Emocional..... | 05 |
| Desenvolvimento Social | 06 |
| Desenvolvimento Intelectual | 07 |
| II. DESENVOLVIMENTO RELIGIOSO DO ADOLESCENTE..... | 09 |
| Infância – Aceitação passiva..... | 11 |
| Adolescência – Transtornos e elaboração da individualidade | 11 |
| Juventude – Adoção ou abandono da fé | 11 |
| III. PESQUISA DE CAMPO..... | 14 |
| Dados e análise da pesquisa realizada com os adolescentes Adventistas no Ensino Médio do UNASP..... | 14 |
| CONCLUSÃO | 25 |
| APÊNDICE | 26 |
| BIBLIOGRAFIA | 33 |

INTRODUÇÃO

Atualmente, muitos na igreja acreditam que estamos perdendo um dos grupos sociais mais importantes: o dos adolescentes. Líderes da igreja, pais, educadores religiosos, e pessoas que lidam com a juventude estão preocupados, procurando a chave para motivar e envolver os adolescentes. Por outro lado, os adolescentes perguntam: “Por que tenho que ir à igreja? – Ela não é mais do que um bando de gente velha que torce o nariz por causa do meu cabelo; ou ainda: Eu só tenho um dia da semana para dormir até mais tarde!”.

Devido a estes fatos, surgem algumas questões: - Quais são os fatores religiosos que mais motivam os adolescentes? Existe um método-mestre, que pode ser eficaz para motivar os adolescentes no que se refere aos assuntos religiosos?

Este trabalho tem por objetivo responder a estas perguntas, tendo como referencial de pesquisa prática os alunos do Ensino Médio do Centro Universitário Adventista de São Paulo – Campus 2. Como esta instituição possui o sistema de alunos residentes¹ e não-residentes², surge-nos mais uma indagação: - Existe diferença nos índices de motivação religiosa entre os alunos residentes e os não-residentes?

No capítulo um, esta pesquisa tentará definir alguns fatores relacionados com o adolescente, suas características mais evidentes, mudanças e seus problemas. Logo em

¹ Alunos que residem no internato: estudam, residem, se alimentam e convivem vinte e quatro horas na Escola.

² Alunos que residem com seus familiares na proximidade na escola, vindo somente para os períodos de estudo.

seguida, no capítulo dois, será feita uma abordagem no que se refere como o adolescente pensa e reage aos assuntos ligados à religião e preceitos religiosos.

Depois, no capítulo três, serão apresentados os dados coletados na pesquisa realizada com os alunos do Ensino Médio do Centro Universitário Adventista de São Paulo – Campus Engenheiro Coelho, seguido de uma interpretação dos mesmos. Como hipótese do trabalho, pode ser dito que os alunos residentes são motivados em menor grau do que os alunos não-residentes; e que o que mais motiva o adolescente nas questões religiosas são os amigos e a música.

Por se tratar de um tema tão atual e importante, esta pesquisa é de vital importância tanto para líderes religiosos, pais, como para professores de Ensino Religioso e estudiosos em geral. Espera-se que este trabalho alcance seus objetivos.

CAPÍTULO I

O ADOLESCENTE

A palavra “adolescente” embora muito familiar em todos os meios sociais, algumas é vezes um pouco desconhecida. O dicionário Licopar³ traz simplesmente a seguinte definição para adolescência: mocidade, juventude, puberdade.

De acordo com Fenwick & Smith⁴, a adolescência pode ser definida como um período que vai da puberdade até os 18 anos, momento da maioridade legal. Porém mais recentemente,⁵ encontramos que a adolescência é definida como a fase de transição entre a infância e a idade adulta, uma passagem que pode durar até dez anos, dependendo do indivíduo, de seu ambiente social, escolar e familiar. A puberdade refere-se a um conjunto de modificações biológicas que vão resultar em capacidade reprodutora. Portanto, a adolescência não possui um período fixo, podendo se aplicar tanto para um menino de 10 anos quanto para um adulto de 20.

Nesta fase específica, enormes e significativas mudanças começam a acontecer – deixa-se de ser criança para transformar-se em adulto. Mas todas estas transformações

³ Dicionário Licopar – Campanha Pró-Hospital Licopar. Curitiba: 1972. p. 37

⁴ Fenwick, Elizabeth & Smith, Tont. *Adolescência – Guia de sobrevivência para pais e adolescentes*. São Paulo: Ática, 1996. p.15.

⁵ <http://www.dietanet.hpg.ig.com.br/ncrescimento.htm>

que ocorrem são normais e necessárias. É um período de mudanças físicas, emocionais e sociais, e de grandes desafios tanto para os pais como para os adolescentes. Estas mudanças podem ser classificadas em cinco grupos: físico, emocional, social, intelectual e espiritual. O desenvolvimento espiritual será abordado no capítulo dois.

Desenvolvimento Físico

O sinal provavelmente mais visível de que uma criança entrou para a adolescência é o seu súbito crescimento. “No auge do estirão, um menino chega a crescer de 12 a 15 cm em 12 meses”⁶. As meninas entram no estirão do crescimento dois anos antes que os meninos; mas no final do estirão de ambos os homens terão crescido mais, devido possuir pernas mais longas que as mulheres.

Fenwick & Smith⁷ acrescentam que algumas mudanças físicas que ocorrem nas meninas são:

- Início do ciclo menstrual;
- Desenvolvimento dos seios, que se tornam arredondados e macios. Ficam sensíveis e com os mamilos doloridos;
- Definição dos quadris, que tomam mais forma e ficam mais redondinhos;
- Redistribuição da gordura do corpo, assumindo contornos mais suaves e delineados;
- Crescimento de pelos nas axilas e nas áreas genitais;

⁶ Fenwick, Elizabeth & Smith, Tont. *Adolescência – Guia de sobrevivência para pais e adolescentes*. São Paulo: Ática, 1996. p.15

⁷ Idem

- Alteração no timbre de voz, que se torna mais cheia e forte.

Por sua vez, as mudanças que ocorrem nos meninos são:

- Enrijecimento dos músculos, que ficam mais fortes;
- Alteração na voz, que se torna mais grossa;
- Crescimento do pênis e do saco escrotal;
- Crescimento de pêlos nas axilas e nas regiões genitais;
- Crescimento de barba no rosto;
- Engrossamento dos pêlos das pernas, braços e peito.

Desenvolvimento Emocional

A grande maioria dos adolescentes julgam-se incompreendidos pelos pais e por muitos adultos. Consideram-se desinteressantes, desajeitados. De acordo com Kemp⁸, oitenta por cento, simplesmente não aceitam seu visual, sua aparência, colocam em dúvida sua inteligência, habilidades e charme pessoal. Além de tudo, sofrem muito com a pressão imposta pela sociedade em geral como sendo padrão de comportamento de um adolescente moderno.

Isto pode ser em parte explicado, pelo fato da adolescência ser um período de busca de uma identidade própria, uma busca de sentidos e significados do mundo que o rodeia e também da sua própria existência.

⁸ Kemp, Jaime. *Turbulentos anos da Adolescência – Como ajudar um adolescente a não naufragar na mais crítica fase de sua vida!*. São Paulo: Sepal, 1991. p. 55.

Carvajal⁹ nos diz que a essência do percurso da adolescência é totalmente diferente do da infância e da idade adulta. “O adolescente se recolhe num *casulo*, sendo uma *crisália* em absoluta transformação, diferente da *lagarta* da infância e da *borboleta* da vida adulta”. Este processo de mudança obedece a regras totalmente diferentes de qualquer outro período da vida do ser humano. Nem é criança, nem é adulto; não se assemelha em nada a nenhum dos dois.

O autor acrescenta que a maneira como o adolescente se expressa e age pode algumas vezes ser “muito excêntrica, muito agressiva, fazendo com que os pais possam deixar de se sentir impactados e até maltratados”¹⁰.

A curiosidade transbordante do adolescente, sua necessidade de ter certeza de tudo, seu ânimo de experimentar tudo sozinho, sua culpa inconsciente por ser rebelde, sua compulsão a ser diferente, sua falta de experiência, sua ignorância dos perigos que o adulto conhece e sua liberdade sem limites – tudo isso converte o adolescente numa vítima da incompreensão e da falta de jeito por parte dos adultos que o rodeiam.

Sabemos que essa dolorosa transformação, essa *metamorfose* é definida e inevitável para poder ingressar num modelo social. Somente assim o adolescente poderá se tornar um cidadão adulto.

Desenvolvimento Social

Ao iniciar a puberdade, o adolescente se sente muito só e tem forte tendência a tentar um contato no mundo com alguém igual ou parecido com ele, em substituição aos

⁹ Carvajal, Guillermo. *Tornar-se Adolescente – A aventura de uma Metamorfose – Uma visão psicanalítica da adolescência*. São Paulo: Cortez, 1998. P. 24

¹⁰ Ibid., P. 12

contatos que tinha com os pais. Estabelece-se a amizade íntima, para quem agora se transfere uma boa quantidade de investimentos que eram anteriormente destinados a seus pais. Esse novo amigo marca um novo estilo de relacionamentos, e é o modelo que induz o adolescente no grupo social.

É importante destacar, que o adolescente tem necessidade de pertencer a um grupo, e o lema é não ser rejeitado e estar, portanto, incluído em todas as atividades grupais. Os amigos íntimos se reúnem e formam um grupo. Começam a surgir novos códigos de comportamento, onde existem castigos, prêmios, etc. O grupo é o centro da atividade do adolescente. O importante é ser aceito por alguém do grupo e ser incluído nele. Uma vez dentro do grupo, o segundo passo é ser admirado e respeitado.

Carvajal¹¹ conclui mostrando que tudo isso faz parte de um processo de *desapego* das pessoas de sua família, deslocando a afeição para outras pessoas fora da família e depois para uma pessoa do sexo oposto. E tudo isso acontece, porque ele está em busca de uma identidade pessoal!

Desenvolvimento Intelectual

A mente do adolescente é um poderoso instrumento, tornando-se muitas vezes para ele uma fonte de alegria através da curiosidade, da sensação de descoberta, da sensação de triunfo decorrente de ter solucionado um quebra-cabeça ou de ter resolvido um problema desafiante.

¹¹ Idem

Segundo Lopes¹², o adolescente tem capacidade para lidar com abstrações. É capaz de dominar uma maior proporção de saber relacionado a símbolos e artes do que com as coisas concretas. “A capacidade de lidar com abstrações surge tanto em relação às qualidades quanto às quantidades e apresenta uma importância especial no tocante à busca de sentido, valor e significação da pessoa em crescimento”.

Conclusão parcial

Como pudemos ver, do ponto de vista fisiológico, a adolescência começa na puberdade e termina mais ou menos quando o corpo acaba de crescer¹³. Do ponto de vista psicológico, a adolescência engloba um período de auto-afirmação e busca de identidade; enfim, a adolescência é a fase da vida em que o indivíduo não é mais criança, mas também ainda não é adulto. É talvez o estágio mais difícil pelo qual passa o ser humano; e freqüentemente surgem, nesse período, interrogações, frustrações e situações embaraçosas.

O adolescente, logo cedo, começa a enfrentar os maiores desafios de sua vida, que passam a influenciá-lo positiva ou negativamente. É travada uma luta interior, porque seu corpo está amadurecendo, sua personalidade desenvolvendo e sua maturidade se aprimorando. É também nesta fase, que muitas decisões importantes são tomadas, decisões que podem moldar a futura felicidade e a auto-realização: opções de fé, educação, carreira, casamento, etc.

¹² Lopes, Jamiel de Oliveira. *Aprendendo a lidar com o Adolescente – Um manual prático para líderes e professores da Escola Dominical*. São Paulo: Candeia, 1997. P. 29

¹³ Boran, Jorge. *Os desafios Pastorais de uma Nova Era. Estratégias para fortalecer uma fé comprometida*. São Paulo: Paulinas, 2000.

CAPÍTULO II

DESENVOLVIMENTO RELIGIOSO DOS ADOLESCENTES

Há poucos anos, ao entrar numa igreja, independente da religião, poderia se notar que o público era predominantemente formado por mulheres, em sua maioria acima dos trinta anos. A presença e a participação dos jovens eram insignificantes¹⁴. Entretanto, nos dias atuais, a realidade é diferente: De acordo com a Revista Veja¹⁵, O instituto de Estudos da Religião fez uma pesquisa com 800 brasileiros com idade entre 15 e 24 anos, e 98% responderam que acreditam em Deus; entre os que seguem uma religião, 33% escolheram sua fé por decisão pessoal, sem interferência da família. Em outra pesquisa realizada¹⁶ os alunos de escolas particulares, estaduais e municipais, aprovaram quase unanimemente a educação religiosa nas escolas.

Como podemos conciliar estas informações, com os dados estatísticos¹⁷ de que quase 50% dos adolescentes jamais ou raramente freqüentam uma igreja? Para entender um pouquinho mais sobre esta questão, precisamos primeiramente, entender como se processa o desenvolvimento religioso nos adolescentes. “Todo jovem necessita de uma base moral e

¹⁴ <http://www.unicap.br/berr/Berroreligiao/adolescentes.html#top>. (26/10/03)

¹⁵ Garotos de Fé – Os jovens estão mais místicos, mas definem sua religiosidade com liberdade e sincretismo. http://veja.abril.com.br/especiais/jovens_2003/p_028.html

¹⁶ O interesse dos alunos pela educação religiosa.
<http://ufop.br/ichs/conifes/anais/EDU/edu2003.htm>

¹⁷ Coelho, Hobert de Oliveira. *13 lições bíblicas para adoloescntes*. São Paulo: Vida Nova, 1999. P.67

espiritual como fundamento nos caminhos da vida”¹⁸ A adolescência representa uma encruzilhada e prova para a religião adotada na infância. De acordo com Mielnik¹⁹, ela pode até ser considerada como a “idade da conversão”. Realmente, existe uma transformação do sentimento religioso durante este período. A adolescência abre para o adolescente um mundo novo, despertando diferentes tipos de comportamentos religiosos. Na maioria dos adolescentes, se produz um debilitamento (passageiro) da vida religiosa. Estabelece-se uma grande ligação de causa-efeito e, se a gravidade das faltas cometidas são ignoradas, (o adolescente tem um forte senso de justiça) a vitalidade espiritual se debilita, na mesma medida que a *animalidade* se desenvolve²⁰.

Em certos adolescentes, a evolução do sentimento religioso ocorre lentamente, pois, para o adolescente, é difícil superar os problemas, as influências dos amigos, da mídia, etc. E esta crise pessoal, pode levar ao atrofiamento religioso, ocasionando inclusive a perda da religiosidade, do interesse por tudo o que se relaciona com Deus. Ao mesmo tempo, em outros, há um despertar, uma espécie de “primavera espiritual”. Mas, na maioria dos casos, se manifestam inquietudes, interrogações, indefinições e também uma necessidade de Deus, que uma vez não experimentada, ficará insatisfeita.²¹

Em regra geral, a curva da evolução religiosa ocorre em três etapas:

¹⁸ Pesch, Floriano. *Alerta Juventude*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Emprevan Editora, 1974.

¹⁹ Mielnik, Isaac. *Os Adolescentes*. São Paulo: Ibrasa, 1984. P.62-63

²⁰ Guittard, Louis. *La Evolución Religiosa de los Adolescentes*. Barcelona: Editorial Herder, 1961. P. 398.

²¹ Idem

Infância – Aceitação passiva

Nesta fase, a criança segue unicamente e fielmente o que seus pais fazem. A idéia de Deus é figurada, através da pessoa do pai, suas atitudes e comportamento. É nesta fase, que alguns conceitos futuros precisam ser firmados, pois “um grande número de adolescentes possui uma visão errada de Deus. Muitos o vêem como um disciplinador severo, preocupado apenas em manter as pessoas na linha. Outros o acham demasiadamente sublime e distante para se importar com os seres humanos ‘insignificantes’”.²² Se o adolescente tiver a visão adequada de Deus como seu Pai Celestial (conceito firmado na infância), dependerá mais dEle e o buscará com mais intensidade.

Adolescência – Transtornos e elaboração da individualidade

Há na vida dos adolescentes uma progressão da vida interior. A maioria, no início da puberdade, sente uma elevação do fervor religioso, mas este sentimento tende a decrescer, devido às muitas transformações pelas quais o adolescente passa. Nesta fase, o adolescente parece que está separado de seu centro, arrancado de si mesmo. Frequentemente é ‘do contra’, e até age com rebeldia com os pais, educadores e líderes religiosos. Isto pode gerar um sentimento de indiferença ou hostilidade com respeito à fé, que antes era amada.

Juventude – Adoção ou abandono da fé

Esta fase se caracteriza por um conceito reflexivo. A tempestade aos poucos vai passando, as mudanças ocorrem em ritmo menos acelerado, o pensamento e a vontade

²² Coelho, Hobert de Oliveira. *13 lições bíblicas para adolescentes*. São Paulo: Vida Nova, 1999. P.66

amadurecem. Para os que conservaram pelo menos um pouco o sentimento religioso na adolescência, isto será a base sobre qual levantarão sua edificação religiosa. Agora, o sentimento religioso é mais pessoal, reflexivo e vivido.

Conclusão Parcial

Pudemos ver, de maneira resumida, que a adolescência se constitui num período de grande importância para o futuro religioso. O abandono ou a adoção de uma vida religiosa é obra desse período específico. É a idade das decisões. Os hábitos de devoção adquiridos durante a adolescência têm maiores probabilidades de manterem-se por toda a vida ou de reaparecerem em momentos importantes. Os adolescentes que recebem uma boa base religiosa na infância, que continuam recebendo atenção na adolescência, são ajudados na conquista de sua autonomia e é facilitado o desenvolvimento de sua personalidade.

É também na adolescência que ocorre o chamamento ao ministério e à vida religiosa. Em contraste, também é nesta fase que podem ocorrer a contaminação pelos vícios, maus costumes e escolhas erradas, que podem destruir a devoção e até o abandono da religiosidade.

Uma vez que o adolescente não é religioso porque **deve** sê-lo; mas porque **quer** sê-lo, é necessário que seja evitada a intervenção excessiva dos adultos, que é, em parte, inútil.²³

²³ Guittard, Louis. *La Evolución Religiosa de los Adolescentes*. Barcelona: Editorial Herder, 1961. P. 401

Em suma, para viver e desenvolver-se, a religiosidade do adolescente deve sintetizar sua própria experiência, crescer com ele, e não ser constantemente imposta. Quando a crise da adolescência passar, a religião constituirá a pedra mestre da armadura interior dos jovens.

CAPÍTULO III

PESQUISA DE CAMPO

Dados e análise da pesquisa realizada com os alunos Adolescentes do Ensino Médio do UNASP – Campus 2

Primeiramente, foi feito um contato com a administração do Colégio UNASP para verificar a possibilidade de se efetuar uma pesquisa que visa detectar os fatores que mais motivam o adolescente a frequentar a igreja e se envolver nas questões religiosas.

Através da colaboração dos professores do Colégio UNASP, foi solicitado aos adolescentes adventistas do Ensino Médio do Centro Universitário Adventista de São Paulo que respondessem ao seguinte questionário anônimo:

Idade: _____ Série: _____ Sexo: _____
Residente: () Sim () Não

1. Você possui Lição da Escola Sabatina? () Sim () Não

2. Você estuda a Lição da Escola Sabatina:
() Sempre () Geralmente () Poucas Vezes () Nunca

3. Quando chega o sábado, você:

- () Gosta muito de ir à igreja
- () Vai à igreja porque seus pais vão
- () Vai à igreja porque está acostumado
- () Vai à igreja porque não tem o que fazer
- () Vai à igreja obrigado
- () Não vai à igreja.

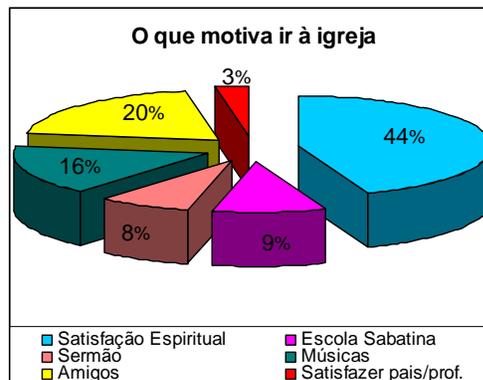
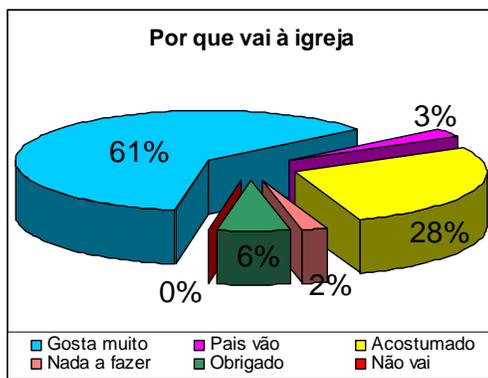
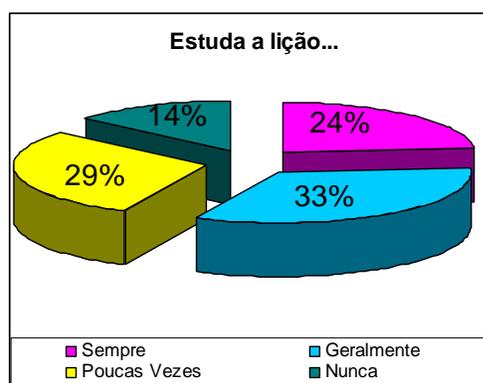
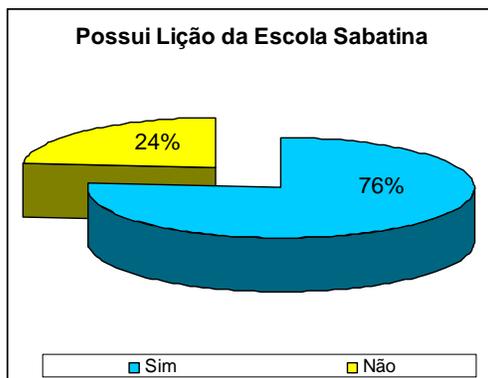
4. Marque com o nº. 1 o que mais o motiva a ir à igreja; com o nº. 2 o segundo lugar, e assim por diante:

- () Satisfação espiritual
- () Classe da Escola Sabatina
- () Ouvir o Sermão
- () Participar e/ou ouvir as músicas
- () Encontrar os amigos
- () Satisfazer pais e/ou professores

5. O que gosto quando vou à igreja é: _____

6. Se pudesse, eu mudaria: _____

Depois que os 170 alunos inquiridos responderam ao questionário, os mesmos foram recolhidos, tabulados e analisados, apresentando os seguintes resultados:

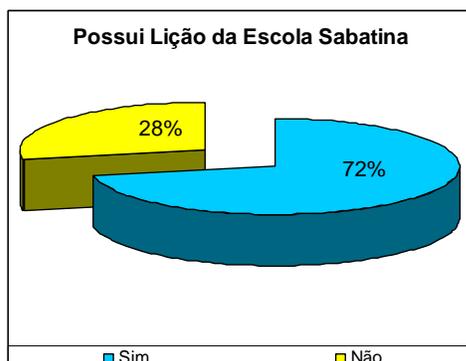


É relevante observar que a maioria dos adolescentes (76%) possui a lição da Escola Sabatina, mas somente 33% deles a estudam geralmente; 29% estudam poucas vezes, 24% estudam sempre e 14% nunca estudam a lição. É interessante observar que o número dos que nunca estudam a lição é inferior ao número dos que não possuem a lição. Podemos supor que alguns adolescentes, mesmo que não possuem a sua lição, ainda assim a estudam pelo menos algumas vezes, seja em cultos nos residenciais, seja com colegas no quarto, ou mesmo com a família.

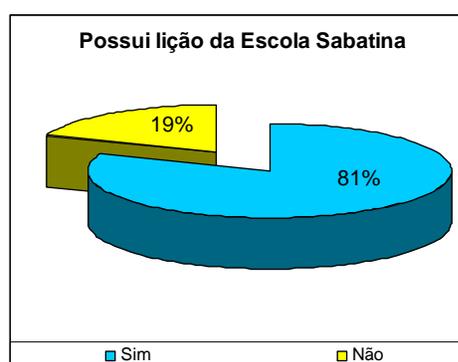
Um fator de surpresa foi verificar que a grande maioria gosta muito de ir à igreja (61%), e que os fatores motivacionais que os fazem ir à igreja são: primeiramente a satisfação espiritual (44%), em segundo lugar os amigos (20%) e em terceiro lugar, vem a participação na música (16%), seguidos pela Escola Sabatina (9%), ouvir o sermão (8%) e somente 3% afirmaram ir à igreja para satisfazer pais ou professores.

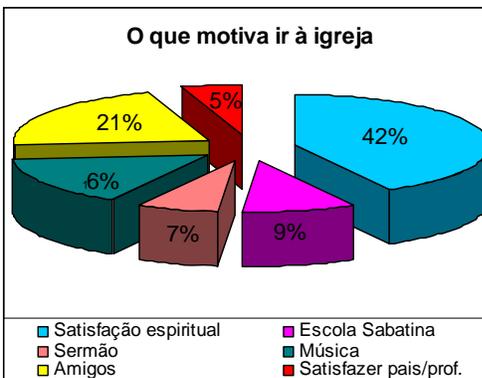
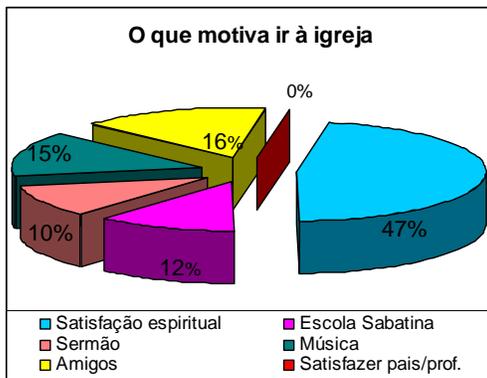
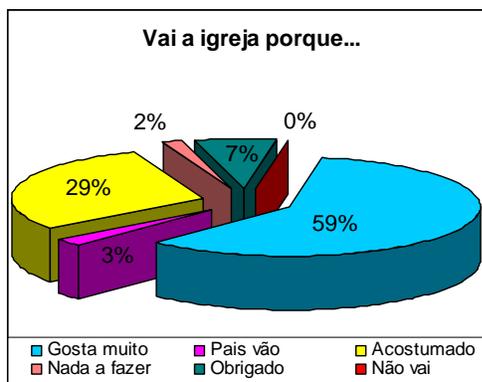
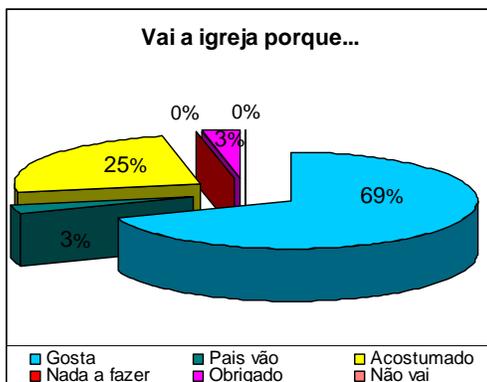
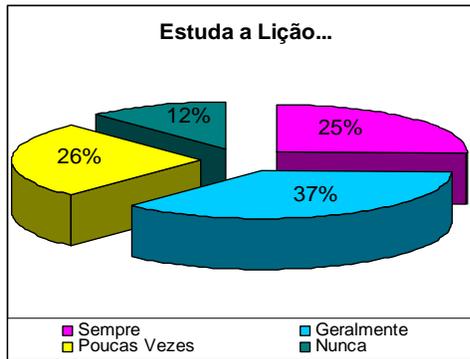
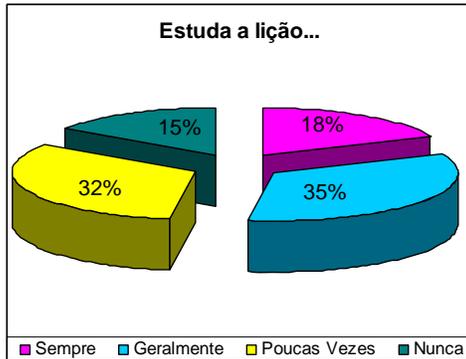
Após esta análise, os dados colhidos foram separados entre masculino (64) e feminino (104), apresentando os seguintes resultados:

Masculino:



Feminino



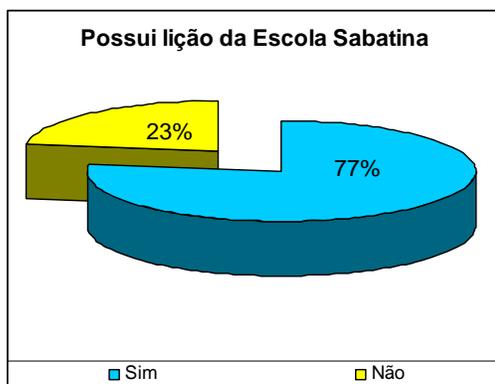


Através destes gráficos, ficam bem visíveis as grandes semelhanças e as pequenas diferenças que existem entre o sexo masculino e o sexo feminino no que se refere ao sentimento religioso. É menor a quantidade de meninos que possuem a lição da Escola Sabatina, mas em ambos os casos, o estudo regular da mesma acontece geralmente.

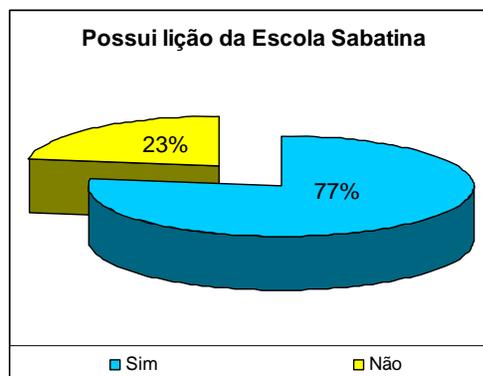
É impressionante também notar que em ambos os sexos, há uma satisfação muito grande em ir à igreja, seguido em ambos os sexos pelo fator de estar acostumado. Os fatores motivacionais são os mesmos para ambos e numa mesma ordem de prioridades: satisfação religiosa; encontrar os amigos; ouvir/participar das músicas; participar da escola sabatina; ouvir o sermão; e somente em último lugar, para ambos os sexos, aparece a opção de satisfazer pais ou professores. Alguns dados interessantes: em ambos os sexos, o item não ir à igreja, não obteve votação, indicando assim, que todos os adolescentes entrevistados vão regularmente à igreja. Outro dado interessante, os adolescentes que vão à igreja para satisfazer pais ou professores, são igualmente divididos em feminino e masculino; ou seja, a porcentagem (3%) foi igual em ambos os sexos.

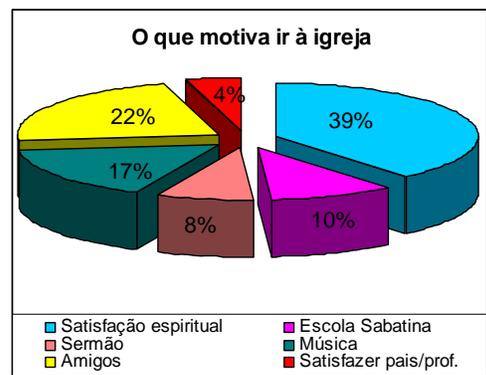
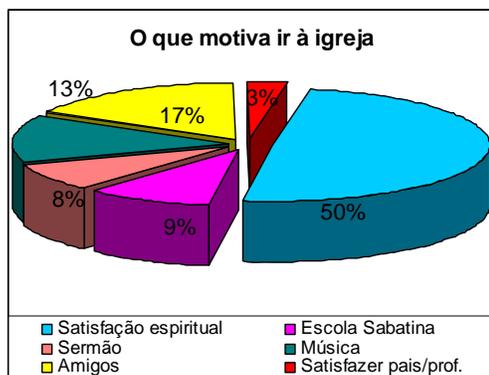
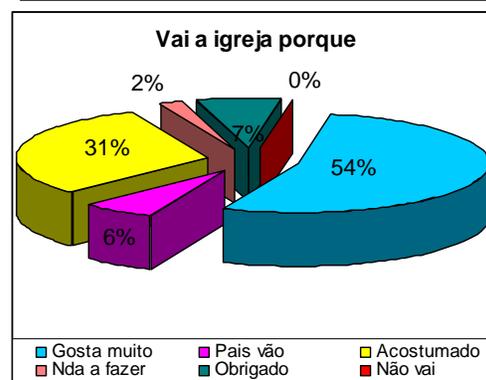
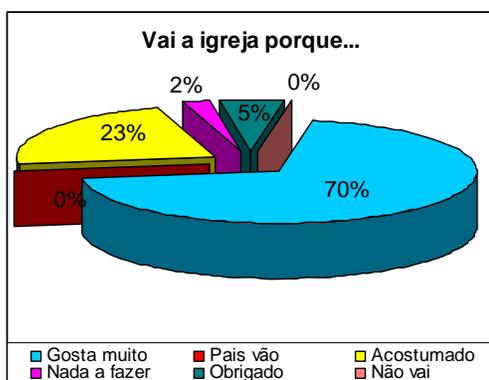
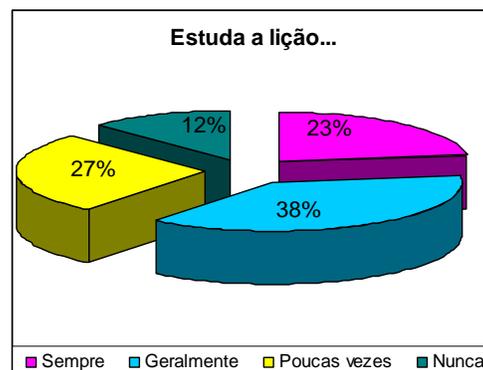
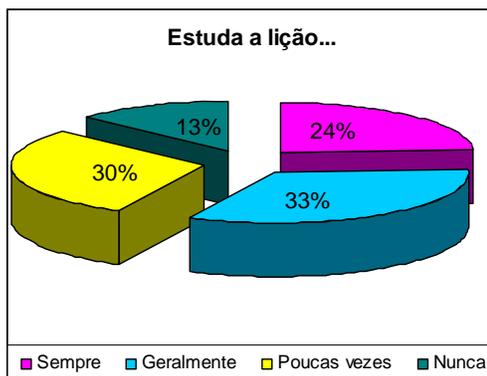
Em seguida, os dados foram classificados quanto aos alunos serem residentes ou não serem residentes. Os dados foram os seguintes:

Adolescentes residentes:



Adolescentes não residentes:





É impressionante a semelhança que existe entre os adolescentes adventistas residentes e não-residentes que estudam no Ensino Médio do Centro Universitário Adventista de São Paulo – Campus 2!

Os itens de possuir a lição da Escola Sabatina e estudá-la deram índices extremamente semelhantes. Em ambos os casos também, foi afirmado que o principal fator

que os levam à igreja, é gostarem muito de ir à mesma, e em segundo lugar, pelo fato de estarem acostumados. Um fato interessante foi observar que mais alunos não-residentes (7%) sentem-se obrigados a ir à igreja que os alunos residentes (5%)!

Nos fatores litúrgicos que podem ser motivacionais, para ambos os casos, apareceram os itens na mesma ordem de prioridades: satisfação espiritual, encontrar os amigos, ouvir e/ou participar da música, Escola Sabatina, ouvir o sermão e em último lugar, satisfazer pais e/ou professores.

Na pesquisa prática que foi realizada, houve a oportunidade para expressar por escrito, duas questões. As respostas que apareceram foram as seguintes:

O que gosto quando vou à igreja é:

- Sinto-me bem, parece que estou ligado com Deus (4)
- Ouvir o Deus tem a me dizer (2)
- Encontrar Jesus (10)
- A recepção – me sinto bem próximo de Deus (1)
- Encontrar os amigos (6)
- Me sentir em comunhão com Deus (9)
- A Escola Sabatina (3)
- A paz que o templo e a presença de Deus me trazem (4)
- Ouvir as músicas (7)
- Encontrar conforto para os problemas (2)
- Momento infantil (1)

Se pudesse, eu mudaria:

- Sermões e orações muito longas (5)
- A distância que o pregador fica do público (1)
- O jeito como os irmãos cuidam da vida dos outros (12)
- O culto – não tem muita participação (8)
- Os recados iniciais (3)
- Estacionamento coberto para bicicletas (1)
- Flores fora da igreja (1)
- A monotonia (2)
- A disciplina e o respeito das pessoas (3)
- Reverência e pontualidade (11)
- Culto Jovem (6)
- Os sermões – precisam ser mais dinâmicos (8)
- Teria um sermão separado para os jovens (1)
- Ar condicionado e cadeiras mais confortáveis (1)

Das respostas acima citadas, as que mais se repetiram foram as que afirmaram gostar de ir à igreja para ter um encontro com Deus e as que fizeram alusão às músicas. No quesito quanto ao que mudariam, as respostas mais pontuadas foram as que se referiram à reverência e conversa na igreja, ao estilo dos sermões (serem mais dinâmicos) e ao jeito como as pessoas observam e criticam os outros.

Através destas respostas, podemos mais uma vez ver, que em seu íntimo, o adolescente deseja o contato com Deus, que não gosta da irreverência; ou seja, ele deseja sempre manter um elo, sentir-se envolvido no ambiente religioso.

Conclusão Parcial

A hipótese inicial foi que provavelmente os adolescentes residentes seriam em menor grau motivados a irem à igreja do que os adolescentes não-residentes; e que os fatores motivacionais em maior grau seriam a música e os amigos. Conforme foi demonstrado pela pesquisa, estas hipóteses não são verdadeiras, pois tanto adolescentes residentes quanto os não-residentes afirmaram que gostam muito de ir à igreja e que o principal fator motivacional que os leva à igreja é a satisfação espiritual; e, somente em segundo lugar apareceram os amigos e em terceiro lugar a música.

Vimos, portanto, que embora não haja diferença entre adolescentes residentes e não-residentes, a música e os amigos influenciam em menor grau do que a busca de satisfação espiritual pessoal.

Como ajudar os adolescentes

“A mais bela obra já empreendida por homens e mulheres é lidar com espíritos jovens. O máximo cuidado deve ser tomado na educação da juventude, para variar de tal maneira a instrução, que desperte as nobres e elevadas faculdades da mente. Pais e mestres acham-se igualmente inaptos para educar devidamente as crianças, se não aprenderam primeiro a lição do domínio próprio, a paciência, a tolerância, a brandura e o amor. Que importante posição para os pais, tutores e professores! Bem poucos há que compreendam as mais essenciais necessidades do espírito, e a maneira por que devam dirigir o intelecto em desenvolvimento, o pensar e sentir crescentes dos jovens”²⁴

²⁴ White, Ellen G. *O Colportor Evangelista*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira. P 73

Esta citação resume em grande parte o que queremos considerar neste momento. Não existe um método-mestre, que pode ser eficaz para motivar os adolescentes no que se refere aos assuntos religiosos, pois segundo Campell²⁵, um dos principais motivos dos problemas que os adolescentes enfrentam é que os adultos não estão transmitindo a eles determinação, esperança e encorajamentos necessários para enfrentar o futuro. A adolescência por si só já representa para o adolescente um período de grandes mudanças físicas, emocionais, intelectuais e sociais. Acrescidas da necessidade de auto-afirmação, de busca de um sentido para a vida (religiosidade) e da pressão da sociedade, este adolescente carece de carinho, atenção especial e cuidados especiais.

Rowatt²⁶ apresenta uma estatística feita nos EUA, onde mostra que 30% dos adolescentes precisam de elevada atenção pastoral; 53% necessitam de atenção moderada e apenas 10% necessitam de pouca atenção pastoral nas questões religiosas. Vimos portanto, que a adolescência é um período que necessita de grande atenção, tanto de pais, professores, pastores ou de amigos que cercam o adolescente. Ellen White²⁷ nos afirma que “não há obra mais importante do que a educação dos nossos jovens”, e que “nenhuma obra já empreendida pelo homem requer maior cuidado e habilidade do que o devido ensino e educação dos jovens e das crianças”²⁸.

²⁵ Campel, Ross. *Como Realmente Amar seu Filho Adolescente*. São Paulo: Mundo Cristão, 1991.

²⁶ Rowatt Jr, G. Wade. *Pastoral Care With Adolescents in Crisis*. Louisville, Kentucky: John Knox Press, 1989. P12.

²⁷ White, Ellen G. *Conselhos a Pais, Professores e Estudantes*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira. P.46

²⁸ White, Ellen G. *Fundamentos da Educação Cristã*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira. P.57

Como podemos então ajudar nosso adolescente? Matejka²⁹ cita alguns itens para o gerenciamento de funcionários, que bem podemos adaptar para conseguirmos a motivação religiosa dos adolescentes: 1. Identificar os comportamentos essenciais; 2. Estabelecer metas claras e razoáveis; 3. Oferecer *feed back* exato e no momento certo; 4. Desenvolver habilidades; 5. Estimular o envolvimento através da participação; 6. Inspirar o comprometimento; 7. Elogiar.

Sabemos que a tarefa de lidar com os adolescentes não é tão simples, mas “os que esperam ter sucesso na educação dos jovens devem aceitá-los como são, não como deviam ser nem como serão quando saírem de sob sua instrução”³⁰, e assim estarão falando diretamente ao coração dos adolescentes abrindo uma porta de acesso que facilitará o seu desenvolvimento religioso .

Lembramos também, que: “Se os que receberam instrução no tocante ao plano de Deus para a educação dos jovens nestes últimos dias submeterem a vontade a Deus, Ele lhes ensinará Sua vontade e Seu caminho”³¹.

²⁹ Matejka, Ken. *Sua equipe vest a camisa? – Como conquistar e manter o compromisso com a empresa*. São Paulo: Nobel, 1995.

³⁰ White., Ellen G. *Conselhos sobre Educação*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira. P.43

³¹ *Ibid.*, P. 503

CONCLUSÃO

Como foi demonstrado neste trabalho, o adolescente passa por estágios de desenvolvimento físico, emocional, social, intelectual e espiritual, e que estes estágios possuem características próprias e marcantes. Vimos também que o processo do desenvolvimento da espiritualidade nos adolescentes passa pela aceitação passiva (infância), pelos transtornos e elaboração da individualidade (adolescência), e que é na juventude que geralmente acontece a adoção ou o abandono da fé.

A pesquisa realizada com 170 adolescentes demonstrou que não existem diferenças marcantes entre os alunos residentes e não-residentes do Ensino Médio do Centro Universitário Adventista de São Paulo – Campus Engenheiro Coelho. Nela percebe-se também que os fatores motivacionais que levam os adolescentes à igreja não são em primeiro lugar a música e os amigos, mas o desejo pessoal e a satisfação religiosa.

Assim, chega-se à conclusão que a religiosidade dos adolescentes é inata, e que, embora algumas vezes incompreendido, possuem padrões religiosos até mais rigorosos que um adulto. O importante é que sejam vistos como são e tenham mais espaço e liberdade para expressarem suas idéias e para terem maior participação.

BIBLIOGRAFIA

Livros

- BORAN, Jorge. *Os desafios Pastorais de uma Nova Era. Estratégias para fortalecer uma fé comprometida*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- CAMPEL, Ross. *Como Realmente Amar seu Filho Adolescente*. São Paulo: Mundo Cristão, 1991.
- CARVAJAL, Guillermo, *Torna-se Adolescente. A Aventura de uma Metamorfose – Uma visão psicanalítica da adolescência*. São Paulo: Cortez, 1998.
- COELHO, Hobert de Oliveira. *13 lições bíblicas para adolescentes*. São Paulo: Vida Nova, 1999. Pp.67
- DICIONÁRIO LICOPAR – Campanha Pró-Hospital Licopar. Curitiba: 1972.
- DOBSON, James. *Adolescência Feliz!* 10ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- FACHINI, Natal. *Adolescente: Psicologia deste estranho guri-guria*. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1992.
- FENWICK, Elizabeth & SMITH, Tony. *Adolescência – Guia de Sobrevivência para Pais & Adolescentes*. São Paulo: Ática, 1996.
- GUITTARD, Louis. *La Evolución Religiosa de los Adolescentes*. Barcelona: Editorial Herder, 1961. Pp. 398.
- KEMP, Jaime. *Turbulentos Anos da Adolescência – Como ajudar um adolescente a não naufragar na mais crítica fase de sua vida!* São Paulo: Sepal, 1991.
- LOPES, Jamiel de Oliveira. *Aprendendo a lidar com o Adolescente – Um manual prático para líderes e professores da Escola Dominical*. São Paulo: Candeia, 1997.
- MATEJKA, Ken. *Sua equipe vest a camisa? – Como conquistar e manter o compromisso com a empresa*. São Paulo: Nobel, 1995.
- MIELNIK, Isaac. *Os Adolescentes*. São Paulo: Ibrasa, 1984. Pp.62-63.
- PESCH, Floriano. *Alerta Juventude*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Emprevan Editora,

1974.

ROWATT Jr, G. Wade. *Pastoral Care With Adolescents in Crisis*. Louisville, Kentucky: John Knox Press, 1989.

WHITE, Ellen G. *O Colportor Evangelista*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira.

_____ *Conselhos a Pais, Professores e Estudantes*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira.

_____ *Fundamentos da Educação Cristã*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira.

Artigos e Mídia

<http://www.unicap.br/berr/Berroreligiao/adolescentes.html#top>.

http://veja.abril.com.br/especiais/jovens_2003/p_028.html

<http://ufop.br/ichs/conifes/anais/EDU/edu2003.htm>

CD-ROM – Obras de Ellen G. White. Casa Publicadora Brasileira versão 1.0

APÊNDICE

Aqui estão os resultados e as tabelas da pesquisa de campo realizada com os alunos adventistas do Ensino Médio do Centro Universitário Adventista de São Paulo – Campus 2.

Tabulação de Todos os Alunos

| 1. Você possui Lição da Escola Sabatina? | |
|--|-----|
| Sim | 130 |
| Não | 40 |

| 2. Você estuda a Lição da Escola Sabatina | |
|---|----|
| Sempre | 40 |
| Geralmente | 57 |
| Poucas Vezes | 50 |
| Nunca | 23 |

| 3. Quando chega o Sábado, você: | |
|---|-----|
| Gosta muito de ir à igreja | 111 |
| Vai à igreja porque seus pais vão | 5 |
| Vai à igreja porque está acostumado | 50 |
| Vai à igreja porque não tem o que fazer | 4 |
| Vai à igreja obrigado | 11 |
| Não vai à igreja | 0 |

| 4. Em primeiro lugar o que mais o motiva a ir à igreja | |
|--|----|
| Satisfação Espiritual | 79 |
| Classe da Escola Sabatina | 17 |
| Ouvir o Sermão | 14 |
| Participar e/ou ouvir as músicas | 28 |
| Encontrar os amigos | 36 |
| Satisfazer pais e/ou professores | 5 |

| 5. Em segundo lugar o que mais o motiva a ir à igreja | |
|---|----|
| Satisfação Espiritual | 25 |
| Classe da Escola Sabatina | 30 |
| Ouvir o Sermão | 42 |
| Participar e/ou ouvir as músicas | 38 |
| Encontrar os amigos | 39 |
| Satisfazer pais e/ou professores | 15 |

| 6. Em terceiro lugar, o que mais o motiva a ir à igreja | |
|---|----|
| Satisfação Espiritual | 23 |
| Classe da Escola Sabatina | 38 |
| Ouvir o Sermão | 27 |
| Participar e/ou ouvir as músicas | 38 |
| Encontrar os amigos | 29 |
| Satisfazer pais e/ou professores | 4 |

Tabulação dos adolescentes do sexo masculino

| 1. Você possui Lição da Escola Sabatina? | |
|--|----|
| Sim | 46 |
| Não | 18 |

| 2. Você estuda a Lição da Escola Sabatina | |
|---|----|
| Sempre | 12 |
| Geralmente | 22 |
| Poucas Vezes | 21 |
| Nunca | 10 |

| 3. Quando chega o Sábado, você: | |
|---|----|
| Gosta muito de ir à igreja | 42 |
| Vai à igreja porque seus pais vão | 2 |
| Vai à igreja porque está acostumado | 15 |
| Vai à igreja porque não tem o que fazer | 0 |
| Vai à igreja obrigado | 2 |
| Não vai à igreja | 0 |

| 4. Em primeiro lugar o que mais o motiva a ir à igreja | |
|--|----|
| Satisfação Espiritual | 32 |
| Classe da Escola Sabatina | 8 |
| Ouvir o Sermão | 7 |
| Participar e/ou ouvir as músicas | 10 |
| Encontrar os amigos | 11 |
| Satisfazer pais e/ou professores | 0 |

| 5. Em segundo lugar o que mais o motiva a ir à igreja | |
|---|----|
| Satisfação Espiritual | 12 |
| Classe da Escola Sabatina | 10 |
| Ouvir o Sermão | 20 |
| Participar e/ou ouvir as músicas | 14 |
| Encontrar os amigos | 13 |
| Satisfazer pais e/ou professores | 6 |

| 6. Em terceiro lugar, o que mais o motiva a ir à igreja | |
|---|----|
| Satisfação Espiritual | 8 |
| Classe da Escola Sabatina | 14 |
| Ouvir o Sermão | 10 |
| Participar e/ou ouvir as músicas | 7 |
| Encontrar os amigos | 15 |
| Satisfazer pais e/ou professores | 1 |

Tabulação dos adolescentes do sexo Feminino

| 1. Você possui Lição da Escola Sabatina? | |
|--|----|
| Sim | 84 |
| Não | 20 |

| 2. Você estuda a Lição da Escola Sabatina | |
|---|----|
| Sempre | 28 |
| Geralmente | 40 |
| Poucas Vezes | 29 |
| Nunca | 13 |

| 3. Quando chega o Sábado, você: | |
|---|----|
| Gosta muito de ir à igreja | 69 |
| Vai à igreja porque seus pais vão | 3 |
| Vai à igreja porque está acostumado | 34 |
| Vai à igreja porque não tem o que fazer | 2 |
| Vai à igreja obrigado | 8 |
| Não vai à igreja | 0 |

| 4. Em primeiro lugar o que mais o motiva a ir à igreja | |
|--|----|
| Satisfação Espiritual | 50 |
| Classe da Escola Sabatina | 11 |
| Ouvir o Sermão | 8 |
| Participar e/ou ouvir as músicas | 19 |
| Encontrar os amigos | 25 |
| Satisfazer pais e/ou professores | 6 |

| 5. Em segundo lugar o que mais o motiva a ir à igreja | |
|---|----|
| Satisfação Espiritual | 13 |
| Classe da Escola Sabatina | 20 |
| Ouvir o Sermão | 24 |
| Participar e/ou ouvir as músicas | 25 |
| Encontrar os amigos | 24 |
| Satisfazer pais e/ou professores | 9 |

| 6. Em terceiro lugar, o que mais o motiva a ir à igreja | |
|---|----|
| Satisfação Espiritual | 16 |
| Classe da Escola Sabatina | 18 |
| Ouvir o Sermão | 16 |
| Participar e/ou ouvir as músicas | 30 |
| Encontrar os amigos | 10 |
| Satisfazer pais e/ou professores | 3 |

Tabulação dos adolescentes residentes

| 1. Você possui Lição da Escola Sabatina? | |
|--|----|
| Sim | 64 |
| Não | 19 |

| 2. Você estuda a Lição da Escola Sabatina | |
|---|----|
| Sempre | 20 |
| Geralmente | 28 |
| Poucas Vezes | 25 |
| Nunca | 11 |

| 3. Quando chega o Sábado, você: | |
|---|----|
| Gosta muito de ir à igreja | 65 |
| Vai à igreja porque seus pais vão | 0 |
| Vai à igreja porque está acostumado | 21 |
| Vai à igreja porque não tem o que fazer | 2 |
| Vai à igreja obrigado | 5 |
| Não vai à igreja | 0 |

| 4. Em primeiro lugar o que mais o motiva a ir à igreja | |
|--|----|
| Satisfação Espiritual | 48 |
| Classe da Escola Sabatina | 9 |
| Ouvir o Sermão | 8 |
| Participar e/ou ouvir as músicas | 13 |
| Encontrar os amigos | 16 |
| Satisfazer pais e/ou professores | 3 |

| 5. Em segundo lugar o que mais o motiva a ir à igreja | |
|---|----|
| Satisfação Espiritual | 12 |
| Classe da Escola Sabatina | 15 |
| Ouvir o Sermão | 28 |
| Participar e/ou ouvir as músicas | 21 |
| Encontrar os amigos | 15 |
| Satisfazer pais e/ou professores | 8 |

| 6. Em terceiro lugar, o que mais o motiva a ir à igreja | |
|---|----|
| Satisfação Espiritual | 7 |
| Classe da Escola Sabatina | 16 |
| Ouvir o Sermão | 14 |
| Participar e/ou ouvir as músicas | 21 |
| Encontrar os amigos | 13 |
| Satisfazer pais e/ou professores | 2 |

Tabulação dos adolescentes Não Residentes

| 1. Você possui Lição da Escola Sabatina? | |
|--|----|
| Sim | 64 |
| Não | 19 |

| 2. Você estuda a Lição da Escola Sabatina | |
|---|----|
| Sempre | 21 |
| Geralmente | 34 |
| Poucas Vezes | 25 |
| Nunca | 11 |

| 3. Quando chega o Sábado, você: | |
|---|----|
| Gosta muito de ir à igreja | 52 |
| Vai à igreja porque seus pais vão | 6 |
| Vai à igreja porque está acostumado | 30 |
| Vai à igreja porque não tem o que fazer | 2 |
| Vai à igreja obrigado | 7 |
| Não vai à igreja | 0 |

| 4. Em primeiro lugar o que mais o motiva a ir à igreja | |
|--|----|
| Satisfação Espiritual | 35 |
| Classe da Escola Sabatina | 9 |
| Ouvir o Sermão | 7 |
| Participar e/ou ouvir as músicas | 15 |
| Encontrar os amigos | 20 |
| Satisfazer pais e/ou professores | 4 |

| 5. Em segundo lugar o que mais o motiva a ir à igreja | |
|---|----|
| Satisfação Espiritual | 12 |
| Classe da Escola Sabatina | 16 |
| Ouvir o Sermão | 14 |
| Participar e/ou ouvir as músicas | 14 |
| Encontrar os amigos | 22 |
| Satisfazer pais e/ou professores | 7 |

| 6. Em terceiro lugar, o que mais o motiva a ir à igreja | |
|---|----|
| Satisfação Espiritual | 17 |
| Classe da Escola Sabatina | 15 |
| Ouvir o Sermão | 14 |
| Participar e/ou ouvir as músicas | 19 |
| Encontrar os amigos | 15 |
| Satisfazer pais e/ou professores | 2 |

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2005

O PAPEL DA MÚSICA NA DECISÃO DE PESSOAS PELO BATISMO NA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

João Francisco Scharnovski Lorini e Jonas Wendrechovski
Bacharéis em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
TCC apresentado em dezembro de 2005
Orientador: Ms. Valdecir Simões Lima
joaofranciscolorini@yahoo.com.br

RESUMO: Este estudo apresenta uma visão panorâmica da importância, influência e uso da música na evangelização. Tem o objetivo de mostrar qual foi a participação da música, de modo direto e indireto, no processo da conversão de adventistas do sétimo dia dos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo. A conclusão é que a música é usada pelo evangelista para complementar a sua mensagem. Enquanto o sermão trabalha mais o aspecto racional do indivíduo, a música apela ao emocional. Esse esforço conjugado levaria a pessoa à decisão pelo batismo. Segundo a pesquisa de campo, 55% dos entrevistados disseram que a música teve algum papel na sua conversão, sendo que 26% definiram essa influência como direta, e 29% como indireta.

PALAVRAS-CHAVE: música, evangelismo, influência, apelo, batismo, conversão, adventista.

The role of music in people's decision for baptism in the Seventh-Day Adventist Church

ABSTRACT: This study presents a panoramic view of the importance, influence and use of music in evangelism. It has the goal to demonstrate the role of music, in direct or indirect ways, in the process of conversion to Seventh-day Adventism in the states of Rio Grande do Sul, Paraná and São Paulo. The conclusion reached is that music is used by the Evangelist as a complement to his message. While the message preached works in the rational faculties of a person, music works in the emotional ones. This combined work leads the person to decision making for baptism. According to the field research, 55% of the people interviewed stated that music had some role in their conversion; from these, 26 % defined it as a direct influence, while 29% as an indirect influence.

KEYWORDS: music, evangelism, influence, appeal, baptism, conversion, adventist.

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Curso de Teologia

O PAPEL DA MÚSICA NA DECISÃO DE PESSOAS PELO BATISMO
NA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
à Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

por

João Francisco Scharnovski Lorini e
Jonas Wendrechovski

Dezembro de 2005

O PAPEL DA MÚSICA NA DECISÃO DE PESSOAS PELO BATISMO
NA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
à Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

por

João Francisco Scharnovski Lorini e
Jonas Wendrechovski

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
Valdecir Simões Lima
Professor de Comunicação Aplicada

Avaliação

Banca
Vandir Schäffer
Diretor da Escola de Artes

Data da Aprovação

Amin A. Rodor
Diretor da Faculdade Adventista de Teologia

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| Capítulo | |
| I. A MÚSICA NA ADORAÇÃO | 4 |
| A Adoração | 4 |
| A Música na Adoração | 6 |
| II. A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA EVANGELIZAÇÃO..... | 9 |
| III. A RELAÇÃO DA MÚSICA COM A CONVERSÃO | 16 |
| IV. ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO | 21 |
| Gráfico 1: Os Entrevistados Chegaram ao Batismo Através de: | 22 |
| Gráfico 2: Faixa Etária dos Entrevistados | 23 |
| Gráfico 3: Faixa Etária de Batismo dos Entrevistados | 23 |
| Gráfico 4: Participação da Música na Decisão pelo Batismo..... | 24 |
| Gráfico 5: Os Participação da Música na Decisão pelo Batismo (detalhada) | 24 |
| Listagem de Músicas Pesquisadas | 25 |
| Direta | 25 |
| Indireta | 26 |
| CONCLUSÃO | 28 |
| BIBLIOGRAFIA | 30 |
| Webgrafia | 32 |
| Periódicos | 32 |
| ANEXO: QUESTIONÁRIO | 33 |

INTRODUÇÃO

A Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma comunidade composta por 14,3 milhões de fiéis em mais de 200 países.¹ No processo de conversão destas pessoas, muitos fatores podem ter influenciado sua decisão ao escolherem a Jesus Cristo como seu Salvador pessoal e a Igreja Adventista do Sétimo Dia como sua igreja como, por exemplo, conferências públicas, estudos bíblicos, eventos da igreja, influências da família e/ou amigos, literaturas, rádio, TV ou outro meio de comunicação.

Entre estes fatores está a música, que “tem acompanhado a história da humanidade, ao longo dos tempos, exercendo as mais diferentes funções”², entre elas a sua participação no processo da conversão. “Cremos que o evangelho exerce impacto em todas as áreas da vida. Por conseguinte, sustentamos que, por causa do vasto potencial da música para o bem ou para o mal, não podemos ser indiferentes a ela”.³

Definição do Problema

¹ Sistema Adventista de Notícias (www.adventista.org.br/asn/XcNewsPlus.asp?cmd=view&articleid=2764) acessado em 18 de outubro de 2005.

² NOGUEIRA, M. A. - A música e o desenvolvimento da criança. *Revista da UFG*, Vol. 5, No. 2, dez 2003 on line (www.proec.ufg.br) acessado em 18 de outubro de 2005.

³ Filosofia da Igreja Adventista do Sétimo Dia com Relação a Música (www.musicaeadoracao.com.br) acessado em 18 de outubro de 2005.

A música está presente desde a fundação do mundo, “as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus" (Jó 38:7), e hoje em dia mais do que nunca se pode perceber o seu desenvolvimento e uso em várias áreas como médica, pedagógica e publicitária. Como igreja podemos utilizar a música para o evangelismo? Até onde a música tem participação efetiva na decisão das pessoas pelo batismo? Esta pergunta se desdobra em questionamentos secundários: O que Ellen White argumenta neste sentido? Como outros autores a vêem no processo da conversão? Qual o seu poder para converter corações? Será que as decisões por Cristo podem ser despertadas pelo simples ouvir de uma música?

Propósito do Estudo

O presente estudo tem como objetivo apresentar uma visão panorâmica da participação da música e sua capacidade de levar pessoas a uma decisão por Cristo como seu Salvador pessoal e a Igreja Adventista do Sétimo Dia como sua igreja. Também expor uma pesquisa de campo que revelará qual tem sido a participação da música de modo direto e indireto no processo da conversão dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A problemática será considerada ante a importância, influência e uso da música na evangelização.

Metodologia

Este é um estudo de natureza bibliográfica e prática, baseado nas fontes primárias relevantes e representativas sobre o assunto, bem como em pesquisa de campo realizada num

universo de entrevistados que compreendem membros Adventistas do Sétimo Dia batizados dos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo.

O método utilizado nos quatro primeiros capítulos é de análise bibliográfica, sendo o quarto capítulo uma análise do levantamento de dados extraídos da pesquisa de campo.

Organização do Estudo

O estudo será dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo mostra a relação entre a música e a adoração, analisando o conceito de adoração e a participação da música. O segundo capítulo apresenta a importância que a música possui na evangelização e seu poder de inculcar a verdade bíblica na mente e no coração aproximando a pessoa de Deus.

O terceiro capítulo aborda a relação da música com a conversão, trazendo uma maneira prática de seu uso no evangelismo.

O quarto capítulo é uma análise dos dados levantados com a pesquisa de campo. Através de gráficos é mostrada a participação da música na vida dos convertidos, bem como uma lista de algumas músicas apanhadas pela pesquisa que segundo os entrevistados, tiveram influência direta ou indireta em sua conversão.

CAPÍTULO 1

A MÚSICA NA ADORAÇÃO

Neste capítulo estudaremos a utilização da música como instrumento de adoração na igreja na forma onde comumente é empregada. Apresentaremos a definição de adoração, o motivo pelo qual adoramos e o que a adoração deve expressar, assim como sua importância e implicações.

A Adoração

De modo geral a música é empregada na igreja como um instrumento de adoração. A palavra *adoração* é utilizada para “designar uma grande variedade de experiências e expressões”.¹ Adoração pode ser definida como “a atitude daquele que no culto e no santuário se encontra com Deus. Assim, ‘adorar’ tornou-se praticamente sinônimo de ‘servir a Deus através do culto’”.² Outra definição diz que “adoração é uma reação ativa a Deus, pela qual declaramos sua dignidade”.³ Portanto, a adoração é uma expressão do homem, criatura, para com Deus, seu Criador.

¹ Ronald Allen e Gordon Bonor, *Teologia da Adoração O verdadeiro sentido da adoração*, 1ª edição (São Paulo: Editora Vida Nova, 2004), 15.

² A. Van Den Born, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, 3ª edição (Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1971), 21.

³ Allen e Bonor, 16.

O motivo pelo qual adoramos a Deus de acordo com Ellen White é “o fato de que Ele é o Criador, e que a Ele todos os outros seres devem a existência. E, onde quer que se apresente, na Bíblia, Seu direito à reverência e adoração, acima dos deuses dos pagãos, enumeram-se as provas de Seu poder criador”.¹ Deus é o Criador do mundo e de tudo que há nele, de acordo com Gênesis 1 e 2 e essa é a principal razão que leva o homem a adorá-Lo.

Segundo E. V. Osterman, Deus deve ser considerado como

o ponto focal de toda adoração e é Seu desejo que as mesmas expressões de louvor e adoração sejam rendidas a Ele sobre a Terra em lembrança do Seu amor, misericórdia, perdão, longanimidade, bondade, benevolência, bênçãos, proteção, salvação e fidelidade para conosco. Tal adoração resulta em atitudes e comportamento que produz reverência e humildade, e dá testemunho de que tivemos um significativo encontro com Ele.²

O espírito da adoração deve ser “primordialmente a respeito da reação para com Deus”.³ Adorar tem a ver com “*atribuir valor, mérito [worth] a alguém ou alguma coisa*”⁴ e, conseqüentemente, adoramos ao Deus eterno “quando damos a ele a glória devida ao seu nome”.⁵ Sendo assim, a essência da adoração “é a celebração de Deus! Quando adoramos a Deus, *nós o celebramos*: nós o exaltamos, cantamos-lhe louvores e nos orgulhamos dele”.⁶ E nesse ponto

¹ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 1ª edição (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995), 436.

² Eurydice V. Osterman, *O que Deus Diz Sobre a Música*, 2ª edição (Engenheiro Coelho, SP: imprensa Universitária Adventista, 2003), 32.

³ Ibid.

⁴ Ibid.

⁵ Ibid., 17.

⁶ Ibid., 18.

entra o papel da música que possibilita ao homem expressar sua gratidão e reconhecimento a Deus, por tudo que Ele é e faz.

A Música na Adoração

Há uma forte ligação entre música e adoração. W. H. M. Stefani diz que “a íntima relação entre a música e a religião na sociedade humana é reconhecida como um fenômeno universal”.¹ Bruno Nettl complementa dizendo que “a música é uma das coisas comuns a todas as culturas. Além disso, em todo o mundo, a música está relacionada à religião; na maioria das culturas, a música freqüentemente acompanha ou é o veículo para a adoração”.²

Há um poema de autor desconhecido que diz:

Para as coisas comuns do cotidiano,
Deus deu ao homem a linguagem comum.
Para os pensamentos e sentimentos profundos do homem,
Deus concedeu palavras ternas para os transmitir.
Para o mais elevado e profundo, para o inexprimível,
Deus pôs a música no homem, a linguagem da alma.³

Esse poema mostra o valor da música na adoração. Este valor é o mais elevado, profundo e inexprimível que o homem pode fazer. Ellen White confirma essa idéia quando diz que “a música faz parte do culto de Deus nas cortes celestiais, e devemos esforçar-nos, em nossos cânticos de louvor, por nos aproximar tanto quanto possível da harmonia dos coros celestiais.... o

¹ Wolfgang Hans Martin Stefani, *Música Sacra Cultura & Adoração*, 2ª edição (Engenheiro Coelho, SP: imprensa Universitária Adventista, 2002), 1.

² Ibid.

³ José Maria Barbosa, ed., *Música na Igreja – Veículo de Adoração e Louvor*, 1ª edição (Artur Nogueira, SP: Gráfica da UCB, 1999), 97.

cântico como parte do culto religioso, é um ato de adoração, tanto quanto a prece. O coração deve sentir o espírito do cântico, a fim de dar a este a expressão correta”.¹ A música foi criada por Deus e no decorrer da história tem enriquecido a vida do ser humano e é um dom de Deus². Já “no Velho Testamento, Deus uniu a música e a adoração numa gloriosa junção, que permanece até hoje. A cristandade, mais do que todas as outras religiões do mundo, tem contribuído para a excelente música no mundo. Deus considera a música da igreja com seriedade”.³

O “Espírito Santo de Deus tem se utilizado da música e dos hinos de louvor e adoração para unir o seu povo em todo o lugar”.⁴ E existem outros fatores que estão colaborando para a “unidade da igreja, mas a música transcende todos os demais”⁵ e por isso é que “Deus está se utilizando dos hinos de louvor para trazer a unidade entre o seu povo”.⁶

Além de fortalecer a unidade da igreja, “a música forma parte da adoração a Deus no céu, e pretende elevar a alma a despertar para um espírito de devoção e gratidão; ela é tanto um ato de adoração quando [sic.] de oração”.⁷ A Igreja Adventista do Sétimo Dia entende que “a

¹ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, 8ª edição (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988), 594.

² Barbosa, 21.

³ Ibid., 98

⁴ João A. de Souza Filho, *O louvor e a edificação da igreja*, 2ª edição (Belo Horizonte, MG: Editora Betânia S/C, 2000), 109.

⁵ Ibid., 110.

⁶ Ibid., 111.

⁷ Barbosa, 99.

música não existe para o seu próprio bem, mas, semelhante a uma oração, como um meio de se aproximar a Deus”.¹

Neste capítulo vimos o que é adoração e sua associação com a música exercendo um papel muito importante na igreja. A música possibilita ao homem expressar o que está no seu coração para o Criador. Partindo do pressuposto que a música existe na igreja e comumente é usada na adoração, no próximo capítulo estudaremos como a música pode ser usada com a finalidade específica de levar pessoas a decisão de seguir a Cristo, ou seja, a conversão. Onde o amor do coração do Criador é expresso ao homem perdido.

¹ Ellen G. White, *The Seventh-day Adventist Bible Comentary*, ed. F. D. Nichol (Washington D.C.: Review and Harold Publishing Association, 1954), 6: 1035.

CAPÍTULO 2

A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA EVANGELIZAÇÃO

Neste capítulo, estudaremos a importância da música dentro da evangelização e algumas características inerentes peculiares para este fim através de uma visão bíblica e da opinião de alguns autores que abordam o tema da música, usando deles em específico o que dizem sobre o assunto a ser apresentado neste capítulo.

A música é mais antiga do que pensamos, pois é mencionada antes da criação da Terra conforme lemos em Jó 38:7 “quando as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus?”. Dos 66 livros da Bíblia, 44 fazem referência à música que também está presente não só no primeiro livro, mas também no último. Existem cerca de 575 referências à música ou ao canto, sendo que só Salomão escreveu mil e cinco cânticos.¹

O Livro “Evangelismo” de Ellen G. White traz um capítulo intitulado “O Evangelismo do Canto”, e afirma que a música “é um dos meios mais eficazes para impressionar o coração com as verdades espirituais”² e fixá-las no coração³, pois o emprego do canto e da

¹ Paul McCommon, *A Música na Bíblia*, 1ª edição (Rio de Janeiro: Editora Casa Publicadora Batista, 1963), 5.

² Ellen G. White, *Evangelismo*, 3ª edição (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 496.

³ Davi A. Marski, *Uma Análise sobre o uso da música e sua problemática no culto da I.A.S.D.*, Dissertação de Mestrado, (SALT – IAE - Fevereiro, 1984), 13.

música de instrumentos musicais no trabalho evangelístico apenas “acrescerá o interesse”¹ das pessoas que dele participarem. A música é o meio pelo qual engrandecemos o nome de Deus perante o mundo ao usá-la com nossa alma, coração e voz², mas, além disso, no seu correto emprego, o que não é o objeto deste estudo, ela pode ser um precioso dom de Deus para elevar os pensamentos humanos “a coisas altas e nobres, a inspirar e elevar a pessoa”.³

Um fato bíblico curioso que evidencia isto é o narrado em II Reis 3:14-15 “Disse Eliseu: Tão certo como vive o SENHOR dos Exércitos, em cuja presença estou, se eu não respeitasse a presença de Josafá, rei de Judá, não te daria atenção, nem te contemplaria. Ora, pois, trouxe-me um tangedor. Quando o tangedor tocava, veio o poder de Deus sobre Eliseu”. O termo aqui utilizado pela Bíblia na versão João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada, “Tangedor quer dizer um “harpista”. Um homem habilidoso no uso de instrumentos de cordas. O Targum diz aqui “harpa” Cf. I Samuel 10.5. Esse versículo mostra que os profetas usavam instrumentos musicais como auxílio em seu ofício.”⁴

No texto de II Reis, vemos que Eliseu precisava da inspiração Divina para profetizar, assim recorreu ao auxílio da música para se comunicar com Deus.⁵ Não queremos afirmar aqui

¹ Ellen G. White, *Evangelismo*, 3ª edição (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 501.

² *Ibid.*, 504, 505.

³ Ellen G. White, *Educação*, 9ª edição (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), 167.

⁴ Russel Norman Champlin, PhD., *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo: II Reis, I Crônicas, II Crônicas, Esdras, Neemias, Ester, Jó*, (Vol. 3, 2ª edição – São Paulo, SP: Editora Hagnos, 2001)1479.

⁵ Roberto A. Tannus, Neusa A. de O. Tannus, *Formação Espiritual de Evangelizadores na Música*, 1ª edição (Aparecida, SP: Editora Santuário, 1996), 101.

que é unicamente através da música que nos comunicamos com Deus ou que um profeta recebe a inspiração Divina, mas queremos apenas mostrar o poder da música por seus efeitos de aquietar o espírito e elevar a mente por cima das coisas terrenas até a atmosfera celeste.¹ Ellen White afirma:

Assim como os filhos de Israel, jornadaando pelo deserto, suavizavam pela música de cânticos sagrados a sua viagem, Deus ordena a Seus filhos hoje que alegrem a sua vida peregrina. Poucos meios há mais eficientes para fixar Suas palavras na memória do que repeti-las em cântico. E tal cântico tem maravilhoso poder. Tem poder para subjugar as naturezas rudes e incultas; poder para suscitar pensamentos e despertar simpatia, para promover a harmonia de ação e banir a tristeza e os maus pressentimentos, os quais destroem o ânimo e debilitam o esforço.²

A música na igreja, “é arte levada até a cruz, arte que é dedicada ao serviço de Deus e à edificação da igreja”.³, sua importância é tamanha que “... os escritores, tanto do velho como do novo testamento, consideram a participação individual na música como um dever religioso”.⁴

E, além disso, ela esteve presente e estará em momentos poderosos de manifestação divina, pois “a música é de origem celestial. Há grande poder na música. Foi a música dos anjos que fez vibrar o coração dos pastores nas planícies de Belém e envolveu o mundo todo. É através da música que os nossos louvores se erguem Àquele que é a personificação da pureza e harmonia. É com música e cânticos de vitória que os redimidos finalmente tomarão posse da recompensa imortal”.¹

¹ Ellen G. White, *The Seventh-day Adventist Bible Comentary*, ed. F. D. Nichol (Washington D.C.: Review and Harold Publishing Association, 1954), 2: 859.

² _____, *Evangelismo*, 3ª edição (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 496.

³ Donald P. Hustad, *A Música na Igreja*, 1ª edição (São Paulo: Editora Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1986), 13.

⁴ McCommon, 32.

Mas dentro da liturgia de algumas religiões a música não é usada, mas “somente o Judaísmo e o Cristianismo desenvolveram a música como parte integral do culto”.² É interessante perceber a importância de Cristo por trás da música em todo o mundo, isto é percebido, pois “as nações que deram ao mundo sua música mais sublime, quer sacra quer secular, foram, em geral, as que abraçaram os ensinamentos de Jesus Cristo”.³

Atilano Muradas em seu livro ‘Decolando nas asas do Louvor’, diz que a música na igreja “é bem semelhante ao processo de decolagem, ao voar nas alturas e ao descer e aterrissar de um avião”.⁴ Ali na casa de Deus ou até mesmo no simples entoar de uma música de louvor, saímos de onde estamos e subimos para mais perto do Criador, onde se dissipam todas as nuvens e desfrutamos da plena luz da proximidade com o Salvador.

A vida é repleta de infindáveis tipos de sons. O som está em tudo e o ouvimos através da natureza e do que nos rodeia. A natureza sempre produziu som, produziu música e o homem nasceu envolto nesse mundo musical. A mente humana foi grandemente influenciada pela música. Através de palavras o homem codifica o que vê e os sentimentos e as emoções são expressos através da música. E a música age tanto sobre uma pessoa quanto num grupo delas.⁵

¹ Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 3, 1ª edição (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1987), 334, 335.

² McCommon, 16.

³ Ibid.

⁴ Atilano Muradas, Decolando nas asas do Louvor, 1ª edição (São Paulo: Editora Vida, 1999), 19.

⁵ Martin Claret, *O Poder da Música* (São Paulo: Editora Martin Claret Ltda), 109 a 114.

Na Bíblia, a influência da música pode ser vista na história de Davi. Este “compôs salmos, não somente para o uso dos sacerdotes no serviço do santuário, mas também para serem cantados pelo povo em suas jornadas ao altar nacional para as festas anuais”.¹ As músicas serviam para os serviços religiosos e para os serviços sociais.

Neste capítulo, focalizaremos a influência da música com o propósito de evangelização. Ellen White sugere que a música é uma ferramenta importante no evangelismo² e também um “dom de Deus para ser uma bênção às almas”³ e este dom deve ser “consagrado a Deus para servir em Sua causa”.⁴ Ela complementa quando afirma que “o cantar bem é um dom que exerce influência, e Deus deseja que todos o cultivem e o empreguem para glória do Seu nome”.⁵ A música é um dom de Deus e deve ser usada na Sua obra de proclamação do evangelho de acordo com a ordem de Jesus de Mateus 28:19: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações” e a primeira mensagem Angélica de Apocalipse 14:6: “Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo”.

Sobre isso Ronald Allen e Gordon Borrer afirmam que

¹ Ellen G. White, *Evangelismo*, 3ª edição (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 497.

² Barbosa, 21.

³ *Ibid.*, 498.

⁴ *Ibid.*

⁵ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, 5ª edição (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), 359.

(a música é) uma das melhores maneiras de espalhar a mensagem do evangelho para uma sociedade não-cristã. Embora não possamos encontrar a “música na evangelização” especificamente mencionada na Bíblia, ela se tem mostrado eficiente nessa tarefa. A música tem desempenhado um papel importante ao longo da história da evangelização e das missões. Grandes progressos são feitos no desafio de tornar a música de acordo com o gosto daqueles a serem alcançados tanto em uma cultura ou subcultura, como em outras culturas.¹

Quando o objetivo é evangelizar, aquilo que é pregado deve ficar gravado na mente da pessoa que está estudando a Bíblia e a música exerce influência nisso. Ellen White diz que “poucos meios há mais eficazes para fixar Suas palavras na memória do que repeti-las em cânticos”.² Allen e Borrer afirmam que a música “tem estímulos emocional-mentais inigualáveis a qualquer outro meio de comunicação. Palavras isoladas podem ser e geralmente são muito fortes, mas junte algumas delas com a música “certa” e poderão arder indelévels na mente e na consciência”.³ Outro aspecto da evangelização é levar o pecador ao arrependimento. E a música “é um dos meios mais eficazes para impressionar o coração com verdades Espirituais. Com freqüência, através das palavras de um cântico sagrado, fontes de arrependimento e fé têm brotado”.⁴ Sendo assim, no processo da evangelização, a música atua para fixar as verdades na mente das pessoas e para impressionar o coração do pecador para que se arrependa.

À medida que o evangelho é aceito, a pessoa vai tendo sua vida transformada (João 3: 1 a 15). No tempo de Israel, “os mandamentos e promessas de Deus eram postos em música, e

¹ Allen e Borrer, 158.

² Ellen G. White, *Educação*, 9ª edição (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), 167.

³ Allen e Borrer, 154.

⁴ Ellen G. White, *Review and Herald*, 6 de junho de 1912.

durante toda a viagem cantavam-se os viajantes peregrinos”.¹ O desejo de Deus era que “toda a vida de seu povo fosse uma vida de louvor”.² Assim deve ser na atualidade. A música deve fazer parte da transformação da vida cotidiana do novo crente para que sua nova vida seja um louvor a Deus.

Neste capítulo, estudamos a influência da música na evangelização. Vimos que ela é uma ferramenta importante neste processo. Ela fixa a verdade na mente do ouvinte, o ajuda a buscar o arrependimento e influencia no seu crescimento espiritual. No próximo capítulo estudaremos a relação da música com a conversão.

¹ _____, *Parábolas de Jesus*, 8ª edição (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1987), 298,299.

² Ibid.

CAPÍTULO 3

A RELAÇÃO DA MÚSICA COM A CONVERSÃO

Neste capítulo, estudaremos a participação que a música tem na pregação do evangelho e a contribuição que ela traz na decisão da pessoa por Cristo como seu salvador pessoal dentro do processo da conversão.

Em suas várias aplicações queremos destacar que uma das funções básicas da música “é atear o fogo do evangelismo. Isto tem sido um fato evidente em cada grande período de avivamento conhecido na história do evangelho. A música e o evangelismo são co-participantes. Todavia, jamais houve qualquer grande período de avivamento que não tenha estado indissolúvelmente ligado ao cântico”.¹ Como exemplo podemos citar na Era Cristã Primitiva, “Niceta de Remesiana (ci. 335 – ci. 414), missionária à Dácia (agora parte da Iugoslávia), que recebe o crédito de ter escrito o *Te Deum laudamus*, imortal hino em latim. Jerônimo (ci. 340-420) diz que Niceta disseminou o evangelho entre os pagãos europeus do século IV “principalmente cantando doces cânticos a respeito da cruz”.² Na Idade Média, “Francisco de Assis (1182-1226) dirigiu um movimento de reforma na Itália, seu país natal, pregando um simples evangelho de “Cristo em primeiro lugar, Cristo em último lugar, Cristo tudo e em todos”. Associado à sua pregação, Francisco de Assis usava a música que constituía uma arte tão grande

¹ McCommon, *A Música na Bíblia*, 38.

² Hustad, 125.

da sua missão que Francisco apelidou a si mesmo de cantor de Deus.¹ No período da Reforma temos Martinho Lutero (1483-1546) com seus hinos que enfatizavam suas principais doutrinas.² Para tanto, “a música deve possuir beleza, poder e faculdade de comover”,³ pois ela é a linguagem das emoções.⁴ No livro de Donald Hustad, há um capítulo intitulado “Música e Renovação na Igreja”, no qual ele aborda a influência da música no evangelismo e como ela foi usada ao longo dos séculos por grandes evangelistas. Pode-se perceber ali como a música que trata de experiências pessoais é capaz de tocar corações por encontrar experiências ou histórias semelhantes neles, com letras extraídas muitas vezes do próprio livro de Salmos. Um exemplo disso “é a abertura do Salmo 40, intitulado “Ao mestre de canto. Salmo de Davi”.

Esperarei confiantemente pelo Senhor; ele se inclinou para mim e me ouviu quando clamei por socorro. Tirou-me de um poço de perdição, dum tremedal de lama; colocou-me os pés sobre uma rocha e me firmou os passos. E me pôs nos lábios um novo cântico, um hino de louvor ao nosso Deus; muitos verão essas cousas, temerão, e confiarão no Senhor.

Os escravos negros dos Estados Unidos se identificaram com o testemunho do salmista, visto que ele expressava a esperança deles de salvação espiritual tanto quanto social. A paráfrase deles foi esta:

Ele tirou-me de um poço de perdição. Sim, ele tirou.
E colocou-me sobre a rocha firme. Sim, ele colocou.
Posso contar isto ao mundo todo;
Posso dizer às nações que sou abençoado.
Diga-lhes que Jesus me tornou completo,

¹ Ibid.

² Ibid., 126, 127.

³ Ellen G. White, *Evangelismo*, 3ª edição (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 505.

⁴ Hustad, 124.

E ele propiciou alegria, alegria para a minha alma.¹

“A expressão emocional é contagiante, e pode resultar em uma transformação no ouvinte”,² que sente a afinidade de sua experiência com a da cantada na música.

A música aliada à pregação da palavra produz uma incrível combinação, pois “é um dos meios mais eficazes para impressionar o coração com as verdades espirituais. Quantas vezes, ao coração oprimido duramente e pronto a desesperar, vêm à memória algumas das palavras de Deus - as de um estribilho, há muito esquecido, de um hino da infância - e as tentações perdem o seu poder, a vida assume nova significação e novo propósito, e o ânimo e a alegria se comunicam a outras pessoas”.³ Segundo Ellen White, a música é um instrumento divino de conversão: “a melodia do canto, derramando-se dos corações num tom de voz claro e distinto, representa um dos instrumentos divinos na conversão de almas”.⁴

Portanto, a música deve ser usada na evangelização. Sobre isso, B. L. Haith diz: “O cântico é um dos meios mais eficazes de imprimir a verdade espiritual no coração e no espírito do homem: portanto, a música, inteligentemente empregada pelo evangelista, auxiliá-o a conseguir almas para Cristo”.⁵ Segundo Haith, a música bem empregada na evangelização possui alguns poderes:

¹ Ibid., 123, 124.

² Ibid., 124.

³ Ellen G. White, *Educação*, 9ª edição (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), 167-168.

⁴ _____, *Testemunhos Seletos*, vol. 2, 5ª edição (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985), 195.

Poder para imprimir a verdade no coração. Poder de avivar o pensamento. Poder para subjugar a natureza grosseira e indomada. Poder de promover harmonia de ação. Poder de abrir as molas do arrependimento e da fé. Poder de banir as sombras e os presságios. Poder de dar a vida novo significado e propósito. Poder de comunicar ânimo e alegria. Poder de atrair almas ao evangelho. Poder de resistir a tentação. Poder para resistir ao desânimo. Poder para banir aos anjos maus. Poder de manter a experiência cristã.¹

A Filosofia Adventista de Música apresenta, nove deveres da música no evangelismo:

1. Dirigir o ouvinte para Jesus como o Caminho, a Verdade e a Vida.
2. Preparar o caminho para a apresentação da Mensagem da Palavra de Deus, mantendo seu apelo, suscitando uma reação dos ouvintes.
3. Ser executada e cantada por pessoas cuja vida seja coerente com a mensagem que apresentam.
4. Ser um veículo da profunda impressão da verdade bíblica que inspirará uma positiva transformação na vida.
5. Ser apresentada de maneira cuidadosamente planejada e ordenada.
6. Ser simples e melódica, apresentada sem o realce da exibição pessoal.
7. Dar primazia à pregação da Palavra, tanto no vigor da apresentação quanto na distribuição do tempo destinado ao cântico.
8. Manter um apelo equilibrado à natureza emocional e intelectual, e não apenas encantar os sentidos.
9. Ser compreensível e sugestiva, no conteúdo e no estilo, para a maior parte do grupo típico do auditório.²

Nesta listagem da Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, vemos o uso da música em auxílio à pregação da Palavra, sendo a música a linguagem da emoção como já vimos neste capítulo, a pregação vem como a linguagem da razão no processo da evangelização, o que fica mais claro com esta declaração do livro *Evangelismo Eficiente*:

Diz R. O. Leavell: “Pensamento sem emoção é áspero e estéril. Emoção despertada sem pensar sadio ou decisão pura é passageira e fraca. Pessoas há dominadas pela emoção e

⁵ B. L. Haith, *Como Se Pode Empregar Eficazmente a Música em Obter-se Decisões*, O Ministério Adventista (Maio-Junho, 1960), 19, 20.

¹ Ibid.

² Filosofia Adventista de Música, Conferência Geral da IASD, Concílio Outonal, 1972.

outras, pelo intelecto. O ideal é contrabalançar a razão e o sentimento, guiadas de tal forma pelo Espírito Santo que o resultado seja a entrega à vontade de Deus, em Cristo.”¹

Dentre muitas experiências bíblicas que evidenciam o poder da música para transformar corações, podemos citar a que está contida no livro de II Crônicas 29:27-30. Quando Ezequias subiu ao trono de Israel, o povo estava vivendo uma situação deplorável espiritualmente, completamente esquecido de Deus. Então o rei restaurou o cerimonial do templo e a música foi novamente introduzida. Baseado nisto declarou Paul McCommon:

O fogo do avivamento que vem de Deus sempre arde com mais fulgor no cântico do evangelho. É o evangelho numa canção que, muitas vezes, pode transformar uma assembléia obstinada e endurecida numa congregação sincera e adoradora. É muitas vezes o evangelho numa canção que pode enternecer o coração de um pecador, fazendo-o prostrar-se em fé, arrependimento e confiança. O evangelho numa canção pode fazer o arrogante da terra se prostrar humildemente perante Deus. Isto foi verdade nos dias de Ezequias e ainda continua sendo em nossos dias.²

Neste exemplo de Ezequias evidencia-se que “o canto é um dos meios mais eficazes para gravar a verdade espiritual no coração. Muitas vezes se têm descerrado pelas palavras do canto sagrado, as fontes do arrependimento e da fé”.³

Portanto, a música tem extraordinário poder para conduzir pessoas a Jesus e influenciá-las neste processo. No próximo capítulo, com base em pesquisa de campo, listaremos algumas músicas que exerceram maior influência na conversão de pessoas. Para isso, levantaremos dados de pessoas que passaram pelo processo de conversão ao longo da vida e analisaremos o tipo de influência que a música teve nessa experiência.

¹ João Lukass, *Evangelismo Eficiente*, 2ª edição. (São Paulo, SP: Edição do Autor, Distribuição exclusiva de Livraria Evangélica “A Hora da Decisão”, 1967), 62.

² McCommon, 37,38.

³ Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 500.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO

Neste capítulo, apresentaremos os resultados da pesquisa de campo. Esta pesquisa foi realizada em três estados - Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo, durante os meses de setembro e outubro de 2005 abrangendo um total de 143 pessoas. Responderam à pesquisa membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia que não são caracterizados como “adventistas de berço”, ou seja, que não fazem parte do crescimento biológico da igreja. São pessoas que faziam parte de outras religiões ou que não tinha uma religião e que, no decorrer de sua vida, tomaram a decisão de serem Adventistas do Sétimo Dia e foram batizadas. Essa pesquisa foi realizada na forma de um questionário impresso (cuja cópia está em anexo) realizado nas igrejas. O procedimento consistiu na entrega do formulário na hora designada para os anúncios com uma explicação pública de cada pergunta e foi recolhido ao final do culto.

Este capítulo será dividido em duas partes. A primeira terá por objetivo analisar quantitativamente a participação da música na decisão pelo batismo na IASD. O método a ser utilizado será a apresentação gráfica percentual dos resultados. Ao todo serão cinco gráficos em forma de pizza apresentando o percentual das respostas dadas pelos entrevistados em cada tipo de questionamento.

A segunda parte consistirá em uma lista das músicas citadas pelos entrevistados como agentes que tiveram participação direta ou indireta na sua decisão pelo batismo. Primeiramente serão citadas as músicas que tiveram participação direta na decisão dos entrevistados pelo

batismo. Em seguida serão listadas as músicas que não foram agentes primários na decisão pelo batismo, mas exerceram algum tipo de influência secundária nesta decisão.

Gráfico 1: Os entrevistados Chegaram ao Batismo Através de:

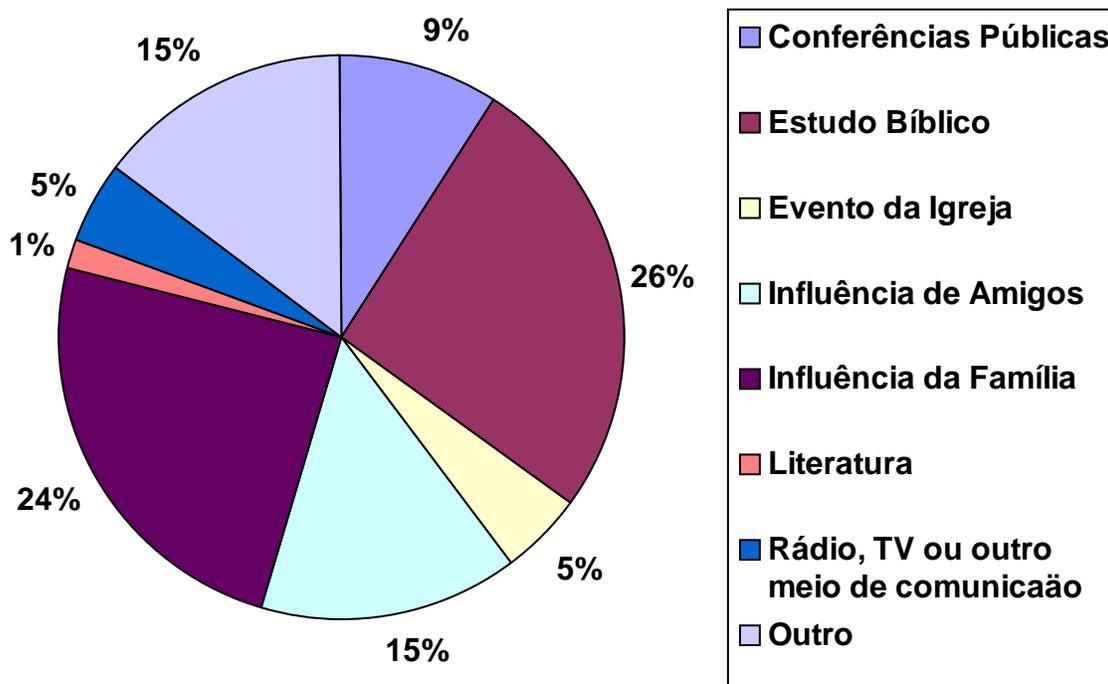


Gráfico 2: Faixa Etária dos Entrevistados

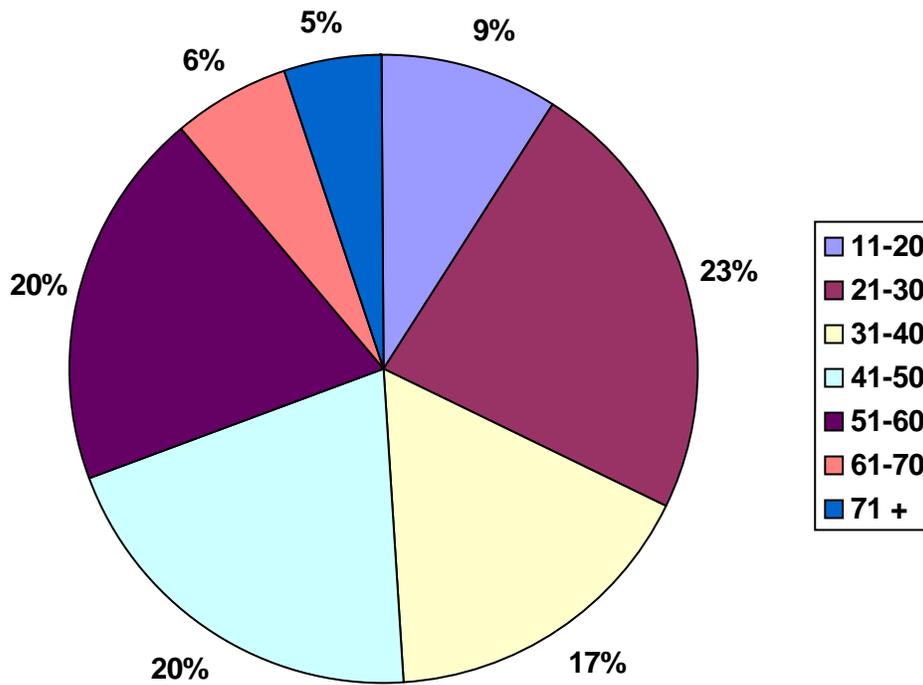


Gráfico 3: Faixa Etária de Batismo dos Entrevistados

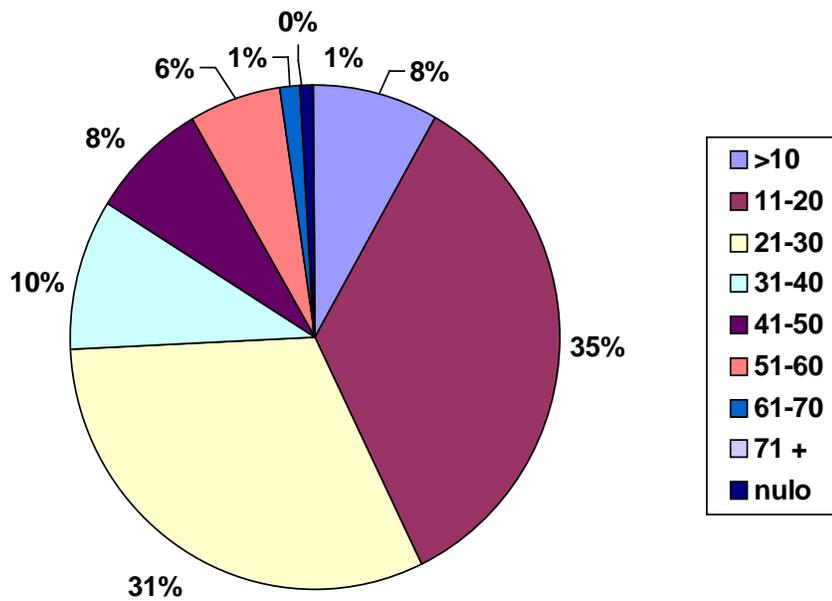


Gráfico 4: Participação da Música na Decisão pelo Batismo

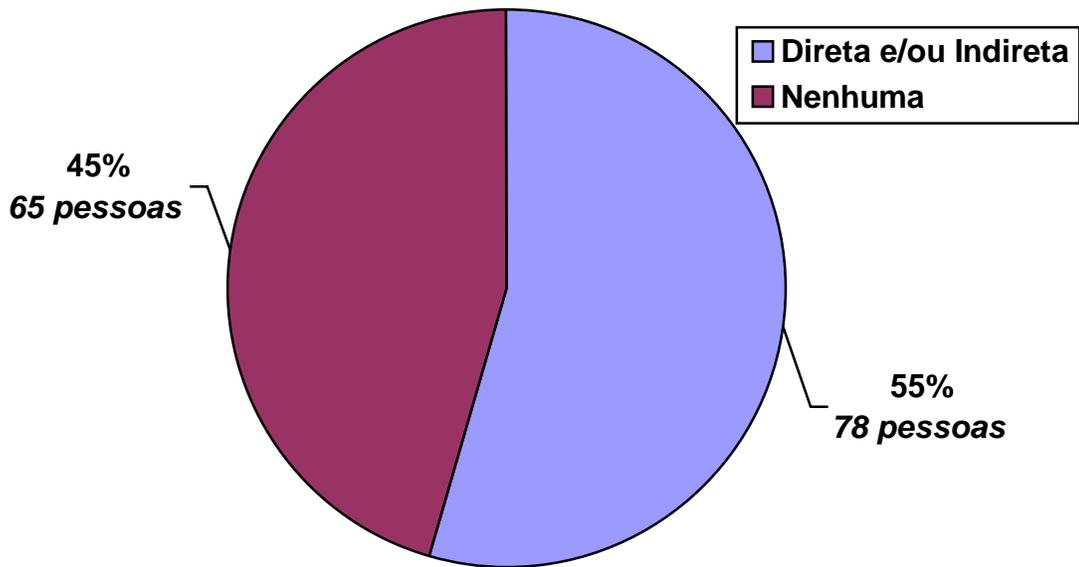
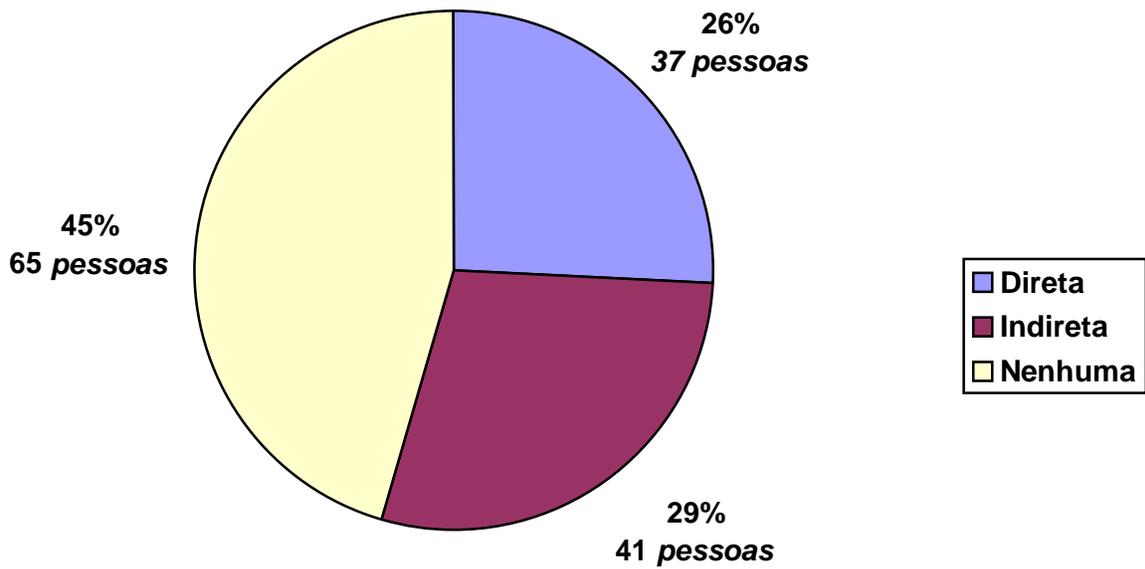


Gráfico 5: Participação da Música na Decisão pelo Batismo (detalhada)



Listagem de Músicas Pesquisadas

Na pesquisa realizada para este trabalho muito dos entrevistados citaram as músicas que mais influenciaram direta ou indiretamente sua decisão pelo batismo. Seguem duas listas das músicas citadas pelos entrevistados, uma contendo as músicas de influência direta na sua decisão pelo batismo e outra de forma indireta. É importante salientar que alguns entrevistados apresentaram mais de uma música que influenciou direta ou indiretamente sua decisão pelo batismo. Sendo assim, o número de músicas listadas abaixo não é igual ao número de pessoas entrevistadas. As músicas que se repetem apareceram em mais de uma pesquisa. A lista está organizada em ordem alfabética da seguinte forma: *Nome da música – Nome do intérprete.*

Direta:

1. Breve Jesus Voltará - Arautos do Rei (citado 3 vezes)
2. Breve Jesus Voltará - Hinário Adventista n°. 134 (citado 3 vezes)
3. Celebração - Arautos do Rei
4. Como Agradecer - Hinário Adventista n°. 249
5. Cristo ama as criancinhas - Hinário Adventista n°. 459
6. Deus cuidará de ti - Hinário Adventista n°. 373
7. Em Nome do Amor - Alessandra Samadello
8. Eu fui chamado - Tatiana Costa
9. Foi na Cruz - Hinário Adventista n°. 540
10. Jesus Muito Obrigado - Ministério Jovem
11. Jesus Tu és a minha vida - Sonete
12. Manso e Suave - Hinário Adventista n°. 175
13. Mensagem ao Mundo - Hinário Adventista n°. 327
14. Na Cruz Morri por ti - Hinário Adventista n°. 172
15. Não Ando Só - Hinário Adventista n°. 382 (*interpretado por quarteto*)
16. Não desistir - Hinário Adventista n°. 150
17. O Amor nos Susterá - Prisma Brasil
18. O Melhor Lugar do Mundo - Novo Tom
19. O Poder do Amor - Ministério Jovem
20. O Senhor está aqui - Hinário Adventista n°. 470
21. Ovelha Errante - Regina Mota
22. Querido Lar - Hinário Adventista n°. 563
23. Renova-me - Ministério Jovem
24. Salmo 23 - Alessandra Samadello

25. Santa Noite – (*Coral de igreja*)
26. Se Ele não for o primeiro - Arautos do Rei
27. Sob Suas Asas - Hinário Adventista nº. 357
28. Todos Prontos - Hinário Adventista nº. 299
29. Vaso de Honra – Ministério Jovem
30. Vou Caminhando - Ministério Jovem
31. (*música não citada*) - Pedro Alves

Indireta:

1. A Cidade de Ouro e Cristal - Hinário Adventista nº. 560
2. A Diferença é Cristo - Ministério Jovem
3. A Última Hora - Hinário Adventista nº. 168 (citado 2 vezes)
4. Além do Céu Azul - Hinário Adventista nº. 491
5. Além do Rio - Hinário Adventista nº. 570
6. Alfa e Omega - Coral Edessa
7. Amigo Maior - Coral do IASP
8. Bem Junto A Cristo - Hinário Adventista nº. 392
9. Bendita Segurança - Hinário Adventista nº. 240 (citado 2 vezes)
10. Braços Abertos - Alessandra Samadello
11. Breve Jesus Voltará - Arautos do Rei
12. Breve Jesus Voltará - Hinário Adventista nº. 134 (citado 2 vezes)
13. Busquem a Jesus - Arautos do Rei
14. Castelo Forte - Hinário Adventista nº. 33
15. Chegou a Hora - Arautos do Rei
16. Começando Aqui - Arautos do Rei
17. Confia em Deus - Hinário Adventista nº. 273
18. Cristo Foi Preparar-nos Lugar - Hinário Adventista nº. 552
19. Deus Cuidará de Ti - Hinário Adventista nº. 373
20. Deus do Impossível – Sonete (citado 2 vezes)
21. Deus Sabe, Deus Ouve, Deus Vê - Hinário Adventista nº. 500
22. Em Espírito e em Verdade - Ministério Jovem
23. Eu Achei - Hinário Adventista nº. 476
24. Eu Pertencço ao Meu Rei - Hinário Adventista nº. 350
25. Face a Face - Hinário Adventista nº. 444
26. Falar com Deus - Prisma
27. Folha Seca - Jair Pires
28. Graça, Amor e Comunhão - Hinário Adventista nº. 602
29. Grande Alegria - Grupo Integração
30. Grande Comandante - Hinário Adventista nº. 342
31. Grandioso és Tu - Hinário Adventista nº. 34
32. Lá no Vale - Coral do IASP
33. Lindo És Meu Mestre - Hinário Adventista nº. 85
34. Lindo País - Hinário Adventista nº. 571

35. Mansão Sobre o Monte - Hinário Adventista nº. 501 (citado 3 vezes)
36. Manso e Suave - Hinário Adventista nº. 175
37. Mãos - Hinário Adventista nº. 324 (citado 2 vezes)
38. Mensagem ao Mundo - Hinário Adventista nº. 327
39. Meu Coração é para Ti Senhor - Padre Marcelo Rossi
40. Muro - Leonardo Gonçalves
41. Na Baixa da Maré - Tatiana Costa
42. Na Senda do Calvário - Hinário Adventista nº. 66
43. Não Me Esqueci de Ti - Hinário Adventista nº. 499
44. Não Vou Viver Sem Jesus - Art'Trio
45. Noite Colorida - Alessandra Samadello
46. Nos Braços de Jesus - Ministério Jovem
47. O Amor que Pode Tudo Mudar – Quarteto Athus
48. O Caminho da Luz – Quarteto Athus
49. O Melhor Lugar do Mundo - Novo Tom (citado 2 vezes)
50. O Que Penso de Meu Mestre - Hinário Adventista nº. 122
51. O Rei Está Voltando – Hinário Cantai ao Senhor
52. O Senhor Está Em Seu templo - Hinário Adventista nº. 573
53. Obrigado - Fernando Iglesias (citado 2 vezes)
54. Oh Que Belos Hinos - Hinário Adventista nº. 511 (citado 2 vezes)
55. Oh, Não Temas Sou Contigo - Hinário Adventista nº. 355 (citado 2 vezes)
56. Ouve-nos Pastor Divino - Hinário Adventista nº. 396
57. Quão Grande és Tu - Hinário Adventista nº. 34
58. Sejas Louvado - Hinário Adventista nº. 07
59. Sob Suas Asas - Hinário Adventista nº. 357
60. Teus Olhos - Ronaldo Arco
61. Um Milagre Senhor - Prisma Brasil
62. Vaso de Honra - Ministério Jovem
63. Volta - Leonardo Gonçalves

CONCLUSÃO

Este trabalho teve por objetivo reunir informações teóricas e práticas que possibilitassem comprovar academicamente a participação da música na decisão das pessoas pelo batismo na Igreja Adventista do Sétimo Dia. A música teve sua importância ao longo dos séculos desde a criação, também acompanhando o povo de Israel em sua peregrinação pelo deserto e servindo de auxílio para os profetas do Antigo Testamento. Hoje, em relação à evangelização, a música é uma importante ferramenta que fixa as verdades apresentadas na mente e no coração do ouvinte. Além disso, a música influencia o pecador ao arrependimento.

Desde os primórdios da criação, a música tem sido usada como instrumento que o homem usa para adorar a Deus. Através dela as criaturas se unem em expressão de louvor e gratidão ao seu Criador. E como a música faz parte do contato da criatura com o Criador, ela também se faz presente no processo da conversão. Muitos fatores têm contribuído para levar pessoas a tomarem a decisão pelo batismo, entre esses fatores está a música. A música tem um poder de preparar o caminho para a mensagem, de impressionar o coração e de influenciar a tomada dessa decisão. Um evangelista disse no passado: “A emoção e a razão são as duas lâminas de uma tesoura que servem para cortar os corações envolvidos pelo pecado”. Assim funciona a evangelização, o elemento racional que é a pregação da Palavra somado ao elemento emocional que é a música promove de modo mais eficaz a aceitação do Evangelho.

Através da pesquisa de campo comprovamos que a música é um importante instrumento na decisão pelo batismo. 55% das pessoas entrevistadas alegaram que a música teve participação direta ou indireta na sua decisão pelo batismo. Do total dos pesquisados, 26% deles tiveram influência direta da música na decisão pelo batismo e 29% tiveram influência indireta. Com isso podemos afirmar que a música é um instrumento eficaz em sua participação na decisão pelo batismo atuando de forma eficiente no trabalho da evangelização.

Segundo pesquisa realizada nas principais capitais brasileiras publicada na revista *IstoÉ* de novembro de 2005 pela Agência de Publicidade Ogilvy Brasil, 65% dos entrevistados afirmam que a música é o principal motivo de orgulho do Brasileiro.¹ Num contexto como este onde a população atribui tanto valor à música, todo tipo de investimento de tempo, talento e dinheiro devem ser feitos em favor do ministério da música como instrumento importante na obra da evangelização cumprindo assim a missão da igreja de proclamar o Evangelho Eterno a todos os povos.

¹ Juliana Vilas e Mariana Caruso “O Brasil mostra sua cara,” *Revista IstoÉ*, 9 de novembro de 2005, 42, 47.

BIBLIOGRAFIA

Allen, Ronald e Gordon Borrer. *Teologia da Adoração*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2002.

Born, A. Van Den. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1971.

Carothers, Merlin. *O Poder do Louvor*. 12ª edição. Belo Horizonte: Editora Betânia S/C, 1988.

Champlin, Russel Norman, PhD. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo: II Reis, I Crônicas, II Crônicas, Esdras, Neemias, Ester, Jô*. Volume 3. 2ª edição. São Paulo, SP: Editora Hagnos, 2001.

Claret, Martin. *O Poder da Música*. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda.

Filho, João A. de Souza. *O Louvor e a Edificação da Igreja*. 2ª edição. Belo Horizonte, MG: Editora Betânia S/C, 2000.

Filosofia Adventista de Música, Conferência Geral da IASD, Concílio Outonal, 1972.

Haith, B. L. *Como Se Pode Empregar Eficazmente a Música em Obter-se Decisões*. O Ministério Adventista. Maio-Junho, 1960.

Hustad, Donald P. *A Música na Igreja*. 1ª edição. São Paulo: Editora Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1986.

Lukass, João. *Evangelismo Eficiente*. 2ª edição. São Paulo, SP: Edição do Autor, Distribuição exclusiva de Livraria Evangélica “A Hora da Decisão”, 1967.

Marski, Davi A. *Uma Análise sobre o uso da música e sua problemática no culto da I.A.S.D.*. Dissertação de Mestrado. SALT – IAE - Fevereiro, 1984.

McCommon, Paul. *A Música na Bíblia*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Casa Publicadora Batista, 1963.

Muradas, Atilano. *Decolando nas Asas do Louvor*. 1ª edição. São Paulo: Editora Vida, 1999.

Música na Igreja – Veículo de Adoração e Louvor. Editado por José Maria Barbosa. Artur Nogueira, SP: Gráfica da UCB, 1999.

Osterman, Eurydice V. *O que Deus Diz Sobre a Música*. 2ª edição Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 2003.

Stefani, Wolfgang Hans Martin. *Música Sacra Cultura & Adoração*. 2ª edição. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 2002.

Tannus, Roberto A., Neusa A. de O. Tannus. *Formação Espiritual de Evangelizadores na Música*. 1ª edição. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1996.

_____. *Educação*. 9ª edição. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

_____. *Evangelismo*. 3ª edição. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997

_____. *Mensagens Escolhidas*. Volume 3. 1ª edição .Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1987.

_____. *O Grande Conflito*. 1ª edição. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995.

_____. *Obreiros Evangélicos*. 5ª edição. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993.

_____. *Parábolas de Jesus*. 8ª edição. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1987.

_____. *Patriarcas e Profetas*. 8ª edição. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988.

_____. *Review and Herald*. 6 de junho de 1912.

_____. *Testemunhos Seletos*. Volume. 2. 5ª edição. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985.

_____. *The Seventh-day Adventist Bible Comentary*. Editado por F. D. Nichol. Washington D.C.: Review and Harold Publishing Association, 1954.

Webgrafia

Filosofia da Igreja Adventista do Sétimo Dia com Relação a Música
(www.musicaeadoracao.com.br).

NOGUEIRA, M. A. - A música e o desenvolvimento da criança. *Revista da UFG*,
Vol. 5, No. 2, dez 2003 on line (www.proec.ufg.br).

Sistema Adventista de Notícias (www.adventista.org.br/asn).

Periódicos

Revista IstoÉ, 9 de novembro de 2005, Editora Abril.

ANEXO: QUESTIONÁRIO

1. Idade: _____ anos.
2. Idade em que se converteu: _____ anos.
3. Estado de origem (onde você nasceu): _____
4. Onde se converteu (Cidade e Estado): _____
5. Algumas pessoas aceitam a Jesus pelo simples ouvir de uma música/hino que lhe falou ao coração. Isto aconteceu com você? () Sim () Não
6. Se “Sim”, qual foi a música/hino e o intérprete? _____

7. Obs.: Caso não lembre o nome específico da música ou do intérprete, escreva um pequena parte da letra abaixo: _____

8. Alguma outra música ou hino teve influência em sua conversão de forma indireta. Qual? (Cite o nome da música e do intérprete ou se não souber o nome, escreva parte da letra): _____

9. A sua conversão se deu através de:
() Conferências Públicas. () Estudo Bíblico Pessoal. () Influência da Família.
() Influência dos Amigos. () Literatura. () Evento da Igreja (acampamento, revive, outros).
() Rádio, TV ou outro meio de comunicação. () Outro: _____

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2003

A ALIANÇA DO SINAI COMO BASE DE INTERPRETAÇÃO DE OSÉIAS 1:2 -2:1

Juliano Ferreira de Mello

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP.

Este TCC foi apresentado em novembro de 2003

Orientador: Reinaldo W. Siqueira, Ph.D.

RESUMO: A base da pregação profética em Israel tem sido objeto de um acalorado debate entre os teólogos do Antigo Testamento e, evidentemente, o livro do profeta Oséias não foi excluído dessa discussão. Poderia o conceito da aliança do Sinai ser a base da pregação profética de Oséias, como sugerida por alguns autores da atualidade? Ou deveria se optar por uma outra possibilidade? É objetivo deste trabalho verificar essa questão no contexto do debate teológico sobre esse livro profético. O método de análise utilizado no decorrer do trabalho é unicamente literário, e não histórico ou teológico. Utiliza-se nessa pesquisa uma abordagem terminológica e intertextual. Portanto, por meio de uma análise de termos, frases e idéias presentes na seção escolhida do livro de Oséias, verifica-se se existe ou não um relacionamento entre o conteúdo dessa seção com o tema da aliança, ou se ela está fundamentada em outro tema ou contexto teológico do Antigo Testamento.

PALAVRAS-CHAVE: aliança, Oséias, pregação profética, sabedoria, ética revolucionária, culto.

The covenant of Sinai as the basis for the interpretation of Hosea 1:2-2:1

ABSTRACT: The basis of the prophetic preaching in Israel has being the subject of a hot debate among scholars of the Old Testament, and the Book of Hosea has not being excluded from such a debate. Could the concept of the covenant at Sinai be the basis of Hosea's prophetic preaching, as lately suggested by some scholars? Should one look for other options? The objective of this research is to investigate this issue in the context of the theological debate on this prophetic book. It used an exclusively literary method, focusing on the use of terminology and intertextual references. Therefore, by the analysis of words, phrases, and ideas present in this specific section of the Book of Hosea, this research intended to verify the relationship of this text to the concept of covenant, or if it should be related to another theme or theological context of the Old Testament.

Keywords: covenant, Hosea, prophetic preaching, wisdom, revolutionary ethics, cult.

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Curso de Teologia

ALIANÇA COMO BASE DE INTERPRETAÇÃO DE
OSÉIAS 1:2 -2:1

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
à Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

por

Juliano Ferreira de Mello

Novembro, 2003

ALIANÇA COMO BASE DE INTERPRETAÇÃO DE
OSÉIAS 1:2 -2:1

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
à Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

por

Juliano Ferreira de Mello

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
Reinaldo W. Siqueira
Professor de Antigo Testamento

Avaliação

06 de novembro de 2003

Rubens Aguilar
Professor de Teologia Histórica e
Arqueologia

Data da Aprovação

Amin Rodor
Diretor do Curso de Teologia

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO..... | 1 |
| O Problema..... | 1 |
| Delimitações..... | 2 |
| Metodologia..... | 4 |
| Capítulo | |
| I. ALIANÇA COMO CHAVE DA INTERPRETAÇÃO DOS PROFETAS DO A.T..... | 6 |
| II. OUTRAS PROPOSTAS SOBRE A DA BASE DA PREGAÇÃO PROFÉTICA NO ANTIGO TESTAMENTO..... | 10 |
| Ética Revolucionária..... | 10 |
| Sabedoria..... | 12 |
| Culto..... | 14 |
| III. ANÁLISE DA SEÇÃO OSÉIAS 1:1-2:1..... | 16 |
| Oséias 1:2..... | 16 |
| “Vai e Toma uma Mulher de Prostituições e Terás Filhos da Prostituição Porque a Terra se Prostituiu”..... | 16 |
| “Desviando-se do Senhor”..... | 18 |
| Oséias 1:4..... | 18 |
| Jezreel..... | 18 |
| Castigarei..... | 20 |
| Oséias 1:6..... | 20 |
| Oséias 1:7..... | 21 |
| “Porém da Casa de Judá Me Compadecerei e Os Salvarei Pelo Senhor, Seu Deus”..... | 21 |
| “Nem Pela Espada”..... | 23 |
| Oséias 1:9..... | 23 |
| Oséias 1:10..... | 24 |
| “Número dos Filhos de Israel Será Como a Areia do Mar”..... | 24 |
| “Vós Não Sois Meu Povo, Se Lhes Dirá: Vós Sois Filhos do Deus Vivo”..... | 25 |

| | |
|-------------------------|----|
| Oséias 2:1..... | 26 |
| Conclusão Parcial | 26 |
| CONCLUSÃO..... | 28 |
| BIBLIOGRAFIA | 30 |

INTRODUÇÃO

O Problema

A base de pregação profética em Israel tem sido objeto de um acalorado debate entre os teólogos do Antigo Testamento, e evidentemente o livro do profeta Oséias não foi excluído desse debate. “A posição deste livro entre os escritos dos profetas, o poder de sua mensagem, e a fascinação do próprio profeta tem atraído a atenção de muitos estudantes da Bíblia Hebraica”¹.

Diferentes idéias têm sido propostas ao longo desse debate. Entre as mais antigas, Oséias seria um “revolucionário no campo moral e ético de Israel. Ele cria uma nova ética moral para um povo amoral. Sua mensagem deve, portanto, ser compreendida neste contexto”².

Outros advogam que a base da pregação profética estaria no culto. Como funcionário do templo, Oséias enfatiza o culto do templo e sua liturgia. O profeta, então, condenou “com enorme força a idolatria, que se manifestou em duas vertentes: cultural e política”³.

¹ Francis I. Andersen e David N. Freedman, *Hosea*, 2ª ed., The Anchor Bible, vol. 24. (Garden City, NY: Doubleday & Company, 1980), 68.

² Joseph Blenkinsop, *A History of Prophecy in Israel* (Philadelphia: The Westminster Press, 1983), 28.

³ Luis Alonso Schökel, *Profetas: Ezequiel-Doce Profetas Menores-Daniel-Jeremias* (Madrid: Cristiandad, 1980), 150.

Para outros teólogos, o profeta Oséias trouxe uma sabedoria de seu próprio lar e a transmitiu ao apostatado Reino do Norte, portanto “esta influência deve ser atentamente observada”¹.

Por fim, a última e mais recente corrente teológica afirma que a Aliança é base de interpretação dos profetas e especificamente do livro do profeta Oséias. “A palavra berit [traduzida em nossa Bíblia como Aliança] ocorre cinco vezes em Oséias”². Entretanto os opositores a esta última interpretação, principalmente as escolas teológicas alemãs do Antigo Testamento, afirmam que o termo berit (aliança) encontrado em Oséias não passa de “uma concepção tardia e um termo nebuloso do livro de Deuteronômio, sugerindo sua tradução para obrigação”³.

Poderia o conceito da aliança ser a base da pregação profética de Oséias, como sugerida por alguns autores da atualidade? Ou deveria optar-se por uma outra possibilidade? É objetivo deste trabalho verificar essa questão no contexto do debate teológico sobre esse livro profético.

Delimitações

Em primeiro lugar, delimitamos nosso estudo a Os 1:2-2:1. Não incluímos o versículo um do primeiro capítulo do livro por ser este um versículo introdutório ao livro

¹ Hans Walter Wolff, *A Commentary on the Book the Prophet Hosea* (Philadelphia: Fortress Press, 1977), xxiii.

² Klaus Koch, *The Prophets: The Assyrian Period* (Philadelphia: Fortress Press, 1982), 90.

³ Ibid.

como um todo, especificando o período histórico em que o ministério profético de Oséias ocorreu, não sendo parte, portanto, da seção literária representada por Os 1:1-2:1¹.

Em segundo lugar, por ser essa seção considerada como fundamental para a compreensão da mensagem e natureza do livro. “A tônica do livro está em fixar o mandato de Deus para Oséias aceitar uma esposa que se tornaria uma prostituta, ter filhos que se voltariam de Deus, e então conhecer a amor de Deus para com seu povo”².

Em terceiro lugar, visto não ser esta uma das passagens do livro que se usa a palavra berit (aliança), essa seção se torna essencial para a correta interpretação da mensagem de Oséias. Vale ressaltar que não analisaremos nessa pesquisa a estrutura, conceito e a teologia da Aliança³.

Em quarto lugar, há um consenso no meio teológico que essa seção, “escrita por Oséias”⁴ ou por um “discípulo”⁵ do profeta, é datada do 8º século, “aproximadamente

¹ Leon J. Wood, “Hosea”, *The Expositor’s Bible Commentary*, ed. Frank E. Gaebelin e outros (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 2000), 7: 170.

² David Allan Hubbard, *Hosea – An Introduction and Commentary* (Leicester: Inter-Varsity Press, 1989), 19.

³ Para um estudo mais específico sobre a aliança ver: O. Palmer Robertson, *The Christ of the Covenants* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1980); Gerhard F. Hasel, *Covenant in blood* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1982); George E. Mendenhall e Gary A. Herion, “Covenant”, *The Anchor Bible Dictionary*, ed. David Noel Freedman e outros (New York: Doubleday, 1992), 1:1179 -1202; *Enciclopédia Histórica –teológica da Igreja Cristã*, ed. 1992, ver “aliança”; *Dicionário bíblico Vida Nova*, ed. 2000, ver “aliança”; (São Paulo: Vida Nova, 2000), 9-10.

⁴ Wood, 162.

⁵ Wolff, *Commentary*, 11.

no ano 747- 6 a.C. no mais tardar”¹. Portanto, ela pode ser tomada como uma passagem que reflete os conceitos teológicos correntes nos dias do profeta Oséias.

O método de análise que será utilizada no decorrer desse trabalho será unicamente literário e não histórico ou teológico. Utilizaremos nessa pesquisa uma abordagem terminológica e intertextual. Nessa análise, não será abordado todo o livro de Oséias.

Metodologia

O primeiro capítulo desse trabalho revisará brevemente a proposta atual do tema da Aliança como a chave para interpretação dos profetas do AT, e de forma mais específica, do livro de Oséias.

O segundo capítulo abordará as outras diferentes propostas existentes no meio teológico para a interpretação da mensagem de Oséias e de seus contemporâneos.

E finalizando, no terceiro capítulo, verificaremos através de uma análise textual, termos, frases e idéias presentes na seção escolhida do livro de Oséias, verificando se existe ou não um relacionamento entre o conteúdo dessa seção com o tema da aliança, ou se ela estará fundamentada em outro tema ou contexto teológico do AT.

Nessa análise de Os 1:2-2:1, estaremos enfatizando a ocorrência de “ecos” com passagens do AT, semelhante ao sistema de análise textual e de estabelecimento de inter-

¹ Ibid., 12.

relacionamentos entre textos utilizado por Douglas Stuart¹, David Allan Hubbard² e Reinaldo Siqueira³.

Ao final, como conclusão, procuraremos responder as perguntas levantadas nesta pesquisa em vista dos dados evidenciados ao longo da mesma.

¹ Douglas Stuart, *Hoseah –Jonah*, Word Biblical Commentary, vol. 31 (Waco, TX: Word Books Publisher, 1987), xxxi-xlv.

² Hubbard, 19.

³ Reinaldo W Siqueira, “The Presence of the Covenant Motif in Amos 1:2-2:16” (Ph. D. dissertation, Andrews University, 1996), 4 e 6.

CAPÍTULO I

ALIANÇA COMO CHAVE PARA INTERPRETAÇÃO DOS PROFETAS DO AT

Excluído: do

Os profetas menores sempre possuíam uma mensagem para transmitir ao povo de Deus. Esta mensagem estava inserida num contexto de pecado e julgamento da nação israelita. Segundo um grupo representativo de teólogos, que serão abordados neste capítulo, para que se possa apreciar completamente este aspecto da mensagem dos profetas menores, suas palavras devem ser atentamente compreendidas no contexto da aliança, principalmente sob o prisma do concerto do Sinai.

Excluído: l

Neste capítulo será apresentada brevemente a proposta do tema da Aliança como base de interpretação dos profetas no AT, e mais especificamente do livro de Oséias.

Excluído: o

Para Robert B. Chisholm, foi por meio de Moisés que o Senhor instituiu uma aliança com Israel no Monte Sinai. Ele prometeu ser o Deus deles, e eles concordaram em obedecer todos os Seus mandamentos. Se Israel obedece as estipulações da Aliança de Deus (isto é da Lei Mosaica), Deus os abençoaria com a terra prometida, onde experimentariam paz e prosperidade na agricultura. Porém, Israel se rebelou contra a autoridade divina, e como resultado Deus os julgou, “destruindo-lhes a colheita e

Excluído: através

Excluído: a

Excluído: e

Excluído:

Excluído:

permitindo que seus inimigos invadissem suas terras e os carregassem para o exílio”¹.

Excluído: autoridade divina, e como resultado Deus os julgou, “destruindo-lhes a colheita e

Portanto, os profetas pré-exílicos vieram com mensagens de Deus a Israel,

Excluído: .

Excluído: à

“acusando a nação de quebrar a aliança e avisando do inevitável julgamento, como consequência desta desobediência. A conclusão destas acusações, revela severos paralelos com a lei mosaica”².

Segundo Chisholm, além da aliança sinaítica, Moisés e os profetas também baseavam o futuro de Israel na aliança feita por Deus com Abraão. Portanto vários profetas menores como o próprio Oséias, Amós, Miquéias, Zacarias viam a “futura restauração de Israel como um cumprimento das promessas de Deus feitas a Abraão”³.

Excluído: s

Da mesma forma, os profetas pós-exílicos, claramente relacionavam também a restauração da comunidade israelita “com alguns princípios que tinham governado o relacionamento de Deus com seus antepassados”⁴, ou seja, a Aliança. Já para Charles F. Feinberg, “Deus estabeleceu uma aliança eterna com Abraão e desejava manter-se unido ao seu povo”⁵.

Segundo ele, em resposta a fidelidade de Abraão, “Deus deu a ele a Terra (Gn 15:18-21) e numerosas bênçãos que suplantariam grandemente a todos os seus inimigos (Gn 22; 15:17). Os descendentes de Abraão, por meio de Isaque (Gn 26: 24) e Jacó (Gn 28:13-15; 50:24), requereram estas promessas”⁶.

Excluído:

Excluído: .

Excluído: .

Excluído:

Excluído: através

Excluído: .

Excluído: .

¹ Robert B. Chisholm, *Interpreting the Minor Prophets* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1990), 17.

Excluído:

² Ibid., 18.

³ Ibid., 19

⁴ Ibid., 18.

⁵ Charles L Feinberg, *Os Profetas Menores* (São Paulo: Vida Nova, 1988), 13.

⁶ Ibid.

Feinberg complementa dizendo que vários profetas menores visualizaram também a “restauração futura de Israel com a infalível promessa de Deus feita à Abraão, como o próprio Oséias (Os 1:10), Amós (Am 9:15), Miquéias (Mq 7:18-20), Zacarias (Zc 8:13) e outros”⁷.

Segundo Leon J. Wood, Oséias preocupa-se em retratar a deslealdade de Israel para com a Aliança Mosaica. Deus encontrou seu povo no monte Sinai como uvas no deserto e frutas frescas na figueira (Os 9:10). Deus amava tanto seu povo que os chamou de seus filhos (Os 11:1), porém por meio dos anos passados eles tinham vagueado longe de Deus (Os 11:2). “Sentiram o profundo pecado, quebrando a aliança tão graciosamente feita com eles”⁸. Portanto, para Leon J. Wood, “o pensamento central de Oséias refere-se a aliança de Deus com Israel que tinha sido quebrada”⁹.

Por sua vez, para Douglas Stuart, a verdadeira “compreensão da mensagem do livro depende da compreensão da aliança do Sinai. O livro de Oséias, contém uma série de bênçãos e maldições anunciados por Deus à Israel por meio de Oséias. Cada bênção e maldição está baseada em um tipo correspondente da lei mosaica”¹⁰. Segundo ele, as bênçãos e maldições, em Oséias, estão em paralelo com as “formulações encontradas no livro de Levítico e Deuteronômio”¹¹.

⁷ Feinberg, 14.

⁸ Wood, 167.

⁹ Ibid, 166.

¹⁰ Stuart, 6 -7.

¹¹ Ibid, 7.

Excluído: .

Excluído: .

Excluído: .

Excluído: .

Excluído:

Excluído: M

Excluído: .

Excluído: .

Excluído: através

Excluído: .

Excluído:

Excluído: ¶

Excluído:

Excluído:

Excluído: através

Excluído: s

Excluído: ¶

Excluído: .

Excluído:

Excluído: .

Excluído: .

Portanto, Oséias não traz uma mensagem inovadora para o povo de Israel, pelo contrário, a mensagem do profeta nada mais é do que uma confirmação dos termos da Aliança entre Deus e seu povo. Nessa mesma linha de pensamento, temos também Gleason L. Archer, Horne P. Silva, Russell Norman Champlin, e David Allan Hubbard¹².

Excluído: .

Excluído: ¶
¶

¹² Gleason L. Archer vê o livro de Oséias apenas como “um testemunho contra o reino do Norte por causa da sua apostasia da Aliança e sua corrupção, em grande escala, em assuntos morais, particulares e públicos”. Cf. Gleason L. Archer, *Merece Confiança o Antigo Testamento?* (São Paulo: Vida Nova, 1991), 252.

Excluído: c

Excluído:

Horne P. Silva salienta, que a tarefa do profeta Oséias “era simplesmente advertir que YHWH intentaria cumprir os termos do pacto, pois o cativo assírio aproximava-se rapidamente”. Ver Horne P. Silva, *Estudos sobre Profetas Menores*, 3ª ed. (Santo Amaro: Instituto Adventista de Ensino, 1986), 119.

Russell Norman Champlin afirma que logo no começo do ministério profético de Oséias, o Senhor ordenou a casar-se com uma mulher que no futuro seria infiel aos seus votos matrimoniais. “Essa relação, caracterizada pela infidelidade por parte da esposa, era um retrato da infidelidade de Israel ao pacto com o Senhor”. Cf. Russell Norman Champlin, *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo*, 5 vols, 2ª ed. (São Paulo: Hagnos, 2001), 5:3447.

Excluído: ,

Excluído:

Excluído:

David Allan Hubbard diz que o casamento do profeta “deve ser entendido no escopo de sua mensagem, ou seja, o relacionamento de Israel para com a aliança do Senhor”. Ele salienta também que a mensagem de Oséias não possui um caráter inovador ou revolucionário. Sua tarefa foi simplesmente avisar ao esquecido povo que o enfoque da mensagem de Deus é a Aliança. “Através de sua própria vida pessoal, o profeta Oséias testemunhou esta realidade”. Ver, Hubbard, 20.

Excluído:

Excluído:

CAPÍTULO II

OUTRAS PROPOSTAS SOBRE A BASE DA PREGAÇÃO PROFÉTICA NO ANTIGO TESTAMENTO

O debate teológico sobre a base da pregação dos profetas no AT tem sido intenso nos últimos dois séculos, e o livro de Oséias não foi excluído do mesmo. “Muitos comentários crítico–textuais foram produzidos, principalmente pelas escolas alemãs, como o de Nowark (1922) e Sellin (1930), o interesse de pesquisa foi direcionado mais para a forma crítica das investigações, e Oséias foi investigado por este caminho junto com outros profetas”¹.

Neste capítulo serão apresentadas, sucintamente, as três outras principais propostas, além da aliança já apresentadas no capítulo um, acerca da base da pregação profética no AT, e conseqüentemente do livro de Oséias.

Ética Revolucionária

Nos primórdios do século XIX, esse debate teológico “iniciou-se com uma forte ênfase na origem tardia do conceito da aliança na religião de Israel dado por Bernard Duhn e Julius Wellhausen durante o ano de 1870”². Estes dois teólogos alemães canalizaram em

¹ Andersen e Freedman, 76.

² Siqueira, 9.

algumas publicações, o pensamento histórico-crítico de sua época, que enfatizava os profetas como “revolucionários inspirados”¹, ou seja, criadores de uma nova ética para o povo.

Enquanto Bernard Duhn destacava o idealismo ético dos profetas, “que representavam a verdadeira essência da religião”², Julius Wellhausen enfatizava o “caráter revolucionário”³ da pregação profética, ou seja criadores de novas idéias.

Para Wellhausen, os profetas menores eram “uma rica mina de idéias e tradições”⁴, merecendo atenção mais do que especial. Entretanto, ele argumentava que os “profetas eram anteriores ao código de leis”⁵ e portanto eles não poderiam ter desempenhado a função a eles designada pela tradição.

Então, teria sido esta a “religião ética e espiritual dos profetas que possivelmente fabricaram os código de leis”⁶. Para Wellhausen, *berit* (aliança) não passava de um “termo nebuloso de Deuteronômio”⁷.

Segundo este pensamento, o conceito teológico de uma aliança divina “pode ser apenas encontrado na literatura deuteronomista, presumidamente datada no sétimo século

¹ Ibid.

² Blenkinsoop, 28.

³ Siqueira, 10.

⁴ Blenkinsoop, 25.

⁵ Ibid.

⁶ Koch, 90.

⁷ Siqueira, 1-2.

a.C.”¹, muito depois da pregação de Oséias no oitavo século a.C. Assim na visão desses teólogos, nenhuma aliança poderia ser encontrada na mensagem do profeta Oséias.

De um modo geral, as escolas de interpretação profética do século XIX visualizavam os profetas do A.T. como reformadores morais, “criadores de uma ética monoteísta”² para o povo de Israel, principalmente, nos dias do profeta Oséias.

Sabedoria

Outro importante grupo de teólogos, sugere que a base da pregação profética pode ser encontrada no contexto de Sabedoria do AT. Um dos principais expositores dessa linha de pensamento é o teólogo alemão Hans Walter Wolff.

Para Woff, foram os profetas do oitavo século, como Oséias, que “começaram aparecer com mensagens que foram endereçadas a nação como um todo. A missão destes profetas era fixar a vida do povo de Deus na luz do futuro que Deus estava preparando”³.

Wolff fez uma análise crítica da linguagem de Oséias procurando ressaltar a influência da Sabedoria em sua mensagem.

Ele classifica, primeiramente, uma série de formas literárias como sendo originárias do contexto sapiencial: “Lamento e queixa (Jó 3:11; 7:11; Sl 109:11-12)”; “ameaças e acusações (Pv 22:8; Sl 109:10)”; “didática (Ec 1:17)”; “professor da lei (Pv

¹Ibid.

² Blenkinsop, 29.

³ Hans Walter Wolff. “Prophecy from the Eight Though the Fifth Century”, In: James L. Mays, ed., *Interpreting the Prophets* (Philadelphia: Fortress Press, 1987), 16.

8:10-12)”; “estudo da natureza (Sl 104:14; 65:10)”¹. Estas séries de formas são encontradas em Oséias.

Ao analisar o livro de Oséias, Wolff destaca que “palavras de genuíno lamento e queixas de Israel que aparecem em Oséias (Os 4:6; 5:11, 7:8;8:8)”², estão intercaladas com palavras de “ameaças e acusações”³. Esta relação, segundo Wolff, atesta para a compaixão do Deus de Israel e Seu profeta para com o povo.

Em continuação, Wolff, afirma que é possível encontrar também na linguagem do profeta “formas peculiares para o professor da lei: didática de exortação (Os 5:1) e preceitos (Os 6:6; 8:6)”⁴.

Oséias algumas vezes “lista objetos em série”⁵ da natureza, como: céu, terra, grãos, vinho novo, azeite, Jezreel (Os 2:21-22), que denotam claramente a influência e utilização, por parte do profeta, de uma didática “que deriva de um estudo sapiencial da Natureza”⁶, que se torna, então, pano de fundo de sua metafórica mensagem.

Em vista destes argumentos, Woff concluiu que “a influência da Sabedoria sobre a linguagem de Oséias deveria ser notada”⁷.

¹ Wolff, *Commentary*, 53, 142.

² *Ibid.*, xxiii.

³ *Ibid.*

⁴ *Ibid.*, xxiv.

⁵ *Ibid.*, 53.

⁶ *Ibid.*

⁷ *Ibid.*, xxiii.

Culto

Finalmente, para um outro grupo de “teólogos”¹ os profetas faziam “parte do templo, oficiais do santuário, onde suas mensagens foram enviadas em cerimônias formais como parte de seu deveres públicos”².

Para estes teólogos, os profetas utilizaram, uma linguagem totalmente fundamentada no culto e em sua liturgia. Os cultos eram, na transmissão da mensagem, a “essência da identidade de Israel como o povo de Deus”³. Os profetas, então, apresentam um Deus “intransigente que não aceita competição com nenhum outro”⁴, como no caso de Oséias.

O profeta Oséias seria “um sacerdote”⁵, e, portanto, um funcionário do templo. Como tal, ele condena com veemência a idolatria reinante no reino do Norte. Nessa época, havia uma enorme e descarada devoção aos “baals pagãos, porém o pecado mais corrente consistia em uma contaminação do culto a Yahvé com o baalismo”⁶.

O único Deus verdadeiro era considerado um deus da mesma classe igualdade que os Baals, portanto “o culto era praticado com base nos ritos dos santuários baalistas

¹ Os autores citados nessa seção não compartilham desta idéia, eles não vêem Oséias como funcionário do culto. No entanto, eles analisam essa corrente de interpretação cúltica da mensagem profética, e portanto, nos servem aqui de fonte de informação.

² Andersen e Freedman, 75.

³ Koch, 90.

⁴ Ibid.

⁵ Andersen e Freedman, 75.

⁶ Dennis J. McCarthy, “Oseas”, *Comentário bíblico San Jerônimo*, ed. Raimond E. Brown (Madrid: Ediciones Cristiandad, 1972), 1:677.

(por exemplo prostituição cultural), o pensamento, a teologia que servia como base era o puro baalismo”¹.

Oséias , portanto “denúncia as injustiças da corrupção reinante (Os 4:1-2) crítica o culto, pois este tem um aspecto superficial e falso (Os 6:4-6; 5:6; 8:11 e 13)”². Ele condena, também, a idolatria que “consistia na adoração de baal, com seus ritos de fertilidade (Os 4:12-13; 7:14; 9:1), e a adoração do bezerro de ouro instalado por Jeroboão I em 913 a.C., quando o Reino do Norte se separou de Judá”³.

Portanto Oséias e sua mensagem são compreendidas neste contexto.

¹ Ibid.

² Andersen e Freedman, 75.

³ Jorge L. Robinson, *Los Doce Profetas Menores*, 2ª ed. (Nova Iorque: Casa Bautista de Publicaciones, 1955), 16.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DA SEÇÃO

OSÉIAS 1:2-2:1

Este capítulo analisará algumas frases e palavras da seção de Oséias 1:2- 2:1, em busca de possíveis paralelos com passagens-chave da aliança no Pentateuco. O objetivo é verificar a possibilidade de relacionamento entre esse trecho de Oséias e o tema da aliança do Antigo Testamento.

Oséias 1:2

“Quando, pela primeira vez, falou o Senhor por intermédio de Oséias, então, o Senhor lhe disse: Vai, toma uma mulher de prostituições e terás filhos de prostituição, porque a terra se prostituiu, desviando-se do Senhor” (Os 1:2)¹.

“Vai e Toma uma Mulher de Prostituições e Terás Filhos da Prostituição
Porque a Terra se Prostituiu”

Nessas palavras de Deus a Oséias podemos ver a visão bíblica, com o apresentado na aliança do Sinai, de que a idolatria é igual a prostituição.

¹ Salvo indicação contrária, todas as referências nesse capítulo são à *Bíblia de Estudos Almeida*, Versão revista e atualizada, 2ª ed. (São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997).

A prostituição literal de Gômer “é uma ilustração da fornicção religiosa de Israel”² para com Deus. A infidelidade literal da idólatra Gômer “não foi apenas um simples adultério cometido contra Oséias, e não apenas uma alegoria do adultério de Israel contra Deus. Sua prostituição no culto de Baal foi o ponto auge da apostasia de Israel”³.

Portanto, os filhos do profeta, ou seja, filhos de uma mãe prostituta (prostituição) são metáforas vivas dos israelitas idólatras, isto é, filhos da prostituição espiritual. A esposa do profeta e as crianças “são alegoricamente os israelitas”⁴. “A nação de Israel era essa prostituta- adúltera, e Yahweh era seu marido”⁵.

Sendo assim toda a nação, “terra”, se prostituiu. Israel “seguiu”, adorou, serviu, prostituiu-se espiritualmente com outros deuses, esquecendo-se do Senhor. “O Deus verdadeiro”. Essa correlação “prostituição” metáfora de “idolatria” aparece distintamente nas seguintes passagens pertinentes à aliança do Sinai:

“Não tomarás mulheres das suas filhas [Cananeus-v.15] para os teus filhos, pois quando as suas filhas se “prostituírem após os seus deuses”, farão que também os teus filhos se prostituam após os seus deuses” (Êx 34:16).

“Disse o Senhor a Moisés e Josué : Eis que estás para dormir com teus pais; e este povo se levantará, e se “prostituirá”, indo após outros deuses estranhos na terra para cujo meio vai e me deixará, e “anulará a aliança que fiz com ele” (Dt 31: 16).

² Hubbard, 60.

³ Andersen e Freedman, 125.

⁴ Ibid.

⁵ Champlin, 5:3447.

“Desviando-se do Senhor”

O uso do termo “desviar-se”, no sentido de quebra dos termos da aliança estabelecida com Deus, especialmente referindo-se a idolatria, pertence claramente também ao contexto semântico da aliança do Sinai, como podemos ver em Deuteronômio 7:4; 28:14; 30:17:

“pois elas fariam **desviar** teus filhos de mim, para que servissem a outros deuses; e a ira do Senhor se acenderia contra vós outros e depressa vos destruiria” (Dt 7:4).

“Não te **desviarás** de todas as palavras que hoje te ordeno nem para direita nem para a esquerda, seguindo outros deuses para servirem” (Dt 28: 14).

“Porém, se o teu coração se **desviar**, e não quiseres dar ouvidos, e fores seduzido, e te inclinares a outros deuses, e os servires” (Dt 30:17).

Oséias 1: 4

“Disse-lhe o Senhor: Põe-lhe o nome de Jezreel, porque, daqui a pouco, castigarei, pelo sangue de Jezreel, a casa de Jeú e farei cessar o reino da casa de Israel” (Os 1:4).

Jezreel

Para alguns autores existem dois significados para o nome Jezreel: “Deus semeia”⁶, e “Deus espalhará”⁷. Entretanto, ambos significados podem ser creditados ao

⁶ *O Novo Dicionário da Bíblia*, ed. 1979, ver “Jezreel”; Kathleen Blanchard, ed. *Bíblia de Jerusalém*, (Madrid: Desclée de Brouyer, 1966), 1201; Charles C. Ryrie, *A Bíblia Anotada*. (São Paulo: Mundo Cristão, 1991), 1097.

⁷ “Jezreel” [Os 1:4], *The Seventh-Day Adventist Bible Commentary (SDABC)*, ed. F. D. Nichol (Washington, DC: Review and Herald. 1985), 4:912; Walter.C. Kaiser Jr., *Teologia do Antigo Testamento*, 2ª ed. (São Paulo: Vida Nova, 1988), 258.

nome Jezreel, afinal, “Oséias desde o início estava ciente da exata mensagem que esse nome contém”⁸.

Enquanto o termo semear possui um caráter positivo, haja vista que está intimamente relacionado com a plantação, crescimento, futuro; o termo “espalhar”, por sua vez, possui um caráter negativo e é encontrado nas maldições proferidas por Deus a Israel.

Como consequência da quebra da aliança com Deus (Sinai), Israel, por meio da guerra, deveria ser espalhado entre os povos da terra. Nesse contexto, o nome Jezreel “reflete a maldição da guerra na aliança (tipo 3; Lv 27:17; Dt 28:25), a captura do rei [Jeú] (Dt 28:36 e 31:4), e morte e destruição (tipo 24; Lv 26:38, etc.)”⁹.

Nota-se, então, visivelmente a presença do termo espalhar em passagens como:

“**Espalhar - vos - ei** por entre as nações e desembainharei a espada atrás de vós; a vossa terra será assolada, e as vossas cidades serão desertas” (Lv 26 : 33).

“O Senhor vos **espalhará** entre os povos, e restareis poucos em número entre as gentes aonde o Senhor vos conduzirá” (Dt 4:27).

“O Senhor vos **espalhará** entre todos os povos, de uma até à outra extremidade da terra. Servirás ali a outros deuses que não conheceste, nem tu, nem teus pais; servirás à madeira e à pedra” (Dt 28:64).

“Eu terei dito: Por todos os cantos os **espalharei** e farei cessar a sua memória dentre os homens” (Dt 32: 26).

⁸ Stuart, 28.

⁹ Ibid.

Castigarei

Dois contrastantes atributos estão presentes no caráter de Deus: misericórdia e justiça. Como conseqüência natural da quebra da aliança por parte da nação israelita, o povo deveria arcar com as terríveis conseqüências pré-estabelecidas do acordo, dentre elas o castigo, que seria cruel e “sangrento”¹⁰. Esta triste realidade foi enfatizada por Moisés na série de maldições da aliança de Levítico 26:

“Se ainda assim com isto não ouvires, tornarei a **castigar-vos** sete vezes mais pelos seus pecados” (Lv 26: 18).

“Eu também, com furor, serei contrário a vós outros e **vos castigarei** sete vezes mais por causa dos vossos pecados” (Lv 26: 28).

Oséias 1:6

“Tornou ela a conceber e deu à luz uma filha. Disse o Senhor a Oséias: Põe-lhe o nome de Desfavorecida *Lo – Ruhama*, porque eu não mais tornarei a favorecer a casa de Israel, para lhe perdoar”

O nome próprio *Lo-Ruama* significa “desfavorecida”¹¹, e está ligado com a frase que se segue “porque não mais tornarei a favorecer a casa de Israel para perdoar”. A identidade de Israel com nação “foi construída na compaixão de Deus, e em seus brandos

¹⁰ Stuart. 29.

¹¹ Segundo Horne Silva o significado deste nome (*Lo – Ruhama*) é: “Desfavorecida, deplorável, lastimoso ou não tendo recebido compaixão, sem misericórdia. O apóstolo Paulo referindo-se a profecia de Oséias interpreta esta palavra como sendo não amada (Rm 9: 25)”. Cf. Silva, 131.

mandamentos”¹². “Tal como no monte Sinai, o povo de Israel foi lembrado da compaixão de Yahweh”¹³. Essa realidade demonstra o constante e paternal cuidado de Deus para com seus filhos, portanto, a palavra-chave que melhor retrata “o cuidado de Deus para seus filhos é perdoar”¹⁴. Porém, por meio do nome Desfavorecida, estaria sendo feita ao povo “a mais dura e terrível promessa, que todo o perdão seria retirado”¹⁵. Sendo assim, a noção de “não mais perdoar” é também uma terminologia pertencente ao campo semântico da aliança do Sinai como podemos constatar em Deuteronômio 29:20:

“O Senhor não lhe quererá perdoar; antes, fumegará a ira do Senhor e o seu zelo sobre o homem, e toda maldição escrita neste livro jazerá sobre ele; e o Senhor lhe apagará, o nome de debaixo do céu” (Dt 29:20).

Oséias 1:7

“Porém da casa de Judá me compadecerei e os salvarei pelo Senhor, seu Deus, pois não os salvarei pelo arco, nem pela espada, nem pela guerra, nem pelos cavalos, nem pelos cavaleiros”.

**“Porém da Casa de Judá Me Compadecerei e Os
Salvarei Pelo Senhor, Seu Deus”**

A tribo de Judá levaria avante a nação de “Israel”, embora fosse apenas a porção sul da nação inteira, composta somente de duas tribos: Judá e Benjamin. “Yahweh não estava pondo fim à nação de Israel mas somente a porção que ficara fora da

¹² Hubbard, 63.

¹³ Champlin, 5:3448.

¹⁴ Ibid.

¹⁵ Ibid.

possibilidade de restauração. Contudo o livro vacila entre o julgamento e salvação”¹⁶. Assim sendo, onde o julgamento é proferido, “ali a salvação também é possível”¹⁷.

Portanto Oséias, neste versículo, apesar de utilizar-se de uma linguagem bélica e militar, o foco de sua mensagem não está, agora, no castigo, mas sim na compaixão e salvação que Deus outorgaria a Seus filhos.

“Respondeu-lhe: Farei passar toda a minha bondade diante de ti e te proclamarei o nome do Senhor; terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me **compadecerei** de quem eu me **compadecer**” (Êx 33:19).

“E, passando o Senhor por diante dele, clamou: Senhor, Senhor, Senhor Deus **compassivo**, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, ainda que não inocenta o culpado, e visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, até a terceira e quarta geração” (Êx 34:6-7).

“E dir-lhe-á: Ouvi, ó Israel, hoje, vos achegais à peleja contra os vossos inimigos; que não desfaleça o vosso coração; não tenhais medo, não tremais, nem vos aterrorizeis diante deles, pois o Senhor vosso Deus, é quem vai convosco a pelear por vós contra os vossos inimigos, para vos **salvar**” (Dt 20:3-4).

“O Senhor é a minha força e o meu cântico; ele me foi por **salvação**; este é o meu Deus; portanto, eu o louvarei; ele é o Deus de meu pai; por isso, o exaltarei” (Êx 15:2).

Por meio de idéias de compaixão e salvação em referência a Judá, novamente a fidelidade e a grande misericórdia de Deus são retratadas pelo o profeta.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ Ibid.

“Nem Pela Espada”

Oséias utiliza o meio de livramento (bênçãos) de Deus a Israel (guerra - vitória) diante das outras nações para demonstrar a benção não medida.

“Estabelecerei paz na terra; deitar-vos-eis, e não haverá quem vos espante; farei cessar os animais nocivos da terra, e pela vossa terra não passará **espada**. (Lv 26:6).

“Perseguireis os vossos inimigos, e cairão à **espada** diante de vós” (Lv 26:7).

“Cinco de vós perseguirão a cem, e cem dentre vós perseguirão a dez mil; e os vossos inimigos cairão à **espada** diante de vós” (Lv 26:8).

Oséias 1: 9

“Disse o Senhor a Oséias: Põe-lhe o nome de Não-Meu-Povo, *Lo – Ami* porque vós não sois meu povo, nem eu serei vosso Deus”.

O significado do nome do terceiro filho de Oséias, *Lo - Ami* é: “Não Meu Povo”¹⁸. Esta frase, juntamente com o significado deste nome, estão intimamente relacionados com termos da aliança que o Senhor Deus fez com Israel no monte Sinai. A linguagem desse versículo “ecoa os eventos do Êxodo”¹⁹.

Israel havia quebrado todas as condições estabelecidas pelo “Pacto e acabou sendo cortado para não participar das bênçãos da aliança. O laço entre Israel e Yahweh tinha sido quebrado. Da perspectiva divina, Israel tornou-se um não povo”²⁰. Esse

¹⁸ Matthew Henry, *Comentário exegético devocional de la toda Bíblia*, 8 vols. (Bacelona: Clie, 1990), 2:296.

¹⁹ Hubbard, 65.

²⁰ Champlin, 5:3448.

vocabulário “é o que está na aliança de Moisés, formulado nos termos de” meu povo...seu Deus”²¹, como podemos observar nas seguintes passagens:

“Tomar-vos-ei por **meu povo** e serei **vosso Deus**; e sabereis que eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tiro de debaixo das cargas do Egito” (Êx 6:7).

“Então falou Deus todas estas palavras: **Eu sou o Senhor teu Deus**, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão” (Êx 20: 1-2).

“Andarei entre vós e **serei o vosso Deus**, e vós **sereis o meu povo**” (Lv 26:12).

“Andarei entre vós e **serei vosso Deus**, e vós **sereis o meu povo. Eu sou o Senhor vosso Deus** que vos tirei da terra do Egito, para que não fosseis seus escravos; quebrei os timões do vosso jugo e vos fiz andar eretos” (Lv 26: 12 e 13).

Oséias 1:10

“Todavia, o número dos filhos de Israel será como a areia do mar, que se não pode medir, nem contar; e acontecerá que, no lugar onde se lhes dizia: Vós não sois meu povo, se lhes dirá: Vós sois filhos do Deus vivo” (Os 1:10).

“Número dos Filhos de Israel Será Como a Areia do Mar”

Nesse versículo são evocadas duas alianças: a aliança com Abraão, confirmada a Jacó, e a aliança no Sinai. Especificamente nesta frase, a aliança com Abraão e Jacó é referida de forma explícita na frase números “como a areia do mar” como vemos em:

“Que deveras te abençoarei e certamente multiplicarei a tua descendência (**Abraão**) como as estrelas do céu e **como a areia na praia do mar**; a tua descendência possuirá a cidade dos inimigos” (Gn 22:17).

²¹ Stuart, 32.

Essa aliança feita por Deus a Abraão é confirmada com o seu descendente (neto) Jacó:

“E disseste: Certamente eu te farei bem e dar - te -ei (**Jacó**) a descendência **como a areia do mar**, que, pela multidão não se pode contar” (Gn 32: 12).

É interessante notar que a “melancolia drástica da rejeição é de súbito transformada em uma descrição de restauração. A promessa de uma posteridade inumerável de Abraão, confirmada no pacto abraâmico”²² é certificada nesse versículo.

“Vós Não Sois Meu Povo, Se Lhes Dirá:
Vós Sois Filhos do Deus Vivo”

Essa frase se refere ao que foi dito em Oséias 1:9, voltando a reafirmar a sentença clássica que resume a aliança do Sinai. Oséias utiliza-se de uma linguagem comum aos ouvidos da nação. Suas palavras são um eco das promessas feitas por Moisés ao povo da aliança.

“Andarei entre vós e **serei vosso Deus**, e **vós serei o meu povo**. **Eu sou o Senhor vosso Deus** que vos tirei da terra do Egito, para que não fosseis seus escravos; quebrei os timões do vosso jugo e vos fiz andar eretos” (Lv 26: 12-13).

Portanto, “Yahweh não abandonou permanentemente Seu povo”²³ da aliança, pelo contrário, “o texto fala da incomensurável abundância da transbordante graça de Deus, e de Seu amor que não sofre qualquer restrição”²⁴.

²² Champlin, 5:3448.

²³ Stuart, 33.

²⁴ Champlin, 5:3448.

Oséias 2:1

“Chamai a vosso irmão Meu-Povo e a vossa irmã, Favor”. Nesse verso, novos nomes são dados aos filhos de Oséias: *Ami* - “Meu Povo” e *Ruhana* - “Favor”.

Podemos observar que “as promessas de restauração estão emolduradas por termos remanescentes da aliança de Israel no passado”²⁵, então, novamente Oséias reafirma a identidade de Israel como sendo o povo de Deus (Meu Povo) prometendo-lhes, agora, favores .

“Porque a porção do **Senhor é o seu povo**; Jacó é a parte de sua herança... Porque o **meu povo** é gente falta de conselhos, e neles não há conhecimentos” (Dt 32:9;28).

“De Naftali disse: Naftali goza de **favores** e, cheio da bênção do Senhor, possuirá o lago e o Sul” (Dt 33:23).

Nos dois últimos versículos da seção (Os 1:11- 2:1) Oséias exalta a misericórdia de Deus e finaliza a seção com um oráculo de salvação.

Conclusão Parcial

Em virtude dessa análise, concluímos que toda a seção está permeada de “memórias do passado de Israel. Estas memórias estão envoltas pelo uso habilmente de fragmentos das palavras celestiais encontradas nas tradições”²⁶.

A linguagem encontrada “é rica de conotações da aliança, é uma recapitulação do Êxodo. As afinidades de Oséias com Deuteronômio são bem conhecidas”²⁷.

²⁵ Hubbard, 60.

²⁶ Andersen e Freedman, 131.

²⁷ Ibid.

É extremamente notória presença do conceito da Aliança do Sinai na seção analisada. Em alguns versículos, pode se encontrar também, referências à aliança feita com Abraão e confirmada com Jacó.

CONCLUSÃO

O amor de Deus para com seus filhos caídos se constitui a nota tônica das Escrituras Sagradas. Desde a entrada do pecado neste mundo, Deus possui como objetivo principal resgatar a raça humana, elevando-os novamente a condição de filhos perfeitos, santos, e dignos de estarem eternamente em Sua presença.

Os profetas e principalmente o livro de Oséias não fogem desta realidade. “O amor de Deus para com seus filhos errantes se constitui o tema predominante de todo o livro de Oséias”¹. O incansável e persistente Pai amando seus filhos rebeldes é apresentado por meio da vida pessoal do profeta. Deus realmente ama seus filhos rebeldes e está sempre disposto a reconciliar-se com eles.

É somente por meio da compreensão da aliança, como base da interpretação profética do AT, que se pode vislumbrar com tamanha certeza e profundidade esta realidade na mensagem de Oséias.

No primeiro capítulo deste trabalho foi apresentada a aliança como sendo a chave para interpretação dos profetas do AT. Primeiramente nos profetas e a seguir no livro de Oséias.

O segundo capítulo desta pesquisa apresentou, brevemente, três outras propostas existentes no meio teológico para interpretação da mensagem dos profetas do AT.

¹“Hosea: Introduction”, *SDABC*, 4:886.

Primeiramente, a ética revolucionária de Bernard Duhn e Julius Wellhausen. A seguir, a sabedoria como expressa por autores como Hans Walter Wolff. E por fim, o culto como meio no qual o ministério profético em Israel é exercido.

Finalmente, o terceiro capítulo analisou a mensagem de Oséias encontrada em Oséias 1:2-2:1, verificando termos, frases e palavras encontradas nessa seção. Foi constatada a presença de alusões à aliança de Deus com Abraão e Jacó, mas, sobretudo, aos termos da aliança do Sinai e de tal forma que nos parece que o profeta centralizou, principalmente, sua mensagem sobre essa aliança.

Verificamos nesse trabalho que dos 11 versículos, que compõem a seção, sete deles (quase 65% da seção) trazem a visível presença da aliança.

Não existem evidências ou alusões na seção analisada que justifiquem a Sabedoria e uma Ética Revolucionária como base de interpretação de Oséias, como sugerida por alguns teólogos analisados no segundo capítulo. Uma possível referência ao culto israelita aparece em Oséias 1:2, especialmente no enfoque da questão da idolatria. No entanto, vale ressaltar que o culto faz parte da aliança, o Deus da Aliança exigia exclusividade na adoração, não aceitando concorrência com nenhum outro deus².

Concluimos, então, que a evidência textual de Oséias 1:2-2:1, passagem que indubitavelmente reflete a teologia dos meados do oitavo século a.C. em Israel, argumenta a favor da aliança como a principal base conceptual e teológica da mensagem do profeta Oséias.

² R. P. Martin, “Worship”, *The International Standard Bible Encyclopedia*, ed. Geoffrey W. Bromiley e outros, fully revised ed. (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1991), 4:1118-1119.

BIBLIOGRAFIA

- Allmen, J. D. Von. *Vocabulário Bíblico*. 3ª edição. São Paulo: Aste, 2001.
- Andersen, Francis I. e Daniel N. Freedman. *Hosea*. 2ª edição. The Anchor Bible, vol 24. Garden City, NY: Doubleday & Company, 1980.
- Archer, Gleason L. *Merece Confiança o Antigo Testamento?* São Paulo: Vida Nova, 1991.
- Bíblia de Estudo Almeida*, Revista e Atualizada. 2ª edição. Traduzida por João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.
- Blanchard, Kathleen. *Bíblia de Jerusalém*. Madrid: Desclée de Brouyer, 1966.
- Blenkinsoop, Joseph. *A History of Prophecy in Israel*. Philadelphia: The Westminster Press, 1983.
- Calvin, John. *Calvin's Commentaries: The Minor Prophets*. Philadelphia: Associated Publishers and Authors.
- Chisholm Jr, Robert B. *Interpreting the Minor Prophets*. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1990.
- Clarke, Adam. *The Old Testament—Isaiah to Malachi*. 4 vols. New York: Abindon-Cokesbury, 1932.
- Champlin, R. N. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo*. 5 vols. 2ª edição. São Paulo: Hagnos, 2001.
- Dicionário bíblico Vida Nova*. Editado por Derek Willians. Edição revisada. São Paulo: Vida Nova, 2000. Ver “aliança”.
- Enciclopédia histórica –teológica da Igreja Cristã*. Editado por Walter A. Elwell. Edição revisada. São Paulo: Vida Nova, 1992. Ver “aliança”.
- Feinberg, Charles L. *Os Profetas Menores*. São Paulo: Vida Nova, 1988.
- Hasel, Gerhard F. *Covenant in blood*. Mountain View, CA: Pacific Press, 1982.

- Hubbard, David Allan. *Hosea – An Introduction and Commentary*. Leicester: Inter – Varsity, 1989.
- Koch, Klaus. *The Prophets: The Assyrian Period*. Philadelphia: Fortress Press, 1982.
- Martin, R. P. “Worship”. *The International Standard Bible Encyclopedia*. Editado por Geoffrey W. Bromiley e outros. Fully revised ed. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1991. 4:1117-1133.
- Mays, James L. *Interpreting the Prophets*. Philadelphia: Fortress Press, 1987.
- McCarthy, Dennis J. “Oseas”. *Comentário bíblico San Jerônimo*, ed. Raimond E. Brown, 1:675-704. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1972.
- Mendenhall, G. E. e Gary A. Herion. “Covenant”. *The Anchor Bible Dictionary*. Editado por David Noel Freedman e outros. New York: Doubleday, 1992. 1:1179 -1202.
- Nichol, Francis D., ed. *The Seventh-Day Adventist Bible Commentary*. 7 vols. Washington, DC: Review and Herald, 1985.
- O Novo Dicionário da Bíblia*. Editado por J. D. Douglas. Edição revisada 3vols. 3ª edição. São Paulo: Vida Nova, 1981. Ver “aliança”.
- Robertson, O. Palmer. *The Christ of the Covenants*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1980.
- Robinson, Jorge L. *Los Doce Profetas Menores*. 2ª edição. Nova York: Casa Bautista de Publicaciones, 1955.
- Ryrie, Charles Caldwell. *A Bíblia anotada*. São Paulo: Mundo Cristão, 1991.
- Schultz, Samuel. J. *A História de Israel no A.T.* São Paulo: Vida Nova, 1995.
- Silva, Horne P. *Estudos sobre Profetas Menores*. 3ª edição. Santo Amaro: Instituto Adventista de Ensino, 1986.
- Siqueira, Reinaldo W. *The Presence of the Covenant Motif in Amos 1:2-2:16*. Ph.D. dissertation, Andrews University, 1996.
- Schökel, Luis Alonso. *Profetas: Ezequiel-Doce Profetas Menores-Daniel-Jeremias*. Madrid: Cristiandad, 1980.
- Stuart, Douglas. *Hosea – Jonah*. Word Biblical Commentary. vol. 31. Waco, TX: Word Books Publisher, 1987.
- Westermann, Claus. *Basic Forms of Prophetic Speech*. London: Lutterworth, 1991.

Wolff, Hans Walter. *A Commentary on the Book the Prophet Hosea*. Philadelphia: Fortress Press, 1977.

_____. "Prophecy from the Eight Through the Fifth Century". In: James L. Mays, ed. *Interpreting the Prophets*. Philadelphia: Fortress Press, 1987.

Wood, Leon J. "Hosea". *The Expositor's Bible Commentary*, ed. Frank E. Gaebel e outros. 7: 161-225. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 2000.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2005

BANCOS VAZIOS: UMA PESQUISA SOBRE AS RAZÕES DA BAIXA FREQUÊNCIA AOS CULTOS DOMINICAIS ADVENTISTAS

Marcos Aurélio Siqueira de Souza e Ricky Castro
Bacharéis em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
TCC apresentado em novembro de 2005
Orientador: José Miranda Rocha, D.Min.
rnrcastro@yahoo.com.br

Resumo:Esse estudo tem o objetivo de identificar as causas da baixa frequência dos membros aos cultos de domingo à noite nas igrejas adventistas da região central do Estado de São Paulo. Tendo em vista que o domingo é um dia em que a maioria das pessoas não trabalha e nem estuda, esta pesquisa procura saber se esses fatores são de natureza geográfica, social, pastoral, financeira, espiritual, litúrgica ou de outra não especificada. O resultado dessa pesquisa aponta para seis razões principais da ausência de membros aos cultos dominicais adventistas, à saber: (1) programação pobre e sem conteúdo apresentada por pastores e líderes; (2) falta de envolvimento da igreja local com a comunidade; (3) desinteresse dos membros pelas atividades espirituais; (4) problemas na comunhão do crente com Deus; (5) falta de visão missionária da liderança e (6) o apego dos membros às programações da televisão brasileira. Ao final desse estudo são sugeridas também algumas estratégias para que o pastor reverta esse quadro.

Palavras-chave: cultos dominicais, evangelismo, frequência, membros, fatores promocionais.

Empty benches: a research on the reasons for members' low attendance to adventist worship on Sundays

Abstract: The objective of this study is to identify the reasons for low attendance to the worship services at Sunday night in the Adventist churches in the central region of the State of São Paulo. Since Sunday is a day when the great majority of people does not work or study, this research tried to identify the reasons for such low attendance and if they of a geographic, social, pastoral, financial, spiritual, liturgical nature, or of any other specific reason. The results of the investigation pointed out to six major factors: (1) the poor quality and lack of content of Sunday worship service; (2) lack of involvement by the local church with the community at large; (3) members' lack of interest for spiritual activities; (4) problems on the level of communion of the believer with God; (5) lack of a missionary vision by the leadership; and (6) the members' attachment to the programs of the Brazilian television. At the end of this study, some strategies were suggested for the reversal of this situation.

Keywords: worship at Sundays, evangelism, attendance, members, factors of promotion.

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Curso de Teologia

**FATORES PROMOCIONAIS DA
FREQUÊNCIA NO CULTO DE DOMINGO**

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado em Cumprimento Parcial
dos Requisitos para o Título de
Bacharel em Teologia

Por
Ricky Castro
e
Marcos Aurélio Siqueira de Souza
Novembro de 2005

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| Definição do Problema | 1 |
| Propósito do Estudo..... | 2 |
| Delimitação do Problema | 2 |
| Metodologia | 3 |
| Organização do Estudo | 3 |
| CAPÍTULOS | |
| I. VISÃO ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA SOBRE OS CULTOS DE DOMINGO..5 | |
| O Silêncio da Bíblia sobre o Tema | 5 |
| Declarações de Ellen G. White..... | 6 |
| Função do Culto de Domingo | 9 |
| A Dinâmica da Adoração no Culto..... | 9 |
| Propósito Evangelístico..... | 11 |
| Conclusão..... | 13 |
| II. A FREQUENCIA NO CULTO DE DOMINGO..... | 14 |
| Fatores Promocionais da Ausência..... | 15 |
| Fatores Promocionais da Frequência..... | 22 |
| Sugestões para Aumentar a Frequência | 23 |
| Conclusão..... | 28 |
| CONCLUSÃO | 30 |
| ANEXOS | 32 |
| Anexo I – Questionário Aplicado na Pesquisa de Campo..... | 32 |
| Anexo II – Perguntas das Entrevistas Realizadas com os Pastores..... | 33 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 34 |

INTRODUÇÃO

A Igreja Adventista do Sétimo Dia¹ tradicionalmente separa três dias na semana para suas reuniões espirituais. Há um módulo semanal de reuniões litúrgicas, sendo o culto de sábado pela manhã o principal. Segue-se, na semana o culto no domingo com objetivo evangelístico e, na quarta-feira, a reunião destinada à oração.

A igreja tem utilizado o culto de domingo à noite para edificação espiritual de seu corpo de membros e evangelização de pessoas que desejam conhecer o evangelho. Ao observar-se o baixo número de pessoas presentes nessa reunião, levanta-se a indagação se esse culto evangelístico tem alcançado o objetivo. Estariam os membros valorizando este culto através de sua presença, cumprindo o propósito para o qual foi estabelecido ao trazer seus amigos e familiares não adventistas?

Definição do Problema

Ao longo dos anos, vem-se observando que o culto de domingo à noite tem deixado de alcançar tanto o objetivo da edificação espiritual da igreja, como da evangelização às pessoas da comunidade, em virtude da baixa frequência dos membros da igreja e seus convidados. Com isso a igreja tem perdido oportunidades de crescimento quantitativo e qualitativo, pois não aproveita a chance de evangelização, nem de crescimento na compreensão da doutrina. Diante disso, deve-se indagar quais as causas ou

¹ Neste trabalho, Igreja Adventista do Sétimo Dia será referida pela sigla IASD.

fatores que contribuem para a baixa frequência dos membros nas reuniões de culto evangelístico aos domingos à noite. Outra questão é o que poderia ser feito para promover a frequência dos membros da IASD nesta programação de seu módulo semanal litúrgico?

Propósito do Estudo

O presente estudo tem como objetivo fazer um levantamento dos fatores promocionais da baixa frequência dos membros no culto de domingo à noite. Tendo em vista que o domingo é um dia em que a maioria das pessoas não trabalha e nem estuda, esta pesquisa procura saber se esses fatores são de natureza geográfica, social, pastoral, financeira, espiritual, litúrgica ou de outra causa não especificada nos casos anteriores. Objetiva-se também oferecer sugestões que possam ser implementadas para reverter o quadro de ausência dos membros da igreja e seus convidados não adventistas.

Delimitação do Problema

O referido estudo apresenta um levantamento dos fatores da baixa frequência nos cultos de domingo à noite, mediante pesquisa realizada nas igrejas da Associação Paulista Central¹, próximas ao UNASP Campus 2². A investigação objetivou apenas identificar os prováveis fatores que contribuem para a ausência dos membros das igrejas no culto de domingo à noite, sem entrar na análise dos mesmos.

¹ Este campo de ação da IASD será referido pela sigla APaC. Esta é a sigla de região administrativa da Igreja Adventista do Sétimo Dia e significa Associação Paulista Central das igrejas localizadas nesta região do Estado de São Paulo. Sua sede fica em Campinas.

² UNASP Campus II, é a sigla do Centro Universitário Adventista de São Paulo localizada na cidade de Engenheiro Coelho, SP.

Metodologia

Neste estudo é utilizado o método de leitura atenta de obras que focalizam a necessidade da evangelização através da igreja local, e periódicos adventistas que apresentam artigos e notícias sobre o tema em estudo. Para fazer-se o levantamento dos fatores que explica a baixa frequência dos membros das igrejas na referida reunião, objeto deste trabalho, foi realizada uma pesquisa de campo com membros de cinco igrejas da IASD no território da APaC. A fim de buscar sugestões para melhorar a frequência nesses cultos, foram entrevistados quatro pastores com experiência comprovada no uso dessa metodologia de evangelização.

Organização do Estudo

No primeiro capítulo, é apresentado um breve estudo sobre o silêncio da Bíblia concernente ao uso litúrgico do primeiro dia da semana. Ainda neste capítulo se oferece uma breve pesquisa sobre as declarações de Ellen G. White que tratam do domingo como dia de reuniões. Aborda-se também sobre a função e o propósito do culto de domingo à noite na vida dos membros da igreja e o seu benefício para a comunidade local, de acordo com a visão evangelística da IASD. O segundo capítulo mostra os resultados da pesquisa de campo, através da qual se objetiva revelar os fatores que provocam a baixa frequência nas reuniões em questão. Neste capítulo também são sugeridas algumas idéias significativas, obtidas através das entrevistas concedidas por pastores que tiveram experiência com esta metodologia, tendo em vista o aumento da frequência nas reuniões. Na parte final, a

conclusão apresenta um sumário dos principais resultados conseguidos através da pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e entrevistas.¹

¹ Veja nos anexos I e II os modelos do questionário e seqüências de perguntas para a pesquisa quantitativa e entrevistas.

CAPÍTULO I

A VISÃO ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA SOBRE OS CULTOS DE DOMINGO

Este capítulo apresenta o conceito do culto de domingo à noite na IASD procurando sua base bíblica e teológico-histórica nas declarações de Ellen G. White. Apesar de não se encontrar fontes históricas da origem do culto de domingo à noite no Brasil, descobriu-se algumas declarações desta escritora Ellen G. White, e outras de livros e periódicos, que ressaltam apenas a importância e os objetivos deste culto.

O Silêncio na Bíblia Sobre o Tema

Há um silêncio significativo na Bíblia sobre o uso do domingo ou o primeiro dia da semana para reuniões religiosas, sejam de natureza litúrgica para adoração ou com propósitos evangelísticos. A explicação para este silêncio deve ser encontrada no fato de que o primeiro dia da semana nunca no contexto bíblico foi um tempo reservado para finalidades religiosas, visto que este lugar é ocupado pelo sábado (Gn 2:1-3; Ex 20:8-11; Dt 5:12; Is 58:12-14; Ez 20:12, 20)¹. O próprio Senhor Jesus chamou para si a autoria da origem do sábado (Mc 2:27-28) e o observou sistematicamente como Seu dia de culto (Lc 4:16-20). Este costume foi obedecido também por Seus seguidores, com a força do quarto mandamento da Lei de Deus (Lc 23:52; At 17:1-2; 18:4).

¹A versão bíblica adotada neste trabalho é a *Almeida*, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª Edição.

Argumenta-se, porém, que, com base em Atos 20:7,¹ o primeiro dia da semana teria se tornado um dia de celebração litúrgica comemorativa da ressurreição, ainda nos dias apostólicos. Mas a esta argumentação faltam suficientes evidências bíblicas, o que tem sido comprovado através de abalizados trabalhos produzidos por eruditos estudiosos do tema.²

Se o primeiro dia da semana ou o domingo cristão nunca foi usado por personagens bíblicos do Antigo e Novo Testamento como dia de reunião, seja para a igreja adorar a Deus ou evangelizar novas pessoas, como a IASD pode justificar a sua prática de escolher justamente este dia para suas reuniões de evangelização? Haveria alguma declaração nos escritos de Ellen G. White que sugerisse ou recomendasse tal costume?

Declarações de Ellen G. White

Embora não haja nenhuma declaração explícita de Ellen G. White para a adoção da prática do culto de domingo à noite, há algumas que recomendam aos adventistas a preferência de reuniões religiosas no primeiro dia da semana, ao invés de trabalhos seculares, com objetivo de evitar o choque com autoridades religiosas e civis em caso de um provável decreto dominical com força de lei civil.

A seguinte declaração de Ellen G. White reporta ao tempo da pregação de Guilherme Miller sobre o segundo advento. Isto explica perfeitamente a grande afluência de pessoas ao Salão Beethoven aos domingos à noite. Não havia adventistas do sétimo dia neste tempo,

¹Ver *Carta Apostólica Dies Domini* (São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1998).

²Ver Samuele Bacchiocchi, *From Sabbath to Sunday* (Berrien Springs, MI: Biblical Perspectives, 1987), 90-131. Ver também Armando B. Christianini, *Subtilezas do Erro* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1965), 176-188. Carley B Haynes, *Do Sábado Para o Domingo* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1976), 16-26.

apenas seguidores e admiradores de Guilherme Miller, todos provavelmente guardadores do domingo. Mas a lembrança de Ellen G. White acerca destas reuniões repletas de atenciosos ouvintes da palavra de Deus aos domingos pode ter servido de forte motivação para inovação de reuniões regulares para pregação do evangelho no Brasil e em terras Sul-Americanas.

Falando de sua experiência evangelística realizada em Portland, Maine, Ellen G. White diz o seguinte: “Apesar da oposição dos ministros e igrejas, o salão Beethoven, na cidade de Portland, ficava repleto todas as noites. Especialmente aos domingos havia ali grande congregação. Todas as classes afluíam a essas reuniões. Ricos e pobres, grandes e humildes, ministros e leigos, estavam todos por vários motivos, ansiosos por ouvir a doutrina do segundo advento”¹.

Respondendo à pergunta de um irmão, a respeito do que se deveria fazer neste caso, isto é, decreto dominical, Ellen G. White sugere algumas atividades que poderiam ser realizadas neste dia pelos membros da IASD. Ela declara que “o domingo pode ser empregado para desenvolver vários ramos de trabalho que muito farão em proveito do Senhor. Pode realizar-se nesse dia reuniões ao ar livre, ou em casas de família. Pode fazer-se também trabalho de casa em casa. Os que escrevem, podem consagrar este dia para redigir seus artigos. Realizem-se cultos religiosos no domingo, sempre que possível. Tornem-se essas reuniões vivamente interessantes. Cantem-se verdadeiros hinos de reavivamento, e fale-se com firmeza e poder do amor de Cristo”².

¹ Ellen G. White, *Vida e Ensinos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora, Brasileira, 1978), 45.

² Idem, *Testemunho Seletos*, 5ª ed. (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985), 3: 396.

Em relação aos objetivos do culto de domingo, ela diz que os adventistas devem fugir do sensacionalismo, mas enfatiza a importância da pregação do evangelho. “Não efetuais reuniões de domingo à noite a fim de atrair-lhes os sentidos com músicas e outras coisas, mas para pregar a verdade em toda a sua solenidade”¹.

Ao escrever sobre uma reunião em um domingo à noite na cidade de São Francisco, Ellen G. White também assinalou: “Domingo à noite fomos à cidade [de São Francisco]. Falei a uma grande congregação de estranhos, com boa acolhida, discorrendo sobre o assunto dos pães e peixes com que Jesus, por Seu miraculoso poder, alimentou cinco mil pessoas... que estavam continuamente recebendo, depois que o Salvador abençoara a pequena porção de alimentos”².

Há também uma outra referência sobre uma reunião no domingo de manhã, na qual Tiago White participou como pregador. Concernente a este encontro ela diz: “Domingo de manhã reunimo-nos com os irmãos, e meu esposo levantou-se para pregar sobre a parábola das dez virgens. Ele não sentia liberdade para falar, e propôs que tivéssemos uns momentos de oração”³.

Embora não houvesse reuniões evangelísticas regulares aos domingos, patrocinadas pela IASD, já em seu tempo Ellen G. White referiu-se a pregações que ela mesma realizou ao ar livre no subúrbio de Newcastle na Austrália. Sobre este fato ela declarou: “Fiz isto em duas tardes de domingo, tendo bons resultados”⁴.

¹ Idem, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora, Brasileira, 1978), 148.

² Idem, *Mensagens Escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora, Brasileira, 1978), 3: 105.

³ Idem, *Vida e Ensinos* 132.

⁴ Idem, *Evangelismo*, 426.

É importante dizer que a prática de reuniões evangelísticas aos domingos à noite no Brasil é um fenômeno iniciado e quase restrito às regiões onde já dominavam o catolicismo romano e ainda com pouca frequência de protestantes e evangélicos guardadores do domingo. A estratégia evangelística da IASD focaliza-se na predisposição de abertura das pessoas que dispunham e dispõem de tempo suficiente para aceitação de convites para reuniões religiosas no primeiro dia da semana.¹

Função do Culto de Domingo

Tem-se discutido às vezes sobre a principal função da igreja e seu culto. Subsiste em certos grupos a idéia de que o culto tem como principal meta a evangelização. Muitos outros se inclinam em favor da adoração como o grande e exclusivo objetivo do culto. Todavia, a adoração vincula-se à missão. Essas duas atividades litúrgicas eclesiais são inseparáveis. Daniel O. Plenc favorece esta idéia ao dizer que “a adoração é uma prioridade legítima da dinâmica do culto. Adoração não equivale à evangelização, porém a potencializa, capacitando a igreja para o cumprimento de sua missão. A missão da igreja se relaciona com a adoração, a edificação e a evangelização”².

A Dinâmica da Adoração no Culto

Como visto anteriormente, a adoração a Deus tem um papel primordial na dinâmica do culto. Adorar é um ato no qual toma parte uma pessoa que oferece culto e outra que recebe. Os cristãos Adventistas do Sétimo Dia reverenciam e honram somente a Deus. Através do culto, Deus é declarado como o único digno de ser adorado. Adoração

¹ Walmir A. Rosa, “Análise Comparativa da Substituição dos Cultos Evangelístico por Reuniões nos Pequenos Grupos”, UNASP Campos II, 2003. Material não publicado.

² Daniel Oscar Plenc, “A Igreja que Cresce”, *Ministério*, maio e junho de 2003, 30.

não é meramente um ritual que se perde em formalismo, mas uma experiência vital. Como afirma Paul Basden, “adoração é um encontro pessoal com Deus no qual glorificamos, magnificamos e cantamos ao Senhor por Sua pessoa e Seus atos”¹.

Portanto, a prioridade do culto é promover um ambiente de adoração a Deus. O desejo de adorar Aquele que tem enriquecido de bênçãos os adoradores deveria conduzi-los aos cultos da igreja. Ali deveriam louvar, engrandecer e exaltar o nome de Deus. A presença do adorador no culto demonstra que crê em Deus e que deseja se relacionar com Ele. O culto oferece a oportunidade de se render homenagem a Deus através do louvor, suplicar os Seus cuidados por meio da oração e receber a Sua mensagem pela pregação.

A liturgia do culto deveria estar organizada de forma que os adoradores se sentissem acolhidos e motivados para expressar a sua alegria e gratidão. A Palavra de Deus deveria ser apresentada de tal forma que os adoradores percebessem a presença de Deus falando ao coração. Brian Jones diz que “a igreja deve ser um lugar para se receber instrução na Palavra de Deus e encontrar saúde espiritual”².

Na opinião de Cláudio Hirle, “o culto alegre, espiritual, racional, regido pela verdade da Palavra e que tem a Deus como centro, nunca deixa o adorador como está. Ele transforma a pessoa, exercendo um poder regenerador e renovador (Rom. 12:2)”³. Este é também um foco evangelístico. Portanto, as reuniões de culto devem oferecer o maior interesse possível àqueles que desejam experimentar essa transformação. Por isso, o culto deve ser interessante, não se permitindo que degenera em formalidade insípida.

¹ Paul Basden, *Estilos de Louvor* 1ª ed. (São Paulo, SP: Editora Mundo Cristão, 2000), 22.

² Brian Jones, “Quem Necessita Ir à Igreja”, *Revista Adventista*, Junho de 1991, 7.

³ Cláudio Hirle, “Culto para Deus ou para nós?”, *Revista Adventista*, agosto de 2003, 13.

Alfredo Küen dá sete razões para o membro da igreja não faltar aos cultos da igreja. Em primeiro lugar porque o culto deve fazer parte do estilo de vida do cristão. Em segundo lugar para renovar e reforçar a comunhão com Deus. A terceira razão é para deixar que Deus fale através de Sua Palavra. A quarta razão é para que o crente tenha o seu coração transformado. Em quinto lugar porque ele precisa desfrutar da comunhão fraternal com os irmãos. O sexto motivo é para orarem juntos. A sétima e última razão de Küen é a busca da presença do Senhor.¹ Conforme observa o presente estudo, haverá numerosos benefícios espirituais quando os membros da igreja comparecem tanto às reuniões de adoração como às evangelísticas realizadas pela IASD regularmente aos domingos à noite nas igrejas. Quão bom se todos os que amam a Cristo repetissem as palavras do salmista: “Alegrei-me quando me disseram: Vamos à casa do Senhor” (Sal. 122:1).

Propósito Evangelístico

A pesquisa literária presente neste estudo não encontrou nenhuma fonte que forneça dados oficiais sobre a origem do culto de domingo na IASD no Brasil. No *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia* encontram-se informações a respeito do culto de sábado pela manhã, as reuniões de oração (realizadas geralmente no meio da semana), reuniões da sociedade dos jovens adventistas (realizadas na sexta ou no sábado), e sobre a Escola Sabatina.²

Apesar de não encontrarmos informações sobre a origem do culto de domingo à noite na IASD no Brasil, há testemunhas oculares de que este culto existe há mais de

¹ Alfredo Küen, *El Culto en la Biblia y en la Historia*, Serie Ekklesia (Terraça, Barcelona: Editora Clie, 1994), 5: 23.

² Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 17ª edição (Tatuí SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002) 73,74,80.

sessenta anos. É isto que Walmir A. Rosa tenta mostrar em seu trabalho de conclusão de curso realizado em 2003. Walmir A. Rosa, refere-se à memória do pastor Albino Marks para afirmar que “na década de 1930, o culto de domingo à noite era uma prática comum, tinha um cunho evangelístico e ninguém discutia sobre a sua validade”.¹ Para o pastor Marks, há muitas vantagens em realizar um culto evangelístico no domingo. Ele destaca como maior delas “a oportunidade de levar convidados a igreja”².

Nota-se que o culto evangelístico, geralmente realizado pela IASD no domingo à noite, tem um objetivo muito específico: Evangelizar novas pessoas, sejam vizinhos da igreja, vizinhos e amigos da comunidade adventista, ou seus parentes. Portanto, é uma oportunidade oferecida pela IASD para a comunidade não adventista entrar em contato com a mensagem da Bíblia. A pregação deve apresentar uma mensagem apropriada tanto para os cultos de adoração, como para os evangelísticos. Se o culto de domingo tem esse perfil, a pregação deve orientar o motivo da recepção, a oferta de comunhão, as músicas e toda a programação afim de que venham surtir o efeito esperado na vida dos membros e daqueles que visitam a igreja.

Considerando que o culto de domingo tem objetivos qualitativos (qualidade na adoração) e quantitativos (crescimento da congregação), espera-se que estas reuniões promovam a comunhão dos crentes e produzam conversões na vida dos interessados no estudo da verdade. Segundo Alberto Ronald Timm, “quando a igreja perde este objetivo, ela entra gradativamente em declínio espiritual, e automaticamente deixa de crescer”³.

¹ Walmir A. Rosa, “Análise Comparativa da Substituição dos Cultos Evangelístico por Reuniões nos Pequenos Grupos”, UNASP Campos II, 2003. Material não publicado.

² Ibid

³ Alberto Ronald Timm, “Por Que Algumas de Nossas Igrejas Param de Crescer”, *Revista Adventista*, Julho de 1984, 21.

Na opinião dele, “o aspecto crucial é que uma igreja que está em declínio pode voltar a crescer, uma vez que surja no seu seio um pequeno grupo de pessoas não conformadas com a situação, e que procure conscientizar e envolver toda a igreja na ação missionária”.¹

Conclusão

Como foi observado, a única maneira para uma igreja experimentar um genuíno crescimento, bem como uma melhor maneira de conservar os membros nas igrejas, é envolvê-los na ação missionária. Se isto for feito, a igreja estará cumprindo a missão evangélica, seguindo o exemplo da igreja primitiva.

¹ Ibid, 21.

CAPITULO II

A FREQUÊNCIA NO CULTO DE DOMINGO

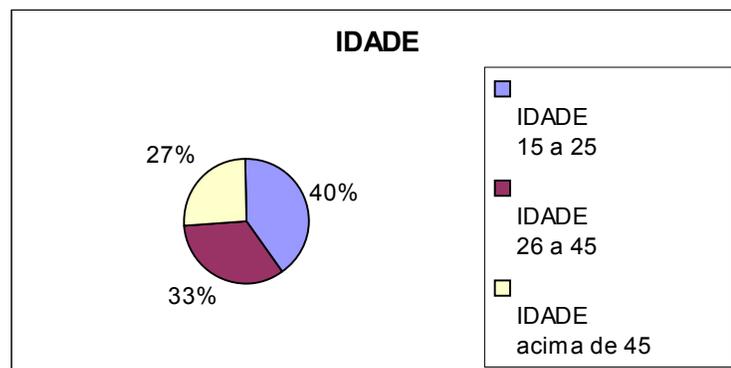
O propósito deste estudo é identificar os fatores que contribuem para a baixa frequência aos cultos de domingo à noite. Para isso foi realizado um estudo quantitativo através da aplicação de um questionário para ser respondido pelos membros de seis igrejas, todas situadas no território da APaC. As igrejas que serviram de campo e universo para esta pesquisa foram as seguintes: (1) Igreja Central de Artur Nogueira, sede do primeiro distrito na referida cidade, com aproximadamente 800 membros batizados; (2) Igreja Central de Mogi Mirim, constituída por aproximadamente 130 membros batizados; (3) Igreja Central de Piracicaba, com cerca de 400 membros batizados; (4) Igreja no bairro de Cubatão, na cidade de Itapira, com aproximadamente 100 membros batizados; (5) Igreja no bairro de Jardim Santa Isabel, no município de Hortolândia, com aproximadamente 200 membros; (6) Igreja no bairro de São Pedro, no município de Hortolândia, com aproximadamente 250 membros.

Todas as pesquisas foram aplicadas no sábado pela manhã do dia 07 de maio de 2005. Na igreja Central de Artur Nogueira foram distribuídas 100 pesquisas; 50 na igreja Central de Mogi Mirim; 100 na igreja Central de Piracicaba; 50 na igreja de Cubatão, em Itapira; 50 na igreja de Jd. Santa Isabel e 50 na igreja de São Pedro, totalizando 400 pesquisas. Deste total, foram devolvidos 220 questionários, devidamente respondidos e em

condições de serem usados para a informação dos resultados, os quais serão apresentados e ilustrados graficamente no conteúdo deste capítulo.

Fatores Promocionais da Ausência

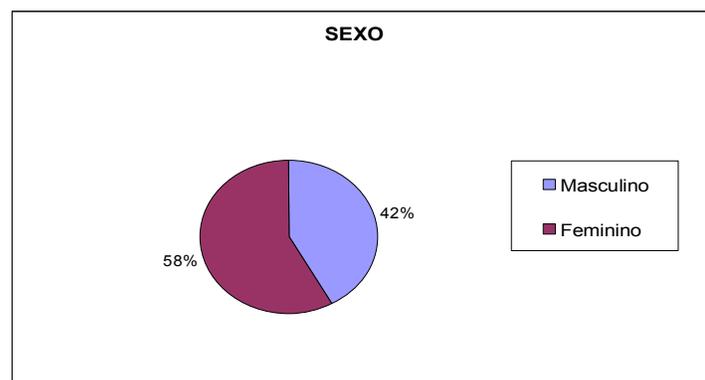
Gráfico 1



A maioria (40%) dos que responderam o questionário são membros da igreja que apresentam idade entre 15 a 25 anos, seguidos do grupo que está na faixa entre 26 a 45 anos. Somados os dois grupos, pode-se concluir que os 73% (160 pessoas) são os mais jovens dos membros, o que aponta para igrejas constituídas na maioria por jovens.

Gráfico 2

Distribuição em percentual das respostas à pergunta 2.

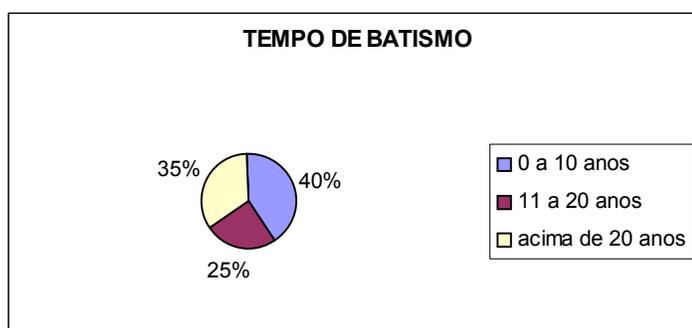


Nota-se que a maior parte dos que responderam ao questionário são mulheres, o que corresponde a 58% (127 pessoas), uma tendência normal nas igrejas. Uma considerável participação masculina, 42% (93 pessoas) também expressou a sua opinião.

Gráfico 3

Distribuição em percentual das respostas à pergunta 3

Há quanto tempo você é batizado na Igreja Adventista do Sétimo Dia?

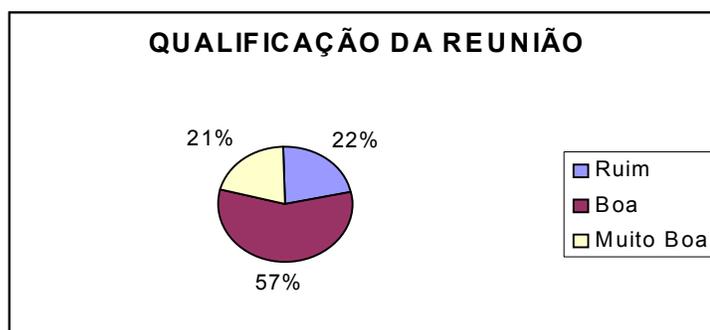


O objetivo desta pergunta foi verificar a experiência dos que responderam à pesquisa em relação ao tempo de igreja. A conclusão é que 60% deles são membros da igreja há mais de 10 anos. Este fato é importante, pois são também pessoas que participaram e observaram este culto de domingo à noite há mais de uma década.

Gráfico 4

Distribuição em percentual das respostas à pergunta 4

Como você considera o culto de domingo à noite?

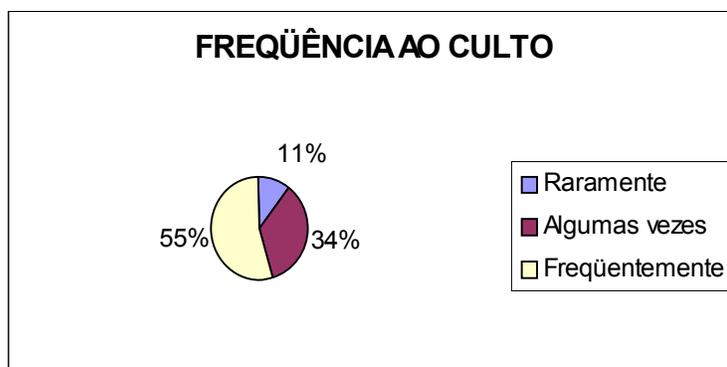


Observa-se que nem todos estão plenamente satisfeitos com o culto de domingo à noite. Mais da metade dos entrevistados, ou seja, 57% (125 pessoas) acreditam que este culto é bom, porém, há necessidade de melhora. Verifica-se também que o restante dos pesquisados, 43% (94 pessoas) apresenta opiniões diferentes. Enquanto 22% (48 pessoas) consideram ruim o culto de domingo à noite, apenas 21% (46 pessoas) afirmaram que este culto é muito bom. A conclusão que se chega é que o culto de domingo à noite precisa ser melhorado em algum aspecto.

Gráfico 5

Distribuição em percentual das respostas à pergunta 5.

Com que frequência você costuma ir aos cultos de domingo à noite?

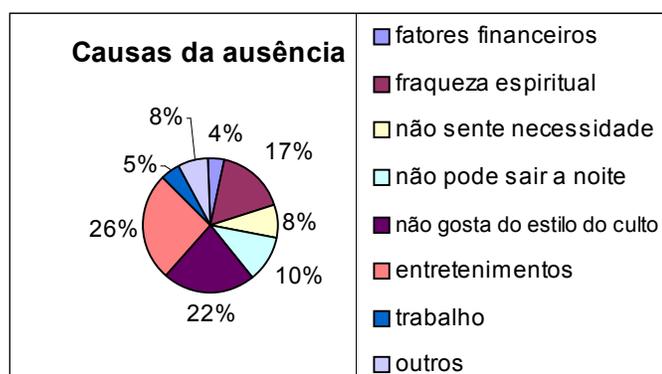


Das 220 pessoas que responderam o questionário, um percentual de 11% (24 pessoas), informaram que raramente comparecem ao culto de domingo à noite. Um outro grupo maior, correspondente a 34% (75 pessoas) responderam com a opção “algumas vezes”. Este dado revela que quase a metade dos que responderam, um total de 45% (99 pessoas), não frequenta regularmente os cultos de domingo à noite. Percebe-se que há um certo desinteresse ou dificuldade dos membros para ir a igreja nestas reuniões.

Gráfico 6

Distribuição em percentual das respostas à pergunta 6.

Por qual motivo você vai só de vez em quando aos cultos de domingo à noite?

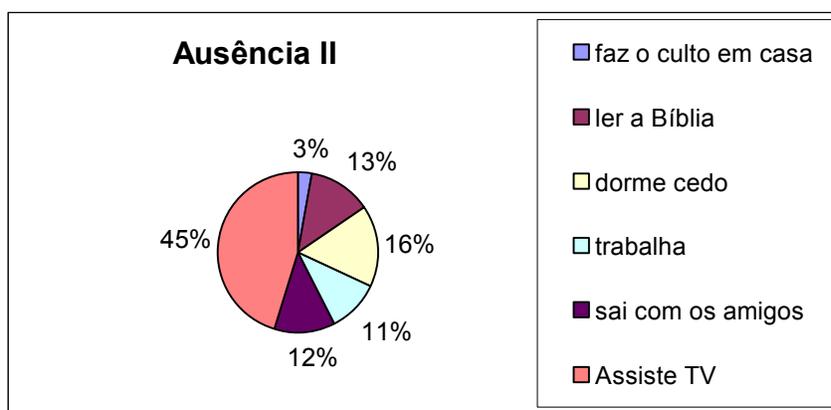


Tendo em vista que esta pergunta não focaliza os membros que vão regularmente aos cultos de domingo à noite (os 55% do gráfico anterior), analisamos somente as respostas daqueles que responderam que vão algumas vezes e outros que informaram que raramente vão aos cultos de domingo à noite. Das 99 pessoas que responderam esta pergunta, 27% (26 pessoas) apresentaram motivos convincentes para sua ausência nos cultos de domingo, tais como, impossibilidade financeira, de sair a noite e por causa do trabalho. Nota-se que 73% (73 pessoas) das pessoas não apresentaram dificuldades para sua ausência. Esses alegam que não comparecem à igreja aos domingos à noite por causa da televisão, ou por influência dos amigos, ou por não gostarem do estilo do culto; ou ainda porque não sentem necessidade e, confessadamente, por fraqueza espiritual.

Gráfico 7

Distribuição em percentual das respostas à pergunta 7

Quando você não vai a igreja no domingo, o que faz na hora do culto?

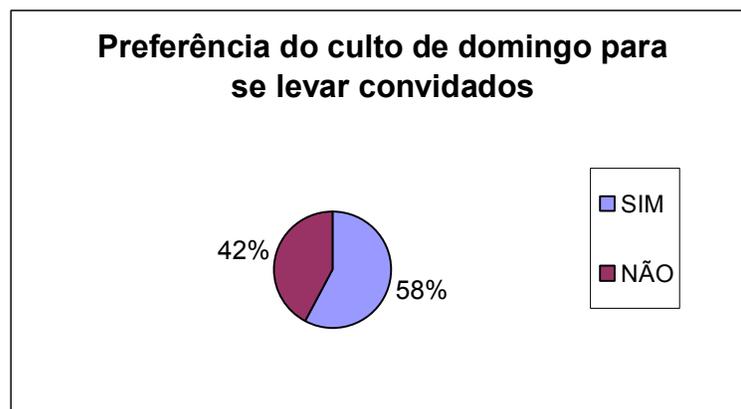


Na leitura das respostas a esta pergunta verifica-se que das noventa e nove pessoas que responderam que não vão as reuniões de domingo à noite na igreja, 57% (56 pessoas) prefere gastar esse tempo em entretenimentos. Este resultado nos leva a pensar em duas hipóteses: Primeiro, os cultos de domingo não estão sendo atrativos, a ponto dos irmãos preferirem entretenimentos; segundo, não sentem necessidade de sua presença nas reuniões evangelísticas da igreja.

Gráfico 8

Distribuição em percentual das respostas à pergunta 8

Você acha mais fácil levar convidados no domingo à noite, do que nos outros dias de culto?

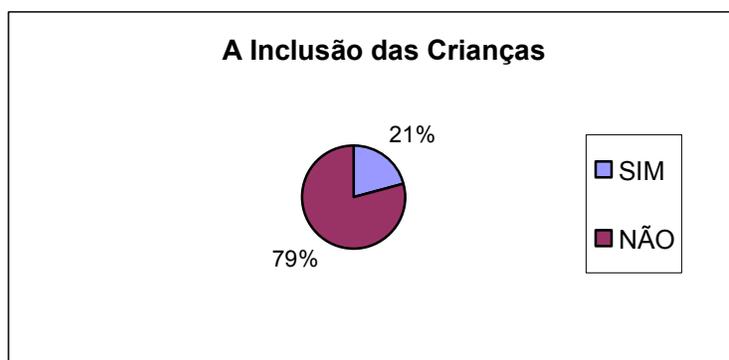


O que causa admiração é o fato de uma parte significativa dos que responderam ao questionário (42% ou 92 pessoas) afirmarem não ver o domingo como o melhor dia para convidar amigos e parentes às reuniões da igreja. Isto deve levar ao questionamento sobre o foco evangelístico destas reuniões, se ainda presente ou não. Será que se tornaram evangelisticamente fracas a ponto de não ser atrativas para os visitantes?

Gráfico 9

Distribuição em percentual das respostas à pergunta 9

Você acredita que o culto preenche as necessidades espirituais das crianças?

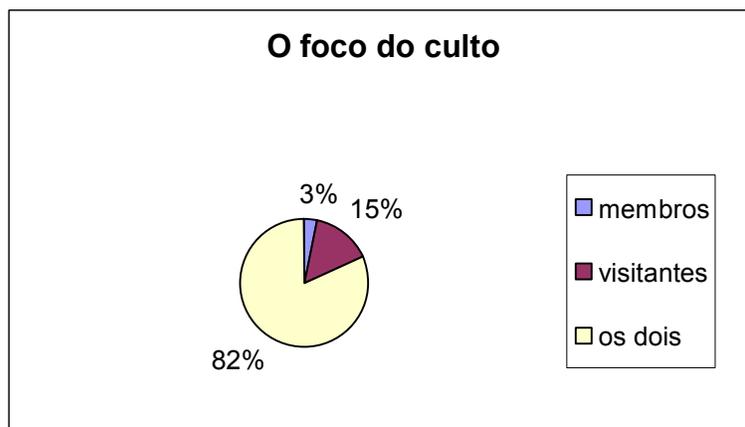


Observa-se que há uma grande deficiência na atenção às crianças neste culto, pois 79% dos 220 que responderam ao questionário acreditam que a programação do culto não preenche as necessidades espirituais das crianças. Isso vem confirmar a falta de planejamento para se alcançar todas as idades.

Gráfico 10

Distribuição em percentual das respostas à pergunta 10

Na sua opinião, o foco do culto de domingo à noite deveria ser direcionado para quem?



Apesar do gráfico oito mostrar que o domingo não é o melhor dia para se levar convidados, a maioria (82%) dos entrevistados gostaria que o culto preenchesse as necessidades e expectativas tanto dos membros como dos convidados

Ainda dentro da mesma questionário figurando como a 11ª pergunta, foram solicitadas sugestões para a melhoria do culto de domingo. Entre as várias sugestões, constatou-se que os membros entrevistados sentem a necessidade de mudanças nos cultos de domingo à noite nos seguintes aspectos: Pregadores mais capacitados, experientes e dinâmicos em sua abordagem; um culto mais alegre, evangelístico e com recursos áudio-

visuais; pregações com temas diferentes, atuais, doutrinários e cristocêntricos; mais tempo para músicas animadas, alegres e inspiradoras.

Esta pesquisa de campo revelou uma necessidade de se criar um modelo de culto que venha contribuir, para o melhoramento das reuniões de domingo à noite nas Igrejas Adventistas do Sétimo Dia, com objetivo de atrair mais membros e motivá-los a trazer convidados à adoração ao Senhor.

Fatores Promocionais da Frequência

O estudo realizado neste capítulo apresentou algumas causas promotoras da ausência dos membros nos cultos de domingo à noite. Os resultados contribuíram para a identificação dos fatores promocionais da frequência. Estes fatores são: Um culto bem planejado e organizado por equipes de colaboradores; música de qualidade; sermões com temas interessantes; o uso de áudio-visual e a participação das crianças.

A conclusão que se chega é que o culto de domingo à noite pode ser melhorado tendo em vista as sugestões acima. Portanto, este quadro de ausência das reuniões evangelísticas existente na igreja, pode ser alterado. Se isto acontece, a reunião de domingo à noite passará a ter o mesmo valor do culto divino de sábado pela manhã. Assim, a igreja cumprirá sua missão evangelística.

A seguir, são apresentadas algumas sugestões para dinamizar os cultos de domingo à noite extraídas das entrevistas concedidas pelos pastores. Na próxima página será apresentada opiniões e sugestões para o culto de domingo à noite, obtidas nas entrevistas realizadas com pastores jubilados.

Sugestões Para Aumentar a Frequência

Entrevista com Edgar Ernesto Bergold.¹ O pastor Edgar Bergold trabalhou durante quarenta anos na obra (1955 a 1995), dezoito anos como pastor distrital da IASD nas cidades de Cornélio Procópio, Maringá, União da Vitória, Vista Alegre, todas estas no estado do Paraná; em Florianópolis, SC; e nos bairros de Vila das Belezas e Capão Redondo, na cidade de São Paulo. Nos restantes dos anos trabalhou nos seguintes departamentos² da IASD: Educação, Jovens Adventistas, Assistência Social, no estado de Santa Catarina; Escola Sabatina, Ministério Pessoal, no estado de Mato Grosso, onde ocupou também as funções de tesoureiro e secretário de campo da missão; departamentos de Educação e Mordomia Cristã no estado do Paraná; Mordomia, Literatura Denominacional (São Paulo); concluindo seu trabalho como coordenador de capelania nos Hospitais da empresa Amico (subsidiária da Golden Cross): 1991 – 1995.

O pastor Bergold caracterizou o culto de domingo à noite como essencialmente evangelístico, mas acredita que nos últimos anos esta programação da IASD não tem alcançado seu objetivo.

¹ Entrevista cedida pelo Pr. Edgar Ernesto Bergold, no dia 16/06/05, no Condomínio Lagoa Bonita, município de Engenheiro Coelho, SP.

² Departamentos são ministérios da igreja que cuidam de áreas específicas de atuação da comunidade.

Para ele, os fatores que mais tem contribuído para a baixa freqüência dos cultos de domingo à noite são: Programas pobres em conteúdo, formato e apresentação; falta de envolvimento com a comunidade; falta de interesse dos irmãos; falta de comunhão com Deus; falta de visão missionária e o apego às programações da televisão brasileira. Para evitar a baixa freqüência, ele sugere que haja mais dedicação ao evangelismo, envolvimento da igreja neste trabalho, treinamento para liderança da igreja e fornecimento de recursos necessários, inclusive o financeiro, para um culto de qualidade.

Para atrair tanto os membros como os interessados, ele apresenta as seguintes sugestões: Fazer uma conferência curta, utilizar recursos audiovisuais, boa música, histórias para crianças, temas diferentes e interessantes. O Pr. Bergod teve uma experiência na igreja do Capão Redondo que deu bom resultado e um bom número de batismos. Ali ele organizou um culto com foco evangelístico, diversificado e envolvente. Para ele o culto atual não tem contribuído para suprir as necessidades das crianças. Por isso, os cultos deveriam ser bem atrativos e ter partes específicas para crianças, ou realizados em salas separadas para elas.

Entrevista com o Floriano Xavier dos Santos.¹ O pastor Floriano Xavier dos Santos, setenta e sete anos de idade, natural de Dom Pedrito RS. Dedicou quarenta e três anos de sua vida ao ministério pastoral.

¹ Entrevista cedida pelo Pr. Floriano Xavier dos Santos no dia 15/06/2005, no Cond. Lagoa Bonita, Engenheiro Coelho, SP.

Trabalhou cinco anos como pastor distrital e atuou alguns anos como departamental. Ele foi departamental Jovem e de Educação por sete anos, e presidente da Associação Paranaense¹ durante quatro anos; departamental de Educação um ano e seis meses na União² Sul Brasileira; presidente na Associação Sul Rio Grandense por quatro anos; Presidente da Associação Paulista por quatro anos; secretário da União Sul Brasileira por dois anos; presidente da União Este Brasileira por seis anos; secretário de campo e departamental de Deveres Cívicos e religiosos na Divisão Sul Americana por seis anos e jubizou-se. Depois de aposentado, ele trabalhou ainda como capelão e coordenador de todos os hospitais da Golden Cross³ por cinco anos.

O pastor Floriano Xavier dos Santos entende que o culto de domingo focaliza o evangelismo, e depende do pastor para que esse objetivo seja alcançado. Para ele, o que tem contribuído para a baixa frequência neste culto pode ser assim identificado: Reuniões apáticas; falta de convites; mensagem com pouca atratividade; concorrência da televisão; violência nas grandes cidades e a localidade, inibindo o deslocamento das pessoas para as reunir para superar estes problemas. Ele sugere que haja reuniões mais atrativas, com recursos modernos e boa música, fazendo uso de boa pregação e temas interessantes.

¹ Associação é um corpo unido de igrejas organizadas em um Estado, Província, território ou região. A Associação Paranaense, é a associação das igrejas da IASD localizadas no estado do Paraná, com sede em Curitiba. Hoje está unidade corresponde a duas associações, a ASP (Associação Sul-Paranaense, em Curitiba) e ANP (Associação Norte-Paranaense, com sede em Maringá).

² União é um corpo unido de Associações ou Missões de um território maior. Na época informada na entrevista a União Sul Brasileira correspondia ao território que abrange hoje as três Uniões, a União Sul sediada em Curitiba, A União Central sediada em São Paulo e a União Centro Oeste sediada em Brasília.

³ Golden Cross é uma instituição de saúde sediada na cidade do Rio de Janeiro, tendo como sócio majoritário o Dr. Milton Afonso, membro da IASD, que contrata pastores dessa igreja para o serviço de capelania em seus hospitais

Ele conta que, quando pastor na igreja de Santa Maria no Rio Grande do Sul, o culto foi muito bem freqüentado por estudantes universitários, interessados em temas proféticos. Ele acredita que o culto de domingo a noite não preenche hoje as necessidades das crianças, e aconselha a fazer reuniões para estas um pouco antes da programação principal, ou realizar reunião paralela com elas em outra sala.

O entrevistado recomenda que a liturgia do domingo seja um pouco mais leve do que a do Sábado, mas ao mesmo tempo menos televisiva para não perder a característica religiosa; um tanto mais popular e, sobretudo, de cunho evangelístico. Que se faça do culto uma atração da igreja, tanto para as pessoas de fora como para os membros. Utilize-se todos os recursos possíveis, aconselha o pastor Floriano X. dos Santos, tais como a boa música, o poder da palavra, áudio visuais; não esquecendo que a maior atração é Jesus Cristo, que deve ser apresentado de forma amorosa e gloriosa.

Entrevista com César Luiz Wichert.¹ O pastor César Luiz Wichert, natural de Apucarana, teve uma experiência positiva nos cultos de domingo no início do seu ministério. Segundo suas declarações, ele utilizava, para dinamizar este culto, materiais em áudio visuais que trouxe da Europa. Em relação às crianças, Wichert acredita que deveríamos ter mais histórias para elas no momento do culto; deve-se descobrir pessoas que se identificam com este trabalho e treiná-las para esta tarefa. Ao perguntarmos que liturgia adotaria neste culto, ele disse que utilizaria filmes para crianças, cânticos alegres, pregação curta e poderosa, e bastante ilustrações. O pastor Wichert ainda aconselha aos pastores a

¹ Entrevista cedida pelo Pr. César Luiz Wichert no dia 15/06/05, no Cond. Lagoa Bonita, SP.

que planejem junto com a liderança, escolham temas de interesse, e treinem os líderes para dirigir os cultos.

O pastor Wichert trabalhou trinta e cinco anos como pastor e professor da IASD, sendo sua maior parte na área de educação. Na opinião dele, o culto de domingo é primeiramente evangelístico. Porém, nos últimos anos, não tem alcançado este objetivo, porque os sermões são fracos, há a concorrência da televisão e o estilo de culto não é agradável. Outro fator negativo é que, enquanto há aqueles que têm medo de sair à noite, outros dormem cedo. Sua sugestão para aumentar a frequência neste culto é no sentido de melhorar os programas e pregadores com habilidade na arte de falar em público e preparar sermões poderosos. Wichert insiste que os leigos sejam capacitados para pregar. Uma outra alternativa para o aumento da frequência seria escolher um horário mais adequado para as reuniões evangelísticas aos domingos, porque, em determinados lugares não é conveniente andar pelas ruas certas horas da noite. Essa mudança de horário ficaria de acordo com a realidade de cada igreja e a necessidade dos irmãos.

Entrevista com Sesóstris César Souza.¹ O pastor Sesóstris César de Souza tem hoje noventa anos de idade e trabalhou 54 anos na organização da IASD (1943 – 1997). Serviu trinta e quatro anos como pastor em vários lugares do Brasil, tais como Porto Alegre, Belo Horizonte, Guarulhos e Rio de Janeiro. Além disso, ocupou funções departamentais na Associação Sul-Riograndense e União Este Brasileira, na área da Escola Sabatina e Ação Missionária. Por dois anos, atuou como diretor do IACS².

¹ Entrevista cedida pelo Pr.Sesóstris César Souza no dia 02/10/05, em sua residência na cidade de Hortolândia, SP.

² IACS é a sigla do Instituto Adventista Cruzeiro do Sul, instituição de ensino de nível médio da IASD, localizado na cidade de Taquara, RS.

O pastor Sesóstris chama o culto de domingo à noite de pescaria, porque é uma oportunidade para conquistar pessoas para Cristo. “Portanto”, diz ele, “este culto necessita de um programa de qualidade”. Nas igrejas onde atuou, agia da seguinte forma: Aos sábados os membros levavam convites com a programação de domingo à noite para serem distribuídos aos seus vizinhos, parentes e amigos. Algumas vezes os jovens saíam para distribuírem estes convites na comunidade próxima à igreja. Se não tivessem visitantes, pelo menos os membros da igreja estariam presentes. O pastor utilizava alguns elementos principais que abrilhantavam o culto, tais como: projeção, músicas especiais, história para crianças e pregações sobre temas atuais.

O pastor Sesóstris acredita que o culto de domingo à noite nos dias atuais tem sido pouco atraente e perdeu o foco evangelístico. Ele aponta, como fator contribuinte, uma programação sem planejamento, sem interesse evangelístico, sem o envolvimento dos jovens e das crianças, a falta de divulgação, e sermões sem conteúdo atrativo. Para melhorar o culto de domingo, ele aconselha o pastor a realizar reuniões mensais com todos os líderes, para planejar em como melhorar os cultos da igreja. Ele ainda recomenda estabelecer alvos para batismo, mobilizações dos jovens para no sábado à tarde visitar a comunidade nas proximidades da igreja. O pastor deveria orar e estudar muito para apresentar sermões consistentes, que atraíam a comunidade da igreja e a de fora.

Conclusão

Observa-se, portanto, que existe uma coerência na opinião e sugestão dos entrevistados. Eles praticamente caracterizam o culto da mesma forma. Todos concordam que o culto deve ser evangelístico, dinâmico, vibrante e atrativo para todas as idades. Seguem a mesma linha de raciocínio no que diz respeito à estruturação deste culto.

Para eles o culto deve ser planejado e propagado; a programação necessita ser interessante, ter boa música, áudio visual e histórias para crianças. Porém, na opinião deles, existem fatores promotores da baixa frequência nos cultos de domingo à noite; fatores de natureza geográficos, sociais, econômicos e espirituais.

Conclui-se assim que as opiniões dos entrevistados estão em comum acordo com as respostas provenientes da pesquisa de campo, onde se observou o mesmo fator responsável pela ausência de muitos membros de igrejas nos cultos de domingo à noite. Existe também coerência com o conteúdo do estudo bibliográfico que se encontra no capítulo um desta pesquisa. Alguns autores disseram que o culto deveria ser dinâmico, outros acreditam que é o melhor dia para se levar pessoas interessadas a ouvir pregação da Bíblia. Outros finalmente afirmam que estas reuniões contribuem no cumprimento da missão.

CONCLUSÃO

A referência histórica dos cultos de domingo evidenciou que, desde o tempo dos pioneiros da IASD no Brasil, uma atenção especial tem sido dada a este dia como uma oportunidade para a pregação do evangelho. Como o primeiro dia da semana não é um dia normal de trabalho, as pessoas estão mais pré-dispostas a aceitarem convites para uma programação na igreja.

A IASD reconheceu os benefícios deste culto, o que fez com que ele se tornasse parte oficial do módulo semanal da programação litúrgica da igreja. O estudo bibliográfico mostrou que as reuniões aos domingos à noite deveriam oferecer momentos de adoração para os membros e também uma oportunidade para a comunidade conhecer o evangelho. Conseqüentemente, a programação deveria ser planejada para proporcionar um crescimento qualitativo e quantitativo na igreja.

A pesquisa de campo realizada em algumas igrejas do território da APaC, revelou que, embora muitos membros da IASD ainda caracterizam o culto de domingo à noite como evangelístico, observou-se que, na realidade, em muitas delas este culto se tornou frio e apático, sem objetivos evangelísticos, a ponto de os membros, na maioria, não sentirem desejo de estar presentes nele. Portanto, verificou-se que algumas igrejas adventistas tem tido uma baixa freqüência neste culto, tanto de membros como de convidados.

Descobriu-se neste trabalho seis fatores que mais causam a ausência de pessoas nos cultos de domingo. O primeiro é a programação pobre e sem conteúdo apresentado por pastores e líderes; o segundo, é a falta de envolvimento da igreja com a comunidade; o terceiro fator é a falta de interesse dos membros pelas atividades espirituais; o quarto é a falta de comunhão com Deus; o quinto é a falta de visão missionária da liderança; e o sexto é o apego dos membros as programações da televisão brasileira. Uma minoria daqueles que não vão aos cultos de domingo, apresentaram outros motivos para a sua ausência. Alguns não vão por que trabalham no domingo à noite, outros porque dormem cedo e outros por motivo de segurança, visto que moram em regiões perigosas.

As propostas sugeridas pelos pastores entrevistados visaram apresentar sugestões para combater a baixa frequência nas reuniões evangelísticas de domingo à noite. Na opinião de alguns deles, o pastor distrital deveria liderar toda programação, desde a capacitação e fornecimento de materiais adequados para os oficiais da igreja, afim de que realizem um culto que atraia tanto os membros como a comunidade. Neste caso além de liderar a programação das reuniões evangelísticas aos domingos em todas igrejas do seu distrito, o próprio pastor deveria ser o pregador na principal congregação sob sua responsabilidade. Outra sugestão foi para dinamizar o culto de domingo, apresentando temas de interesse da comunidade, recursos áudio-visuais, música de qualidade e sermões consistentes. Foi sugerido ainda que houvesse mais participação dos jovens e das crianças na programação. Eles acreditam que o culto deve ser atrativo, alegre, espiritual e evangelístico. Porém, a maior atração a se oferecer no culto deve ser a pessoa amável e gloriosa de Jesus Cristo.

ANEXOS

Anexo I

Questionário Aplicado na Pesquisa de Campo

- 1) Idade?
 15 – 25 anos 26 – 45 anos A cima de 46 anos
- 2) Sexo?
 Masculino Feminino
- 3) Quanto tempo você tem de adventista?
 0 - 10 anos 11 – 20 anos A cima de 21 anos
- 4) Como você considera o culto de domingo?
 Muito Bom Bom Ruim
- 5) Com que frequência você costuma ir aos cultos de domingo?
 Sempre De vez em quando Dificilmente vou
- 6) Por qual motivo você vai pouco, ou não vai aos cultos de domingo?
 Fatores financeiros Não sente necessidade
 Fraqueza espiritual Não pode sair a noite
 Não gosta do estilo do culto Outros entretenimentos
 Outro: _____
- 7) Quando você não vai a igreja no domingo, o que você faz na hora do culto?
 Faço um culto em casa Saio com amigos ou parentes
 Assisto TV Trabalho Leio a Bíblia Durmo cedo
 Aproveito para bater papo Outro: _____
- 8) Você acha que é mais fácil levar convidados no domingo, do que nos outros dias de culto?
 Sim Não
- 9) Você acredita que o culto de domingo preenche as necessidades espirituais das crianças?
 Sim Não
- 10) Na sua opinião, o foco do culto de domingo deveria ser mais direcionado para quem?
 Membros da igreja Visitantes Para aos dois
- 11) O que você pensa que deveria melhorar no culto de Domingo?

Anexo II

Perguntas das Entrevistas Realizadas com os Pastores

- 1- Como o senhor caracteriza o culto de domingo à noite?
- 2- O culto aos domingos tem alcançado seu objetivo? Por que?
- 3- Que fatores têm contribuído para baixa frequência nestes cultos?
- 4- O que o pastor pode fazer para resolver o problema da baixa frequência?
- 5- Que elementos o Sr. utilizaria neste culto, para atrair tanto os membros como os interessados?
- 6- O Sr. teve alguma experiência positiva ou negativa com este culto? Qual foi?
- 7- Quanto tempo o Sr. acha que deve durar o culto de domingo ?
- 8- O Sr. Acredita que o culto de domingo a noite preenche as necessidade das crianças?
Se acredita que não, que sugestão daria para suprir esta necessidade?
- 9- Que tipo de liturgia o Sr. adotaria para este culto?
- 10- Que conselho o Sr. daria à liderança da igreja em relação aos cultos de domingo

BIBLIOGRAFIA

- Basden, Paul. *Estilo de Louvor*, 1ª ed. São Paulo, SP, Editora Mundo Cristão, 2000.
- Christianini, Armando. *Subtilezas do Erro*, Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1965.
- Haynes, Carley. *Do Sábado Para o Domingo*, Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1976.
- Hirle, Cláudio. “Culto para Deus ou Para Nós?”. *Revista Adventista*, Agosto de 2003.
- Küem, Alfredo. *El Culto em la Biblia y en la História – Vol.5*. Barcelona: Editora Clie, 1994
- Jones, Brian. “Quem Necessita Ir à Igreja Revista?”. *Revista Adventista*. 1991.
- Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Trad. Naor G. Conrado. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002.
- Plenc, Daniel Oscar. “A Igreja que Cresce”. *Revista Ministério*, nov. e dez., 2003.
- Rosa, Walmir Arantes da. “Análise Comparativa da Substituição dos Cultos Evangelísticos Por Reuniões nos Pequenos Grupos”, Unasp, 2003
- Timm, Alberto Ronald. “Porque Algumas de Nossas Igrejas Param de Crescer?”. *Revista Adventista*, julho de 1984.
- Veloso, Mario. “Modulo Semanal”, *Revista Adventista*, dez. de 1982.
- White, Ellen G.. *Evangelismo*. 2ª ed. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira. 1978.
- _____. *Mensagens Escolhidas*. 2ª ed., Vol. 3, Tatuí, Casa Publicadora Brasileira. 1987.
- _____. *Testemunhos Seletos*. 5ª ed., Vol. 3, Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira. 1985.
- _____. *Mensagens Escolhidas*. 2ª ed., Vol. 1, Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira. 1988.
- _____. *Vida e Ensinos*. 8ª ed Tatuí, Casa Publicadora Brasileira. 1988.

VI JORNADA BÍBLICO-TEOLÓGICA - 2006

O SAGRADO EM PAUTA: UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM DA REVISTA VEJA SOBRE O FENÔMENO RELIGIOSO

Wendel Thomaz Lima

Jornalista e graduando em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
Monografia apresentada em abril de 2006
Orientador: Ms. Vanderlei Dorneles
wendel.lima@yahoo.com.br

RESUMO: Mediante a observação dos aspectos da religiosidade retratados nas capas de *Veja*, percebeu-se uma mudança significativa da linha editorial do veículo, especialmente a partir da década de 1990. Verificou-se também que, a revista passou a adaptar sua pauta e linguagem à nova configuração da religiosidade brasileira. Diante dessa constatação, essa pesquisa pretende responder como e por que a abordagem do fenômeno religioso em *Veja* mudou nos últimos quinze anos. Essa análise parte da hipótese de que a transição de paradigma cultural da modernidade para a pós-modernidade tem profundo impacto na religiosidade e na imprensa. No campo religioso, essa mudança se dá no enfraquecimento da religião institucional e de sua ética contracultural. Já no jornalismo pós-moderno, ocorre o declínio do compromisso social da imprensa, em detrimento da subserviência desta ao capital. Portanto, *Veja* teria adaptado sua pauta e abordagem às expectativas do leitor religioso contemporâneo, a fim de o fidelizar como um consumidor do veículo. Tal opção editorial é melhor observada no declínio das pautas centradas nos aspectos organizacionais e políticos da religião, e no aumento das reportagens espetacularizadas e de postura acrítica em relação ao sagrado. Como objetivo específico, este estudo pretende constatar, por meio da análise freqüencial e de conteúdo das reportagens de capa religiosas de *Veja*, a adaptação da postura do veículo às expectativas do seu leitor-consumidor pós-moderno.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-modernidade, fenômeno religioso, *Veja*, jornalismo pós-moderno.

The sacred on focus: an analysis of *Veja* magazine's approach to the phenomena of religion

ABSTRACT: This research focused the religious perspectives portrayed in the covers of Brazil most popular weekly magazine *Veja*. In this area, it was perceived a significant change in the editorial line of this magazine, especially from 1990 onwards. It was also quite noticeable that the magazine adapted its content and language to the new religious configuration of the brazilian society. In view of these facts, the research tried to investigate the reasons for *Veja*'s changing approaches to the religious phenomena of the last 15 years. It started from the hypothesis that the cultural paradigmatic changes present in a postmodern society have profound effects on religion and on its perception by the press. In the religious field, these changes are perceptible through the weakening role of institutional religions and their ethics in society. In the postmodern press, they can be seen in the loosing of the social compromise of the press, and its submission to the interests of capital. Therefore, the magazine *Veja* adapted its contempt and approach to the contemporary religious perspectives of its readers, in order to win him over as a faithful consumer. Such an option is better perceived in the decline of topics dealing with the organizational and political aspects of religion, in favor of impact and spectacular topics with an acritical posture. Through a frequency and contempt analysis of the cover news of *Veja*, this study proposed specifically to investigate the adapting posture of this



magazine to the expectations of its postmodern consumers.

KEYWORDS: Postmodern, religious phenomena, *Veja*, postmodern press.

CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O SAGRADO EM PAUTA:
Uma análise da abordagem da revista *Veja*
sobre o fenômeno religioso

WENDEL THOMAZ LIMA

ENGENHEIRO COELHO – SP

2005

WENDEL THOMAZ LIMA

**O SAGRADO EM PAUTA:
Uma análise da abordagem da revista *Veja*
sobre o fenômeno religioso**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social do Centro Universitário Adventista de São Paulo como requisito parcial a obtenção da graduação em Jornalismo sob a orientação do Prof. Ms. Vanderlei Dorneles.

ENGENHEIRO COELHO – SP

2005

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 21 de novembro de 2005 pela banca
examinadora constituída pelos professores:

Prof. Ms. Vanderlei Dorneles - Orientador

Prof. Ms. Adolfo Seno Suárez

Prof. Carlos Henrique Nunes

*A Deus, por me conceder
motivação, capacidade e
oportunidade de desenvolver
esta pesquisa.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelas oportunidades e possibilidades de desenvolver um jornalismo de implicações eternas.

Aos meus pais Geraldo e Isabel, pela privilegiada educação que recebi, e por acreditarem e financiarem o meu sonho profissional.

Ao meu irmão Kleber, pela admiração que tem por mim.

À minha namorada Pâmela Chaves, pelo fundamental apoio e paciência dispensados a mim nestes últimos meses, e por fazer das minhas conquistas as dela.

Ao amigo-irmão Allan Novaes, por me fazer enxergar o meu potencial acadêmico e por vibrar com os meus planos.

Ao meu orientador, professor Vanderlei Dorneles, por ampliar a minha cosmovisão ao me ensinar a refletir sobre a realidade.

Ao professor Rúben Holdorf, por me mostrar o jornalismo como um ministério.

Ao professor Rodrigo Silva, por ver em mim alguém que pode contribuir para a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Ao professor Nahor de Souza Jr., pelos conselhos e oportunidades de crescimento profissional.

Ao professor Adolfo Suarez, por participar da banca de avaliação deste trabalho.

Aos meus colegas de quarto, especialmente ao amigo Ely Borges Jr., pelas risadas e companheirismo nestes quatro anos de internato.

Às colegas de turma, Cléia Kattwinkel e Vanessa Candia, pelos momentos de incentivo e descontração em meio à tensão da pesquisa.

Ao pró-reitor do Unasp, Prof. Paulo Martini, e ao coordenador do curso de Teologia, Dr. Amin Rodor, por me contemplarem com uma bolsa-trabalho para que eu concluísse a graduação.

A todos que direta ou indiretamente fizeram da minha vida uma jornada mais significativa.

“O surto do sagrado é uma outra face da secularização da sociedade moderna e pós-moderna e não sua negação. Adapta-se perfeitamente à formação social capitalista na sua atual expressão neoliberal.”

João Batista Libânio

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| RESUMO..... | viii |
| INTRODUÇÃO..... | 1 |
| CAPÍTULOS | |
| I. UM BREVE HISTÓRICO DA RELIGIOSIDADE BRASILEIRA..... | 6 |
| 1. A religiosidade brasileira na Modernidade..... | 6 |
| 1.1. Institucionalização..... | 8 |
| 1.2. Ênfase racional..... | 9 |
| 1.3. Senso de pertença..... | 10 |
| 1.4. Teologia da Libertação..... | 10 |
| 2. Religiosidade de transição..... | 11 |
| 3. A religiosidade brasileira na Pós-Modernidade..... | 12 |
| 3.1. Privatização do sagrado..... | 14 |
| 3.2. Ênfase emocional..... | 15 |
| 3.3. Trânsito religioso..... | 17 |
| 3.4. Diálogo com a ciência..... | 19 |
| 4. Resumo..... | 20 |
| II. JORNALISMO NA PÓS-MODERNIDADE..... | 21 |
| 1. Da ideologia social para a de mercado..... | 21 |
| 1.1. História econômica da imprensa..... | 22 |
| 1.2. Impacto nos ideais jornalísticos..... | 26 |
| 1.3. Revista: uma mídia singular..... | 29 |
| 1.4. <i>Veja</i> : uma história..... | 30 |
| 2. Resumo..... | 34 |
| III. ANÁLISE DESCRITIVA DAS REPORTAGENS DE VEJA SOBRE RELIGIOSIDADE..... | 36 |
| 1. Análise freqüencial das capas religiosas de <i>Veja</i> | 36 |
| 2. Análise freqüencial temática das reportagens de capa de <i>Veja</i> | 38 |
| 3. Análise descritiva do conteúdo das reportagens de capa religiosas de <i>Veja</i> | 42 |
| 3.1. Análise da temática Institucional/Personalidade..... | 42 |
| 3.2. Análise da temática Fenômeno Religioso..... | 47 |
| 3.3. Análise da temática Espetáculo..... | 51 |
| 3.4. Análise da temática Polêmica/Escândalo..... | 55 |
| 3.5. Análise da temática Científica..... | 58 |
| 3.6. Análise da temática Institucional/Organização..... | 63 |
| 3.7. Análise da temática Institucional/Política..... | 65 |
| 4. Resumo..... | 69 |
| CONCLUSÃO..... | 72 |
| 1. Resumo..... | 72 |
| 2. Conclusões..... | 74 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 77 |
| ANEXO..... | 82 |

RESUMO

Mediante a observação dos aspectos da religiosidade retratados nas capas de *Veja*, percebeu-se uma mudança significativa da linha editorial do veículo, especialmente a partir da década de 1990. Verificou-se também que, a revista passou a adaptar sua pauta e linguagem à nova configuração da religiosidade brasileira. Diante dessa constatação, essa pesquisa pretende responder como e por que a abordagem do fenômeno religioso em *Veja* mudou nos últimos quinze anos. Portanto, essa análise parte da hipótese de que *Veja* tem adaptado sua pauta e abordagem às expectativas do leitor religioso contemporâneo, a fim de o fidelizar como um consumidor do veículo. Tal opção editorial é mais claramente observada no declínio das pautas centradas nos aspectos organizacionais e políticos da religião, e no aumento das reportagens espetacularizadas e de postura acrítica em relação ao sagrado. Logo, o objetivo geral deste trabalho é identificar e explicar a mudança editorial de *Veja* quanto ao fenômeno religioso, ocorrida nos últimos quinze anos. Como meta específica, este estudo pretende constatar, por meio da análise freqüencial e de conteúdo das reportagens de capa religiosas de *Veja*, a adaptação da postura do veículo às expectativas do seu leitor-consumidor pós-moderno.

INTRODUÇÃO

Neste ano, a sucessão papal foi pauta praticamente obrigatória da grande imprensa mundial. Como muitos alardearam, a cobertura jornalística da morte de João Paulo II mostrou-se um evento sem precedentes. Tal repercussão e audiência desse evento midiático mostrou quão viva continua a religiosidade no imaginário dos indivíduos contemporâneos, e quão interessante é a pauta sobre o sagrado para a mídia.

A revista *Veja*, quarto maior periódico semanal de informação geral do mundo, não foge a regra. Ao longo dos seus 37 anos de existência, o periódico pautou o fenômeno religioso com uma frequência regular, mas com temáticas e abordagens variadas. Mediante a observação dos aspectos da religiosidade retratados nas capas de *Veja*, percebeu-se uma mudança significativa da linha editorial do veículo, especialmente a partir da década de 1990. Verificou-se também que, a revista passou a adaptar sua pauta e linguagem à nova configuração da religiosidade brasileira. Diante dessa constatação, essa pesquisa pretende responder como e por que a abordagem do fenômeno religioso em *Veja* mudou nos últimos quinze anos.

Levanta-se a hipótese de que a transição de paradigma cultural da modernidade para a pós-modernidade tem profundo impacto na religiosidade e na imprensa. No campo religioso, essa mudança se dá no enfraquecimento da religião institucional e de sua ética contracultural. Já no jornalismo pós-moderno, ocorre o declínio do compromisso social da imprensa, em detrimento da subserviência desta ao capital. Portanto, *Veja* tem adaptado sua pauta e abordagem às expectativas do leitor religioso contemporâneo, a fim de o fidelizar como consumidor. Tal opção editorial é melhor observada no declínio das pautas centradas nos aspectos organizacionais e políticos da religião, e no aumento das reportagens espetacularizadas e de postura acrítica em relação ao sagrado.

O objetivo geral deste trabalho é identificar e explicar a mudança editorial de *Veja* quanto ao fenômeno religioso, ocorrida nos últimos quinze anos. Como meta

específica, este estudo pretende constatar, por meio da análise freqüencial e de conteúdo das reportagens de capa religiosas de *Veja*, a adaptação da postura do veículo às expectativas do seu leitor-consumidor pós-moderno.

A justificativa para esta pesquisa se dá, primeiramente, pela escassez de produções acadêmicas que analisem a abordagem da imprensa escrita sobre o fenômeno religioso, à luz das recentes mudanças culturais. Muito se tem escrito acerca da relação entre comunicação de massa e religião mas, via de regra, as pesquisas se concentram na mídia televisão. Ademais, este estudo tem sua relevância reforçada pelo fato de *Veja* ser um dos maiores veículos de formação de opinião no Brasil, e pela mídia revista retratar de forma singular as mudanças culturais.

Como metodologia, utilizou-se, primeiramente, a análise freqüencial temática das capas de *Veja*. Ela foi usada para identificar o comportamento editorial da revista em relação ao sagrado, ao longo das décadas. Logo, mostrou quais temáticas religiosas foram mais ou menos enfatizadas pela revista, e em que época. Mediante esse levantamento foi possível também verificar a sensível mudança da linha editorial da revista em relação à religião, a partir da década de 1990.

Para se verificar as tendências editoriais apontadas pelos percentuais das temáticas das capas, as reportagens receberam sete categorizações sugestivas, à saber:

- (1) Institucional/Organização (IO)** – são as que enfocam as questões internas da Igreja Católica, como mudanças administrativas, polarização teológica ou mesmo descrição de dogmas ou de organizações eclesiais;
- (2) Institucional/Personalidade (IPe)** – são as pautas que abordam acontecimentos, posturas ou decisões envolvendo líderes religiosos (morte, eleição, atentados, etc.)
- (3) Institucional/Política (IPo)** – pauta que trata da relação entre a Igreja Católica e o Estado;
- (4) Fenômeno Religioso (F)** – reportagem que aborda um fenômeno religioso, geralmente descrevendo seu impacto social e/ou interpretando-o à luz das ciências humanas (antropologia, sociologia, psicologia, etc.);

- (5) Espetáculo (E)** - pautas que sensacionalizam os acontecimentos do universo religioso, se valendo de adjetivos espetacularizados, fotos chocantes, predomínio da imagem, verbos hiperbólicos e linguagem ligada ao universo midiático.
- (6) Polêmica/Escândalo (PE)** - reportagem que enfatiza o embate entre católicos e evangélicos, ou que destaca as denúncias e escândalos morais envolvendo denominações ou líderes religiosos;
- (7) Científica (C)** – pauta que procura testar a historicidade do cristianismo mediante as descobertas arqueológicas, ou mesmo apresentar estudos médicos ou psicológicos que falam do impacto da religiosidade sobre a saúde. Procura fazer também um resgate da história do cristianismo, apontando sua influência na cultura.

Vale ressaltar que, para facilitar a pesquisa, mediante contraste e comparação, delimitamos nosso objeto de estudo às reportagens de capa sobre a religião cristã. É verdade que observamos também a ocorrência, a partir de 1990, de pautas sobre misticismo, espiritismo e pseudociências (yôga, meditação, etc.). Estas parecem ter uma relação com o interesse do leitor pós-moderno pela espiritualidade, mas que pelas limitações deste trabalho, ficam como sugestão para uma futura pesquisa. Portanto, o universo de estudo deste trabalho se restringirá as 41 edições que se enquadram nessa delimitação.

Entende-se que a análise freqüencial das temáticas religiosas, por si só, não é suficiente para se identificar mudanças editoriais em *Veja*. Por isso, este estudo se vale também de uma análise de conteúdo das reportagens de capa sobre o fenômeno religioso. As matérias de capa se mostram um bom termômetro para se mensurar a importância que uma revista dá a determinado tema pois, via de regra, essas reportagens são responsáveis por atraírem o leitor e venderem a edição. Ademais, internamente, contam com uma diagramação privilegiada pelo design e espaço.

Devido o volume significativo de material a ser analisado, 41 edições, optou-se pelo estudo mais detalhado da reportagem mais significativa de cada temática. Os critérios para essa seleção, estão descritos abaixo:

(1) Institucional/Organização (IO) – nesta temática foi analisada a reportagem “Esposo, pai – e padre”, da edição 162, de 13/10/1971. Esta foi escolhida porque retrata bem a abordagem unilateral que a revista realizava, dando espaço apenas para o catolicismo, além da ênfase dada à voz da Igreja-Instituição, e pela abordagem de um tema dogmático: o celibato dos padres.

(2) Institucional/Personalidade (IPe) – nesta categoria foi estudada a matéria “João Paulo II na Polônia: o apóstolo do fim do século”, da edição 772, de 22/06/1983. Esta reportagem foi selecionada por representar a postura positiva inicial de *Veja* em relação ao pontificado de Carol Wojtyla. Ademais, exemplifica a tendência espetacularizadora da figura papal, que a revista já começava a assumir.

(3) Institucional/Política (IPo) – nesta temática a reportagem analisada foi a “‘A política é uma necessidade’ Dom Arns”, da edição 474, de 05/10/1977. A escolha se deve ao fato de Dom Paulo Arns ser o representante do catolicismo paulista, o mais militante na oposição a ditadura militar. Portanto, esta pauta tem muita relevância para o embate entre Igreja e Estado na década de 1970.

(4) Fenômeno Religioso (F) – a matéria selecionada nesta categoria foi a “A nação evangélica”, da edição 1758, de 03/07/2002. Esta foi escolhida por representar melhor o crescimento dos evangélicos, exatamente o fator que desencadeou as pautas sociológicas.

(5) Espetáculo (E) – nesta temática a pauta pormenorizada é a “O fenômeno”, da edição 1571, de 04/11/1998. A seleção desta matéria se dá pelo fato de ela não só espetacularizar a abordagem, mas sobretudo, por pautar um ícone do espetáculo: o padre Marcelo Rossi.

(6) Polêmica/Escândalo (PE) – a reportagem separada para representar essa categoria foi “A ofensiva da Igreja”, da edição 1823, de 08/10/2003. A justificativa para tal escolha se dá pelo fato desta edição usar o discurso mais embativo dentre todas desse gênero, quer seja pelo pretexto da reportagem, quer pelas legendas, fotos e infográficos. Ademais, ela destaca o principal “campo de batalha” da disputa entre católicos e evangélicos: a mídia.

(7) Científica (C) – a matéria escolhida para esta temática foi “O que Ele tem a dizer a você hoje”, da edição 1783, de 25/12/2002. A seleção dessa se deve ao fato de que além de tratar da historicidade de Cristo e do diálogo entre fé e ciência, essa matéria tem um apelo existencialista na capa, talvez uma das razões do

interesse de *Veja* pela pauta religiosa. Ademais, é a maior do tipo Científica, com 27 páginas.

Como pressupostos teóricos, esta pesquisa se vale do conceito de jornalismo pós-moderno desenvolvido por Leandro Marshall. A idéia de Marshall da assimilação do jornalismo pelo capital é a espinha dorsal deste trabalho, pois explica a adaptação da imprensa às expectativas dos leitores, a fim de manter sua cartela de anunciantes.

O “esvaziamento” ideológico da imprensa, apontado por José Arbex Jr., também foi utilizado. Este argumento ratifica a subserviência do jornalismo contemporâneo ao marketing, pois mostra como a grande imprensa teve de abrir mão dos seus ideais éticos para se tornar competitiva.

As idéias de Eugênio Bucci sobre o caráter absoluto da ética jornalística também foram consultados. Estes conceitos mostram quais foram os nobres princípios idealizados para a imprensa. Bucci destaca o buscar e falar a verdade no jornalismo, como uma diretriz profissional inegociável.

Por sua vez, a tese doutoral de Maria Alice Carnevalli contribuiu para identificar a mudança da linha editorial das revistas semanais de informação, a partir da década de 1990. Por meio das entrevistas anexas a pesquisa de Carnevalli, foi possível também, obter informações dos bastidores de *Veja*.

O trabalho será dividido em três capítulos. O primeiro, tratará sobre um breve histórico da religiosidade brasileira, mostrando o impacto da pós-modernidade sobre a mesma, conferindo-lhe uma nova configuração. No segundo, analisaremos a influência das mudanças culturais e econômicas sobre a filosofia e prática jornalísticas, com destaque para *Veja*. No terceiro, apontaremos os gráficos das freqüências das temáticas sobre religião ao longo da história da revista, além de analisarmos a reportagem mais significativa de cada classificação. Por fim, procederemos às considerações finais, na qual traremos a síntese do trabalho, bem como das conclusões.

CAPÍTULO I

UM BREVE HISTÓRICO DA RELIGIOSIDADE BRASILEIRA

O presente capítulo pretende traçar um breve histórico da religiosidade brasileira, a fim de definir o pano-de-fundo religioso sobre o qual a cobertura de *Veja* se desenvolveu ao longo desses quase quarenta anos de história do periódico.

A religiosidade brasileira, seguindo a tendência ocidental, sofreu profundas mudanças na segunda metade do século XX. Essa nova configuração do sagrado¹ acontece simultânea e decorrentemente do novo paradigma cultural: a ruptura da modernidade para a pós-modernidade². Uma análise do fenômeno religioso à luz dessas mudanças conceituais permite delinear o novo papel que a religião ocupa no imaginário dos indivíduos, bem como quais são as expectativas desses em relação à postura da imprensa diante do sagrado.

1. A religiosidade brasileira na Modernidade

O cristianismo chega ao Brasil junto com a colonização portuguesa. Contudo, as duas grandes correntes cristãs, catolicismo e protestantismo, são inseridos na cultura brasileira em momentos e circunstâncias bem distintas. A Igreja do Vaticano finca suas bases em terras tupiniquins nos idos do século XVI, por meio da catequização. Durante praticamente trezentos anos, o catolicismo foi a religião

¹ Neste estudo, as expressões “sagrado”, “religiosidade”, “religião”, “espiritualidade” e “fé” serão utilizadas como sinônimas de “fenômeno religioso”, ou seja, o modo como as pessoas conceituam as próprias crenças e se relacionam com elas. Por se tratar de uma pesquisa específica do campo do Jornalismo, este trabalho não tem a preocupação de definir ou usar estes termos de acordo com os conceitos das Ciências da Religião.

² Apesar do momento cultural atual não ser, por unanimidade, identificado como Pós-modernidade, há um consenso no meio acadêmico de que o contexto contemporâneo é de ruptura com a Modernidade. Portanto, este trabalho não pretende esgotar ou pormenorizar essas diferentes nomenclaturas atribuídas ao momento histórico em que vivemos, mas destacar o impacto desta transição de paradigmas na religiosidade brasileira.

oficial, tendo inclusive como o seu chefe no Brasil, o imperador³ (CAVALCANTI: 2001, 62). Mesmo após a instauração da República e do Estado laico, ser brasileiro ainda era sinônimo de ser católico (SOARES: 2002, 60).

Por sua vez, o protestantismo, originário da Europa do século XVI, vai ser inserido no país apenas na década de 1810, com a imigração de anglicanos ingleses, seguidos pelos luteranos alemães (1823). Todavia, somente na segunda metade do século XIX, com a chegada das missões protestantes norte-americanas, é que o protestantismo histórico finca raízes no Brasil. Beneficiados pela Questão Religiosa⁴, metodistas (1867), presbiterianos (1859) e batistas (1889)⁵ vão conquistando a elite por meio da educação, e os pobres pelo evangelismo (MENDONÇA:1987, 232). Esses grupos são classificados de protestantes históricos ou tradicionais⁶.

O pentecostalismo, uma subdivisão do protestantismo, é considerado por muitos, o fenômeno religioso cristão mais significativo da atualidade (BEOZZO: 2004, 39). Originado no início do século XX⁷, nos EUA, esse segmento do cristianismo se distingui do protestantismo tradicional por enfatizar a atuação do Espírito Santo na vida do fiel, por meio da glossolalia (falar em línguas)⁸. Esse movimento propõe um

³ No sistema de Padroado, acordo contratual entre o Vaticano e a coorte brasileira, o papa reconhecia o imperador como chefe da Igreja nacional.

⁴ A Questão Religiosa foi a tensão entre o catolicismo e a monarquia brasileira. A Igreja via a sua hegemonia política e institucional ameaçada por causa da influência da maçonaria e do liberalismo na elite brasileira e no clero da época. As sanções impostas pelos bispos conservadores aos clérigos liberais, sem a autorização do Imperador, desencadearam um mal-estar entre a Igreja e o Estado. Em duas ocasiões pelo menos, o Governo encarou o fato como desobediência civil, levando dois bispos a prisão: Dom Vital, de Olinda (PE) e Dom Antônio Macedo Costa, de Belém (PA).

⁵ Para ter um histórico mais detalhado sobre as igrejas protestantes históricas, ver Paul Freston. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*, pp. 41-51. 1993. Tese de doutorado na Unicamp.

⁶ Os adventistas do sétimo dia, mórmons e testemunhas de Jeová são classificados por FRESTON (1993) como pseudo-protestantes.

⁷ O pentecostalismo tem seu surgimento e institucionalização ligados ao pregador americano Charles Finney, que na virada do século XIX, pregava que o verdadeiro cristão deveria passar por uma experiência subsequente a conversão, denominada batismo pelo Espírito Santo. A confirmação do batismo era dada pela capacidade do fiel falar em línguas (glossolalia). Em 1906, essa crença se tornou a base do movimento liderado por William J. Seymour, o qual mudou o nome de uma igreja metodista africana em Los Angeles para Igreja da Fé Apostólica. No entanto, foi a igreja batista do pastor W. H. Durham, que serviu como berço para o pentecostalismo brasileiro (VALIANTE: 2000,5-6).

⁸ O nome "pentecostal" é uma referência ao evento descrito no capítulo 2 do livro bíblico de Atos. O Pentecostes foi a ocasião em que, segundo a Bíblia, os discípulos de Cristo falaram em línguas, como prova de que tinham sido batizados pelo Espírito Santo. A interpretação teológica dos

reavivamento da fé tradicional. As primeiras igrejas pentecostais a chegarem ao Brasil, foram a Assembléia de Deus (1910) e a Congregação Cristã no Brasil (1911) (MARIANO: 1999, 29). A religiosidade pentecostal foi bem aceita nas zonas urbanas, principalmente na periferia, por isso, a partir da década de 1950 o pentecostalismo começou a ameaçar a hegemonia católica.

Apesar de suas inúmeras diferenças doutrinárias e administrativas, o catolicismo, o protestantismo histórico e o pentecostalismo tradicional, apresentam pontos fundamentais de convergência, que estão estreitamente ligados ao paradigma cultural em que surgiram e se consolidaram: a modernidade. É bem verdade que o pentecostalismo já representava uma tendência da religiosidade pós-moderna, contudo, em sua primeira onda⁹, ele ainda detinha algumas características do cristianismo histórico. Sobre essas peculiaridades é que discorreremos abaixo.

1.1. Institucionalização

O catolicismo medieval estava centrado no conceito de Igreja-instituição. O pagamento de indulgências, as penitências, as confissões, os sacramentos, a manipulação exclusiva da Bíblia pelo sacerdote, enfim, todo o contato do fiel com o sagrado era mediado pela hierarquia eclesiástica. O protestantismo, apesar de iniciar um processo de privatização da religião (WILLAIME: 2002, 52), pois popularizou a Bíblia entre os leigos, ainda exercia uma forte influencia sobre o indivíduo.

Prócoro VELASQUES FILHO destaca que “a Igreja era a única mediação possível à conversão” (1986, 55). Ainda que a instituição não tivesse ação direta, ou seja, o fiel tivesse se convertido por meio da leitura da Bíblia, de um folheto, da pregação na praça ou num veículo de comunicação, ou ainda por um testemunho pessoal de alguém, a instituição era considerada detentora desses meios e, portanto, mediadora da religião.

Um dos fatores importantes que contribuíam para essa relação entre o cristão e a Igreja era o caráter tradicional e familiar da religião. Mesmo após a separação

pentecostais quanto à natureza e evidências do batismo pelo Espírito Santo é contestada pelos protestantes tradicionais.

⁹ A história do pentecostalismo tem sido dividida em três fases ou ondas. Segundo FRESTON (1993), a primeira compreendeu as décadas de 1910 a 1950; a segunda se deu nas décadas de 1950 e início de 1960; já a terceira, se inicia no final da década de 1970 e perdura até hoje. Os pentecostais da terceira onda são também chamados de neopentecostais, por representarem um rompimento ainda mais radical com o protestantismo histórico. Para saber mais sobre a trajetória histórica do pentecostalismo, ver FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment**. Tese de doutorado. Unicamp: 1993.

entre a Igreja e o Estado, em muitos países, inclusive no Brasil, a religiosidade estava ligada a identidade cultural das pessoas. Ademais, o contexto rural em que as famílias viviam, propiciava uma transmissão familiar mais profunda da religião. Portanto, em muitos casos se vivia uma religião formal, herdada da cultura regional ou dos pais, em que a mudança de denominação religiosa gerava constrangimento e até dissensões familiares.

Vale destacar também que o culto tinha um papel fundamental na transmissão dos conceitos religiosos. A liturgia protestante, centralizada na Bíblia, não só ensinava os dogmas da instituição, como legitimava a autoridade do líder eclesiástico. Portanto, a homilia do pregador era sinônimo da voz de Deus à congregação.

O pentecostalismo tradicional, apesar de ter em alta conta a autoridade do pastor, já apresentava uma estrutura hierárquica mais autônoma (congregacionalismo), e uma liturgia mais democrática, com a participação do membro por meio da liderança leiga e da glossolalia (dom de línguas).

Na década de 1960, a Igreja Católica foi pressionada a conferir para as igrejas nacionais mais autonomia administrativa e teológica em relação ao Vaticano. Na América Latina, as organizações de clérigos se articulam e ganham representatividade, e ainda, inovam quanto à teologia e práticas pastorais católicas.

1.2. Ênfase racional

De origem européia e com forte influência iluminista, a religiosidade na modernidade, especialmente a protestante, buscava na Bíblia uma revelação objetiva acerca de Deus. As Escrituras estavam no centro da devoção pública e particular, ocupando um papel normativo na vida do protestante. A liturgia era simples, porém, a teologia era complexa, profunda (RIVERA: 2002, 80).

A religiosidade do protestantismo histórico rompeu com a tradição e superstição católicas, afinando-se com o desenvolvimento da ciência moderna. Além disso, o espírito calvinista, que via legitimidade no lucro conseguido com o trabalho honesto, impulsionou o capitalismo.

Pela forte ênfase racional, próprias da modernidade, o cristão ia ao culto para ter um encontro com o Deus transcendente, cuja grandeza e onipotência eram respeitadas por uma liturgia reflexiva, e representadas pela arquitetura dos templos.

O culto, bem como toda a manifestação do sagrado, era teocêntrica. Portanto, o fiel buscava ser aprovado diante de Deus, satisfazendo-lhe a vontade.

1.3. Senso de pertença

Durante a Modernidade, o trânsito religioso não era nem de perto tão acentuado como atualmente. Uma das razões desse senso de pertença dos cristãos de então, se justifica também, pelo já mencionado caráter institucional e tradicional da religião, que inibia o indivíduo de trocar de igreja.

Outro fator relevante é que a conduta do fiel era encarada como determinante para a própria salvação, portanto, a ética fazia parte da soteriologia. “Somente na medida em que a sua maneira de pensar e o seu comportamento forem idênticos às doutrinas e à disciplina de sua comunidade religiosa, é que o protestante tradicional pode sentir-se seguro de sua salvação pessoal” (VELASQUES FILHO: 1986, 56). Logo, abandonar a igreja que havia herdado ou escolhido, implicava estar perdido.

Soma-se a esses aspectos, a forte ênfase doutrinária do culto e do proselitismo protestante, a qual dava ao fiel a certeza de que havia escolhido a sua religião pela coerência que aparentava ter com a doutrina bíblica. Por isso, quando o indivíduo tinha a convicção de estar no caminho certo, hesitava em sair do mesmo.

Uma característica bem peculiar na religiosidade da modernidade é o sectarismo, pelo fato de que a conversão implicava “estar no mundo”, mas não fazer “parte do mundo”. “A conversão é uma mudança na visão de mundo, sobretudo uma mudança de ordem cultural e dos valores éticos.” (Idem, 58).

O pentecostalismo tradicional também se mostrou fortemente sectário, pois pregava a dicotomia entre os reinos material e espiritual. Ademais, por crer no iminente Segundo Advento de Cristo, advogava uma ética contracultural. (MARIANO: 1999, 226). Prova disso, é a conduta puritana exigida dos fiéis da Assembléia de Deus e Congregação Cristã no Brasil, em que beber, fumar, dançar, ir ao cinema e praticar sexo fora do casamento é pecado.

1.4. Teologia da Libertação

Uma faceta da religiosidade brasileira no período da modernidade, que ficou quase restrita ao catolicismo, mas que foi significativa, é a Teologia da Libertação. Ela se desenvolveu entre a ala liberal do clero católico, simpatizante ou militante do marxismo, que defendia a intervenção temporal da Igreja por meio da revolução

social, em defesa das vítimas da desigualdade social. No Brasil, o católico Leonardo Boff e o protestante Rubem Alves se destacaram como pensadores dessa teologia, surgida na década de 1960.

Nesse movimento, a religiosidade deixa de ser meramente contemplativa, clássica, torna-se da práxis, com ênfase na solidariedade e na ação política. O teólogo é visto como um “intelectual orgânico” (WANDERLEY: 1978, 99). Busca-se um trabalho social mais de “mudança”, do que de assistencialismo. Tais fiéis estão mais preocupados com a instauração de um reino de justiça social, do que com a conversão pessoal dos indivíduos (FERNANDES: 2001, 82).

Além da teologia da libertação, são sistematizadas outras teologias peculiares a América Latina¹⁰, como a ecumênica, a afro-americana, a índia, a feminista latino-americana e a eco-feminista (BEOZZO: 2004, 48).

Contemporaneamente, surgem entidades como a Pastoral da Terra (reforma agrária), o Conselho Indigenista Missionário (questão indígena) e as Comissões de Justiça e Paz (direitos humanos). Desenvolvem-se também as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), sedes comunitárias dentro de uma paróquia, em que se abre espaço para as discussões sociais da comunidade e, incentiva-se a participação das mulheres e leigos em geral.

As CEBs propunham a prática dos princípios cristãos, ao invés dos ritos do cristianismo. Do final da década de 1960 até o final dos anos de 1980, essas organizações se multiplicaram em todo o país, oferecendo “uma religiosidade que era, sobretudo, intelectualizada e politicamente engajada” (GUERRA: 2005, 7).

Atualmente, existem cerca de 60 mil a 80 mil CEBs no País. Na liturgia, centrada na Bíblia, procura-se interpretá-la a partir de seu contexto original, e aplicar os princípios bíblicos para a realidade sócio-econômica em que a CEB está inserida. Apesar das músicas utilizadas nos encontros tenderem a aproximação do estilo carismático, existe muita tensão entre os dois grupos (SOUZA: 2005, internet).

2. Religiosidade de transição

A religiosidade do pentecostalismo tradicional representa a transição entre dois momentos bem distintos do cristianismo. É uma espiritualidade que se adapta

¹⁰ O Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam) desempenhou importante papel neste período, se reunindo em Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992).

continuamente ao desenvolvimento urbano, e a todas as mudanças decorrentes deste.

José Chiquete BÉLTRAN acredita que a fé pentecostal proporciona um contrapeso no processo de desintegração e ruptura imposto pela urbanização (2004, 41). Segundo ele, as igrejas pentecostais tradicionais criam laços sociais importantes para o cosmopolita. O indivíduo depois de convertido se sente amado, aceito e valioso para Deus e a comunidade. Ademais, diante da permissividade moral das grandes cidades, o pentecostalismo oferece um modelo ético orientador.

Inquestionavelmente, o pentecostalismo, em suas três fases históricas, indica uma mudança de paradigma religioso, na qual os valores iluministas da modernidade, que caracterizaram o protestantismo por séculos, cedem espaço para os valores pós-modernos.

3. A religiosidade brasileira na Pós-Modernidade

Desde que Max Weber previu o desencantamento do mundo, muitos especialistas imaginavam que a crença no sobrenatural iria enfraquecer gradativamente. Pensava-se que o progresso científico e a tecnologia sublimariam a necessidade do místico. Todavia, o crescimento significativo dos pentecostais, a reação católica por meio do carismatismo e a onda de misticismo de origem oriental, têm intrigado os estudiosos. Afinal, estamos diante do retorno do sagrado?

Para João Batista LIBÂNIO “o surto do sagrado é uma outra face da secularização da sociedade moderna e pós-moderna e não sua negação” (1998, 61). Segundo ele, a secularização prossegue no sentido de que as instituições religiosas perdem força enquanto produtoras de significado e motor dos esforços humanos (Idem, 62). Vê-se uma espiritualidade conivente com o regime neoliberal, pois é materialista, consumista, sem valores transcendentais, sem ética e marcada pela competitividade. É uma religiosidade sem tónus crítico-social (Idem, 63).

Nesse retorno do sagrado não há um reencantamento da realidade. A participação no culto, por exemplo, não significa uma visão reencantada do mundo, pois o contato com o místico é efêmero e restrito ao culto, não produz efeito na visão desiludida do mundo (RIVERA: 2002, 80).

Marcelo Ayres CAMURÇA identifica as mesmas características. Ele acredita que existe um estado de tensão entre o arcaísmo e a modernidade. Pois ao mesmo

tempo que existe uma dimensão mística, exemplificada pela ufologia, xamanismo, exorcismos e glossolalias, em contrapartida, existem resquícios da modernidade, como o apelo à lógica da ciência, buscando nela, muitas vezes na *psique* humana e física quântica, uma explicação para-científica (2003, 50).

Prova dessa espiritualidade antimaterialista e anti-racionalista, ambígua, confusa e vaga é o movimento *Nova Era*, que se mostra uma mistura de espiritualismo, orientalismo, psicologia, astrologia, com algo de cristianismo, física nuclear e até ficção científica (PIÑERA: 1999, 62).

Na pós-modernidade a religião cumpre um papel terapêutico, como “ópio do povo”. Ajuda os indivíduos a fugirem da realidade sem combatê-la. É como se o sagrado fosse um clube social, que se vai ao fim-de-semana para descansar e esquecer as preocupações do cotidiano. Num mundo de tantas incertezas, a religião tem oferecido paz e segurança, atuando como um escape (LIBÂNIO: 1998, 67). A modernidade não suprimiu o religioso, mas o transformou.

O processo de ruptura cultural, que desencadeou essa ebulição no campo da religião, se iniciou na década de 1960, com a Contracultura. Neste contexto, surgem dois movimentos que darão a tônica do cristianismo brasileiro na pós-modernidade: a terceira onda do pentecostalismo ou neopentecostalismo, e o Movimento de Renovação Carismática Católica (MRCC).

Os neopentecostais, encabeçados pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Apostólica Renascer em Cristo (IARC) e Internacional da Graça de Deus (IIGD), valendo-se da guerra santa, da teologia da prosperidade, da cultura *gospel* e do uso da mídia, cresceram vertiginosamente e ameaçaram o catolicismo.

Por sua vez, A Igreja Católica, que desde o Concílio Vaticano II se abria para a modernidade, pluralismo e ecumenismo, viu crescer no próprio seio um movimento católico com feições pentecostais: o MRCC. O movimento que começou em 1967¹¹ nos EUA, chegou em 1969 ao Brasil, demonstrando a insatisfação dos católicos com a religiosidade tradicional¹².

¹¹ O movimento começou em 1967, na Universidade de Duquesne (EUA). Os protagonistas deste início foram dois jovens instrutores do departamento de teologia da instituição, que tiveram contato com a literatura pentecostal e lideraram grupos de oração no campus (DORNELES: 2003, 80).

¹² Para GUERRA, o MRCC só foi possível devido a dois fatores: (a) a reação conservadora dentro do catolicismo, que via no carismatismo, uma alternativa as tendências marxistas; (b) e a concorrência do mercado religioso, tendo em vista a evasão de católicos para as igrejas pentecostais e neopentecostais (2003, 9).

O MRCC tem servido de estratégia para a Igreja conter a evasão de membros e reavivar os católicos “desviados” ou indiferentes. Ao contrário dos pentecostais que se dividem para crescer, o carismatismo luta pela unidade denominacional, a fim de não desfacelar a instituição. Prova disso é a campanha “Sou feliz porque sou católico”, que busca resgatar a auto-estima dos católicos frente ao crescimento evangélico (SOUZA: 2001, 52).

Os neopentecostais e os católicos carismáticos expressam uma religiosidade que está em afinidade com o paradigma cultural pós-moderno, portanto, se contrapõe, quase que totalmente, a espiritualidade da modernidade. Logo é necessária uma análise mais detida dessas características, pois esses grupos que, direta ou indiretamente, serão pauta nas capas contemporâneas de *Veja*.

3.1. Privatização do sagrado

O processo de privatização, iniciado na Reforma, se intensificou ao longo da história do protestantismo. A Igreja, como instituição, foi perdendo a sua função de mediadora do sagrado. É verdade que o catolicismo, por exemplo, ainda apresenta bolsões de resistência, como o sertão nordestino, Minas Gerais, e o interior de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Mas, uma pesquisa feita em seis regiões metropolitanas mostrou que apenas 26,5% têm a família ou tradição como motivação para escolherem o catolicismo, enquanto, que 37,2% apontaram a busca por um sentido para a vida e encontro de justiça, paz e harmonia, como razões para serem católicos (SOUZA: 2005, internet).

O crescimento dos que se declararam “sem-religião” no Censo de 2000, parece indicar a “des-institucionalização” da religião e a emergência da chamada “religião invisível” (ANTONIAZZI, 2003, internet). Esses brasileiros não são céticos ou ateus, só não possuem um vínculo formal com nenhuma denominação religiosa. Para Alberto ANTONIAZZI, a religião não é mais uma entidade jurídica, uma comunidade de fiéis ou sistema de dogmas, mas uma miscelânea de crenças pessoais que são experimentadas individualmente ou sazonalmente nas mais variadas formas. “Ela vira um patrimônio exclusivo e interior do indivíduo” (1998, 14).

WILLAIME vê nos cultos televisivos, utilizados em grande escala pelos neopentecostais e carismáticos, um grau avançado de privatização: a dessocialização. Nessa época de comunicação de massa, a religião é mediatizada única e principalmente pela técnica, com fracos vínculos comunitários e institucionais

(2002, 52). Portanto, o indivíduo ao invés de precisar da instituição para ter um contato com o sagrado, ele o faz, confortavelmente, por meio da TV em sua casa.

3.2. Ênfase emocional

Essa característica se mostra simetricamente oposta ao apelo racional do cristianismo histórico. Um abismo os separa. Enquanto o pentecostalismo é regulado pelo carisma (místico), o protestantismo o é pelo discurso racional (BÁSTIAN: 2004, 33). Por isso, mais do que classificar o pentecostalismo como uma simples aculturação norte-americana da América Latina, é preciso percebê-lo como uma ruptura do protestantismo.

BÁSTIAN acredita que o apelo emocional do neopentecostalismo, tem identificação com a cultura latino-americana. “A tríplice prática exorcista, glossolal e taumatúrgica, desdobra-se em afinidade eletiva com o *ethos* cultural e as mentalidades latino-americanas” (Idem, 27).

Ele insiste que o batismo do Espírito Santo, comprovado pela glossolalia, é o auge da emoção na liturgia. “Nesse sentido, a glossolalia é uma ultravalorização da emoção que desestrutura todo discurso, reduzindo-a algumas formas fonéticas, sem qualquer estrutura” (Idem, 80). As línguas não podem ser interpretadas, pois se não há um desencantamento. A atração está no mistério, na experiência e não na inteligibilidade.

No MRCC se percebe a mesma tendência. A renovação católica vem para compensar o enorme déficit carismático de séculos da Igreja (LIBÂNIO: 1998, 77). Para GUERRA, o movimento “atende as necessidades da demanda religiosa dos fiéis por espiritualidade e misticismo, reprimidas durante o período em que o modelo da Igreja Popular prevaleceu” (2005, 10).

Os católicos carismáticos apresentam muitas semelhanças com os neopentecostais. Na teologia, porque acreditam nos dons do Espírito Santo, como o de línguas, o da cura e o do discernimento. Na liturgia, pelas músicas ritmadas e com letras desarticuladas, e pela leitura da Bíblia. O conceito de conversão também é parecido, pois se baseia na subjetividade. Os carismáticos se distinguem por apresentarem uma conduta ética mais sectária, e pelo senso de pertença à instituição (Idem, 12-13). Apesar de serem contemporâneos, o MRCC é antagônico a Teologia da Libertação. O primeiro prega a conversão pessoal, enquanto o de orientação marxista defende a transformação das estruturas sociais.

Toda essa ênfase na sensação se manifesta de forma especial no culto, o espaço nobre da experiência religiosa. Percebe-se a falência da pregação como uma exposição sistemática e dogmática da Bíblia, dando espaço para uma pregação existencialista, a qual serve como analgésico para as agruras do cotidiano.

Segundo WILLAIME, o sermão deixa de ser uma exposição dos dogmas ou orientações da instituição, para ser um relato da experiência do pregador, com cuja homilia a congregação se identifica (2002, 51). Constatase que a “teo-logia”, o discurso racional sobre Deus, cede lugar para uma experiência de Deus, que respeite a natureza própria da divindade, sem enquadrá-la antecipadamente em categorias racionais (ANTONIAZZI: 1998, 17). A liturgia na pós-modernidade é mística por excelência¹³.

Tamanha é a distinção entre o protestantismo e o pentecostalismo, que o culto para os dois segmentos do cristianismo se apresenta de maneira oposta. O culto protestante tem uma teologia complexa e uma liturgia simples, já o pentecostalismo, apresenta uma teologia simples e uma liturgia complexa (mística) (RIVERA: 2002, 80).

Outra tendência apontada é a da estetização e ritualização da pregação, a qual se mostra muito adequada para a cultura da imagem. Hoje, a liturgia é valorizada pela estética. Mais vale o poder simbólico do discurso, do que o seu conteúdo. (WILLAIME: 2002, 54). Nesta mesma linha, RIVERA comenta que “o culto mágico tem maior sucesso que o de adoração” (2002, 79).

Neste afã pelo êxtase, o culto torna-se festa. Vive-se um entretenimento religioso, uma espetacularização da fé (BOMILCAR: 2005, internet). Evidência dessa tendência é o surgimento, em meados da década de 1990, de padres *pop-stars* que se tornam ídolos populares por reunirem multidões em *show-missas*, lançarem CD's, e garantirem a audiência na mídia de massa. Um ícone desta onda é o padre carismático Marcelo Rossi. Portanto, as celebrações eclesásticas se transformaram em eventos “onde o divertido entretenimento e as emoções religiosas se entrecruzam” (YAMADA, 2004, p.41).

Desiludidos com o Deus transcendente do cristianismo tradicional, os religiosos pós-modernos querem uma divindade mais próxima, imanente. A divindade outrora

¹³ A mística é um conhecimento, mas adquirido com a experiência, onde o intelecto apenas reconhece um encontro entre o homem e uma força misteriosa, a qual não controla. Procura-se viver a experiência antes de, ou nem mesmo, conceituá-la racionalmente (BINGEMER: 1998, 84).

temida, agora pode ser sentida e experimentada. A idéia de reverência e espírito de serviço que tomava conta dos fiéis é substituída pelo senso de que o fiel deve ser servido por Deus. Atendendo-lhe as necessidades temporais e aceitando uma liturgia que gere bem-estar ao fiel. Além de baixar Deus ao reino dos homens (imanência), o fiel toma o lugar de Deus, no sentido que o culto gira em torno de si mesmo. A busca pela verdade e salvação, a vitória sobre o pecado é substituída pela religião do bem-estar, da saúde física. Uma religião, que na prática, é sem Deus (ANTONIAZZI: 1998, 16).

Mesmo fora dos templos evangélicos e católicos, o antropocentrismo da religiosidade pós-moderna é notável. Bernardino PIÑERA acredita que essa nova espiritualidade confia mais no potencial do ego humano, que pode ser desenvolvido, que num Deus superior. Por isso recorre muito à psicologia, e a outras ciências como à neurofisiologia, psiquiatria e parapsicologia (PIÑERA: 1999, 61).

A transição do teocentrismo para o antropocentrismo, traz para a espiritualidade todas as tendências próprias do homem contemporâneo: o existencialismo, hedonismo, imediatismo e consumismo. Busca-se uma resposta imediata, a anseios e insatisfações humanas. Espera-se que a fome de felicidade seja saciada imediatamente (ANTONIAZZI: 1998, 13). Para os pobres, desprovidos dos mecanismos básicos de sobrevivência, o movimento pentecostal oferece uma solução mística e imediata. Os fiéis têm na igreja, não só um “assistencialismo espiritual”, mas uma fuga dos problemas do cotidiano (VALIANTE: 2000, 13).

Já para os ricos, a religiosidade serve para exprimir a euforia e completar o clima de felicidade. “Trata-se de uma religião cristã-burguesa” (LIBÂNIO: 1998, 66). Isso é visto claramente no movimento carismático, que reúne as mulheres dos grandes empresários brasileiros, ou a classe média evangélica que vai as correntes de oração dos empresários, ou aos *shows gospel*. Manter uma boa relação com Deus passou a significar o mesmo que se dar bem nesta vida (MARIANO: 1999, 226).

3.3. Trânsito religioso

Contrapondo o senso de pertença da modernidade, a pós-modernidade traz um fenômeno que chama cada vez mais a atenção dos especialistas: o trânsito religioso. Com o fim da hegemonia católica, abre-se um mercado religioso. Para GUERRA,

A lógica mercadológica sob a qual a esfera da religião opera produz, entre outras coisas, o aumento da importância das necessidades e desejos das pessoas na definição dos modelos de práticas e discursos religiosos a serem oferecidos no mercado (2003, 1).

A junção do consumismo com o pluralismo impõe às igrejas uma flexibilidade para oferecer um menu diversificado e atraente, a fim de se manter no mercado religioso. Por isso, as denominações apresentam uma sofisticação institucional (estruturas empresariais) e um significativo investimento na mídia de massa (VALIANTE: 2000, 10). Exemplos disso, são as Igrejas Universal do Reino de Deus e Apostólica Renascer em Cristo, que possuem canais próprios de TV, e do lado católico, os carismáticos que além de TV fechada, têm investido na produção de filmes.

Um estudo feito no primeiro semestre de 2003 pelo Centro de Estudos da Metrópole (CEM), mostrou que um terço dos entrevistados havia mudado de religião (ALMEIDA: 2005, internet). Ademais, percebe-se também um sincretismo ou adesão parcial dos fiéis. Uma pesquisa de 2002, realizada nas seis maiores regiões metropolitanas do país, mostrou que 25% dos entrevistados freqüentavam mais de uma denominação religiosa, e 12,5% o faziam sempre (ANTONIAZZI, 2003, 75).

DAMACENA e NOVAES sintetizam essa questão

O fato de o indivíduo ter uma “religião desde que nasce”, não significa mais que ele permanecerá em seu interior durante sua vida, nem mesmo é certa sua intenção de transmitir aos filhos uma herança familiar religiosa, caso ele venha a ter filhos. Hoje, a mudança religiosa existe como alternativa e pode ocorrer mais de uma vez na trajetória de vida desses sujeitos. Peregrinar entre diferentes opções religiosas é uma atitude plausível para parcela de católicos e não católicos (2005, internet).

Ao que tudo indica, “o fiel da contracultura quer ser e sentir-se livre” (BEOZZO: 2004, 40). Essa tônica de liberdade se reflete na conduta, possibilitando, na vida do fiel, um trânsito livre entre o sagrado e o profano. Os neopentecostais advogam uma ética de que é possível “estar no mundo”, nele viver e dele usufruir, sem se considerar “parte do mundo”. “É uma mensagem que inclui-excluindo – própria para os naufragos do neoliberalismo...” (CAMPOS: 2002, 109).

3.4. Diálogo com a ciência

Na pós-modernidade, o sagrado rompe os limites dos templos, se fazendo presente nos âmbitos cultural, empresarial, econômico e político (SOUZA: 2005, internet). Existe também uma aproximação entre ciência e religião, em que

a dimensão sagrada envolve cruzamentos sem contornos fixos entre ciência, arte, medicina, psicologia, filosofia, ou seja, um religioso múltiplo e sincrético que emerge, sendo denominado por alguns autores como “nebulosa das heterodoxias” ou “nebulosa místico-esotéricas” (DAMACENA e NOVAES, 2005, internet).

Além de contribuir para o surgimento das pseudociências, as novas implicações da religiosidade do século XXI, despertaram as ciências sociais para estudarem o sagrado como um fenômeno cultural. Certamente, isso também representou uma mudança no paradigma naturalista da ciência. “Enquanto o mito da ciência pura e o ideal de uma cultura erudita prevaleceram, a religião tinha de ser mantida segregada nos limites do exótico, do irracional, do conservador, do arcaico” (ALVES: 1978, 138).

No final da década de 1970, o estudo da religião, já realizado em institutos de pesquisas autônomos¹⁴, começava a se consolidar nas universidades. Em 1976, a atual Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), iniciava o primeiro curso de pós-graduação em Ciência da Religião do Brasil. No ano seguinte, surgia a primeira revista acadêmica destinada à análise da religião: *Religião e Sociedade*. Hoje, o estudo do fenômeno religioso tem crescido significativamente, tanto nas universidades confessionais quanto seculares. Tais pesquisas têm sido usadas como referências na cobertura da imprensa sobre a religião.

4. Resumo e conclusões

Este capítulo apresentou as principais mudanças da religiosidade brasileira, decorrentes da transição do paradigma cultural da modernidade para a pós-modernidade. Mostrou-se que o catolicismo e o protestantismo tradicionais ou

¹⁴ Segundo Alves, três organizações de pesquisa sobre a religião já se destacavam: o Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (Ceris), ligado a Igreja Católica; o Instituto Superior de Estudos da Religião (Iser), de natureza ecumênica; e o Centro de Estudos da Religião, um núcleo da USP (1978, 138).

históricos representam a espiritualidade do primeiro momento, em que: (1) a Igreja-instituição media o acesso ao sagrado e dita a ética do fiel; (2) a religiosidade tem forte apelo racional e centralidade na exposição e estudo objetivo e dogmático da Bíblia; (3) a espiritualidade do indivíduo está ligada ao seu senso de pertença a uma denominação exclusiva, cuja legitimação se dá pela coerência da sua interpretação bíblica.

Mesmo enquadrado no período da modernidade, o pentecostalismo tradicional representa uma religiosidade de transição, pois apresenta características do cristianismo histórico, como a ênfase na Bíblia e a ética contracultural e sectária. Por outro lado, possui peculiaridades pós-modernas, como o apelo ao emocional (dom de línguas) e desinstitucionalização (congregacionalismo).

Por sua vez, a religiosidade contemporânea tem como movimentos significativos o neopentecostalismo e o carismatismo católico, que se contrapõem quase simetricamente à espiritualidade moderna, haja vista: (1) a privatização da religião, que no seu grau mais avançado, tem o sagrado mediado pela mídia, enfraquecendo o vínculo do indivíduo com a instituição e a comunidade; (2) o apelo emocional, em que o culto se torna espaço para o entretenimento religioso e a pregação se centraliza nas questões existenciais dos fiéis; (3) o trânsito religioso traz uma grande mobilidade para o mapa do cristianismo no Brasil, mostrando que o fiel não se sente constrangido em ter uma adesão parcial a uma denominação, ou professar uma fé sincrética. Cria também uma acirrada concorrência religiosa, na qual as igrejas-empresas acabam por recorrer ao marketing para segurar seus fiéis.

Todo esse resgate histórico e definição de características da religiosidade brasileira contribuíram para definir o papel que a fé desempenha no mundo contemporâneo, e como ela se configura no imaginário dos brasileiros. Tais dados facilitam diagnosticar as expectativas do público para com a cobertura da imprensa sobre o fenômeno religioso.

CAPÍTULO II

JORNALISMO NA PÓS-MODERNIDADE

Para entendermos a mudança editorial de *Veja* quanto a abordagem da religião, é preciso relacionar a nova configuração da religiosidade brasileira com os princípios e interesses que regem a produção do jornalismo atualmente.

A transição da modernidade para a pós-modernidade, além de se refletir radicalmente na religiosidade, conforme demonstrado no capítulo anterior, teve impacto significativo na filosofia e prática jornalística. Na ética do jornalismo, o relativismo questiona os princípios absolutos até então postulados, e no fazer jornalismo, o pós-modernismo traz desafios para que se atendam as novas aspirações e necessidades do público.

Portanto, o objetivo deste capítulo é descrever como a mudança de paradigma cultural do Ocidente, ocorrida nas últimas décadas, afetou o jornalismo, tornando-o subserviente ao modelo neoliberal de mercado. Para tanto, começaremos com uma breve introdução sobre o papel do capitalismo na sociedade contemporânea. Posteriormente, por meio da história econômica da imprensa, descreveremos como o mercado alcançou o *status* atual, influenciando os ideais e prática do jornalismo. Logo após, discorreremos sobre a peculiaridade das revistas em representarem mudanças culturais e de se adaptarem facilmente a demanda do mercado. Por fim, apresentamos um breve histórico da revista *Veja*, destacando a relação entre as mudanças dos panoramas cultural e econômico do País com a linha editorial do veículo.

1. Da ideologia social para a de mercado

Para Leandro MARSHALL, a comunicação está no epicentro das transformações culturais pelas quais a humanidade passa nesta virada de milênio. Por sua vez, o jornalismo tem papel fundamental neste contexto de redefinição cultural, pois é a linguagem que codifica, universaliza e legitima o novo paradigma (2003: 23).

No entanto, foram as mudanças do campo econômico que mais determinaram essa nova fase da imprensa. Com o fim da Guerra Fria, na década de 1980, a quase totalidade dos países aderiu ao modelo capitalista, desencadeando a hegemonia do neoliberalismo¹⁵. Para MARSHALL “o mercado tornou-se referência e paradigma, liberalizando os dogmas que sustentavam os mitos e ritos. Na verdade, o neoliberalismo transformou o mercado em uma espécie de ‘totem social’, para onde convergem os anseios e as expectativas” (Idem, 17). Com isso, o marketing¹⁶ tende a dialogar com todas as instituições sociais, inclusive o jornalismo.

1.1. História econômica da imprensa

O jornalismo, como conhecemos, foi fruto da democracia da modernidade. É verdade que já havia imprensa antes do regime democrático, mas não existia como instituição fiscalizadora do poder, pois era apenas um porta-voz da autoridade política vigente (BUCCI: 2000, 18). Com o liberalismo, veio a liberdade de imprensa. Desde então os jornais se consolidaram como empresas auto-sustentáveis, e a imprensa se tornou uma instituição social.

Durante os séculos XVII, XVIII e XIX, os veículos de comunicação eram predominantemente ideológicos. Cada jornal levantava uma bandeira política. A imprensa servia de esfera pública para os debates que interessavam à coletividade. MARSHALL acredita que, apesar de terem uma postura mais ideológica, os veículos dessa época buscavam, por meio da militância política, usufruírem de benefícios econômicos quando os seus representantes alcançassem o poder público (2003, p.78).

Apesar disso, o jornalismo de opinião foi o promotor dos grandes ideais da modernidade, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade ocidental. Foi propósito da imprensa, durante todo esse período, ser instrumento de transformação social, de modo que pudesse “edenizar” a sociedade. Haja vista que,

¹⁵ O neoliberalismo é modelo econômico vigente no Ocidente desde meados do século XX. Baseia-se numa sociedade regulamentada pelo mercado, em que o livre mercado, a desregulamentação, a iniciativa privada e desestatização do governo são pilares. Os maiores proponentes dessa ideologia econômica são Adam Smith, Milton Friedman e Frederick Hayek (MARSHALL: 2003, 58)

¹⁶ Marketing pode ser definido como “a técnica e a ciência que estudam o processo das descobertas e interpretações das necessidades, dos desejos e das expectativas do consumidor e do convencimento de mais clientes a continuarem usando não só os mesmos produtos, mas também os serviços” (MARSHALL: 2003, 59).

Sem o jornalismo, a sociedade da modernidade não conseguiria estabelecer os princípios do nacionalismo, das identidades culturais, das fronteiras estéticas, da massa crítica, da formação da chamada opinião pública e dos signos da sociedade da informação. Os jornais representam ainda o espaço da esfera pública em que se estabeleceram os diálogos e a dialética da democracia, da (ir) racionalidade, dos conflitos ideológicos, da emergência das utopias, da emancipação humanística, da socialização, da naturalização da tecnologia, da luta de classes, da industrialização e da Revolução Burguesa (MARSHALL: 2003, 157).

A partir da segunda metade do século XIX, o rápido processo de urbanização dos grandes países capitalistas, somado ao desenvolvimento tecnológico, deu origem a uma sociedade de massa, na qual a comunicação passa a ser um elemento fundamental. Os indivíduos tiveram de adaptar-se ao contexto urbano, onde a percepção da realidade não se dava mais, principalmente, pela interação social. Portanto, nas metrópoles ocidentais a notícia de massa assume o papel de codificador da realidade e instrumento de coesão social (MEDINA: 1978, 19).

Por começar a ocupar um lugar privilegiado na esfera pública, a informação jornalística sofria cada vez mais assédio do capital (MARSHALL: 2003, 76). Logo a notícia seria assimilada como produto da comunicação de massa, que por sua vez, é fruto da indústria cultural, e esta, decorrente da sociedade urbana industrializada (MEDINA: 1978, 20).

No entanto, com o desenvolvimento tecnológico, rompendo as limitações humanas de tempo e espaço, a comunicação assume uma postura quase onipotente e onisciente na sociedade. Tendo em vista esse potencial gigantesco de formação de opinião, a publicidade vinculada às mídias jornalísticas passa a garantir a sobrevivência, independência e concorrência da imprensa, mas sobretudo, a consolidação da própria publicidade como instituição. Há 50 anos, a publicidade tem ganhado tal importância na sociedade capitalista, que além de ser a linguagem da sedução do capital, ameaça o *status* de quarto poder conquistado pelo jornalismo (MARSHALL: 2003, 93).

A parceria com a publicidade, que parecia ser o caminho para a viabilidade econômica do jornalismo, mostrou-se traiçoeira, sendo a imprensa assimilada pelos interesses e discursos do capital. O mesmo liberalismo que trouxe a liberdade de imprensa, trouxe a ética de mercado. Eugênio BUCCI questiona os limites dessa ética. Segundo ele, é perigoso regular a atividade jornalística somente pela concorrência do mercado. A ética liberal prevê uma conduta egoísta, em que as

ambições individuais se contraporiam, trazendo equilíbrio. Para Adam Smith, “pela busca de seu próprio interesse, ele (o homem) com frequência promove o da sociedade mais eficazmente do que quando de fato tenciona promovê-lo” (BUCCI: 2000, 27).

É verdade que, para a preservação do compromisso social da imprensa, foi estabelecido pelas redações sérias, o modelo “igreja-estado”. BUCCI explica que esse termo se refere a separação que existe e deve funcionar entre o departamento jornalístico e comercial num veículo de comunicação. Mais que separação física, esse modelo prevê autonomia administrativa para ambos. Isso acontece, para que teoricamente, os interesses dos anunciantes não afetem a linha editorial da empresa jornalística. “Essa medida não garante por si só um jornalismo 100% objetivo, honesto e independente. É só, mas não é pouco” (Idem, p.75).

Com a entrada da lógica empresarial na imprensa, a notícia, mais do que ser produzida com rapidez, qualidade e em larga escala, precisava ser marketizada. Não bastava ter um produto competitivo, era necessário saber vendê-lo. Assim sendo, o jornalismo passa a dialogar com o marketing, para estabelecer estratégias de venda e fidelização do leitor. Paralelamente, a notícia sofre o processo de fetichização, ou seja, passa a agregar valores além da informação. O jornalismo, por meio do seu produto, começa a atender a demanda de ansiedades, desejos e expectativas de seu público, escorregando muitas vezes para o sensacionalismo e entretenimento.

O jornalismo engajado, revolucionário e idealista, presente nos séculos XVII, XVIII e XIX, entra no século XX impulsionado pelas ideologias, mas sai deste, subserviente ao marketing. O homem, que por sua vez, tinha a própria identidade atrelada ao papel de cidadão, recebe no terceiro milênio a função de consumidor (MARSHALL: 2003, 99). Sem as ideologias da modernidade, o homem pós-moderno apega-se ao consumo, construindo uma “consumocracia”.

Essa tendência mundial da prática jornalística se fez perceptível de modo claro no Brasil, por volta das décadas de 1970 e 1980. O *Projeto Folha*, do jornal *Folha de São Paulo*, representou a introdução, em ritmo acelerado, de uma lógica empresarial no jornalismo brasileiro. A lógica já presente, há anos, nos Estados Unidos e Europa, onde os grandes veículos de comunicação, como no Brasil, eram administrados por um patriarca e seus descendentes. O projeto visava modernizar a produção, com investimento em tecnologia, e “profissionalizar” a administração do jornal, por meio de uma linha editorial voltada para a competitividade. A *Folha* foi o

primeiro jornal a aposentar a máquina de escrever e informatizar os terminais da redação. Além disso, reformou seu parque tecnológico e organizacional, aderindo a cronogramas e mecanismos industriais de controle da notícia (ARBEX JR.: 2001, 147). A estratégia deu resultado. A tiragem do jornal, que em 1984 era de 120 mil exemplares, passou para 300 mil, em 1990 (Idem, 143).

Essa reformulação previa também um “saneamento ideológico” ou fim da “politização” da redação, característica marcante do jornalismo brasileiro de então. Havia muitos jornalistas marxistas ou de esquerda nos jornais, até devido a ditadura de direita. Mais do que nunca, a notícia precisava ser encarada como mercadoria, destinada a dar lucro (Idem, 144). A *Folha* cria em 1981 o seu departamento de marketing. Posteriormente, organiza um órgão de pesquisas próprio, o DataFolha. Além dos levantamentos de opinião encomendados por outras instituições, o DataFolha faz uma pesquisa anual entre os leitores da *Folha*, para mensurar a postura ideológica dos mesmos (MIRA: 2001, 96).

O “mandato do leitor”, presente no manual de redação da *Folha de São Paulo*, publicado em 1984, ilustra bem a nova postura do veículo

Nas sociedades de mercado cada leitor delega, ao jornal que assina ou adquire nas bancas, a tarefa de investigar os fatos, recolher material jornalístico, editá-lo e publicá-lo. Se o jornal não corresponde as suas exigências o leitor suspende esse mandato, rompendo o contrato de assinatura ou interrompendo a aquisição habitual nas bancas. A força de um jornal repousa na solidez e na quantidade dos mandatos que lhe são delegados (ARBEX JR.: 2001, 146).

Ao comentar o “mandato do leitor” da *Folha*, José ARBEX JR. diz que essa diretriz do jornal demonstra claramente a ideologia neoliberal do veículo. Para ele, a opinião do leitor na verdade é um pseudo-nome para a “sanção do mercado”, filtro pelo qual deve passar toda produção editorial do jornal (Ibidem). Ao que parece, pela prática da *Folha* e do restante da grande imprensa, o discurso de democratização da pauta ou soberania do interesse do leitor, esconde a intenção primária dos veículos em fidelizar o público-consumidor, a fim de garantir a própria cartela de anunciantes. “A era da liberalização econômica, na sua fé no ‘consumidor como rei’, não tem assegurado melhor a responsabilidade dos mídia noticiosos” (TRAQUINA: 2003, 196).

A lógica de mercado incorporada pela *Folha*, na década de 1980, está presente na maioria dos grandes veículos jornalísticos. Prova disso é a declaração do diretor da sucursal de São Paulo do jornal *O Globo*, Walter Fontoura:

Mede-se o resultado pela preferência do leitor. Quando se tem um bom índice de circulação entre os leitores, é lícito supor que se está no caminho certo. A boa circulação entre os leitores assegura a preferência dos anunciantes. A conjugação leitor-anunciante garante a receita financeira (DINES e outros: 1997, 64).

O jornalismo pós-moderno é transgênico, pois mistura os cromossomos do jornalismo com os da publicidade. Ele afeta a retórica, a linha editorial e a mentalidade dos produtores da notícia (MARSHALL: 2003, 120).

1.2. Impacto nos ideais jornalísticos

O jornalismo, como uma instituição social criada na modernidade, tem sua ética fortemente influenciada pelos pensamentos do filósofo Immanuel Kant (1724-1804). Os princípios categóricos ou universais, conforme postulados pela ética kantiana, se baseiam na idéia de que as normas são válidas para todos e em todas as circunstâncias. Para o jornalista, por exemplo, dizer a verdade é imperativo (BUCCI: 2000, 22). Toda técnica, lógica e ética do jornalismo parte desse princípio, investigar e apresentar a verdade ao público. A noção do primado do cidadão implica a postura da imprensa como organizadora do espaço público e fiscalizadora do Estado e do mercado, contraponto da visão neoliberal de jornalismo.

Para Marshall, o jornalismo clássico, baseado na verdade, imparcialidade, objetividade e compromisso com o interesse público, nunca existiu. Pois a prática jornalística sempre esteve atrelada ao poder econômico ou político. Segundo ele, esse é um ideal perseguido, mas nunca alcançado (2003, 59). Se na modernidade, o jornalismo não alcançou os seus ideais, na pós-modernidade ele nem sonha ou aspira cumprí-los.

Para Nilson Lage, o problema está no fato de que o marketing vê o jornalismo como um instrumento de controle da opinião pública, e não um prestador de serviço. O jornalismo norteado pelo marketing, portanto, não busca questionar e nem investigar para mostrar a verdade, mas se conforma com o que o público pensa ou foi levado a crer (DINES e outros: 1997, 164). O jornalista Mino Carta acredita que a

fidelidade do leitor não se consegue dizendo apenas o que ele quer ler, mas tratando os assuntos com maturidade, ainda que ele discorde (CARNEVALLI: 2003, Anexo p. 5).

No jornalismo pós-moderno a verdade não está mais na apuração das informações, mas na transmissão das mesmas. O marketing teatraliza os significados, e as coisas passam a valer pela sua representação não pela significação (MARSHALL: 2003, 99). Portanto, a legitimação de uma notícia não está no seu grau de verdade, utilidade, mas na sua forma, em como é apresentada.

Outra pilar do jornalismo, os valores humanísticos, também são olvidados. A ética humanística, baseada no bem-estar público é substituída pela ética do mercado. A esfera pública, tal qual na Antigüidade, volta a estar sobre a manipulação do privado. O tecnocentrismo representa a primazia dada a tecnologia sobre os valores humanos (Idem, 56-57).

Marshall denomina essa prática jornalística desvinculada da ética sob a qual foi concebido o jornalismo de “cor-de-rosa”. O adjetivo faz referência a uma imprensa “maquiada”, “lipoaspirada” e “enfeitada” para o consumo. Um jornalismo descompromissado social e politicamente, que enfatiza as pautas de moda, comportamento, entretenimento, etc. Para ele, o jornalismo “cor-de-rosa” deu uma nova roupagem ao “amarelo” e “marrom”.

Vale lembrar que o jornalismo amarelo ficou conhecido pelas notícias sensacionalistas impressas em papel amarelo, nos Estados Unidos. As informações eram superdimensionadas para dar um ar de espetacularidade e curiosidade. Já o marrom, que sucedeu o amarelo, trouxe para o jornalismo a vida privada de políticos e artistas, explorando as denúncias, escândalos e fofocas. Era um *voyeurismo* jornalístico. Na pós-modernidade, entretenimento, espetáculo e vida privada são explorados de forma mais sofisticada.

Segundo Ciro MARCONDES FILHO, todo jornalismo, na sua essência, é sensacionalista, pois é preciso fetichizar a notícia para vendê-la. Para ele, o jornalista não se limita a relatar um fato de forma árida, como um Diário Oficial, mas deve envolver a notícia numa embalagem que a torne atraente. A manchete bem trabalhada é um desses recursos. A reportagem também seria um aperfeiçoamento deste pacote, cujo conteúdo é o produto notícia (1983, p.40).

Já MARSHALL é mais radical na sua definição de sensacionalismo

É a tática de abalar, sacudir, desestabilizar, assustar, estremecer, emocionar ou inquietar as pessoas, provocando intencionalmente a erupção das sensações. Descargas de coisas anormais, estranhas e insólitas, que ativem descargas de adrenalina. Nada, entretanto, que chegue a despertar uma visão contextual e contestadora (2003, 42).

Os *fait divers*, como também são chamadas às notícias sensacionalizadas, servem para saciar a sociedade do espetáculo e consumo, renovando o cardápio de notícias, mesmo que não existam informações importantes (Idem, 48). Tal prática se popularizou nos tablóides do mundo todo.

Quanto ao entretenimento, a imprensa tem se tornado uma extensão acrítica do espetáculo. A era eletrônica trouxe um significativo impacto sobre o jornalismo. O código deu espaço ao signo, e o alfabeto ao audiovisual. Vive-se uma hegemonia da imagem. BUCCI fala de uma aproximação entre jornalismo e entretenimento, perfazendo a lógica do espetáculo (2000, 26). O jornalismo estaria se deslocando das suas fontes, a literatura e política, e caminhado em direção ao entretenimento e cultura pop (CARNEVALLI: 2003, Anexo p.1). Para ele, no espetáculo tudo se destina ao prazer, até mesmo as notícias. A imprensa, portanto, além de não ser conivente com o espetáculo, deve compreender como funcionam seus mecanismos de construção da realidade e explicá-los ao público (Idem, 201).

Para MARSHALL, essa tendência de carnavalização das páginas, em forma exuberante e conteúdo sem muita reflexão, começou com o jornal *Usa Today*, nos anos de 1980. O veículo passou a publicar páginas supercoloridas, com infográficos e *design* arrojado, além de diminuir o espaço para a cobertura política e aumentar o destinado às pautas sobre esportes, moda e comportamento (2003, 27).

Talvez um dos maiores exemplos dessa demanda por entretenimento, hegemonia visual e exploração da vida privada, seja a revista *Caras*. A fofoca sempre existiu no jornalismo, mas pela primeira vez as celebridades, criadas pela própria mídia, são as protagonistas. Sem a “cultura da TV”, uma revista como *Caras* não seria viável. Mais que fazer mexerico, a preocupação é invadir ao máximo a privacidade dos “ídolos”, a fim de explorar o que há de “belo, alegre, curioso, sofisticado, exagerado e suntuoso” na vida deles (MENEZES: 2002, 175). “O conflito, o choque, a indignação são elementos, na opinião dos editores fundadores da

publicação, inadequados a esse tipo de produto”, salvo quando produzem curiosidade, horror e espanto ligados as celebridades (Idem: 2002, 174).

Na pós-modernidade, o jornalismo como as demais instituições que se alicerçam sobre uma ética normativa e de valores absolutos, sofre uma significativa relativização dos seus ideais. Mais, do que isso, o princípio ético agora absoluto é o do mercado. Jorge Cláudio Ribeiro afirma que “trata-se, portanto, de uma lógica nem ética, nem política, mas mercadológica” (MIRA: 2001, 96).

1.3. Revista: uma mídia singular

As revistas, como nenhum outro veículo de comunicação, retratam as mudanças sociais e culturais, pois precisam constantemente de se adaptar a seu público (Idem, 217). Ao contrário dos jornais, que apresentam um projeto gráfico e editorial mais rígido, as revistas se mostram mais flexíveis (LAGE: 2001, 121).

Outra peculiaridade do gênero revista é o seu poder de formação de opinião. Por ter uma estrutura de divulgação mais intensa que os jornais, a revista acaba por ter uma circulação, e conseqüentemente, penetração maior (CARNEVALLI: 2003, 9). Ademais, ela apresenta uma longevidade maior, pois pode ser guardada por muito tempo, além de ser tida, pela diagramação atraente, como um objeto de recordação (VALLADA: 1989, 183). Além disso, é um dos poucos produtos que, se agregado um serviço (entrega por assinatura), o preço não se altera.

Segundo Kardec Pinto VALLADA, a revista funciona como qualquer outro produto. Pode ser adquirida por “hábito, impulso, comparação, utilidade e necessidade”. Todavia, quanto ao marketing, apresenta uma singularidade: serve como objeto de marketing, para vender-se; e como instrumento do mesmo, para vender outros produtos e serviços. Portanto, a revista tem dois públicos: os leitores e anunciantes (Ibidem).

Para sobreviverem no mercado e adquirirem prestígio, as revistas precisam de um tripé imaginário: conteúdo editorial, circulação e publicidade. Nesse esquema, o conteúdo editorial leva a uma maior circulação, que por sua vez, atrai os anunciantes (GUERCHFELD, 1999, 78). Apesar de o conteúdo editorial ser apontado como o grande responsável pelo sucesso de uma revista, não significa que o mesmo cumpra com o seu papel social. Haja vista uma pesquisa realizada entre profissionais de publicidade mostrar que a ética (30%) de um veículo jornalístico não

inspira tanta confiança nos anunciantes quanto o conteúdo editorial dele (66%) (Idem, 64).

Na era do marketing, a pura intuição na confecção da pauta se torna obsoleta, pois as pesquisas de mercado são indispensáveis para monitorar a rapidez com que o público muda, e a complexidade das características do mesmo (MIRA: 2001, 216). Os interesses do público representam um termômetro fundamental para a notícia. A notícia deve atingir o público individualmente, esse é o critério de proximidade da informação. Os gostos subjetivos dos indivíduos, que unidos, representam o gosto objetivo do público, modifica a importância dos fatos (MEDINA: 1978, 25).

Na década de 1990, aconteceu o *boom* da segmentação. O mercado das revistas, cada vez mais amparado pelas pesquisas, descobre nichos de atuação. A partir de então, grupos sociais ou classes profissionais passam a ser assediados pelas publicações especializadas. No mundo globalizado, em que simultaneamente a sociedade se fragmenta e se aglutina em guetos, as revistas segmentadas vêm dar a representatividade que os grupos, alguns outrora excluídos, buscam para a própria legitimação diante da sociedade (MIRA: 2001, 214).

1.4. Veja: uma história

A primeira revista de que se tem notícia é a publicação alemã intitulada *Erbauliche Monatsunterredungen (Edificantes Discussões Mensais)* de 1663. Já o primeiro periódico estilo magazine a surgir foi o *The Gentieman's Magazine*, criado por Edward Cave, o qual ficou conhecido como o pai dos magazines. Essa revista recortava as informações de interesse geral dos principais jornais diários e semanais. Tal estilo alcançou o seu apogeu de aceitação e vendas com a revista americana *Life*, cuja tiragem chegou a seis milhões de exemplares (CARNEVALLI: 2003, 44).

As revistas brasileiras têm com a sua pioneira *As Variedades ou Ensaios de Literatura*, lançada em 1812 na Bahia. Na virada para o século XX, esse gênero foi um divisor de águas no jornalismo nacional. Os jornais começavam a se distanciar da literatura, enquanto as revistas permaneciam. Posteriormente, vieram *O Cruzeiro*, *Manchete*, *Realidade* e *Visão* (Idem, 47).

Fruto de um sonho de mais de dez anos, a revista *Veja* nasceu do empreendedorismo e da confiança de Roberto Civita, filho do patriarca do grupo Abril, na tropicalização do estilo americano do *newsmagazine*. Tendo estudado

Economia e Jornalismo nos EUA, e estagiado na *Time*, Roberto Civita via no Brasil um mercado promissor para as revistas de informação geral. Com a popularização da TV no país, as revistas ilustradas, como *Manchete*, estavam fadadas, dentre em pouco, ao fracasso.

Em setembro de 1968, quando o periódico foi lançado, Victor Civita explicitou qual eram o estilo e a proposta de jornalismo de *Veja*: a revista “precisa acompanhar o extraordinário desenvolvimento dos negócios, da educação, do esporte, da religião (...) Pois *Veja* quer ser a grande revista semanal de informação de todos os brasileiros” (Idem, 59). O veículo tinha o objetivo de fornecer um resumo das informações da semana, procurando ser uma alternativa para aqueles que não tinham tempo para ler o jornal diariamente, mas que no fim da semana queriam e precisavam estar informados.

A primeira edição contou com uma equipe de mais de cem pessoas e custou cerca de quatro milhões de dólares. A tiragem foi de setecentos mil exemplares, e os desafios eram dois: padronizar o texto, a fim de informar com clareza e concisão; e fazer um projeto gráfico que facilitasse a leitura e a sinalização das seções. Apesar de o primeiro número ter sido um sucesso, *Veja* demorou alguns anos para cair no gosto do público brasileiro, que esperava uma revista com mais imagens, chegando a amargar uma tiragem de algumas poucas dezenas de milhares de exemplares.

Nascida na turbulência do AI-5, *Veja* se posicionou contra a ditadura militar. Tal postura custou a censura ao veículo. Calcula-se que os militares vetaram dez mil linhas de texto, além de 60 reportagens e mais de 60 fotos e ilustrações (Idem, 67). Uma simples nota, por exemplo, sobre a indicação de Dom Helder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife, foi suficiente para trazer um censor para a redação de *Veja*. A censura prévia acabaria só em 1976, com a saída de Mino Carta, que esteve à frente do periódico desde o seu lançamento. Neste mesmo ano, a revista chegaria a uma tiragem de 260 mil exemplares.

Mino Carta, um dos mais perseguidos pela ditadura, diz que na década de 1970, *Veja* era “uma revista de economia, política e cultura, podia até interessar comportamento”. Toda pauta tinha direcionamento político, até mesmo as de comportamento. Nessa época, mais do que política, a revista era muito ideológica. Para Maria Alice CARNEVALLI, *Veja* nunca deixou de se posicionar em defesa do estado de direito, do mercado e da democracia (Idem, 73).

Até a década de 1980 predominou o estilo *newsmagazine*, tendo em vista, a revista citar muitas vezes os jornais da semana. Nesta década também, *Veja* começa a usar boxes. Nos anos de 1990, a publicação assume uma linguagem mais criativa e leve, fazendo uso de um tom mais irônico, e priorizando as pautas de comportamento, com as instruções de “como fazer”. *Veja* caminhava para a fragmentação e hipertextualização da reportagem (TORRES: 2004, 54). A partir de 2000, percebe-se a consolidação dos infográficos, que por si só explicam a matéria. Esse último período também se caracteriza pelos verbos imperativos e uso de testes nas reportagens (Idem, 58).

No entanto, as maiores mudanças editoriais aconteceram a partir da década de 1990. Nessa época, houve uma sensível transição da linha editorial. A revista que, inicialmente se propunha a aprofundar os temas da semana, se desliga da pauta “quente” e investe em temas “frios”, especialmente os de comportamento.

Esse novo papel de *Veja* e das demais revistas de informação geral foi analisado na tese de doutorado de CARNEVALLI. Mediante análise de todas as capas do ano 2000, de *Veja*, *IstoÉ* e *Época*, Carnevalli mostrou a preferência dos periódicos pelas notícias descontextualizadas em âmbitos temporal e espacial (que ela denominou de *fait divers*), ou mesmo factuais desligadas da semana. Dentre essas classificadas como *fait divers*, as mais comuns são as que tratam sobre comportamento.

Na análise das capas, CARNEVALLI constata que exatamente 50% das edições analisadas apresentaram *fait divers* (como educação, dietas, sucesso profissional, etc), cerca de 27% tratam de assuntos factuais desvinculados da semana, e em último lugar, estão as pautas relacionadas diretamente a periodicidade das revistas em questão. No caso de *Veja*, os assuntos vinculados à semana, a proposta inicial da revista, são mais escassos ainda: 12% do total (CARNEVALLI: 2003, 72).

A tese aponta algumas razões para essa mudança na linha editorial:

- (1) os leitores de *Veja*, cuja maioria possui internet e televisão a cabo, não precisam que a sua revista semanal aprofunde os temas da semana, pois já têm acesso a comentários especializados por meio das mídias citadas (ibidem);
- (2) o público-alvo da revista, a classe média, tem necessidade de um manual de sobrevivência, pois vive numa sociedade fragmentada, insegura e muito

competitiva. Por isso as pautas abordam questões existenciais, como ensinar os leitores a arranjar um emprego, cuidar da saúde, educar os filhos, ou como encontrar alívio no esoterismo (idem, 175);

(3) o declínio da pauta de economia e política se deve, em nível internacional, ao fim da Guerra Fria, que acabou com a idéia da polarização entre bem (capitalismo) e o mal (socialismo); em nível nacional, a privatização das grandes estatais transformou a classe média em mão-de-obra pública em privada, portanto, as decisões do governo já não interessavam tanto para o cotidiano desses indivíduos; por fim, em nível cultural, esse fenômeno se explica pelo declínio do homem público, ou seja, o desinteresse da população pelas questões coletivas em detrimento as individuais e a curiosidade pela vida privada alheia (idem, 176-177);

(4) não tão importante, mas significativo, foi a questão da competitividade entre as revistas, que as forçou a recorrerem a pautas mais diversificadas, e invariavelmente, frias (Idem, 11).

No entanto, vale enfatizar a relação entre a mudança editorial de *Veja* com o impacto da lógica do mercado sobre o jornalismo. Se não vejamos: não curiosamente, as capas classificadas como fait divers foram as que mais venderam no ano de 2000, em torno de 53%, enquanto as factuais desvinculadas da semana ficaram com 36%, e por último, as edições com capas sobre temas ligados diretamente ao período da revista, somaram 11% das vendas. Essas porcentagens se tornam mais significativas, quando se constata que juntas, as três revistas de informação no período analisado, venderam 17.481.417 de exemplares. Ademais, a capa mais vendida da *Veja* em 2000, foi sobre dieta (Idem, 172).

Outra evidência da postura mercadológica mais intensa de *Veja* nos últimos anos é a exposição das capas em outdoors. Eurípides Alcântara, em 2001, quando foi entrevistado por CARNEVALLI, tinha mais de 20 anos de trabalho em *Veja*. Ele explicou que apesar de a revista ser líder no Brasil e possuir cerca de um milhão de assinantes, ainda depende muito das vendas nas bancas, que em média representam cerca de 250 mil exemplares. Ao contrário da *Time*, que vende 150 mil exemplares nas bancas, mas tem quatro milhões de assinantes, *Veja* espera a venda em banca como um dado crucial (Idem, Anexo p.4).

Desde a década de 1970, *Veja* se vale de pesquisas para tentar compreender e agradar o leitor. Esse uso do marketing resultou num esvaziamento ideológico da redação, tal qual o restante da grande imprensa. A declaração de Eurípides Alcântara evidencia isso: “acreditamos, hoje, que os conceitos sobre esquerda e direita estão muito diluídos. Do ponto de vista ideológico, *Veja* é resultado da cultura ocidental em defesa da democracia e das privatizações no campo econômico” (Idem, 73).

A visão de Roberto Civita sobre a função do editor de revista parece bem afinada com o neoliberalismo: “o verdadeiro editor é aquele que consegue manter o equilíbrio entre ser jornalista e ser empresário competente” (DINES e outros: 1997, 52). Para ele é preciso sentir o pulso do leitor. E isso a *Veja* mede de quatro maneiras: (1) pelas vendas nas bancas; (2) pelas pesquisas Gallup, que mostram quais matérias são mais lidas; (3) pela repercussão de *Veja* na imprensa; (4) pelas cartas dos leitores (MIRA: 2001, 95).

Para Bucci, por questões mercadológicas, as revistas querem falar para o gosto de um leitor cada vez mais individualista (CARNEVALLI, 2003, Anexo p.4). Essa tendência reflete o quadro da relação entre o público e pauta atualmente. Os leitores têm necessidades e anseios bem próprios da pós-modernidade, que via de regra colidem com o que um jornalismo comprometido socialmente poderia oferecer. No entanto, por querer fidelizar o público, a imprensa acaba por nivelar-se por baixo, abrindo mão da busca e exposição da verdade, em nome de um suposto “mandato do leitor”. Tal qual a sociedade e a imprensa em geral, *Veja* deixou o engajamento político, para render-se pela ideologia do capital. Pois pautar o que o público quer, não é necessariamente democratizar a pauta, mas fidelizar o leitor-consumidor ao veículo, a fim de garantir os investimentos dos anunciantes.

2. Resumo e conclusões

Este capítulo procurou mostrar como o jornalismo ideológico, concebido na modernidade, foi assimilado pelo capital, afastando-se do seu compromisso social de investigação e comunicação da verdade. É fato que o jornalismo sempre foi uma atividade comercial, portanto, que objetivava o lucro. No entanto, o liberalismo, que inicialmente possibilitou a independência editorial da imprensa, mostrou-se posteriormente traiçoeiro, tornando a ética de mercado a norteadora da prática

jornalística. Nesse clima de concorrência, os veículos passaram a disputar como nunca a fidelidade dos seus leitores-consumidores, a fim de garantir a própria cartela de anunciantes.

Para que um veículo de comunicação se tornasse competitivo, precisava “sanear” ideologicamente a sua redação, modernizar seu parque tecnológico e profissionalizar a administração da empresa, implantando uma mentalidade voltada para o marketing. Para legitimar tal mudança, vários veículos assumem o discurso do “mandato do leitor”, um pseudo-nome para a adequação da linha editorial às tendências levantadas nas pesquisas junto ao público.

Tal estratégia tem claro reflexo nas pautas das revistas, que por sua vez, têm a peculiaridade de representarem mudanças culturais, por se adaptarem constantemente às expectativas dos leitores. A revista *Veja*, não fugiu à regra. Responsável pela introdução do modelo *newsmagazine* no Brasil, a líder de vendas no País, adaptou a sua linha editorial à nova tendência. Nascida com o ideal de se opor à ditadura militar, *Veja* teve a ideologia política como bandeira nas suas duas primeiras décadas. No entanto, a partir dos anos de 1990, o periódico se “esvazia” ideologicamente e passa a dar destaque às pautas desvinculadas da semana, especialmente as de comportamento. Não mais com uma proposta de resumir e aprofundar as notícias “quentes” da semana, *Veja* se propõe a cumprir o papel de manual de sobrevivência para uma classe média desinteressada nas ideologias e ávida por soluções existenciais.

Portanto, pode-se estabelecer uma relação entre a mudança editorial de *Veja* e as transformações culturais e econômicas ocorridas nas últimas décadas. A transição da modernidade para a pós-modernidade alterou radicalmente a cosmovisão, interesses e expectativas dos leitores, bem como relativizou os ideais jornalísticos, subjugando-os à ética do capital. Paralelamente, a competitividade imposta pelo mercado neoliberal impulsionou a subserviência do jornalismo ao marketing, que passou a se pautar pelas preferências de um leitor-consumidor pós-moderno.

O próximo capítulo pretende relacionar esse panorama teórico com as mudanças na abordagem que *Veja* fez do fenômeno religioso, ao longo da sua própria história.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DAS REPORTAGENS DE CAPA DE *VEJA* SOBRE O FENÔMENO RELIGIOSO

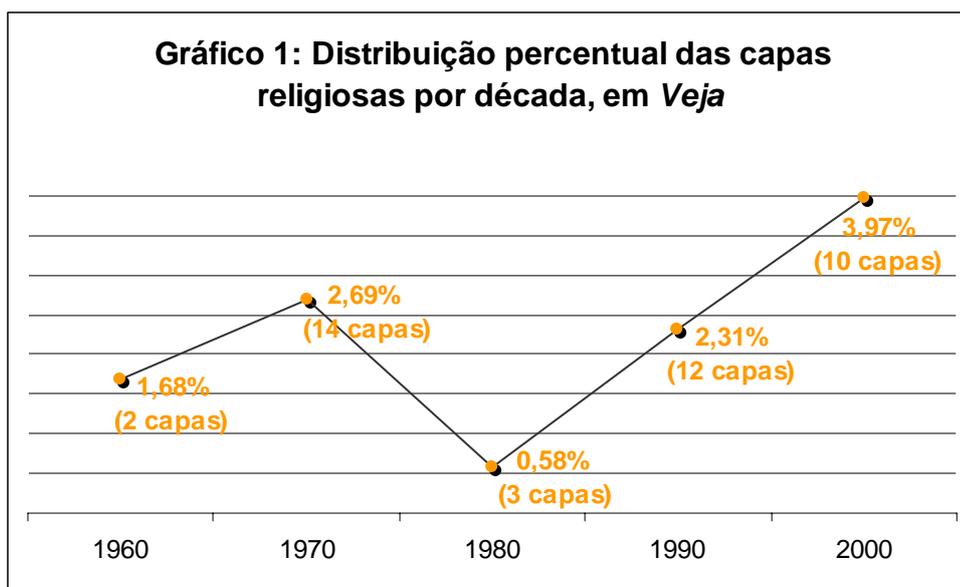
O presente capítulo visa mostrar a relação entre as mudanças culturais e econômicas que afetaram a religiosidade e a imprensa nas últimas décadas, com o modo com que *Veja* abordou o fenômeno religioso durante os seus 37 anos de história.

Para tanto, foi realizada, primeiramente, uma pesquisa em todas as edições de *Veja*, desde o seu lançamento até o dia 26 de outubro de 2005, para se levantar com que frequência (quantas vezes) a temática religiosa foi reportagem de capa da revista. Posteriormente, esse material foi dividido em sete classificações, a fim de determinar quais aspectos (o que) da religiosidade foram mais ou menos explorados pelo veículo, e em que época houve essa variação (quando). Por fim, foi selecionada a reportagem mais significativa de cada categoria, para uma verificação mais detalhada da abordagem (como), por meio de uma análise descritiva do conteúdo das mesmas.

1. Análise freqüencial das capas religiosas de *Veja*

No primeiro editorial de *Veja*, em setembro de 1968, Victor Civita disse que a proposta da Abril era fazer da revista o grande semanário de informação geral dos brasileiros. Dentre os assuntos que seriam tratados estava a pauta religiosa. Nada mais natural que *Veja* tratasse do fenômeno religioso, haja vista o Brasil professar ser um dos países mais apegados ao sagrado. A primeira pergunta, no entanto, seria se *Veja* em algum momento de sua história enfatizou mais essa pauta, levando em conta que a religiosidade do brasileiro tem passado por profundas transformações, e a temática religiosa tem conquistado cada vez mais espaço na imprensa.

Para analisarmos esse comportamento editorial de *Veja*, levantamos quantas foram as capas relacionadas ao fenômeno religioso. Para uma melhor visualização da trajetória editorial da revista, separamos a frequência das capas sobre religiosidade por décadas. Vale destacar que os percentuais apontados correspondem a representatividade das capas religiosas sobre o número total de edições da revista em cada década. Observemos o gráfico abaixo:



Conforme o nosso levantamento, constatamos que o interesse de *Veja* pela pauta sobre religião cresceu nos últimos cinco anos. Das 41 capas publicadas sobre o fenômeno religioso, ao longo dos 37 anos de história de *Veja*, 10 edições o foram a partir de 2001. É verdade que a década de 1970 apresenta maior número de capas sobre o assunto, pois se trata de uma década completa, ao contrário da atual, em que só transcorreram cinco anos. Logo, a década de 2000, mantido esse crescimento, deve superar a de 1970 em números de edições sobre a pauta religiosa.

Outro dado relevante é que a década de 1990 apresentou um número razoável também de edições sobre o assunto. Provavelmente, não superou ou empatou com a de 1970, pois nessa última, aconteceram as mortes dos papas Paulo VI e João Paulo I, além da eleição de João Paulo II, o que representou três capas imprevistas.

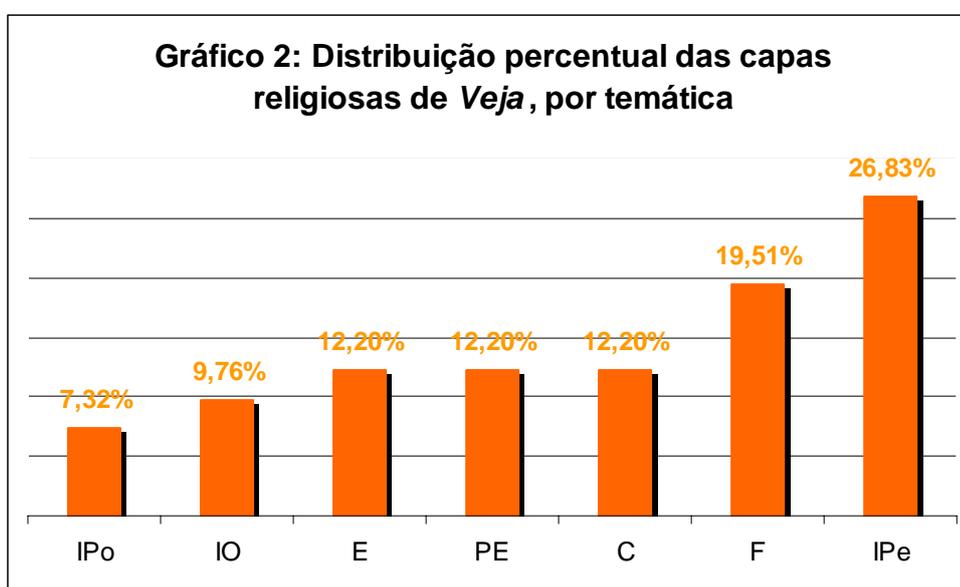
Quanto aos números da década de 1960, há que se relevar que esse período corresponde apenas a dois anos e meio, já que *Veja* foi lançada em setembro de 1968. Contudo, se comparada à década de 1980, o percentual é relevante. Por fim, os índices da década de 1980 se mostram os mais baixos da história da revista,

apenas 0,58% das capas daquele decênio, o que equivale a três capas. A explicação para essa estatística, talvez seja o destaque que a revista teve que dar, nos anos 1980, aos assuntos políticos e econômicos, tendo em vista que o Brasil passava por um processo de redefinição política com o fim da ditadura militar. Evidência disso é que as capas religiosas dessa década só foram publicadas antes de 1984, o ano das *Diretas Já*.

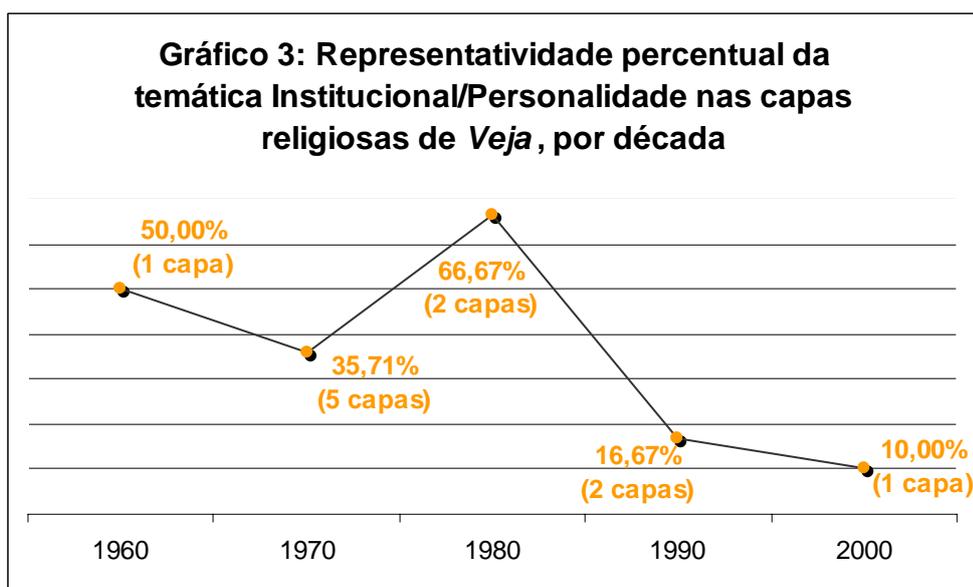
Vale ressaltar que essa análise preliminar serviu apenas para fornecer um pano de fundo do interesse do veículo pela pauta religiosa. Tais dados mostram certa adequação da linha editorial com as expectativas de seu público, haja vista que os indivíduos estão cada vez mais espiritualizados. Todavia, as evidências contundentes para a pergunta levantada por esse estudo, estão nas próximas duas análises.

2. Análise freqüencial temática das reportagens de capa de *Veja*

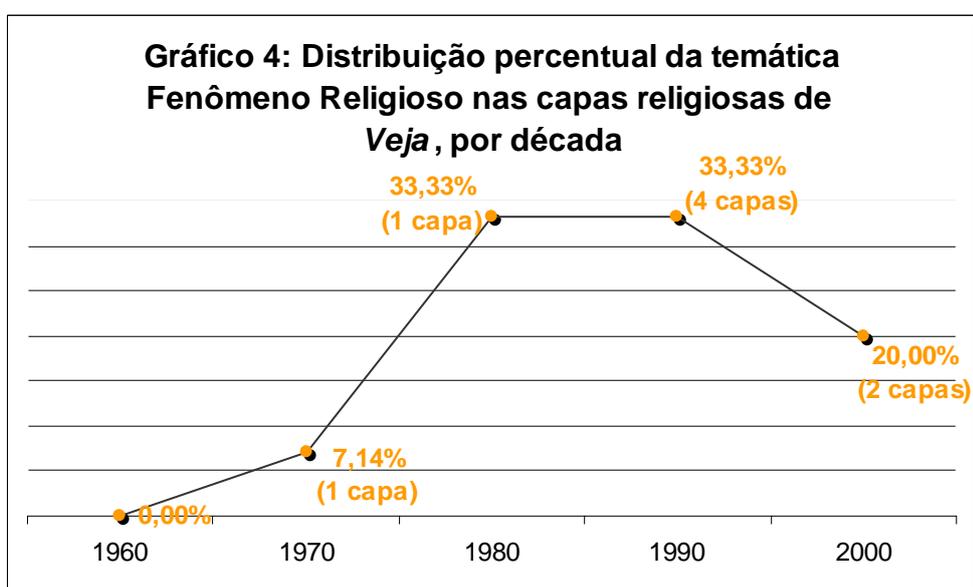
Para identificar como se deu a mudança editorial de *Veja* é preciso verificar também com que freqüência as sete categorias de pauta, sugeridas na introdução, foram capa da revista. Para facilitar a visualização do próximo gráfico, estabeleceu-se abreviaturas para as temáticas de capa, à saber: (1) Institucional/Personalidade (IPe); (2) Institucional/Organização (IO); (3) Institucional/Política (IPo); (4) Fenômeno Religioso (F); (5) Espetáculo; (6) Polêmica/Escândalo; (7) Científica (C). Portanto, diante dessa divisão temática e de suas respectivas abreviaturas, podemos observar a sua representatividade na história de *Veja*, por meio do gráfico abaixo:



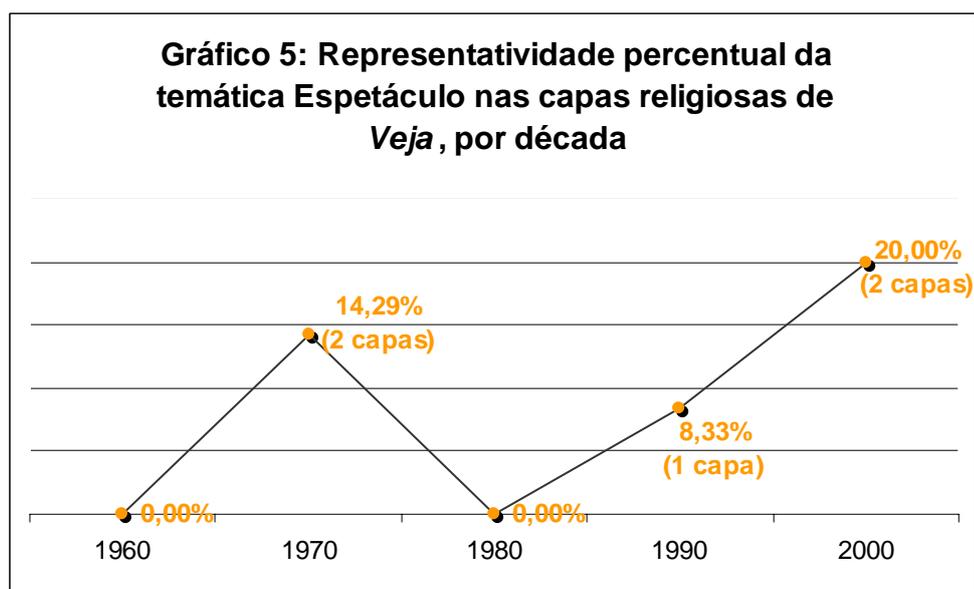
Conforme o demonstrativo, podemos verificar que a temática Institucional/Personalidade foi a mais freqüente entre as capas de religião, com 26,83%. Esse tipo de reportagem esteve presente desde a década de 1960, consolidando-se na década seguinte, com a eleição do papa João Paulo II, o qual foi capa de *Veja* em treze oportunidades. Apesar de menos freqüente, perdurou nas décadas de 1980 e 1990 (ver Gráfico 3). Em 2005, a pauta volta à capa, na edição sobre a eleição do papa Bento 16.



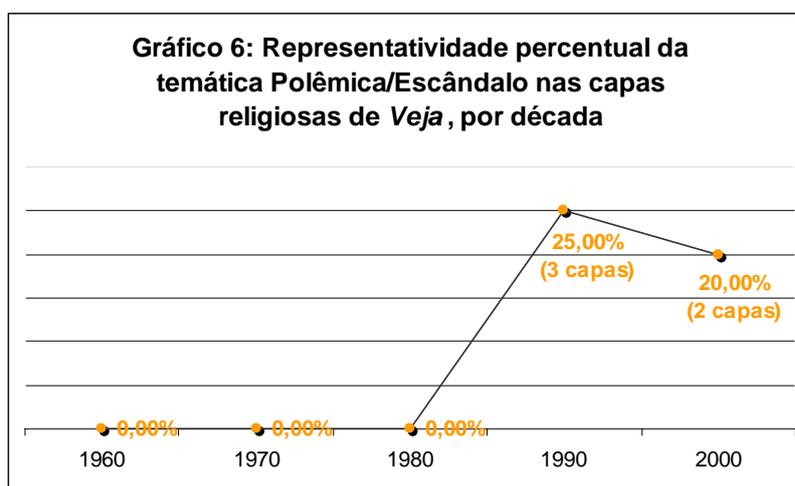
A segunda temática mais representativa é a que interpreta o fenômeno social por meio das ciências humanas (19,51%). Esse tipo de abordagem surgiu no final da década de 1970, e predominou nos anos 1990, principalmente por tratar do crescimento das igrejas evangélicas no Brasil (ver Gráfico 4).



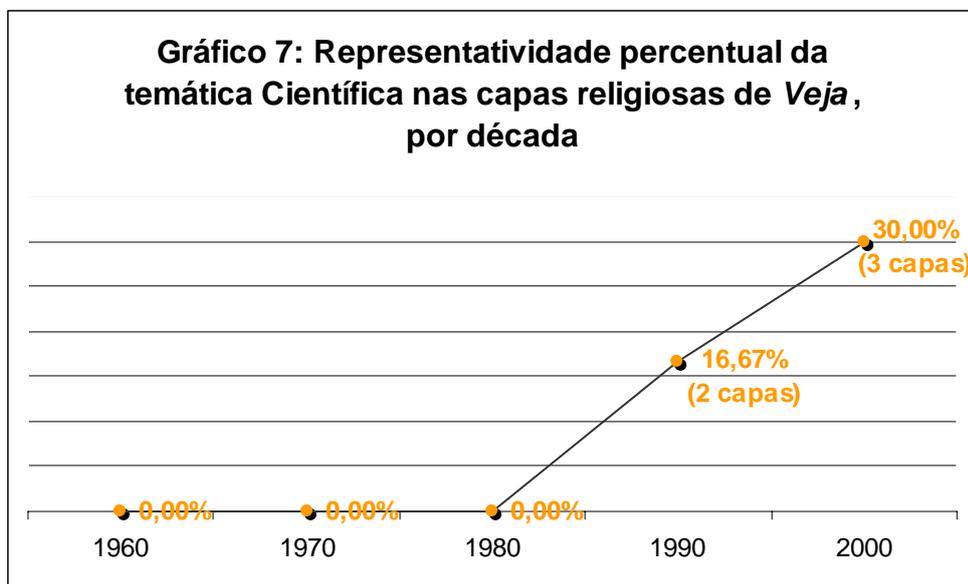
Empatados em terceiro lugar, com 12,20%, aparecem as temáticas de Espetáculo, Polêmica/Escândalo e Científica. A primeira, Espetáculo, se destaca por conter as duas maiores reportagens em termos de páginas, ambas sobre a visita de Carol Wojtyla ao Brasil, em 1980. João Paulo II voltaria a ser capa nessa categoria, ao ser fotografado agonizando de dor quando tentava abençoar seus fiéis no Vaticano. O padre Marcelo Rossi, em 1998, também ganhou uma reportagem de capa (ver Gráfico 5).



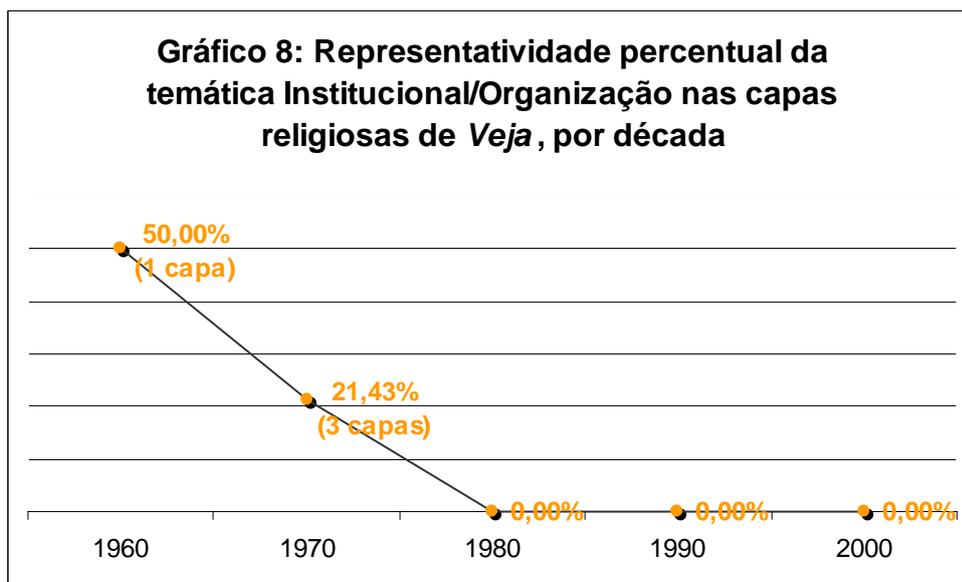
A temática Polêmica/Escândalo veio aparecer somente em 1995 (ver Gráfico 6), com duas reportagens sobre a Igreja Universal do Reino de Deus, em sua disputa pelos fiéis com a Igreja Católica, e pela a audiência com a TV Globo. Posteriormente, teríamos uma capa sobre as denúncias de pedofilia contra os padres americanos. No entanto, a mais representativa foi a de 2003, sobre o lançamento do filme estrelado pelo padre Marcelo Rossi, que exaltava a Virgem Maria.

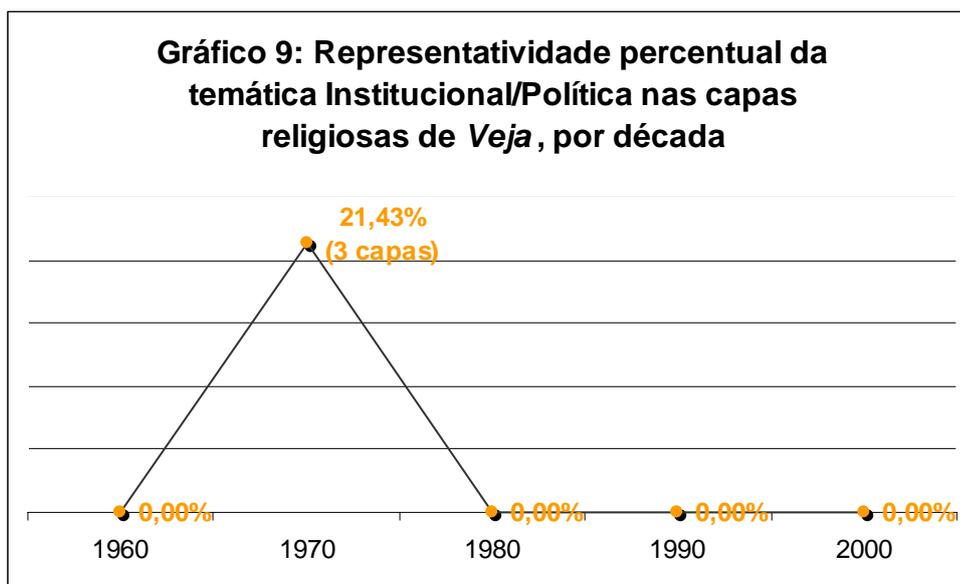


Quanto às capas classificadas como Científicas, também se iniciam em 1995. Caracterizam-se por serem reportagens sazonais, geralmente publicadas na Páscoa e Natal. Estas ganham força no final dos anos 1990, e se tornam as mais frequentes de 2001 em diante (ver Gráfico 7).



As duas temáticas menos populares, respectivamente, Institucional/Organização (9,76%) e Institucional/Política (7,32%), são contemporâneas. A primeira, predominou nos primeiros seis anos de *Veja*, não aparecendo mais (ver Gráfico 8). Já a segunda, ocorreu apenas no final dos anos 1970, no contexto da ditadura militar (ver Gráfico 9).





3. Análise descritiva do conteúdo das reportagens de capa religiosas de *Veja*

Diante dessa noção geral da distribuição temática das reportagens de capa sobre religião, ao longo da história de *Veja*, é preciso passar para um estágio mais detalhado da análise da mudança editorial da revista: o conteúdo das reportagens. Devido ao grande número de edições, 41, optamos por discorrer sobre a que representasse cada uma das temáticas. Apresentaremos também breves inter-relações entre as reportagens selecionadas e suas congêneres. Para que o leitor tenha uma noção geral das reportagens que compõem cada classificação, apresentaremos, no início da análise de cada temática, uma breve tabela com as informações sobre as capas correspondentes daquela seção.

3.1. Análise da temática Institucional/Personalidade

Nesta subdivisão trataremos de analisar as peculiaridades da classificação Institucional/Personalidade, a fim de verificar nesta, evidências da mudança editorial de *Veja*. Esta temática contou com 11 reportagens, conforme alistadas abaixo:

Tabela 1: Capas com a temática Institucional/Personalidade nas 41 edições analisadas

| Nº. | Data | Edição | Manchete |
|----------|------------------|------------|--|
| 1 | 2/9/1970 | 117 | “Paulo VI, o político” |
| 2 | 7/2/1973 | 231 | “Os dois novos cardeais do Brasil” |
| 3 | 16/8/1978 | 519 | “Depois de Paulo VI: À espera do novo pastor” |
| 4 | 4/10/1978 | 526 | “A morte do papa” |
| 5 | 25/10/1978 | 529 | “Uma revolução na Igreja” |
| 6 | 30/1/1979 | 543 | “O papa na América” |
| 7 | 20/5/1981 | 663 | “O atentado contra o papa: o tiro que feriu o mundo” |
| 8 | 22/6/1983 | 772 | “João Paulo II na Polônia: O apóstolo do fim do século” |
| 9 | 22/5/1996 | 1445 | “O sofrimento do papa” |
| 10 | 1/10/1997 | 1515 | “O papa” |
| 11 | 27/4/2005 | 1902 | “A Igreja congelada” |

Como apontado em negrito na Tabela 1, a reportagem sobre a qual nos demoraremos mais é da edição 772, cuja manchete é “João Paulo II na Polônia: O apóstolo do fim do século”. Esta capa representa bem a visão inicial de *Veja* quanto ao pontificado de Carol Wojtyla, que foi positiva, desde a eleição do pontífice em 1978, até a queda do comunismo, no começo dos anos 1990.

A capa da referida edição traz o papa no canto esquerdo inferior da capa da revista, com as vestes pontificais e sua imponente mitra. Além disso, ele está com o braço direito esticado e com a respectiva mão aberta, destacando o anel de pescador, símbolo da “linguagem apostólica” dos papas, supostamente iniciada com São Pedro. Apesar de a foto mostrar apenas o papa de perfil, percebe-se um sorriso amistoso no rosto do polonês.

A mensagem transmitida pelo “casamento” da manchete e da foto, parece comunicar um homem enviado, aliás, esse é o sentido da palavra “apóstolo” em grego, língua original em que foi escrita a história de Cristo e seus discípulos na Bíblia. João Paulo II é apresentado como aquele que tem uma missão para um tempo específico: o final do século XX. Por sua vez, as roupas pontificais dão a idéia de poder e autoridade para realizar o trabalho comissionado. Já o sorriso, o olhar e a mão estendida expressam, respectivamente, o carisma desse líder, a visão e o alcance dos seus planos.

Tal interpretação, penso ser confirmada pela observação do título interno da reportagem e de seu suspensório (p.50). A chamada interna “O guerreiro da fé” dá a idéia de um militante, um idealista. Já o suspensório: “Hoje, na Polônia. Ontem, na

Nicarágua. Amanhã, na União Soviética. Para João Paulo II, o tempo é pouco para cumprir a sua meta do ano 2000”, destaca os países em que o comunismo ameaçava entrar (Nicarágua), ou em que já era um regime consolidado (Polônia e União Soviética). Os advérbios de tempo dão a idéia de urgência, ou no mínimo pressa do pontífice em concluir a sua obra. Obra, que no decorrer da reportagem, a revista identificaria mais claramente como a derrubada do comunismo.

A primeira fotografia da reportagem (p.50) também confirma a interpretação da capa. Ela mostra João Paulo II acenando para a multidão numa missa no estádio de Varsóvia. O gesto do pontífice, com a mão, é bem semelhante ao da capa. Na legenda, o repórter destaca o poder do papa sobre a massa, com a expressão “João Paulo II paralisa Varsóvia...”. O final da legenda, “... a nação polonesa em estado de graça”, reforça a idéia da popularidade do polonês.

Essa reportagem retrata bem a classificação que demos Institucional/Personalidade, pois ao longo de suas oito páginas, enfatiza várias vezes as aspirações e as características da personalidade papal. Quanto aos objetivos de João Paulo II, trechos como “...a essência de sua convicção permanece inalterada...” (p.50), “A obstinação do pontífice...” (idem), mostram essa característica da reportagem. A mais clara referência, talvez, seja a da página 51, em que o repórter questiona se o papa não estaria usando o seu papel espiritual para atuar politicamente na Polônia, e em maior escala, no combate ao comunismo.

No que tange ao destaque das características pessoais de João Paulo II, temos os trechos: “uma força mística na natureza” (p.50), “... e usar seu carisma universal da forma mais ostensiva e cênica possível” (p.52), “... ele já é capaz de se exprimir de forma perfeitamente inteligível em 44 línguas” (idem), “Foi a resplandecente visibilidade de João Paulo II...” (p.54). Tais afirmações retratam um pontífice carismático e preparado para uma grande missão.

Outra peculiaridade dessa reportagem é a comparação de João Paulo II com os papas anteriores. Vale destacar que, *Veja* considera Wojtyla como mais preparado ou eficiente que os demais, haja vista, por exemplo: (a) ele se tornou um líder mundial em menos de cinco anos (p.52); (b) dirige a Igreja como um executivo, de forma moderna, fazendo com que todos executem o que ele quer (p.54); (c) pela valorização dos símbolos católicos mostra apreço pelo que o homem constrói no íntimo da própria alma (p. 57); (d) por ter passado uma juventude difícil, sua visão

sobre o trabalho exploratório não é meramente teórica (idem); (e) ele não é do tipo que apenas lamenta, mas que faz as coisas acontecerem (p. 55).

A revista se mostra tão otimista e centrada na figura do papa, que acaba por escorregar para a espetacularização. Na página 52, por exemplo, se refere a ele como uma “estrela de primeira grandeza”, que estava a “brilhar” no “palco” da política mundial. Na mesma página, um pouco mais a frente, o periódico coloca a opinião de Kenneth Briggs, editor de religião do jornal americano *New York Times*, o qual classifica o papa como “uma figura simbólica extremamente importante, que todos ouvem com êxtase...”. A revista também cita uma pesquisa entre os franceses que considerava a influência política do papa maior que do então presidente americano Ronald Reagan, e do líder soviético Yuri Andropov. Apesar de discordar do exagero da comparação, *Veja* classifica como singular o papel político de João Paulo II.

Outro aspecto interessante da reportagem, tal qual nas demais matérias de *Veja* no período da Guerra Fria, é a sua tônica política. Isso fica evidente na página 50, na qual a revista destaca o alívio que a visita papal representou para os poloneses, cujo governo comunista limitava a liberdade individual da população. Na página 53, as fotos retratam o prestígio político do papa, ao mostrarem Wojtyla com o líder palestino Yasser Arafat, e falando na assembléia da ONU. Mais um caso está na página 57, onde a revista adjetiva como “monumental” a luta do papa contra a opressão soviética na Polônia. Finalmente, na página 58, a revista dá o seu “recado” para os clérigos militantes brasileiros, ao falar do apoio limitado que João Paulo II dava a Teologia da Libertação.

A reportagem termina com a visão “profética” do papa. Para João Paulo II, a missão a ele confiada pela Nossa Senhora de Fátima era de converter o mundo comunista. Tal qual Israel, na narrativa bíblica do Antigo Testamento, a Polônia teria um papel especial na espiritualidade do mundo, pois ajudaria no desmantelamento do comunismo no leste europeu. A última grande barreira a derrubar seria a União Soviética, e esta na virada do milênio.

Evidentemente, a abordagem de *Veja* nesta reportagem encontra semelhanças com as demais classificadas como Institucional/Personalidade. Entre as similaridades estão o enfoque na biografia, pensamento e características pessoais dos líderes religiosos. Tais aspectos podem ser observados na edição 117, que trata da capacidade diplomática do papa Paulo VI em apaziguar a polarização

teológica do catolicismo de sua época; na edição 231, o mesmo ocorreu, com a ênfase na biografia e atributos pessoais dos recém-eleitos cardeais D. Paulo Evaristo Arns e D. Avelar Brandão Vilela, respectivamente, adjetivados pela revista de o renovador e o diplomata. As edições 526, 519 e 529, evidentemente, também não poderiam fugir a essa característica, pois discorrem sobre mortes e eleições de papas.

Por sua vez, a edição 543, apesar de falar sobre um momento de controvérsia teológica dentro da Igreja Católica, destaca a figura de João Paulo II, em sua visita ao México em 1979. A edição sobre o atentado ao papa (663) também se enquadra nesta classificação, pois enfatiza todo o valor simbólico que João Paulo II havia conquistado, referindo-se ao pontífice como “o risonho peregrino” (p. 39), e o “símbolo da paz” (p. 34).

Apesar de manter o mesmo fio condutor das anteriores, as reportagens da década de 1990 em diante vão mostrar uma nova postura da revista em relação ao pontificado. Agora, sob a redação de Mário Sabino, as edições passam a retratar um papa (João Paulo II) cansado, frágil, velho, doente e retrógrado. A debilidade de Wojtyla e a suspeita de sua renúncia foram exploradas, por exemplo, na edição 1445: “O sofrimento do papa”. Nesta matéria, o pontífice é retratado como um “apóstolo” que já cumpriu a sua missão, pois derrubou o comunismo e abafou a voz dos “hereges” da Igreja. Outra evidência é o número 1515, que ao contrário da extensa e espetacularizada cobertura da primeira visita de João Paulo II ao Brasil, usa a terceira visita do pontífice apenas como pretexto para a reportagem. Para Patrícia Ceolin NASCIMENTO, o discurso dessa reportagem de *Veja* se vale da ironia para questionar a Igreja e a figura papal (2002, p. 116). Expressões como “nove são os títulos a pesar sobre os ombros de um homem alquebrado pela doença”, dão a tônica da abordagem.

Na edição de 27 de abril deste ano, mudou o papa, mas não a postura crítica em relação a Igreja. Na reportagem sobre a eleição de Bento 16, o pontífice alemão é retratado como ultraconservador, menos carismático e ecumênico que seu predecessor. A própria manchete reflete a idéia da matéria “A Igreja congelada”. O discurso negativista de *Veja* é reforçado com o espaço dado à falência da força institucional do Vaticano sobre os católicos europeus.

No entanto, não poderíamos encerrar a análise dessa temática sem mencionarmos o sensível impacto da eleição de Carol Wojtyla sobre a abordagem e

freqüência dessa classificação. João Paulo II, desde que chegou ao papado, foi capa treze vezes da revista. Além disso, percebe-se que *Veja* explorou o carisma, a mística e a simbologia de sua imagem de modo singular. Muitas vezes as pautas que tratavam do papa penderam para a espetacularização, aspecto este que será detalhado posteriormente. De qualquer forma, positiva ou negativamente, João Paulo II foi sempre pauta certa no periódico. Na glória ou no sofrimento, lá estava o popular polonês. Na medida em que a imagem de Wojtyla era explorada pela revista, mudava a abordagem do texto. As pautas que outrora se detinham mais no idealismo ou nos atributos intelectuais do pontífice, passaram a destacar mais o valor simbólico e as características estéticas de João Paulo II.

3.2. Análise da temática Fenômeno Religioso

Nesta seção trataremos de analisar as peculiaridades da classificação Fenômeno Religioso, a fim de verificar nesta, evidências da mudança editorial de *Veja*. Esta temática contou com oito reportagens, conforme alistadas abaixo:

| Tabela 2: Capas com a temática Fenômeno Religioso nas 41 edições analisadas | | | |
|---|-----------------|-------------|---|
| N | Data | Edição | Manchete |
| 1 | 19/12/1979 | 589 | “Deus está de volta” |
| 2 | 16/5/1990 | 1130 | “Guerra Santa” |
| 3 | 25/12/1991 | 1214 | “A decadência do catolicismo no Brasil” |
| 4 | 2/4/1997 | 1489 | “Crer em Deus: o que é isso hoje?” |
| 5 | 2/7/1997 | 1502 | “Evangélicos: como a religião está ajudando pessoas humildes a conquistar o reino da terra” |
| 6 | 15/7/1998 | 1555 | “A fé contra o crime” |
| 7 | 19/12/2001 | 1731 | “A fé que move o Brasil” |
| 8 | 3/7/2002 | 1758 | “A nação evangélica” |

Nesta temática daremos destaque para a reportagem “A nação evangélica”. Esse tipo de pauta é resultado direto das mudanças significativas ocorridas na religiosidade brasileira, já expostas no primeiro capítulo. Dentre essas transformações a mais significativa e de maior repercussão em *Veja* foi o crescimento das igrejas evangélicas, que acabou com a hegemonia do catolicismo e trouxe nova configuração para o mapa religioso nacional.

A manchete “A nação evangélica” já denota a drástica mudança na pauta da revista, que até o final da década de 1980 só tinha espaço para o catolicismo,

fazendo uma abordagem unilateral da fé brasileira. O substantivo “nação” tenta transmitir, ainda que sensacionalizado, o crescimento evangélico. Por sua vez, as expressões “ficando cada vez mais” e “isso começa a mudar” caracterizam a abordagem de um fenômeno social. Já a foto, closada na face dos jovens que participavam de um evento religioso em Belo Horizonte, enchem a capa, transmitindo uma idéia de multidão, que em êxtase, conquistam seu espaço.

O título interno confirma a interpretação da capa. A frase “A força do Senhor” faz referência a representatividade e influência social dos evangélicos, haja vista, a expressão “Senhor” ser um jargão pentecostal (p.89). O suspensório dá a mesma idéia, pois menciona o impacto da fé evangélica nos esportes, política, nos presídios e na mídia (idem). Mais uma evidência de que a pauta parte de um fenômeno é o fato de que a reportagem é “fria”, ou seja, seguindo a tendência dos últimos 15 anos de *Veja*, não pretende aprofundar um fato da semana. Prova disso é que o evento evangélico ocorrido na capital mineira aconteceu em abril de 2002, e a edição é de quase três meses depois.

A reportagem é iniciada com a justificativa da matéria: o censo divulgado pelo IBGE em 2002, mostrava que mais de 15% dos brasileiros, cerca de 26 milhões de pessoas, professaram ser protestantes (idem). O repórter ainda salientou que esse índice é maior em alguns estados como Rio de Janeiro e Goiás (20%), e Espírito Santo e Rondônia (25%). No entanto, a revista não tem o objetivo, de nessa reportagem explicar esse crescimento, o que já fizera em matérias anteriores, mas discorrer sobre o impacto dos evangélicos em setores da sociedade até então não influenciados por estes.

O primeiro reflexo do crescimento evangélico seria no perfil das famílias brasileiras. Mesmo quando com baixo nível de escolaridade, os protestantes tendem a ter menos filhos que os brasileiros em geral. Além disso, os fiéis costumam casar com os “irmãos de fé”. No campo político, a “força evangélica” pretenderia eleger seu presidente da república, cujo candidato mais cotado seria o presbiteriano Anthony Garotinho. No Rio de Janeiro, a evangélica Benedita da Silva já havia sido eleita governadora do estado (p. 90). Outro diálogo entre a política e a fé protestante se dava entre o Partido Liberal (PL) e a Igreja Universal do Reino de Deus, além da bancada de mais de 50 parlamentares evangélicos na Câmara Federal (p. 95).

No campo dos esportes, os chamados “atletas de Cristo” também começavam a deixar a sua marca, com menos violência e menos palavrões em campo (p. 92). Já

no submundo dos presídios, o trabalho evangélico é apresentado como singular, pois ajudava os presidiários a galgarem a regeneração, indicada por um melhor comportamento mesmo dentro da prisão (idem). Por fim, o impacto protestante se fez sentir também na indústria de bens culturais, como CDs e livros segmentados, tendo em vista também a média de leitura entre os fiéis ser maior que a nacional (p.95).

Mais uma característica que merece ser destacada nesse tipo de temática é o uso de estatísticas. Nas abordagens Fenômeno Religioso, *Veja* nunca dispensa os infográficos. Nesta em específico são dois: um sobre o crescimento dos evangélicos (p.88) e outro mostrando as principais estatísticas das igrejas protestantes, pentecostais e neopentecostais mais representativas no Brasil (p.94-95). Tal recurso visa justificar a relevância do fenômeno, e conseqüentemente da pauta, além de dar um panorama dos antecedentes históricos do respectivo comportamento.

Outra peculiaridade desta classificação é o uso de declarações comprobatórias de especialistas no assunto, que são citadas para legitimar a interpretação dada pela revista. Nesta reportagem, por não focar a explicação do comportamento, são citadas apenas três estudiosos: os sociólogos Alexandre Brasil Fonseca (p. 93) e Ricardo Mariano (p. 94), e o economista Carlos Lessa (p. 93). Além disso, é mencionado um estudo do Instituto Superior de Estudos da Religião (Iser), na página 89.

Uma tendência de *Veja* quando trata da pauta de comportamento é dar muito espaço para as “celebridades”. Elio Gaspari, que trabalhou em *Veja* por mais de 20 anos, quando entrevistado por Maria Alice CARNEVALLI, apontou essa característica como uma estratégia da revista de enfeitar e vender a reportagem (2003, p.7). Na nossa matéria em questão a menção de personalidades é notória, pois apesar de não haver citações literais deles, os mesmos aparecem em destaque em boxes com a sua respectiva experiência de “conversão”. Dentre os que aparecem, estão: o ex-vocalista da banda de rock *Raimundos*, Rodolfo Abrantes (p.92); a esposa do apresentador Silvio Santos, Íris Abravanel (p.93); a atriz Gisele Fraga (idem); o sambista Bezerra da Silva (p.94); o senador Iris Rezende (idem); e o humorista Dedé Santana (p.95). Vale destacar que todos os “ídolos” mencionados, com exceção do senador Iris Rezende, se filiaram as igrejas neopentecostais, que como já exposto, não pregam uma ética contracultural, logo, os boxes retratam que o estilo de vida dessas personalidades pouco mudou após a conversão.

Por sua vez, as fotos utilizadas visam dar o tom de fenômeno a reportagem. A fotografia principal, que ocupa as duas primeiras páginas, mostra uma multidão reunida na capital mineira (pp. 88-89). As duas fotos das páginas 92 e 93 também apresentam uma fé festiva, emocional. A legenda da fotografia sobre a Igreja Renascer em Cristo, por exemplo, é adjetivada como “um show de efeitos especiais”.

Muitas das características identificadas nesta reportagem encontram paralelo nas demais classificadas como Fenômeno Religioso. Por tratarem de um comportamento social, evidentemente, que elas foram surgindo na medida em que os fenômenos ocorriam. No início da década de 1980, começava a se sentir no Brasil o “ressurgimento do sagrado”, fenômeno já identificado no primeiro capítulo. Daí, *Veja* publica a primeira edição com a proposta de analisar o comportamento religioso. É verdade que a edição 589 mais se assemelha a um artigo de opinião que a uma reportagem, pois não consulta especialistas e nem humaniza o relato, porém, procura mostrar o impacto dessa nova espiritualidade sobre a política e a ciência. A manchete define bem a matéria: “Deus está de volta”.

No entanto, foi com o crescimento dos evangélicos e com estudos acadêmicos mais específicos sobre essa nova configuração do cristianismo, que a pauta de Fenômeno Religioso ganhou fôlego. Outro fator decisivo para a notoriedade dos evangélicos foi a consolidação destes nos meios de comunicação.

No começo da década de 1990, os estudos acadêmicos sobre o pentecostalismo ainda eram incipientes, por isso as fontes comprobatórias costumavam ser estrangeiras, como na edição 1130. Nesta mesma reportagem, *Veja* via a mudança no comportamento religioso como um alerta de “tensões subjacentes da sociedade” (p. 52).

Outra característica presente na maior parte das edições de Fenômeno Religioso é a encomenda, por parte de *Veja*, de pesquisas sobre o comportamento e crenças religiosas. Então a partir destes dados, a revista desenvolve a pauta, buscando a opinião de acadêmicos das ciências humanas. Exemplos disso, temos na edição 1214, que trata sobre o declínio do catolicismo entre a classe média brasileira; a edição 1489, que encomendou uma pesquisa ao *Vox Populi* sobre a crença em Deus e assiduidade dos brasileiros a igreja; e na edição 1731, a qual trazia os números da pesquisa sobre as crenças como manchete na capa.

Além do crescimento evangélico, as pautas de comportamento de *Veja* abordaram o fenômeno religioso como um todo. É interessante notar que, o perfil da religiosidade descrito no primeiro capítulo deste trabalho, encontra estreito paralelo com o descrito nas páginas da revista. Edições como a 1489 e 1731, falam de uma desinstitucionalização da fé, do trânsito e sincretismo religioso, bem como de uma fé existencialista, consumista e não contracultural.

Um último aspecto a ressaltar dessas pautas é o preconceito, via de regra, com que retratam os evangélicos. Não são poucas as referências a eles que os adjetivam como descamisados, alienados, ignorantes, portadores de uma fé cega. As imagens, obviamente, tendem a reforçar esse estereótipo, mostrando grandes multidões em busca de êxtase, e “ingênuas” o bastante para serem extorquidas por pastores oportunistas. Existem exceções. Algumas vezes, em meio a tantos preconceitos, *Veja* dá espaço para as contribuições sociais do pentecostalismo. A edição 1555, talvez seja o melhor exemplo, pois se dedica completamente a falar sobre o trabalho significativo que os evangélicos fazem na recuperação de marginais presos.

3.3. Análise da temática Espetáculo

Nesta subdivisão trataremos de analisar as características da classificação Espetáculo, a fim de verificar nesta, evidências da mudança editorial de *Veja*. Esta temática contou com cinco reportagens, conforme alistadas abaixo:

| Nº. | Data | Edição | Manchete |
|------------|------------------|---------------|-----------------------------|
| 1 | 2/7/1980 | 617 | “João Paulo II no Brasil” |
| 2 | 9/7/1980 | 618 | “O triunfo de João de Deus” |
| 3 | 4/11/1998 | 1571 | “O fenômeno” |
| 4 | 6/4/2005 | 1899 | “A grandeza da fé” |
| 5 | 13/4/2005 | 1900 | “Quem?” |

Conforme indicado na tabela acima, a reportagem escolhida para caracterizar essa temática será a intitulada “O fenômeno”. A seleção dessa edição se dá pelo fato de ela não só espetacularizar a abordagem, mas sobretudo, por pautar um

ícone do espetáculo religioso: padre Marcelo Rossi. Ademais, foi a capa mais vendida dessa temática, com 232.482¹⁷ exemplares em banca.

Talvez poucas capas de *Veja* conseguiram “adiantar” tão bem ao leitor o que a reportagem ofereceria, como a da edição 1571. Nela, duas palavras denunciam a tendência da abordagem: “fenômeno” e “celebridade”. A primeira é conferida mediante a justificativa da segunda. O padre Marcelo Rossi, de acordo com *Veja*, pode ser identificado como um fenômeno, pois se tornou uma celebridade ao conseguir se consolidar nos veículos de comunicação de massa e na indústria de bens culturais. Portanto, a capacidade de atrair multidões, vender mais de quatrocentas mil cópias de discos e garantir pontos de audiência, conferem ao clérigo o *status* de “fenômeno”.

O apelo estético da capa é encabeçado pela foto posada do padre. A fotografia destaca a altura, o porte atlético e os olhos claros, atributos físicos que identificam Rossi. Ademais, valorizam a jovialidade e carisma do sacerdote. O terço na mão do clérigo, símbolo religioso novamente popularizado por ele, é uma outra marca desse líder religioso. Por fim, a posição das mãos fica como que a convidar os leitores.

A diagramação das duas primeiras páginas vem a completar idéia esboçada na capa. O título “Uma estrela no altar” dá a tônica da revista em associar o padre a um artista secular do espetáculo. O suspensório traz as três características estéticas que garantem o sucesso de Marcelo Rossi: a juventude, a beleza e o carisma (p. 114). O suspensório ainda reforça a capacidade de atração do padre sobre as massas e acrescenta que, o seu trabalho tem renovado a Igreja Católica.

Quanto à sobreposição de imagens nas primeiras páginas internas, todas elas mostram o padre em “ação”, enfatizando o transe, a emoção, o dinamismo e atletismo de Rossi. A legenda dessa montagem denomina como “megamissa” as celebrações dirigidas pelo clérigo, e fala do efeito terapêutico e confortador que as mesmas trazem para os fiéis (p. 115).

Várias são as evidências de que esta pauta foi realizada no formato e linguagem do espetáculo. Esta reportagem tende a ser uma extensão da programação da televisão, pois gasta um espaço significativo para falar das

¹⁷ As vendas em banca das capas sobre religião de *Veja* foram fornecidas pela Associação Nacional dos Editores de Revista (ANER), em mensagem eletrônica pessoal enviada ao autor pela funcionária Raquel Stefani, em 03/11/2005.

participações do padre nos programas do Faustão e do Gugu Liberato. O repórter apresenta até um infográfico com os pontos na audiência conquistados pelo clérigo, na disputa entre os programas dominicais.

Um aspecto de suma importância nesta edição é o discurso dessacralizador que a *Veja* assume em relação a Marcelo Rossi. Em várias oportunidades são usadas comparações seculares ou até profanas, para quem supostamente deveria ser retratado com a “aura” de um líder religioso. Se não vejamos: (a) Rossi é apresentado como uma “estrela” que irrompe no palco/altar sob aplausos e assobios da plateia (p.115); (b) ele canta e dança, com coreografias que lembram o filme *Mudança de Hábito* (idem); (c) os fiéis saem da missa como espectadores de um show de rock (p. 116); (d) a revista fala da sua juventude indiferente em relação a fé, destacando o fato de já ter feito sexo com várias garotas (p. 118).

Ademais, a revista retrata o sacerdote como um produto adaptado para o espetáculo. No caso da TV, *Veja* cita as opiniões dos diretores dos programas do *Faustão* e *Domingo Legal*, os quais ressaltam as qualidades de comunicação do padre Marcelo Rossi. Roberto Manzoni, diretor do programa do Gugu, chega a dizer que gostaria de ter o clérigo todos os domingos participando na TV (p. 116). No campo da música, Rossi é também colocado como bem sucedido, e adaptado às regras do marketing (p. 117). Essa idéia de mercado religioso é reforçada pelo box da página 116, cujo título é “MPB católica”. Nele, a revista usa outro termo da indústria fonográfica para denominar os arranjos musicais lançados pelo padre: “hits irresistíveis”.

A revista também reúne vários boxes em que coloca julgamentos estéticos ou subjetivos dos fiéis que freqüentam as missas de Rossi, por exemplo: a funcionária pública Maria Helena de Lima disse que só voltou para o catolicismo por causa da sinceridade do padre (p. 118); para o microempresário José Moreira Dantas, Marcelo Rossi está cativando as ovelhas desgarradas (idem); já a estudante Denise Lana, de 14 anos, foi mais longe na comparação, disse que não havia em São Paulo uma casa de eventos que promovesse quatro *megashows* por semana como faz o padre (p. 119). Para não perder o costume, de destacar as “celebridades”, o último box traz o humorista Tom Cavalcante, o qual declarou ter comprado um CD de Rossi, e o classificou como “um barato” (idem).

O repórter também não perde a oportunidade para lançar duas críticas. A primeira, ao catolicismo tradicional, que foi classificado como “sisudo” (p. 119). O

periódico ainda qualificou Rossi como o protótipo da nova geração de padres que a Igreja precisa. Outra a ser criticada nas estrelinhas, foi a Teologia da Libertação, ideologia com a qual a revista e Rossi não têm nenhuma simpatia. Prova disso é que, logo adiante, *Veja* “fala” em nome do padre e adjetiva de “bizarro” a idéia de exaltar “a luta de classes como forma de trazer a justiça divina à terra” (idem). Segundo a revista, o clérigo vê uma missão mais espiritual, do que social, no trabalho do padre (p. 120).

Por fim, a revista parece se posicionar a favor da religiosidade representada pelo padre Marcelo Rossi, pois este não seria nenhum herege, mas alguém que é conservador nas doutrinas e moderno na liturgia. Ademais, o intuito dele não seria provocar mais um cisma no catolicismo, ao contrário, “resgatar” os fiéis desgarrados. Portanto, a revista deixa a entender que o apoio ou convivência da Igreja em relação ao movimento carismático é bom, tendo em vista a sobrevivência do catolicismo. Por isso, por exemplo, o repórter mostra a foto de Rossi com o papa João Paulo II, pois transmite a idéia de que existe aprovação do Vaticano. Para Maria Godoy MACHADO, o discurso da revista aponta para um recado a Igreja Católica: de que o padre Marcelo Rossi é tipo de clérigo que “dá certo”, ao contrário, daqueles que têm um discurso mais radical e afastam os fiéis (2002, 135).

Por estarem agrupadas na mesma temática, as demais reportagens dessa classificação encontram muitos paralelos com a edição sobre o padre Marcelo Rossi. Todas as demais capas do gênero Espetáculo são centradas na pessoa de João Paulo II. As duas primeiras dessa classificação, edições 617 e 618, marcam a ruptura de uma abordagem mais reflexiva e textual de *Veja* sobre o papa, para uma pauta mais espetacularizada e imagética do pontífice. Vale ressaltar também que essas duas edições citadas são as maiores em termos de páginas, a 617 tem 38, enquanto a 618 contou com 30 páginas.

Os títulos internos das duas edições seguidas dedicadas à primeira visita papal ao Brasil ilustram bem a abordagem sensacionalizada da revista: “Uma estrela para 120 milhões”, na 617, e “João Paulo II une o Brasil”, na 618. Em ambas, o papa recebe adjetivos como “estrela”, “viking de Deus”, e “infalibilidade de sua liderança”. *Veja* dá a idéia de que quem não acompanhara a passagem do “furacão Wojtyla” era um alienado, já que o Brasil “inteiro” havia parado para ver o pontífice.

Ainda na edição 617, temos uma característica peculiar a pauta espetacularizada: a exploração da intimidade da “celebridade”. Nas páginas 44 e 45

dessa reportagem temos um infográfico com o “guarda-roupa” do papa, com explicações da utilidade de cada peça do vestuário. Já na edição 618, temos o espaço da imagem em detrimento ao texto. Das 30 páginas dessa reportagem, cerca de 12 só tem imagens, com declarações estéticas de personalidades ou do povo comum sobre o papa.

Já as últimas pautas desse gênero vieram em circunstâncias bem diferentes, ao contrário da primeira visita, quando o papa esbanjava saúde, as edições 1899 e 1900 tratam da agonia final do pontífice e das homenagens póstumas que recebeu. Na vida ou na morte, para *Veja*, João Paulo II sempre representou uma imagem que podia ser explorada. Maior evidência disso é a capa “A grandeza da fé”, que mostra a tentativa frustrada de João Paulo II dar a benção à multidão que o assistia no Vaticano. Na seção de *Cartas* (p.31) da edição 1900, vários leitores da revista expressaram seu apreço pela capa do grito silencioso do papa. Todavia, *Veja* destinou um box a responder a alguns leitores que viram de forma negativa a exposição do sofrimento papal. A revista então se defende, argumentando que a exposição de seu sofrimento foi premeditada pelo próprio João Paulo II. Portanto, a revista achou ético mostrar, porque teoricamente, o papa não quis esconder.

Na edição 1900, apesar da chamada da capa “Quem?” sugerir uma pauta tipo Institucional/Organização, quando analisada internamente, percebe-se que mais da metade da reportagem é destinada ao enterro do papa. Diga-se de passagem, as fotos são um espetáculo a parte. Nas páginas 62 e 63, só aparecem o título interno, a legenda e a foto closada do rosto pálido de Wojtyla, deitado sobre o esquife. O enterro é classificado como “sem precedentes”, e reforçando o coro da multidão, a revista o adjetiva como “santo, santo, santo”. Mais um exemplo se tem nas páginas 90 e 91, na qual há uma foto aérea da multidão polonesa que celebrava a missa por João Paulo II, e o título “Papa, pai e libertador”.

3.4. Análise da temática Polêmica/Escândalo

Nesta seção das peculiaridades da classificação Polêmica/Espectáculo, a fim de verificar nesta, evidências da mudança editorial de *Veja*. Esta temática contou com cinco reportagens, conforme arroladas abaixo:

| Tabela 4: Capas da temática Polêmica/Escândalo nas 41 edições analisadas | | | |
|---|------------------|---------------|---|
| Nº. | Data | Edição | Manchete |
| 1 | 25/10/1995 | 1415 | "A igreja que assusta" |
| 2 | 6/12/1995 | 1421 | "Edir Macedo ataca" |
| 3 | 8/4/1998 | 1541 | "A ressurreição da fé: como os católicos carismáticos reagem ao avanço dos evangélicos" |
| 4 | 24/4/2002 | 1748 | "O calvário da Igreja" |
| 5 | 8/10/2003 | 1823 | "A ofensiva da Igreja" |

Nesta temática iremos analisar mais detidamente a reportagem "A ofensiva da Igreja". A justificativa para tal escolha se dá pelo fato desta edição usar o discurso mais embativo dentre todas desse gênero, quer seja pelo pretexto da reportagem, quer pelas legendas, fotos e infográficos. Ademais, ela destaca o principal "campo de batalha" da disputa entre católicos e evangélicos: a mídia.

Ao nos determos na capa, percebemos que a foto do padre Marcelo Rossi, ícone da "revanche" católica contra o avanço evangélico, não foi escolhida por acaso. Além de representar o contra-ataque católico, com a Renovação Carismática, ele é um dos atores e divulgadores do filme. A postura da imagem posada de Rossi, com as mãos em posição de oração e com o terço, transmitem a tônica da pregação do clérigo: a revalorização da fé católica.

Já a chamada da capa é mais que combativa: "A ofensiva da Igreja". O texto que a acompanha reforça essa idéia, pois destaca junto com a capa, aquela que é uma das principais divergências doutrinárias entre católicos e protestantes: a veneração à Virgem Maria. A expressão "vencer a guerra", denota o destaque para o embate, e a palavra "propaganda" indica o "campo de batalha": a comunicação de massa. As imagens das duas primeiras páginas também dão destaque para o padre em primeiro plano, tendo como fundo as fotos de divulgação do filme. Vale notar como Rossi é retratado nessas páginas. Com os braços esticados, punhos cerrados e o corpo levitando revestido por uma "aura", transmitem a idéia de que ele é um "super-herói" católico, responsável por chefiar um contra-ataque aos inimigos.

No título interno vemos a mesma tendência: "Os católicos contra-atacam" (p.96), e no suspensório também: "a Igreja abre mais uma frente em sua disputa com os evangélicos". Vale destacar que a última dá a idéia de que o cinema é a mais nova, dentre outras estratégias católicas na concorrência religiosa. As referências textuais ao embate não se limitam a essas, por exemplo: (a) o padre Marcelo Rossi é mencionado como um "soldado" da Igreja Católica (p.97); (b) é dito

que Rossi reconhece o objetivo proselitista do lançamento do filme *Maria, a mãe do filho de Deus* (p.98); a revista, para polemizar, lembra o leitor do episódio do “chute da santa”, protagonizado pelo bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, Sérgio Von Helder (p.99); (d) a liderança da Igreja estaria se conscientizando da importância de ferramentas como a mídia e o marketing para a divulgação da fé católica (p.101).

No entanto, são nos infográficos e boxes que a revista evidencia o tom de embate da pauta, pois em todos, ela contrapõe as estatísticas da disputa entre católicos e evangélicos. Na página 100, a revista apresenta um box sobre a “indústria cultural cristã”, no qual os dados apontam para a “vitória” dos evangélicos no número de canais de emissoras e retransmissoras de TV, na quantidade de CDs vendidos, e no número de rádios também. Já os católicos superam os evangélicos apenas no faturamento das editoras de livros. No box, da página 101, *Veja* compara o número de fiéis de cada lado desde a década de 1970, e nomeia este box de “A luta pelos fiéis”. No infográfico da página 102, o repórter contrapõe os parlamentares evangélicos com os católicos. Segundo a revista, apesar da bancada católica no congresso ser bem maior que a protestante, não tem tanta força como a concorrente, pois não vota em bloco. Por fim, fora do embate brasileiro religioso, *Veja* apresenta um box na página 103, sobre a polêmica que o filme *A paixão de Cristo*, de Mel Gibson já gerava quanto ao anti-semitismo.

Mesmo não sendo uma pauta essencialmente de Espetáculo, *Veja* confirma a postura, que assumiu nos últimos anos, de sensacionalizar suas abordagens. Ela se refere aos atores do filme como “estrelas” (p.97), na mesma página, chama o padre Rossi de “pop star”. Na página 100, percebe-se a linguagem própria do espetáculo. A revista dá destaque para o casal de atores, Myrian Rios e Raul Gazolla, comparando a atriz ao apresentador Jô Soares, pelo fato de ela apresentar um *talkshow* numa TV católica. Por fim, classifica os receios quanto ao filme de Gibson, como um “pânico” bem fundamentado (p.103).

Apesar de tratar de um assunto polêmico e, portanto, se referir a lados antagônicos, a revista não deu espaço para os evangélicos se manifestarem, nem mesmo para a ala católica que discorda desse empreendedorismo midiático dos carismáticos. E quando os protestantes são mencionados, *Veja* o faz de modo pejorativo. Na legenda, por exemplo, da foto 102, o repórter adjetiva a igreja Deus é Amor como uma seita, que por meio de construção de grandes templos, procura

“alardear” a sua força. Na mesma página ainda, há uma fotografia do bispo Edir Macedo, cuja expressão facial e o dedo riste, indicam que ele representa uma ameaça.

Vale também traçar um paralelo dessa reportagem com as demais do gênero Polêmica/Escândalo. As primeiras pautas dessa temática ocorreram em 1995, no contexto do “chute da santa”, incidente em que o bispo da Universal chutou num programa da TV Record uma imagem da Virgem Maria. Tal fato, estrategicamente, foi divulgado em massa pela TV Globo, que via na emissora de Edir Macedo uma concorrente em potencial. Este acontecimento foi o pretexto para a reportagem da edição 1415, e posteriormente para a 1421.

Na edição 1415, *Veja* deu espaço para os católicos que se sentiram ofendidos pela atitude de Von Helder. Além disso, procurou descrever a estrutura empresarial montada pela Universal para extorquir e alienar os seus fiéis. Menos de dois meses depois, no número 1421, a revista trouxe o “direito de resposta” do bispo Macedo. Com a chamada “Edir Macedo ataca”, a revista explicitou o encaminhamento da pauta. Ainda nessa mesma capa, foram relacionadas as acusações mais contundentes do bispo. Na reportagem, *Veja* reservou seis páginas para uma entrevista exclusiva feita com Macedo, na mansão dele nos EUA. Por sua vez, os “olhos” da entrevista destacaram os ataques do bispo a Rede Globo, Igreja Católica, Paulo Coelho e a campanha assistencial do sociólogo Betinho.

Dentre essa temática, a única que parte de um escândalo é a edição 1748, cuja chamada é “O calvário da Igreja”. Nela, *Veja* parte das denúncias e processos judiciais envolvendo clérigos católicos nos EUA. A revista faz também, por meio de um infográfico, um apanhado geral dos casos de pedofilia na Igreja Católica, em várias partes do mundo. Na reportagem seguinte à essa, Mário Sabino falaria mais uma vez do “ocaso do pontificado” de João Paulo II, enfatizando a fragilidade da saúde do papa e os possíveis sucessores deste.

3.5. Análise da temática Científica

Nesta subdivisão, trataremos de analisar as peculiaridades da classificação Científica, a fim de verificar nesta, evidências da mudança editorial de *Veja*. Esta categoria somou cinco reportagens, conforme alistadas abaixo:

Tabela 5: Capas da temática Científica nas 41 edições analisadas

| Nº. | Data | Edição | Manchete |
|----------|-------------------|-------------|---|
| 1 | 12/4/1995 | 1387 | “Quem matou Jesus? O que dizem os últimos estudos” |
| 2 | 15/12/1999 | 1628 | “Jesus ano 2000: os desafios do cristianismo no novo milênio” |
| 3 | 25/12/2002 | 1783 | “O que Ele tem a dizer a você hoje” |
| 4 | 24/12/2003 | 1834 | “Fé: porque e como acreditamos” |
| 5 | 15/12/2004 | 1884 | “A busca pelos sinais históricos da vida de Jesus” |

O enfoque de nosso estudo agora vai para a reportagem da edição 1783, com a chamada “O que Ele tem a dizer a você hoje”. A seleção dessa se deve ao fato de que além de tratar da historicidade de Cristo e do diálogo entre fé e ciência, essa matéria tem um apelo existencialista na capa, talvez uma das razões do interesse de *Veja* pela pauta religiosa. Ademais, foi a capa religiosa de *Veja* mais vendida em banca, desde 1996, com 287.457 exemplares.

Na capa, vemos uma imagem de Cristo bem própria do catolicismo: olhar sereno, aureola em torno da cabeça, e as marcas dos cravos nas mãos. Lembra, sobretudo, um Jesus de cartões de Natal, aliás, a edição é do dia 25 de dezembro. Como já mencionado, a chamada tem um tom pragmático da fé, como dizendo “no que a mensagem de Jesus pode te ajudar ou aliviar hoje?”. Vende a idéia de uma religião terapêutica.

Ainda falando do texto da capa, as demais chamadas indicam os três encaminhamentos da pauta: (1) explicar como a religião sobrevive num mundo de ceticismo; (2) apontar as evidências da historicidade de Cristo; (3) mostrar o impacto do cristianismo na formação da cultura ocidental e nas outras grandes religiões.

O título interno “As faces de Jesus” faz alusão ao objetivo da reportagem de falar sobre como a figura de Cristo foi vista ao longo da História, pelos cristãos e por adeptos de outras denominações. Essa idéia é ilustrada pela opção de diagramação de *Veja* na primeira parte da reportagem. Várias reproduções de quadros de artistas consagrados como Michelangelo, Caravaggio, Rafael e Leonardo Da Vinci, ilustram os momentos mais importantes da vida de Cristo. Para dar um “ar” mais medieval a reportagem, a revista usa letras capitulares rebuscadas, próprias de livros antigos.

Nas primeiras páginas, Isabela Boscov, a autora da reportagem, procura analisar o relato bíblico dos evangelhos, mediante a opinião de especialistas estrangeiros, em sua maioria professores de universidades americanas. Por propor uma análise jornalística e científica do assunto, descarta o sobrenatural da vida de

Jesus, chegando a recontar alguns trechos da história de Cristo, segundo os estudos acerca do contexto do século I.

A proposta dessa parte da matéria é traçar a trajetória de sobrevivência e influência do cristianismo na história ocidental. Para isso, ela intercala explicações históricas com teológicas. Por exemplo: (a) discorre sobre o papel fundamental da Ressurreição na fé cristã (p.90); (b) fala sobre a natureza híbrida de Cristo (humana e divina), na mesma página. Quanto a interpretação científica dos grandes eventos do cristianismo, temos: a idéia da impossibilidade da entrada triunfal de Cristo em Jerusalém, na semana da Sua morte (p.88); e uma explicação política para a Reforma Protestante (p.91).

Seguindo a linha de como a figura de Cristo foi interpretada ao longo da história, Isabela Boscov escreve que, por exemplo: (a) os franciscanos vêem em Jesus um modelo de renúncia ao materialismo e vida simples (p.91); os jesuítas têm a Cristo como um companheiro e modelo ético (*idem*); para os protestantes liberais, ou seja, aqueles que descartam a dimensão sobrenatural na vida do Nazareno, Jesus é apenas um modelo de solidariedade e altruísmo (*idem*); para os kardecistas, Cristo é um espírito “iluminado” (*idem*); enquanto para os mulçumanos não é Deus, mas um grande profeta (p.92).

Apesar de desacreditar alguns trechos da Bíblia, a revista se posiciona positivamente em relação ao cristianismo, por isso, aponta contribuições importantes da fé cristã para a cultura ocidental, como a luta pelo fim das desigualdades entre classes sócias e sexos, o incentivo ao assistencialismo, e a busca pela virtude, impulsionou a modernidade (p.95). Mais do que as contribuições, o que garantiu a sobrevivência do cristianismo, mesmo assediado pelo materialismo e racionalismo, foi a sua proposta “revolucionária” e original do amor ao próximo (p.99).

O título da terceira reportagem é bem sugestivo para a nossa análise: “A ciência à procura de Cristo”. A revista justifica esse tipo de abordagem pelo fato de muito pouco se saber sobre a maior “personalidade” da História: Jesus Cristo. Segundo a matéria, as questões teológicas do cristianismo já estão bem definidas, todavia, as lacunas que restam se situam nos detalhes ou “bastidores” da vida de Jesus. Como a Arqueologia descobrira mais nos últimos trinta anos, do que nos 2000 anteriores, *Veja* se propõe a trazer aos seus leitores essas novidades (p.102).

A revista se mostra muito otimista em relação aos achados arqueológicos que ratificam o relato bíblico. Alguns deles são classificados nos infográficos como

“provas”, ou seja, mais do que evidências. *Veja* apresenta duas provas da historicidade de Cristo: o ossário de Caifás, o sumo sacerdote que presidiu o julgamento de Jesus; e uma placa comemorativa com o nome de Pôncio Pilatos identificado como o governador da Judéia (p.104).

Além disso, a reportagem destaca discussões ainda indeterminadas, como a autenticidade do Santo Sudário, o manto que teria coberto o corpo de Cristo, após a Sua morte. Fala também de novos estudos que contradizem a visão renascentista de Jesus, que o pinta com uma pele clara, cabelos e barba longa, e mãos perfuradas. Segundo os estudos apresentados, Jesus teria uma pele e olhos escuros, além de barba bem menos volumosa, Seus pulsos, ao contrário de Seus pés, é que teriam sido perfurados. Apesar de não trazerem grandes implicações para a historicidade de Cristo, os manuscritos também são mencionados.

Na última parte da reportagem, intitulada “A sobrevivência da fé”, a pauta se encaminha para o lado mais místico e existencial da espiritualidade. A revista procura explicar a aparente incoerência do desenvolvimento científico e tecnológico com o aumento da religiosidade na virada do milênio. *Veja* aponta a decepção com a ciência e o sofrimento psíquico pela “morte de Deus”, como as razões desse suposto paradoxo. É fundamental ressaltar que - mesmo assumindo uma posição evolucionista ao adjetivar o relato bíblico da Criação como lendário, e as leis do Deus judaico-cristão, como castradoras (p.116) – *Veja* retrata a religiosidade como um aspecto fundamental e indispensável da vida humana.

A revista enumera seis razões pelas quais a espiritualidade é uma característica inegável no homem: (1) precisamos de respostas para o sentido da vida; (2) o coração humano necessita de conforto; (3) as sociedades não florescem sem o aval legitimador de uma divindade; (4) ajuda a encarar a morte; (5) procura explicar a origem do mundo e; (6) determina valores morais fundamentais para a convivência em comunidade (p.119). O último parágrafo da matéria reforça esse posicionamento, pois ao contar uma “parábola” da reação de vários grupos de pessoas diante da morte, a visão tradicional de Deus parece ser a mais sensata, e por isso a sobrevivência desta estaria garantida (p.120).

Um aspecto caracterizador dessa reportagem como Científica, é o espaço que dá para o diálogo entre a fé e a ciência, uma peculiaridade da religiosidade pós-moderna, já mencionada no primeiro capítulo. A pauta cita a neuroteologia, que seria um ramo da medicina e psiquiatria, que busca evidências da existência de Deus na

fisiologia do cérebro humano. *Veja* se posiciona crítica em relação a tal tentativa científica, classificando essa teoria como exótica e não séria. Para a revista, os pressupostos da ciência e da fé são antagônicos, portanto, não podem ser conciliados (idem).

Respondendo a chamada da capa “O que Ele tem a dizer a você hoje”, as duas últimas páginas são destinadas a pensamentos, que segundo a revista, resumiriam a mensagem cristã. Os versos bíblicos foram selecionados mediante a consultoria teológica do padre Paulo Bazaglia. Eles se concentram nas idéias de perdão, amor ao próximo e humildade (p.122-123). Talvez a idéia fosse fornecer um “manual de sobrevivência” espiritual para os leitores.

Como demonstrado na análise da reportagem acima, os pilares da pauta Científica são: (1) o desenvolvimento histórico e contribuição cultural do cristianismo; (2) as evidências da historicidade de Cristo fornecidas pela arqueologia; (3) e o diálogo entre ciência e fé. Nas demais edições classificadas nesta temática, dificilmente essas três peculiaridades irão aparecer juntas como na edição analisada, porém, uma ou outra dessas estará presente. Um outro aspecto, esse sim unânime neste tipo de pauta, é a sua sazonalidades, ou seja, sempre acontecem em festas comemorativas do cristianismo, como a Páscoa e Natal.

A primeira dessa série é intitulada “Quem matou Jesus?”. É mais semelhante a um artigo opinativo, do que a uma reportagem. Redigida por Roberto Pompeu de Toledo, a matéria procura explicar historicamente as últimas doze horas da vida de Cristo. Para isso, Pompeu se vale dos estudos de três especialistas estrangeiros, que lançaram livros sobre o assunto. A reportagem questiona várias vezes o relato dos evangelhos, indicando um rumo mais provável do ponto de vista histórico.

Dentre essas edições Científicas, apenas a 1884 se limita a falar de Arqueologia. Coincidência ou não o texto também é de Isabela Boscov. As “descobertas” arqueológicas apontadas nesta não são muito diferentes da matéria analisada inicialmente. Já a edição 1628, traz um enfoque mais histórico. Prova disso é o infográfico com a “linha do tempo” do cristianismo. Nesta matéria, *Veja* se posiciona otimista em relação a fé cristã, destacando o seu poder de adaptação ao longo dos últimos 2000 anos.

A reportagem da edição 1834 é a que apresenta maior similaridade com a “O que Ele tem a dizer a você”. Esta aborda a religiosidade como um fator decisivo na sobrevivência do homem no processo de evolução. Trata também do impacto dos

ensinos de Cristo sobre todo o ocidente. Tão interessante ainda, é o espaço destinado ao diálogo entre a medicina e a fé, que recebeu o título de “a terapia da prece”. Ao contrário da neuroteologia, aqui a influência da espiritualidade sobre a cura física é vista, ainda que incipiente, como científica.

3.6. Análise da temática Institucional/Organização

Nesta seção, trataremos de estudar as peculiaridades da temática Institucional/Organização, a fim de verificar nesta, evidências da mudança editorial de *Veja*. Esta categoria contou com quatro reportagens, conforme arroladas abaixo:

Tabela 6: Capas da temática Institucional/Organização nas 41 edições analisadas

| Nº. | Data | Edição | Manchete |
|-----|------------|--------|-------------------------------------|
| 1 | 18/9/1968 | 2 | “Para onde vai a igreja?” |
| 2 | 13/10/1971 | 162 | “Esposo, pai - e padre” |
| 3 | 5/7/1972 | 200 | “Os cem mil cursilhistas do Brasil” |
| 4 | 25/10/1974 | 329 | “Os novos santos” |

Analisar essas duas últimas temáticas é fazer uma viagem no tempo nas páginas de *Veja*, pois esse tipo de encaminhamento, pelo menos até agora, ficou restrito às décadas de 1960 e 1970. As pautas de Institucional/Organização foram as primeiras da história da revista. No entanto, a edição em qual vamos nos deter é de número 162, cuja chamada é “Esposo, pai – e padre”.

A capa desta edição questiona um costume bem peculiar ao catolicismo: o celibato dos clérigos. O fundo preto, a meu ver, dá uma dupla interpretação. A primeira, de um interior “físico” de uma igreja, e a outra de uma escuridão ideológica, símbolo de uma instituição retrógrada. A janela, com uma família desenhada em mosaico, parece transmitir a idéia de uma luz, uma saída ou alternativa para esse breu interior. O *slash*, tarjeta em transversal no topo superior esquerdo da capa, reforça essa leitura da capa: “sínodo: janela aberta para o novo sacerdote”. Por sua vez, a frase da chamada “esposo, pai – e padre”, tem a intenção expressar o paradoxo de um homem ser um chefe de família e padre simultaneamente.

O título interno “os padres do futuro” mostra o apoio da revista ao novo modelo de líder eclesiástico que poderia surgir: o leigo que nas horas vagas se dedica aos afazeres paroquiais ou ao clérigo que tem a permissão de casar (p.60). Logo, ao observar a reportagem, percebe-se a diferença de estilo para as pautas

atuais. Nesta época, o predomínio era do texto. As fotos eram usadas, mas sem o tratamento e a sensacionalização de hoje. Muitas das fotografias são closadas ou de meio corpo, como as três da página 63, e as duas da 64.

Outro fator interessante, é que *Veja* segue a sua proposta inicial de aprofundar os temas da semana. Essa pauta, por exemplo, parte do III Sínodo Mundial de bispos, que acontecia naquele mês no Vaticano. Neste evento, uma das principais discussões era a flexibilização do celibato, como uma alternativa para conter a evasão nos seminários, em países como o Brasil. Portanto, a pauta aborda um assunto de natureza organizacional e dogmática.

A revista se posicionou desfavorável à visão tradicional da Igreja, por isso enfatizou a “modernização” do dogma, a fim de que o catolicismo sobrevivesse. Pistas textuais dessa postura do veículo ficam claras em, por exemplo: (a) “existe a dramática realidade dos seminários vazios e das deserções em massa de sacerdotes” (p.60); (b) “mas é inegável que o celibato obrigatório sofre restrições generalizadas entre os candidatos ao sacerdócio” (p.66).

Outro fator peculiar a essa reportagem é o uso de expressões bíblicas, ou citações completas do texto sagrado. Exemplos são os intertítulos: “antes casar-se...” (p.60), e “Os doze apóstolos” (p.63). No caso das citações de trechos bíblicos, temos: “antes casar-se que abrasar-se” (p.63); as orientações sobre o perfil dos diáconos, citando “os diáconos sejam maridos de uma só mulher e governem bem a seus filhos e a suas próprias casas” (idem); trecho de Salmos “tem o seu prazer na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite” (idem); há também uma referência a carta de Paulo a igreja de Corinto “ordenou também o Senhor, aos que anunciam o Evangelho, que vivam do Evangelho” (p.68). Portanto percebe-se uma preocupação em se explicar o dogma aos leitores. A fala da instituição tinha mais relevância, que atualmente.

Além disso, predomina uma visão unilateral da religiosidade. Na página 64, todos os 17 mil moradores da cidadezinha paulista, Tietê, são, por dedução do repórter, tidos como católicos. Unilateral também é a abordagem, pois a revista não dá espaço para os que são favoráveis a obrigação do celibato se expressassem. A revista também não deu voz a nenhum fiel desvinculado do exercício sacerdotal. Por fim, na página 66, o repórter dá a sua opinião, ao sugerir que a Igreja estava certa em ser cautelosa quanto a questão do celibato.

As pautas Institucional/Organização caracterizam o período em que o catolicismo ainda era praticamente hegemônico no Brasil. Por isso, notamos a abordagem de temas tão restritos a fé e interesses católicos. A edição 329, “Os novos santos”, é talvez o exemplo mais claro dessa tendência inicial de *Veja*. Nesta reportagem, a revista se detém em pormenorizar o processo de canonização e a biografia dos recém-eleitos santos católicos. O interessante é que a pauta parece ter pouca pertinência para o público brasileiro, pois dentre os seis santos canonizados, nenhum tinha qualquer relação com o catolicismo brasileiro. Mesmo os candidatos brasileiros a santos apresentados por *Veja*, nem sequer estavam próximos da canonização. Portanto, neste caso se percebe um destaque incomum ao dogma católico.

Por sua vez, na edição 200, temos uma pauta que trata de uma das organizações católicas mais populares da década de 1970: os cursilhos. Estes eram agremiações católicas, em cujas sedes, durante os fins de semanas, se realizava a iniciação espiritual de jovens. A tônica institucional da reportagem é clara pelo espaço destinado a filosofia, músicas e programas do cursilhos.

A edição “Para onde vai a igreja?”, por ser o segundo número de *Veja*, mostra a importância que o veículo sempre deu para o fenômeno religioso. Nesta reportagem, a revista trata da polarização teológica que marcou o catolicismo latino-americano dos anos 1960 aos 1980: a Teologia da Libertação. Além da influência marxista na teologia da Igreja, a revista mencionou outros dogmas católicos, como o celibato, o divórcio e a proibição dos métodos contraceptivos. Portanto, confirmando a proposta de classificação destas reportagens, constata-se que possuem um fio condutor: as questões internas da Igreja Católica, quer sejam teológicas ou organizacionais.

3.7. Análise da temática Institucional/Política

Nesta subdivisão, vamos analisar as peculiaridades da classificação Institucional/Política, para verificarmos as evidências da mudança editorial de *Veja*. Esta temática contou com três reportagens, conforme alistadas abaixo:

Tabela 7: Capas da temática Institucional/Política nas 41 edições analisadas

| Nº. | Data | Edição | Manchete |
|-----|------------|--------|---|
| 1 | 29/12/1976 | 434 | "A Igreja no Brasil" |
| 2 | 5/10/1977 | 474 | "A política é uma necessidade" D. Arns |
| 3 | 29/10/1980 | 634 | "A crise do padre Vito: governo x Igreja" |

Passamos agora para a análise da temática menos freqüente (7,32%) e já "extinta" de *Veja*: a relação entre a Igreja Católica e o Estado. A reportagem selecionada para caracterizar essa classificação foi a da edição 474. A escolha se deve ao fato de Dom Paulo Evaristo Arns ser o representante do catolicismo mais militante na oposição a ditadura militar: o paulista. Vale ressaltar que, apesar dessa matéria se centralizar na pessoa do arcebispo de São Paulo, ela não deve ser classificada como Institucional/Personalidade, pois ela parte de um evento de natureza política (invasão da PUC/SP), e é desenvolvida com o objetivo de criticar a ditadura. Essa pauta é bem distinta, por exemplo, da edição 231, em que o foco está na biografia e eleição dos novos cardeais brasileiros, dentre eles Dom Arns.

A capa, com uma foto closada do então arcebispo de São Paulo, parece transmitir a idéia de um líder cuja voz apesar de poderosa e influente, é serena (atribuições depois conferidas ao cardeal na página 20). Tal importância política dessa personalidade é destacada pela frase do próprio Dom Arns: "A política é uma necessidade". Essa chamada da capa indica o pensamento de uma ala significativa da Igreja Católica da época, que via a necessidade da intervenção da instituição diante dos abusos dos militares. Portanto, a capa sugere o envolvimento político dos clérigos não como uma opção, mas uma necessidade.

Conforme se observa na página 20, a reportagem foi incluída na editoria "Brasil", ao invés da seção "Religião", daí um indício da abordagem política da matéria. O título interno "Pela Justiça e Paz" pode ter uma dupla conotação: primeiro, de uma alusão a ONG homônima fundada pelo próprio Dom Arns, cujo objetivo era a defesa dos direitos humanos violados pelo regime militar; segundo, a causa pela qual o arcebispo de São Paulo e toda uma ala religiosa estavam engajados.

O suspensório também parece indicar uma crítica nas entrelinhas ao governo militar, pois afirma que o cardeal Arns pregava "uma nova democracia". Ora, naquela época não havia democracia, portanto, provavelmente o adjetivo "nova" foi usado para evitar a censura ou retaliação da parte dos militares.

Outro aspecto a se destacar é que a pauta é “quente”, ou seja, parte de acontecimento de relevância da semana, a invasão do campus da PUC/SP, e a apreensão de materiais supostamente subversivos. Essa proposta inicial de *Veja*, de interpretar as notícias da semana, também é confirmada nas páginas 22 e 23, onde o repórter faz várias citações ao jornal *Folha de São Paulo*.

Os militares classificaram a PUC/SP como uma “célula” da subversão entre os estudantes, por isso, a revista deu espaço para as frases-respostas de Dom Arns, como: “não obriguem os estudantes a clandestinidade” (p.21); ou ainda em referência aos universitários, “vítimas, não provocadores” (p.25). A reação do cardeal também foi retratada pela revista na seqüência de três fotos, tiradas do discurso de Dom Arns na PUC de Campinas, as quais mostram sua indignação (p.21).

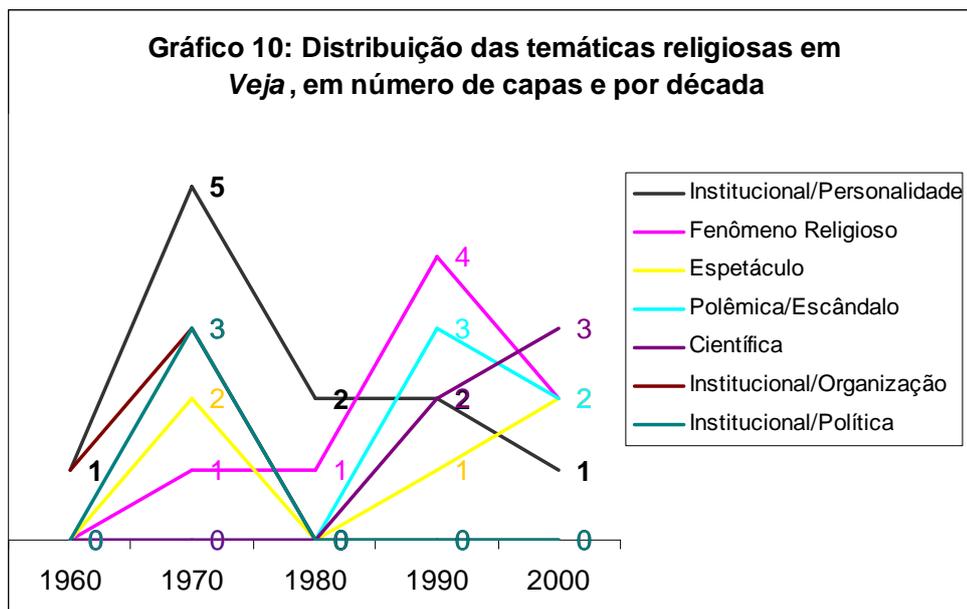
Veja assumiu um discurso muito favorável em relação a pessoa do cardeal, pois o retratou como um líder influente, preparado intelectualmente, e com carisma junto ao povo. Como evidências disso, temos: (a) o cardeal tinha acesso direto ao papa Paulo VI (p.21); (b) era bem quisto pelos americanos, inclusive pelo presidente de então, Jimmy Carter (p.24); (c) era alguém capacitado academicamente, pois estudara Letras na universidade de Sorbonne (p.23), na França, e recebera o título de doutor *honoris causa* da universidade americana Notre-Dame (p.24); (d) usou o dinheiro da venda do palácio episcopal para a construção de centros sociais (idem); critica a tortura de presos políticos e a má distribuição de renda (ibidem); (e) aparece em fotos entre os índios e os estudantes (p.25); (f) mesmo sendo encarado como um inimigo do governo, quando procurado por militares com problemas conjugais, não negava assistência espiritual (p.22).

Por fim, o direcionamento político-ideológico da reportagem é evidenciado também pelo box das páginas 22 e 23, no qual a revista reúne o pensamento do cardeal sobre várias questões “delicadas” para um contexto de ditadura, como a liberdade de imprensa, a anistia, o AI-5 e o papel da polícia.

Como listado na Tabela 7, as edições 434 e 634 também tratam da relação entre Igreja e Estado. Na primeira, a maior de toda essa temática (20 páginas), a pauta discorre sobre como andavam as relações diplomáticas entre os militares e católicos. A revista procura se posicionar, dizendo que é uma questão de ambas as partes entrarem num “consenso sobre os deveres e direitos de cada um” (p.28). *Veja* faz uma pauta de “fôlego”, na qual envia repórteres para acompanharem por alguns

dias a atuação da Igreja nas áreas mais conflituosas com o governo: os direitos humanos, a reforma agrária e a questão indígena. Já na edição “A crise do padre Vito: Governo x Igreja”, o teor político da reportagem é notório desde a chamada da capa. Essa pauta foi fruto da reação dos militares diante da negação do padre Vito Miracapillo em realizar uma missa incorporada aos festejos do 7 de setembro. A atitude do clérigo num problema diplomático, que envolveu até o Vaticano.

Por fim, é interessante notar a adaptação de *Veja* ao seu público-alvo, na variação da frequência das temáticas. As pautas mais reflexivas, institucionais e de tônus crítico-social, como a Institucional/Organização e Institucional/Política, ocorreram apenas até a década de 1970, o que encontra paralelo com o declínio dessas mesmas características na religiosidade dos seus leitores. Em contrapartida, verificou-se o aumento de pautas que exploravam a emoção, as imagens chocantes, os depoimentos estéticos e de celebridades, além da defesa do sagrado como método terapêutico. Tais aspectos se vêem claros na nova abordagem da temática Institucional/Personalidade e Fenômeno Religioso, e no surgimento das categorias Espetáculo, Polêmica/Escândalo e Científica. Logo, pode-se notar como o fenômeno religioso se mostra uma pauta bem adaptável a linguagem do espetáculo adotada por *Veja* em todas as temáticas surgidas a partir de 1990. O crescimento das pautas mais adaptadas às expectativas dos leitores pós-modernos e declínio das reportagens mais reflexivas, podem ser melhor visualizados ao se observar o comportamento das temáticas, em número de capas, ao longo das décadas. A nítida mudança editorial se percebe nos anos 1990, conforme mostra o gráfico abaixo:



4. Resumo e conclusões

Mediante a análise da frequência temática e de conteúdo das reportagens de capa de *Veja*, pode-se verificar o impacto, na linha editorial da revista, das mudanças culturais e econômicas sobre a religiosidade e a imprensa contemporâneas.

O primeiro aspecto a destacar é a relação entre o crescimento do interesse dos leitores pós-modernos pelo sagrado, e o aumento da frequência das capas de *Veja* sobre religião na década de 2000. Portanto, chega-se a dedução de que quanto mais espiritualizado o público-alvo de *Veja*, mais ela enfatize essa pauta.

No entanto, mais significativo do que mensurar o aumento da frequência da pauta religiosa, é identificar a mudança na abordagem. Pois, esse parece ser o melhor critério para medirmos a sensível acomodação cultural da revista, a fim de se adaptar aos interesses do leitor. Se não vejamos:

- (1) a temática mais freqüente ao longo da história de *Veja* foi a Institucional/Personalidade (IPe), que no decorrer dos anos, deixou de enfatizar os aspectos mais intelectuais dos líderes religiosos, como os ideais e capacidade administrativa dos mesmos, para destacarem os atributos mais estéticos, como carisma e popularidade. Tal mudança pode ser claramente observada, se contrastadas as edições 231 (eleição dos cardeais Paulo Evaristo Arns e Dom Avelar Brandão Vilela) e 663 (e o atentado contra o papa João Paulo II). Com o enfraquecimento do papel da instituição na religiosidade dos fiéis, os leitores fatalmente perderiam o interesse neste tipo de pauta, caso não fosse a exploração da figura religiosa, tornando-o uma “celebridade”. A mística criada em torno da figura do papa foi também uma tendência clara na abordagem de *Veja*;
- (2) a temática Fenômeno (F), a segunda mais representativa da revista, é reflexo da mudança da proposta inicial de *Veja*, de não mais aprofundar as notícias da semana, mas investir em pautas “frias”, especialmente de comportamento. Com o impacto do “retorno do sagrado” e o crescimento dos evangélicos no mapa religioso brasileiro, a revista se propôs a interpretar e descrever esse fenômeno social. Quanto ao “reencantamento” da sociedade, *Veja* se posicionou favorável, encarando

a espiritualidade como uma necessidade humana indispensável diante dos problemas existenciais. Já em relação ao crescimento pentecostal, via de regra, retratou-o com preconceito, estereotipando os pentecostais como “descamisados” e explorados. Outra peculiaridade de *Veja* na abordagem dessa pauta foi o espaço concedido as “celebridades” e aos depoimentos estéticos dos fiéis;

- (3) poucas pautas representam tão bem a influência da pós-modernidade na religião e na imprensa como a do tipo Espetáculo (E). Como o próprio nome já diz, são reportagens que foram “fetichizadas” com a espetacularização. Como um tipo de sensacionalismo específico da era midiática, essas abordagens se centralizam em ícones do espetáculo. João Paulo II é um exemplo de “estrela” construída ao longo das últimas décadas, já o padre Marcelo Rossi é fruto recente da própria indústria do entretenimento.
- (4) a temática Polêmica/Escândalo (PE) também parece seguir essa tendência pós-moderna de *Veja*. Apesar da polêmica e da denúncia serem características, muitas vezes intrínsecas a notícia, percebe-se nas capas de *Veja* certa queda para o sensacionalismo, em que a reportagem é desenvolvida não para explicar a controvérsia, mas simplesmente para polemizar. Por isso, por exemplo, nas reportagens sobre o “contra-ataque” dos católicos, não se dá espaço aos pentecostais. Ademais, nos casos de embate entre católicos e evangélicos, nota-se o destaque que a revista dá para como a “guerra santa” se desenrola no universo midiático do espetáculo.
- (5) a pauta Científica (C) também é uma abordagem contemporânea da religiosidade. Ela reflete o impacto da espiritualidade na ciência, principalmente na Medicina e Psicologia, nas quais as terapias alternativas ganham espaço. Quando trata das descobertas arqueológicas dá espaço apenas para aquelas que confirmam o relato bíblico, ao contrário, por exemplo, da revista *Superinteressante*. Mesmo quando questiona a descrição bíblica, diante de evidências históricas que a refutam, não descarta a influência positiva e determinante do cristianismo na cultura e a sociedade ocidental. Como a pós-modernidade prega, a revista não “reencanta” a fé, pois continua a descartar a revelação sobrenatural cristã

- (Bíblia) como intérprete e norteadora da realidade. Porém, não descarta o sagrado, recomendando-o muitas vezes, como um método de auto-ajuda.
- (6) o declínio da pauta Institucional/Organização (IO) parece ter relação com a desinstitucionalização da fé. Cada vez mais, os leitores estão menos interessados no que a Igreja-instituição pensa, pois não é mais esta que media o contato do fiel com o sagrado.
- (7) por sua vez, o “desaparecimento” da abordagem Institucional/Política (IPo), usada como estratégia pela revista para criticar a ditadura militar na década de 1970, não parece ser uma pauta viável atualmente. Primeiramente, porque não estamos mais num contexto de censura ou cerceamento das liberdades individuais. Portanto, hoje a revista não se posiciona mais contra um regime, e nem precisa se valer da Igreja como aliada nesta questão. Ademais, a pós-modernidade trouxe um “esvaziamento” ideológico-político, em que se percebe um gradativo desinteresse dos leitores pelas questões coletivas, em detrimento as suas necessidades individuais.

Traçada a relação entre as mudanças culturais e econômicas contemporâneas na abordagem de *Veja* sobre o fenômeno religioso, podemos passar para as considerações finais de nossa pesquisa.

CONCLUSÃO

1. Resumo

A mudança editorial da revista *Veja* em relação ao fenômeno religioso contemporâneo apresenta estreita relação com o impacto da pós-modernidade sobre a religiosidade e a imprensa. O novo paradigma cultural tende a mudar os papéis sociais da religião e do jornalismo, preconizados pela modernidade, e a alterar as expectativas do leitor atual em relação a ambos. Com o esvaziamento ideológico defendido pelo pós-modernismo, a sagrado e a imprensa tiveram seus princípios éticos absolutos, relativizados. Vale ressaltar que esses paradigmas não são excludentes, pois coexistem, porém, o mais recente tende a suplantar o seu antecessor.

No primeiro capítulo, esboçamos como se deu historicamente a reação da religiosidade brasileira a essa redefinição cultural. Vimos que o cristianismo influenciado pela modernidade, representado pelo catolicismo e protestantismo históricos, é pressionado por uma nova espiritualidade, cujos grupos mais significativos são os neopentecostais e os católicos carismáticos. Na religiosidade contemporânea, percebem-se várias rupturas de paradigmas: (1) a mediação do sagrado pela igreja-instituição dá lugar à privatização da fé, muitas vezes mediado pelos meios de comunicação; (2) o apelo racional e o estudo dogmático da Bíblia cedem a vez para uma espiritualidade baseada na emoção, que rechaça ou minimiza o valor normativo da Bíblia; (3) o senso de pertença e de exclusividade do fiel para com a sua igreja são substituídos pelo trânsito e sincretismo religiosos. Esse choque de culturas religiosas cria um mercado concorrido da fé, no qual as igrejas são pressionadas a adaptarem as suas mensagens ao gosto do fiel. Nesse contexto, o sagrado é assimilado pelo marketing para ser vendido como mercadoria “terapêutica” às massas.

No segundo capítulo, vimos que em paralelo com a religiosidade, o jornalismo sofreu um “esvaziamento” ideológico, abandonando os ideais para o quais foi criado,

como o compromisso com a verdade, objetividade, imparcialidade e interesse público. A partir daí a imprensa se vê enfraquecida pela ética liberal, que coloca o mercado como regulador da prática jornalística, e suplanta o compromisso social do jornalismo em nome da sua sobrevivência econômica. Nasce o jornalismo “cor-de-rosa”, ou seja, subserviente ao marketing.

O impacto da lógica do capital foi mais sintomático nas revistas, por possuírem uma flexibilidade gráfica e editorial maior do que as outras mídias. *Veja*, não fugiu à regra. Seguindo a tendência da grande imprensa brasileira, a revista entrou num processo de “desideologização” da redação e modernização tecnológica e administrativa. Na década de 1990, por uma estratégia mercadológica, desviou-se de sua proposta inicial, resumir e aprofundar as notícias da semana, para investir nas pautas “frias”, especialmente de comportamento. *Veja* se propôs a cumprir o papel de manual de “sobrevivência” para uma classe média desinteressada nas ideologias e ávida por soluções existenciais.

Portanto, pôde-se estabelecer uma relação entre a mudança editorial de *Veja* e as transformações culturais e econômicas ocorridas nas últimas décadas. A transição da modernidade para a pós-modernidade alterou radicalmente a cosmovisão, interesses e expectativas dos leitores, bem como relativizou os ideais jornalísticos, subjugando-os à ética do capital. Paralelamente, a competitividade imposta pelo mercado neoliberal impulsionou a subserviência do jornalismo ao marketing, que passou a se pautar pelas preferências de um leitor-consumidor pós-moderno.

No terceiro capítulo, discorreremos sobre o comportamento editorial da revista sobre o fenômeno religioso ao longo de sua história. Constatamos que, proporcionalmente, a década de 2000 apresenta a maior frequência de capas sobre religião (24,39%). Tal dado assinalou um interesse maior de *Veja* pelo assunto atualmente, mas se mostrou superficial diante dos dados que podem ser obtidos por meio da observação da frequência das temáticas e da análise de suas abordagens.

De posse desses dados, observamos que a pauta tipo Institucional/Personalidade (IPe) foi a mais representativa (26,83%). Foi muito freqüente nos anos 1970, quando enfatizava mais os atributos intelectuais dos líderes religiosos. Com a eleição e mitificação de João Paulo II ganhou novo fôlego, para perdurar até hoje. A segunda temática mais freqüente foi a Fenômeno Religioso (F), com 19,51% das capas. Esta se encaixa na proposta atual de *Veja* de

interpretar comportamentos. Nasceu da necessidade de se analisar o “retorno do sagrado”, em especial o crescimento dos evangélicos. Como uma peculiaridade de *Veja*, explora a pauta usando “celebridades”.

Na terceira posição tivemos empate das pautas Espetáculo (E), Polêmica/Escândalo (PE) e Científica (C), todas com 12,20%. A temática (E) é fruto de um sensacionalismo marcado pela linguagem e pelas “estrelas” do mundo midiático. Algumas “celebridades” foram trabalhadas ao longo de anos como João Paulo II, outras, são mais recentes, como o padre Marcelo Rossi. Já as reportagens (PE) são resultado da polêmica que a revista aguçou quanto a disputa por fiéis entre católicos e evangélicos. O caso dos padres pedófilos americanos foi a única pauta registrada em torno de um escândalo. Por sua vez, a temática (C) é reflexo da postura favorável que *Veja* apresenta em relação a religiosidade, pois nelas, procura mostrar as evidências arqueológicas favoráveis à Bíblia, bem como a contribuição cultural e moral do cristianismo para o Ocidente. Nelas, ainda encontramos evidências do diálogo entre ciência e fé, uma característica peculiar da religiosidade atual.

Por fim, as pautas menos representativas foram a (IO), com 9,76%, que predominou nos primeiros anos da revista, mas se extinguiu, provavelmente, pela impopularidade de “uma voz institucional” para o religioso atual. Já a temática (IPo), com 7,32%, foi a menos freqüente. Ao que parece essa pauta só foi “adequada” na época da ditadura, quando *Veja* precisava de uma aliada contra o regime. Ademais, o “declínio do homem público” fez do leitor pós-moderno, via de regra, um indivíduo desinteressado por política.

2. Conclusões

Na intersecção dos objetivos da imprensa pós-moderna com a natureza da religiosidade contemporânea encontramos uma explicação para a nova postura de *Veja* em relação ao fenômeno religioso. Em outras palavras, com o interesse de fidelizar o leitor por meio de uma pauta que o agrada, *Veja* vê na religiosidade atual, subserviente a cultura e ao mercado, um produto adequado ao seu público-alvo. Pelo fato de *Veja* manter, com exceção da década de 1980, uma média proporcional de capas sobre a religiosidade, é na análise da temática (o que) e na abordagem (como), que o interesse mercadológico da revista fica claro.

Veja, geralmente, se posiciona favorável ao fenômeno religioso pós-moderno, quer seja no espaço que dá ao mesmo, ou no discurso que assume na reportagem. Um dos motivos para isso é o fato que essa religiosidade não é contracultural, portanto, não entra em choque com a moralidade “liberal” defendida pela revista e bem vista pelos seus leitores. Prova disso é o destaque que *Veja* deu, nas pautas (E) e (F), para a dimensão hedonista e consumista da fé das ricas carismáticas, ou da inexistência da separação entre sagrado e profano no estilo de vida neopentecostal. Ademais, o discurso católico tradicional, sempre que retratado, é tachado de retrógrado ou inadequado para hoje.

Outra característica da religiosidade atual, que encontra respaldo nos interesses da revista, é a falta de tônus crítico-social. Por ter uma ideologia voltada para o mercado, *Veja* tem interesse no *status quo* neoliberal. Por sua vez, a espiritualidade existencialista da pós-modernidade não incentiva o indivíduo a mudar a sua realidade social ou a sonhar com um “céu”, mas lhe promete soluções imediatas e individuais. Logo, teologias com matizes marxistas, como a da libertação, são combatidas. Desde o seu início, a revista deu destaque para a postura do papa contra a Teologia da Libertação na América Latina, e se mostrou muito otimista na empreitada do pontífice contra o comunismo do leste europeu. Essa postura capitalista de *Veja* se acentuou ao longo das décadas. Hoje, quando menciona a Teologia da Libertação, o faz classificando-a como decadente e bizarra.

Provavelmente, o fator na linha editorial de *Veja* que mais aponte para um interesse mercadológico, seja a postura acrítica do veículo em relação ao sagrado. Na modernidade, conceituou-se a idéia de que a religião era o ópio do povo, um elemento de alienação das massas. Se a revista mantivesse o ideal do compromisso com a verdade, estabelecido na modernidade, certamente se posicionaria mais criticamente quanto à religiosidade. Porém, sensível às características de seu público, sabendo que o mesmo está cada vez mais “espiritualizado”, a revista assume um discurso mais descritivo e menos analítico. Um discurso favorável à fé, reconhecendo-a como um fator imprescindível para a vida do homem.

Ainda nesse contexto, a revista reforça o papel terapêutico da religião, como alienador das massas. Como vimos, hoje, o sagrado com sua tônica mais emocional, mística e existencialista, tende a servir como entretenimento, mas também como refúgio diante das crises. Assim, a pauta sobre religião entraria no “pacote” das dicas de sobrevivência dadas por *Veja* a classe média, pressionada pela concorrência e

angustiada pela falta de paradigmas absolutos. A chamada “O que ele tem a dizer a você hoje”, da edição 1783, parece confirmar esta afirmação, pois foi à capa religiosa mais vendida desde 1996: 287.457 exemplares em banca.

Por fim, é interessante notar a adaptação de *Veja* ao seu público-alvo, na variação da frequência das temáticas. As pautas mais reflexivas, institucionais e de tônus crítico-social, como a Institucional/Organização e Institucional/Política, ocorreram apenas até a década de 1970, o que encontra paralelo com o declínio dessas mesmas características na religiosidade dos seus leitores. Em contrapartida, verificou-se o aumento de pautas que exploravam a emoção, as imagens chocantes, os depoimentos estéticos e de celebridades, além da defesa do sagrado como método terapêutico. Tais aspectos se vêem claros na nova abordagem da temática Institucional/Personalidade e Fenômeno Religioso, e no surgimento das categorias Espetáculo, Polêmica/Escândalo e Científica. Logo, pode-se notar como o fenômeno religioso se mostra uma pauta bem adaptável a linguagem do espetáculo adotada por *Veja* em todas as temáticas surgidas a partir de 1990.

Portanto, é possível confirmar a hipótese inicialmente levantada de que, *Veja* adaptou sua pauta e abordagem sobre o sagrado às expectativas do leitor religioso contemporâneo, a fim de o fidelizar como um consumidor do veículo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ronaldo. "Religião na metrópole paulistana". In: **Revista eletrônica do Centro de Estudos da Metrópole** (CEM). Disponível em www.centrodametropole.org.br/pdf/Texto%20Prof%5B1%5D.%20Ronaldo.pdf Acessado em 22/09/05.

ALVES, Rubem A. "A volta do sagrado: os caminhos da sociologia da religião no Brasil." In: **Revista Religião e Sociedade**. nº. 03, pp. 109-142. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1978.

ANTONIAZZI, Alberto. As Religiões no Brasil Segundo o Censo de 2000. In: **Revista Rever**. Ano 3, Nº 2, 2003, pp. 75-80. Disponível em www.pucsp.br/rever/rv2_2003/p_antoni.pdf. Acessado em 02/11/2005.

_____. "O sagrado e as religiões no limiar do terceiro milênio." In: CALIMAN, Cleto (org.). **A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 11-19.

ARBEX JR., Jose. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. Casa Amarela: São Paulo, 2001.

BASTIAN, Jean-Pierre. "Os pentecostalismos: afirmação de uma singularidade religiosa latino-americana." In: **Revista Estudos de Religião**. Ano 18, nº. 27, pp. 26-35. São Bernardo do Campo, 2004.

BÉLTRAN, José Daniel Chiquete. "Pentecostalismos latinoamericanos y postmodernidad occidental: reflexiones em torno a uma relación compleja." **Revista Estudos de Religião**. Ano 18, n.27, pp. 36-49. São Bernardo do Campo, 2004.

BEOZZO, José Oscar. "Grandes questões da caminhada do Cristianismo na América Latina e Caribe." In: **Revista Religião e Cultura**. Vol. 3, nº. 5, pp.35-51. São Paulo: Paulinas, 2004.

BINGEMER, Maria Clara L. "A sedução do sagrado." In: CALIMAN, Cleto (org.). **A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 79-115.

BUCCI, Eugenio. **Sobre ética e imprensa**. Companhia das Letras: São Paulo, 2000.

CAMPOS, Leonildo Silveira. "Pentecostalismo, conversão e construção de laços sociais no Brasil." In: **Revista Estudos de Religião**. Ano 16, n. 22, pp. 85-109. São Bernardo do Campo, 2002.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. "Novos movimentos religiosos: entre o secular e o sagrado." In: **Revista Estudos de Religião**. Ano 17, nº. 25, pp.48-64. São Bernardo do Campo, 2003.

CARNEVALLI, Maria Alice. **Indispensável é o leitor: o novo papel das revistas semanais de informação no Brasil**. Tese de doutorado. ECA/USP. São Paulo, 2003.

CAVALCANTI, H. B. "O Projeto Missionário Protestante no Brasil do Século 19: Comparando a Experiência Presbiteriana e Batista." In: **Revista Rever**. Nº. 04, Ano 01, pp. 61-93, 2001. Acessado em 10/11/2005. Disponível em www.pucsp.br/rever/rv4_2001/p_cavalc.pdf.

DAMACENA, Andréa e FERNANDES, Silvia Regina Alves. **Dinâmicas do catolicismo contemporâneo: uma leitura a partir das crenças e motivações**. Disponível em www.ceris.org.br/textos/_busca.asp?codDoc=9. Acessado em 05/10/05.

DINES, Alberto; VOGT, Carlos e MELO, José Marques de. **A imprensa em questão**. Campinas: Unicamp, 1997.

DORNELES, Vanderlei. **Cristãos em busca do êxtase: para compreender a nova liturgia e o papel da música na adoração contemporânea**. 2ª. Edição. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2003.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. "Diferentes olhares, diferentes pertencas: Teologia da Libertação e MRCC." In: **Revista Rever**. Nº 03, Ano 01, pp. 76-92, 2001. Disponível em www.pucsp.br/rever/rv3_2001/p_fernan.pdf. Acessado em 10/11/2005.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment**. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 1993.

GRUMAN, Marcelo. "O lugar da cidadania: Estado moderno, pluralismo religioso e representação política." **Revista de Estudos da Religião**. São Paulo, v.1, n. 1, p. 95-117. Disponível em.....
http://www.pucsp.br/rever/rv1_2005/t_gruman.htm. Acessado em 01/10/2005.

GUERCHFELD, Douglas. **O tripé de sustentação das revistas - um estudo interdisciplinar: Jornalismo e Marketing**. Dissertação de mestrado. ECA/USP, São Paulo, 2002.

GUERRA, Lemuel. "As Influências da Lógica Mercadológica sobre as Recentes Transformações na Igreja Católica." In: **Revista Rever**. Nº. 03, Ano 03, pp. 1-23, 2003. Disponível em www.pucsp.br/rever/rv2_2003/p_guerra.pdf. Acessado em 10/11/2005.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 3ª. edição. Florianópolis: Insular/UFSC, 2001.

LIBÂNIO, João Batista. "O sagrado na pós-modernidade." In: CALIMAN, Cleto (org.). **A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 61-78.

MACHADO, Maria Eunice de Godoy. **Análise do discurso da revista Veja acerca da Igreja Católica no Brasil: estudo da concepção da Igreja Católica nas reportagens da revista Veja, publicadas entre julho de 1998 e julho de 1999**. Dissertação de mestrado. ECA/USP: São Paulo, 2002.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. Tese de Livre Docência. ECA/USP, São Paulo, 1983.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo**. São Paulo: Loyola, 1999.

MARSHALL, Leandro. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia um produto a venda. Jornalismo na sociedade urbana e industrial**. Alfa Omega São Paulo, 1978.

MENDONÇA, Antônio Gouvêia. "Inserção dos protestantismos e 'Questão Religiosa' no Brasil, século XIX (reflexões e hipóteses)." In: **Revista Estudos Teológicos**. Ano 27, n.3, pp.219-237. São Leopoldo, 1987.

MENEZES, Claudia Giudice de. **Jornalismo irresistível: o fenômeno da revista *Caras* e o casamento, sem separação de bens, da notícia com o entretenimento**. Tese de doutorado. ECA/USP: São Paulo, 2002.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas**. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em *Veja* e *Manchete***. Dissertação de mestrado. ECA/USP: São Paulo, 2002.

PIÑERA C. Bernardino. **O reencantamento da vida**. Tradução de Maria Luísa Garcia Prada. São Paulo: Paulinas, 1999.

RIVERA, Paulo Barrera. "Desencantamento e reencantamento: sociologia da pregação protestante." In: **Revista Estudos de Religião**. Ano 16, n.23, pp. 56-82. São Bernardo do Campo, 2002.

SOARES, Afonso Maria Ligorio. "Sincretismo afro-católico no Brasil: lições de um povo em exílio." In: **Revista Rever**. Nº. 03, Ano 02, pp. 45-75, 2002. Disponível em www.pucsp.br/rever/rv3_2002/p_soares.pdf. Acessado em 10/11/2005.

SOUZA, André Ricardo de Souza. "A renovação Popularizadora Católica." In: **Revista Rever**. Nº 04, Ano 01, pp. 46-60, 2001. Disponível em www.pucsp.br/rever/rv4_2001/p_souza.pdf. Acessado em 10/11/2005.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. **Os desafios urbanos para a Igreja na atualidade**. Disponível em www.ceris.org.br/textos/_busca.asp?codDoc=100. Acessado em 05/10/05.

SOUZA, Ricardo Barbosa de. "A espiritualidade pós-moderna." In: Bomilcar, Nelson (org.). **O melhor da espiritualidade brasileira**. pp. 11-34. Mundo Cristão: São Paulo, 2005. Disponível em <http://www.mundocristao.com.br/adicionais/10444.htm>. Acessado em 04/10/05.

STEFANI, Raquel. **Re: Ajuda para trabalho da faculdade**. [mensagem de trabalho]. Mensagem recebida por: wtlcontato@yahoo.com.br em 03/11/2005.

TORRES, Fernando Marcondes. **O processo de transformação no conceito de reportagem nas revistas de interesse geral**. Trabalho de conclusão de curso. Unasp: Engenheiro Coelho, SP, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

VALIANTE, Edilson. "Movimento pentecostal no Brasil: breve análise histórica e as principais razões para o seu crescimento." In: **Revista Parousia**. Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia. Vol. 01, nº. 01, pp.5-18. Unaspress: Engenheiro Coelho, SP, 2000.

VALLADA, Kardec Pinto. **Revistas: um produto objeto e instrumento de marketing**. Tese de doutorado. São Paulo: ECA/USP, 1989.

VELASQUES FILHO, Prócoro. "Conversão e Disciplina." In: **Revista Semestral de Estudos e Pesquisas em Religião**. Ano 2, N.4, pp.53-68. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1986.

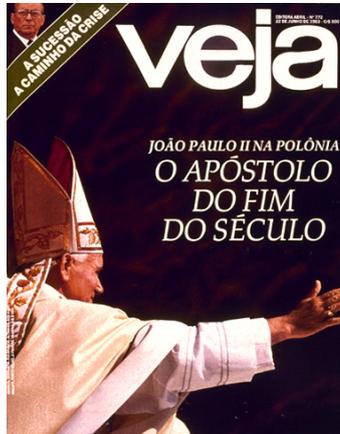
WANDERLEY, Luís Eduardo. "Igreja e Sociedade no Brasil : 1950-64/1964-75." In: **Revista Religião e Sociedade**. nº. 03, pp. 93-108. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1978.

WILLAIME, Jean-Paul. "Prédica, culto protestante e mutações contemporâneas do religioso." **Revista Estudos de Religião**. Ano 16, n. 23. pp. 41-55. São Bernardo do Campo, 2002.

YAMADA, Masanobu. "A Concepção Vitalista da Salvação' no Brasil: As Novas Religiões Japonesas e o Pentecostalismo." Tradução de Kleber Maia Marinho. In: **Revista Rever**. Nº. 03, ano 04, pp. 29-49, 2004. Disponível no endereço www.pucsp.br/rever/rv3_2004/p_yamada.pdf . Acessado em 10/11/2005.

ANEXO

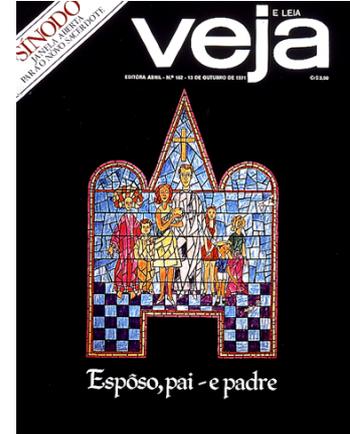
Capas das edições utilizadas na análise de conteúdo das reportagens:



Institucional/Personalidade
Edição 772, de 22/06/1983



Institucional/Política
Edição 474, de 05/10/1977



Institucional/Organização
Edição 162, de 13/10/1971



Espetáculo
Edição 1571, de 04/11/1998



Polêmica/Escândalo
Edição 1823, de 08/10/2003



Fenômeno Religioso
Edição 1758, de 03/07/2002



Científica
Edição 1783, de 25/12/2002

RESUMOS DE DISSERTAÇÕES E TESES

TEOLOGIA E ÉTICA DO SEXO PARA SOLTEIROS: ANÁLISE BÍBLICO-HISTÓRICA E PROPOSTA ADVENTISTA DE EDUCAÇÃO SEXUAL

Natanael Bernardo Pereira Moraes
Tese defendida em maio de 2000
Orientador: José Carlos Ramos, D.Min.
natanael.moraes@unasp.edu.br

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo analisar a teologia e a ética do sexo para jovens cristãos solteiros, iniciando com uma análise bíblico-histórica, seguida de uma pesquisa de campo, a partir de dados fornecidos pelos próprios jovens. Por fim, a investigação oferece uma proposta adventista de educação sexual para solteiros, a luz do desenvolvimento histórico do assunto e, mais especificamente, da realidade adventista contemporânea. A Revolução Sexual da década de 1960 se insurgiu contra a antiga tradição Vitoriana, que tem sua origem na filosofia agostiniana prevalecente desde a Idade Média até meados do século XX, na qual o sexo mesmo no casamento é sempre pecaminoso, exceto para a procriação. O liberalismo sexual resultante acabou afetando os jovens adventistas. Dos 1.334 jovens submetidos à pesquisa, 20% já tiveram experiência sexual pré-marital. A reversão deste quadro depende da compreensão do sentido bíblico de amor, liberdade e responsabilidade e de um compromisso com Deus para esperar pelo tempo e ambiente próprios a expressão sexual no casamento. Há, comprovadamente uma pressão hormonal e social para os jovens manterem intercurso sexual. Dentre os jovens adventistas que sucumbiram as pressões, alguns o fizeram por fraqueza, outros por "convicção". Na verdade, quase todos foram vítimas de uma ética permissiva ao sexo pré-marital. Cabe-nos a tarefa de conscientizá-los de que a conduta responsável se fundamenta no princípio ativo do amor que promove somente o bem. Se os jovens forem devidamente orientados decidirão esperar, não pelo temor dos prejuízos advindos de uma gravidez indesejada, DST's, interrupção do estudo ou carreira, mas motivados pelo princípio bíblico do amor.

PALAVRAS-CHAVE: ética sexual, casamento, Revolução Sexual, solteiros adventistas, educação sexual.

A theology and ethics on sex for singles: a biblical-historical analysis and an adventist proposal for sexual education

ABSTRACT: The purpose of this study was to analyze the theology and ethics on sex for single Christian youth. A biblical-historical analysis was used, as well as a field research based on data collected from young people. It also intended to offer an Adventist proposal for sexual education for singles, based on the historical development of the issue, especially in the context of present adventist reality. The Sexual Revolution of the 1960's raised itself against the Victorian traditional values based on Augustinian philosophy that prevailed from Middle Ages until mid-twenty century. Augustine believed that sex, even in marriage, was always sinful, unless it were practiced for procreation. The 60's new liberalism, however, influenced even Adventist young people. Twenty percent of the 1.334 young people who participated in the research have already had sexual intercourse. This changing reality is much dependent on a personal understanding of the meaning of biblical love, freedom, and responsibility. A reversal of this situation would come from a commitment to God that implies waiting for the right time and place for sexual expression within marriage. There is a hormonal and social pressure for Christian youth to get involved in sexual intercourse. Among the Adventist young people who



have given in to this pressure, some have done it because of lack of moral and spiritual strength, others by personal choice. In reality, all of them were victims of permissive ethics in relation to pre-marital sex. It is our task to make them aware that a responsible behavior is based on an active principle of love that is concerned only with good. If young people would be properly oriented they would make the decision to wait, not because of fear of an unwanted pregnancy, sexual diseases, interruption of studies or of a carrier, but rather because they would be motivated by the biblical principle of love.

KEYWORDS: sexual ethics, marriage, Sexual Revolution, Adventist singles, sexual education.

RESUMOS DE DISSERTAÇÕES E TESES

ANÁLISE LINGÜÍSTICA DO *SÊMÉRON* EM LUCAS 23:43

Rodrigo Pereira da Silva

Tese defendida em outubro de 2001

Pontifícia Faculdade Nossa Senhora de Assunção (SP)

Orientador: Celso Pedro da Silva, Th.D.

rodrigo.silva@unasp.edu.br

RESUMO: Lucas 23:43 é um texto de leitura ambígua, onde o advérbio pode, à primeira vista, qualificar tanto o primeiro verbo (dizer) quanto o segundo (estar). A compreensão escatológica do verso pode ser sensivelmente modificada, dependendo de como lemos ou pontuamos a frase "em verdade te digo hoje tu estarás comigo no paraíso". A maioria das versões bíblicas conecta o advérbio ao segundo verbo, mas algumas o conectam com o verbo anterior e umas poucas preferem manter a dubiedade original deixando o texto sem pontuação ou o advérbio entre vírgulas. O propósito desse estudo foi analisar linguisticamente a sintaxe do advérbio *Sêmeron* em Lucas 23:43, procurando verificar qual a leitura mais viável do verso dentre aquelas até hoje sugeridas. A partir de uma exaustiva análise do comportamento sintático do *Sêmeron* dentro de outras anfibologias semelhantes à de Lucas 23:43, podemos encontrar um argumento lingüístico que sustente uma das leituras. Este estudo documentário está baseado primeiramente nos textos gregos que compõem a LXX e o NT. Também se recorreu largamente aos textos de manuscritos bíblicos diversos (observando a colação textual) e aos escritos dos Pais da Igreja que trataram do assunto de forma direta e indireta. Ambas as fontes, primária e secundária, foram usadas para providenciar o contexto histórico e lingüístico necessários para os propósitos desse presente estudo.

PALAVRAS-CHAVE: evangelhos, escatologia, Lucas.

A linguistic analysis of the *Sêmeron* in Luke 23:43

ABSTRACT: Luke 23:43 is a text of ambiguous reading, where the adverb can, to the first sight, qualify to the first verb (to say) as well to the second (to be). The eschatological understanding of the verse can be modified significantly, depending on how we read or punctuate the phrase "Amen I say unto you today you will be with me in Paradise". The majority of versions of the Bible connect the adverb to the second verb; but some connect it with the previous one; and a few ones prefer to keep the original dubiousness, leaving the text without punctuation or the adverb between commas. The purpose of this study was to analyze linguistically the syntax of the adverb *Sêmeron* in Luke 23:43, searching to verify which is the most viable reading of the verse, among those suggested until now. From an exhaustive analysis of the syntactic behavior of the *Sêmeron* within other amphibologies similar to the one of Luke 23:43, we can find a linguistic argument that supports one of the readings mentioned above. This documentary study is based primary on the Greek texts of the LXX and the NT. The texts of several Bible manuscripts (observing the textual collation) and to the writings of the Church Fathers who dealt direct and indirectly with this subject were also considered to a large extent. Both primary and secondary sources were used to provide the historical and linguistic context necessary for the intentions of the present study.

KEYWORDS: Gospel, eschatology, Luke.